

**PONTO E VÍRGULA: A RECUPERAÇÃO DE FRAGMENTOS HISTÓRICOS DA
FACOPP DISPONIBILIZADOS EM UM HOTSITE**

ANA CLAUDIA MORAIS DA SILVA
CAROLINE FEITOZA FACHIANO
HÉLIO GUSTAVO DA SILVA ANDRADE
ISABELA REGINA CLEBIS
LIDIANE DA SILVA MARQUES

**PONTO E VÍRGULA: A RECUPERAÇÃO DE FRAGMENTOS HISTÓRICOS DA
FACOPP DISPONIBILIZADOS EM UM HOTSITE**

ANA CLAUDIA MORAIS DA SILVA
CAROLINE FEITOZA FACHIANO
HÉLIO GUSTAVO DA SILVA ANDRADE
ISABELA REGINA CLEBIS
LIDIANE DA SILVA MARQUES

Trabalho de Conclusão, apresentado à
Faculdade de Comunicação Social
“Jornalista Roberto Marinho” de
Presidente Prudente, Universidade do
Oeste Paulista, como requisito parcial
para a sua conclusão.

Área de concentração: Jornalismo

Orientadora: Prof. Ms. Carolina Zoccolaro
Costa Mancuzo

Coorientador: Prof. Dtdo. Roberto
Aparecido Mancuzo Silva Junior

**ANA CLAUDIA MORAIS DA SILVA
CAROLINE FEITOZA FACHIANO
HÉLIO GUSTAVO DA SILVA ANDRADE
ISABELA REGINA CLEBIS
LIDIANE DA SILVA MARQUES**

**Ponto e Vírgula: a Recuperação de Fragmentos Históricos da Facopp
Disponibilizados em um Hotsite**

Trabalho de Conclusão, apresentado à
Faculdade de Comunicação Social
“Jornalista Roberto Marinho”, Universidade
do Oeste Paulista, como requisito parcial
para a sua conclusão.
Área de concentração: Jornalismo

Presidente Prudente, 10 de Junho de 2014

BANCA EXAMINADORA

Prof. Esp. João Paulo Batista Bezerra – Presidente da
Banca

Prof. Dtda. Maria Luisa Hoffmann – Membro da Banca

Prof. Ms. Carolina Zoccolaro Costa Mancuzo - Orientadora

Prof. Dtdo. Roberto Aparecido Mancuzo Silva Junior –
Coorientador

DEDICATÓRIA

À Deus, à família e aos nossos professores.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Deus por nos permitir encontrar na fé, o consolo e apoio nas horas difíceis, assim como a energia e felicidade necessárias para prosseguir. A gratidão se estende à família, entre eles pais, cônjuges e irmãos pelo amparo, palavras de confiança e principalmente por não permitirem que desistíssemos. Não podemos esquecer de dizer obrigado aos amigos, aqueles poucos, mas bons companheiros que incentivaram, torceram, riram e choraram com as conquistas. Por fim, nos dirigimos aos professores, aos mestres que compartilharam seu conhecimento e nos ajudaram a sair da faculdade não só bons profissionais, mas também melhores pessoas. A estes, o nosso muito obrigado.

“[...] a identidade é imprescindível para uma nação conhecer seu passado, entender seu presente e planejar o futuro.”
Paulo César Boni

RESUMO

Ponto e Vírgula: a Recuperação de Fragmentos Históricos da Facopp Disponibilizados em um Hotsite

Esta pesquisa recuperou fragmentos históricos da Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho” de Presidente Prudente, reunindo-os em um *hotsite* denominado ‘Ponto e Vírgula’. O projeto em questão, justifica-se por valorizar o legado de todos que contribuíram para a consolidação da Facopp como a principal escola de Comunicação Social no Oeste do estado de São Paulo e a importância da instituição na formação de jornalistas e publicitários. Por meio do agrupamento e disponibilização de fragmentos históricos via internet, este objetivo se tornou alcançável. Ao escolher a internet como suporte buscou-se respaldo na oferta de multimedialidade, perenidade, interatividade e facilidade de arquivo e acesso. Ressalta-se também que como forma concretizar a intenção exposta, os pesquisadores dedicaram-se ao estudo e uso de métodos e técnicas de pesquisa e coleta de dados, sendo a pesquisa qualitativa a abordagem principal devido à subjetividade e necessidade de interpretação do tema. Aliam-se ainda, neste contexto metodológico, a pesquisa bibliográfica e análise documental, entrevistas do tipo semi-aberta e a técnica da história oral.

Palavras-chave: *Hotsite*. Jornalismo online. Facopp. Recuperação histórica. Internet.

ABSTRACT

Ponto e Vírgula: Recovery of historical fragments of Facopp made available in a hotsite

This research retrieves historical fragments from the Social Communication University "Journalist Roberto Marinho" in Presidente Prudente, bringing them together on a hotsite. It is justified to allow the prolongation of the memory of people who have contributed significantly to the development of the educational institution and its importance in the academic training of journalists and publicists. Choosing the internet as support is backed by the use of multimedia, sustainability, interactivity and ease of access and archiving. We also emphasize in conclusion that the expressed intention is dedicated to the study and use of research methods and techniques and data collection, the qualitative research being the main approach due to subjectivity and the need for interpretation of the topic. Also joining forces, with this methodological context, is the bibliographical research and document analysis, interviews both semi-open and those of oral history. The end result, to be made available on a hot site called 'Ponto e Vírgula' (Semicolon), will be found on the Facopp Portal.

keywords: Hotsite. Online Journalism. Facopp. Historical Recovery. Internet.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 -	<i>Print screen</i> hotsite Folha.com	47
FIGURA 2 -	Pirâmide deitada	51
FIGURA 3 -	<i>Print screen</i> de notícia veiculada no portal UOL	53
FIGURA 4 -	<i>Print screen</i> do portal Globo.com	56
FIGURA 5 -	<i>Print screen</i> seção de comentários portal UOL	58
FIGURA 6 -	<i>Print screen</i> notícia compartilhada no Facebook	59
FIGURA 7 -	Campus II em construção	67
FIGURA 8 -	Vista aérea do Campus II	68
FIGURA 9 -	Frente do Bloco B 3 – Campus II	68
FIGURA 10-	Biblioteca Campus II	69
FIGURA 11-	Corredor de Comunicação Social – 1995-1998	70
FIGURA 12-	Corredor de Comunicação Social – 2013	82
FIGURA 13-	Alunos no corredor da Facopp – 2013	83
FIGURA 14-	Laboratório de TV – 1995-1998	83
FIGURA 15-	Laboratório de TV – 1995-1998	86
FIGURA 16-	Ilha de edição – Laboratório de TV – 1995-1998	87
FIGURA 17-	Ilha de edição – Laboratório de TV – 2012	89
FIGURA 18-	Gravação do Telejovem – 2012	89
FIGURA 19-	Laboratório de rádio – 1995-1998	90
FIGURA 20-	Laboratório de rádio – 2012	91
FIGURA 21-	Laboratório de informática – computadores Samsung	93
FIGURA 22-	Laboratório de informática – <i>Macintoshes</i> – 2014	94
FIGURA 23-	Laboratório de fotografia – 1995-1998	95
FIGURA 24-	Laboratório de fotografia – 2011	95
FIGURA 25-	Laboratório de fotografia – 2014	96
FIGURA 26-	Agência Facopp	99
FIGURA 27-	Assessoria de imprensa Facopp	101
FIGURA 28-	Coordenadora do ECO apresenta projeto	103

FIGURA 29-	Mostra acadêmica 2014	109
FIGURA 30-	Semana de Comunicação Social – 2013	111
FIGURA 31-	Semana de Comunicação Social – 2013	111
FIGURA 32-	Top of Mind – 2013	112
FIGURA 33-	Top of Mind – Equipe colaboradora – 2013	113
FIGURA 34-	Jornada de Comunicação Social – 2013	114
FIGURA 35-	Cine Fórum – 2013	115
FIGURA 36-	Logotipo <i>hotsite</i> Ponto e Vírgula	121
FIGURA 37-	Logotipo Portal Facopp	121
FIGURA 38-	Parte de baixo da capa do <i>hotsite</i>	122
FIGURA 39-	Formato de disposição das notícias	122
FIGURA 40-	Capa Ponto e Vírgula	123
FIGURA 41-	Capa site Época	123
FIGURA 42-	Capa do site da revista Época	134
FIGURA 43-	Capa do site Época rolagem para baixo	134
FIGURA 44-	Imagem de como a notícia fica exposta	135
FIGURA 45-	Primeiro Raf	136
FIGURA 46-	Raf do menu	137
FIGURA 47-	Raf da página evento	137
FIGURA 48-	Formato de disposição das notícias	138
FIGURA 49-	Página do evento Top of Mind	138
FIGURA 50-	Formato de disposição das notícias	139
FIGURA 51-	Página do menu História contada	139
FIGURA 52-	Arte escolhida com o nome do <i>hotsite</i>	140
FIGURA 53-	Capa com a galeria de imagens e os menus	141
FIGURA 54-	Parte de baixo da capa do <i>hotsite</i>	141
FIGURA 55-	Formato de disposição das notícias	142

LISTA DE SIGLAS

ABTU	– Associação Brasileira de Televisão Universitária
AESS	– Altos Estudos em Semiótica
APAE	– Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais
APEC	– Associação Prudentina de Educação e Cultura
ASSIM	– Assessoria de Imprensa da Facopp
CBFC	– Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças
CD	– Compact Disc
CEP	– Comitê de Ética na Pesquisa
CGC	– Cadastro Geral de Contribuintes
CIEE	– Centro de Integração Empresa Escola
CNPq	– Conselho Nacional e Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DVD	– Digital Versatile Disc
EAD	– Educação a Distância
ECA/USP	– Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo
ECO	– Laboratório de Publicações Jornalísticas Empresariais para o Terceiro Setor
ESPM	– Escola Superior de Propaganda e Marketing
FAAC	– Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação
FAAP	– Fundação Armando Álvares Penteado
FACLEPP	– Faculdade de Ciências, Letras e Educação de Presidente Prudente
FACOPP	– Faculdade de Comunicação de Presidente Prudente
FCSCL	– Faculdade Cásper Líbero
FEAPP	– Federação das Entidades Assistenciais de Presidente Prudente
FENAJ	– Federação Nacional dos Jornalistas
FIPP	– Faculdade de Informática de Presidente Prudente
FUNIBER	– Universitária Iberoamericana
GEPEC	– Grupo de Estudos e Pesquisas em Comunicação
INBRAPE	– Instituição Brasileira de Pesquisa de Opinião Pública e Informações Comerciais
MBA	– Master in Business Administration
NEIIM-LEER	– Núcleo de Estudos de Imagem e Memória do Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação
NEXU	– Núcleo de Extensão Universitária
PDA	– Personal Digital Assistan
PEPP	– Projetos Experimentais em Publicidade e Propaganda
PROEXT	– Pró-Reitoria de Jornalismo
PUC	– Pontifícia Universidade Católica
SBT	– Sistema Brasileiro de Televisão
SECOMLIN	– Semiótica, Comunicação e Linguagens
TCC	– Trabalho de Conclusão de Curso
Toledo	– Instituição Toledo de Ensino
UAM	– Universidade Anhembi Morumbi
UEL	– Universidade Estadual de Londrina

UFPR	– Universidade Federal do Paraná
UFRN	– Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFSCar	– Universidade Federal de São Carlos
UNESP	– Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
UNICAMP	– Universidade Estadual de Campinas
UNIFAE	– Centro Universitário das Faculdade Associadas De Ensino
UNIG	– Universidade Iguazu
UNIMAR	– Universidade de Marília
UNINOVE	– Universidade Nove de Julho
UNIP	– Universidade Paulista
UNIPAR	– Faculdade de Ciências Contábeis e de Administração de Marília
UEM	– Universidade Estadual de Maringá
UNIPODE	– União das Pessoas com Deficiência
UNITOLEDO	– Faculdades Integradas “Antônio Eufrásio de Toledo”
UNOESTE	– Universidade do Oeste Paulista
UOL	– Universo Online
WAP	– Wireless Application Protocol
WRF	– Web Rádio Facopp

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA.....	17
2.1 Problematização.....	17
2.2 Justificativa.....	21
2.3 Objetivos.....	23
2.3.1 Objetivo geral.....	23
2.3.2 Objetivos específicos.....	23
2.4 Metodologia.....	24
3 JORNALISMO ONLINE.....	32
3.1 Hotsite ou Minisite.....	44
3.2 Webwriting.....	47
3.3 Hipertexto.....	51
3.4 Usabilidade.....	54
3.4.1 Interatividade.....	56
3.4.2 Multimídia.....	60
3.4.3 Texto na internet.....	61
3.4.4 Perenidade.....	64
4 FACOPP: 19 ANOS DE HISTÓRIA.....	66
4.1 Introdução.....	66
4.1.1 Docentes.....	74
4.1.2 Estrutura.....	82
4.2 Laboratórios.....	84
4.2.1 Laboratório de TV.....	85
4.2.2 Laboratório de Rádio.....	90
4.2.3 Laboratório de Informática.....	92
4.2.4 Laboratório de Fotografia.....	94
4.2.5 Agência Facopp.....	97
4.2.6 Portal Facopp.....	99
4.2.7 Assessoria de Imprensa.....	100
4.2.8 ECO.....	101
4.2.9 NEXU.....	104
4.2.10 Gepec.....	105
4.3 Estágio.....	106
4.4 Aprender Unoeste.....	108
4.5 Eventos.....	108
4.5.1 Mostra Acadêmica Facopp.....	108
4.5.2 Semana de Comunicação Social.....	110
4.5.3 Top of Mind.....	111
4.5.4 Jornada de Comunicação Social.....	113
4.5.5 Cine Fórum.....	114

5 PROJETO EDITORIAL DO <i>HOTSITE</i> “PONTO E VÍRGULA”	116
5.1 Introdução.....	116
5.2 Objetivos.....	117
5.2.1 Objetivo geral.....	117
5.2.2 Objetivos específicos.....	117
5.3 Justificativa.....	118
5.4 Público-alvo.....	118
5.5 Linha Editorial.....	119
5.6 Estrutura.....	120
5.7 Projeto Gráfico.....	121
5.8 Recursos Financeiros.....	123
5.9 Recursos Humanos.....	124
6 MEMORIAL DESCRITIVO.....	125
6.1 Escolha do grupo, tema e peça prática.....	125
6.2 A coleta de dados.....	127
6.3 Entrevistas.....	129
6.4 Peça Prática.....	133
6.5 Redistribuição de Tarefas e Produção de Texto.....	142
6.6 Finalização do Trabalho.....	144
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	145
REFERÊNCIAS.....	149
ANEXOS.....	156
APÊNDICES.....	371

1 INTRODUÇÃO

Com 19 anos de existência, completados em 2014, a Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho” de Presidente Prudente (Facopp) sofre constante interferência das pessoas que estudam e trabalham na instituição. Isto ocorre das mais diversas maneiras, pois o que caracteriza a Faculdade de Comunicação “Jornalista Roberto Marinho” como uma faculdade é exatamente a ação humana e seus desdobramentos, concretizadas por meio de aulas, produções acadêmicas e formação de profissionais de comunicação.

Esta atividade humana deixa rastros, pegadas e experiências no caminho, informações que podem ficar soltas ou perdidas no tempo se não forem devidamente registradas e armazenadas. É correto afirmar que, em muitas ocasiões, é realmente isto que acontece: os dados se perdem ou pelo menos não são processados da maneira que se deveria. Eliminando do público interessado, ou da sociedade em geral, a possibilidade de acessar uma recuperação histórica que releve a importância da organização enquanto membro efetivo da comunidade. É o caso da Facopp, que já formou 1.225 profissionais entre jornalistas e publicitários, e se consolidou como a principal instituição de ensino na área de Comunicação Social na região oeste do estado de São Paulo.

Conscientizados desta realidade e também, pertencente à ela, o grupo de pesquisadores do presente trabalho inquiriu sobre a necessidade de se recuperar e disponibilizar os principais fragmentos da história da faculdade, justamente por identificar a ausência de um espaço, físico ou virtual, em que a memória desta unidade de ensino estivesse reunida.

Assim, é proposto neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), uma ação jornalística que promova a pesquisa dos dados referentes à história da Facopp, bem como a organização e disponibilização pública deste material em espaço de livre circulação e interação. O *hotsite* “Ponto e Vírgula” ficará hospedado no Portal Facopp, baseado na importância em se preservar a memória, assim como no mérito de todos que contribuíram para a existência e continuidade da instituição de ensino. Trabalha-se aqui com um *hotsite* por aproveitar a existência de um veículo online oficial da faculdade, o Portal

Facopp¹, e manter a proposta dos pesquisadores de usar o potencial democrático da internet como instrumento de materialização dos resultados da pesquisa.

Tal caminhada científica, porém, não se consolida sem que antes seja liquidada junto aos autores toda a necessidade de conhecimento a respeito do tema, objeto de estudo e peça prática a ser realizada. Em outras palavras, o desenvolvimento teórico esta pesquisa é composto por três eixos, que anseiam pela complementaridade dos objetivos propostos a partir da problematização: a fundamentação metodológica, a fundamentação teórica, em que destaca-se o estudo a respeito do Jornalismo online e, o desenvolvimento de uma linha história da Facopp e posterior utilização desta na produção do projeto editorial do *hotsite* “Ponto e Vírgula”, como será visto neste último caso, no capítulo 5.

Assim sendo, no capítulo 2, concluiu-se que a carga metodológica a ser empregada no presente estudo é a pesquisa qualitativa, informação amparada pelo caráter subjetivo da pesquisa, características que demandam observação e interpretação por parte do pesquisador. A esta informação agrega-se o caráter exploratório do trabalho, já que este delineamento ocorre quando se quer proporcionar uma visão aproximativa e geral do objeto de estudo. Para a coleta de dados respalda-se o uso da história oral como técnica, sendo seguida a vertente da entrevista em profundidade do tipo semi-aberta, uma vez que a intenção é buscar dados que são relacionados à subjetividade do entrevistado, usando perguntas pré-definidas, mas que podem ser modificadas de acordo com as respostas recebidas.

Já no capítulo 3 são apresentados, de forma sequencial, o estudo sobre o desenvolvimento histórico do jornalismo, desde o século XVII até a culminação no jornalismo online no final do século XX e início do XXI; a relação internet e sociedade, assim como as possibilidades multimidiáticas e de interatividade da *web* e de que maneira se produz material jornalístico neste contexto. Um ponto importante desse capítulo, aliás, é a definição e delimitação de uso do *hotsite*, que é a coluna cervical do projeto em questão, além das

¹ www.unoeste.br/facopp

² O Portal Facopp é um veículo online multimidiático criado em 2010 com intuito de agrupar

considerações sobre as características e possibilidades do uso da internet na divulgação do conteúdo jornalístico.

Já o capítulo 4 traz os fragmentos históricos recuperados pelos pesquisadores e compilados de maneira textual. Nesse ponto do trabalho são tratados temas como a memória de pessoas que passaram pela faculdade seja como aluno ou docentes, mas também busca-se transmitir a memória acadêmica, ao destacar a produção intelectual desenvolvida na Facopp durante seus 19 anos de história. Esta parte do trabalho, aliás, significa o esforço em conjunto do grupo no sentido de analisar documentos, destacar elementos centrais da história, definir entrevistados, checar informações, produzir pautas e redigir textos que posteriormente iriam compor o conteúdo do *hotsite*. Os passos mais significativos deste processo estão delineados no capítulo 6, o Memorial Descritivo, logo após o projeto editorial da peça prática produzida.

Ao desenvolver esta pesquisa, o grupo espera expor tanto para o público interno da Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente quanto para a sociedade em geral, a trajetória desta instituição de ensino, assim como a contribuição para a área de Comunicação em seus 19 anos de existência. Espera-se também que por meio do *hotsite* “Ponto e Vírgula”, esta trajetória possa ser perpetuada, com o apoio da perenidade das informações proporcionadas pela internet.

2 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA

2.1 Problematização

Por meio da presente pesquisa decidiu-se explorar a história da Faculdade de Comunicação Social Jornalista Roberto Marinho de Presidente Prudente (Facopp), responsável pelos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda, e parte da Universidade do Oeste Paulista (Unoeste), que por sua vez tem como mantenedora a Associação Prudentina de Educação e Cultura (Apec).

De acordo com a revista comemorativa Unoeste 40 anos (2012), a Apec foi fundada no dia 10 de Janeiro de 1972, pelos professores Agripino de Oliveira Lima Filho e Ana Cardoso Maia de Lima. Em outubro do mesmo ano, o bispo diocesano Dom José Gonçalves da Costa participou da aula inaugural da Faculdade de Ciências, Letras e Educação de Presidente Prudente (Faclepp). Na época, a Faclepp não funcionava no endereço onde se encontra hoje instalada, mas sim no Colégio Cristo Rei, localizado no número 1.466 da rua Ribeiro de Barros. A recém-fundada instituição de ensino superior, focou inicialmente suas atividades na área pedagógica, privilegiando a formação de profissionais voltados para atuação no magistério.

A partir de fevereiro de 1973, as aulas passaram a ser realizadas no Bloco A do Campus I, no bairro Bongiovani, local que posteriormente foi escolhido para a sede da universidade.

Com o consequente crescimento da instituição, em 3 de agosto de 1987, foi instituído no bairro Limoeiro o Campus II, que iniciou suas atividades com cursos nas áreas de Ciências Agrárias, Jurídicas, Administrativas e Contábeis, fato que transformou o local em um novo centro universitário.

Já em 1995 foi fundada a Facopp. Do início das atividades da instituição até o segundo semestre de 2013 foram formados pela faculdade 1.225 alunos, sendo 646 habilitados em Jornalismo e 579 habilitados em Publicidade e Propaganda. (MANCUZO, 2013)

A faculdade também dispõe de recursos que auxiliam na formação dos futuros profissionais da área de Comunicação. Distribuídos de

acordo com suas especificidades, os laboratórios da faculdade são utilizados pelo corpo docente e discente com a finalidade de desenvolver e aprimorar habilidades necessárias para o pleno exercício das funções requeridas de um jornalista ou publicitário. Esta estrutura está dividida entre laboratório de TV e TV Facopp, Laboratório de Fotografia, Laboratório de Rádio e Web Rádio Facopp, Agência Facopp e Redação Facopp – que contempla o Portal Facopp, Laboratório de Publicações Jornalísticas Empresariais Digitais para o Terceiro Setor (ECO), Assessoria de Imprensa da Facopp (Assim). Agregados a esta infraestrutura, no ano de 2013, têm-se também dois Laboratórios de Informática, sendo um com *Macintoshes*, para atividades como desenvolvimento de projetos gráficos, e outro de *Desktops* (computadores de mesa tradicionais), utilizados para produção de texto e pesquisas.

Para os discentes dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda é disponibilizado o acesso às bibliotecas da universidade, localizadas no Campus I e II e também a Hemeroteca da Facopp, onde ficam arquivados todos os trabalhos de conclusão de curso realizados na faculdade.

Além de recursos físicos, a Facopp conta também com o capital humano, composto pelo quadro de funcionários que possui 34 profissionais, sendo 29 professores, entre estes, mestres e doutores, e cinco colaboradores responsáveis pelos laboratórios. Ressalta-se que entre os docentes, oito se formaram na Facopp.

Aos graduandos do curso de Comunicação Social são oferecidas cinco atividades acadêmicas fixas durante o período letivo que são: Mostra de Trabalhos Acadêmicos, Semana de Comunicação, Cine Fórum, Jornada de Comunicação e o Top of Mind.

Ressalta-se, portanto que a faculdade além das disciplinas convencionais, utiliza meios diversificados como laboratórios e atividades acadêmicas, com o intuito de formar melhores comunicadores, que por sua vez irão atuar em uma sociedade onde a comunicação sempre foi dinâmica e imprescindível.

A sociedade está ligada de maneira intrínseca à comunicação, uma vez que é através desta que há o diálogo e, consequentemente, a transmissão do saber – processos necessários para a evolução da humanidade. Podemos afirmar, então, que o homem é, em sua essência, um ser social e a comunicação é algo inato a ele e

indispensável em seu processo evolutivo. (DANTAS; RODRIGUES; VASCONCELOS, 2011, p.2)

Dantas, Rodrigues e Vasconcelos (2011, p.2-3) ainda ressaltam que por estar sempre em evolução, a sociedade necessita de um constante intercâmbio entre os indivíduos que a integra, sendo o processo comunicacional um elo fundamental para a coletividade.

A partir da ideia de que a sociedade - sempre mutável - necessita se comunicar, verifica-se também que a mesma desenvolveu novas ferramentas de interação durante sua história, sendo a mais recente a Internet. Pinho (2003, p.49) explica que a internet é um meio de comunicação bem diferente dos meios tradicionais, como rádio, TV, jornais e revistas, pois algumas características irão diferenciá-la, seja a não-linearidade, pessoalidade, interatividade, custos de produção ou acessibilidade.

Os atributos acima listados contribuíram para a disseminação da Internet, que ocorreu de forma mais rápida que qualquer outro meio de comunicação. “A internet é uma das redes de comunicação cuja penetração conheceu a progressão mais forte e mais rápida da história. Foi vinte vezes mais veloz que o telefone, dez vezes mais do que o rádio e três vezes mais que a televisão”. (PISANI; PIOTET, 2010, p.20)

No entanto, a internet destaca-se não só por sua agilidade de disseminação. As características vão além daquelas dos veículos comunicacionais anteriores à existência da rede. Após a criação da *web* um novo patamar foi atingido.

A Internet, no entanto, não é apenas um novo meio, como foram o rádio e a TV, cada um acrescentando um canal sensorial à comunicação existente: o sentido da audição, no caso do rádio, e o da visão, no da TV. A web representa uma mudança de paradigma comunicacional muito mais ampla que a adição de um sentido. Ela oferece um alcance global, rompendo barreiras de tempo e espaço como não tínhamos visto antes. (ALVES, 2006, p.95)

Alves (2006) ressalta também a indexação do meio digital, que possibilita o acúmulo de conteúdo e chama a atenção para o alto grau de interatividade da *web*, como dois diferenciais que tornam a internet um meio único de divulgação dos conteúdos jornalísticos atuais.

O grupo deste trabalho visualiza na Internet um meio de exposição e arquivamento de informações e uma oportunidade de aliar a divulgação interativa do conteúdo jornalístico com a necessidade de armazenamento de dados não só textuais como audiovisuais. Características que podem contribuir significativamente para a difusão histórica.

Pode-se respaldar o uso da internet no trabalho de jornalístico com dois exemplos reconhecidos e consolidados no meio comunicacional, como o portal “São Paulo Antiga”, que por meio de textos jornalísticos, vídeos e iconografia, busca preservar a história arquitetônica e urbanística da cidade de São Paulo. E também o jornal Folha de São Paulo, que em sua versão digital, a Folha Online, também investe na modalidade jornalística em questão, por meio dos *hotsites*, voltados para temas especiais e que geram grande quantidade de conteúdo, como guerras e catástrofes naturais.

Ao considerar os pontos discutidos até aqui, como as características da internet como meio de comunicação e também a importância da Facopp como faculdade de Comunicação, decidiu-se unir as possibilidades da *web* com a história da faculdade, culminando assim no tema de pesquisa do trabalho científico.

Decidido e proposto o objeto de estudo da pesquisa, vem à tona o segundo passo, que é como materializar e disponibilizar os resultados do trabalho ao público. Para esta finalidade o grupo decidiu que enquanto recuperasse os principais fragmentos da história da faculdade, seria projetado e criado um *hotsite* e desse modo o mesmo seria o canal de divulgação da pesquisa e seus resultados.

Em outras palavras, constatadas a dimensão e a abrangência da atuação tanto da faculdade em si, como de seus egressos em um mundo onde a comunicação tem papel relevante na construção da sociedade e ainda, que a internet é um meio eficiente de indexação, interatividade e veiculação de conteúdo jornalístico, pretende-se abordar a complexidade do estudo a partir de um questionamento: É viável, e em que medida e condições, se pode utilizar o meio digital e suas potencialidades para a preservação e a identidade histórica da Facopp?

2.2 Justificativa

Em 2014, a mais antiga faculdade de Comunicação Social do Oeste Paulista, a Facopp, completa 19 anos. Ao considerar este fato como possível caminho para um projeto de pesquisa, o grupo constatou que a história da instituição estava fragmentada em diversas produções acadêmicas e na memória das pessoas que participaram de alguma forma das atividades relacionadas à faculdade.

Sendo assim, a proposta do estudo é criar uma base de dados, *online* e interativa, que reúna e disponibilize o histórico principal da faculdade de Comunicação a toda sociedade.

Por já existir na instituição uma plataforma digital, o Portal Facopp², que fornece aos públicos internos e externos informações relevantes sobre o curso é que foi escolhido o *hotsite* para desenvolvimento desta pesquisa. A questão é que a existência do Portal Facopp torna desinteressante a criação de outra página com informações sobre o curso, podendo assim haver até mesmo uma divisão de usuários.

Para que não haja conflito de interesses, portanto, decidiu-se por um *hotsite*, que até ficará hospedado no portal oficial da faculdade, e irá completar ainda mais as informações disponibilizadas pelo veículo *online* da Facopp. Ou seja, o *hotsite* poderá ainda aproveitar a audiência do próprio Portal, cujo público alvo é o mesmo.

É certo também que pela internet ser um meio de comunicação consolidado, além de possuir um caráter democrático como caminho de se adquirir conhecimento, seu uso torna-se oportuno e justificável. Tais características da rede mundial de computadores, somadas à necessidade de se estudar um meio de comunicação que evolui constantemente e que é próprio do futuro, além do fato de tornar os integrantes do grupo aptos para atuar como profissionais que provavelmente irão se deparar com uma situação laboral em que a internet estará envolvida contribuem na justificativa deste trabalho. Assim, decidiu-se então por utilizá-la como meio para divulgar os

² O Portal Facopp é um veículo online multimidiático criado em 2010 com intuito de agrupar todas as áreas de conhecimentos existentes na Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho” de Presidente Prudente. www.unoeste.br/facopp

principais fragmentos da história da faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente ao seu público-alvo.

Além disso, toda a sociedade terá acesso ao conteúdo, devidamente hospedado no ambiente *online*. Tal perspectiva pode colaborar com a faculdade, como por exemplo, em futuras campanhas de vestibulares, pois os interessados no curso de Jornalismo ou de Publicidade e Propaganda poderão consultar a história e evolução desses cursos. Além de verificar quais conquistas ela já teve, já que fatos, eventos, relatos e fotografias referentes às principais partes da história Facopp estarão documentadas no *hotsite*.

Diante da percepção dos integrantes do grupo sobre a importância que a Facopp possui na sociedade de Presidente Prudente e região, constatou-se que não há nenhum registro documentado que relate a história desta faculdade desde o seu início. Tendo como parâmetro o pressuposto de que quem não conhece o seu passado, não pode planejar o futuro (BONI, 2007), o grupo decidiu recuperar, reunir e tornar público os principais fragmentos da história da faculdade. Não por menos, que é oportuno afirmar que a realização deste projeto se justifica pela complexidade de seu tema e aplicação, diante do incômodo em deixar que a memória de todos que contribuíram para o sucesso desta faculdade como grande escola de Comunicação se perca ao longo dos anos.

Ao considerar levantar e agrupar partes históricas que envolvem a faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente, também se pode embasar a necessidade de tal realização no seguinte pensamento: “o movimento de recuperação da memória nas ciências humanas será moda acadêmica ou tem origem mais profunda como a necessidade de enraizamento? Do vínculo com o passado se extrai a força para a formação da identidade”. (BOSI, 2003, p.16)

Portanto, é com base na relevância social que envolve a construção da identidade, que neste caso se configura pelo levantamento e a compilação da história de uma faculdade, busca-se informar a sociedade e a futuros pesquisadores acerca da importância da Facopp na formação de profissionais na área da Comunicação, pois, observa-se que alunos egressos desta faculdade obtiveram êxito em seu campo de formação, sendo possível respaldar tal afirmação em exemplos que atuam no mercado de trabalho da

área, tanto na região, quanto em regiões metropolitanas e em outros estados. Participação esta que engloba os diversos veículos de comunicação em massa, como Rede Globo, Rede Record, Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), Folha de S. Paulo, Estado de S. Paulo, além dos profissionais alocados em redações, empresas e em salas de aula de todo o país.

Por fim, em âmbito acadêmico, é até óbvio que este estudo contribuirá como forma de consulta para outros alunos, professores e pesquisadores, sobre o mesmo tema, mas em um visão mais abrangente, oferecerá uma oportunidade de experimentação de um produto pouco concretizado em Trabalhos de Conclusão de Curso, abrindo-se assim um caminho para ações semelhantes.

2.3 Objetivos

2.3.1 Objetivo geral

- Recuperar os principais fragmentos da história de 19 anos da Facopp e disponibilizá-los em um *hotsite*.

2.3.2 Objetivos específicos

- Divulgar e preservar os principais fragmentos da história da Facopp, traçando um panorama de seus principais acontecimentos;
- Aplicar as técnicas de apuração e investigação jornalísticas trabalhadas em sala de aula;
- Produzir um *hotsite* para que história da Facopp seja relatada, utilizando das técnicas de jornalismo *online*, aprendidas no decorrer do curso.

2.4 Metodologia

É fato que, ao propor um projeto científico, além do tema a ser abordado deve-se também se atentar para o viés metodológico em que a pesquisa será enquadrada. Para isso, levam-se em consideração alguns fatores como o objeto da pesquisa, a área científica que o conteúdo se situa e forma de coleta dos dados necessários.

Vê-se que a atribuição de um método ao trabalho é necessária e imprescindível, pois dá ao mesmo não só uma dinâmica de execução, mas também padroniza todo o processo de produção científica.

A origem da palavra metodologia vem do grego *méthodos* unido a *logos*, ou seja, organização e estudo sistemático, pesquisa, investigação e é definida, segundo Goldenberg (2004, p.105), como “[...] o estudo dos caminhos a serem seguidos, dos instrumentos usados para se fazer ciência”. Baseando-se nesta premissa, é fato que a sistematização de dados coletados permite que se chegue ao resultado desejado em uma pesquisa de forma mais eficaz.

Gil (2012) explica que a pesquisa pode definir-se como um processo formal e sistemático do método científico, que tem como objetivo descobrir respostas para os problemas de acordo com os procedimentos realizados. Este pensamento é completado por Lakatos e Marconi (2010), que ressaltam que as respostas descobertas pelo estudo podem não ser completas. “A pesquisa, portanto, é um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais.” (LAKATOS; MARCONI, 2010, p.139)

No entanto, a pesquisa deve buscar na argumentação o desenvolvimento de um raciocínio que comprove o que se queria demonstrar na problematização do estudo.

Severino (2002) afirma que “qualquer que seja a forma do trabalho científico, é preciso lembrar que todo trabalho desta natureza tem por objetivo intrínseco a demonstração, o desenvolvimento de um raciocínio lógico”.

Ele assume sempre uma forma dissertativa, ou seja, busca demonstrar, mediante argumentos, uma tese, que é uma solução proposta para um problema. Fatos levantados, dados descobertos por procedimentos de pesquisas e ideias avançadas, se articulam justamente como portadores de razões comprovadoras daquilo que se quer demonstrar. É assim que a ciência se constrói e se desenvolve. (SEVERINO, 2002, p.149)

Neste trabalho, as respostas a serem buscadas são a organização e agrupamento de fatos históricos referentes a faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente, a fim de divulgá-los ao público por meio da plataforma digital.

Mas para que se chegue a tal patamar é preciso levar em conta outro ponto fundamental referente à pesquisa científica, a ética. Embora seja comum ressaltar tópicos de defesa à integridade do indivíduo, principalmente quando a pesquisa envolve o bem estar físico, propõe-se nesse caso a observância do mesmo padrão ético. Pois é certo que a pesquisa irá lidar com pessoas, envolvendo lembranças e memórias das mesmas, fatores que muitas vezes possuem tanto valor subjetivo quanto à integridade física.

Severino (2002) aponta os quesitos que implicam nos padrões éticos exigidos por uma pesquisa: a *autonomia*, que trata do consentimento de maneira livre dos indivíduos que são alvo da pesquisa; a *beneficência*, definida como ponderação entre riscos e ganhos, havendo também comprometimento máximo com benefícios e mínimo com riscos; a *não maleficência*, que trata de garantir que danos previsíveis serão evitados; e por fim, a *justiça* e a *equidade*, que devem fundar-se na relevância social da pesquisa.

Com a definição de pesquisa apresentada e as delimitações éticas propostas, é possível verificar e decidir-se pela tipologia da pesquisa, ou seja, quais modalidades e subdivisões serão utilizadas para a realização do trabalho. Pesquisa esta que explora o contexto histórico e a trajetória da faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente.

Neste sentido e partindo do consenso de que se pretende recuperar os principais pontos da história da Facopp por meio de uma pesquisa científica, o resultado estará amparado em todos os dados colhidos no processo, desde que se esteja ciente de que trazer uma história à tona é buscar o alcance da verdade.

A ciência tem como objetivo fundamental chegar à veracidade dos fatos. Neste sentido não se distingue de outras formas de conhecimento. O que torna, porém, o conhecimento científico distinto dos demais é que tem como característica fundamental a sua verificabilidade. (GIL, 2012, p.8)

Para Goldenberg (2004), os dados qualitativos consistem em descrições minimalistas do objeto de estudo, com a função primordial de compreender o que se pesquisa. Por lidar com a recuperação histórica, este trabalho enquadra-se como uma pesquisa qualitativa, forma de abordagem que será utilizada para a solução do problema.

Os dados qualitativos consistem em descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos. Estes dados não são padronizáveis como os dados quantitativos, obrigando o pesquisador a ter flexibilidade e criatividade no momento de coletá-los e analisá-los. (GOLDENBERG, 2004, p.53)

Outro fator determinante para a utilização da pesquisa qualitativa neste trabalho é que ao se envolver com a história como objeto de estudo, muitas situações subjetivas são confrontadas. Fato que não viabiliza o uso de um modelo que quantifique dados, mas sim, que abre espaço para a interpretação dos mesmos. Pela especificidade do assunto e as muitas possibilidades que a pesquisa no campo das Ciências Sociais proporciona – o qual a recuperação histórica se enquadra –, não é oportuna a aplicação de uma metodologia que contemple processos de quantificação, como defendido por Goldenberg (2004, p.16-17).

Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa em pesquisa se opõem ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, baseado no modelo de estudo das ciências da natureza. Estes pesquisadores se recusam a legitimar seus conhecimentos por processos quantificáveis que venham a se transformar em leis e explicações gerais. Afirmam que as ciências sociais têm sua especificidade, que pressupõe uma metodologia própria. Os pesquisadores qualitativistas recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social.

Outro ponto importante em relação à subjetividade e interpretação do objeto de estudo diz respeito ao fato dos pesquisadores fazerem parte do próprio objeto, que é a Facopp. Desse modo, embora sejam usados critérios e

técnicas de pesquisa, a construção do resultado não irá gozar de completa neutralidade.

Embora o pesquisador deva procurar a objetividade é importante reconhecer que o processo de construção do conhecimento não é neutro. Não há como eliminar completamente a subjetividade do pesquisador. Isto é particularmente verdadeiro no campo das ciências sociais, onde o pesquisador se propõe a estudar uma realidade da qual ele mesmo faz parte. (GIL, 2010, p.11)

A busca por recuperar e agrupar os fragmentos da história da Facopp gera a necessidade de formar uma só versão a partir de relatos, dados e outras diversas fontes e, a partir daí, disponibilizar à sociedade, os frutos do trabalho, a fim de contribuir para o desenvolvimento da mesma por meio da preservação da memória da Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente. Para isso, espera-se não só entender e interpretar todos os pontos pesquisados, mas disponibilizar o resultado final, para que este se firme como uma ferramenta de visualização do processo evolutivo da Facopp em seus 19 anos de existência. Reforça-se assim o caráter qualitativo do trabalho.

[...] os estudos qualitativos podem descrever a complexidade de determinado problema e a interação de certas variáveis, compreender e classificar os processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de dado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento de particularidades do comportamento dos indivíduos. (DIEHL; TATIM, 2004, p.52)

Ao delimitar o caráter qualitativo do estudo, se faz necessário enquadrá-lo em um dos tipos em que se ramifica a pesquisa qualitativa.

Pela recuperação histórica da Facopp e como já afirmado anteriormente, busca-se chegar a uma versão mais fiel dos acontecimentos. Desta forma, é viável afirmar que o trabalho procura disponibilizar uma versão oficial da história por meio de uma visão ampla, adquirida após o levantamento de conteúdo e a interpretação dos fatos. Além disso, o estudo aborda um tema ainda não explorado como objeto de estudo, pois a história da Facopp ainda não foi organizada. Ao considerar tais apontamentos, levanta-se a hipótese da pesquisa se enquadrar como qualitativa do tipo exploratória. Para reforçar tal pensamento, considera-se o pensamento de Gil (2010), cujos argumentos sustentam que as pesquisas do tipo exploratória são desenvolvidas com o

objetivo de proporcionar visão geral, aproximativas, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco estudado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis.

Recorda-se também que além da pesquisa exploratória, para chegar à resolução do problema, serão usadas ferramentas para a coleta de dados como o levantamento documental e as entrevistas com pessoas envolvidas com a Facopp no decorrer de seus 19 anos. Tais atividades humanas aplicadas no decorrer da existência da faculdade são fontes inesgotáveis de conhecimento.

Uma das maneiras mais eficazes para coleta de dados em trabalhos que envolvem a recuperação de informações é a história oral. Sua definição é dada por Meihy e Holanda (2007, p.14) como:

Entrevista em história oral é a manifestação do que se convencionou chamar de documentação oral, ou seja, suporte material derivado de linguagem verbal expressa para esse fim. A documentação oral quando apreendida por meio de gravações eletrônicas feitas com o propósito de registro torna-se fonte oral. A história oral é uma parte do conjunto de fontes orais e sua manifestação mais conhecida é a entrevista.

Dada à definição de história oral, é importante ressaltar que esta modalidade pode se enquadrar dentro de uma pesquisa como método ou técnica. Como afirma Meihy (1996, p.145): “É método quando os depoimentos são o foco principal do trabalho”, e é técnica quando “[...] articula diálogos com outros documentos”.

Como o presente trabalho usará, além dos depoimentos colhidos, outras fontes de pesquisa para alcançar seus objetivos, ampara-se então na teoria de Meihy que a história oral será empregada, neste caso, como técnica de pesquisa.

Vê-se como um caminho eficaz no presente estudo também e até por força do uso da história oral, a utilização das entrevistas como mecanismo de recuperação histórica, já que a história da faculdade é recente e grande parte de seus atores principais ainda se encontram vivos ou até mesmo realizando alguma atividade na própria faculdade.

Para a coleta de dados, neste caso é interessante durante a entrevista o uso de anotações, que segundo Duarte (2009), permitem registrar comportamento, ambiente e/ou o uso da gravação, que de acordo com os autores, possibilita o registro literal e integral, já que apesar de certa discussão, a experiência indica que não afeta o resultado e oferece maior segurança à fonte.

Gil (2012) considera a coleta de informações por meio da entrevista uma das formas mais utilizadas e eficazes nas pesquisas voltadas para as áreas de humanidades e ressalta que sua importância não reside apenas em relação a angariar informações, mas também para se chegar a uma conclusão. Nas palavras de Duarte (2009): “O uso de entrevistas permite identificar as diferentes maneiras de perceber e descrever os fenômenos”.

Para chegar a uma versão oficial da história da Facopp, a entrevista será fonte primordial e dentro desta, a versão em profundidade torna-se relevante. Quanto a esta forma de entrevista, afirma-se que é “Um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer.” (DUARTE, 2009, p.62)

À informação acima, ainda pode-se acrescentar:

A entrevista em profundidade é uma técnica dinâmica e flexível, útil para apreensão de uma realidade tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, como para descrição de processo complexos nos quais está ou esteve envolvido. (DUARTE, 2009, p.64)

A entrevista em profundidade ainda se divide em duas vertentes. Aberta, quando não há roteirização de perguntas e a ordem e a profundidade das respostas são exploradas de acordo com a disposição do entrevistado. Esta não se aplicaria à pesquisa em questão. O outro segmento é a do tipo semi-aberta, explicada por Duarte (2009) como entrevistas que geralmente tem algo entre quatro e sete questões, exploradas individualmente como perguntas abertas. O pesquisador faz o primeiro questionamento e explora ao máximo cada resposta até esgotar as alternativas. Somente então passa para a segunda dúvida. Cada questão é aprofundada a partir do que profere o

entrevistado, como um funil, no qual questionamentos gerais dão origem a específicos. O roteiro exige poucas indagações, mas suficientemente amplas para serem discutidas em profundidade sem que haja interferência entre elas ou redundâncias.

Pelo fato do projeto de pesquisa se tratar da recuperação de fragmentos históricos de uma faculdade, haverá a exigência de sistematização cronológica de dados e informações, além da hierarquização no ordenamento dos entrevistados. Desta forma a entrevista em profundidade do tipo semi-aberta torna-se a técnica mais indicada para o trabalho em questão. (DUARTE, 2009)

Para além das coletas de dados oriundos de entrevistas, Lakatos e Marconi (2010) afirmam que toda ciência utiliza de inúmeros procedimentos para obtenção de seus propósitos. Entre eles, como apontam os autores, está o levantamento de dados documentais.

Toda pesquisa implica o levantamento de dados de variadas fontes, quaisquer que sejam os métodos ou técnicas empregadas. Esse material - fonte geral é útil não só por trazer conhecimentos que servem de *background* ao campo de interesse, como também para evitar possíveis duplicações e/ou esforços desnecessários; Pode ainda sugerir problemas e hipóteses e orientar para outras fontes de coleta. (LAKATOS; MARCONI, 2010, p.157)

Para a pesquisa documental da recuperação histórica da faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente, serão usados arquivos considerados particulares, definidos por Lakatos e Marconi (2010) como correspondência, atas, memoriais, comunicados, diários, memórias, autobiografias, sejam eles de propriedade da faculdade ou de indivíduos que possuem alguma relação com o objeto de pesquisa. Poderá também haver o uso da fotografia, já que se trata de um tipo de documento por meio do qual podem ser analisados dados de um passado menos distante, com o intuito de resgatar modos de vestimenta, disposição de mobílias e pessoas esquecidas.

Outra técnica de coleta a ser utilizada é a pesquisa bibliográfica, que a partir das chamadas fontes secundárias, traz à superfície conhecimentos até então escondidos ou perdidos em meio as diversas fontes.

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação oral: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. (LAKATOS; MARCONI, 2010, p.166)

As autoras acima também afirmam que a finalidade da pesquisa bibliográfica é colocar o pesquisador em contato com tudo o que foi produzido sobre o assunto pesquisado, além de propiciar o exame de um tema sobre novos enfoques, tendo por objetivo as conclusões inovadoras.

Acredita-se, por fim, que ao seguir as regras e técnicas metodológicas discutidas até aqui, serão criadas as condições necessárias para a pesquisa e por fim a condensação de todos os elementos pesquisados em um *hotsite*, que irá disponibilizar ao público os resultados de todo o estudo realizado.

Para chegar a esse resultado, será contemplada a área que agrega a prática jornalística aos recursos multimidiáticos e potencializadores da comunicação oferecidos pela internet: o Jornalismo *online*. A partir deste panorama, serão esmiuçados os pontos que podem garantir ao *hotsite* atributos relacionados à interatividade, multimidialidade e usabilidade.

3 JORNALISMO ONLINE

Com o desenvolvimento e a exploração da internet para o uso comercial no início dos anos de 1990, a web tornou-se também um meio de transmissão de conteúdos jornalísticos. No entanto, suas raízes estão no século XVII, que de acordo com Lage (2009) é a época de nascimento do jornalismo moderno.

Os primeiros jornais circularam, a partir de 1609, em centros de comércio, ligados à burguesia, e os primeiros jornalistas incumbiam-se de difundir as ideias burguesas. Algumas décadas mais tarde, os aristocratas também promoveram a edição de jornais que, de sua parte, divulgavam temas caros à aristocracia, dedicando muito espaço, por exemplo, aos casamentos, viagens de príncipes e festas da corte. (LAGE, 2009, p.10)

O autor também coloca que durante esse período inicial do jornalismo, produzir um periódico era uma atividade barata. Quem exercesse a atividade precisaria apenas de “[...] uma prensa, tipos móveis, papel e tinta [...]”. E completa: “[...] as tiragens possíveis – centenas, talvez poucos milhares de exemplares - correspondiam a um público leitor restrito de funcionários públicos, comerciantes e seus auxiliares imediatos”. (LAGE, 2009, p.10)

Esta época, que foi o período inicial do jornalismo, é designada por Lage (2009) como publicista, ou seja, o jornalista tinha a função primordial de apresentar aos leitores orientações e interpretação do cenário político.

Muitas grandes figuras da revolução Cromwell, na Inglaterra do século XVII, ou da Revolução Francesa, no século XVIII, eram publicistas. O conceito publicístico do jornalismo perdura até hoje. É nesse sentido que Lenin, que escrevia artigos na *Iskra* e na *Pravda*, ditando diretrizes para a Revolução Russa de 1917, foi um grande jornalista. (LAGE, 2009, p.11, grifo do autor)

Abre-se um parêntese na questão do publicismo neste ponto, pois Lage (2009) ao afirmar que tal prática ainda existe no jornalismo, argumenta que pessoas que detêm algum poder social sustentam a utilização do publicismo no jornalismo, de modo que sindicatos, políticos e economistas buscam impor seus discursos na imprensa, fato que os intelectuais geralmente não conseguem evitar por não poderem distinguir o conteúdo de viés informativo ao de tendência propagandística. Desse modo, esses pensadores

avaliam o jornalismo no seguinte aspecto, bom quando os fatos relatados apontam uma interpretação positiva a sua ideologia e ruim quando acontece o contrário.

Entretanto, o panorama mudou com o passar do tempo, pois no século seguinte condições para o desenvolvimento e disseminação dos conteúdos jornalísticos foram criadas.

O século XVIII, também designado o século das Luzes em homenagem ao Iluminismo, é um século de consolidação e ampliação do sistema jornalístico, devido ao “clima de mudança” que aumentava a necessidade de informação dos cidadãos. (SOUSA, 2008, p.88)

As mudanças em questão são listadas por Sousa (2008) e são o desenvolvimento acentuado da riqueza, o reforço do comércio nacional e internacional, a consolidação dos estados, a difusão do racionalismo e laicismo³, a defesa dos direitos individuais do homem, os avanços da ciência e, por fim, a alfabetização culminada pela reforma protestante.

O autor segue o raciocínio histórico, ao expor a ação dos grandes traços caracterizadores do século XIX no avanço do jornalismo durante este período. Considera-se que a expansão e consolidação do capital e da Revolução Industrial levaram a um movimento de melhorias tecnológicas e de infraestrutura, como estradas, telégrafo e ferrovias, fatores que potencializaram a capacidade de comunicação, rompendo barreiras principalmente geográficas. Uma vez que a sociedade se converte um meio ambiente tecnológico e industrial, há a necessidade de pessoas com algum grau de instrução, a fim de lidar de modo mais eficaz com a nova realidade.

Crescentemente instruídos, com salários que, embora baixos, permitiam padrões de consumo e um nível de vida que o campo não dava, os operários, que entram em processo de “aburguesamento”, vão ver na educação uma forma de progresso e ascensão social. Por outro lado, a instrução aumenta a capacidade de conhecer e ler o mundo, o que contribuirá para o aparecimento de uma imprensa destinada a responder às necessidades dos operários, muitos dos quais aburguesados. (SOUSA, 2008, p.101)

³ Doutrina que defende um caráter não religioso as instituições relacionadas aos governos. (SOUSA, 2008)

Sousa (2008, p.102) afirma que durante o final do século XIX, nota-se a “[...] formação de grandes correntes ideológicas, que gerariam muitas das guerras do século XX.”, ideologias essas como o nacionalismo, originado na criação dos estados nações, e com culminância em teorias racistas e antissemitas. Porém, o autor evidencia outras linhas de pensamento nascidas no período em questão, por exemplo, o socialismo, nascido da “[...] observação das desigualdades sociais e das condições de vida do operariado.” (SOUSA, 2008, p.102)

Com a entrada do século XX, as teorias desenvolvidas no período anterior foram colocadas em prática.

O século XX viu ascender o nazismo, o fascismo e o comunismo, viu formarem-se regimes autoritários um pouco por todo o mundo, assistiu a guerras motivadas pelo fanatismo ideológico, conviveu com um mundo bipolar assente no confronto entre duas superpotências, os Estados Unidos e a União Soviética, e na ameaça nuclear (que ainda hoje subsiste). Mas assistiu, também, à democratização liberal do mundo, primeiro com a queda do fascismo e do nazismo e depois com o colapso do império soviético e dos regimes autoritários da América Central e do Sul. (SOUSA, 2008, p.170)

Neste cenário de ideais e experimentações, o jornalismo teve ação preponderante, como afirma Sousa (2008, p.174): “[...] a imprensa, em particular a imprensa popular europeia, vivia uma época de radicalização do discurso [...]”. Além de defender a integração nacional, o autor também acrescenta que esta ideia de ter a “[...] nação como referência dava, progressivamente, lugar a uma imprensa popular emotiva e nacionalista [...]”.

Com os avanços tecnológicos e a descoberta de novos meios de comunicação de massa, as doutrinas que estavam em voga na primeira metade do século XX, ganharam novos meios de exposição. Sendo o rádio o expoente dos novos inventos comunicacionais, mais especificamente no período entre guerras, durante a Guerra civil espanhola.

Para a história do jornalismo, o factor mais interessante da utilização propagandística dos meios de comunicação durante a Guerra Civil de Espanha talvez tenha sido o forte recurso à rádio por ambos os beligerantes, inclusivamente porque muitos dos apoiantes de cada um dos lados em confronto viviam no território controlado pelo antagonista. (SOUSA, 2008, p.184)

Sousa (2008) ressalta que nesta conjuntura o jornalismo era simplesmente propaganda política travestida. Esta afirmação encontra consonância com as informações disponibilizadas por Nilson Lage no livro *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística* (Record), que aponta como a primeira fase do jornalismo aquela em que os textos tinham características publicistas, ou seja, operavam em nome de orientações políticas e religiosas.

Lage (2009) coloca a chegada do século XIX na Europa como fator de mudança radical na forma de exercício do jornalismo, pois como dito anteriormente a Revolução Industrial ampliou a quantidade de leitores de forma rápida devido os avanços sociais e tecnológicos.

Foi necessário mudar progressivamente o estilo das matérias que os jornais publicavam. A retórica do jornalismo publicista era impenetrável para os novos leitores, herdeiros de uma tradição de cultura popular muito mais objetiva. Além disso, a guerra de opiniões perdia interesse porque não havia, como antes, aristocracia poderosa para se opor ao pensamento burguês e a organização dos operários para a ação política contínua sempre esbarrou em grandes obstáculos – quando não a repressão política e recessão econômica. (LAGE, 2009, p.13)

É nesta linha de raciocínio que o autor segue ao colocar que o público consumidor do produto havia se tornado comum, diferentemente do anterior que estava completamente imerso em discursos ideológicos. Desta forma os antigos patrocinadores dos jornais já não bancavam mais as publicações e como a mecanização aumentou o custo de produção, os periódicos passaram a buscar recursos no nascente mercado publicitário, que investia nos veículos com maior número de leitores, fator que ocorre até hoje.

Já na parte técnica, Lage (2009) coloca que foi preciso reformar a escrita da língua, ou seja, aproximando a oralidade da escrita, incorporando a invenção léxica e a gramática praticada nas ruas. “Descobriu-se a importância dos títulos, que são como anúncios do texto, e dos *furos*, ou notícias em primeira mão: o jornal que publicasse primeiro o relato de um fato de interesse público seria lido em lugar dos concorrentes [...]”. (LAGE, 2009, p.16) Vê-se que este padrão é aplicado até a atualidade.

Outra questão aplicada desde o século XIX, e explicada por Lage (2009), são os conflitos deflagrados pela figura do repórter na cobertura de

fatos sociais, pois contradições passaram a ser vistas entre o relato jornalístico e os valores sustentados pela elite. “[...] já não se podia, como antes, tratar os protestos populares como casos de polícia, desviar fundos públicos ou massacrar povos coloniais, mantendo tudo em segredo. A história oficial era desmentida antes mesmo de ser escrita.” (LAGE, 2009, p.16)

Com a transição entre os séculos XIX e XX, mais pontos eram anexados ao modo de se fazer jornalismo. Lage (2009) coloca que neste período, chamado de jornalismo Educador e Sensacionalista, foram instituídos os cursos de jornalismo e os padrões para apuração e processamento de informações. Outro ponto surgido na época foi que os dados obtidos com fontes fossem os mais próximos da realidade possível, sendo necessário o confronto de testemunhos para se obter uma versão verdadeira do fato.

A notícia ganhou sua forma moderna, copiando o relato oral dos fatos singulares, que, desde sempre, baseou-se, não na narrativa em sequência temporal, mas na valorização do aspecto mais importante de um evento. No caso do texto publicado, essa informação principal deve ser a primeira na forma de *lead* - proposição completa, isto é, com as circunstâncias de tempo, lugar, modo, causa, finalidade e instrumento. Deflagrou-se uma campanha permanente contra a linguagem retórica e destacou-se a importância da ética como fator de regulação da linguagem jornalística. (LAGE, 2009, p.18-19)

Certo de que o início do jornalismo foi marcado pelo publicismo e a transição do século XIX para o XX, pelo jornalismo educador e sensacionalista, Lage (2009) argumenta que no século XX foi a vez do Jornalismo-Testemunho. No entanto, o autor deixa claro que essas fases não eliminaram necessariamente as demais. Na verdade, ainda hoje se encontram textos publicistas, por exemplo.

Na visão do jornalismo como testemunho, Lage (2009, p.21) diz que “[...] a informação deixou de ser apenas ou principalmente um fator de acréscimo cultural ou recreação para tornar-se essencial à vida das pessoas”. Esta imprescindibilidade ocorria devido um papel de regulação das ações cotidianas assumido involuntariamente pelo jornalismo.

Para o planejamento de qualquer atividade prática – da escolha de carreira profissional a uma compra a prazo, investimento financeiro ou ida a uma casa de espetáculos –, as pessoas necessitam de informações que estão nos veículos de comunicação ou podem ser inferidas a partir do que eles noticiam. (LAGE, 2009, p.21)

Este modelo de produção jornalística apresentado por Nilson Lage sofreu alguns desvios, no entanto foi o padrão que mais se adequou ao ritmo das redações e às mudanças ocorridas no mundo, tornando-se assim o padrão aplicado até a atualidade. Portanto, conclui-se aqui a linha de pensamento histórico desenvolvido por Lage (2009) abre caminho para a sequência iniciada por Sousa (2008).

Após a Segunda Guerra Mundial, precisamente a partir dos anos cinquenta, surge um jornalismo que apregoa a precisão, ou seja, que “[...] preconiza a aplicação de técnicas empíricas de investigação científica sobre a sociedade, nomeadamente da estatística e da pesquisa da base de dados, à investigação jornalística [...]” (SOUSA, 2008, p.198). Segue-se que o jornalismo de precisão empresta o rigor da pesquisa científica para a pesquisa jornalística, ideia completada por Galindo Arranz (apud SOUSA, 2008) que defende tal tendência como uma superação do estereótipo “[...] de que a indagação jornalística é uma questão particular de intuição, golpe de sorte [...], ou faro jornalístico”. No entanto esta modalidade de jornalismo não se alastrou como deveria, pois embora sua essência seja de grande interesse para a função jornalística, a necessidade de profissionais dedicados exclusivamente à pesquisa e investigação de um fato, não condiz com a realidade de multitarefas encontrada nas redações.

Outro acontecimento crucial para o desenvolvimento do jornalismo do pós-guerra foi a popularização da televisão.

A televisão, tal como a rádio, globalizou-se, beneficiando do extraordinário potencial que lhe é dado por ser um meio electrónico de comunicação. A globalização começou pelo intercâmbio de conteúdos por satélite entre a Europa Ocidental e os Estados Unidos, a partir de 1962, ano de colocação em órbita do Telstar. Foram muitos os momentos marcantes da televisão mundializada: o assassinato do Presidente Kennedy, o homem na lua, a Guerra do Vietname o casamento da Princesa Ana, o casamento da Princesa Diana, a Guerra do Golfo, a Guerra na Jugoslávia e a intervenção da NATO, o 11 de Setembro, a invasão do Iraque, a morte e o funeral do papa João Paulo II [...]. (SOUSA, 2008, p.236)

Ao considerar o processo evolutivo do jornalismo moderno desde seu nascimento no XVII, passando por todas as transformações no decorrer da história mundial, nota-se que as condições do final do século XX eram mais

favoráveis para o desempenho da função jornalística. Ao trazer à tona a linha de jornalismo-testemunho levantada por Nilson Lage, é pertinente também traçar um paralelo entre a evolução mundial na área da comunicação, como a invenção e popularização do rádio e depois da TV e a teoria defendida por Lage (2009) ao afirmar que na sociedade moderna formada por especialistas, o jornalista passa a ser um agente de interligação e simplificação de discursos, confrontando as diferentes visões de mundo e selecionando fatos que irão permitir ao leitor posicionar-se perante a realidade. Esta relação entre o avanço dos meios de comunicação com o pensamento de Lage permite afirmar que o avanço tecnológico facilitou a função do repórter em transmitir para o público os acontecimentos de uma realidade onde este pode estar.

O meio mais atual, que surge em decorrência do avanço tecnológico e passa a ser usado pelo jornalismo no sentido de permitir uma eficiência ainda maior da relação notícia, repórter, público, é a internet.

Para entender de modo direto o que é a rede mundial de computadores, é preciso compreender que a mesma agrega características das outras formas de comunicação consolidadas há mais tempo. Pinho (2003, p.49) explica que a internet é um meio de comunicação bem diferente dos meios tradicionais, como rádio, TV, jornais e revistas, pois algumas características irão diferenciá-la, seja a não-linearidade, pessoalidade, interatividade, custos de produção ou acessibilidade.

Pisani e Piotet (2010) definem a internet como a rede informática mundial que permite acessar correios eletrônicos ou *web sites*. E atentam para o fato de que ela possibilita o acesso à *web*, de modo que a internet e a *web* embora intimamente ligadas não sejam a mesma coisa.

A *web*, ou *world wide web*, é uma das maiores aplicações permitidas pela internet. É um sistema que possibilita consultar, por meio de um navegador, páginas contidas em sites. Temos, então, de um lado um conjunto de computadores conectados entre si e, de outro, um conjunto de documentos modificáveis igualmente conectados entre si. (PISANI; PIOTET, 2010, p. 16-17)

Ao falar sobre a internet e seu uso na transmissão de informações, é imprescindível lembrar-se da importância que a mesma possui nas relações humanas atuais. Principalmente no tocante à sua capacidade de romper barreiras como a distância e estreitar as relações sociais. Tais reflexões

possuem suporte na obra de Castells (2003), quando o autor diz que a internet possibilitou a desvinculação da localidade com a territorialidade, substituindo assim, algumas formas de interação humanas territorialmente limitadas. Outro ponto chave para o uso da internet na comunicação social é a sua propensão de abrangência e mobilização da rede, não apenas como instrumento de distribuição de conteúdo, mas também pela sua capacidade na transferência de ideais e valores para toda a sociedade, como relatado por Castells (2003, p.116):

Nesse contexto, a comunicação de valores e a mobilização em torno dos significados tornam-se fundamentais. Os movimentos culturais (no sentido de movimentos voltados para a defesa ou a proposta de modos específicos de vida e significado) formam-se em torno de sistemas de comunicação – essencialmente internet e mídia – porque é principalmente através delas que conseguem alcançar aqueles capazes de aderir a seus valores e, a partir daí, atingir a consciência da sociedade como todo.

Até este ponto, tratou-se de delimitar o processo evolutivo da prática jornalística, desde seu nascimento no século XVII até o advento da internet, na segunda metade do século XX. A seguir, a intenção é demonstrar a magnitude do encontro entre o jornalismo e a web, no entanto, antes é de fundamental importância definir o seu principal resultado, que é o jornalismo online. Constata-se isso na afirmação feita por Sousa (2008, p.239) de que ao falar “[...] de ciberjornalismo, webjornalismo, jornalismo on-line, jornalismo digital ou jornalismo electrónico falamos de um jornalismo que nasceu por causa da Internet e para a Internet, em particular para a sua funcionalidade designada World Wide Web”.

De acordo com Sousa (2008), o ciberjornalismo apareceu no início dos anos de 1990, fruto da integração entre jornalismo e internet, aliados a popularização da web e das novas tecnologias informativas de interação e comunicação, amparadas pelo avanço das telecomunicações e convergência dos meios. O autor ainda ressalta que o impresso foi o primeiro veículo a migrar para internet.

No entanto, Alves (2006) afirma que os veículos não viram a web como um novo meio, nem consideraram que ela possuía características próprias.

[...] as empresas tradicionais a encararam como uma nova ferramenta para distribuir conteúdos, originalmente produzidos em outros formatos. Na melhor das hipóteses, via-se a presença na Internet como uma extensão ou um complemento do produto tradicional. (SOUSA, 2008, p.94)

O autor ainda completa a citação acima ao afirmar que esse processo de transferência de conteúdo de um meio para outro sem adaptações, ganhou nos Estados Unidos até um termo pejorativo que denotava a preguiça e falta de ambição dos veículos em explorar a internet, que foi *shovelware*⁴.

Os primórdios do jornalismo *online* também foram marcados por um período de indefinições no próprio meio. Segundo Bastos (2007, p.2-3), “ninguém parecia saber ao certo qual o rumo certo a seguir, mas todos pareciam ter a certeza inabalável de que o comboio da revolução digital do jornalismo tinha chegado e não podia, de forma alguma, ser perdido”. Devido a este senso de oportunidade, em meados dos anos de 1990 muitos novos jornalistas recém-saídos da universidade começavam sua atividade na área em sites de notícias, criando assim uma primeira geração de ciberjornalistas. Profissionais estes que Bastos (2007) ressalta terem enfrentado desconfiança por parte de repórteres de formação e atuação mais tradicionais na época.

Outro ponto de referência na história do jornalismo *online* mundial foi o crescimento vertiginoso de sites noticiosos na virada do milênio, alçados segundo Bastos (2007, p.4) por uma euforia financeira que vislumbrava as possibilidades da internet como uma fonte estável de dividendos. O autor ainda cita que se criou uma bolha derivada desta ilusão de lucros e isto levou a investimentos avultados, que mais tarde esbarraram em uma utopia de lucratividade. Por terra, caíram junto milhares de empregos na área de webjornalismo.

O autor ainda afirma que todo o acontecimento negativo relacionado à estimativa de lucros se deu com iniciativa por parte desses sites noticiosos que também eram conhecidos como empresas *dotcom*, em marcar território, ou seja, possuir grandes equipes de profissionais na área de informática e não só os jornalistas. Além do fato de todas as previsões de

⁴ Termo pejorativo que denota a preguiça e falta de ambição das empresas jornalísticas em criar conteúdos exclusivos para internet. (BASTOS, 2007)

ganhos ter inflacionado o mercado *dotcom*, situação que em pouco tempo se tornou insustentável, fazendo com que o segmento retraísse de modo tão rápido como foi sua expansão. Esta retração custou o fechamento de sites e portais noticiosos por todo o mundo além de criar um problema trabalhista na área jornalística, já que Sousa (2008) aponta que no ano 2000, somente nos Estados Unidos, 75 mil funcionários dessas empresas foram para o desemprego.

Aponta-se também como relevante ao webjornalismo, a tese defendida por Palácios et al. (2002), os quais afirmam que desde seu início, o jornalismo online passou por três fases.

Luna (2007) compartilha a ideia que a primeira fase do webjornalismo, foi deflagrada em meados dos anos 90, como um período de simples reprodução do conteúdo impresso para o digital, onde as atualizações ocorriam de acordo com o fechamento das edições em papel. Ressalta-se que nesse período não havia a aplicação de uma linguagem própria para internet.

Ainda de acordo com o autor acima, a segunda fase do webjornalismo veio com as novas possibilidades tecnológicas proporcionadas pela internet e pelo maior número de usuários interessados nos conteúdos jornalísticos disponíveis na rede.

Pode-se ter, aqui, o início da criação da retórica própria do webjornalismo. Mesmo sendo ainda transposição de matérias do modelo impresso começa-se a se estabelecer diferentes graus de interatividade com o internauta por meio de e-mails, chats, enquetes e fóruns de debate. (LUNA, 2007, p.17)

E sobre a terceira fase, o autor pontua que é o atual momento do webjornalismo. Pois, se promove rupturas no modelo de jornalismo para internet e investe-se gradualmente no uso das novas capacidades para a web como interatividade, multimidialidade e a hipertextualidade. Luna (2007) lembra também que os softwares de publicação aglutinam-se à rotina das redações de webjornais, permitindo assim que suas potencialidades sejam exploradas.

Mesmo tendo passado por significativas mudanças no decorrer do tempo, a evolução pela qual o webjornalismo passou tem um ponto de partida. Padilha (2010) defende que essa modalidade de jornalismo possui raízes comuns com o jornalismo centrado em outras mídias.

Afinal, o jornalismo tem como preceito básico a narrativa de fatos, e é isso que é feito pelo jornalista independente do suporte de publicação. Portanto, o que diferencia, e muito, o ciberjornalismo dos demais (radiojornalismo, telejornalismo, jornalismo impresso) são as suas múltiplas configurações de apresentação, diversidade de suportes agregados, caminhos que podem ser trilhados com links, instantaneidade, interatividade e certa medida de “perenidade”. (PADILHA, 2010, p.10)

Compreendido o surgimento e a evolução do jornalismo online, é importante também entender as funções do jornalista na produção de conteúdos noticiosos para a internet.

De acordo com Bastos (2007, p.5), os jornalistas precisam desenvolver aptidões de domínio em diferentes tipos de mídias, pois os empregadores da área jornalística tendem cada vez mais a distribuir os conteúdos nas mais diferentes meios. Bastos (2007, p.5) diz que “Não mais podem os jornalistas pensar que só porque trabalham num médium (por exemplo, um jornal) não precisam de se preocupar acerca da forma como a sua estória deveria ser apresentada noutro (na TV ou na Web)”.

Essa multifuncionalidade do trabalho jornalístico, defendida por Bastos (2007), endossa a necessidade de um profissional versátil para o jornalismo digital, categoria que por natureza agrega outras plataformas noticiosas como impresso, TV e rádio.

A convergência de diferentes media numa mesma estrutura empresarial e a proliferação de empresas multimidiáticas que lutam por um mercado cada vez mais competitivo geraram uma tendência baseada no aproveitamento múltiplo dos mesmos recursos jornalísticos, a que José Álvarez Marcos (2003) chama multitextualidade, entendida como a capacidade de um texto para ser muitos textos de cada vez. (BASTOS, 2007, p.5)

Completa-se o pensamento de Bastos com as palavras do próprio José Álvarez Marcos (apud Bastos 2007, p.5) “[...] assim, uma mesma informação pode elaborar-se para ser utilizada por toda a ‘pirâmide mediática’, desde o serviço informativo através de telemóveis ao jornal impresso, passando pelos suportes WAP, PDA e Web”.

Para Pavlik (apud BASTOS, 2007), o ciberjornalista deve ser um *cross-media-trained*, ou seja, a sua formação específica deverá orientar-se para o domínio cruzado, abrangente e conjugado dos diferentes media.

O ciberjornalista deve ser capaz de perceber as capacidades e a estética dos novos media o que inclui o entendimento da natureza interactiva dos media digitais em rede e a aprendizagem de novas maneiras, não lineares ou multilineares, de narrativa jornalística. (PAVLIK apud BASTOS, 2007, p.5)

Deuze (apud BASTOS, 2007, p.5) diz que em ciberjornalismo escrever não se resume a apenas redigir um texto, mas também a explorar todos os formatos possíveis a serem utilizados, de modo a permitir a exploração da característica fundamental do jornalismo online: a convergência.

As possibilidades narrativas permitidas pela convergência multimédia requerem, consequentemente, o planeamento das histórias através da elaboração de um guião (storyboard), encarado como essencial no processo de escrita não-linear. A aplicação do storyboarding no planeamento de uma história online poderá, dependendo das práticas e exigências de cada media online, caber ao próprio jornalista. (DEUZE apud BASTOS, 2007, p.5)

Ressalta-se também que “[...] ao transferir-se para a Internet, o velho jornalismo-produto se transforma num jornalismo-serviço, um fluxo contínuo de informação que se acumula, indexada, no sítio *web*, colocando-se à disposição dos usuários que queiram consumi-la.” (ALVES, 2006, p.5)

Chega-se, portanto, a ideia de que o jornalismo voltado para internet (ciberjornalismo, webjornalismo e jornalismo online), precisa ser desenvolvido levando em consideração as diversas oportunidades que a internet pode proporcionar.

Para Mielniczuk (2001) essas há um aproveitamento dessas oportunidades a partir do momento que os sites jornalísticos extrapolam a ideia de transferência de conteúdo e formato de um jornal impresso para a internet.

Ao utilizar dos recursos necessários para a divulgação do conteúdo jornalístico via internet de uma maneira efetiva e inovadora, deve-se observar algumas características indispensáveis para isso, como definido por Mielniczuk (2001), que são a interatividade, a multimidialidade, a instantaneidade e a usabilidade. Desse modo, as páginas voltadas à

divulgação de conteúdo jornalístico online agregam estes elementos serão considerados melhores sites, portais ou *hotsites*.

Bossler, Caldeira e Venturelli (2011) pontuam que nos *websites* a navegação é feita a partir de uma *homepage*⁵, que funciona como um ponto inicial de acesso às demais páginas do site, sendo necessário o retorno a *homepage*, para visualizar outras páginas. Em relação ao uso dos sites pelo jornalismo, Pinho (2003) traz um panorama geral ao afirmar que os veículos de comunicação começaram a utilizar os *websites* de maneira incipiente, como um recurso para disponibilização e acesso de informações fornecidas pelo mundo todo.

Quanto aos portais, Pinho (2003) informa que seu conceito inicial foi desenvolvido em 1998, para definir sites de buscas que além deste serviço oferecia aos usuários serviços de e-mails, bate-papo e divulgação de notícias de forma gratuita. “Hoje os portais são entendidos como todo e qualquer site que sirva para entrada dos usuários na world wide web, a primeira parada a partir da qual os internautas decidem os passos seguintes na rede mundial”. (PINHO, 2003, p.122). Como exemplos de portais conhecidos pode-se citar o UOL e o Globo.com.

Ao se posicionar como um recurso complementar para a cobertura de assuntos especiais e que exijam profundidade, o *hotsite* surge como um suporte para páginas noticiosas mais amplas (sites e portais). Recurso que por possuir tais características, permite ao usuário/leitor a oportunidade de visualizar e manejar recursos voltados apenas para a divulgação de um tema específico. Por essas qualidades, esta plataforma será usada para a divulgação da história da Facopp.

3.1 Hotsite ou Minisite

Atualmente, difundido como meio de promoção no cenário publicitário ou de cobertura especial na área jornalística, o *hotsite* traz dinâmica e visibilidade a assuntos que antes ficariam juntos a outras temáticas em um site convencional.

⁵ Termo que designa a página inicial de um *website*.

Os *hotsites* frequentemente desviam-se de estrutura mais tradicional de navegação. Tradicionalmente, grande parte dos tipos de *sites* apresenta padrões de arquitetura da informação, repetindo o posicionamento de áreas e elementos para facilitar a navegação do usuário, tais como: parte superior, área de conteúdo à direita do *menu* e abaixo do topo, e rodapé ao final da página com links redundantes e informações como direitos autorais e política de privacidade. (GODINHO, 2010, p.12-13)

Godinho (2010) afirma também que os *hotsites* apresentam uma menor delimitação de áreas, com uma fusão entre topos, menus e rodapés, tendo por consequência, a possibilidade de disponibilizar menos conteúdo e experiências mais dinâmicas ao usuário.

Além dos *hotsites*, existem também os *minisites*, termos que Godinho (2010) afirma poderem ser usados como sinônimos, uma vez que não há diferença estrutural entre eles, no tocante a arquitetura da informação.

Conceito também defendido pelo pesquisador Aryovaldo de Castro Azevedo (2006).

Os *minisites* são versões informativas dos *hotsites*. Geralmente são montados para abrigar os conteúdos verticais produzidos para os portais. Criados para atrair um público específico, os *minisites* abordam de forma detalhada um tema restrito. Geralmente possuem design diferenciado, adequado ao público/tema associado. (AZEVEDO, 2006, p.8)

Rodrigues (2006) complementa a conceitualização, ao afirmar que *minisites* são geralmente morada de conteúdos verticais produzidos para portais, além de serem essencialmente informativos.

Como o nome próprio indica, os *micro-sites* (também conhecidos como *hotsites* e *promo-pages*) são de menor tamanho e podem ser hospedados em provedores de conteúdo ou redes. O *hotsite* tem geralmente menos de 10 páginas, poucos subníveis, navegação intuitiva e faz uso intensivo de tecnologia (como *plug-ins*, animação e janelas *pop-ups* que se destacam do browser). (PINHO, 2003, p.117)

Para Rodrigues (2006), além de um *minisite* geralmente ser a morada para os conteúdos verticais produzidos para portais, eles também são criados para atrair um público específico, os *minisites* abordam de forma detalhada um tema restrito. Os *minisites* podem ser fixos ou flutuantes, já que

muitos cobrem eventos e, visualmente, comportam-se como os *hotsites*, com design diferenciado e abrindo em janela menor.

Outra característica de conceitualização é dada por Rodrigues (2014) ao afirmar que os minisites funcionam como repositórios de conteúdo, pois no jornalismo *online* existe um atributo único que é a capacidade sem fim para o acúmulo de informações proporcionado pela internet. No entanto, é feita uma ressalva pelo autor em relação à afirmação anterior, “desde que a arquitetura da informação seja fácil, ajude o usuário a encontrar o conteúdo, isso é uma maravilha porque não acontece em outras mídias”. (RODRIGUES, 2014)

É importante salientar que tanto minisites como os *hotsites* originaram-se de acordo com Rodrigues (2014) no período do estouro da internet comercial, em meados dos anos de 1990, tendo sua evolução acontecido em simultâneo com os avanços da internet.

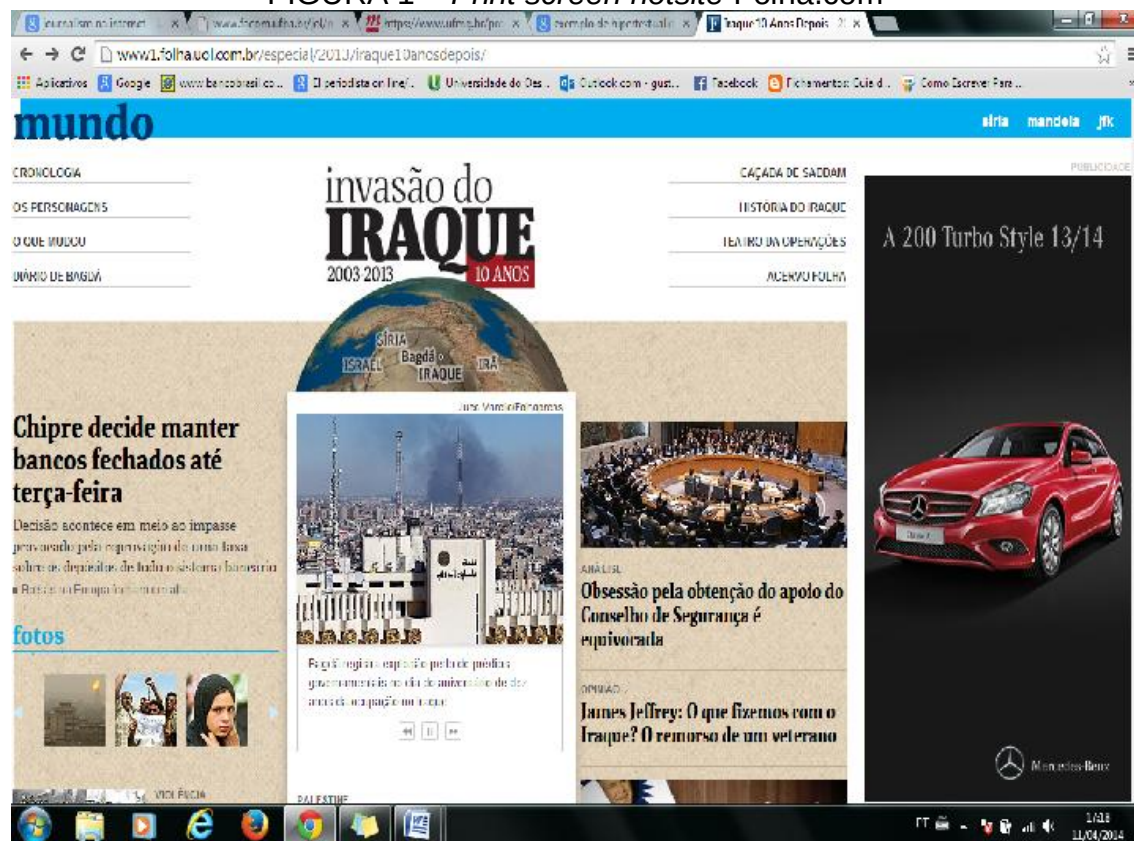
Verifica-se, portanto, que as descrições dadas pelos autores sobre o *hotsites* ou minisites, levam a visão de que tal plataforma possui especificidades e particularidades que são necessárias para sua diferenciação em relação sites aos convencionais, já que as mesmas não desenvolvem as mesmas funções dentro da internet. Nota-se também que as características dos *hotsites* proporcionam aos mesmos uma estrutura inovadora, pronta para ser usada em novas possibilidades de difusão de conteúdo proporcionadas pela *web*.

Estas delimitações servem, contudo, para fixar o entendimento do que vem a ser o formato em questão e as diferenciações expostas terminam no que tange ao conteúdo a ser aplicado, como por exemplo, a forma de exposição textual, imagética e audiovisual. A linguagem do jornalismo online ainda carece de definições mais completas, mas não há como negar que alguns preceitos estão lançados e podem ser seguidos quando da produção noticiosa de um *hotsite*.

Embora o tema *hotsite* seja um objeto de estudo novo e suas definições ainda careçam de discussão, é inegável a existência de modelos bem sucedidos em utilização no campo jornalístico. Em especial os disponibilizados pelo site Folha.com, voltados para a cobertura e o aprofundamento de temas que demandam muito conteúdo como guerras,

catástrofes e acontecimentos que mereçam atenção especial por parte dos veículos de comunicação. Como exemplificado na figura 1:

FIGURA 1 – Print screen hotsite Folha.com



Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/especial/2013/iraque10anosdepois/>

Por fim, considera-se também que viabilidade dos *hotsites* como plataforma esbarra na necessidade de domínio e aplicação de predicados relacionados ao conteúdo que será inserido no minisite, sendo este voltado para escrita, utilização de recursos iconográficos e de vídeo.

3.2 Webwriting

Com a agilidade intrínseca de tudo o que é relacionado à internet, desenvolveu-se a partir de meados dos anos 1990, com a popularização da internet comercial, o conceito chamado de *webwriting*. Rodrigues (2014) explica que na época todo o conteúdo do jornal impresso era transferido para a internet, como já foi apresentado neste trabalho. Essa prática criou

descontentamento por parte dos usuários devido ao tamanho e monotonicidade dos textos na web.

Escrever para web é uma arte, que, até pouco tempo, enfrentava problemas. O jornalismo online diário foi o primeiro a atualizar o conceito de *webwriting*, mas o fez com tanta urgência – típica do meio – que, tão logo nasceu o ato de escrever para Web foi do *artístico* ao *rápido*. Foi um parto prematuro (ainda que necessário). (RODRIGUES, 2001, p. 8, grifo do autor)

A partir deste ponto, começa a surgir o *webwriting*, ou como definido por Rodrigues (2001), a arte de escrever para web. No entanto, essa definição pode ser ampliada, pois agrega também “[...] o conjunto de técnicas para a distribuição de conteúdo em ambientes digitais”. (RODRIGUES, 2001, p.5). Fatores que envolvem muito mais que a escrita. Ao agregar tais conceitos, chega-se a definição que “[...] *webwriting*, portanto, em seu conceito atual, reúne técnicas que aliam texto, design e tecnologia, englobando-os e analisando-os em um componente único: a informação.” (MENESES; PELÚCIO; RIOS, 2011, p.3)

Em relação ao texto para internet, haverá abaixo um subitem específico para discutir este ponto, ficando a cargo do item *webwriting*, tratar a questão de modo superficial, aprofundando-se em outros elementos como os apresentados acima.

Rodrigues (2014) afirma o *webwriting* começou a se configurar no padrão atual, que é dedicado ao comportamento de formatos de informação na mídia digital como o áudio, o vídeo, infográfico e tabela, principalmente com o surgimento e popularização da banda larga no início dos anos 2000, mais especificamente por volta de 2002 e 2003. Como resultado deste avanço, os usuários passaram a conseguir acessar conteúdos de vídeo através da web, por exemplo.

Falava-se muito anteriormente sobre a integração de mídias, mas de fato isso aconteceu por aí. Então o *webwriting* desde essa época não é só redação pra web, pode-se até definir que o *webwriting* é redação pra mídia digital. Ele aprofunda para os diversos formatos de conteúdo. (RODRIGUES, 2014)

O desenvolvimento da escrita para *web* aliado a padrões de design e tecnologia, levam, então, a uma constatação que ressalta a importância do *webwriting* na divulgação de conteúdos online:

Com algumas exceções, as pessoas visitam a Web pela sua utilidade, não pela sua beleza. Ter um site visualmente atraente é bom, naturalmente, mas o conteúdo é mais precioso. Afinal de contas, quando as pessoas usam os sistemas de pesquisa elas não procuram atributos estéticos – procuram informações. Uma boa redação faz diferença enorme nas visualizações de página, no tempo gasto em um site e nas vendas. A regra fundamental da usabilidade de site aplica-se tanto ao conteúdo escrito quanto ao design: os clientes preferem clareza a confusão. (NIELSEN; LORANGER, 2007, p.253)

Embora o *webwriting* seja utilizado atualmente para potencializar a comunicação nas mídias digitais, a evolução deste processo já está ocorrendo. Rodrigues (2014) vislumbra que “o atendimento às demandas de quem está do outro lado, do consumidor de conteúdo, vai ser cada vez mais determinante na forma que se vai elaborar o conteúdo”.

O especialista defende que o futuro do *webwriting* está na Otimização Sistema de Busca (SEO), que pretende o desenvolvimento do conteúdo de acordo com o interesse do usuário, “o passo zero é adaptar cada vez mais os conteúdos de acordo com a demanda dos públicos”. (RODRIGUES, 2014)

Para a aplicação efetiva dos atributos expostos até este ponto, é necessária a observância de algumas características de *webwriting*, principalmente no tocante a arquitetura da informação. “Um exemplo é a tela plana do computador e o fato de que a movimentação do seu conteúdo só existe por meio da barra de rolagem, ou seja, o texto pode correr para cima ou para baixo”. (FARIA; MORAES, 2011, p.7)

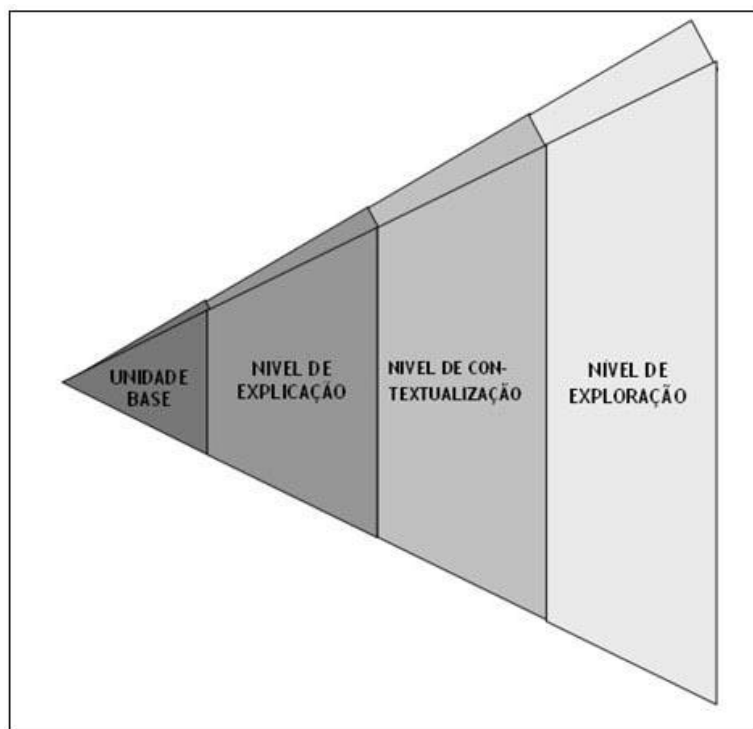
Intimamente relacionado com a questão estrutural está o conteúdo, como escrever a notícia voltada para o meio digital? De acordo com Canavilhas (2006), a técnica mais utilizada e difundida para escrever o texto noticioso é a pirâmide invertida que se conceitua em responder no primeiro parágrafo perguntas como o quê, quem, quando, onde, como e por quê, hierarquizando nos tópicos abaixo as demais informações.

Ainda segundo o autor, com o surgimento do ciberjornalismo, o uso da pirâmide invertida começou a ser questionado, pois esta forma de escrever a notícia traz consigo as características limitadoras de suas origens, o papel. “Usar a técnica da pirâmide invertida na web é cercear o webjornalismo de uma das suas potencialidades mais interessantes: a adopção de uma arquitectura noticiosa aberta e de livre navegação”. (CANAVILHAS, 2006, p.7)

Prossegue-se que para utilizar as opções disponibilizadas pela a web, o novo método a ser usado é o conhecido como pirâmide deitada. Canavilhas (2006) divide esta hierarquização em quatro camadas. A primeira denominada unidade base, traz as informações essenciais, ou seja, é o *lead*, no entanto responde apenas as pergunta o quê, quando, quem e onde. Já na segunda camada vem à parte da explicação, completando o *lead* e respondendo ao por que e como. Segue-se então ao nível de informação, onde é dado ao usuário informações a mais, no entanto não só textuais, mas em vídeo, sonora e infográfica. Por, fim chega-se à parte de exploração, onde é oferecido canais de ligação do que foi publicado aos conteúdos externos, a fim de possibilitar uma ramificação infinita de informações.

Em suma, a pirâmide deitada é uma técnica libertadora para utilizadores, mas também para os jornalistas. Se o utilizador tem a possibilidade de navegar dentro da notícia, fazendo uma leitura pessoal, o jornalista tem ao seu dispor um conjunto de recursos estilísticos que, em conjunto com novos conteúdos multimédia, permitem reinventar o webjornalismo em cada nova notícia. (CANAVILHAS, 2006, p.16)

FIGURA 2 – Pirâmide deitada



Fonte: Canavilhas (2006)

Vê-se, portanto, que assim como a estrutura das plataformas voltadas à divulgação de conteúdo jornalístico na internet, os conteúdos também necessitam de uma dinâmica organizacional diferente. No entanto, para que as possibilidades oferecidas pela pirâmide deitada sejam colocadas em prática, é necessária a utilização de outro recurso: o hipertexto.

3.3 Hipertexto

O hipertexto se apresenta como uma ferramenta que possui relação estreita com a *web*. Na verdade suas possibilidades trouxeram opções diversas para o manejo da internet por parte dos usuários, não limitando as opções de manejo do usuário aos *links*.

A possibilidade de “pular” de uma página para outras páginas ou arquivos mudou consideravelmente a forma de interação do homem com o computador. Com a tecnologia do hipertexto pôde-se anexar a um documento um outro texto, uma foto, um vídeo, um gráfico ou ainda melhor voltar no documento anteriormente acessado”. (CESCA, 2005, p.26)

Para Sperb (2007), por a internet ser um veículo de leitura não linear, as páginas jornalísticas podem proporcionar ao usuário uma navegação que lhe permite explorar os assuntos de acordo com seu interesse, ou que agucem sua curiosidade.

Se tomarmos a palavra texto em seu sentido mais amplo (que não exclui sons nem imagens), os hiperdocumentos também podem ser chamados de hipertextos. A abordagem mais simples do hipertexto é descrevê-lo como um texto estruturado em rede, em oposição a um texto linear. O hipertexto é constituído por “nós” (elementos de informação, parágrafos, páginas, imagens, sequências musicais, etc.) e elos entre esses nós – referências, notas, ponteiros, “botões indicando a passagem de um nó a outro.” (MOHERDAUI, 2007, p.97)

Ao considerar as características da hipertextualidade, torna-se mais fácil compreender a ideia desenvolvida por Cesca (2005) sobre o tema, ao afirmar que o que torna a hipertexto uma ferramenta única no cenário digital é a sua capacidade de fragmentação da informação, não-linearidade e perda de autoridade do autor, onde o usuário entra em cena contribuindo como um coautor do texto ao decidir e hierarquizar o que é mais importante para sua necessidade de se informar, já que “[...] é ele que determina onde irá começar e onde deve parar essa leitura. É ele que define qual texto será aberto e em que ordem isso será realizado.” (CESCA, 2005, p.48)

Pode-se utilizar o portal UOL para exemplificar o raciocínio acima, pois ao acessar uma determinada notícia, a página que se abre apresenta além do conteúdo indicado inicialmente, galeria com fotografias que ilustram e ampliam o entendimento sobre o tema, um menu com outras notícias relacionadas ao conteúdo em questão, *hyperlinks* que se comportam como frases dentro do próprio texto e que direcionam o usuário/leitor a novas matérias. Ao apresentar esta gama de opções, a página proporciona a possibilidade de quem a maneja definir suas prioridades na visualização de um determinado assunto.

No exemplo abaixo (FIGURA 3), verifica-se inserido no segundo círculo em vermelho (de cima para baixo) parte da frase em azul. Isto na verdade é um *hyperlink* que direciona para outra matéria que possui como temática a ideia em destaque.

FIGURA 3 – *Print screen* de notícia veiculada no portal UOL

Dilma sanciona Marco Civil na abertura do NETMundial

ALEXANDRE ARAGÃO
DE SÃO PAULO

23/04/2014 @ 11h14 - Atualizado às 11h30



A presidente Dilma Rousseff sancionou na manhã desta quarta-feira (23), durante a cerimônia de abertura do evento NETMundial, o Marco Civil da Internet. A conferência, que reúne representantes de mais de 80 países em São Paulo, discute o futuro da governança da internet.

A assinatura ocorre após **aprovação em tempo recorde** no plenário do Senado, na terça (22), depois de um mês de discussão —na Câmara, o projeto demorou pouco mais de três anos para ser aprovado.

Ao lado do criador da web Tim Berners-Lee, e de outros representantes que irão discutir a governança da internet durante o evento, Dilma criticou a espionagem eletrônica dos Estados Unidos, revelada no ano passado.

"Esses fatos são inaceitáveis e continuam sendo inaceitáveis, atentam contra a própria natureza da internet", disse. "Os direitos que as pessoas têm off-line também devem ser protegidos on-line."

Ao fim do discurso de abertura, quando Nnenna Nwakanma -representante da sociedade civil na NetMundial- agradeceu a Edward Snowden por ter revelado os casos de espionagem do governo americano, a presidente Dilma sorriu e aplaudiu de pé.

Outros palestrantes também elogiaram o Marco Civil, incluindo Berners-Lee. "Estou pedindo que todos os países sigam o exemplo do Brasil e da Europa", disse, referindo-se também a uma legislação europeia que versa sobre os direitos dos usuários na web. "O Brasil defende que a governança da internet seja multissetorial, multilateral, democrática e transparente por natureza."

Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/tec/2014/04/1444200-dilma-sanciona-marco-civil-na-abertura-do-netmundial.shtml> – Autor: Aragão (2014)

Ademais, Cesca (2005) também afirma que o hipertexto não impede que a leitura linear seja realizada, porém ele a dificulta, pois leva a atenção do usuário para a palavra-chave, fato que estimula o leitor a se aventurar por outros documentos.

No entanto, Moherdaui (2007), também acena para o cuidado que se deve ter com o uso da hipertextualização, pois em alguns casos, ao invés de proporcionar facilidade à ferramenta, pode confundir o usuário/leitor pelo excesso de *links* ou hipertexto. Porém, há uma forma de evitar esse problema.

É certo que não se deve considerar somente o hipertexto como recurso disponível para produzir informação para a rede. Redatores necessitam de um processo, estejam eles criando matérias para impressão, radiodifusão ou distribuição on-line. Em qualquer meio, tal processo envolve planejamento, pesquisa, organização, escrita e reescrita. Notícias produzidas para a web requerem alguns elementos próprios à escrita digital. É preciso uma equipe com redator, editor e grupo técnico – incluindo um especialista em multimídia. (MOHERDAUI, 2007, p.97)

Embora possua capacidades nevrálgicas na divulgação de conteúdo jornalístico na *web*, a hipertextualidade não está sozinha no rol das ferramentas necessárias para a veiculação de notícias via veículos digitais.

3.4 Usabilidade

A veiculação de conteúdos jornalísticos mudou consideravelmente desde o início da utilização da internet para tal. Desse modo, novos instrumentos de configuração e distribuição de conteúdo no meio cibernético foram introduzidos a fim de otimizar o uso da rede mundial de computadores a favor do jornalismo, como o hipertexto, item tratado anteriormente.

Além da escrita para web, outros pontos são necessários para que uma página da internet seja interessante ao usuário. Entre eles a usabilidade recebe destaque.

No entanto, o termo merece uma definição ampla, pois além da web, esta propriedade pode ser utilizada no desenvolvimento de outras áreas, o mercado automobilístico e de eletrodomésticos são exemplos, como exposto por Ferrari (2000).

A usabilidade é um atributo de qualidade relacionado à facilidade do uso de algo. Mais especificamente, refere-se à rapidez com que os usuários podem aprender a usar alguma coisa, a eficiência deles ao usá-la, o quanto levam daquilo, seu grau de propensão a erros e o quanto gostam de utilizá-la. Se as pessoas não puderem ou não utilizarem um recurso, ele pode muito bem não existir. (NIELSEN; LORANGER, 2007, p. xxvi)

A definição geral de usabilidade se aplica também a *web*, entretanto Ferrari (2000, p.97) acrescenta que no caso digital “a usabilidade endereça a relação entre uma ferramenta e seu usuário”. “Para uma ferramenta

ser útil, ela tem de permitir aos clientes completar suas tarefas da melhor forma possível”. (FERRARI, 2000, p.97)

Desta forma, a página deve oferecer ao público a capacidade de navegar de modo ágil e autoexplicativo.

Isso significa que o “[...] mesmo princípio se aplica para computadores, sites e softwares. Para esses sistemas funcionarem, seus clientes devem ser capazes de usá-los de modo eficiente”. (FERRARI, 2000, p.97)

Em outras palavras, a usabilidade na *web* possui como principal função tornar o ato de utilizar a internet algo fácil e atraente. De modo que a partir desta ideia, a usabilidade pode ser caracterizada como uma qualidade a ser adquirida por uma página.

Essa é uma qualidade importante, pois interfaces com usabilidade aumentam a produtividade dos usuários, diminuem a ocorrência e erros (ou as sua importância) e, não menos importante, contribuem para a satisfação dos usuários. A satisfação é um critério importante, embora não o único, para determinação da qualidade global da aplicação. De um modo geral, este é um critério final para que o usuário adquira um software ou visite regularmente um site. (PIMENTA; WINCKLER, 2002, p. 3)

Ainda de acordo com Pimenta e Winckler (2002), existe uma série de métodos avaliativos que podem ser levados em conta na hora de desenvolver uma página. Porém, Pinho (2003, p.137-138) os sintetiza em quatro pontos que devem ser considerados no momento de criação.

A utilidade é a capacidade que tem uma ferramenta para ajudar a realizar tarefas específicas. [...]. A facilidade de uso está em relação direta com a eficiência ou a efetividade, medida como velocidade ou quantidade de erros possíveis. [...]. A facilidade de aprendizagem é uma medida de tempo exigida para trabalhar com certo grau de eficiência no uso da ferramenta, e para alcançar certo grau de retenção desses conhecimentos no caso de decorrer certo tempo sem o uso da ferramenta ou do sistema. [...]. Apreciação. É uma medida das percepções, opiniões, dos sentimentos e das atitudes gerados no usuário pela ferramenta ou pelo sistema; uma medida pode-se dizer de sua sedução ou de um gosto apurado.

O portal Globo.com pode ser usado como um exemplo simples e eficaz de usabilidade. Seus menus são identificados por cores, de modo que cada item possui uma cor diferente, no entanto o que deve ser destacado é o

fato de as manchetes que chamam para as matérias possuírem as mesmas cores do menu. Ou seja, se a opção esporte for destacada com a cor verde, todas as matérias relacionadas ao assunto terão seus títulos na cor verde também. Como pode-se ver na figura 4:

FIGURA 4- *Print screen* do portal Globo.com



Fonte: <http://www.globo.com>

Todos os pontos referentes à usabilidade tratados até aqui possuem em comum o fato de estarem voltados a quem vai usar as páginas, ou seja, o usuário. E para que a experiência desse indivíduo seja completa alguns outros itens devem ser expostos, entre eles a capacidade de interação entre homem e *web*.

3.4.1 Interatividade

No campo das Ciências Sociais a interatividade é abordada de forma ampla, Vittadini (apud BALDESSAR; ANTUNES; ROSA, 2009) diz que

quando os indivíduos situam-se em um espaço-tempo, e que em âmbito geral se estabelecem num campo de ação comum, esses mesmos sujeitos são envolvidos em um enredo e assim entram em contato entre si. De modo mais simples, a sociologia aborda a relação entre pessoas como uma forma de interatividade.

Baldessar; Antunes e Rosa (2009) defendem ser visível que em relação ao tema tratado neste trabalho, a interação a ser discutida é a relação entre homem e computador, no entanto, o mesmo pode ser também um mediador de relações humanas, esse é o caso, por exemplo, dos *chats*.

Para Mielniczuk (2004), ao se tratar da interatividade no jornalismo desenvolvido para internet, o termo se expande em um processo multi-interativo, pois neste caso o procedimento envolve as relações entre o homem e a máquina, o homem e o produto jornalístico e o homem e homem, por meio das opções oferecidas pelo jornal online.

De acordo com a nossa proposição de que o processo multi-interativo envolve a relação do leitor/usuário com a própria publicação, ou com o jornalista, e ainda com outros leitores, vislumbramos duas possibilidades da interatividade. A primeira está intimamente relacionada com a exploração do uso da hipertextualidade e da narrativa multi-sequencial do fato jornalístico e restringe-se ao âmbito da experiência do leitor/usuário, que navega por um texto verdadeiramente fragmentado, caleidoscópico. (MIELNICZUK, 2004, p.11)

O autor também faz menção, como segundo ponto da interatividade voltada para conteúdos noticiosos na internet, às possibilidades que esta relação pode oferecer no tocante a novos gêneros jornalísticos, como por exemplo, auxiliar a apuração de um fato através de depoimentos, comentários, cartas (e-mail) destinados ao veículo *online*. Ou então *chats*, promovidos com figuras públicas, onde o leitor/usuário pode ser também o entrevistador. Como mostrado na figura 5:

FIGURA 5 – *Print screen* de comentários do portal UOL

Fonte: <http://www.uol.com.br>

No quesito interatividade, os sites e portais têm buscado cada vez mais ferramentas de diálogo com o público, fato acentuado pela disseminação das mídias sociais como Twitter e Facebook. Esta afirmação se confirma pela constante comunicação apresentada entre os sites de notícias como *Folha.com*, *Estadão.com*, *UOL* e *Globo.com* e os perfis dos usuários. Por meio do fator interação, os sites compartilham notícias diretamente no perfil do usuário e em contrapartida estes podem comentar compartilhar e participar na repercussão da matéria. Esta ideia é apresentada na figura 6:

FIGURA 6 – *Print screen* de uma notícia compartilhada no Facebook.

Fonte: <https://www.facebook.com>

Outro exemplo de interatividade foi constatado no tsunami que atingiu a costa japonesa em março de 2011. Nesta tragédia, pessoas que estavam no epicentro dos acontecimentos enviavam imagens que eram reproduzidas em galerias de fotografias no hotsite sobre o tema na Folha.com.

Vê-se, portanto, que as opções dispensadas pelo uso da *web* quanto à interatividade são reais e já fazem parte da produção e distribuição de notícias via internet, no entanto, itens como a multimídia são importantes na relação homem versus computador.

3.4.2 Multimedialidade

Ao considerar a multimedialidade como um recurso a ser utilizado na transmissão de conteúdo por meio da internet, deve-se atentar para dois fatores. O primeiro baseia-se na afirmação de Baldessar; Antunes e Rosa (2009) ao defender que somente após a chegada das telas coloridas e das caixas de som aos microcomputadores é que foi possibilitada uma fusão de meios, a chamada capacidade multimidiática. O segundo fator menciona a ideia de Mielniczuk (2004), que compara o jornal online do período antes e pós-popularização da multimídia.

Navegando por webjornais, há alguns anos, tinha-se a impressão de estar lendo o jornal impresso na tela do computador. Hoje, a situação mudou bastante, encontramos muito mais links e recursos de multimedialidade, mas não vemos nada de muito diferente do que já foi visto. A 'novidade', por enquanto, é que podemos ler o jornal impresso, assistir ao noticiário de televisão e ouvir o noticiário do rádio, na mesma tela do computador, de maneira quase simultânea. (MIELCNIZUK, 2004, p.11)

Para que haja um efetivo uso das capacidades que o recurso oferece, é necessária uma equipe de produção que conte não apenas com jornalistas, mas também com especialistas da área de informática, pois a multimídia envolve além de textos e fotografias, os vídeos, arquivos de áudio, infográficos e *hiperlinks*. De modo que, ao trabalhar de forma eficaz estes pontos citados, consegue-se obter na multimedialidade “[...] um recurso atraente e que costuma facilitar o entendimento da reportagem, dando o poder para o leitor ir para onde entender dentro da matéria, sendo, usualmente não linear e não sequencial.” (BALDESSAR; ANTUNES; ROSA, 2009, p.6)

Ao considerar as opções de multimedialidade leva-se em conta como referência o portal UOL. Este site possui recursos que tornam a experiência de utilização da página pelo usuário/leitor uma atividade com inúmeros caminhos multimidiáticos. Verifica-se que na *homepage*, existem opções de acesso a programas ao vivo da TV Bandeirantes, como por exemplo o Brasil Urgente. Menus de vídeo, acesso a rádios e visualização de diversas galerias de imagens também são permitidas pela página, assim como acesso a

jogos online. No entanto, as opções permitidas são todas interligadas aos textos noticiosos.

Vê-se, porém que todas as possibilidades proporcionadas pelos recursos multimidiáticos coexistem a partir de um ponto inicial: o texto. Porém esta afirmação não é absoluta ao considerar os pontos abordados pela multimídia. Neste caso, esses recursos podem potencializar o texto na internet.

3.4.3 Texto na internet

Em seu livro *El periodista online* (Comunicación Social), a autora espanhola Maria Bella Palomo Torres (2009), diz que o texto destinado ao jornalismo digital é um híbrido entre a escrita convencional e a expressão oral. Pois, embora haja o compromisso com linguagem normativa e com a correta ortografia, a comunicação pode se aproximar da forma coloquial, caracterizada por palavras simples e frases curtas, para que a distância seja assim eliminada e possa haver um diálogo mais próximo entre o usuário/leitor, o veículo e o jornalista.

Para Franco (2007), esse modelo mais liberal de texto significa uma mudança e um desafio para os produtores de conteúdo na rede, pois há uma clara necessidade de se oferecer ao público um produto de qualidade que obedeça às normas ortográficas vigentes e que ao mesmo tempo proporcione uma mudança sintática e uma revisão nos gêneros tradicionais da escrita. Porém, o autor apresenta qual caminho deve ser seguido para que o texto voltado ao jornalismo online seja de qualidade, ao afirmar que “[...] escrever para a *web*, significa em grande parte, retornar a dois fundamentos do ofício jornalístico: a boa redação e a boa edição. O resto, definitivamente em menor proporção, é determinado pelas particularidades deste novo meio.” (FRANCO, 2007, p.20)

Seguir os dois fundamentos do ofício dados pelo autor se torna importante ao considerar as informações com base nos estudos de Canavilhas (2006) disponibilizadas no item 3.2 *Webwriting* deste trabalho, onde se vê que a partir das capacidades multimidiáticas proporcionadas pela internet, o texto deve ser conciso e responder primeiramente as perguntas padrão do *lead* (o

quê, quando, quem e onde) e só no segundo parágrafo completar a informação com as indagações por quê e como. Desta forma o texto estará pronto para compartilhar sua função com outros recursos de informação, como vídeo, áudio e infográficos.

Ressalta-se também em relação à extensão do texto que “o parâmetro da brevidade é algo subjetivo; alguns autores chegam ao extremo de sugerir um número de palavras por tela.” (FRANCO, 2007 p.64). Já outros autores como Jakob Nielsen (2007) indicavam que a mensagem deveria ser dada com 50% das palavras usadas no meio impresso, no entanto, Franco (2007) indica que o mesmo Nielsen em um artigo publicado em 2007, já indicava números mais específicos. Sendo 600 palavras para um artigo curto, para se levar três minutos a um ritmo de 200 palavras por minuto e 1.000 palavras para artigos longos e assim levar cinco minutos ao mesmo ritmo de 200 palavras por minuto.

No mesmo artigo, Nielsen diz que um texto longo poderia conter mais informação, mas poderia levar muito tempo para ser lido, o que levaria o usuário a abandonar o website e buscar textos mais curtos e fáceis em um outro lugar. Ou seja, “o importante é a relação custo-benefício”. O custo é medido pela quantidade de tempo que se leva para ler um artigo. (FRANCO, 2007, p.65)

Após analisar as teorias dos autores acima, os pesquisadores deste Trabalho de Conclusão de Curso defendem a teoria desenvolvida por Guillermo Franco (2007), ao afirmar que quando o autor/editor publica reproduz-se nos canais digitais o mesmo conteúdo dos veículos impressos, os mesmos não estão levando em conta todas as vantagens e possibilidades oferecidas pela internet, como a interação multimidiática, estão apenas a considerando como um simples canal de distribuição de conteúdo.

No entanto, é certo que em relação ao texto voltado para o ciberjornalismo, deve-se tratar não só dos elementos de organização da notícia, mas também das técnicas textuais.

Algo que deve ser ressaltado em relação a tais técnicas é a utilização das vozes do verbo pelo autor. Em seu artigo *Passive voice is redeemed for web headings*, Jakob Nielsen (2007) coloca que a voz ativa representa de forma mais eficaz a ação, além da passiva poder causar algum

problema de interpretação por parte do leitor. Informação fortalecida por Moherdaui (2007, p.214) ao afirmar que “usar voz ativa reduz o número de palavras e atrai mais usuários que tendem a passar os olhos pelo texto”.

Franco (2007) também faz um alerta a dois cuidados em relação ao texto no jornalismo *online*. A primeira advertência é em relação aos artigos, nos quais o autor é enfático ao desqualificar o seu uso nos títulos das matérias e início de frases. O segundo item apontado como errôneo é o uso de expressões de ligação para iniciar frases.

No caso de jargões, pontos de exclamação e frases longas, Pinho (2003) os considera itens dispensáveis na construção do texto para a *web*.

Já Moherdaui (2007) indica que a adjetivação deve ser restringida e pronomes como os demonstrativos evitados, pois é mais interessante nomear as coisas diretamente. Quanto aos indefinidos, como alguns, umas, vários, devem ser utilizados em casos raros, uma vez, que se deve sempre quantificar os dados a serem expostos, sendo que em situações que isso não seja possível, o aconselhável é deixar as informações de lado.

Moherdaui (2007) prossegue com um apelo para o uso de verbos com significados precisos em lugar de locuções “[...] escrever ‘decidir’ em vez de ‘tomar uma decisão’, ou ‘usar’ em vez de ‘fazer uso de’”. Essa técnica não só apresenta a mensagem aos usuários da Web de forma mais vigorosa, como também ocupa menos espaço.” (MOHERDAUI, 2007, p.215)

Quanto à utilização de rimas, Moura (2002) as desqualifica, pois o texto voltado para o jornalismo digital é semelhante ao de TV e rádio, nos quais a comunicação deve assemelhar-se a um diálogo, portanto nesse caso rimas não são bem-vindas.

Guillermo Franco (2007), explica que na composição dos parágrafos deve haver um pensamento de que estes são uma unidade de pensamento e não de tamanho. Deve-se considerar que estas unidades devem abordar uma única ideia, pois a leitura no jornalismo digital não é linear, fator que permite ao usuário parar de ler qualquer parte do texto sem prejuízo no sentido do mesmo.

Tão importante quanto a disposição dos parágrafos é o tamanho do texto. Moherdaui (2007) aconselha evitar que o tamanho do texto seja maior

que o espaço da tela do computador, pois o usuário/leitor pode confundir-se e se perder ao buscar o início ou o final da frase. Para que isso não aconteça é necessário atentar para outra questão: a tipologia. Na composição do texto, a autora define como bom o uso de fontes maior que 10 e menor que 14, deste modo não se compromete a qualidade da leitura, nem torna-se o texto maior que o preciso.

Também importante na composição textual são os títulos. Moherdaui (2007, p.214), diz que o título “[...] deve ser grafado em corpo normal, caixa alta e baixa, sendo destacado do restante do texto pelo uso do itálico”. Acrescenta-se a esta informação que pode-se destacar o título também a partir do uso do negrito, como verificado em análises de páginas noticiosas na *web* como UOL e Folha *online*.

Quanto ao sentido dos títulos, Franco (2007) acrescenta que deve trazer a ideia completa do texto, já que eles são utilizados como resultados de buscas, páginas iniciais e nos menus de favoritos. E acrescenta que iniciar títulos com artigos, faz com que a chamada perca sua força.

A partir da premissa de que as informações referentes à prática da escrita no jornalismo online até aqui citadas são verdadeiras, os pesquisadores do presente trabalho, que visa recuperar fragmentos históricos da Facopp e disponibilizá-los em um *hotsite*, irão utilizar das técnicas e estruturas acima definidas para compor os textos que serão disponibilizados no minisite em questão.

Após considerar tanto a questão estrutural quanto a técnica do texto para webjornalismo, passa-se à questão de perpetuação deste conteúdo por meio das possibilidades disponíveis na rede mundial de computadores.

3.4.4 Perenidade

Ao tratar de perenidade na *web* busca-se a relação desse termo que evoca o imperecível, algo que perdura ou de caráter permanente, com a internet.

Siqueira (2013) explica que o meio digital proporciona à humanidade mecanismos de acesso, difusão e transferência de arquivos nunca

antes utilizados, sendo que nesse cenário, a rede mundial de computadores surge como um estado informacional.

Neste cenário de possibilidades diversas de acesso ao conteúdo, Mariz (2012, p.29) coloca que “[...] internet é uma enorme rede de informação integrada por redes de computadores e caracterizada pela diversidade de recursos existentes em seu ambiente”. E prossegue na mesma página, com a afirmação de que a tecnologia digital possibilitou a condensação de todos os tipos de meios de comunicação, inclusive áudio, vídeo e dados diversos, “[...] formando uma rede capaz de comunicar todas as espécies de símbolos.”

Na internet, conquanto se levem em consideração alguns aspectos limitadores, é possível encontrar todo tipo de informação: jornalísticas, pessoais, comerciais, relativas a empresas, entre outras. Sendo assim, ela é mais um instrumento para que as instituições que têm como objeto a informação – bibliotecas, museus, centros de documentação e arquivos – possam desempenhar suas funções no que diz respeito à transferência de informação. Às possibilidades anteriores das instituições de arquivo soma-se a internet como meio de difusão de acervos e de transferência de informação arquivística. (MARIZ, 2012, p.30)

Acredita-se assim, que a *web* funciona como um arquivo no qual se disponibiliza informações e que estas, uma vez publicadas, fiquem na rede de forma permanente para consultas posteriores. Em outras palavras, a internet funciona como um repositório digital, definido por Martins, Rodrigues e Nunes (2008) como coleções de informações digitais, construídas para utilização em diferentes propósitos, que podem ser dirigidas a um público específico ou geral, dependendo das informações que serão disponibilizadas.

No caso do presente trabalho, serão arquivados dados referentes à história da Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente. Informações que serão discutidas e delimitadas no capítulo a seguir.

4 FACOPP: 19 ANOS DE HISTÓRIA

4.1 Introdução

Com a finalidade de suprir a carência de ensino superior em Presidente Prudente, a Associação Prudentina de Educação e Cultura (Apec)⁶ nasceu da iniciativa dos professores Agripino de Oliveira Lima Filho e Ana Cardoso Maia de Oliveira Lima. Esta é a mantenedora da Universidade do Oeste Paulista (Unoeste).

Segundo o site da instituição⁷, no dia três de outubro de 1972 foi assinado pelo presidente da República, Emílio Garrastazu Médici, o Decreto 71.190 que autorizou a criação da primeira faculdade da Apec, a Faculdade de Ciências, Letras e Educação (Faclepp).

Ministrada no dia 21 de outubro de 1972, a aula inaugural contou com a participação do bispo diocesano, Dom José Gonçalves da Costa. De acordo com a Revista Comemorativa Unoeste 40 anos (2012), o primeiro vestibular da Faclepp, que na época funcionava provisoriamente nas dependências do Colégio Cristo Rei, foi realizado com 536 candidatos, oferecendo 360 vagas.

No ano seguinte, em fevereiro de 1973, a faculdade passou a funcionar no Campus I⁸. Quatorze anos depois (1987), a Faclepp foi reconhecida como universidade pela Portaria nº 83/MEC. (UNOESTE, 2012)

A faculdade expandiu-se em novos blocos e passou a sediar outros cursos. Sem espaço físico para continuar a crescer, foi construído o *campus* II, na Rodovia Raposo Tavares, que compreendia o bloco B, ou como ficou nomeado posteriormente, “o Campus Universitário da Apec”. Quinze anos depois da fundação, a faculdade passou a ser Universidade do Oeste Paulista (Unoeste), autorizada pela Portaria Ministerial nº 83, em 12 de fevereiro de 1987. (YKABE; ARMELIN; RIBEIRO, 2009, p.67)

Logo abaixo, na figura 7, é possível visualizar a construção do novo campus da Unoeste.

⁶ Mantenedora da Universidade do Oeste Paulista (Unoeste)

⁷ www.unoeste.br

⁸ Rua José Bongiovani, 700 – Cidade Universitária – CEP: 19050-680 – Presidente Prudente/ SP

FIGURA 7 - Campus II em construção



Autor: Desconhecido / Acervo: Coordenação Facopp

Hoje, a Unoeste conta com 53 cursos de graduação, incluindo as Licenciaturas, Bacharelados e Cursos Superiores de tecnologia, mais de 100 cursos de pós-graduação “lato-sensu”, quatro cursos de mestrado e um de doutorado. Além destes, a universidade ainda possui 25 cursos de educação a distância (EAD) em pós-graduação, extensão e aperfeiçoamento. Concentra 14.700 discentes, totalizando, com o corpo docente e corpo técnico-administrativo, aproximadamente 17 mil pessoas. (Universidade do Oeste Paulista, 2013, p.3)

Nas figuras 8 e 9, visualiza-se as atuais instalações do Campus II.

FIGURA 8 - Frente do Bloco B 3 – Campus II



Autor: Desconhecido / Acervo: Coordenação Facopp

FIGURA 9 – Vista aérea do Campus II



Autor: Desconhecido / Acervo: Coordenação Facopp

De acordo com a Revista Comemorativa Unoeste 40 anos (2012), o Campus I possui mais de 47 mil m² de área construída, com 14 blocos e 35 laboratórios. O Campus II⁹, situado na Rodovia Raposo Tavares, km 572, em Presidente Prudente, compreende uma área construída de mais de 276 mil m², com 30 blocos, 34 laboratórios e sete auditórios. A biblioteca da universidade possui três unidades, localizadas no Campus I, Campus II e Hospital Regional. Juntas, somam 288.241 títulos entre livros, recursos audiovisuais, obras de referência, periódicos.

FIGURA 10 - Biblioteca Campus II



Autor: Desconhecido / Acervo: Coordenação Facopp

Atendendo ao Decreto nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004, a Unoeste assegura condições arquitetônicas, de comunicação e de informações aos Portadores de Necessidades Especiais (PNEs), seja a deficiência parcial ou total quanto à mobilidade, visão ou audição. Essas condições visam atender o maior número de pessoas possível, independentemente de idade, estatura ou limitação de mobilidade ou percepção. (UNOESTE, 2012)

⁹ Campus construído devido o crescimento do número de alunos e cursos na Unoeste

Figura 11 - Corredor de Comunicação social 1995-1998



Autor: Desconhecido / Acervo: Coordenação Facopp

A universidade está inserida em uma região caracterizada como geradora de informações do Oeste Paulista. Segundo dados retirados dos projetos pedagógicos dos cursos de Jornalismo e Publicidade (2010), a cidade de Presidente Prudente é um centro de prestação de serviços e, por este motivo, há necessidade de geração e divulgação de produtos e serviços.

Segundo o Governo do Estado de São Paulo¹⁰, a cidade configura-se como polo regional, onde as notícias de toda a região são centralizadas e difundidas em 53 municípios para mais de 800 mil pessoas. Presidente Prudente possui três emissoras de televisão, nove emissoras de rádio, um jornal diário principal, um sistema de transmissão de TV a cabo e uma telefonia celular via satélite.

Nesse contexto surgiu a Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente “Jornalista Roberto Marinho” (Facopp). Criada em 1995, atendeu ao Decreto Nº 8357 de 15/08/79 e Parecer CEF 63/87. De acordo com o Manual do Aluno¹¹ (2014, p. 1), o objetivo é “formar profissionais com conteúdos humanísticos capazes de atender às práticas das indústrias culturais. [...] fazer com que esse profissional perceba o ser humano como base da Comunicação Social numa interação com a sociedade e seus diversos grupos e instituições”.

¹⁰ Disponível em: <http://www.planejamento.sp.gov.br/index.php?id=50&idd=153#descricao>

¹¹ Disponível em: <http://www.unoeste.br/facopp/arquivos/MANUALDOALUNO2013.pdf>

A Facopp sempre prezou em fazer um curso sério, sempre se ouviu isso. Então, nós fomos formando profissionais competentes que o mercado absorve. Isso formou um conceito bom diante da população. Além do provão, que sempre foi muito temido e sempre nos demos bem nele, nossos conceitos eram bons. Tiveram muitos mecanismos que provavam o crescimento do aluno quando entrou na faculdade até a sua formação. (MIGUEL, 2014)

Manfrim (2014), salienta que naquela época, a faculdade de comunicação mais próxima ficava localizada em Londrina. Apesar de haver o curso também em Adamantina, este “não era muito requisitado”. “Implantamos e foi um sucesso geral, muita procura desde o começo. Demorou um ano para estruturar tudo. Nós montamos e fui o primeiro coordenador.”

O curso foi constituído desde o início por dois anos de Tronco Comum. Todos os discentes estudavam as mesmas matérias e, depois, mais dois de habilitação em Jornalismo ou Publicidade e Propaganda. A partir de 2014, o período inicial citado foi extinto, exigindo do aluno a escolha entre as áreas logo ao ingressar na faculdade. No entanto, de acordo com o projeto pedagógico do curso (2013), os conteúdos gerais permanecem nos dois primeiros anos, para que o futuro profissional tenha a formação geral em comunicação.

De acordo com Trindade (2014), a separação das habilitações desde o primeiro termo representa uma conquista. A coordenadora do curso de Publicidade e Propaganda, explica que a proposta é antiga, mas no ano passado a reitoria estabeleceu um prazo real (30 de julho de 2013) para a entrega do projeto pedagógico de cada habilitação.

Para Hoffmann (2014), foi um avanço, pois o aluno passaria dois anos estudando temas que talvez não seriam de grande proveito no exercício da profissão. Com esta mudança, o discente tem a oportunidade de aprofundar-se mais no Jornalismo ou na Publicidade. “Até para o desenvolvimento do próprio TCC, os alunos vão ter mais tempo para isso. Vão começar a desenvolver o projeto no sexto termo, a peça teórica no sétimo e a peça prática no oitavo”. (HOFFMANN, 2014)

Segundo dados retirados de documentos disponíveis na Hemeroteca do curso, a primeira turma da Facopp formou 25 jornalistas e 21

publicitários, em 1998. De acordo com Becegato (2014) Herrera (2014), era composta, em sua maioria, por alunos que já atuavam no mercado de trabalho.

Eu já trabalhava a um bom tempo tanto em rádio quanto jornal, quanto de assessoria, apresentação de cerimoniais, de tal forma que eu já estava envolvido que já possuía registro de jornalista, a princípio provisionada e depois se tornou definitivo. Então, trabalhando no meio de comunicação foi que eu tive a informação que a Unoeste abriria o curso. Embora, para o meu exercício profissional eu já tivesse um credenciamento, mas na verdade eu não queria só a habilitação, estar habilitado, queria sempre estar melhor para ser qualificado [...]. (FERREIRA, 2014)

Ferreira (2014) e Miguel (2014), explicam que o primeiro diretor do curso foi Carlos Aparecido Manfrim. Antes que a primeira turma viesse a se formar, a direção foi assumida por Carlos Alberto Vicchiatti, que Girotti (2014), qualifica como muito “rigoroso”. Coimbra (2014), afirma que os alunos tiveram vários problemas com o diretor, que “era uma pessoa muito difícil de lidar”. No entanto, sua personalidade tradicional traduzia “seu ideal impregnado”.

Sei que há muitos ex-alunos que gostaram de meu trabalho. Assim como sei que alguns tiveram divergências comigo e, com certeza, eu também com eles. Todos sabiam muito bem como era –e ainda é– minha forma de trabalho: austeridade quando necessária, amabilidade quando há espaço para tal. No fundo, esses alunos que me apontam como “formidável” sabem bem como sou: cara e jeito de bravo, mas, no fundo, um baita manteiga derretida. (VICCHIATTI, 2014)

Tal rigidez do diretor trouxe bons frutos para a faculdade. O resultado do primeiro provão, hoje conhecido por Enade¹², foi “fantástico”, assegura Ferreira (2014). As provas foram realizadas na Escola Monsenhor Sarrion, com a duração de quatro horas. “[...] todos nós ficamos até o último instante dando o máximo da gente [...]”. Conforme atesta Boni (2014), foi feita uma placa comemorativa com os dizeres: “Turma do B”. “As faculdades particulares estavam muito acostumadas a tirar nota E, D, e de repente a comunicação tirou uma nota B. Foi a maior nota da Unoeste naquele provão”. (BONI, 2014)

Para André (2014), apesar da nota “B” (numa escala que ia até a letra “E”), esta foi a conquista que mais marcou a faculdade. “O provão coroou

¹² Exame Nacional de Desempenho de Estudantes

tudo o que a Unoeste investiu e também todo o empenho dos alunos.” Na opinião de Vicchiatti (2014), este também foi o acontecimento mais marcante durante a sua atuação na Facopp.

A primeira turma também participou da formação de um Diretório Acadêmico, que segundo Manfrim (2014), “era estruturado e funcionava bem”.

Na verdade juntou um grupo de alunos da primeira turma e da segunda turma, eu participei dessa formação, inclusive o nome Johannes Gutemberg, considerado o pai da imprensa, eu acabei sugerindo, mas isso é crédito de todo mundo. Presidente na época foi Rodrigo Sthefans, e na primeira gestão fui diretor de esporte, na segunda saí como presidente, depois terminei a faculdade. (HERRERA, 2014)

Ainda de acordo com Herrera (2014), no início do curso de Comunicação Social, as aulas eram ministradas no Campus I. Em meados de 1997, o curso foi transferido para o Campus II, porém o único laboratório do curso, o de fotografia, continuava a funcionar nas dependências do Campus I. Por este motivo, os alunos tinham que se dirigir até lá uma vez por semana.

Em 1997, quando era aluna, o laboratório de fotografia era no Campus I. Tínhamos que ir uma vez por semana no Campus I para participar do laboratório. Não tinha laboratório de TV não desse tamanho. Era uma sala improvisada, onde faziam as gravações. Era bem diferente, mais precário. (LITHOLDO, 2014)

Segundo Miguel (2014), apesar de pequeno e improvisado, o laboratório de fotografia se destacava por sua estrutura. Havia todo o material necessário para a revelação de filmes fotográficos; o equipamento de iluminação utilizado era da marca Maco que é “um dos fabricantes mais fortes do Brasil”. Na época, o laboratório contava com 35 câmeras K 1000, da Pentax. “O MEC exigia que no mínimo a faculdade possuísse uma câmera para cada três alunos e a gente tinha quase uma por aluno”. (MIGUEL, 2014)

Contando apenas com este laboratório, as produções práticas elaboradas pelos alunos resumiam-se a um jornal denominado Espalha Fato, que segundo André (2014), era distribuído apenas na universidade pelos próprios alunos. “[...] A gente deixava o jornais em biblioteca, em secretaria, na própria Facopp mesmo; nada muito organizado.” O mesmo era diagramado no jornal local Oeste Notícias.

Aproximadamente um ano depois que a Faculdade de Comunicação de Presidente Prudente passou a funcionar no Campus II, os alunos de Jornalismo e Publicidade já desfrutavam de uma estrutura mais completa, que segundo Coimbra (2014), apesar da simplicidade, contava com laboratório de fotografia, rádio, TV e informática. Este último, de acordo com Maria (2014), era “comunitário”.

O de TV era tudo muito simples, porque naquela época não tinha muito essa coisa de novidade. No estúdio tinha aquele fundo branco, cromaqui. Tinham as luzes, as câmeras com os TPS, microfones, câmeras pra gente ir a campo fazer os trabalhos. Mas tudo muito simples. Eram tecnologias da época, mas não evoluídas como a gente vê hoje trabalhando. O laboratório de rádio também era uma mesa com dois microfones, com os retornos, a sala toda com acústica, a parte de vidro com aquele “no ar” [...]. O laboratório de foto era espetacular. A gente tinha todo o tipo de material, desde aqueles líquidos, papel. Desde que você solicitasse, você tinha todo o tipo de material para trabalhar. (COIMBRA, 2014)

Vicchiatti (2014) afirma que a disponibilização dos laboratórios é de sua responsabilidade. “Todos os laboratórios [...] foram instalados por mim: rádio, TV, hemeroteca, informática, redação modelo e a *House* (Agência Integrada de Publicidade e Propaganda e Jornalismo) [...].”

A primeira turma inaugurou o evento mais tradicional da Facopp, a Semana de Comunicação. Segundo Ferreira (2014), o mesmo procurou o diretor Carlos Manfrim para mobilizar os alunos e criar a semana. Com a autorização do diretor, foi formada uma comissão com alunos do primeiro e segundo ano, responsáveis pela organização do evento.

[...] a semana foi realizada no auditório do então HU (Hospital Universitário) que hoje é HR [...]. E nós convidamos para o encerramento da semana [...] o Moacir Bento que é jornalista de Presidente Venceslau, dono do Jornal Integração [...]. Houve um problema de saúde com a filha dele [...]. [...] o Marcelo Rezende, que hoje é apresentador no Cidade Alerta da Record [...], veio naqueles dias para Presidente Prudente [...]. [...] e a Cintia Aquino que já trabalhava na televisão foi quem intermediou, não fazia propriamente parte da nossa comissão de organização, mas o Erickson Rezende que fazia falou com ela. Só sei que de tal forma que quem veio encerrar a semana de comunicação foi o Marcelo Rezende, que era um nome nacional, não era essa a nossa expectativa. E no ano seguinte nós trouxemos o José Roberto Burnier, na conversa também com a Cintia, com o pessoal da Fronteira ajudando a gente. E sempre sem custos. (FERREIRA, 2014)

Já em meados de 2003, segundo Catussi (2014) e Ferreira (2014), Carlos Vicchiatti foi substituído por Astrogilda Rosa Benelli. Neste momento, a direção passou a contar com coordenadores de curso. Em primeiro momento, Marcela Marino foi selecionada para o curso de Publicidade e Propaganda, e Sandra Nascimento para o Jornalismo. Em seguida, foram respectivamente substituídas por Gilson Catussi e Thaisa Bacco. Com a licença maternidade da mesma, Roberto Mancuzo assumiu a coordenação do curso de jornalismo. Catussi, em 2006, assumiu a sua direção no lugar de Benelli.

Em 2008, com a saída de Catussi, Homéro Ferreira passou a ocupar seu cargo de diretor, mas por não ter conhecimento aprofundado na área de publicidade, convidou Marcela Marino para ser novamente coordenadora da Publicidade. Mas segundo Trindade (2014), a mesma se encontrava muito atarefada, e decidiu indicá-la (Larissa Trindade) ao cargo, que aceitou o convite.

O professor Silva Junior deixou a coordenação de Jornalismo nesta época para fazer um mestrado. Em função disto, Ferreira convidou para a coordenação de Jornalismo Munir Jorge Felício, que ficou nesta função até metade do segundo semestre de 2008, quando Homéro saiu da direção e Munir assumiu. Para a coordenação de Jornalismo, Felício convidou a jornalista Carolina Costa Mancuzo. Em 2012, o cargo de diretor foi extinto, e o curso passou a ser gerenciado pelas duas coordenadoras de áreas específicas.

Segundo dados da secretaria do curso, a faculdade já formou, até o segundo semestre de 2013, 1.225 alunos, sendo 646 habilitados em Jornalismo e 579 habilitados em Publicidade e Propaganda. Situada desde a fundação no Campus II, bloco B3, piso 4, a faculdade possui 34 funcionários, dos quais quatro são colaboradores responsáveis pelos laboratórios, um pela Hemeroteca, e 29 professores. (UNOESTE, 2014)

4.1.1 Docentes

A Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho” conta com um corpo docente de 29 profissionais. Dentre estes, oito se

graduaram na Facopp; 17 possuem mestrado; três são Doutores e sete são Doutorandos. (UNOESTE, 2014)

Em sua grande maioria, os docentes atuam ou já atuaram diretamente no mercado de trabalho como Jornalistas ou Publicitários, trazendo para a sala de aula a experiência que adquiriram. A seguir estão dispostos, em ordem alfabética, os perfis destes profissionais, assim como as disciplinas que atuam e as funções que desempenham da faculdade.

Anderson Cirilo de Paula Souza é formado em Comunicação Social pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM – São Paulo) e especializado em Administração e Marketing pela Faculdades Integradas “Antônio Eufrásio de Toledo” de Presidente Prudente (Unitoledo). Atualmente atua como professor nas disciplinas de Pesquisa de Mercado I e II, Ética, e Legislação na Publicidade, Administração em Publicidade e Propaganda e Projetos Experimentais.

Carolina Zoccolaro Costa Mancuzo graduou-se na quarta turma de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho” na Unoeste com habilitação em Jornalismo. É MBA (*Master in Business Administration*) em Agronegócios pelas Faculdades Integradas “Antônio Eufrásio de Toledo” de Presidente Prudente, e Mestre em Comunicação Visual na Universidade Estadual de Londrina (UEL – Paraná). Atua como coordenadora do curso de Jornalismo e também leciona nas disciplinas de Comunicação e Novas Tecnologias, Jornalismo Online I e II, Edição e Projeto Experimental. Além disso, também é responsável pelo Portal Facopp.

Daniela de Cássia Gamonal Marcato é graduada pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp – Bauru) em Desenho Industrial com ênfase em Design Gráfico; Mestre em Planejamento do Produto também pela Unesp; e concluirá seu doutorado neste ano (2014). A docente atua desde o 4º termo na disciplina de Criatividade e Interpretação.

Deize Denise Ponciano é formada em Comunicação Social pela Universidade Estadual de Londrina (UEL - Paraná); em História pela Universidade do Oeste Paulista (Unoeste); e é Mestre em Educação também pela Unoeste. Leciona na disciplina de Realidade Socioeconômica e Política Brasileira.

Eder Canziani formou-se em Ciências Físicas e Biológicas, pela Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” (Unesp) de Presidente Prudente e em Economia pela Faculdade de Ciências Contábeis e de Administração de Marília (Unipar). É Mestre em Teoria Econômica pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), é responsável pela disciplina de Economia.

Édima de Souza Mattos é graduada em Pedagogia na Unoeste; Mestre em Educação pela Unoeste; e Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista (Unesp – Assis). Leciona na universidade desde 1986, e na Facopp é responsável pela disciplina de Língua Portuguesa – Redação e Expressão Oral.

Giselle Tomé da Silva graduou-se em Comunicação Social pela Universidade do Oeste Paulista (Unoeste). É Especialista em Avaliação do Ensino e da Aprendizagem pela Unoeste, e em Comunicação Empresarial/ Relações Públicas pela Faculdade Cásper Líbero (FCSCCL). É membro do colegiado do curso e coordenadora do Eco (Laboratório de Publicações Jornalísticas Digitais Empresariais Para o Terceiro Setor). Leciona nas disciplinas de História da Cultura e Meios de Comunicação, Língua Portuguesa – Redação e Expressão Oral VII, Jornalismo Especializado e Projeto Experimental.

Guilherme Saade Floeter é Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos (São Carlos). Atua na disciplina de Antropologia Cultural para os alunos do 1º ao 4º termo.

Gustavo Cunha Bezerra graduou-se em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e é Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Leciona História da Arte I para alunos do 1º ao 4º termo.

Haroldo Oliveira Felipe é graduado em Comunicação Social com habilitação em Publicidade pela Unoeste e Especialista em Criação Publicitária pela Universidade Anhembi Morumbi (UAM). Atua nas disciplinas de Atendimento, Criação Publicitária I e II, Produção Publicitária em Mídia Impressa, e Programação Visual.

Homéro Ferreira é formado em Ciências Jurídicas na Instituição Toledo de Ensino (Toledo) de Presidente Prudente e em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela Universidade do Oeste Paulista de Presidente Prudente. Possui formação técnica com habilitação plena de Redator Auxiliar pela Escola Estadual de Segundo Grau Monsenhor Sarrion e Pós-graduação em nível de aperfeiçoamento em Agronegócio para Profissionais de Comunicação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR – Curitiba). Atualmente leciona nas disciplinas de Radiojornalismo I e II.

Igor Costa Palo Mello possui diplomas de Licenciatura em Psicologia, Formação de Psicólogo pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp - Bauru) e é Mestre em Psicologia e Sociedade pela mesma universidade, porém na unidade de Assis-SP. Atualmente é doutorando em Psicologia e Sociedade pela Unesp (Assis). Na Facopp, é responsável pelas disciplinas de Psicologia da Comunicação e Psicologia do Consumidor.

João Paulo Batista Bezerra é graduado em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela Unoeste. Também é formado em Direito pela Associação Educacional Toledo e aperfeiçoamento em Agronegócios para profissionais de comunicação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR – Curitiba). Na Facopp, é responsável pelas disciplinas de Notícia em Jornalismo, Língua Portuguesa IV, Técnicas de Entrevista, Reportagem e Pesquisa Jornalística e Legislação e Ética em Jornalismo.

Josué Pantaleão da Silva formou-se em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Adamantina e em Educação Artística pela Fundação Dracenense de Educação e Cultura. É especialista em Psicopedagogia pela Universidade Iguazu (UNIG). Leciona nas disciplinas de Estética e Cultura de Massas e Arte e Mídia.

Lêda Márcia Litholdo graduou-se em Direito pela Instituição Toledo de Ensino (Toledo) de Presidente Prudente, e posteriormente em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, na Universidade do Oeste Paulista (Unoeste). É Especialista em Letras e Educação, Leitura e Produção de Textos pela Unoeste e Mestre em Educação pela mesma universidade. Na Facopp, é responsável pelas disciplinas de Comunicação Comparada, Projeto Experimental, Ética Profissional e Teoria da Comunicação I e II.

Larissa Crepaldi Trindade é graduada em Publicidade e Propaganda pela Fundação Armando Álvares Penteado – (FAAP), e Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). É responsável pela Agência Facopp e coordena o curso de Publicidade e Propaganda. Além disso, também leciona nas disciplinas de Planejamento de Comunicação e Campanha I e II, Estágio Supervisionado I e II, Laboratório de Publicidade e Propaganda e Planejamento de Comunicação.

Marcel Adilson Marangoni é graduado em Educação Física pela Escola de Educação Física de Assis e em Administração de Empresas pela Universidade do Oeste Paulista. É Especialista em Avaliação do Ensino e Aprendizagem e em Psicopedagogia pela Unoeste e Mestre em Atividade Física e Saúde na Fundação Universitária Iberoamericana (FUNIBER - Florianópolis). Na Facopp, leciona na disciplina de Educação Física II.

Marcela Regina Guerrer Bárrios Marino formou-se em Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda pela Fundação Cásper Líbero. É Especialista em Administração de Negócios e Marketing pela Instituição Brasileira de Pesquisa de Opinião Pública e Informações Comerciais (INBRAPE), e Mestre em Educação pela Unoetse. Coordena projetos experimentais da Unoeste e leciona nas disciplinas de Introdução ao Marketing, Marketing, Mercadologia.

Marcelo José Mota é Bacharel em Design Gráfico pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC), da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp - Bauru). É Especialista em Avaliação do Ensino e da Aprendizagem pela Unoeste e Mestre em Desenho Industrial pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Ministra nas disciplinas de Planejamento e Produção gráfica I e II, Design I e II e Planejamento Gráfico em Jornalismo I e II.

Maria Luisa Hoffmann é graduada em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo e Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). É pesquisadora do Núcleo de Estudos de Imagem e Memória do Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação (NEIIM-LEER/USP) e faz parte da Comissão Editorial da Revista Discursos Fotográficos. Atualmente, é doutoranda em Comunicação na Universidade de São Paulo (USP) e leciona nas disciplinas de Fotografia,

Introdução a Projetos Experimentais e Língua Portuguesa – Redação e Expressão Oral VIII, além de coordenar o laboratório de fotografia e os trabalhos de conclusão de curso (TCCs) da Facopp.

Mariangela Barbosa Fazano Amendola formou-se em Letras pela Unesp, na cidade de Assis. Pós-graduada no Mestrado em Comunicação pela Unesp de Bauru e Especialista em Publicidade, Propaganda e Mercado (PPMercado) na Escola de Comunicação e Artes da Universidade São Paulo (ECA/USP). É orientadora de trabalhos de Iniciação Científica na linha de pesquisa; pesquisadora dos grupos de estudos SECOMLIN (Semiótica, Comunicação e Linguagens), AESS (Altos Estudos em Semiótica), além de coordenar o GEPEC (Grupo de Estudos e Pesquisas em Comunicação). Também é membro titular do Comitê de Ética na Pesquisa (CEP), e supervisora do Núcleo de Extensão Universitária (NEXU). Leciona nas disciplinas de Semiótica I e II, Redação Publicitária I, II e III, Introdução a Projetos Experimentais e Língua Portuguesa IV.

Munir Jorge Felício é formado em Teologia pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, em Filosofia pela Universidade do Sagrado Coração e em Direito pela Universidade do Oeste Paulista (Unoeste). É Mestre em Educação pela Unoeste e Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Na Facopp, já ocupou o cargo de Diretor do Curso de Comunicação Social, e atualmente é responsável pela disciplina de Filosofia Aplicada.

Paulo Henrique de Barros Miguel graduou-se em Comunicação Social pela Universidade Paulista (Unip) e é Mestre em Educação pela Universidade do Oeste Paulista (Unoeste). É responsável pelas disciplinas de Fotografia Publicitária, Fotojornalismo I e II, Introdução à Fotografia Publicitária e Jornalística.

Renato Pandur Maria é graduado em Comunicação Social Habilitação em Publicidade e Propaganda pela Universidade do Oeste Paulista (Unoeste), e possui especialização em Cinema e Documentário pela Faculdade Pitágoras de Londrina. Leciona nas disciplinas de Produção Publicitária TV e Cinema e Produção em Multimídia, Criação Publicitária I, Leitura de Imagem e Projeto Experimental.

Roberto Aparecido Mancuzo Silva Júnior é graduado em Jornalismo pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp - Bauru). É especialista em Comunicação Empresarial pela Pontifícia Universidade Católica (PUC – Curitiba) e Mestre em Comunicação Visual pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Atualmente é doutorando na Unesp de Presidente Prudente no Programa de Pós Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente (SP). Leciona nas disciplinas de Estágio Supervisionado I e II, Introdução ao Jornalismo, Jornalismo Empresarial, Língua Portuguesa – Redação e Expressão Oral V e VI e Projeto Experimental, além de coordenar o laboratório de assessoria de imprensa da Facopp (Assim).

Rogério do Amaral é formado em Letras Português/Espanhol e é Mestre em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp – Assis), possui também formação em Pedagogia pelo centro Universitário Nove de Julho (Uninove). Atualmente é doutorando em Educação, na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp - Presidente Prudente). Na Facopp, leciona nas disciplinas de Introdução à Pesquisa Científica, Língua Portuguesa Redação e Expressão Oral I e III, Projeto Experimental e Teoria e métodos de Pesquisa em Comunicação.

Silvia Maria de Campos Fraga é formada em Publicidade e Propaganda pela Universidade de Ribeirão Preto e Mestre em Comunicação pela Universidade de Marília (Unimar). Atua nas disciplinas de Mídia I e II, Planejamento de Mídia, Produção Publicitária em Rádio e Projeto Experimental.

Thaís Sallum Bacco graduou-se em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). É especialista em Educação pela Universidade Estadual Paulista de Presidente Prudente (Unesp); Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina (UEL); e Doutoranda em Educação pela Unesp de Presidente Prudente; Além disso, coordena o laboratório de TV e é responsável pela disciplina de Telejornalismo I e II.

Wagner Aparecido Caetano formou-se em pela Universidade do Sagrado Coração; é Especialista em História e Filosofia da Ciências na Universidade Estadual de Londrina (UEL); Especialista em Ensino de Filosofia

para Crianças (CBFC); Mestre em Educação pela Universidade do Oeste Paulista (Unoeste) e Doutorando em Educação pela Unesp (Presidente Prudente). Na Facopp, é responsável pela disciplina de Sociologia Geral e da Comunicação.

4.1.2 Estrutura

A Facopp disponibiliza hoje para alunos e professores, 13 salas de aula, todas climatizadas, além de uma sala de multimídia também climatizada, com carteiras almofadadas. Há também cinco anfiteatros localizados no 2º e 4º pisos do bloco B3, com capacidade entre 100 e 250 pessoas. Todos são equipados com Datashow e sistema de som integrado. Além disso, a faculdade possui conexão online por meio de internet *wireless*.

Abaixo, as figuras 12 e 13 mostram em dois momentos distintos os corredores onde estão instalados os equipamentos de internet sem fio.

FIGURA 12 - Corredor de Comunicação social – 2013



Autor: Desconhecido / Acervo: Coordenação acopp

FIGURA 13 - Corredor com alunos da Facopp - 2013



Autor: Desconhecido / Acervo: Assim

A estrutura física não mudou muito; o que melhorou bastante foram os equipamentos. Era uma luta insana; muito complicado. Até então a Comunicação era um curso novo, não fazia parte dos “queridinhos”, como a Medicina. A mensalidade era pequena, então era muito difícil conseguir equipamentos. Usávamos a Betacam, aquelas fitas enormes; era um monstro. Hoje nem se passa na ideia. (CATUSSI, 2014)

FIGURA 14 - Laboratório de TV 1995 -1998



Autor: Desconhecido / Acervo: Coordenação da Facopp

Segundo Miguel (2014), “a Unoeste sempre acompanhou os avanços tecnológicos.” Quando instalada no Campus I, as salas eram mais

antigas. Algumas aulas recebiam o auxílio do retroprojektor, considerado um aparelho moderno para a época. Para Litholdo, “hoje a faculdade tem uma estrutura invejável”. Além disso, “a Facopp também trabalhou para que a estrutura interna fosse crescendo e oferecendo cada vez mais oportunidade do aluno aprender isso eu acho que é uma mudança fantástica”.

Exclusiva da Comunicação Social, a Hemeroteca abriga a coleção de Projetos Experimentais em Publicidade e Propaganda (PEPP) e Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) em Jornalismo, bem como periódicos e obras da área. Recebe diariamente os exemplares do jornal local, que ficam disponíveis aos professores e alunos. Além disso, abriga também o material audiovisual da Facopp, como datashows, microfones, caixas de som, gravadores, câmeras filmadoras e fotográficas. A hemeroteca também é responsável pelo agendamento e retirada de materiais audiovisuais, cadastramento de horas atividades e emissão de certificados dos eventos promovidos pelo curso.

Até 2008, a Facopp era conhecida como “Faculdade de Comunicação Jornalista Roberto Marinho”. De acordo com Trindade (2014), após a sua contratação como coordenadora do curso de Publicidade e Propaganda, surgiu a ideia de criar uma marca para o curso, passando a tratá-lo como Facopp.

Eu pedi para os professores da área de criação, o Xando [Alex Sandro Natsume] e o Pandur [Renato Pandur Maria], que eles fizessem um trabalho de disciplina que desenvolvesse a logo da Facopp. Aí, essa logo ela veio de uma aluna, que foi a Aline Mendes, que se formou em 2009. Só que ela ficou com a ideia. Mas aí teve todo um trabalho do professor Xando e do Professor Pandur pra que essa logo ficasse como ela é hoje. Aí, com a logo, nós começamos a fazer um trabalho de construção de marca, que foi aplicar essa logo nas folhas de prova, aplicar essa logo depois em tudo quanto é lugar que a gente tinha pra começar a trabalhar essa questão de marca mesmo. E hoje essa marca se consolidou. (TRINDADE, 2014)

4.2 Laboratórios

Com o objetivo de consolidar as aulas práticas, a Facopp dispõe de 10 laboratórios onde são desenvolvidas atividades de ensino atrelando teoria à prática, tornando possível a implantação do estágio interno, supervisionado remunerado e supervisionado não remunerado.

Segundo o Projeto Pedagógico de Jornalismo (2013, p.9), ao longo dos anos, os laboratórios foram ampliados em número e em estrutura, além da aquisição de equipamentos atuais para permitir o contato do discente com o mercado de trabalho e contemplar nova demanda.

Bacco (2014) afirma que os laboratórios evoluíram muito ao longo dos anos. “Tudo era diferente; tudo mudou. Mudou a questão de espaço físico, a questão dos equipamentos, e mudou também a questão da organização e sistemática de trabalho.”

4.2.1 Laboratório de TV

Atendendo a toda comunidade acadêmica da Facopp, o Laboratório de TV é responsável pela produção, gravação e edição de vídeos. Supervisionado pela professora Dtda. Thaisa Bacco, está localizado no Campus II da Unoeste, no 4º andar do Bloco B3, na sala 419. Além de possuir dois funcionários contratados (José Edivaldo Silva e Kaito Lomartire), o laboratório também conta com o auxílio de seis estagiários, sendo quatro não remunerados e dois remunerados. Divide-se em três espaços distintos, sendo eles o Estúdio de Gravação, a Sala do Switcher¹³ e a TV Facopp Online.

Segundo o Projeto Pedagógico de Jornalismo (2013), o Estúdio de Gravação conta com uma câmera S-VHS; um monitor de TV; dois teleprompters; dois tripés para câmera de estúdio; dois tripés para iluminação; seis luminárias de luz quente; oito luminárias de luz fria; uma luminária móvel; dois microfones de lapela sem fio; seis microfones de lapela com fio; um fundo infinito; uma mesa; três bancadas; uma escada e uma arara de roupas. A Sala do Switcher possui uma ilha de edição digital; um videotape digital; um notebook; uma mesa de som; um ponto eletrônico; uma mesa de Switcher; cinco monitores de TV; um videocassete; um gravador de DVD; um armário; um telefone; duas caixas de som. Na redação da emissora TV Facopp Online pode-se encontrar dois computadores completos; dois videotapes; dois

¹³ “Sala de controle com mesa de corte. É de onde o diretor de TV e o editor-chefe coordenam as entradas das matérias, dos links e o movimento das câmeras do estúdio.” (BISTANE; BACELLAR, 2005, p.137)

monitores de TV; fitas mini-DV; DVDs e CDs regraváveis; cartões de memória; um leitor de cartão de memória; um armário; dois balcões; duas mesas; um gravador de DVD; um telefone e uma impressora.

Segundo Bacco (2014), quando o curso de Comunicação Social foi implantado na Unoeste, em 1995, o material utilizado no laboratório foi doado pela TV Pontal¹⁴ e TV Fronteira¹⁵. Além disso, tanto o laboratório de TV como o de Rádio, funcionavam no mesmo ambiente. De acordo com Litholdo (2014), “em 1997, quando era aluna, [...] não tinha laboratório de TV [...]. Era uma sala improvisada, onde faziam as gravações. Era bem diferente, mais precário”.

Nas figuras 15 e 16, inseridas logo abaixo, vê-se o laboratório de TV e a Ilha de edição nos primeiros anos de existência da Facopp.

FIGURA15 – Laboratório de TV 1995-1998



Autor: Desconhecido / Acervo: Coordenação da Facopp

¹⁴ Emissora de TV prudentina que ficou no ar de 1990 a 1994, afiliada à Rede Manchete. Foi de propriedade do ex-deputado Paulo Lima.

¹⁵ Emissora de TV prudentina de propriedade do ex-deputado Paulo Lima. Entrou no ar em 1994, logo após o encerramento da TV Pontal. É afiliada da Rede Globo.

Figura 16 – Ilha de edição – laboratório de TV 1995-1998



Autor: Desconhecido / Acervo: Coordenação da Facopp

No caso dos equipamentos, a gente pode ver que foi uma mudança muito grande. Evoluímos e ainda estamos em transição, tanto a questão da aparelhagem utilizada pra edição de imagens com a nova ilha de edição, quanto na parte de estúdio. Reformamos a estrutura [...]. Hoje já trabalhamos com equipamento de qualidade muito melhor. A iluminação era quente, hoje é fria. O fundo, o cromaqui que sempre teve, a gente trouxe a tinta especial, pra poder recortar com uma qualidade bem profissional. Toda parte da fiação elétrica, tudo aquilo foi reformado dando mais segurança a todas as atividades realizadas aqui. O processo de isolamento acústico também foi reformado, tudo isso. (BACCO, 2014)

A TV Facopp Online¹⁶ é um laboratório acadêmico experimental sem fins lucrativos, resultado de dois projetos de conclusão de curso. De acordo com o Projeto Pedagógico de Jornalismo (2013, p.72), a TV tem como missão “[...] ensinar a prática da produção de notícias para uma televisão na web”, priorizando a prestação de serviço à sociedade a partir da prática do jornalismo público.

O projeto piloto foi elaborado em 2005, pelos estudantes da Habilitação em Jornalismo Bruno Dias, Cirilo Dias, Christina Nakandakare e Ana Elise Zogheib. O objetivo inicial do grupo era criar uma plataforma que abrigasse trabalhos científicos dos formandos em Jornalismo e Publicidade e Propaganda. Em 2008 foi viabilizado e implantado um novo projeto elaborado pelos discentes Carolina Rubini, Edislene Vaiandt, Estela Faria e Flávio Veras,

¹⁶ www.unoeste.br/tvfacopp

que deu origem à primeira emissora televisiva universitária do Oeste Paulista: a TV Facopp Online.

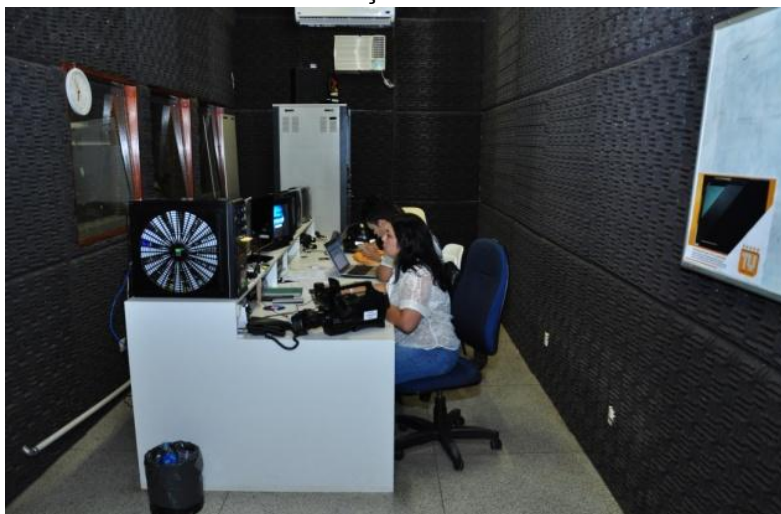
Com o surgimento da TV Facopp Online, o espaço passou a ser insuficiente para abrigar as três atividades em um mesmo laboratório. Assim, o laboratório de rádio ganhou uma nova localização, mais ampla e melhor equipada, e o laboratório de TV passou a funcionar juntamente com a TV Facopp Online, que está no ar desde 12 de maio de 2008. Em 2009, a TV Facopp Online afiliou-se à Associação Brasileira de Televisão Universitária (ABTU), conforme ofício 027/2009 enviado à reitora da Universidade do Oeste Paulista.

Atendendo à sua grade de programação voltada para as áreas de cultura e comportamento jovem, bastidores das áreas de comunicação, entrevistas e também conteúdos noticiosos institucionais, a TV conta com quatro programas periódicos, além de boletins e reportagens curtas que divulgam notícias institucionais da faculdade e de interesse do público-alvo (Notícia em Ação).

Dentre os programas semanais estão o Café com Q (programa que traz de entrevistas com profissionais de Jornalismo e Publicidade e Propaganda), o Login Cultural (que aborda informações culturais e de comportamento), e o Na Prática (que trata de assuntos sobre o mercado de trabalho, assim como relacionados ao meio acadêmico). O “TeleJovem”, webjornal interativo voltado para o público jovem, é exibido a cada 15 dias. O telejornal online exibe quadros que trazem dicas culturais, informações de esportes, temas polêmicos que estão na mídia, atualidades e também a possibilidade do internauta enviar reclamações sobre problemas que atingem a comunidade.

Nas figuras 17 e 18, alunos produzem mais uma edição do telejovem.

FIGURA 17 – Ilha de edição - laboratório de TV - 2013



Autor: Desconhecido / Acervo: Laboratório de Fotografia

FIGURA 18 – Gravação do Telejovem - 2012



Autor: Desconhecido / Acervo: Laboratório de Fotografia

Os alunos de Publicidade e Propaganda desenvolvem no laboratório a área de videografismo. Além disso, é realizado um trabalho acadêmico na atual disciplina de Produção em Multimídia com o nome de Pílula Criativa. Trata-se da produção de vários vídeos que envolvem temas ligados à comunicação, com foco na Publicidade.

4.2.2 Laboratório de Rádio

O Laboratório de Rádio é responsável pela gravação e edição de trabalhos em áudio, realizando a cobertura de eventos, atividades de extensão da instituição e programas especiais de entrevistas. Localizada no bloco B3 do Campus II, 4º piso, sala 417, a rádio tem como coordenador o professor especialista Homéro Ferreira.

Está dividido em três partes. Segundo o Projeto Pedagógico de Jornalismo (2013), a Rádio Web conta com quatro microfones na área de produção de programas, duas mesas de som e dois computadores; a parte de edição e gravação possui três ilhas com três computadores, três microfones, e três mesas de som.

Segundo Ferreira (2014), quando o laboratório foi montado, todo o equipamento era novo. Atualmente, 90% do material permanece o mesmo, uma vez que foi cuidadosamente conservado pelos técnicos que atuam e já atuaram por lá.

FIGURA 19 – Laboratório de Rádio 1995-1998



Autor: Desconhecido / Acervo: Coordenação Facopp

FIGURA 20 – Laboratório de Rádio - 2012



Autor: Desconhecido / Acervo: Laboratório de Fotografia

A Web Rádio Facopp (WRF)¹⁷ nasceu de dois projetos de TCC em Jornalismo, em 2009. O primeiro trazia uma proposta de implantação, e o segundo deu continuidade à ideia, implantando a rádio. Segundo Ferreira (2014), até o semestre passado já foram feitos 263 programas, só na área de jornalismo. No entanto, Ferreira (2014) defende que a tendência é de crescimento em relação à quantidade de programas produzidos, já que o curso de Publicidade e Propaganda está atuando cada vez mais nas atividades de criação radiofônica.

O objetivo é fazer com que o aluno vivencie a prática e não só na disciplina em si, já que convencionalmente fora o rádio é uma plataforma pra outras mídias, especialmente pra televisão. Ele tem uma visão geral, um preparo geral que no desenvolvimento do produto ele também tenha condições de se desenvolver do ponto de vista crítico e reflexivo pra que ele tenha algum resultado. (FERREIRA, 2014)

Com a atuação de dois funcionários (Jesley de Almeida Pereira e Valter Santos), e uma média de 10 estagiários por semestre, o laboratório realiza a cobertura de eventos, atende às atividades de extensão da instituição e realiza programas especiais de entrevistas, onde os ouvintes também têm a oportunidade de participar enviando suas críticas e sugestões.

¹⁷ www.unoeste.br/wrf

O “Frente à Frente” traz entrevistas sobre assuntos relevantes à sociedade por meio de um bate papo descontraído com o convidado. O “Você Online” é um programa informativo de entretenimento. Com bom humor, trata assuntos culturais, e apresenta trabalhos acadêmicos e pessoais dos alunos, que têm o “microfone aberto” nos quadros “Canta Galo” (para os futuros publicitários) e o “Fala Foca” (para os futuros jornalistas). O “Repórter Web” é apresentado em formato de documentário, trazendo reportagens que aprofundam discussões sobre assuntos históricos ou de constantes debates entre a sociedade. O “Jornal Facopp” reporta fatos do cotidiano acadêmico por meio de informações obtidas com universitários, professores e funcionários.

Na área de publicidade e propaganda, por meio de briefings, os alunos elaboraram roteiros e realizam a gravação e edição de spots ou jingles para serem apresentados na disciplina de Produção em Rádio.

4.2.3 Laboratório de Informática

Desde a fundação da faculdade, os alunos já tinham à disposição uma sala de informática que, no entanto, era dividida com outros cursos. Segundo Mancuzo (2014), o laboratório tornou-se exclusivo do curso de Comunicação Social no momento em que o de rádio foi desmembrado do de TV. Ela também afirma que a estrutura atual do laboratório é a concretização de uma aspiração antiga da faculdade.

Mandamos comprar mesinhas normais, mas não deu certo. As mesas quebravam, as cadeiras também. Os computadores as pessoas não cuidavam e ao mesmo tempo a gente estava pensando em ampliar o espaço e sonhava em ter bancadas com computadores, do jeito que é hoje. (MANCUZO, 2014)

Com a ajuda do coordenador geral da FIPP (Faculdade de Informática de Presidente Prudente), Moacir Del Trejo, novos computadores foram requisitados à reitoria, culminando em sua aquisição assim como na permissão para utilizar uma nova sala. Esta foi dividida ao meio para a criação de dois laboratórios, um com 15 computadores *Samsung* (modelo 743 B) e outro 15 *Macintoshs*, ambos com programas que permitem a utilização específica da área como diagramação, uso da imagem, edição de fotos e

vídeos, criação e edição de páginas da web, técnicas de criação e apresentação de slides.

A gente resolveu por porta de vidro porque queria que todo mundo visse aquilo. E agora o nosso projeto é tudo vidro. A gente quer por vidro aqui na TV Facopp para as pessoas verem o pessoal da TV trabalhando. A gente quer por vidro em tudo. Na redação, na Agência, a gente quer mostrar as pessoas. [...] é muito gostoso, porque daí começa a ter cara de corredor de comunicação. (MANCUZO, 2014)

Nas figuras 21 e 22, expostas abaixo, é possível visualizar os laboratórios de informática da Facopp.

FIGURA 21 – Laboratório de Informática - *Macintoshs*



Autor: Rodolfo Lesse / Acervo: Laboratório de Fotografia

FIGURA 22: Laboratório de Informática - Samsung



Autor: Rodolfo Lesse / Acervo: Laboratório de Fotografia

Uma vez que os laboratórios de informática não possuem coordenador, o agendamento para a utilização dos laboratórios é realizado na hemeroteca pelos professores das disciplinas que possuem necessidade da ferramenta no processo de aprendizagem.

4.2.4 Laboratório de Fotografia

Localizado no bloco B3 do Campus II, 4º piso, o Laboratório de Fotografia foi fundado no mesmo ano que a Facopp (1995). Foi implantado na época com máquinas analógicas, com um espaço destinado apenas para a revelação das imagens, com toda a química e equipamentos necessários.

Segundo Miguel (2014), “por algum tempo o estúdio de fotografia ficou junto com o de TV [...]”. Quando a faculdade passou a funcionar no Campus II, os laboratórios foram desmembrados. Quanto aos equipamentos utilizados, Miguel diz que “o estúdio ainda usa os mesmos flashes, mas as câmeras químicas foram trocadas por equipamentos digitais”. Apesar da modernização, a parte histórica do laboratório foi preservada, “pois é bem construtivo para o aluno entender como começou pra saber por que estamos tão avançados.” (MIGUEL, 2014)

Nas figuras 23 e 24, os alunos da Facopp revelam fotografias em duas épocas distintas.

FIGURA 23 - Alunos revelam fotografias 1995 - 1998



Autor: Desconhecido / Acervo: Laboratório de Fotografia

FIGURA 24 – Alunos revelam fotografias em 2011



Autor: Desconhecido / Acervo: Laboratório de Fotografia

O laboratório, que hoje tem como coordenadora a professora Maria Luisa Hoffmann, possui um funcionário para agendamento de atividades (Jorge Aparecido da Silva Souza) e sete estagiários sendo um deles remunerado. Além de ser amplamente utilizado pelo Portal Facopp e pela Agência Facopp na produção e tratamento de imagens, o laboratório atende também às demandas da instituição por meio da Assessoria de Imprensa e Departamento de Marketing quando há necessidade de produção de fotos para eventos e campanhas.

Segundo Jorge Souza (2014), em meados de 2007 a maioria das câmeras já era de filme. Os alunos também tinham disponível uma câmera profissional D40 para produzir fotos digitais no estúdio. “Hoje, eu diria que representava na época 40% do que temos hoje aqui no estúdio.” (SOUZA, 2014)

Abaixo na figura 25, vê-se a laboratório de fotografia e seus equipamentos.

FIGURA 25 – Laboratório de fotografia - 2014



Autor: Rodolfo Lesse / Acervo: Laboratório de Fotografia

Atualmente, os alunos contam com 11 câmeras digitais (uma Nikon D40; uma Nikon D90; duas Nikon D7000; sete Nikon Coolpix) e duas analógicas (Nikon FM2), além de tochas, gruas com tochas e conjunto de radio flash. O estúdio fotográfico possui ainda um fundo infinito de 30m² e várias

possibilidades de troca de cenário; duas tochas Mako 2002 com sobrinha; duas tochas Mako 404 com Hazy; duas gruas com tochas 2002 e 404; um conjunto de rádio flash.

Agora temos estagiários, quatro câmeras profissionais e sete semiprofissionais. De uns anos para cá, a universidade tem investido bastante no laboratório, tanto que nós compramos mais um estúdio novo, sete fundos diferentes de cores diferentes. A estrutura hoje é bastante satisfatória, a da época que eu iniciei, para cá. (SOUZA, 2014)

4.2.5 Agência Facopp

Com o objetivo de aproximar o aluno da realidade de mercado criando a oportunidade para o discente estagiar e conhecer o funcionamento de uma agência de publicidade, a Agência Facopp é coordenada pela professora Dra. Larissa Crepaldi Trindade, e conta com dois estagiários remunerados e seis estagiários não remunerados.

Segundo o ex-diretor do curso, Gilson Catussi (2014), a *House Agency* (Agência Júnior) foi implantada em 1997. No entanto, seu nome logo foi alterado, pois uma Agência Júnior caracteriza autonomia. “Ela teria que constituir CGC¹⁸, ter autonomia para movimentar dinheiro, e a gente não tinha.” (CATUSSI, 2014)

O Nucom (Núcleo de Comunicação) também foi absorvido pela agência, segundo Trindade (2014). Carolina Mancuzo (2014) afirma que este funcionava como um “secretário da coordenação”, realizando trabalhos publicitários da faculdade.

O NUCOM, ele era ali dentro do laboratório de rádio, num espacinho minúsculo que cabiam duas pessoas. E ele não tinha uma atuação significativa dentro da Facopp. [...] a gente trabalhou assim, num processo de restauração nos laboratórios em termos de equipamentos. [...] A Agência, então era simplesmente esse NUCOM, que era feito por um estagiário e um professor. [...] não tinha um formato de agência. (TRINDADE, 2014)

¹⁸ **CGC** é a sigla de **Cadastro Geral de Contribuintes**. O CGC era um cadastro obrigatório criado pelo Ministério da Fazenda (CGC/MF) em 1964 para identificar todas as pessoas jurídicas de direito privado funcionando no País, como também as empresas que, tendo domicílio no exterior, tivessem capitais aplicados no País. FONTE: <http://www.significados.com.br/cgc/>

De acordo com Trindade (2014), a Agência divide-se em atendimento, criação, mídia e planejamento. Com o aumento do número de estagiários e, conseqüentemente, uma melhor divisão das funções, recentemente começaram a desenvolver atividades de rádio e TV na produção de vinhetas e filmagens.

Outras várias atividades são desenvolvidas no laboratório, que atende não apenas o curso de Comunicação Social, mas também os demais cursos da Unoeste na divulgação de eventos específicos, logomarcas ou trabalhos institucionais.

A Agência Facopp também está ligada ao ECO, laboratório de publicações Jornalísticas empresariais.

Quando entra algum trabalho para o ECO, automaticamente a Agência também inscreve esse trabalho como extensão e desenvolve o trabalho publicitário no sentido de divulgar a instituição, angariar fundos, voluntários, mostrar o que é a instituição que muita gente não conhece. Existem muitas siglas e as pessoas às vezes não conhecem o que é aquela associação. Então a Agência tem feito essa parceria com o ECO e tem sido bem legal. (TRINDADE, 2014)

Hoje a Agência conta com sete computadores dotados com softwares constantemente atualizados, três impressoras, um *scanner*, telefone e mobiliário. Nela também são desenvolvidas campanhas institucionais do curso, além de organizar e divulgar eventos internos da Facopp e gerenciar redes sociais da mesma.

Logo abaixo, é possível visualizar na figura 26, as instalações da Agência Facopp.

FIGURA 26 - Agência Facopp



Autor: Rodolfo Lesse / Acervo: Laboratório de Fotografia

A nossa intenção futura é fazer com que a gente coloque uns Macintoshes ali dentro também. Só que hoje a Agência está usando o laboratório de informática, então já que a gente tem um ferramental, o laboratório de Macs está sendo usado pela Agência também pra que eles possam produzir melhor as peças. Então, sem contar que está do lado, a gente acaba tendo uma estrutura melhor até do que o de uma agência externa. (TRINDADE, 2014)

4.2.6 Portal Facopp

Implantado em 9 de maio de 2011, o Portal Facopp¹⁹ nasceu de um TCC do ano de 2010 a partir da necessidade de oferecer aos públicos internos e externos da faculdade um espaço de aprendizado na modalidade de jornalismo online e também para promover um canal de comunicação integrado e moderno. É composto por um estagiário remunerado e quatro estagiários não remunerados.

Na verdade o Portal Facopp é um sonho meu, eu que convidei os alunos a fazerem esse TCC. Eu sempre quis ter um site. A gente tinha um site horrível da Facopp; existia mas não era Portal Facopp. Ele era horrível; preto e vermelho. Eu estava pra sair de licença maternidade, eles (alunos) estavam no 6º termo, aí eu cheguei e perguntei se eles tinham vontade de fazer um TCC assim. Eles abraçaram a causa e fizeram o TCC e desenvolveram o Portal. Com tudo que tinha dentro, foi um TCC super complexo, mas era uma equipe excelente pra trabalhar. (MANCUZO, 2014)

¹⁹ www.unoeste.br/facopp

Por ser a coordenadora do projeto, a professora Ms. Carolina Costa Mancuzo é quem coordena o Portal, cujo objetivo é informar os discentes sobre o que acontece na faculdade e no mercado profissional. Este abriga também outros sites da faculdade, como TV Facopp, WRF (Web Rádio Facopp) E ECO (Laboratório de Publicações Jornalísticas Empresariais Digitais para o Terceiro Setor). Todos os laboratórios e os departamentos de pesquisa e extensão da Facopp também possuem um espaço próprio no veículo.

A fim de ser referência para o público interno e externo, os trabalhos de conclusão de curso (TCCs) também são disponibilizados no portal. Para manter o vínculo com o profissional formado na Facopp, há um espaço dedicado aos ex-alunos. No menu “vagas de estágio”, empresas cadastram suas vagas e os alunos participam da seleção. Os discentes e docentes também têm a possibilidade de enviar suas imagens na faculdade através do “Click Facopp”.

4.2.7 Assessoria de Imprensa

A Assessoria de Imprensa da Facopp (Assim), que nasceu de um projeto experimental realizado em 2009 e trabalha de forma integrada com a assessoria de imprensa da Unoeste. Coordenada pelo professor Dtdo. Roberto Aparecido Mancuzo Silva Junior, o laboratório surgiu a partir da necessidade existente de trabalhar a imagem empresarial da Facopp.

Além de atender às atividades rotineiras da Facopp, a Assim também cobre os eventos da faculdade, realizando um trabalho basicamente interno. Seu objetivo principal é otimizar o relacionamento da Facopp com a imprensa, tanto na oferta de material noticioso a respeito da faculdade, como no atendimento imediato aos meios que necessitem de informações sobre a faculdade.

Há também um objetivo de fazer com que a faculdade de comunicação seja um espaço importante de fonte de notícias para a imprensa, porque nós temos professores aqui altamente qualificados e que podem debater em diversos assuntos dentro das matérias jornalísticas mais diversas que existem, então quando você se coloca como fonte, você abre também caminho pra formação da imagem empresarial. (SILVA JUNIOR, 2014)

Ainda segundo Silva Junior (2014), desde a sua implantação, em 2010, atuam no laboratório estudantes a partir do 5º termo de Jornalismo em formato de estágio não remunerado. São atendidos, em média, quatro estagiários a cada semestre, que têm a oportunidade de cumprir o estágio supervisionado dentro da faculdade, realizando desde produções jornalísticas até clipping²⁰.

Na figura 27, as dependências da Assessoria de Imprensa da Facopp podem ser vistas.

Figura 27 – Assessoria de Imprensa da Facopp



Autor: Rodolfo Lesse / Acervo: Laboratório de Fotografia

4.2.8 ECO

Idealizado por dois TCCs, o ECO é um laboratório de publicações jornalísticas empresariais. Implantado em 2011, é coordenado pela professora especialista Giselle Tomé da Silva, e é viabilizado pelos alunos da Facopp por meio da oportunidade de estágio na área de jornalismo empresarial. De acordo com a professora, o objetivo do ECO é contribuir na conscientização do que é o terceiro setor, quais são as instituições que fazem parte dele, o que elas querem e como ajudar.

²⁰ “Trabalho de recorte do jornal ou revista. O *clipping* nasceu para atender à seleção de notícias para determinados fins, converteu-se em produto, e hoje se encontra nas formas audiovisual, eletrônica e digital.” (JORGE, 2008, p.221)

Os alunos têm contato com todas as instituições de Presidente Prudente e região que se enquadrem no terceiro setor, eles desenvolvem matérias de abastecimento do site e alguns estagiários ficam específicos em algumas instituições. Inicialmente foram o Betesda e o Bezerra de Menezes. [...] No ano passado, o ECO fez parceria com a Agência de Publicidade, e as instituições que atendemos e pudemos verificar que necessitam de material de campanha e divulgação, nós passamos para a agência produzir conteúdo. [...] Nosso objetivo é que os alunos tenham contato com o terceiro setor, que saibam dessa realidade, que aprendam a olhar e pensar em ações de jornalismo empresarial, principalmente de comunicação interna. (SILVA, 2014)

O ECO está voltado para as entidades civis organizadas e proporciona para as entidades um espaço onde elas possam desenvolver a comunicação interna de forma eficaz, levando em consideração a falta de recursos econômicos necessários para desenvolver ações desse porte e também reforçar junto à comunidade o comprometimento de extensão da universidade.

Ele visa proporcionar às entidades atendidas um espaço onde possam desenvolver sua comunicação interna de forma eficaz, levando em consideração a falta de recursos econômicos necessários para desenvolver ações desse porte, além de objetivar o reforço junto à comunidade do comprometimento de extensão universitária da Facopp.

O laboratório já atendeu instituições como a APAE (Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais) de Presidente Prudente, Núcleo Tterê, Fundação Gabriel de Campos e Federação das Entidades Assistenciais de Presidente Prudente (Feapp), Associação Betesda e o Hospital Psiquiátrico Bezerra de Menezes. Atualmente a entidade atendida é a Unipode (União das Pessoas com Deficiência).

Abaixo (Figura 28), a equipe do ECO se reúne.

FIGURA 28 – Coordenadora do ECO - 2013



Autor: Isabela Clebis / Acervo: Laboratório de Fotografia

Embora, seja de grande importância, o ECO não é o único laboratório que possibilita a inserção do aluno em projetos de extensão e pesquisa científica.

Segundo o Guia Gepec (2014), a Iniciação Científica “é um instrumento que permite introduzir os discentes de graduação na pesquisa científica, sendo um instrumento de apoio teórico e metodológico à realização de um projeto que contribua na formação profissional.” Sua finalidade é “despertar vocação científica e incentivar talentos potenciais entre estudantes de graduação universitária, mediante participação em projeto de pesquisa, orientados por pesquisador qualificado”.

Na Facopp, a pesquisa e a extensão são desenvolvidas por meio de dois laboratórios específicos, o Núcleo de Extensão Universitária (NEXU) e o Grupo de Estudos e Pesquisa em Comunicação (Gepec). De acordo com o Projeto Pedagógico de Jornalismo (2013, p.56), a pesquisa “desenvolve-se a partir de iniciação científica e grupos de pesquisa que envolvem professores e alunos.” Ainda segundo o Projeto Pedagógico de Jornalismo (2013), a extensão “oferece estágio e é desenvolvida tanto por grupos de alunos que se inscrevem em projetos de interesse como pelos próprios laboratórios e estagiários da Facopp.”

4.2.9 NEXU

Fundado em 2001 pela professora Dra. Édima de Souza Mattos, o Núcleo de Extensão Universitária (NEXU) monitora as ações extensivas da Facopp. Coordenado atualmente pela professora Mestre Mariângela Barbosa Fazano Amendola, o núcleo realiza a checagem e orientação de cadastros, produtos laboratoriais, projetos de extensão, visitas técnicas, eventos, viagens entre outras atividades.

O Núcleo era formado por um grupo de professores comprometidos com o Ensino, Pesquisa e Extensão da Faculdade de Comunicação Social. Tinha como objetivo principal, promover atividades acadêmicas que visassem ao desenvolvimento cultural e pessoal dos discentes, com aulas de nivelamento de conteúdo e atendimento psicopedagógico. Professores de diversas disciplinas ministravam, semanalmente, em horário diferente das aulas, conteúdos desenvolvidos em sala de aula. Havia, também, um departamento de monitoria, em diversas disciplinas, que proporcionava aos discentes trocarem ideias e experiências entre os colegas. (MATTOS, 2014)

De acordo com o Projeto Pedagógico de Jornalismo (2013, p.56), o principal objetivo do núcleo, junto à Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT), “é institucionalizar as atividades extensivas, projetos e programas, para atender às necessidades da região, enfatizando-se as questões sócio-econômicas, educacionais, ambientais, histórico-culturais e políticas, tendo sempre em vista uma contextualização estadual, nacional e internacional da Unoeste”.

Segundo Amendola (2014), o núcleo de extensão universitária “[...] contribui de forma direta na sociedade”, uma vez que fomenta trabalhos que atendam de forma geral a sociedade acadêmica e externa. Para isso, o núcleo participa de várias atividades extensivas.

Por exemplo, a TV Facopp online, ela sempre apoia um programa de extensão que se chama Agita Pontal que é um programa institucional, não é da Facopp; a Facopp entra como parceira e esse programa ele pretende atender comunidades do sem terras. Já vamos pra terceira edição; a última edição foi em Marabá Paulista e a Facopp vai pra fazer todo atendimento de assessoria de imprensa, colher imagens pra depois produzir o videodocumentário desse evento pra contar a história de como foi. (AMENDOLA, 2014)

Contando com um estagiário por semestre, o Nexu tem planos para o futuro, que já está em fase de contatos. O Vira Galo será um programa

voltado ao curso de Publicidade e Propaganda. Segundo Amendola (2014), a proposta é a criação “de uma agência *pop up* que tem a pretensão de entrar numa certa localidade entender como aquele local necessita de comunicação publicitária e estratégica e oferecer esse serviço pra essa localidade”.

4.2.10 GEPEC

Também coordenado pela professora Ms. Mariangela Amendola, o Grupo de Estudos e Pesquisa em Comunicação (Gepec) trabalha em conjunto com o NEXU, tendo sido também fundado em 2001. É responsável pelo desenvolvimento da pesquisa na Facopp e está cadastrado junto ao Conselho Nacional e Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) com a nomenclatura Comunicação e Cultura.

[...] eu me lembro muito bem que a necessidade da formação de um grupo de estudos era justamente pra fomentar a pesquisa dentro da Facopp. Havia alunos interessados na iniciação científica, mas não havia um grupo temático que conseguisse dar conta de orientar em várias áreas mesmo assim sendo um grupo temático. (AMENDOLA, 2014)

Segundo o Guia Gepec (2014), o objetivo do grupo é proporcionar ao discente um “[...] maior envolvimento dos alunos nas questões que se relacionam com o desenvolvimento da ciência no nosso país”. A atividade se desenvolve através da iniciação científica (desenvolvimento de atividades de pesquisa mediada pela orientação de um docente) e grupo de estudos (reunião de docentes e discentes que discutem um tema específico).

Amendola (2014) explica as etapas da pesquisa:

Tendo em vista que você escolheu um tema, você tem que partir pra uma questão metodológica então. Em cima desse tema você tem que traçar objetivos, justificativa, hipóteses, método, o cronograma de execução. Então tendo todo esse ferramental em formato de pré-projeto você tem possibilidade de iniciar uma pesquisa em iniciação científica. O pré-projeto também é um pontapé para inserção em mestrados e doutorados. Tudo parte de um pré-projeto de uma elaboração e essa elaboração tem que partir de um tema.

Ainda de acordo com a coordenadora do grupo, a Revista Identidade Científica, produzida pelos pesquisadores do Gepec, já está na sua

7ª edição. “[...] é uma revista do grupo; ela nasceu do grupo. Ela já tem registro e ISSN²¹, isso é um avanço. Nós estamos caminhando pra que consigamos um selo de qualidade.” Em maio de 2010 foi lançado o primeiro número da Revista Identidade Científica Online (ISSN 2177-949X).

Conforme cita o Guia Gepec (2014), atualmente a pesquisa é direcionada em cinco linhas para cada habilitação. Em Jornalismo, as linhas de pesquisa são Jornalismo Digital, Jornalismo e Memória, Linguagem e Mídia Jornalística, Fotojornalismo e Fotodocumentação, Imagem e Memória. Em Publicidade e Propaganda, as linhas dividem-se em Comportamento de Consumo, Impactos da Mídia, Linguagem Publicitária, Estudos das Marcas, e a História da Mídia Eletrônica. Além destas, outras duas linhas de pesquisa são direcionadas para as duas habilitações, sendo estas os Estudos da Expressão Fotográfica e Fotografia e Novas Linguagens.

Para Amendola (2014), o grupo é relevante para a sociedade em termos de estudo. “A pesquisa pode gerar extensão e a extensão pode gerar a pesquisa, ou seja, os dois estão absolutamente atrelados e contribuem para a sociedade de formas diferentes.”

Ainda segundo a coordenadora do Gepec, o grupo pretende incentivar futuramente os professores a terem seu projeto docente, não apenas em termos de cadastro. “Eu gostaria de fomentar essa questão de cada professor ou em parceria com outros professores [...]. Em cima desse, surgiriam as pesquisas, e isso seria o ideal.” (AMENDOLA, 2014)

4.3 Estágio

De acordo com o Manual do Aluno (2013), é dever dos discentes cumprir 200 horas de atividades complementares ao longo dos oito semestres. Elas compõem o conteúdo programático dos cursos, sem as quais não há obtenção do grau.

21 “O ISSN é um código numérico que constitui um identificador unívoco para cada título de publicação em série, cujos componentes não têm um significado especial em si próprios. O sistema ISSN é definido pela norma ISO 3297: 2007 - Information and Documentation. International Standard Serial Number ISSN, gerida pelo ISSN International Centre.” Disponível em: http://www.bnportugal.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=154&Itemid=191. Acesso em: 12 abr. 2014.

O estágio pode ser realizado em instituições públicas, privadas ou do Terceiro Setor ou na própria instituição de ensino, em veículos autônomos ou assessorias profissionais. Atualmente a Facopp possui diversos convênios com empresas que oferecem estágios nas áreas das Habilitações de Publicidade e Propaganda e Jornalismo.

O estágio em jornalismo só será estimulado, sendo opcional sua realização, se for acadêmico e supervisionado, desde que desenvolvido através dos Projetos Pilotos propostos no presente Programa Nacional, e se realmente for necessário como instrumento para complementar a formação profissional. Ou seja, o estágio deve ser encarado sempre como um complemento útil e enriquecedor da formação acadêmica do estudante de jornalismo e nunca como uma atividade obrigatória. Para isso, deve desenvolver-se sob a orientação de professores, profissionais e ser fiscalizado tanto pelo Sindicato como pela própria instituição/universidade. O objetivo é evitar que se transforme em infração à legislação que regulamenta a profissão de jornalista e realmente seja mais um instrumento pedagógico. (FENAJ, 2008, p.4)

Segundo o Projeto Pedagógico dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda (2013), o estágio supervisionado obrigatório, em ambos os cursos, tem carga horária de 200 horas e acontece no 7º e 8º termos para que o aluno assimile os conhecimentos aprendidos em aulas e laboratórios.

Os alunos de Jornalismo podem desenvolver a atividade na Redação Facopp, composta pelo ECO, Assim e Portal Facopp, além do Laboratório de Fotografia, WRF, e TV Facopp. Os de Publicidade e Propaganda podem estagiar na Agência Facopp e na TV Facopp. Além dos estágios realizados na dentro da faculdade, de acordo com o site da instituição, a Facopp ainda possui convênio com 36 entidades concedentes. Pode ser realizado através de documentação jurídica da própria faculdade, ou por cadastro do aluno no CIEE²².

Segundo Trindade (2014), a importância do estágio se dá na complementação do ensino em sala de aula.

[...] é o que realmente ele vai fazer não só na prática, mas no mercado; onde acontece de uma forma real, então isso é muito

²² Centro de Integração Empresa-Escola - <http://www.ciee.org.br/portal/index2.asp>

importante. [...] O aluno não pode esperar para terminar o curso para procurar um espaço para desenvolver o conhecimento que ele está adquirindo em sala de aula, porque sala de aula é pouco para ele estar preparado para um mercado, então ele deve dar atenção a isso. (TRINDADE, 2014)

4.4 Aprender Unoeste

Ferramenta para gestão de cursos à distância, semipresenciais e presenciais, o Aprender Unoeste é um software projetado para ajudar educadores a criar, com facilidade, cursos online de qualidade, disponibilizando diversos instrumentos de apoio às atividades acadêmicas.

Por meio deste recurso, também é possível ao corpo docente disponibilizar material didático digitalizado, como apostilas, slides, artigos e simulados de exames.

4.5 Eventos

Por se tratar de um curso no qual a relação teoria x prática é primordial, a formação acadêmica do Comunicador Social não ocorre exclusivamente em sala de aula. Por este motivo, de acordo com o Projeto Pedagógico de Jornalismo (2013, p. 58), durante todo o ano letivo, a Facopp oferece eventos que possibilitam o envolvimento dos discentes nas atividades de monitoria e de todos os laboratórios por meio dos estágios. Com isso, busca-se enriquecer os conhecimentos junto a profissionais da área, acadêmicos e docentes.

4.5.1 Mostra Acadêmica Facopp

Com o objetivo de apresentar à comunidade acadêmica todos os trabalhos práticos produzidos pela Facopp, o evento ocorre no início de cada semestre, e acontece em dois dias da semana. Os professores são encarregados de inscreverem os melhores trabalhos de suas disciplinas para exposição ou comunicação oral. A intenção é valorizar e divulgar os produtos da faculdade e melhorar a qualidade dos trabalhos acadêmicos.

Bacco (2014) afirma que antes de receber este nome, a Mostra Acadêmica passou por reformulações para chegar no formato que é desenvolvida hoje. Começou como Festival do Minuto, onde “os alunos produziam curtas e no final eram premiados”. Mais tarde passou a se chamar Festival Facopp, envolvendo outras produções além dos curta-metragem.

Segundo Trindade (2014), o evento teve início a partir da ideia de duas docentes, ela própria, Larissa Crepaldi Trindade, e Silvia Maria de Campos Fraga. De acordo com Mancuzo (2014), inicialmente eram exibidos os telejornais elaborados pelos alunos 6º termo, coordenados pela professora Ms. Thaisa Sallum Bacco. Posteriormente, outros professores foram convidados pela docente para participarem do evento, que passou a mostrar grande parte dos trabalhos elaborados pela Facopp.

[...] a exibição foi no anfiteatro do HU porque a gente não tinha espaço aqui. [...] a gente foi pra lá com os alunos e os familiares. Porque essa mostra de trabalhos acadêmicos nasceu com a proposta de exibir pra comunidade externa, mas sobretudo pra família. Nasceu assim bem pequenininha. [...] A primeira exibiu dois telejornais, a última que foi a 15ª a gente exibiu telejornal, radiojornal, falamos de jornal impresso e era tanto jornalismo quanto publicidade; envolveu muita gente. O Cesar Cava de 500 lugares ficou lotado, tinha experiências assim da gente receber um público de 500 pessoas. (BACCO, 2014)

Na figura 29 vê-se o público de uma Mostra Acadêmica.

FIGURA 29 – Mostra Acadêmica - 2014



Autor: Desconhecido / Acervo: Laboratório de Fotografia

4.5.2 Semana de Comunicação Social

De acordo com a coordenadora do curso de Publicidade e Propaganda, Larissa Crepaldi Trindade (2014), a ideia de criar esta semana surgiu da necessidade de implantar um momento de debate no curso de Comunicação Social. O evento traz convidados externos para realizar palestras além de oferecer também workshops nas áreas escolhidas pelos alunos por meio de enquete realizada no Portal Facopp.

Segundo Ferreira (2014), a Semana teve início ainda no primeiro ano da Facopp, a partir de sua iniciativa.

No primeiro ano ainda, iniciamos o segundo semestre e eu procurei o professor Carlos Manfrim, que era diretor. Falei que eu gostaria de mobilizar os alunos, mas precisava da autorização dele. Eu sou o criador da Semana [...]. Ele falou que estava autorizado. Aí nós mobilizamos alunos do primeiro e segundo ano [...], e montamos uma comissão. (FERREIRA, 2014)

A Semana tem como característica principal proporcionar maior envolvimento com o mercado de trabalho. Além disso, promove o “Talentos da Facopp” que consiste em incentivar os alunos a exporem atividades que eles desenvolvem fora da faculdade. Essas apresentações variam entre dança, música, *stand up*, teatro, desenho, poesias e demais talentos que possam surgir.

De acordo com Amendola (2014) e Mancuzo (2014), hoje a Semana é estruturada em um modelo pré-moldado, contando com a participação de dois palestrantes de Publicidade, dois de Jornalismo e mais um para tratar sobre pesquisa de extensão. Segundo Bacco (2014), “muitos grandes nomes do Jornalismo passaram pela Facopp.”

As figuras 30 e 31 mostram o público presente em uma das Semanas de Comunicação.

FIGURA 30 – Semana de Comunicação Social



Autor: Raphael Marquezi / Acervo: Laboratório de Fotografia

FIGURA 31 – Semana de Comunicação social - 2013



Autor: Letícia Quirino / Acervo: Laboratório de Fotografia

4.5.3 Top of Mind

Realizado desde 2009, o Top of Mind é um trabalho de pesquisa realizado pelos discentes, e tem como objetivo premiar as marcas prudentinas que foram mais lembradas pelos consumidores em 44 categorias. Após o resultado, a Facopp realiza um evento no Teatro César Cava, no Campus I da Unoeste, convidando os empresários para receberem a premiação.

De acordo com Trindade (2014), o evento também foi apoiado pela Reitoria, que dá todo o auxílio financeiro para a sua realização. Segundo Carolina Mancuzo (2014), o Jornalismo é responsável pela divulgação do evento assim como a sua cobertura.

[...] durante o evento, que começa às 20h30, às 21h30, automaticamente, entre no ar o resultado do Top of Mind no Portal Facopp, o primeiro, segundo e terceiro colocados e qual foi a votação de cada um. É uma produção que é feita um mês antes e fica programada para entrar no ar naquele horário. E um dos picos de audiência é o resultado, pois as empresas buscam. (MANCUZO, 2014)

Catussi (2014) afirma que o evento partiu de uma ideia não original, trazida de Maringá por ele e pela docente Marcela Marino. De acordo com Trindade (2014), o Top of Mind tornou-se realidade a partir de sua própria iniciativa, e ganhou força com o apoio do também docente Anderson Cirilo de Paula Souza. “Aí eu bato no peito, pois era um projeto que todos queriam fazer, mas que ninguém tinha coragem de peitar. É um projeto difícil.” (TRINDADE, 2014)

Nas figuras 32 e 33, momentos do Top of Mind.

FIGURA 32 – Top of Mind - 2013



Autor: Wellington Roberto / Acervo: Laboratório de Fotografia

FIGURA 33 – Top of Mind – Equipe colaboradora - 2013



Autor: Felipe Parron / Acervo: laboratório de Fotografia

4.5.4 Jornada de Comunicação Social

Diferente da Semana de Comunicação Social, que segundo Carolina Mancuzo (2014) “tem um viés mercadológico”, a Jornada de Comunicação Social traz uma mesa redonda, com o objetivo de discutir algum tema específico, abordando temas que envolvem a área. Este formato permite o debate entre docentes, discentes e convidados. Além disso, a Jornada também pode se desenvolver no modelo de palestras com egressos que estão colocados no mercado de trabalho ou ainda a presença de profissionais locais que podem apresentar seus trabalhos com o objetivo de mostrar aos alunos o desenvolvimento da prática profissional local.

No primeiro ano (2008) que foi Jornada de Comunicação, foi mesa redonda de professores. Pegamos um tema, no caso do jornalismo uma matéria que teve grande repercussão na mídia [...]. Foi uma experiência legal. A questão é que nem todos os professores estavam dispostos a ajudar e estar lá na frente. Então decidimos pensar num outro formato. A Jornada é gratuita, ela não pode ser cobrada, não tem esse perfil de cobrança. Por isso, temos que trazer pessoas daqui. (MANCUZO, 2014)

Ainda segundo Carolina Mancuzo (2014), “o intuito da Jornada sempre foi trazer ex-alunos que estão bem colocados no mercado”. Por ser mais recente, alguns ajustes ainda são feitos na estrutura do evento. De acordo com Trindade (2014), atualmente são escolhidos temas comuns para os debates, com palestrantes que se encaixem nas duas Habilitações.

Logo abaixo, na figura 34, o público da Jornada de Comunicação 2013 pode ser visto.

FIGURA 34 – Jornada de Comunicação Social - 2013



Autor: Ademir Vieira / Acervo: Laboratório de Fotografia

4.5.5 Cine Fórum

Desenvolvido para os alunos do 1º ao 4º termo, o Cine Fórum traz filmes que geram uma reflexão crítica. Cada disciplina utiliza o filme como objeto de estudo e análise. O evento ocorre em um único dia, e cada sala assiste a um filme diferente, que é sugerido pelos próprios professores.

Segundo Bacco (2014), no passado já havia atividades envolvendo filmes e alunos, no entanto, isso ocorria devido a disciplina de cinema, existente antes de a grade curricular ser alterada.

Implantamos o Cine Fórum para o tronco comum como sendo um trabalho interdisciplinar. Cada disciplina usa o filme como objeto de estudo e análise. Estamos na quarta versão, como alguns tropeços, por ser início, mas ele engrenou. Hoje ele funciona um único dia em

que todas as salas, de 1º ao 4º termo, assistirem um filme; cada termo um filme diferente [...] sugeridos pelos próprios professores. (TRINDADE, 2014)

FIGURA 35 - Cine Fórum - 2013



Autor: Roberto Kawasaki / Acervo: Laboratório de Fotografia

Após esmiuçar documentos, atas e fotografias, aliou-se todo o conteúdo levantado aos resultados obtidos com as entrevistas realizadas, culminando assim no presente capítulo, denominado Facopp: 19 anos de história.

Por fim, uma vez compreendido os conceitos que se aplicam ao já citado webjornalismo e levantado os fragmentos históricos necessários para a produção da peça prática (*hotsite* Ponto e Vírgula), passe-se então ao planejamento e construção do produto jornalístico ambicionado por esta pesquisa científica.

5 Projeto Editorial do *Hotsite* “Ponto e Vírgula”

5.1 Introdução

Este projeto editorial apresenta-se como a base pensada e o fio condutor de atividades para a concretização do *hotsite* Ponto e Vírgula²³, peça prática deste Trabalho de Conclusão de Curso. Trata-se de um veículo online desenvolvido com o objetivo de difundir no ambiente digital os principais fragmentos históricos da Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho” de Presidente Prudente (Facopp).

Fundada em 1995, a Facopp já formou, até o segundo semestre de 2013, 1.225 alunos, sendo 646 habilitados em Jornalismo e 579 em Publicidade e Propaganda. Possui 34 funcionários; destes, 29 são professores, um colaborador responsável pela hemeroteca e quatro técnicos de laboratórios, espaços acadêmicos que consolidam a prática profissional a partir de estágio interno, supervisionado remunerado e supervisionado não remunerado.

A Facopp é a mais antiga faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente e região, completando, em 2014, 19 anos. A existência da faculdade é justificada por estar localizada em Presidente Prudente, que se configura como polo regional, onde as notícias de toda a região são centralizadas e difundidas em 53 municípios para mais de 800 mil pessoas. A cidade possui três emissoras de televisão, nove emissoras de rádio, um jornal diário principal, um sistema de transmissão de TV a cabo e uma telefonia celular via satélite.

Diante da presença da faculdade na comunidade prudentina e também regional, este projeto editorial objetiva oferecer ao internauta no *hotsite* Ponto e Vírgula, os resultados de um trabalho de resgate dos fragmentos históricos da unidade de ensino, desde sua formação em 1995 até o primeiro semestre de 2014. Para tanto, tomando-se como base os 19 anos da Facopp, providenciou-se antes da execução do produto ações de fundamentação teórica e metodológica, bem como a pesquisa e análise documental e mais de 30 entrevistas com funcionários, ex-funcionários, alunos e ex-alunos.

²³ <http://pontoevirgula.supernovaweb.com.br>

Sem a pretensão em ser um produto finalizado, e daí o nome Ponto e Vírgula, o *hotsite* refaz a trajetória da Facopp a partir de uma abordagem em cuja linha mestra se destaca a evolução de estrutura, ensino, corpo docente e eventos, contadas por aqueles que trabalharam e frequentaram a faculdade. Tal conteúdo é apresentado a partir de unidades jornalísticas textuais, em áudio e vídeo. Não por menos, opta-se por hierarquizar e expor os acontecimentos que merecem destaque a partir das técnicas de jornalismo *online*, em que são privilegiados os recursos multimidiáticos e interativos, no intento de atingir o público que possui interesse na história da faculdade, assim como a sociedade em geral em momentos específicos e intencionais para fins de propagação da imagem empresarial em questão.

5.2 Objetivos

5.2.1 Objetivo geral

O *hotsite* Ponto e Vírgula visa expor ao público interno e externo os principais fragmentos da história da Facopp, além de proporcionar a pesquisa acadêmica e a interação de alunos e egressos com a faculdade.

5.2.2 Objetivos específicos

- Valorizar o legado deixado por alunos e professores pela recuperação de momentos históricos;
- Informar aos interessados sobre os cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda, assim como a sociedade em geral os principais feitos da faculdade;
- Permitir que alunos e ex-alunos, professores e ex-professores, interajam com a faculdade e ajudem a construir a história da Facopp.

5.3 Justificativa

A falta de um produto jornalístico que agrupe e disponibilize os 19 anos de história da Facopp, proporciona a viabilidade do *hotsite* “Ponto e Vírgula”. Além de cumprir este objetivo, a plataforma irá aproveitar o potencial multimidiático e interativo do meio digital. Apesar da Facopp possuir uma plataforma digital (Portal Facopp), esta não contém o histórico da principal faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente e região.

Qualidades como interatividade, baixo custo e fácil acesso por parte do público-alvo, são itens primordiais na forma de exposição da pesquisa. As condições inicialmente desejadas encontraram respaldo nas possibilidades disponibilizadas pela internet e, mais profundamente, em um *hotsite*, uma vez que fazer outro site ou portal sobre a faculdade estaria fora de questão por já existir uma página que trata dos assuntos relativos aos cursos de Comunicação Social. Outro ponto que pesou sobre a possibilidade de criação de uma nova página desvinculada ao Portal Facopp foi a possibilidade de divisão de audiência.

Por possuir características que condicionam os *hotsites* a serem parte de outra página da internet, essa foi considerada a melhor opção, uma vez que o mesmo poderia ficar hospedado no portal oficial da faculdade além de compartilhar a audiência.

O *hotsite* receberá o nome de “Ponto e Vírgula”, sendo uma decisão de comum acordo entre o grupo. Pensou-se em algum título que remetesse à história, levando em consideração que a mesma não termina por aqui; terá continuidade. O ponto e vírgula é um sinal de pontuação que marca uma pausa, maior que uma vírgula, mas não se caracteriza como ponto final.

5.4 Público-alvo

O *hotsite* “Ponto e Vírgula” está direcionado aos alunos e ex-alunos, professores e ex-professores, assim como funcionários antigos e atuais. No entanto, pelo fato da pesquisa estar disponibilizada na internet, a sociedade em geral se caracteriza como um público secundário, tornando-se parte da audiência em potencial.

Para que haja interação do público com o Ponto e Vírgula, serão criados elementos para que esse público ajude a dar continuidade à história da Facopp a partir de seu ponto de vista, como o envio de fotos e comentários, por exemplo.

5.5 Linha Editorial

Trazendo dinâmica e visibilidade a assuntos que antes ficariam juntos a outras temáticas em um site convencional, o *hotsite* é atualmente difundido como meio de promoção no cenário publicitário ou de cobertura especial na área jornalística. Sua estrutura possibilita a criação de uma composição inovadora, pronta para ser usada em novas possibilidades de difusão de conteúdo proporcionadas pela *web*.

O *hotsite* Ponto e Vírgula será hospedado no Portal Facopp, que é uma página institucional, o que também a qualifica como tal. De fato, o interesse da página em divulgar a história da faculdade é valorizar a imagem da mesma e divulgar os feitos da instituição.

Todo o conteúdo baseia-se nos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda, a partir de itens como estrutura física, ensino, docentes, discentes e colaboradores em geral. Composto por relatos históricos, fotos, vídeos e mais informações extraídas de documentos da Facopp, o *hotsite* deste TCC deve trazer ao leitor um resumo interativo da história da Facopp, simples de ser encontrado, manuseado e compartilhado.

Situadas dentro de um contexto histórico, as galerias de vídeos e imagens contarão com legendas para auxiliar na compreensão do público, sendo relacionadas a reportagens e entrevistas. Tal conteúdo é disponibilizado por coordenadores dos cursos de Jornalismo e Publicidade, professores, alunos e ex-alunos.

Também correspondendo a um determinado período da trajetória da faculdade, as reportagens e entrevistas deverão seguir um padrão determinado para a internet, com uma linguagem simples, objetiva e concisa. Seguindo este mesmo estilo, os textos deverão ser editados para que não fiquem tão extensos, sem que se comprometa a profundidade do conteúdo.

Serão apresentados, sempre que possível, na forma de pirâmide invertida, trazendo no início as informações mais relevantes.

Tais medidas se justificam não apenas por facilitar a compreensão do leitor, mas também por conta da luz da tela, que torna a leitura na web desconfortável. Com uma redação clara e de fácil entendimento, tal desconforto é reduzido.

Tomando como referência os conceitos de usabilidade, o *hotsite* Ponto e Vírgula será desenvolvido de maneira que os usuários possam manuseá-lo de forma ágil e simples. Podendo ser definida como um atributo de qualidade relacionado à facilidade do uso de algo, a usabilidade está ligada à sua rapidez e eficiência.

5.6 Estrutura

Hospedado no Portal Facopp, o *hotsite* Ponto e Vírgula é uma página institucional que resume os 19 anos da trajetória da Facopp. Os menus se dividirão em:

- História Contada;
- Estrutura;
- Quem Ensina;
- Eventos;
- Sala de Aula.

O menu História Contada traz entrevistas com professores, ex-professores, funcionários, alunos e ex-alunos que relatam, com seu ponto de vista, os fatos mais marcantes que vivenciaram na Facopp. Em Estrutura, o usuário encontra a evolução que a faculdade passou ao longo dos seus 19 anos, sua transição do Campus I para o Campus II, com destaque para os laboratórios. No menu Quem Ensina, é encontrada a trajetória curricular dos atuais docentes da faculdade. Em Eventos, o público tem acesso aos principais encontros, semanas especiais e feiras promovidas pela faculdade ao longo do

ano. Clicando em Sala de aula, o leitor encontrará o que é ensinado nas áreas de Jornalismo e Publicidade, atrelando teoria à prática.

5.7 Projeto Gráfico

O projeto gráfico deste *hotsite* foi elaborado pelos próprios alunos do grupo. O *webdesigner* Márcio Camacho foi o responsável pela elaboração desta plataforma. O logotipo (figura 36) foi desenvolvido pela Agência Facopp, inspirado no próprio nome do *hotsite*.

FIGURA 36 – Logotipo do *hotsite* Ponto e Vírgula



Fonte: Agência Facopp

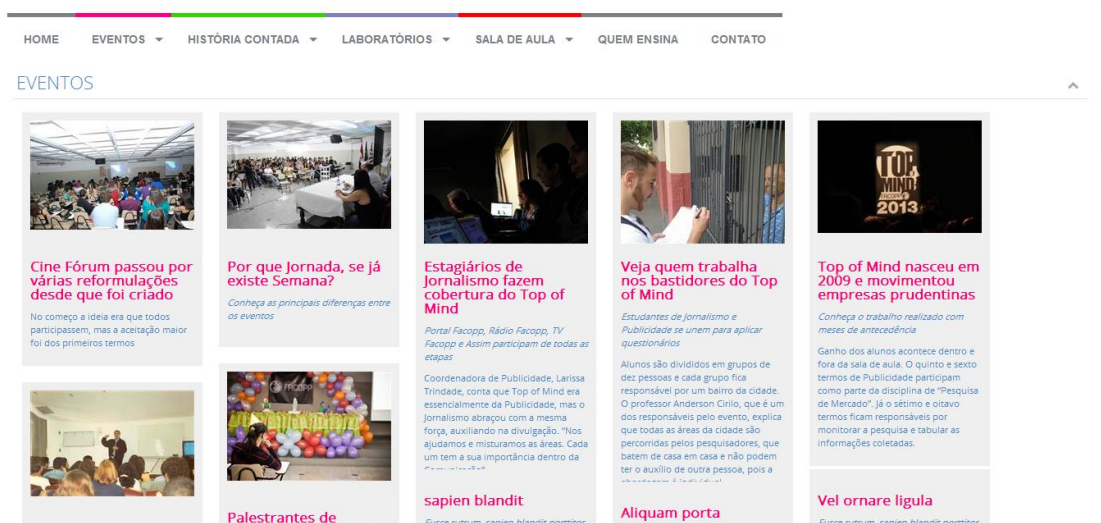
As cores preta e branca foram escolhidas para o logotipo com o objetivo de remeter ao da Facopp (figura 37).

FIGURA 37 – Logotipo do Portal Facopp



Fonte: <http://www.unoeste.br/facopp/index.php>

As notícias que estarão na capa do *hotsite* ficarão dispostas em formato de mosaico. Caso contenha imagem que a ilustre, a mesma ficará no topo. Caso contrário, o título ocupará este espaço. O *layout* está nas figuras 38 e 39.

FIGURA 38 – Parte de baixo da capa do *hotsite* Ponto e Vírgula

Fonte: <http://pontoevirgula.supernovaweb.com.br/default.aspx>

FIGURA 39 - Formato de disposição das notícias dentro do menu



Fonte: <http://pontoevirgula.supernovaweb.com.br/default.aspx>

Os textos das páginas internas são pretos sobre um fundo branco, tamanho 12pt. Nesse cenário, será dada visibilidade aos títulos (16pt, negrito). Já as fontes não têm serifa (tahoma) e as imagens estarão dispostas sempre no lado esquerdo da página.

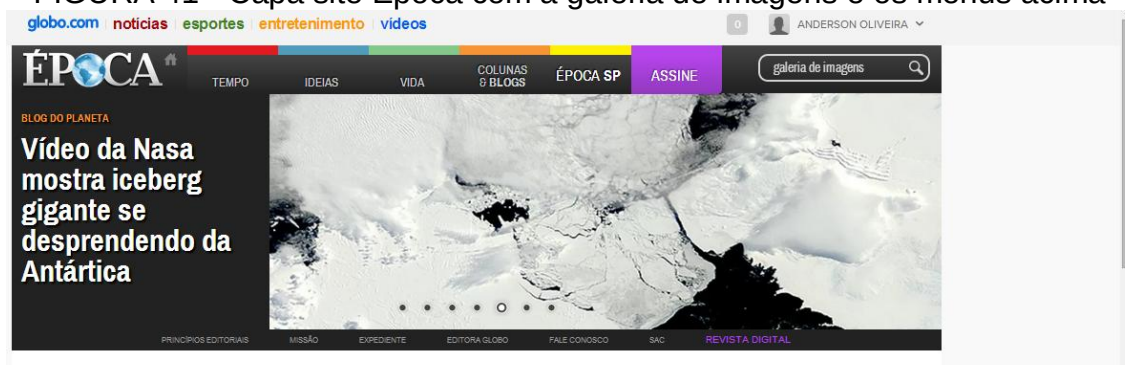
Para a galeria de imagens, optou-se para o modelo do site (figura 40) que foi tomado como exemplo (Figura 41).

FIGURA 40 - Capa Ponto e Vírgula com a galeria de imagens



Fonte: <http://pontoevirgula.supernovaweb.com.br/Default.aspx>

FIGURA 41 - Capa site Época com a galeria de imagens e os menus acima



Fonte: <http://epoca.globo.com/>

5.8 Recursos Financeiros

Para administrar os gastos gerados pelas peças teórica, prática e de logística, o grupo trabalhou com a contribuição mensal no valor de R\$ 50,00 para cada pesquisador. O valor total arrecadado chegou à R\$ 2.500,00, levando em conta que, nos meses de dezembro de 2013 e janeiro de 2014, a contribuição foi maior que o estimado. Todos os dados foram devidamente

anotados pela aluna Ana Cláudia, para que a prestação de contas pudesse ser feita com o grupo.

Para a produção do Ponto e Vírgula, está previsto um gasto de R\$ 1.200,00. Este valor envolve apenas o desenvolvimento da página. A sua hospedagem no Portal Facopp ficará sob responsabilidade da universidade, não tendo custos. A logo do *hotsite* também não gerou gastos para o grupo, pois a mesma foi criada por estagiários da Agência Facopp, a pedido da professora orientadora Carolina Mancuzo.

Para a impressão da peça teórica, o grupo desembolsará a quantia aproximada de R\$ 1.100,00.

5.9 Recursos Humanos

A realização do trabalho é de responsabilidade do grupo: Ana Cláudia Morais, Caroline Fachiano, Hélio Gustavo de Andrade, Isabela Clebis e Lidiane Marques. A produção de textos, entrevistas e sua decupagem foram divididas entre todos os alunos, que foram orientados pela professora e coordenadora do curso de Jornalismo, Carolina Zoccolaro Costa Mancuzo, e coorientados pelo professor Roberto Aparecido Mancuzo Silva Júnior.

O *hotsite* foi desenvolvido através de um serviço terceirizado desenvolvido pelo *webdesigner* Márcio Camacho. Além disso, o grupo ainda contou com o auxílio dos estagiários da Agência Facopp, que criaram a logo da peça.

6 MEMORIAL DESCRITIVO

6.1 Escolha do Grupo, Tema e Peça Prática

Inicialmente, os alunos Ana Cláudia Moraes, Caroline Fachiano e Hélio Gustavo formaram um grupo com o intuito de produzir um Trabalho de Conclusão de Curso. No entanto, em um momento posterior, as alunas Lidiane Marques e Isabela Clebis juntaram-se aos demais integrantes. Deste modo a equipe definitiva estava completa.

A participação de mais dois integrantes foi necessária, diante da percepção do grupo sobre a complexidade do tema. Entendeu-se que o número máximo de pesquisadores permitido pelo regulamento seria necessário para a execução da grande quantidade de trabalho a ser realizado durante a execução do projeto.

Foi possível visualizar, no andamento deste TCC, que atuar em conjunto exige uma grande carga de perseverança, além da compreensão das limitações e qualidades individuais. Isto implica, por exemplo, nos acontecimentos de diversos momentos, onde foi necessário reorganizar as atividades, como análise documental, entrevistas e corte teórico, que estavam a cargo de cada um para que ao final elas pudessem estar em consonância com o que havia sido proposto pela orientação.

Trabalhar em grupo permitiu o crescimento individual dos pesquisadores. O respeito, a tolerância, a união e a solicitude puderam ser vivenciados. A reunião de tantas personalidades pode ter reflexos positivos importantes e foi sempre este o propósito do grupo. Um deles, por exemplo, foi a canalização para a escolha do tema e da peça prática. Ou seja, era preciso superar as preferências individuais para se pensar em algo que tivesse um denominador comum.

A princípio, pensou-se em reformular o Portal Facopp, que é um veículo institucional e tem a função de informar aos graduandos de Comunicação Social, bem como professores e funcionários, acerca das atividades que são realizadas na Facopp e sobre os acontecimentos mais relevantes.

O grupo conversou com a professora responsável pelo Portal, Carolina Mancuzo, porém foram orientados a considerarem um novo tema, uma vez que, para esta intenção, seria necessário ter alguma vivência no veículo, o que não era o caso desta equipe, pois nenhum integrante havia estagiado no laboratório.

Entretanto, a professora, que também é coordenadora do curso de Jornalismo, e posteriormente viria a ser orientadora desta turma, mencionou que não havia na Facopp nenhum material que contasse sua história desde o início e que os documentos existentes se encontravam em diferentes locais. Nessa mesma conversa informal, então, foi discutida a pertinência da criação de um produto virtual que justamente abarcasse todo o material existente e o *hotsite* surgiu como uma opção viável de execução. Inicialmente, intentou-se reunir no espaço toda a história da Faculdade de Comunicação “Jornalista Roberto Marinho” de Presidente Prudente, mas isto foi repensando. Primeiro pelo tempo disponível de pesquisa para uma trajetória vasta e, depois, do próprio grupo, que além das atividades acadêmicas possui responsabilidades empregatícias.

A partir das considerações apresentadas acima, decidiu-se produzir um trabalho tendo jornalismo *online* como temática, a Facopp como objeto de estudo e um *hotsite* como peça prática. Neste momento, também foram considerados pontos que envolviam justificativa, objetivos e metodologia. Esta tarefa culminou em um pré-projeto, avaliado pela banca de qualificação de TCCs da Facopp, no dia 15 de outubro de 2013, ainda quando o grupo cursava o sétimo termo de Jornalismo.

No entanto, desde a decisão sobre o que fazer, até a conclusão do pré-projeto, dificuldades referentes aos conteúdos sobre internet e seus desdobramentos foram o maior empecilho encontrado. Pois os autores inicialmente levantados para suporte de compreensão sobre o tema, haviam publicados suas obras há mais de dez anos. Por a *web* estar em constante mudança e aperfeiçoamento, obras com mais de uma década são comumente consideradas obsoletas.

Após estes desafios, o pré-projeto foi apresentado à banca e recebeu diversas considerações, especialmente quanto à validade dos conceitos apresentados e a amplitude em se contar toda a história da

faculdade em um período de tempo relativamente curto. Neste sentido é que se propôs, e isto foi acatado pelo grupo, que o *hotsite* contivesse fragmentos escolhidos intencionalmente pelo grupo das várias fases de existência da instituição. Isto, aliado ao fato de que o *hotsite* poderá ser atualizado de acordo com desenvolvimento Facopp, proporcionou a viabilidade de execução do TCC. A orientação ficou a cargo da professora Carolina Zoccolaro Costa Mancuzo.

Após a banca, o grupo deu continuidade aos trabalhos para que o mesmo fosse aperfeiçoado e cadastrado como projeto de pesquisa na Universidade do Oeste Paulista (Unoeste), da qual a Facopp faz parte, e também na Plataforma Brasil para que passasse pelo crivo do Comitê de Ética em Pesquisa. Neste processo, a professora orientadora já havia sido contatada para auxiliar na execução destes procedimentos. Um detalhe é que, já no primeiro encontro, ela propôs que o professor Roberto Mancuzo Junior, passasse a ocupar função de coorientador, justamente no corte teórico, o que foi aceito prontamente. Ao mesmo tempo, os alunos passaram, então, a se ocupar do TCC em si e também do cadastramento deste enquanto projeto de pesquisa.

6.2 A Coleta de Dados

Encerrada as atividades do ano letivo de 2013, a faculdade entrou em recesso escolar e o grupo cometeu um erro grave. O mês de dezembro de 2013, que deveria ter sido utilizado pelo grupo na catalogação de conteúdo bibliográfico, não foi. E com isso, muito conteúdo ficou acumulado para o mês de janeiro de 2014.

Outro problema, que também retardou o processo de coleta de dados, é que orientadora do grupo nunca havia feito cadastro de projetos experimentais na Plataforma Brasil. Por isso um procedimento que deveria ter sido realizado no ato do cadastro, no mês de outubro de 2013, acabou sendo finalizado apenas dia 18 de dezembro de 2013. Um reflexo importante desta ação foi o impedimento de realização das entrevistas, uma vez que é necessária a aprovação do projeto de pesquisa por esta plataforma, para que estes trabalhos sejam realizados. Com isso, o grupo limitou-se a buscar

bibliografias referentes ao tema, com foco principal no campo do universo online.

A professora orientadora Carolina Mancuzo, durante o mês de janeiro de 2014, enviou por e-mail um cronograma com livros, artigos e nomes de autores que deveriam estar no trabalho, além de orientações que deveriam ser seguidas durante a realização da pesquisa. Com isso, algumas reuniões foram realizadas para designar as tarefas que cada um deveria desenvolver.

Ficou decidido que o aluno Hélio Gustavo seria responsável pela redação do trabalho, uma vez que ele já estava habituado a este campo. Os outros integrantes da equipe fichariam e enviariam conteúdo para o mesmo confeccionar o trabalho, que depois seria também revisto. Porém, o grupo foi surpreendido com a notícia de que Hélio estava de mudança para a cidade de Bauru.

O comunicado gerou um clima de apreensão. Porém, Hélio tranquilizou os colegas e reafirmou seu compromisso e sua vontade em desempenhar um bom trabalho. Ficou acordado que ele viria à Presidente Prudente semanalmente para assistir às aulas e participar das orientações com os professores. A comunicação entre o grupo e todas as decisões a serem tomadas, enquanto Hélio estivesse em Bauru, seriam efetuadas via Facebook, e-mails, Skype e telefone.

Com o início do ano letivo, em fevereiro de 2014, aconteceu também a primeira orientação. Pouca coisa do que foi orientado no início de janeiro foi realizada e a pesquisa entrou em atraso. Alguns ajustes foram necessários e a divisão de tarefas foi reorganizada. O nome do trabalho também foi alterado, para ficar mais condizente com o tema. O título que, a princípio era “Hotsite Facopp: Um resgate histórico no universo online” passou a se chamar “A Recuperação Histórica de uma Faculdade de Comunicação Disponibilizada no Ambiente Virtual”. Contudo, no decorrer do trabalho, a pedido do coorientador, o nome foi alterado mais uma vez e passou a se chamar definitivamente “Ponto e Vírgula: a recuperação de fragmentos históricos da Facopp disponibilizados em um hotsite”.

Havia também uma lacuna quanto à peça prática, o *hotsite*. As definições encontradas pelo grupo, como dito anteriormente, eram antigas, se

considerada a velocidade em que a internet se reinventa, por isso, era preciso encontrar um autor que pudesse explicar ao grupo acerca do tema.

Como o autor Bruno Rodrigues já havia sido citado no pré-projeto, e após pesquisas, constatou-se que seu nome como referência na área, o grupo decidiu procurá-lo. A professora orientadora tinha em seus contatos eletrônicos o endereço de e-mail de Bruno, o qual foi fornecido à aluna Ana Cláudia com o intuito da mesma estabelecer comunicação entre as partes. Como ele reside na cidade do Rio de Janeiro, ficou inviável a ida do grupo até lá, então, o aluno Hélio Gustavo realizou a entrevista com o autor via telefone.

Todavia, era necessário também buscar mais conteúdo sobre o objeto de estudo: a Facopp. E isso não foi problema. Enquanto o aluno Hélio Gustavo escrevia a parte teórica do trabalho em sua casa, na cidade de Bauru, as alunas Ana Cláudia Moraes, Caroline Fachiano, Isabela Clebis e Lidiane Marques pesquisavam nos documentos que estavam na sala da coordenação da Facopp a história da mesma. Entre os documentos pesquisados e fichados estavam atas de reuniões, projetos pedagógicos, cartas escritas por antigos diretores, folders de eventos realizados pelo curso, entre outros.

Em meio a essas pesquisas, outros dados eram coletados em conversas informais com professores e coordenadores. Dados que, posteriormente, foram apurados pelos pesquisadores. Neste momento, também foi elaborada a lista com pessoas que fizeram parte da história da Facopp e que deveriam ser entrevistadas, inicialmente composta por 48 ex-alunos, 11 ex-diretores e ex-coordenadores e as duas atuais coordenadoras.

No mês de março de 2014, o grupo recebeu o parecer final e com ele a aprovação. A partir daquele momento, a pesquisa com história oral poderia ser iniciada.

6.3 Entrevistas

Os primeiros contatos com as pessoas que participaram da história da Facopp foram realizados por telefone e também por meio de plataformas digitais como Facebook, e-mail e Skype.

O grupo definiu junto aos orientadores que ex-alunos a cada cinco turmas seriam selecionadas para as entrevistas. Inicialmente quatro ex-

alunos de cada habilitação, Publicidade e Propaganda e Jornalismo, foram escolhidos. E como critério de seleção, contavam a proximidade e colocação no mercado de trabalho. Foi decidido também que todos os ex-coordenadores seriam entrevistados, além dos atuais, professores supervisores de laboratórios da Facopp e funcionários da mesma. Essa formação permaneceu até o começo das entrevistas.

A aluna Ana Cláudia ficou responsável por confeccionar as pautas e enviá-las para a orientadora fazer a correção, bem como entrar em contato com os entrevistados para adquirir informações preliminares.

No entanto, ao dar início às entrevistas, foi notada a dificuldade que o grupo enfrentaria com relação à quantidade de pessoas a serem entrevistadas. Além disso, os horários do pesquisador responsável não batiam com o horário que o entrevistado dispunha e outros percalços também contribuíram para a demora na pesquisa. Com isso, algumas entrevistas precisaram ser remarçadas.

Como foi o caso da entrevistada Maristela Coimbra, aluna da quinta turma. Ana Cláudia havia entrado em contato com a mesma e agendado a entrevista para uma quinta-feira, às 17h30, na casa da ex-aluna. Ao chegar ao local, na hora marcada, ela não se encontrava e não atendia ao celular. Após esperar por 30 minutos, Ana Cláudia deixou o local para tentar contato posterior e remarcar a entrevista. O que aconteceu duas semanas após a primeira visita, em decorrência da rotina agitada da ex-aluna.

Com o ex-aluno Antônio Girotti, conhecido por padre Tutti, a entrevista foi reagendada duas vezes, sendo que foi concedida na sacristia da Igreja Nossa Senhora do Carmo, minutos antes do início da missa dominical.

Com o aluno da primeira turma Rildo Herrera, demorou um pouco mais. Ele, que é casado com a também ex-aluna da Facopp Carin Ferraz, é natural de Presidente Prudente, mas mudou-se para Cabo Frio, no Rio de Janeiro, por causa de seu trabalho. Com ele, o contato começou por meio de sua esposa, que foi entrevistada pelo Skype. Todavia, os horários em que Rildo poderia dar a entrevista não coincidiam com os horários do grupo. Ficou acordado então que se a responsável não pudesse fazer as entrevistas e outro membro do grupo dispusesse de tempo, o mesmo faria. O objetivo maior era

realizar o trabalho e com eficiência. No caso de Rildo, a entrevista foi realizada quase um mês após o primeiro contato com sua esposa.

Mas o grupo não parava. Enquanto se esperava o agendamento de uma entrevista, outra já estava sendo feita. E para que o máximo de informações possíveis fossem coletadas era o entrevistado quem escolhia o melhor local para realizá-la. Algumas aconteceram na casa do entrevistado, outras na biblioteca da Universidade, na Assessoria de Imprensa da mesma, no laboratório de Rádio, em um Café da cidade, em uma das emissoras de TV local e na recepção do único jornal local.

O professor Paulo Henrique de Barros Miguel, que ministra aulas de fotografia na Facopp desde a primeira turma, recepcionou as alunas Ana Cláudia e Isabela Clebis em seu estúdio de fotografia. Ele, que também reagendou por duas vezes a entrevista, mostrou às alunas um dos equipamentos que era utilizado pelos professores no início do curso de Comunicação, o Projetor de Slides.

Todas as entrevistas eram gravadas, em celular ou gravador de mão, para que posteriormente fossem decupadas. E esse trabalho era feito paralelo às entrevistas, pelas quatro alunas no grupo. Em média, cada entrevista tinha duração de 30 a 40 minutos, algumas chegaram a uma hora.

As pessoas tinham muito a falar sobre a Facopp. E isso deixava o grupo feliz. Entretanto, fazer a decupagem das mesmas levava algum tempo. Uma entrevista com duração de 40 minutos demorava, em média, três horas para ser transcrita literalmente.

A locomoção também foi um ponto difícil. No grupo, apenas a aluna Isabela Clebis dispunha de veículo próprio, fator que obrigava a marcação de algumas entrevistas de acordo com seus horários, pois a mesma auxiliava no transporte até os locais de difícil acesso por meio de transporte público.

Diante de todas essas situações, o grupo precisava se posicionar. Foi então que em uma orientação, foi colocado aos professores orientadores que o número de pessoas escolhidas para serem entrevistadas estava longe de ser alcançado, e os motivos foram expostos. Com isso, a orientadora Carolina Mancuzo decidiu diminuir o número de entrevistados para três ex-alunos por habilitação em cada turma escolhida e permanecer o com o número

de ex-coordenadores e funcionários da Facopp. As entrevistas então continuaram a serem feitas e transcritas.

Entretanto, mais um dos objetivos do grupo não foi alcançado. Entrevistar os ex-alunos de Publicidade. O grupo partiu do ponto em que as entrevistas começariam a ser realizadas com as pessoas que estivessem mais próximas. Isso permitiria que o andamento das mesmas acontecesse de forma mais rápida e que, paralelo a isso, as pessoas que deveriam ser entrevistadas, mas que estavam em outras cidades ou que fossem mais difíceis de contatar, seriam procuradas.

Todavia, o grupo encontrou primeiro e com mais facilidade, ex-alunos de Jornalismo. Com isso, o tempo para buscar os egressos de Publicidade não foi suficiente e o grupo conseguiu entrevistas apenas os ex-alunos de Publicidade da 25ª turma.

No entanto, mesmo que o tempo hábil não fosse suficiente, o grupo não poderia simplesmente descartar tais entrevistas. Preocupada com esse questionamento, a aluna Ana Cláudia entrou em contato com a professora orientadora sobre o que fazer. Foi orientado então, que os contatos continuassem a ser feitos, mesmo que posteriormente à entrega da peça teórica para avaliação da banca de qualificação.

Entrevistar ex-coordenadores foi um pouco mais fácil. Contudo, a tarefa não foi realizada com êxito. Como dito anteriormente, eram um total de 13 pessoas, entre ex e atuais coordenadores. Destes, nove foram entrevistados. A professora Astrogilda Beneli não pôde colaborar com a pesquisa, pois, segundo ela, havia muito tempo em que se afastara da Facopp e por isso já não se lembrava sobre dados acerca da mesma. Preferiu não conceder a entrevista.

Quanto professor Carlos Alberto Vicchiatti, o grupo foi informado sobre sua atuação na pró-reitoria de graduação do Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino (Unifae), em São José da Boa Vista (SP). Após muitas tentativas, o aluno Hélio Gustavo conseguiu uma entusiasmada resposta positiva em relação à entrevista. No entanto, a entrevista tratou de poucos pontos, já que no mesmo dia o professor Vicchiatti estaria saindo em uma viagem ao exterior.

E quanto aos ex-coordenadores Sandra Nascimento e Guaracy Carlos da Silveira, o grupo não conseguiu estabelecer contato com elas dentro do prazo estimado.

Todos os atuais professores da Facopp foram entrevistados pela aluna Caroline Fachiano. Foi ela, que ficou responsável pelo menu “Quem Ensina” da peça prática deste TCC e falou com os professores acerca de sua carreira profissional para produzir conteúdo para o menu. Essas entrevistas porém fazem parte do conteúdo da peça prática apenas. Assim como as entrevistas realizadas pelo estudante Hélio Gustavo para o menu “Sala de Aula” do *hotsite*.

6.4 Peça Prática

Quando o tema e a peça prática do projeto foram decididos, a aluna Ana Cláudia entrou em contato com um amigo que estava formado em Sistemas de Informação, para que ele construísse o *hotsite*. Isso aconteceu no mês de dezembro de 2013. Porém, nenhum contrato foi assinado e isso também foi um grande erro do grupo, embora os orientadores houvessem chamado atenção para este risco.

No mês de março de 2014, um novo contato foi feito com a pessoa que havia aceitado construir o *hotsite*. Entretanto, ela informou que estava com muitos trabalhos e que não iria conseguir desenvolver tal projeto. Como não havia nenhum contrato assinado, o grupo viu-se obrigado a buscar outro profissional.

A orientadora já havia comentado com o grupo sobre uma empresa que era conhecida da universidade por desenvolver trabalhos na plataforma digital. Por sorte, ao entrar em contato com a empresa, o desenvolvedor Márcio Camacho se disponibilizou a prestar tais serviços na data estipulada. O grupo começou então a desenhar os *rafs*.

Um primeiro modelo foi pensado de acordo com o padrão executado pelo jornal Folha de S. Paulo em um de seus *hotsites*, onde uma linha do tempo, igual ao de uma edição em TV, mostrava todos os acontecimentos passados. Entretanto, ao mostrar o modelo para o

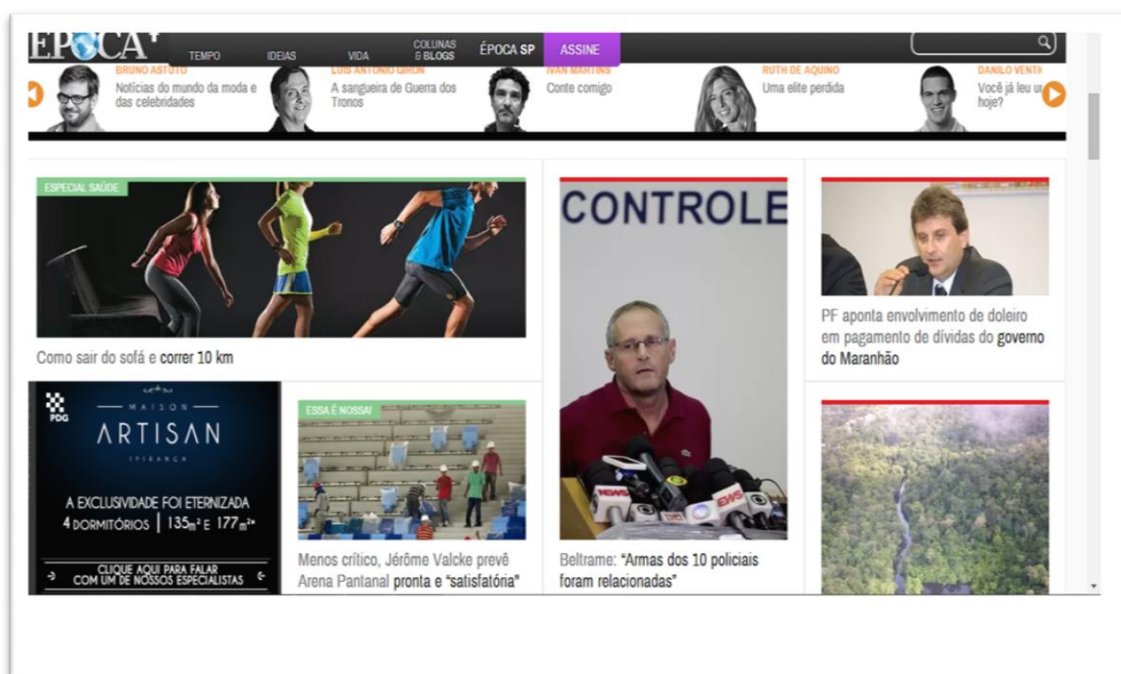
desenvolvedor, foi aconselhado que o grupo mudasse. Outro site então ficou como base, que foi o da Revista Época, conforme as figuras 42, 43 e 44.

FIGURA 42 – Capa do site da revista Época



Fonte: <http://epoca.globo.com>

FIGURA 43 – Capa do site da Época com rolagem para baixo



Fonte: <http://epoca.globo.com>

FIGURA 44 – Imagem de como a notícia fica disposta na página do site da Época



Fonte: <http://epoca.globo.com/vida/copa-do-mundo-2014/noticia/2014/04/menos-critico-Jerome-valcke-preve-arena-pantanal-bpronta-e-satisfatoriab.html>

Junto ao aluno Hélio Gustavo, a professora orientadora construiu o primeiro *raf* (figura 45) para o *hotsite* em um programa de computador. O mesmo foi enviado ao Márcio, que começou a desenvolvê-lo na internet.

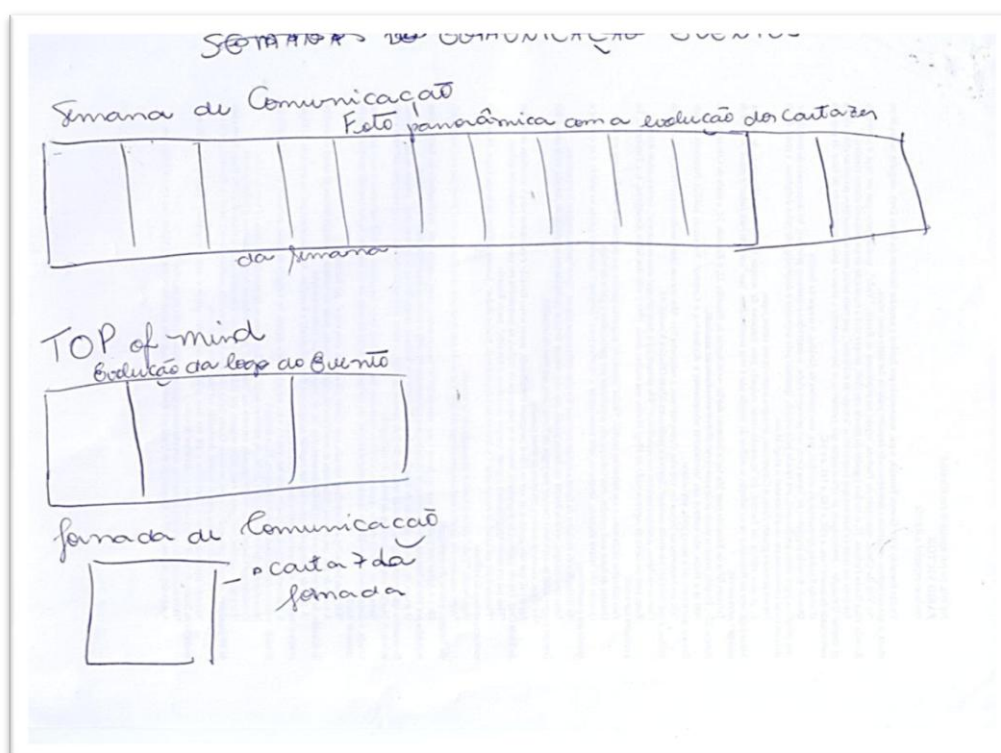
FIGURA 45 - Primeiro Raf produzido pela professora orientadora e pelo aluno Hélio Gustavo



Fonte: Produção dos autores

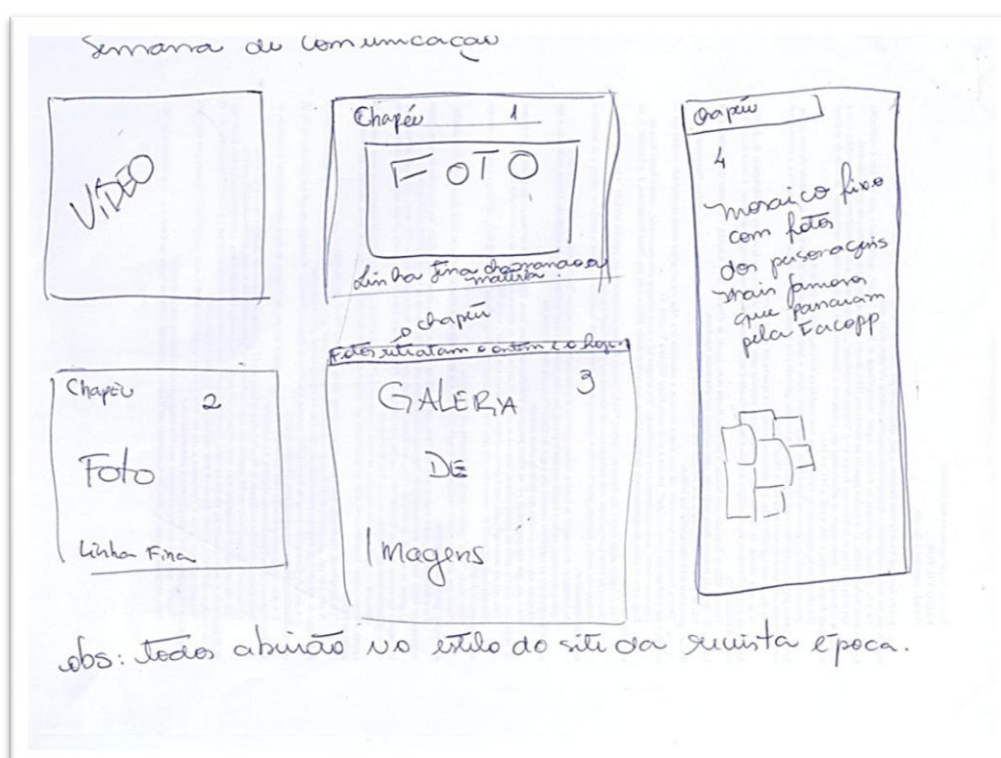
Entretanto, a orientadora pediu que o grupo desenvolvesse melhor as páginas internas. O grupo então começou a desenhar página por página, pensando nos mínimos detalhes. Abaixo estão alguns modelos dos *rafs* projetados pelo grupo. Nas figuras 46, 47, 48, 49, 50 e 51.

Figura 46 - Raf da página do menu Eventos



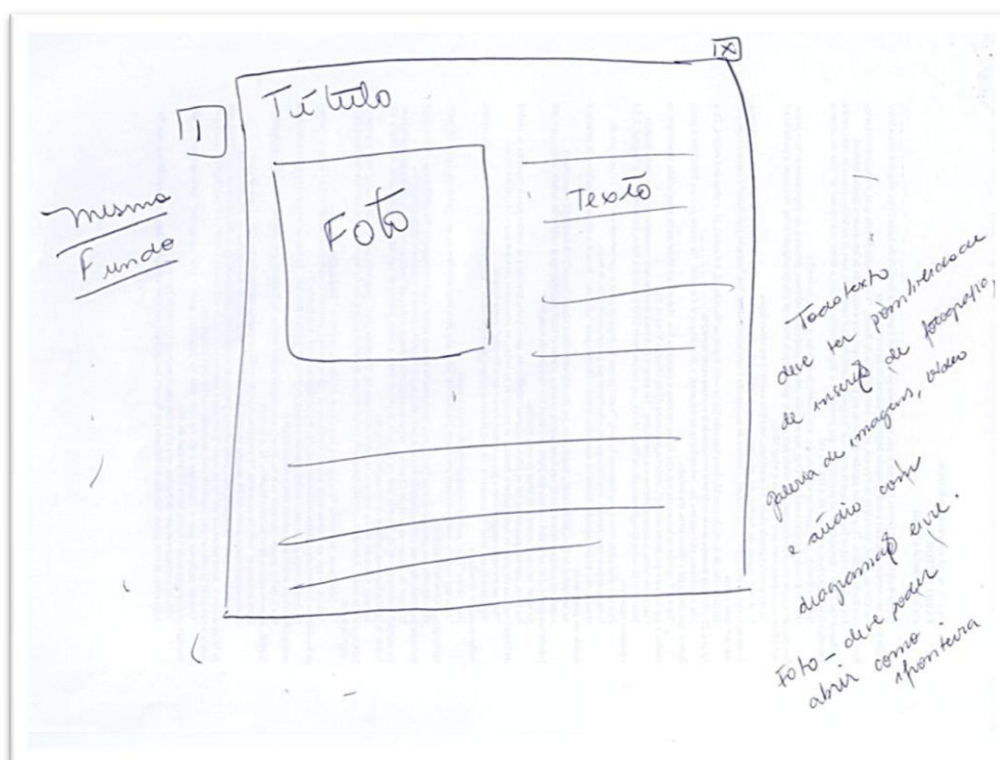
Fonte: Produção dos autores

Figura 47 - Raf da página do evento Semana de Comunicação



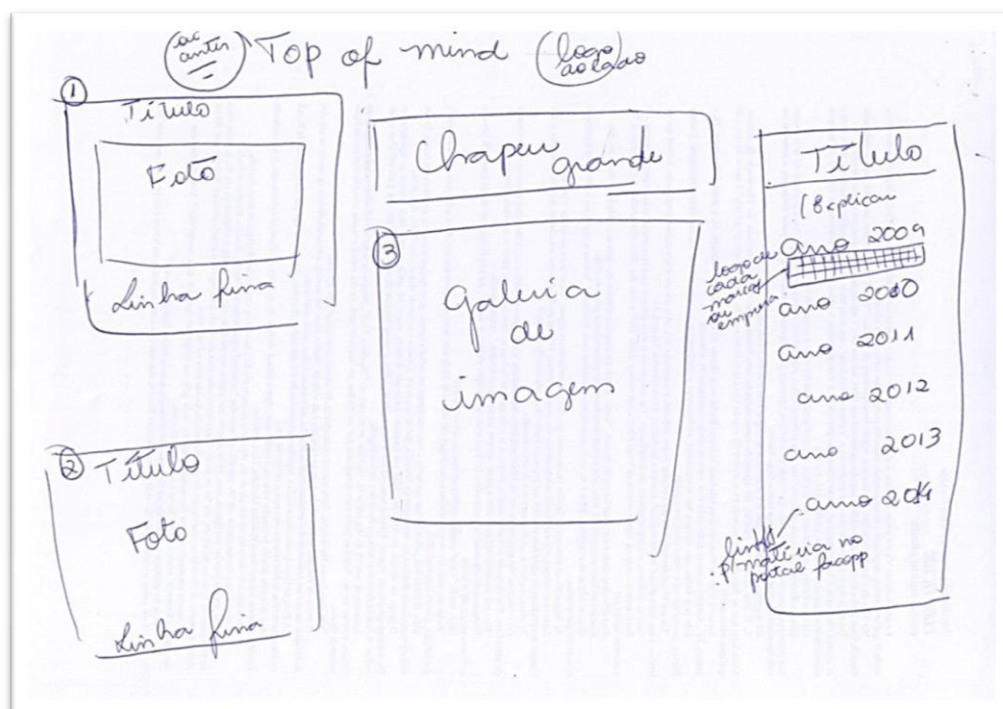
Fonte: Produção dos autores

Figura 48 - Formato de disposição das notícias dentro do *hotsite*



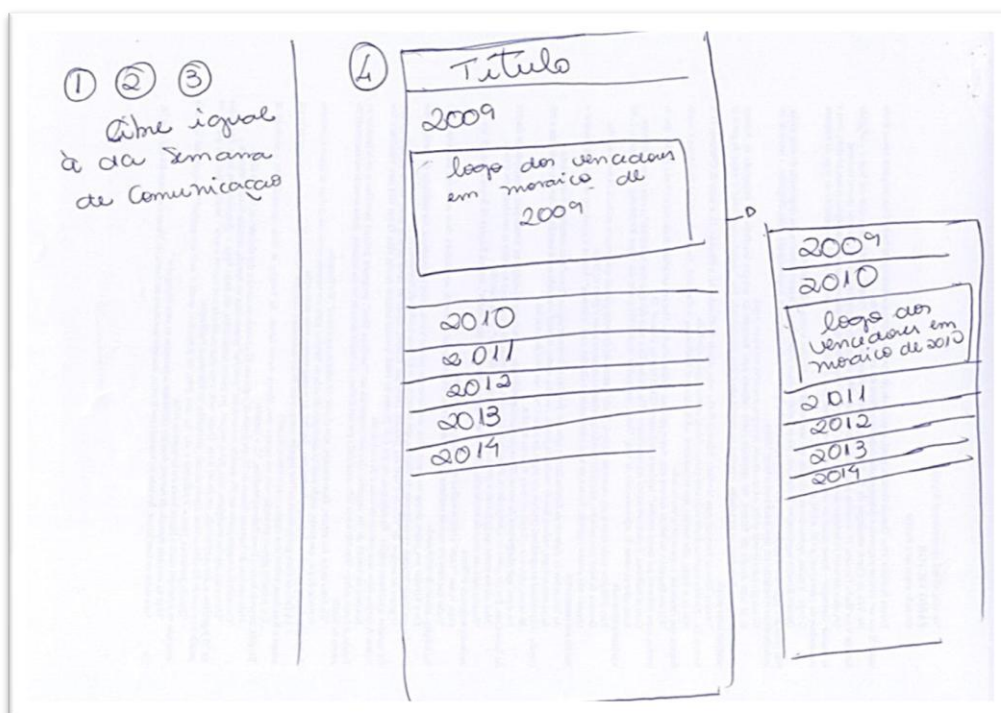
Fonte: Produção dos autores

Figura 49 - Página do evento Top of Mind



Fonte: Produção dos autores

Figura 50 - Formato de disposição das notícias dentro do menu de eventos Top of Mind



Fonte: Produção dos autores

Figura 51 - Página do menu História Contada



Fonte: Produção dos autores

Feito esse trabalho, uma nova reunião foi marcada com o desenvolver para apresentar as ideias que o grupo havia tido para as páginas internas do *hotsite*. E mais uma vez o tempo estava contra a realização do trabalho. Ao apresentar as ideias ao Márcio, a equipe foi informada de que era quase impossível desenvolver aquele trabalho no prazo estipulado. Com isso, os alunos voltaram ao primeiro *raf* e mantiveram a ideia original, baseados no site da Revista Época.

O desenvolvedor começou então a criar a página. Os pesquisadores, junto com a orientadora e coorientador, decidiram então criar o nome para o *hotsite*. Vários nomes surgiram, entre eles Facopp 19 anos, Túnel do Tempo e Fundo do Baú, mas era preciso buscar uma denominação que fosse original e remetesse à peça prática. Pensou-se em “Ponto e Vírgula”, pois, como o tema é um resgate histórico de uma faculdade de comunicação, supõe-se que ela não tenha um ponto-final, mas uma continuação.

Com o nome já decidido, era hora de criar a logo para o *hotsite*. A orientadora então entrou em contato com os estagiários da Agência Facopp e solicitou que eles criassem o desenho. Quatro modelos foram enviados para a escolha. No entanto, a arte criada pelo estagiário Ismael Rodrigo (figura 52) foi a escolha unânime entre pesquisadores.

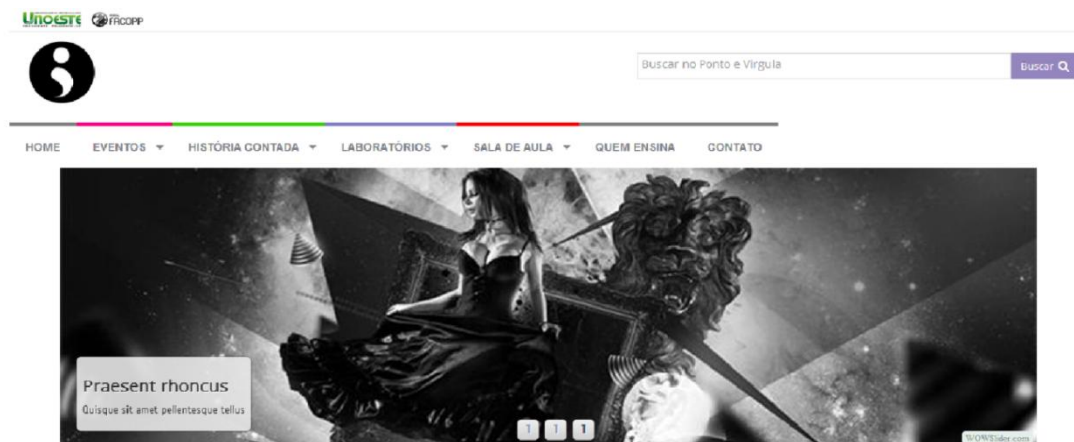
Figura 52: Arte escolhida com o nome do *hotsite*



Fonte: Agência Facopp

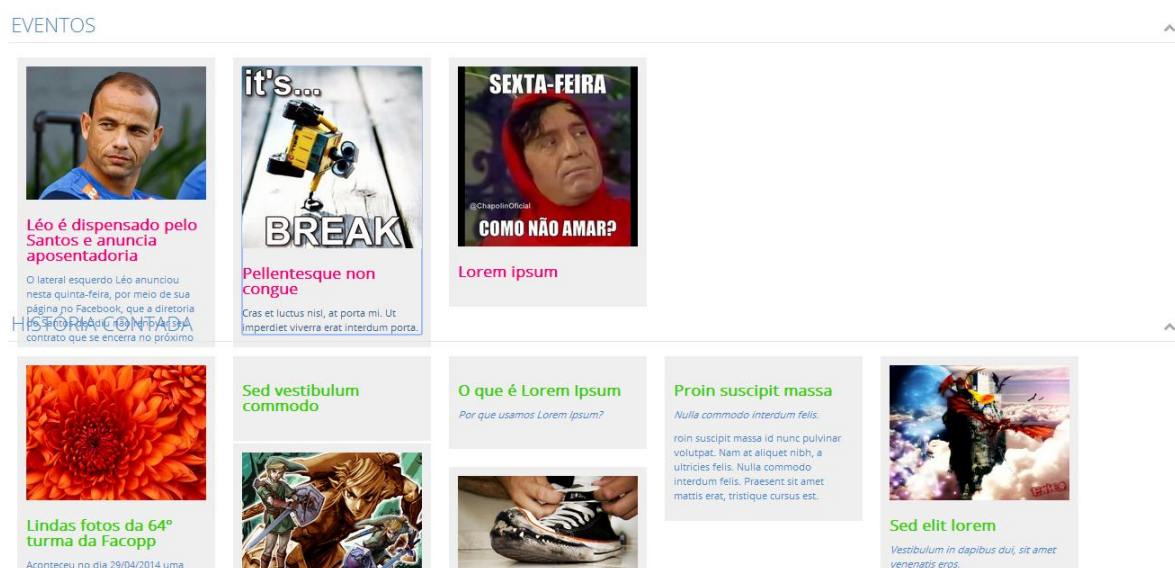
Uma nova reunião com o desenvolvedor Márcio foi realizada para que a página, ainda que superficial, fosse apresentada aos alunos e orientadores. Como se visualiza na figura 53.

Figura 53 - Capa com a galeria de imagens e os menus acima



Fonte: <http://pontoevirgula.supernovaweb.com.br/default.aspx>

Figura 54 - Parte de baixo da capa do *hotsite*



Fonte: <http://pontoevirgula.supernovaweb.com.br/default.aspx>

Figura 55 - Formato de disposição das notícias dentro do menu que foi selecionado



Fonte: <http://pontoevirgula.supernovaweb.com.br/default.aspx>

6.5 Redistribuição das Tarefas e Produção de Conteúdo

O mês de março chegava ao fim e com ele a aproximação do dia da apresentação do projeto de pesquisa à banca de qualificação. Em uma das orientações semanais, os professores orientadores foram incisivos sobre as responsabilidades do grupo, pois o mesmo estava muito atrasado, tanto em conteúdo para o *hotsite*, quanto em produção teórica.

Foi preciso então otimizar tempo e, mais uma vez, redistribuir as tarefas. Com isso, o aluno Hélio Gustavo, que estava responsável pela produção teórica do conteúdo da pesquisa, passou a ficar responsável apenas pelos capítulos um, dois, três e sete que até o momento não estavam finalizados e pelos pós e pré-textuais. A aluna Isabela Clebis assumiu os capítulos quatro e cinco, assim como o projeto editorial, e Ana Cláudia responsabilizou-se por escrever o capítulo seis.

A partir disso, o conteúdo para os menus, que já estavam definidos para o *hotsite* começariam a ser produzidos. Cada aluno ficou responsável por um menu. Hélio ficou com o menu “Sala de Aula”, Caroline com o menu “Quem Ensina”, Lidiane com o menu “Laboratórios”, Ana Cláudia com o menu “Eventos” e também “História Contada”, por ter realizado a maioria das entrevistas.

Com isso, ficou decidido que, por bem, pelo menos até o grupo organizar as informações que já tinham em mãos, as entrevistas seriam interrompidas.

E cada pesquisador começou a desenvolver sua parte para compor o conteúdo do *hotsite* e enviá-lo para a professora orientadora fazer a correção. Percebeu-se então a escassez de imagens antigas que eram necessárias para contar a história da Facopp, uma vez que, durante as entrevistas, os alunos pediam arquivos que os entrevistados guardassem sobre a Facopp, mas nem todos dispunham desse material. Por diversos motivos, alguns ex-alunos não tinham boas recordações do período de graduação, outros simplesmente não se atentaram a registrar tal período da vida e por isso não tinham nenhum material. Outros se esqueceram de enviá-los, por mais que os alunos insistissem em lembrá-los, eles não o fizeram. Mas alguns se lembraram e enviaram os arquivos e isso ajudou e muito na composição do *hotsite*.

Ana Cláudia e Caroline Fachiano, realizaram então uma busca na hemeroteca da Facopp e no laboratório de fotografia. Na hemeroteca encontravam-se várias fitas em VHS e DVDs com vídeos diversos sobre a Facopp. Contudo, não havia fotos que retratassem a Facopp desde seu início e o tempo não era suficiente para decupar os arquivos em vídeo encontrados, pois eram todos vídeos brutos, sem nenhuma edição.

Já no laboratório de fotografia, o funcionário responsável Jorge Souza, também conhecido com Jorge Flash, emprestou algumas dezenas de CDs com imagens de eventos e de alunos realizando trabalhos na Facopp desde o ano de 2008. Caroline Fachiano ficou então responsável por separar as fotos que fossem úteis para o resgate histórico.

A banca de qualificação dos trabalhos aproximava-se e era necessário testar o *hotsite*. Com o conteúdo em mãos, a orientadora começou a abastecer a página e como a mesma estava em fase de testes, alguns erros foram detectados. Com isso, o desenvolvedor foi contatado para realizar as melhorias necessárias e aprimorar as páginas, tanto internas quanto a capa e galeria de imagens.

6.6 Finalização do Trabalho

Faltando uma semana para a entrega do trabalho, ainda havia conteúdo a ser produzido. O capítulo 4, 5 e 6 estavam sendo finalizados, junto com as considerações finais.

Devido a todos os contratempos pelo qual o grupo passou, o mesmo chegou ao questionamento quanto ao resultado da pesquisa. Em conversa com o coorientador, a hipótese de concluir que não era possível recuperar a história da Facopp no prazo estipulado foi mencionada, todavia o coorientador tranquilizou o grupo afirmando que deveria ser trabalhado o que o grupo havia conseguido até ali, uma vez que foi proposto resgatar fragmentos da história da Facopp, o que foi realizado.

O grupo então buscou finalizar e padronizar todas as entrevistas realizadas e os textos que iriam compor a peça prática.

Como resultado da grande quantidade de tarefas para um curto período de realização, a equipe finalizou a primeira versão do Trabalho de Conclusão de Curso a ser enviado para os professores João Paulo Batista Bezerra e Maria Luisa Hoffmann (membros da Banca de Qualificação), às 17:00 horas no dia 28 de abril de 2014.

Os membros da Banca de Qualificação, realizada no dia 06 de maio, consideraram que o projeto possuía as condições necessárias para ser apresentado para a Banca de Defesa, os professores João Paulo e Maria Luisa Hoffmann, fizeram diversas considerações e apontamentos sobre os itens que deveriam ser corrigidos no trabalho. Além de sugestões que poderiam melhorar o conteúdo do mesmo.

Após esta etapa, o grupo buscou arduamente atender todos os requerimentos da Banca. Em alguns casos, como entrevistas com personagens específicos não houve sucesso. No entanto, a equipe visualiza ter sanado todos os pontos em aberto do presente trabalho.

Desse modo, a equipe acredita ter produzido uma pesquisa com a qualidade necessária para apresentar a Banca de Defesa.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Trabalho de Conclusão de Curso “Ponto e Vírgula: A recuperação de fragmentos históricos da Facopp disponibilizados em um *hotsite*” teve por objeto de estudo a história da Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho” de Presidente Prudente (Facopp) e como tema o estudo do Jornalismo Online.

Por a Facopp estar próxima de completar vinte anos de existência, e não possuir sua história compilada em um local fixo e sim fragmentada em diversos locais. Foi considerado plausível pelo grupo, recuperar jornalisticamente dados dispersos sobre a faculdade e reuni-los em um espaço virtual, neste caso um *hotsite*.

Assim, o trabalho em questão vislumbrou atender este objetivo proposto, sendo que tanto a escolha do tema estudado assim como o objeto de estudo e a plataforma de disponibilização do conteúdo levantado para o público foram definidas ainda na fase de pré-projeto, no segundo semestre de 2013. Porém, estes fatores de delimitações da pesquisa não foram o suficientes para tornar a mesma menos complexa. No decorrer do desenvolvimento, surgiram novas inquietações e objetivos secundários, como a necessidade de entrevistar pessoas que fizeram parte da história da Facopp, os caminhos a serem percorridos para armazenar e divulgar a história da faculdade e a obrigatoriedade de seguir os padrões de apuração e investigação aprendidos no curso de jornalismo, pontos que além de dar sustentação ao objetivo principal, contribuíram para tornar este TCC mais denso do que o previsto originalmente.

A complexidade do trabalho empreendido pelo grupo se ampara na importância que a Facopp possui no cenário educacional do Oeste paulista, já que trata-se da primeira e maior escola de Comunicação Social da região, e que desde 1995, forma jornalistas e publicitários que atuam não só nesta parte do estado de São Paulo, mas que acaba por alocar-se em diversos pontos do país. Deste modo, a reunião de memórias e fragmentos históricos torna-se uma atividade expressiva, já que a instituição não possui os dados referentes à sua trajetória compilados em um só lugar.

Logo de início já se sabia que tal trabalho necessitaria de muito planejamento, já que as informações a respeito da faculdade encontravam-se dispersas, documentadas ou não. Neste último caso, muito mais em domínio de memória das pessoas que fizeram parte da história da instituição. Era de conhecimento também que produzir em jornalismo online significa adentrar em um campo onde as premissas em termos de linguagem e padrões jornalísticos ainda sofrem com mudanças constantes. Neste sentido, além da observação atenta ao escopo teórico no campo do jornalismo online, um ponto importante a ser destacado refere-se ao cuidado inicial de definição da metodologia do trabalho científico, referendada neste estudo por meio de obras e autores usados regularmente para o campo da Comunicação. Abordagens, métodos e técnicas de coletas de dados proporcionaram ao grupo a execução do trabalho de forma organizada e objetiva.

Em outras palavras, enquanto os livros garantiram a sustentação teórica do tema de pesquisa, destaca-se o enriquecimento do TCC e da peça prática a partir das técnicas de pesquisa utilizadas. Trata-se de uma consideração importante ao final deste trabalho porque junto com o conhecimento da prática jornalística online e a pesquisa e análise documental, as 31 entrevistas feitas com alunos, ex-alunos, professores, coordenadores, ex-coordenadores e funcionários em geral foram os passos iniciais para a concretização da peça prática, que de início pretendia reunir toda a história da Facopp, mas que depois concentrou-se em operar com fragmentos, intencionalmente escolhidos, justamente por conta da amplitude de informações geradas ao longo de 19 anos de história.

Quanto à peça prática (*hotsite* “Ponto e Vírgula”), pontua-se que a mesma teve no projeto editorial criado, e exposto no capítulo 5, a proposta de divulgação e preservação dos fragmentos históricos recuperados, além da apresentação de um panorama genérico dos principais acontecimentos da faculdade. Em ambos os casos, a internet desempenhou um papel fundamental, pois por meio da plataforma escolhida, todo o conteúdo levantado pelos pesquisadores foi inserido na rede mundial de computadores, aproveitando-se assim as possibilidades da *web* para criação de menus que agrupem e divulguem cada particularidade de um assunto. Não menos importante, destaque é dado quanto à preservação dos dados pesquisados e

colhidos, situação em que a internet tem papel fundamental, amparado na capacidade da mesma proporcionar o contato com uma grande quantidade de entrevistados, e em funcionar como um repositório digital, ou seja um arquivo permanente no ambiente virtual.

Como exposto no Memorial Descritivo, para realizar todas as tarefas necessárias que envolviam a pesquisa proposta, foi preciso dominar itens como apuração e cruzamento de fatos, seleção de dados e titulação e redação jornalística online. Assim, surgiu a oportunidade de colocar em prática por parte dos autores os preceitos da profissão de Jornalismo. Este domínio, aliás, possibilitou a aplicação de entrevistas mais adequadas além de um cuidado maior na apuração de dados.

No momento de disponibilização do conteúdo recuperado para o público, outras técnicas também aprendidas em sala de aula foram preponderantes. Em verdade, ao escolher um veículo da *web* para divulgação dos resultados da pesquisa, sabia-se da necessidade de uso das práticas do jornalismo online, mas um fator relevante é que ao finalizar o *hotsite*, e até mesmo durante sua produção, observou-se quão efetivos são estas ações enquanto fomentadoras de uma comunicação jornalística diretamente ligada ao público de interesse. Não por menos que o *hotsite* “Ponto e Vírgula” primou pela observância de padrões que vão desde o cuidado com a quantidade de toques, diagramação, até ao inevitável uso de *hiperlinks*, recursos multimidiáticos e de interatividade.

Este grupo de trabalho acredita, portanto, que alcançou o objetivo proposto, não só em âmbito de conhecimento e preparação para o mercado de trabalho, mas ao conseguir recuperar fragmentos históricos da Facopp, organizá-los e disponibilizá-los em um *hotsite* para o acesso não só do público interno como da sociedade em geral.

Concluí-se então, ser viável a utilização da internet como repositório dos fragmentos históricos da Facopp e também como caminho de divulgação dos mesmos, recuperados com a finalidade de preservar a identidade histórica da faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente.

Assim, completa-se com a satisfação pessoal, já que acredita-se ter contribuído de algum modo com a melhoria da faculdade e também da

Unoeste, além de esperar que posteriormente novos pesquisadores possam aproveitar o conteúdo levantado para assim prosseguirem com a fixação da memória da Facopp, agregando novos capítulos à caminhada acadêmica da instituição.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rosental Calmon. **Jornalismo digital: Dez anos de web... e a revolução continua.** Braga, 2006. Disponível em: <<http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/comsoc/article/view/1157>>. Acesso em: 02 mar. 2014.
- AMENDOLA, Mariângela Barbosa Fasano. **Entrevista com a coordenadora do GEPEC.** Entrevista concedida a Ana Claudia Morais da Silva, 20 mar. 2014.
- ANDRÉ, Débora Costa. **Entrevista com aluna da primeira turma da Facopp.** Entrevista concedida a Hélio Gustavo da Silva Andrade, 19 mar. 2014.
- AZEVEDO, Aryovaldo de Castro. **Tendências da Comunicação Publicitária na Era Digital.** Intercom, set. 2006. Brasília Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1097-1.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2014.
- BACCO, Thaísa Sallum. **Entrevista com a coordenadora da TV Facopp.** Entrevista concedida a Hélio Gustavo da Silva Andrade, 17 mar. 2014.
- BALDESSAR, Maria José; ANTUNES, Thomas Michel; ROSA, Gabriel Luis. **Hipertextualidade, multimidialidade e interatividade:** três características que distinguem o Jornalismo Online. Universidade Federal de Santa Catarina, 2009. Disponível em: <http://www.abciber.com.br/simposio2009/trabalhos/anais/pdf/artigos/5_jornalismo/eixo5_art22.pdf>. Acesso em: 09 abr. 2014.
- BASTOS, Helder. **Ciberjornalismo: dos primórdios ao impasse.** Universidade do Porto, 2007. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bastos-helder-ciberjornalismo-dos-primordios-ao-impasse.pdf>>. Acesso em: 07 mar. 2014.
- BECEGATO, Georgiane. **Entrevista com aluna da primeira turma da Facopp.** Entrevista concedida a Ana Claudia Morais da Silva, 19 fev. 2014.
- BISTANE, Luciana; BACELLAR, Luciane. **Jornalismo de TV.** São Paulo: Contexto, 2005.
- BONI, Paulo César. **A fotografia como mídia visual da recuperação histórica de Londrina.** Intercom, ago. 2007. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/5o-encontro-2007-1/A%20fotografia%20como%20midia%20visual%20da%20recuperacao%20historica%20de%20Londrina.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2013.
- BONI, Paulo César. **Entrevista sobre os primeiros anos da Facopp.** Entrevista concedida a Ana Claudia Morais da Silva, 15 maio. 2014.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembrança de velhos. 14. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

BOSSLER, Ana Paula; CALDEIRA, Pedro Zany; VENTURELLI, Diego. Sites e blogs: definição, conceitos e passo a passo. In: MOURA, Maria Aparecida. **Cultura informacional e liderança comunitária: concepções e práticas**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

CANAVILHAS, João. **Webjornalismo: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada**. 2006. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf>>. Acesso em: 01 mar. 2014.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CATUSSI, Gilson. **Entrevista com ex- diretor do curso de Comunicação Social**. Entrevista concedida a Caroline Feitosa Fachiano, 27 mar.2014.

CESCA, Heliberton. **Uso do hipertexto no webjornalismo: o caso da Gazeta do Povo Online**. Curitiba, 2005. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/cesca-heliberton-hipertexto-webjornalismo.pdf>>. Acesso em: 21 mar. 2014.

COIMBRA, Maristela. **Entrevista com aluno da quinta turma da Facopp**. Entrevista concedida a Ana Claudia Moraes da Silva, 18 mar. 2014.

DANTAS, José Guibson Delgado; RODRIGUES, Emanuelle Gonçalves Brandão; VASCONCELOS, Sara Sterfany de Oliveira. **A comunicação dirigida como ferramenta indispensável na construção institucional da empresa privada**. Maceió, 2011. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-0270-1.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

DIEHL, Astor Antônio; TATIM, Denise Carvalho. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas**. São Paulo: Pearson Brasil, 2004.

DUARTE, Jorge. Entrevista em Profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

FACOPP - FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL “JORNALISTA ROBERTO MARINHO” DE PRESIDENTE PRUDENTE. **Manual do aluno**. Presidente Prudente, 2013. 21 p. Disponível em: <<https://www.unoeste.br/facopp/arquivos/MANUALDOALUNO2013.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2014.

FARIA, Larissa Gomes; MORAES, Érika de. **O impacto do webwriting no discurso jornalístico do meio digital**. Intercom, maio. 2011. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2011/resumos/R24-1183-1.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2014.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS (FENAJ). **Programa Nacional de Projetos de Estágio Acadêmico em Jornalismo**. Versão atualizada. Florianópolis, 2008. Disponível em:

<http://www.fenaj.org.br/educacao/programa_estagio_academico_proposta_jornalistas.pdf>. Acesso em: 14 maio 2014.

FERRARI, Pollyana. **Usabilidade e exercício de jornalismo dentro do formato portal no Brasil**. 2000. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/teixeira-pollyana-exercicio-do-jornalismo.pdf>> Acesso em: 04 abr. 2014.

FERREIRA, Homero. **Entrevista com o coordenador da Web rádio Facopp**. Entrevista concedida a Ana Claudia Morais da Silva, 16 fev. 2014.

FRANCO, Guillermo. **Como escrever para web**: elementos para a discussão e construção de manuais de redação online. Austin: Knight Foundation, 2007.

GEPEC – GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA EM COMUNICAÇÃO. **Guia Gepec**. Presidente Prudente, 2014. 22 p. Disponível em: <https://www.unoeste.br/facopp/arquivos/todos_arquivos/1ecdf9ae86324d8c4e9db3d00b105a84_GUIA_GEPEC.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

GIROTTI, Antônio Sérgio. **Entrevista com aluno da quinta turma da Facopp**. Entrevista concedida a Ana Claudia Morais da Silva, 22 mar. 2014.

GODINHO, Raquel Paiva. **Interfaces da publicidade online**: um estudo de hotspots veiculados no display do portal Yahoo! Brasil. 2010. Porto Alegre: UFRGS. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000754908&loc=2010&l=550c19b9f4c9d718>>. Acesso em: 13 nov. 2013.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

HERRERA, Rildo. **Entrevista com aluno da primeira turma da Facopp**. Entrevista concedida a Ana Claudia Morais da Silva, 27 mar. 2014.

HOFFMANN, Maria Luisa. **Entrevista com a coordenadora do laboratório de fotografia**. Entrevista concedida a Ana Claudia Morais da Silva, 24 mar. 2014.

JORGE, Thaís de Mendonça. **Manual do foca**: guia de sobrevivência para jornalistas. São Paulo: Contexto, 2008.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2009.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LITHOLDO, Lêda Márcia. **Entrevista com professora e ex-aluna da Facopp**. Entrevista concedida a Lidiane da Silva Marques, 19 mar. 2014.

LUNA, Diógenes D`Arce Cardoso. **Entre links e lexias da hipermídia: Um estudo da narrativa do jornalismo na web**. 2007. João Pessoa: UFPB. Disponível em: <<http://bocc.unisinos.br/pag/luna-diogenes-entre-links-e-lexias.pdf>>. Acesso em: 01 mar. 2014.

MANCUZO, Carolina Zoccolaro Costa. **Dados estatísticos sobre a Facopp**. Presidente Prudente. Entrevista concedida a Ana Claudia Moraes, 06 nov. 2013.

MANCUZO, Carolina Zoccolaro Costa. **Entrevista com a coordenadora do curso de Jornalismo**. Entrevista concedida a Caroline Feitoza Fachiano, 04 abr. 2014.

MANFRIM, Carlos. **Entrevista com antigo Coordenador da Facopp**. Entrevista concedida a Caroline Feitoza Fachiano, 22 mar. 2014.

MARIA, Renato Pandur. **Entrevista com professor de Publicidade e Propaganda e ex-aluno da Facopp**. Entrevista concedida a Caroline Feitoza Fachiano, 29 abr. 2014.

MARIZ, Anna Carla Almeida. **Internet e arquivologia: instituições arquivísticas, usuários e lei de acesso à informação**. 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/48652/52723>>. Acesso em: 19 abr. 2014.

MARTINS, Ana Bela; RODRIGUES, Eloy; NUNES, Manuela Barreto. **Repositórios de informação e ambientes de aprendizagem: Criação de espaços virtuais para promoção da literacia e responsabilidade social**. 2008. Disponível em: <<http://repositorio.uportu.pt/jspui/bitstream/123456789/280/2/Repositorios%20Digitais.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2014.

MATTOS, Édima Souza. **Entrevista com professora da Facopp**. Entrevista concedida a Caroline Feitoza Fachiano, 10 abr. 2014.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

MENESES, Renata; PELÚCIO, Igor; RIOS, Riverson. **Elementos de webwriting em sites de compras coletivas do Ceará**. Intercom, jun. 2011. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2011/resumos/R28-0371-1.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2014.

MIELNICZUK, Luciana. **Características e implicações do jornalismo na web**. São Luís, 2001. Disponível em: <http://comunicaufma.webs.com/mielniczuk_caracteristicasimplicacoes.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2014.

MIELNICZUK, Luciana. **Webjornalismo de terceira geração: continuidades e rupturas no jornalismo desenvolvido para web**. Santa Maria, 2004. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/norte2013/resumos/R34-0280-1.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2014.

MIGUEL, Paulo. **Entrevista sobre o início da Facopp**. Entrevista concedida a Ana Claudia Moraes da Silva, 13 mar. 2014.

MOHERDAUI, Luciana. **Guia de estilo web: Produção e edição de notícias on-line**. São Paulo. Editora Senac, 2007.

MOURA, Sandra Regina. **O jornalismo investigativo como texto da cultura**. Covilhã, 2002. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/moura-regina-jornalismo-investigativo.pdf>>. Acesso em: 03 fev. 2014.

NIELSEN, Jakob; LORANGER, Hoa. **Usabilidade na web**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007. Tradução de Edson furmankiewicz e Carlos Schafranski.

NIELSEN, Jakob. **Passive Voice Is Redeemed For Web Headings**. 2007. Disponível em: <<http://www.nngroup.com/articles/passive-voice-is-redeemed-for-web/>>. Acesso em: 10 mar. 2014.

PADILHA, Sônia. **A Contribuição do Webjornalismo na Construção da Sociedade do Conhecimento**. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/bocc-padilha-webjornalismo.pdf>>. Acesso em 02 abr. 2014.

PALACIOS, Marcos; et al. **Um Mapeamento de Características e Tendências do Jornalismo Online Brasileiro e Português**. 2002. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/jol/index.htm>>. Acesso em: 04 jan. 2014.

PIMENTA, Marcelo Soares; WINCKLER, Marco. **Avaliação de usabilidade de sites web**. Porto Alegre, 2002. Disponível em: <<http://www.funtec.org.ar/usabilidadsitiosweb.pdf>>. Acesso em: 26 fev.2014.

PINHO, J. B. **Jornalismo na Internet: planejamento e produção da informação on-line**. São Paulo. Summus, 2003.

PISANI, Francis; PIOTET, Dominique. **Como a web transforma o mundo: a alquimia das multidões**. São Paulo. Senac, 2010.

RODRIGUES, Bruno. **Webwriting: pensando o texto para mídia digital**. São Paulo: Berkeley, 2001.

RODRIGUES, Bruno. **Webwriting**: redação e informação para web. Rio de Janeiro: Brasport, 2006.

RODRIGUES, Bruno. **Hotsites, minisites e webwriting**. Entrevista concedida via telefone a Hélio Gustavo da Silva Andrade, 20 fev. 2014.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, Gisele Tomé da. **Entrevista com a coordenadora do laboratório de publicações jornalísticas empresariais**. Entrevista concedida a Ana Claudia Morais da Silva, 02 abr. 2014.

SILVA JUNIOR, Roberto Aparecido Mancuzo. **Entrevista com o supervisor da Assessoria de imprensa Facopp (Assim)**. Entrevista concedida a Lidianne Marques, 09 abr. 2014.

SIQUEIRA, Marcelo Nogueira de. **Arquivologia e Internet**: novas oportunidades para os arquivos públicos brasileiros. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204432/4114327/revista_AGCRJ_7_2013.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2014.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma breve história do jornalismo do Ocidente**. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2008. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf>>. Acessado em: 22 dez. 2013.

SOUZA, Jorge Aparecido. **Entrevista com funcionário da Facopp**. Entrevista concedida a Ana Claudia Morais da Silva, 24 mar. 2014.

SPERB, Nanachara Carolina. **A Influência da Utilização do Hipertexto da Produção do Jornalismo Interpretativo para Internet**. Intercom, 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2007/resumos/R0469-1.pdf>> Acesso em: 28 mar. 2014.

TORRES, Maria Bella Palomo. **El periodista on line**. Sevilha: Comunicación Social, 2009.

TRINDADE, Larissa Crepaldi. **Entrevista com a coordenadora do curso de Publicidade e Propaganda**. Entrevista concedida a Ana Claudia Morais da Silva, 13 mar. 2014.

UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA. Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho” de Presidente Prudente. **Projeto Pedagógico do curso de Jornalismo**. Presidente Prudente: Facopp, 2013.

UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA. Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho” de Presidente Prudente. **Projeto Pedagógico do curso de Publicidade e Propaganda**. Presidente Prudente: Facopp, 2010.

UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA - UNOESTE. **Relação de docentes e habilitações da faculdade de Comunicação Social**. Presidente Prudente, 2014.

UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA - UNOESTE. **Revista comemorativa dos 40 anos da Unoeste**. Presidente Prudente: Cipola, 2012.

VICCHIATTI, Carlos Alberto. **Entrevista com antigo Diretor da Facopp**. Entrevista concedida a Hélio Gustavo da Silva Andrade, 17 maio 2014.

YAKABE, Bruna Cindy; ARMELIN, Carolina Tollstadius; RIBEIRO, José Assis Alves. **Revista Videre**: Agripino Lima. A história de um homem por trás da imagem. 2009. 238 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Habilitação em Jornalismo) - Faculdade de Comunicação Social "Jornalista Roberto Marinho", Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente.

ANEXOS

ENTREVISTAS

ANEXOS – I TURMA

DÉBORA COSTA ANDRÉ – I TURMA

DÉBORA O QUE TE LEVOU A CURSAR JORNALISMO NA UNOESTE?

O jornalismo meio que era uma terceira opção que eu tinha, mas hoje eu vejo que foi a melhor opção que eu fiz de fato. Mas eu sempre gostei muito de leitura, de escrever, de estudar, então eu imaginei que o jornalismo me daria essa possibilidade de estar estudando, sempre conhecendo pessoas, conhecendo lugares, conhecendo muita coisa e de fato foi o que aconteceu. O jornalismo abriu muitas portas. Hoje eu atuo em várias áreas do jornalismo, provavelmente você vai me perguntar mais isso né. Não fiquei especificamente em uma área, então eu achei mesmo que o jornalismo poderia ser bom pra mim.

ALÉM DA UNOESTE, HAVIA ALGUMA OUTRA OPÇÃO DE FACULDADE OU ESSA FOI A PRIMEIRA OPÇÃO?

A Unoeste era em primeiro lugar mesmo, eu queria cursar aqui na Unoeste, mas eu pensava em fazer Educação Física ou Veterinária e Jornalismo. Nada a ver as três coisas, mas o jornalismo hoje eu vejo que foi realmente a melhor opção que eu poderia fazer.

E QUANDO VOCÊ COMEÇOU O CURSO DE JORNALISMO AQUI NA UNOESTE, VOCÊ JÁ TINHA TRAÇADO PLANOS DENTRO DO JORNALISMO QUE VOCÊ QUERIA FAZER? SE VOCÊ IRIA ESTAGIAR, SE VOCÊ JÁ TINHA UMA ROTA PLANEJADA?

Não. Na verdade eu comecei a fazer jornalismo de fato porque de todos os cursos que tinha na Unoeste nenhum me atraía muito. Quando abriu o curso de jornalismo, daí eu falei: Ah, é esse que eu quero! E tirando veterinária que já havia, eu não teria condições de fazer na época, até por ser um curso integral. Mas quando abriu o curso, as vagas para jornalismo, daí eu falei: Não, agora é hora de eu estudar, tanto que eu fiquei um bom tempo parada, eu não terminei o colegial e já fui fazer o curso, eu acho que eu devo ter ficado mais ou menos uns cinco anos sem estudar.

Com relação às metas não. O que que aconteceu na minha vida foi um pouquinho diferente. Eu comecei a estudar e logo já comecei a trabalhar na assessoria de imprensa aqui na universidade. Então foi assim, basicamente eu não fiz estágio e nem um outro lugar. Eu fiquei uma época afastada da Unoeste, uns cinco anos. Eu trabalhei numa agência de publicidade que era uma coisa que eu gostava também. A primeira coisa que eu fiz foi assessoria de imprensa, só que dentro da assessoria de imprensa eu gostava de várias coisas como ainda gosto até hoje. Eu gosto de escrever, de fotografar, eu trabalho um pouco também na área de publicidade. Até a saída pra uma agência de publicidade foi pra me dá mesmo essa noção melhor de como trabalhar na área da publicidade sendo que eu fiz jornalismo. Eu sou jornalista mais eu gosto de trabalhar nessa área também.

Agora, a área que sempre me chamou mais atenção foi a fotografia mesmo. Se eu tivesse que escolher o que eu gosto mais, escrever, diagramar, fotografar, eu posso dizer que a fotografia é a minha maior paixão dentro do jornalismo. E dentro de metas eu não tinha metas estabelecidas não, mas hoje eu acho que assim, cada período da minha carreira eu tive metas que foram sendo superadas então eu fui buscando metas novas. Hoje a minha meta é tá migrando um pouco pra questão dos ibooks, dos ebooks, então eu to saindo um pouquinho da área impressa pra ir pra essa área digital. Então essa é minha nova meta.

E NA SUA ÉPOCA DE FACULDADE VOCÊ SE LEMBRA QUEM ERAM OS COORDENADORES?

Na verdade na minha época só havia um diretor, não havia coordenadores. Era o Carlos Vicchiatti. Então enquanto eu fui aluna ele era o diretor. E logo depois que eu terminei eu tive uma experiência como docente também, que aí já combinou com a saída dele e aí entrou uma nova diretora que foi a professora Astrogilda. Então na época de aluna foi o Carlos Vickiatti. Um tempinho também enquanto eu dava aula ele era meu diretor, e depois veio a Astrogilda e logo depois eu sai pra trabalhar nessa agencia de publicidade, então eu fiquei cinco anos afastada da Unoeste.

COMO ALUNO ELE DAVA UMA ABERTURA PRA VOCÊS, HAVIA UM CONTATO COORDENAÇÃO/DIREÇÃO DO CURSO OU ERA ALGO MAIS DISTANTE?

Não. Eu sempre tive muita proximidade dele, mesmo porque eu trabalhava já na instituição então eu tinha uma boa abertura com ele sim.

E NA ÉPOCA COMO O CURSO FUNCIONAVA? JÁ HAVIA ESSAS TURMAS DE MANHÃ/NOITE, VESTIBULAR DE INVERNO/VERÃO?

Não, não tinha; na verdade era só período da manhã. Quando nós começamos o curso ele funcionava no bloco H, não era no campus II ainda, basicamente era isso a estrutura que a gente tinha. O que a gente tinha de mais em relação a estrutura especifica pro nosso curso, era o laboratório de fotografia. Isso me aproximou mais também da fotografia, e principalmente quando o Paulo Miguel que foi o professor que começou me dá aula que realmente me apaixonei pela fotografia. Até hoje ele continua sendo meu professor. Sempre que tem uma dúvida ou alguma coisa tem que ligar pro Paulo Miguel.

NA ÉPOCA HAVIAM ESSES ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS QUE TEM HOJE NA FACOPP?

Não. Era muito diferente. A estrutura da Facopp que tem hoje, eu vejo assim, é uma das faculdades que estão muito bem estruturadas. Os coordenadores estão de parabéns mesmo, porque elas conseguiram uma organização surpreendente, elas conseguiram separar especificamente vários estágios pros alunos.

Os laboratórios por exemplo, o laboratório de Mac uma grande paixão eu vejo. Então a estrutura da Facopp hoje eu acho excepcional, uma das melhores da Unoeste.

E NA SALA DE AULA VOCÊS FAZIAM TRABALHOS PRÁTICOS, COMO ESSES JORNAIS LABORATÓRIO QUE FAZ DURANTE O CURSO OU ERA MAIS TEÓRICO?

A gente tinha sim. Embora não se parecia nada com o que vocês tem de infraestrutura hoje na Facopp, a gente já tinha os laboratórios e na época chamava Espalha Fato, mas por incrível que pareça quando a gente começou a fazer o Espalha Fato era diagramado no jornal Oeste Noticias que era até o Marco Aurélio Murta que desenhava pra gente, que fazia toda parte de produção gráfica. Quando a gente mudou pro Campus II, levou pra lá o laboratório de fotografia e depois a gente já tinha o estúdio de TV, quem dava aula lá no laboratório de TV era o professor Carlos Vickiatti mesmo, que era o diretor do curso. Então era o que a gente tinha de mais prático. E aí já tinha então o jornal laboratório, já tinha essa prática de TV. Basicamente o que eu me lembro era esses dois mesmo. E tinha rádio também, que precisava de uma estrutura menor, então basicamente a gente tinha tudo sim, mas numa proporção bem menor do que vocês têm hoje.

O QUE VOCÊS PRODUZIAM, HAVIA ALGUMA DISTRIBUIÇÃO PRA ALGUM PÚBLICO OU MESMO QUE INTERNO? ELA ERA FEITA DE QUE MANEIRA? A RESPOSTA DE QUEM LIA ERA POSITIVA?

A distribuição era bem a nível interno mesmo. Pelo que eu me lembro, a gente deixava o jornais em biblioteca, em secretaria, na própria Facopp mesmo, nada muito organizado também. Era uma resposta positiva porque como a primeira faculdade de jornalismo, ela sempre foi um destaque, mesmo sendo, vamos dizer assim que com uma estrutura mais restrita a gente já causou um impacto muito legal dentro da própria Unoeste e dentro da própria comunidade também.

NESSA ÉPOCA EM QUE VOCÊ FEZ FACULDADE COINCIDIU COM A ÉPOCA QUE O GRUPO NO QUAL A FACULDADE PERTENCE ESTAVA INVESTINDO MUITO EM COMUNICAÇÃO NA CIDADE, CRIANDO JORNAIS, A TV AFILIADA DA GLOBO. VOCÊ ACHA QUE ISSO AJUDOU O MERCADO A ABSORVER ESSA PRIMEIRA LEVA?

Acontece uma coisa até um pouco incomum na nossa época. Os professores que a gente tinha eram muito diferentes dos que tem hoje. A maioria dos professores eram de Londrina, eram grandes professores. Hoje também existem excelentes professores na Facopp, mas era diferente, a gente percebe que é diferente. E o que que acontecia na minha primeira turma havia muitos jornalistas que tinham a prática do jornalismo mais não tinham o diploma, então a maioria dos meus colegas a gente já via eles na TV, então praticamente todos já trabalhavam e os que não trabalhavam ainda foram absorvidos, de fato foi o que aconteceu. Tudo isso, esse investimento no grupo e pela rede de comunicação e o curso de jornalismo, tudo foi uma coisa muito legal na época na cidade que aconteceu.

COMO VOCÊ DISSE, QUANDO VOCÊ ESTAVA NA FACULDADE SEU LABORATÓRIO PREDILETO ERA O DE FOTOGRAFIA E O QUE VOCÊ MAIS FREQUENTAVA. ERA DEVIDO À PAIXÃO MESMO OU TINHA ALGO A MAIS; UM INTERESSE DE APRENDER MAIOR, OU UM CONTATO DE APRENDER COM OS RESPONSÁVEIS?

Acho que foi a paixão mesmo pela fotografia, e eu gostava também das outras coisas, mas a fotografia foi a grande paixão na faculdade e continua sendo até hoje.

TEM ALGUM PROFESSOR QUE TE MARCOU, QUE VOCÊ SE LEMBRA ATÉ HOJE?

A minha grande paixão é o professor Paulo Miguel, que hoje é um grande colega que sempre que a gente precisa dá uma mãozinha pra gente ainda, sempre quando a gente compra um equipamento novo ele sempre dá um auxílio. Ele vai ser meu eterno mestre, vai me acompanhar, enquanto eu estiver fazendo fotografia ele está junto.

NO SEU PERÍODO DE FACULDADE TEVE ALGUM FATO QUE MARCOU A SUA VIDA ACADÊMICA?

Eu me lembro que todas as conquistas foram importantes. A gente sempre fala que as primeiras turmas são as cobaias, então tudo era difícil pra gente, qualquer conquista era muito importante, mas eu me lembro que a gente fez o provão, que na época era o provão. Eu tinha medo do provão e foi a conquista que mais marcou na faculdade foi bem nesse provão, tirou uma nota B, que hoje acho que é o ENADE que continua avaliando. O provão acho que coroou tudo o que a Unoeste investiu e também todo o empenho dos alunos.

ALÉM DA FOTOGRAFIA, TEVE ALGUMA OUTRA MATÉRIA QUE SE DESTACOU QUE TE AJUDOU NO DESENVOLVIMENTO DA SUA CARREIRA PROFISSIONAL?

Sim, o planejamento e produção gráfica, vamos dizer que é o complemento do meu trabalho hoje. Eu continuo trabalhando nessa área de designer gráfico e produção gráfica e depois acho que eu dei aula dois anos dessas duas disciplinas que realmente são as disciplinas que eu gosto e dava pra trabalhar junto as duas coisas.

HOJE A FACULDADE, A FACOPP ELA OFERECE VÁRIOS EVENTOS, A SEMANA DE COMUNICAÇÃO, MOSTRA DE TRABALHOS ACADÊMICOS. NA ÉPOCA VOCÊS TINHAM ALGUNS EVENTOS ACADÊMICOS ASSIM?

O que a gente tinha era a semana de estudos basicamente, e quando a gente queria alguma coisa a mais a gente ia para o Intercon, ou alguns eventos mais em nível nacional. Mas dentro da universidade não havia toda essa diversidade de eventos que a Facopp tem hoje.

EM RELAÇÃO À ESTRUTURA FÍSICA DA FACOPP NA ÉPOCA, LABORATÓRIOS, SALA DE AULA... ERA MUITO PARECIDO COM O QUE É HOJE OU ERA MAIS SIMPLES?

Era muito mais simples, muito mais enxuto. Como eu já falei, a estrutura da Facopp hoje é uma das melhores do Brasil, sem dúvida nenhuma eu posso afirmar isso pelo o que a gente tem visto inclusive de resultados. A gente sempre tá lá utilizando o laboratórios de fotografia, o laboratório de estúdio, de televisão, a gente fica abusando aqui da universidade. De vez em quando a gente usa também a rádio pra fazer os spots, então nós mesmos aqui do departamento de comunicação utilizamos a estrutura da Facopp pra desenvolver as campanhas que a gente faz. Então a estrutura da Facopp é excelente.

VOCÊ CITOU QUE VOCÊS PARTICIPAVAM DE EVENTOS A NÍVEL NACIONAL. ESSAS VIAGENS ERAM COMUNS?

Era comum sim. A gente costumava ir pro Intercon, acho que tinha o Fest'up também se eu não me engano que vocês até continuam indo. A gente fazia algumas visitas a TV Globo, conhecia alguns programas. A gente chegou a ir ao programa do Jô. Algumas turmas chegaram a ir ao Projac. Tinha também a semana de jornalismo da Abril que a gente costumava ir. Acho que hoje vocês continuam também, mas basicamente eram esses eventos.

ESSAS VIAGENS, VOCÊ ACHA QUE A NÍVEL PROFISSIONAL ELAS AGREGARAM CONHECIMENTO?

Muito. No meu caso como eu não tive estágio basicamente pra mim foi excelente, porque a gente conheceu pessoas novas, a gente viu o que era feito no Brasil, a gente podia medir tudo que a gente tava fazendo, então essas viagens foi bom pra isso.

DURANTE AS ENTREVISTAS A GENTE ESTÁ VENDO QUE TODO MUNDO TEM ALGUM PONTO NA FACULDADE QUE TEVE UM POUCO MAIS DE DIFICULDADE, DE TRABALHO. VOCÊ TEVE ALGUM PONTO EM QUE VOCÊ TEVE MAIS DIFICULDADE?

Tive sim. É até muito interessante. Quando me ligaram pra fazer essa entrevista eu me lembrei exatamente disso, o ponto em que eu tive mais dificuldade.

Foi uma experiência muito interessante. A gente tinha um professor chamado Paulo Cesar Boni, ele dá aula na UEL de Londrina, é um excelente professor, inclusive ele tem doutorado em fotografia. Ele era nosso professor, só não lembro em qual disciplina que era. Ele dava o conteúdo da aula dele e depois a gente desenvolvia alguns textos, e aí eu percebi realmente que como eu investia muito em fotografia e produção gráfica, meu texto estava péssimo. Então eu me lembro até que ele escreveu no texto que eu tinha um excelente carro de corrida, mais tinha um piloto muito fraco, e isso me marcou bastante. Então você fica assim: Puxa vida, preciso melhorar nesse aspecto. Então foi realmente o ponto que eu vi que estava faltando eu trabalhar na faculdade. Aí

eu até me lembro que quando eu desenvolvi um texto novo em cima dessas observações que ele fez, ele citou o meu texto como exemplo, ele disse que foi uma excelente surpresa pra ele, que até foi o melhor texto daquela semana vamos dizer assim, foi o meu. E a partir daí que eu comecei também a me preocupar com o texto, porque eu me preocupava com a imagem, com o visual e estava deixando o texto pra trás um pouquinho. Vamos dizer que essa puxada de orelha dele foi decisiva também pra esse meu trabalho porque a gente costuma desenvolver também alguns livros. Todos esses livros históricos da Unoeste eu dou um apoio nessa questão também tanto de texto, gráfico e imagem. Então foi importantíssimo e teve esse episódio com o Paulo César Boni que foi muito importante na minha carreira.

É COMUM QUE COM O CRESCIMENTO DO CURSO, COM O CRESCIMENTO DA FACULDADE EM GERAL SE TENHA UM CORPO DOCENTE MAIOR E UM NÚMERO DE ALUNOS MAIOR TAMBÉM. ISSO ACABA GERANDO UM DISTANCIAMENTO DE CERTO MODO ENTRE PROFESSOR E ALUNO. NA SUA ÉPOCA, MESMO ESTANDO MAIS ENXUTO, A RELAÇÃO ERA PRÓXIMA OU HAVIA UM CERTO DISTANCIAMENTO?

Era muito próximo, mesmo porque como a gente era a primeira turma a gente via que a gente era o xodó mesmo tanto dos professores, da coordenação, da própria reitoria. A primeira turma foi o grande xodó do pessoal da Comunicação. Os professores eram muito próximos mesmo e a turma era muito unida. Com relação a hoje, você falou que a faculdade cresceu, tem maior número de professores, até a geração de vocês é diferente, a geração é uma geração é um pouco mais distante mesmo dos professores, mas a nossa época não, a gente percebe que a gente foi um grande xodó da universidade.

VOCÊ CITOU QUE O GRUPO ERA BEM UNIDO. ERA NORMAL VOCÊS FAZEREM FESTAS, CHURRASCOS?

Era sim, e até hoje o pessoal se encontra. Tem o encontro da turma, e o pessoal continua unido ainda.

OLHANDO DA ÉPOCA QUE VOCÊ ESTUDOU ATÉ AGORA, VOCÊ VÊ ALGUM PONTO FRACO QUE AINDA PRECISA SER MELHORADO NA FACOPP OU ALGUMA COISA QUE APENAS PRECISA SER CORRIGIDA PRA FACULDADE MELHORAR AINDA?

Essa é uma pergunta boa, mas é difícil de dar uma resposta por que eu acredito que toda vez que a gente cria uma coisa nova, ou cada vez que a gente tenha um desafio novo a gente tem que melhorar em alguma coisa e eu acho que no jornalismo e na publicidade tem uma eterna busca do aperfeiçoamento. Na nossa área, assim como nas demais, as coisas mudam tanto que a gente sempre tem que ta buscando evoluir. Então eu vejo que a Facopp vai evoluir sempre, que ela busca essa evolução sempre e eu acho isso fantástico, mais que eu possa apontar no momento não. É essa evolução natural que a área exige mesmo.

E OS PONTOS FORTES?

Ponto forte eu acho que são os nossos egressos. Nossos egressos estão sempre aí dando palestras, a gente às vezes noticia os egressos de destacando no Brasil todo.

Em decorrência de uma excelente estrutura, de bons professores nós temos excelentes egressos. Então acho que os nossos pontos fortes são os nossos egressos.

NÓS TEMOS TIDO CONTATO COM MUITOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE TODO PAÍS, ATÉ COM DOCENTES DE OUTRAS INSTITUIÇÕES, E O QUE NÓS TEMOS VISTO É QUE A FACOPP EM SI ELA TEM UM NOME MUITO BOM NO MERCADO. EM TEMPOS PASSADOS AS PESSOAS SE ORGULHAVAM MUITO DE TER FEITO FACULDADE EM FACULDADES COM GRANDES NOMES COMO A USP E OUTRAS INSTITUIÇÕES. VOCÊ SE ORGULHA DE TER SE FORMADO NA FACOPP?

Me orgulho de ter estudado na Facopp e me orgulho também de ter estudado na Unoeste. A prova disso é que eu estudei, trabalhei, sai por um tempo porque eu queria ter algumas experiências fora da universidade, voltei e posso dizer que a universidade, ela é uma universidade que se preocupa realmente com uma educação de qualidade, é uma universidade que realmente tem um bom nome em todo Brasil e em detrimento disso, a Facopp por ser a minha faculdade também, realmente é uma faculdade que tem o nome forte.

HOMÉRO FERREIRA – PROFESSOR, EX-COORDENADOR E EX- ALUNO DA I TURMA

COMO FICOU SABENDO QUE O CURSO DE COMUNICAÇÃO SERIA ABERTO NA UNOESTE?

Eu já trabalhava há um bom tempo tanto em rádio quanto jornal, quanto de assessoria, apresentação de cerimoniais, de tal forma que eu já estava envolvido que já possuía registro de jornalista, a princípio provisionada e depois se tornou definitivo. Então, trabalhando no meio de comunicação foi que eu tive a informação que a Unoeste abriria o curso. Embora, para o meu exercício profissional eu já tivesse um credenciamento, mas na verdade eu não queria só a habilitação, estar habilitado, queria sempre estar melhor para ser qualificado, e continuo até hoje querendo estar melhor qualificado para trabalhar. Fiz esta aposta e penso que apostei certo, até porque se não tivesse feito a faculdade não lecionaria hoje nesta faculdade.

POR QUAL MOTIVO ESCOLHER CURSAR JORNALISMO?

Porque eu já trabalhava nessa área. Minha primeira graduação foi no direito. E tem uma passagem que me é interessante, que o Dr. João Batista Mimesse Gonçalves, que foi meu professor de direito penal na Instituição Toledo de Ensino, era promotor público, ele me entusiasmou muito e motivou muito para que eu seguisse carreira, uma carreira no ministério público. Eu pedi desculpas para ele porque eu queria na verdade a carreira de jornalismo. Esta era minha opção profissional, continua sendo e em relação a outras oportunidades, possivelmente até com remuneração melhor, eu não tenho arrependimento disso. Essa é a minha vida.

QUEM ERAM OS COORDENADORES DE CURSO NA SUA ÉPOCA? HOUVE MUDANÇA DE COORDENAÇÃO DURANTE O CURSO ENQUANTO VOCÊ FOI ALUNO?

Sim, mas na verdade não tinha essa expressão coordenação, nós tínhamos exclusivamente no primeiro momento o diretor. Primeiro Carlos Aparecido Manfrim (jornalista), depois Carlos Alberto Vicchiati. Aí surgiram as coordenações, várias pessoas passaram pelas coordenações de jornalismo e de publicidade. A professora Marcela Marino que ainda está aí passou pela coordenação de publicidade, professora Thaísa passou pelo jornalismo, uma boa coordenadora. Naquela ocasião a professora Sandra Nascimento passou pela coordenação de jornalismo e na sequência de direções, durante o período em que eu fiz o curso foram dois: Carlos Manfrim e Carlos Alberto Vicchiati. Depois eu vim para dar aula ainda com o Carlos Alberto Vicchiati, veio a professora Astrogilda Rosa Benelli como diretora, depois o professor Gilson Catussi, e dessa sequência de diretores eu fui o último com um período curto, conforme um entendimento que era meu com a diretoria. O professor Munir era o coordenador da área geral e na coordenação de publicidade estava a coordenadora Larissa Crepaldi. Com a minha saída, o professor Munir foi para a coordenação geral, já não era mais diretor era coordenação. A professora Larissa permaneceu na coordenação de publicidade e a professora

Carol Mancuzo (Carolina Costa Mancuzo) veio para a coordenação de jornalismo que é estrutura que hoje aí está.

O SR. FICOU QUANTO TEMPO NA COORDENAÇÃO?

Fiquei menos de um ano. Na verdade o entendimento era para seis meses para compor algumas situações de ordem administrativo pedagógica e acabei ficando quase até o final do ano. Alguma coisa assim.

COMO VOCÊ VÊ ESSA EXPERIÊNCIA DE TER SIDO COORDENADOR DO CURSO?

Primeiro foi uma experiência rica de poder enxergar a estrutura dentro do conjunto, a Facopp dentro da instituição Unoeste. Como isto é gerenciado, como isto é gestado, como isto é tocado. Então foi uma experiência rica embora não fosse o meu desejo. O primeiro convite houve uma relutância, mas entenderam que a missão seria minha e como sempre trabalhei sob missão, no sentido até de submissão em função da ordem das hierarquias, eu já trabalhava pra casa, eu atendi o pedido da Dona Ana, formulado através do pró-reitor Dr. Castro e do Ney Azevedo que é o chefe do Departamento Pessoal.

QUAIS OS OBJETIVOS QUE VOCÊ TINHA QUANDO COMEÇOU O CURSO, E ELES FORAM ALCANÇADOS? DE QUE FORMA?

Os objetivos foram além das minhas expectativas, eu pretendia melhorar a minha capacidade profissional, um corpo de professores extraordinários, excelentes, uma turma em que muitos já estavam no mercado, isso foi uma grande contribuição. Os que ainda não estavam também, emprestaram para mim, uma grande contribuição, porque você passava a fazer questionamentos em relação como os mais novos pensavam em relação aquilo. E eu penso que o ganho maior além desse relacionado a prática do profissional jornalista, essencialmente como repórter, como aquele que trabalha na rua, coisa que eu mais gosto; mas talvez o que evidencie o maior ganho, foi ter vindo lecionar na Facopp e ter este privilégio de poder relacionar com os jovens, aliás uma juventude emergente que aí está, e com esta juventude sempre estar reestruturando o pensamento da prática jornalista. Embora a prática jornalista seja ao longo de todos os tempos a mesma prática, que é o de buscar a informação e depois apurar detalhes desta informação buscando outras informações, para nesse conjunto de informações, construir uma matéria que é elemento de notícia e consequentemente noticiar esta informação; acho que esta base é a mesma. Mas você vai tendo diferentes plataformas como veio depois os próprios produtos de internet, talvez a condensação dos textos do jornalismo impresso, a forma de fazer televisão, tudo isso você vai se adequando. E o processo de lecionar, não é um processo só de ensinar, ele tem mão dupla, você ensina e aprende e com o detalhe que quando o aluno chega até nós, já tem dois aprendizados definitivos da vida dele, que é o aprendizado aberto pela rede de computadores e o aprendizado da própria vida. E somado tudo aquilo que trouxe de bagagem escolar, então ele não chega a zero, ele não é alguém que está sempre partindo de um ponto zero

conosco, ele sempre está partindo de alguma coisa e muitas vezes nos oferecendo informação que a gente ainda não tem ou que ainda não refletiu suficientemente sobre ela; então é um processo de eterno amadurecimento, eu acho assim.

QUAIS LABORATÓRIOS EXISTIAM EM SUA ÉPOCA E QUAIS EQUIPAMENTOS ERAM UTILIZADOS NELES?

A Facopp começou lá no Campus I. O Campus I propriamente nenhum laboratório, se a memória não me falha o professor Paulo Miguel pode me confirmar isto; ele improvisou um laboratório de fotografia pra revelação, e a gente utilizava lá, fora isto nada. Quando veio aqui ainda era revelação de fotografia, e vocês sabem que conhecem a estrutura do laboratório que tem os tranques para revelação, essas coisas todas. Aí aqui (Campus II) foi instalado o laboratório de rádio, foi instalado televisão, nós usamos quase nada, muito pouco, quase nada nós utilizamos. E só uma observação, fora esses, nenhum. Dentro destas questões, o único professor que permanece na Facopp e deu efetivamente aula para a primeira turma se chama Paulo Henrique de Barros Miguel, esse é o pioneiro de todos os tempos; alguns outros vieram bem recentemente, é o caso da Professora Édima, mas que deu aula para a minha turma e que permaneceu com todas as outras turmas que vieram é o Paulo Miguel. Ele deu aula para mim, foi o meu professor. E é natural né, por que eu sou bem mais novo do que ele, bem mais jovem (risos). Mas na verdade, falando sério, eu sou bem mais velho que ele, mas ele foi meu professor.

O SR. DISSE QUE A FACULDADE COMEÇOU NO CAMPUS I, ELA NÃO FOI IMPLANTADA AQUI DE INÍCIO? MAS A TURMA DE VOCÊS ESTUDARAM LÁ (CAMPUS I) OU AQUI (CAMPUS II)?

Estudou o primeiro ano lá (Campus I) e segundo ano lá, e o terceiro e quarto ano aqui (Campus II), onde habilitação foi aqui. Outra questão é que lá tinha, lá entrou a segunda turma e a terceira turma, quando nos mudamos para cá nós viemos com três turmas. Não, a primeira e a segunda, a terceira já começou aqui, são dois anos. Entramos, entrou outra, nós ficamos. A partir da terceira turma aqui. A formatura foi da vigésima quinta, quer dizer de 25 turmas, 23 estudaram exclusivamente aqui. A duas primeiras, dois anos lá e dois no anos aqui; a segunda um ano lá e três anos aqui.

COMO ACONTECEU SUA ENTRADA NO CORPO DOCENTE DO UNOESTE, FACULDADE EM QUE SE FORMOU? COMO FOI O CONVITE?

Eu costumo dizer que nunca fiquei fora da Unoeste, então sou lá o resgate desde a primeira turma. Estudei os quatros anos de 1995 a 1998 que foi a nossa formatura, 95, 96, 97, 98 em 1999 a Comissão Organizadora da Semana de Comunicação me convidou para que eu fizesse uma palestra e o tema que me foi dado é que eu apresentasse um histórico sobre os meios de Comunicação de Presidente Prudente e região. Como o que existia, como isso caminhou e como isso evoluiu, diríamos assim. Fui nessa palestra no Teatro César Cava assim que eu terminei a palestra o diretor César Carlos Vicchiati me chamou lá no próprio ambiente e falou que gostaria de convidar você para

dar aula, e eu gostaria de conversar, podemos agendar um horário, e foi assim. Aí eu vim e ele acertou, se não me engano a semana era no mês de setembro, era realizada no mês de setembro, de tal forma que em 1999 que comecei no comecinho de 2000. Estou no meu décimo quinto ano de minha atividade aqui, aí não saí mais daqui. Fiz várias outras atividades paralelas, mas sem deixar a faculdade.

ENTÃO, OS DOIS ANOS QUE O SR. FICOU FORA DA UNOESTE FOI DE 98 A 2000 E DESENVOLVEU ATIVIDADES EXTRAS?

Fiquei 1999. Mas quando vim pra cá, por exemplo, eu trabalhava no Imparcial, continuei trabalhando no Imparcial e vinha dar aula aqui. Eu nunca deixei de ter uma outra atividade além da aula aqui (Campus II). Eu sempre tive até mais de uma atividade paralela, vamos dizer assim.

E O QUE MARCOU SUA VIDA NO DECORRER DO CURSO?

O que marcou minha vida no decorrer do curso acho que as pessoas de uma forma geral, em termos de amigos, aqueles que já estavam na mídia, que permaneceram, novos que surgiram, talvez entre os novos, talvez não, entre os novos; referências assim que se posicionaram no mercado. O Rildo Herrera que ficou mais próximo da gente, que foi para a televisão. A Maria Ferri que era colega de turma que está na Record Brasília, fora tantos outros que estavam aí que foram caminhando, estou dando assim umas referências, então esses avanços, essas conquistas são importantes em relação aos nossos colegas. E em relação assim aos professores, esse carinho, essa admiração, esse respeito, esse encantamento profissional que eu tenho pelo Paulo Miguel, enquanto repórter fotográfico, parceiro em algumas jornadas, que eu tive o prazer de conhecer o pai dele, colega radialista, o Badi Miguel, que tive a oportunidade de entrevistá-lo, em uma matéria especial em Rancharia na casa dele, junto com o meu ex-patrão, saudosa memória do Mário Pereti um dos donos do O Imparcial. Então essa aproximação, esse envolvimento foi muito rico. Em termos de professores assim, todos os professores são muitos bons. O Professor Cabrera que até hoje leciona na Unoeste, Luiz Antônio Sobrera Cabrera, está lecionando no direito, faz algumas atividades como professores, espetacular. A professora Darci Aparecida Lessi, que hoje trabalha, que hoje é coordenadora pedagógica da Unoeste, uma professora também espetacular, fantástica. Nós tivemos muitos bons professores. O próprio Carlos Manfrim, Carlos Vicchiati, acho que todos. O Paulo Boni que veio da UEL de Londrina que lá permanece ainda, mas que passou um período aqui, uma figura assim humana, profissional extremamente admirado, de uma competência muita grande. Então diríamos assim, que cria-se algumas paixões. Tive três paixões: Paulo Miguel, Darci e o Paulo Boni. Somos um reflexo dele, essa cultura vai criando deles. Na verdade todos os professores foram importantes para nós, mas como você falou quem mais marcou, a gente está falando de alguns xodós. Muitas mudanças aconteceram na Facopp, especialmente a questão dos laboratórios, essa cultura que foi criada. Vou falar na linguagem popular, a pegada de uma turma vai passando historicamente para outras turmas. Eu penso que só do aluno entrar dentro da Facopp e dizer: Eu sou aluno da Facopp, faz diferença, por que tem uma história lá atrás. E uma história de ex-

alunos que se tornaram professores. Aí está a Lêda Márcia Litholdo, Carolina Mancuzo, professor Xandu que agora saiu mas que ficou um bom tempo ai, e tem outros professores também que trouxeram essa história. Professores referenciados com outros professores, e toda essa estrutura que se tem vários laboratórios, você tem várias mídias, no caso da Tv Facopp, Rádio Facopp, Eco, Agência. Você tem toda uma estrutura muito gigante de perto do que é. O que nós tínhamos era o Jornal Espalha Fato, que vocês fazem agora com outro nome, Ligação.

PEGANDO ESSE GANHO QUE É DO JORNAL, ERA SÓ ESTE PRODUTO QUE VOCÊS FAZIAM EM SALA? E ELE ERA DISTRIBUÍDO? DE QUE FORMA?

Distribuído na própria faculdade, os alunos espalhavam e levavam para onde moravam, para algum canto.

MAS TINHA MAIS ALGUMA OUTRA PRODUÇÃO?

Do que eu me recordo mesmo é do espalha fato. Nós fizemos algum outro produto. Mas o que era frequente, com o professor era o jornal espalha fato, com o professor Paulo Miguel na fotografia.

A REVISTA NÃO EXISTIA NESSA ÉPOCA?

Não lembro.

HOUE ALGUM PROFESSOR QUE MARCOU?

Já aponte os três, a paixão foi muito acelerada e intensa, acho que todos de uma forma geral marcaram, a gente não pode ser ingrato, tanto é que nossos produtos de formatura em todos os professores que estavam na Facopp, inclusive professores que não haviam dado aula pra gente, mas acho que é esta questão de apego de carinho, embora todos trataram com muito carinho; uma grande contribuição.

E DISCIPLINA, ALGUMA CHAMAVA SUA ATENÇÃO? E POR QUE A CAROL FALOU PRA GENTE QUE ELA TINHA AULA DE DANÇA, DE TEATRO.

É que era atividade extra e foi instalada, não tivemos propriamente atividade extra. Em todas as aulas o que foi muito interessante, os debates que eram estabelecidos, por que vinha o que a academia oferecia, que era fruto da consciência. As nossas experiências já no campo profissional, e as expectativas, algumas experiências que, de uma a outra que ainda estavam no mercado.

ENTÃO TODAS TIVERAM IMPORTÂNCIA?

Todas assim, em um nível muito parelhos, muito comum. Talvez o diferencial pra mim foi a questão da especialização no jornalismo de algumas áreas e uma visão um pouco mais específica, mas no geral foram parelhos

E QUAIS AQUELAS QUE O SR. ACHOU QUE FORAM DESNECESSÁRIAS, OU NÃO FORAM IMPORTANTES?

Não. Às vezes no decorrer do tempo, e eu já refleti sobre isso, por que que a gente não entra já e acho que o aluno pensa assim também, disciplina de jornalismo, disciplina de rádio, e por aí vai, de fotografia, pra quê sociologia, porque filosofia, porque semiótica. Mas quando a gente está na vida prática, a semiótica é de uma importância, todas essas disciplinas são de uma importância muito grande. Uma historinha que eu costumo contar, fazer correspondência do Jornal Estado de São Paulo, inclusive já fazia quando estudava também, fiz com 16 anos. Antes e depois de estudar, antes eu já fazia, fiz enquanto estudava e fiz depois. Naquele tempo quem ganhava na loteria ficava milionário, e um moço de Santo Anastácio, ganhou a tal bolada na loteria e virou milionário, e o Jornal Estado de São Paulo não era nem, em função da Agência de Estado onde eu trabalhava que pertence ao jornal, mas a matéria era exclusiva do jornal. Numa ação dividida em busca da ação com o jornal globo do Rio através da correspondente globo interior de São Paulo, que ficava em Bauru. E precisava cruzar informação, eu sei que cruzaram a informação e a síntese da história é o seguinte: Eu consegui localizar o cara porque era em Santo Anastácio, mas no começo nem sabia que era Santo Anastácio, foi todo um dia de muita correria, e eu cheguei a Santo Anastácio e esse cara era um servente de pedreiro que estava trabalhando na reforma da penitenciária do Carandiru, um cara que tinha um problema relacionado a bebida e a vida sofrida que levava. Eu sei que fui chegar primeiro na casa de uma mulher cuja filha tinha sido, até a véspera, namorada desse servente de pedreiro e que estava trabalhando na roça, e que tinha mandado uma carta para ele desistindo dele por causa do problema da bebida, e esta mulher me referenciou, que fui chegar, foi onde eu consegui uma fotografia dele, para imagem que nós utilizamos no Jornal o Globo. Fui parar na casa do pai, quando eu cheguei, o pai foi atender um telefonema desse filho, porque eles não tinham telefone, pessoas pobres, gente voltada ao trabalho, as ocupações, o homem era carroceiro, fabricante de vassoura, aí ele foi para atender esse telefone. A irmã ficou nervosa, porque eu apareci com uma viatura do Jornal imparcial, onde eu trabalhava, ela dizia para a mãe, se eu cheguei lá com aquele carro é porque tinha alguma desgraça relacionada a irmã dela. E eu não podia na verdade falar que o irmão tinha ganhado na loteria porque eu não tinha essa confirmação, eu estava atrás dessa confirmação, mas antes precisava saber quem era o cara, ter referências para somar dois mais dois dá quatro. E essa moça ficou muito brava, ao ponto assim, que se eu não tivesse habilidade, aí a habilidade vem do tratamento com o pensamento humano em relação as pessoas, se eu não tivesse habilidade da vida e habilidade das pessoas que a escola contribuiu, fatalmente eu teria habilidade para sair daquela situação, no mínimo eu seria agredido por aquela moça. Sem contar que a mãe do rapaz, mãe da moça também, começou a passar mal, e acho que ela foi ficando branca, e ficando branca, uma mulher grande e forte, e essa mulher parou no sofá e eu falei, essa mulher enfarta, alguma coisa assim. Então, em função da sociologia, da psicologia que nós tivemos. Fui pastor, fui sociólogo, psicólogo, fui o que deu pra ser para contornar a situação, para que aquela mulher não piorasse o estado de aflição dela, que virou um estado de

saúde, e a outra em estado psicológico e agressão, pra que eu contornasse as duas ali, nessa situação, pudesse esperar o pai do moço chegar que daria para eu confirmar a informação se realmente o filho dele ficasse milionário. Mas todas essas coisas que a gente acha que é besteira.

ERA UM MOÇO E A MENINA LARGOU DELE UM DIA ANTES?

Não sei nem depois se voltou, mas ela tinha mandado uma carta desistindo. E dizem que ele é rico até hoje. Diz que ele gastou um pouquinho porque não tinha muita instrução na ocasião, mas me parece uma pessoa boa que inclusive andou ajudando a Igreja Católica alguma coisa assim, ele se posicionou na vida, se construiu e a história é bonita, mas ele não fala com a mídia de tal forma que eu nunca falei com ele. Mas é uma história bonita de se resgatar.

JÁ HAVIA ESTÁGIOS INTERNOS NA ÉPOCA DO CURSO?

Havia, por exemplo assim, na produção do Espalha Fato, vou falar o que estou lembrando aqui. Quando fizemos a primeira Semana de Comunicação, no outro dia você passou por cima, tem coisa para responder mais pra frente que eu vou deixar. Por exemplo, a cobertura da semana, um foi incumbido de fotografia, outro foi incumbido do que era possível, daqueles produtos que era feitos eram prática também de estágio, embora não houvesse o estágio obrigatório, nem aquelas horas de atividades ainda, era outro sistema nessa primeira turma.

E PARA FAZER OS ESTÁGIOS EXTERNOS HAVIA UMA ABERTURA NO MERCADO?

Havia uma abertura maior do que hoje, você chegava numa rádio, conseguia fazer estágio, você chegava no jornal conseguia, de alguma forma, até porque não havia uma vigilância muito serrada de sindicato, do próprio Ministério do Trabalho, alguma coisa assim, então havia uma forma ali de acomodar pessoas para o estágio. Eu mesmo trabalhando tanto em rádio como em jornal, assessoria, muitos colegas foram comigo pra primeira experiência de vida. O professor João Paulo, a primeira experiência de vida foi comigo, de vida profissional. Aliás, todos aqui têm uma relação de história. Primeiro emprego que o professor Mancuzo veio procurar em Prudente depois de ter se formado, primeira pessoa que ele conversou foi comigo. Eu conhecia o pai dele e não conhecia ele, são uns negócios engraçados na vida, conheci o pai dele lá de Junqueirópolis, foi representando o Jornal Imparcial, e por aí vai. Talvez a primeira experiência de aula da Professora Carolina foi quando eu lecionava jornalismo especializado e ela tinha feito uma especialização em agronegócio e ela trouxe para que falasse sobre aquilo. Uma relação muito extrema com a Lêda no Imparcial, o Paulo Miguel já tinha sido parceiro em algumas coisas, as atividades que ele fez no jornal Estado de São Paulo foi pelo meu intermédio, por que lá já estava. E agora eles fazem o que eu pude fazer com alguns de alguma forma, eles fazem com os outros, então sempre cria uma história.

ERA OBRIGATÓRIO O ESTÁGIO SUPERVISIONADO?

Não tinha o estágio supervisionado.

QUE TIPO DE EVENTOS ERAM REALIZADOS NA FACULDADE?

Tínhamos a Semana de Comunicação, que era o principal evento da faculdade. E a semana foi o seguinte, depois de concluir o primeiro ano, quando nós entramos no segundo ano, perdão, no primeiro ano ainda, iniciamos o segundo semestre; eu procurei o professor Carlos Manfrim que era diretor, falei que eu gostaria de mobilizar os alunos e a gente criou a Semana de Comunicação, mas eu precisava da sua autorização. Eu sou o criador da semana, mentor da semana. Eu fui lá e conversei com o professor Carlos e ele falou está autorizado. Nós mobilizamos alunos do primeiro e segundo ano, a gente falava primeiro e segundo ano, e montamos uma comissão, e essa comissão foi que organizou essa Semana de Comunicação. Nós fizemos uma estrutura, pra trazer para a semana de profissionais de publicidade e de jornalismo local e regional; pessoas com alguma experiência, com alguma vivência aqui na cidade e região. E a semana foi realizada no auditório do então HU (hospital Universitário) que hoje é HR, pela estrutura. E nós convidamos para o encerramento da semana, elegemos para o encerramento da semana a palestra do Moacir Bento que é jornalista de Presidente Venceslau, dono do Jornal Integração, que havia sido dono do jornal Brasil de Santo Anastácio depois virou cultura e onde viva, mas esse profissional foi trabalhar em São Paulo e aí ele trabalhou na Rádio Record, ele apresentava um noticiário muito importante na época chamado checkupmil, era o último jornal que fechava lá entre onze e meia noite. Ele trabalhou se não me falha a memória pro Diário Popular em São Paulo, de certa forma que era um profissional experimentado, e foi convocado. Houve um problema de saúde com a filha dele, tipo assim, a semana de encerrava na sexta na terça-feira teve esse problema, e ele nos comunicou. E veja como que foi o negócio, o Marcelo Rezende que hoje é apresentador no Cidade Alerta da Record, era repórter de rede da Globo, e ele veio naqueles dias em Presidente Prudente, tipo assim, ele chegou na quarta-feira pra cobrir o conflito agrário do Pontal do Paranapanema que estava pegando fogo, e a Cinthia Aquino que já trabalhava na televisão foi quem intermediou, não fazia propriamente parte da nossa comissão de organização, mas o Erickson Rezende que fazia falou com ela, só sei que de tal forma que quem veio encerrar a semana de comunicação foi o Marcelo Rezende, que era um nome nacional, não era essa a nossa expectativa. E no ano seguinte nós trouxemos o José Roberto Borniê, na conversa também com a Cinthia, com o pessoal da Fronteira ajudando a gente. E sempre sem custos. Nós fizemos todas as nossas semanas sem custo nenhum de passagem, nada; era na cara de pau.

PODE-SE DIZER QUE ESTE FOI O PRIMEIRO D.A.?

Não tinha nada a ver com D.A. pois o D.A. fez a primeira tentativa e não foi, fizeram a segunda. Eu não cheguei a participar. Minha participação efetiva foi expedido. Nós não tínhamos uma estrutura de diretório, era uma estrutura de uma comissão para organizar evento e também não tinha presidente. Entrou quem estava interessado, como eu havia feito a coordenação cabia a mim, mas

LEMBRA DE ALGUM QUE A FACULDADE INCENTIVOU, SOLTOU A VERBA?

Não. Acho que a mobilização foram dos alunos mesmo.

E QUAL A PRINCIPAL DIFICULDADE QUE TINHA DE FAZER A FACULDADE?

Não sei se penso se posso falar em dificuldade. Houve um tempo em que eu desanimei, que queria parar em função da minha correria. Eu trabalhava para o Jornal O Imparcial, muitas tarefas. Fazia correspondência para a Agência Estado de São Paulo, era uma correria muito grande e o curso só tinha de manhã, não tinha o curso noturno. De tal forma que eu me arrumei, trabalhava tarde e noite para corresponder meus compromissos para poder estudar. A Neusa Matos, que é nossa colega, que é comunicadora da Rádio Prudente produz e apresenta o microfone aberto. Quando dava tipo assim, se nossa aula ia até 11:10hrs como vai hoje, não me lembro se é exatamente esse horário, tipo assim, dez minutos, dez para onze ela precisava sair que ela tinha os compromissos de horário, ela pedia licença e caminhava. Mas a gente se organizava para responder os compromissos. Esse era o peso, mas o prazer era maior que o sacrifício.

HAVIA RESPALDO DOS PROFESSORES E COORDENADORES?

Espetacular. Tínhamos algumas divergências, tinham sim. De você, no bom sentido, de brigar por melhorias no curso, fazer algumas exigências, alguns conflitos que surgiram. Até pela seguinte razão; um pessoal que já estava no mercado, então na verdade era colega tratando de colega de alguma forma.

QUAIS OS PONTOS FRACOS E PONTOS FORTES QUE VOCÊ VIA NA FACOPP ENQUANTO ALUNO?

Pontos fortes e pontos fracos, acho que é tão difícil falar em pontos fracos, sabe, foi tudo tão apaixonante, tudo tão gratificante, tudo assim num ritmo assim, de um estado emocional muito forte, entendeu, de um aprendizado, de uma preparação. Eu acho que talvez de uma coisinha que a gente pudesse falar, o laboratório por exemplo de informática, que nós tínhamos que usar não era aqui, era o laboratório de uso comum que era no bloco B2. Então nós saíamos, e ia todo mundo para lá. Não diria fraco, mas é melhor todo mundo ambientado em um lugar só. Tudo melhorou, talvez esse deslocamento e essas faltas de laboratório que oje tem em bons números, em excelentes condições.

VOCÊ DIRIA PONTE FORTE, ESTA UNIÃO, E ESSE APROVEITAMENTO?

Esse compromisso de todos, de construir. Tanto é que na nossa turma, nós entramos no nosso primeiro provão, o que se diz, agora não é chamado provão, é chamado Enem, não Enem não é do ensino médio, é o Enade, agora é o Enade, o que se diz é que o provão quando instituíram o Ministério chegou muito pesado, o segundo ele já deu e nós saímos, era conceito de A, B, C, D, e

nós tiramos B, e foi fantástico. E nós fomos fazer as provas na Escola Monsenhor Sarrion, quatro horas, como permanece até hoje. Eu já com alguma experiência na área, eu entrei no horário e todos nós ficamos até o último instante dando o máximo da gente pra fazer. Até porque a parte de redação foi muito complicada e tinha um quadro de estatística de acidente e uma informação veio para a composição desse quadro, ela fazia uma diferença entre o antes e o depois que eu não me lembro exatamente o que é, se ela relacionado a cinto de segurança e acidente, aí trazia a BR 101, de um trecho lá da Bahia, e normalmente que toda a informação que você tem um grau geográfico e estatístico, ele exige um tempo de leitura e pra você situar onde aquela construção estatística pode dar um gancho, uma diferença, uma pegada pra você trabalhar. Não foi fácil não, mas todos, todos sem exceção do primeiro ao último instante, enfiado dentro daquela sala para poder entregar.

COMO FOI O SEU TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO? ERA PERMITIDO FAZER EM GRUPO OU DEVERIA SER INDIVIDUAL? QUAL FOI O TEMA E A PEÇA PRÁTICA?

Ele podia ser produzido individual ou em grupo. Nós escolhemos, na verdade você não fazia em função do tema, você fazia em função da peça e com a diferença, se ia buscar a viabilidade desse produto no mercado. Você tinha que apresentar, no caso que nós fizemos uma revista. Quanto foi o custo da revista, orçamento para impressão dessa revista, tinha que fazer tudo. Dois, três orçamentos. Os preços de publicidade, como isso era no mercado. Você no primeiro instante fazia mais em função do produto do que o tema. Aí quando a gente vê o TCC acha até feio em função dos atuais, entendeu. Nós fizemos, temos a revista, eu ainda tenho umas cópias das revistas. Nós fizemos 2.000 exemplares e distribuímos em alguns pontos que interessavam, e dez, doze, não sei se tem. Imagino que nós tiramos nota dez. Não me lembro de cabeça, acredito que foi nota máxima. Não foi função minha, foi função da equipe toda que esteve envolvida.

QUEM FOI COORDENADOR ANTES DO SENHOR?

Gilson Catussi, que não era coordenador, era diretor ainda.

QUEM ENTROU NO SEU LUGAR?

Professor Munir, que era questão de direção e depois coordenação.

GEORGIANE BECEGATO – I TURMA**QUAL MOTIVO TE LEVOU A CURSAR JORNALISMO NA UNOESTE?**

Eu sempre gostei da área e me atraía a parte de jornalismo. E como eu sou do primeiro curso, eu nunca imaginava fazer porque não imaginava sair de Prudente, estava fora da minha realidade estudar fora e eu estava fazendo farmácia. Fiz um ano de farmácia, no final do ano de farmácia eu lembro que eu estava na secretaria da faculdade, acho que pagando a última mensalidade ou fazendo a matrícula, uma coisa assim, eu escutei esse burburinho que ia abrir o curso de jornalismo, na hora eu abandonei farmácia. Falei pra minha mãe, é o que eu quero, eu sempre quis, parei farmácia e comecei jornalismo.

QUAIS VEÍCULOS QUE TINHA AQUI, VOCÊ LEMBRA? ONDE DAVA PRA TRABALHAR?

Tinha o Oeste Notícias, o Imparcial, as rádios normais que tem hoje, Comercial, Presidente Prudente, Tv Fronteira não tinha. Tv que tinha aqui, acho que era SBT, tinha só escritório. Mas você acha que eu pensei nisso, será que vai ter área aqui? Eu imaginei que era jornalismo, é isso que eu gosto, sempre gostei muito de ler, de me informar, sempre fui muito curiosa, sempre assim, busquei saber, meio até que investigadora, ficar indo atrás, eu achei que se enquadrava comigo, por gostar, sempre me destaquei muito nos vestibulares e antes na escola, em redação, escrevi livros, poemas, mas nunca publiquei, era coisa assim, de adolescente, então eu achava que era pra mim. Hoje, eu ainda acho que é pra mim, mas eu estou assim, muito desiludida com a profissão, é meu ganha pão, preciso dela pra sobreviver e não consigo mais trabalhar. Estou bem desiludida. Mas acho também que é porque eu estou em Prudente, no interior. Quem se formou, muita, muita gente que a gente acompanha, quem foi pra fora está muito bem, principalmente na área de publicidade.

ERA NO CAMPUS I ENTÃO?

Sim. Acho que ficou um ano e meio, um ano e pouquinho, dois anos. Foi no Campus I. Aquele da cantina, bloco H, era perto de medicina, onde principalmente eles mexiam com os corpos aí a gente sentia muito cheiro de formol. O diretor do curso primeiro foi o Carlos Manfrin, depois, quando passamos pro Campus II, passou lá pro Vicchiatti. Terminou com o Vicchiatti.

COMO FOI ESSA MUDANÇA? OS ALUNOS RECLAMARAM?

Eu reclamei muito, porque eu morava na José Bongiovane, era muito pertinho. Então, eu não tinha carro, foi totalmente um transtorno, pegar aqueles ônibus lotados, e voltar. Demorava muito pra chegar, demorava muito pra voltar. Chegando lá tinha que caminhar muito pra chegar naquele bloco de jornalismo. Eu era muito preguiçosa, aquela rampa. Em geral, eu não lembro assim, acho que ficou dividido. Uns gostaram pelo lance do estacionamento, tinha onde deixar o carro. E porque ia ter uma melhor infraestrutura. E realmente. Ali (Campus I) a gente estava sem nada.

NÃO TINHA LABORATÓRIO NENHUM?

Não. Não me lembro de frequentar nenhum laboratório nos primeiros anos. Não tinha laboratório no Campus I. Era mais no Campus II. Lá tinha de foto, TV, rádio.

QUAIS OBJETIVOS VOCÊ TINHA QUANDO COMEÇOU O CURSO? ELES FORAM ALCANÇADOS? DE QUE FORMA?

A maioria que estudou, que eu via se formando depois, que veio, como eu trabalhei oito anos seguido, nove anos seguidos no Oeste Notícias, passaram por mim ali, muitos estagiários, que estavam fazendo a faculdade depois e com todo mundo, o sonho era pra tv. O meu nunca foi, eu não sei, eu não tinha isso. Não me atraía. Impresso sempre me atraiu muito. Jornal sempre me atraiu muito. Então, de sentar, de escrever, deixar fluir, né? Lógico, que sendo imparcial. Eu sempre quis trabalhar num jornal, mas quando eu trabalhei no jornal, eu trabalhei como repórter fotográfico. Eu trabalhei como repórter no primeiro um ano e meio da faculdade. Eu trabalhei no primeiro anos da faculdade, que foi na instinta. Tinha a Folha da Região na época, que era de um jornalista famoso, o “Neif Taiardes”, então tinha a Folha da Região, que batia muito na prefeitura, era aquela briga, que na época era o primeiro mandato do Agripino. Então era um jornal bem polêmico. Eu lembro que as cores eram fortes. E eu trabalhei um ano e pouquinho ali e um dos meu professores era o Nuno, que ele era professor de comunicação. Mudou muito as matérias. Comparando as matérias que o pessoal tinha, hoje eu já não sei mais, tem mais de uns oito anos que eu não sei como está, mas depois que o pessoal foi passando por mim, a gente foi perguntando, tudo, eu me senti muito prejudicada por ter sido a primeiro turma. Muito, muito prejudicada, porque, tivemos depois professores que tiveram, professores excelentes da turma que eu acompanhei, tipo a Édima, a Lêda. Eu trabalhei com a Lêda na assessoria do Paulo Lima, foram professores excelentes que passaram e depois tudo mudou, investiram mais no curso. Então, eu me senti muito prejudicada devido a isso, porque estava sendo um experimento. Foi tudo um experimento. Eu acho que hoje, quem está saindo, está muito mais capaz.

Então, era trabalhar num jornal. Trabalhei, quando eu fiz essa rápida experiência como estagiária na Folha da Região. Então eu saía, porque era um jornal pobre, eu ia de ônibus, voltava de ônibus, não tinha motorista, não tinha carro, não tinha nada. Então eu fazia as matérias, fazia as fotos, chegava correndo na redação, escrevia tudo, revelava as fotos, porque naquele tempo era filme, dava já pra alguém levar as fotos pra revelar. E no outro dia, era capa, então eu achava bastante bacana. Foi bacana. E a parte do, no Oeste eu me realizei bastante, porque foi uma área nova. Eu estava vindo da assessoria, porque eu sai do jornal, o Nuno, ele foi convidado para trabalhar nessa época, ele também era, ele precisou de um estagiário na Folha da Região e ele chegou na sala e falou, daí eu falei pra ele que eu tinha interesse e comecei a fazer com ele. Daí ele foi convidado pra trabalhar na assessoria de imprensa do Paulo Lima, daí ele me convidou pra ir com ele e eu também fui. Ele foi bem assim, meu amigo, meu padrinho. Eu passei três anos e pouco na assessoria, quase quatro, do Paulo Lima. Fazendo tudo o que tinha que fazer. Então,

fizemos jornal, fizemos *folder* e intercalava com assessoria da mulher dele, que era da ação feminina, que hoje tá junto com a fundação Agripino Lima. A FAL naquela época a fundação era bem fraquinha, então ela que começou com os cursos de manicure, pedicure, garçom. Então a gente fazia divulgação, as fotos. E do Paulo Lima fazíamos as fotos, onde ele ia fazíamos fotos pra divulgar pra imprensa, mandava release pra imprensa, então eu tinha o apelido de chapa branca, porque quem mexe com assessoria leva o apelido de chapa branca. Isso tudo na faculdade. Então fazia muita foto dele e tudo, mas nunca imaginava que ia virar fotógrafa. Ai no final deste ano, quando eu me formei, em 98, precisou de fotógrafa na Unoeste, porque uma estava de férias e o Fernando Martinez quebrou o pé, aí eu fui socorrer. Só sei que eu fiquei um mês sozinha. Primeiro me deram uma máquina na mão e falou “vai”, em fotojornalismo, e depois fiquei três meses assim, no lugar do Fernando. Quando a Renata Fernandes voltou. Me apaixonei. O fotojornalismo é tudo, né?! E você não tem a capa do jornal você tem que se virar, e você a sua sensibilidade te faz tirar o essencial dali, você tem que estar em sintonia, com o repórter é tudo. Então eu recebia minha pauta e o repórter a dele. Mas ele entrava no carro eu trocava uma ideia com ele. “Como que é, como você vai focar?”. Por que você sai com uma pauta da redação e ele pode virar totalmente, então eu acompanhava. Eu gostava de acompanhar a entrevista, eu até fazia pergunta junto. E nenhum repórter nunca achou ruim, porque eu ajudava muito ele. Às vezes eles não saiam da redação e faziam por telefone e precisava de personagem, aí “vai lá e consegue pra mim”. Então eu ia no calçadão. Eu era perita em pegar personagem no calçadão, em bairro e em tudo quanto é lugar. Eu sempre tive essa abordagem bem fácil. De conseguir personagem, tirar leite de pedra, tirar a resposta. Então eu sempre me dei muito bem com os repórteres. Que tinha essa sintonia. Então, às vezes no meio da entrevista, o foco da foto virava. Já tinha feito uma, mas assim eu percebia que virava, que tinha que pegar um ângulo diferente pra mostrar uma outra coisa. Então, aconteceu muito isso de, no meio da entrevista mudar o foco, um boneco que você fez muda também dependendo da entrevista.

QUAL ERA A DINÂMICA DO CURSO? HAVIA MANHÃ E NOITE? VESTIBULARES DE INÍCIO E MEIO DE ANO?

Começou com turma só de manhã, no terceiro ano que foi pra noite. Agora o vestibular no meio do ano, foi muito tempo depois. Não lembro de vestibular no meio do ano.

O ESTÁGIO QUE VOCÊ FEZ ENQUANTO ESTUDAVA, O QUE ELE ACRESCENTOU NA SUA VIDA PROFISSIONAL?

Foi essencial. Todo mundo que passava pelo jornal fazendo estágio, eu aconselhava, inclusive grandes jornalistas que estão aí hoje atuando passaram pelo estágio do Oeste Notícias, como Vivian Padovan, jornalistas que estão fora que se destacaram, Rildo Herrera. É que tem uns que não são assim tão famosos, mas que se destacaram passaram pelo estágio ali. O Cristiano Machado, que hoje faz parte da secretaria em Tocantins, só que ele participou do estágio do Imparcial. Então eu acho que é essencial, porque você sai cru da faculdade e naquela época você saia mais cru ainda. Eu não saí crua porque

desde o primeiro mês de aula eu comecei estágio. Então quando deram seis meses de estágio eu sabia o que ninguém mais sabia. Porque eu já tinha saído em campo, eu já tinha feito capa de jornal, eu já estava além. Eu podia não saber muito ali da teoria, porque minhas notas não eram lá essas coisas, eu nunca gostei de estudar, mas na prática eu sabia. A parte de diagramação gráfica, lembrei o que o Nuno dava, era diagramação gráfica. Então tinha coisa que eu não levava. Pegar um microfone e ir pra frente de uma câmera, era um tiro, não era minha praia. Eu não tinha voz, eu não tinha cara, não tinha corpo, não era pra mim. Não me encaixava. Acho que pra rádio também não.

JÁ HAVIA ESTÁGIO INTERNO NA FACOPP?

Não lembro. Acredito que não.

ERA OBRIGATÓRIO O ESTÁGIO SUPERVISIONADO?

Acho que não tinha. Tinha muita gente que atuava na área. Os quatro anos de faculdade foi muito assim, gente que já atuava na área sem MTB, sem curso nenhum, aí correu pra fazer pra ter o MTB. Então tem muita gente assim. Homero, Neuza Mattos. Eles tinham profissão, era a profissão deles. Então eles só fizeram a faculdade mesmo, pra ter o MTB. Eu lembro que os primeiros anos foi muito disso. Muita gente que atuava na área e já fazia. E lógico, tinha aquele monte de sonhador que nem eu, eu estava ali, achando que o curso de jornalismo era quanto glamour.

QUAIS ERAM AS PRODUÇÕES FEITAS EM SALA DE AULA? HAVIA PRODUÇÕES PRÁTICAS?

Tinha um jornalzinho chamado Espalha Fato.

ESSAS PRODUÇÕES ERAM DISTRIBUÍDAS? PRA QUEM E COMO?

Não lembro. Acho que só ficou na faculdade. Revista eu não lembro. Não tinha.

QUAIS EQUIPAMENTOS ERAM UTILIZADOS NELES (LABORATÓRIOS)?

Era tudo muito nova pra gente. Não dava pra saber o que era moderno, o que era novo, se as tvs estavam usando aquilo ou não. Pra gente era um mundo fabuloso. Quando eu entrava num estúdio de foto, de rádio, então o que eu mais lembro assim, perfeitamente, que era todo revestido, tinha a parte certinha onde gravava, a mesa de som, então era assim, o que eu imaginava que seria de rádio. Depois eu passei por rádios na cidade, que eu conheci, e acabei percebendo que era exatamente daquele jeito. Eu acredito, porque a faculdade investiu muito. Eu acredito que tinha do melhor, mas no começo não tinha infraestrutura e eles estavam às escuras, eles não sabiam o que fazer, onde buscar professor, então acho que por isso que a gente ficou prejudicado nisso.

QUAL LABORATÓRIO VOCÊ MAIS FREQUENTAVA? POR QUÊ? DAS AULAS QUE VOCÊ TEVE, QUAIS SE DESTACARAM EM SUA CARREIRA PROFISSIONAL?

A de foto. O Paulo Miguel ele é formidável. Naquela época era o top. Quinze minutos ele falando sobre fotografia era muito bacana. Então ajudou também. Eu não sei se, naquela época, o que eu aprendi em sala de aula me ajudou tanto assim no jornal. É lógico que ajudou em redação, na construção de um texto, no lead, como abordar, mas é no dia-a-dia que por isso que eu falo que o estágio é essencial.

O QUE MARCOU SUA VIDA NO DECORRER DO CURSO? HOUVE ALGUM PROFESSOR QUE A MARCOU?

O Nuno. Ele foi assim, um guru, um mestre. Os três anos que eu trabalhei com ele, ele saiu, e a gente ficou na assessoria sem ninguém formado, daí o Éric entrou, que hoje ele é repórter lá em Foz do Iguaçu, e ficou eu e ele de estagiário, mas a gente fazia tudo, porque estávamos no último ano de faculdade, então a gente sabia mandar muito bem. Tinha feito aquilo desde sempre. Acho que eu trabalhei no último ano com a Lêda, mas ela nem sonhava em fazer jornalismo.

HAVIA ALGUMA DISCIPLINA QUE VOCÊ ACHA QUE NÃO ERA IMPORTANTE PARA A SUA FORMAÇÃO?

Não lembro. Eu sofri muito, mas acredito que era necessária, com filosofia e sociologia. Eu acho que deveria ter psicologia. Se eu pudesse fazer outra faculdade, com certeza seria psicologia. Dá muito certo jornalismo e psicologia.

QUE TIPO DE EVENTOS ERAM OFERECIDOS NA FACULDADE?

A Semana de Comunicação. Era muito forte.

OS ALUNOS FAZIAM VIAGENS PROMOVIDAS PELO CURSO PARA AMPLIAR O APRENDIZADO?

Acho que teve. Mas não fiz nenhuma.

E POR CONTA PRÓPRIA? HAVIA ESTA ORGANIZAÇÃO?

Não lembro, acredito que eram os alunos. Acho que teve visita ao Jô, eu não era muito enturmada. Eu estava dura, nunca tinha dinheiro, então pra mim era outra realidade.

QUAL A PRINCIPAL DIFICULDADE QUE VOCÊ TINHA EM FAZER A FACULDADE?

Eu acho que foi o TCC. E teve uma época, acho que do segundo pro terceiro, que é, tipo assim, que se acaba ficando muito sozinha e eu comecei a faltar muito, daí acabei sendo chamada a atenção pelo Vicchiatti, que eu ia reprovar,

aquela coisa. Eu fiquei com medo de perder todo o curso. Não lembrei qual era a maior dificuldade era ter que lutar todo mês, na época de prova, porque meu curso não era pago. Eu tinha que provar que o Paulo Lima estava me dando a bolsa, mas não tinha nada por escrito. Minha maior dificuldade era essa. Minha dificuldade, meu nervoso, minha vergonha, meu estresse. Chegava a prova, vinha o nome de todo mundo e o meu não estava lá. E o Manfrim até sabia, porque ele era ligado ao grupo. “Jô, vai lá na secretaria”. Daí eu tinha que ir lá na secretaria, e eles ligavam no escritório político do Paulo Lima, conversavam, e me liberavam e eu fazia a prova. Nos quatro anos de faculdade foi assim. Naquela época, se você não tivesse pagado a mensalidade do mês não vinha seu nome. E muita gente deixava até pra fazer a repositiva, por causa disso. Depois acertava e fazia. Eu cheguei a deixar repositiva, por que não consegui liberar naquele dia, não encontraram o Paulo Lima em Brasília pra me liberar, então essa foi minha maior dificuldade. Depois foi fazer o TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) sozinha.

QUAIS OS PONTOS FORTES E OS PONTOS FRACOS QUE VOCÊ VIA NA FACOPP?

Fraco? Acredito que na época foi a docência mesmo. Na época tinha professores bons, como o Paulo, o Nuno teve uns assim, que deixaram muito a desejar. Acredito que tenha sido isso. Porque depois vieram professores muito, muito bons. Não sei se talvez os laboratórios. Eu acho que o que deixou a desejar na Facopp pra mim foi da turma ser a primeira e da gente ter sido cobaia. Acho que isso deixou muito a desejar. O investimento que eles fizeram (depois) foi um ponto forte.

COMO FOI O SEU TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO? ERA PERMITIDO FAZÊ-LO EM GRUPO OU DEVERIA SER INDIVIDUAL? QUAL FOI O TEMA E PEÇA PRÁTICA?

Eu tirei 8,5 ou 9,0. Eu fiz um folder pra ser distribuído nos postos de saúde de Presidente Prudente pra esclarecer as grávidas. Então, tinha o formato de uma barriga, tinha 10 números que eu fiz, e cada número tinha um bonequinho dentro, com uma linguagem bem fácil que explicava pra mãe, cada número falava de uma coisa, amamentação, pré-natal, primeiro ano, pediatria. Porque eu fiz isso? Antes disso, eu fiz um levantamento nos bairros carentes de Prudente, sozinha, entrevistei 400 pessoas, 400 mães, tenho tudo documentado e as mães carentes não sabiam. Elas tinham cinco filhos dentro de casa e nunca fizeram um pré-natal. Então comecei a achar aquilo absurdo. E o meu orientador era o Nuno, e ele falou “é isso mesmo, vai em cima que é isso”. É que na época eu não achei ninguém pra me incentivar, porque ia virar. O folder ficou uma graça. Eu achei o papel certo. Ficou uma graça pra ser distribuído. Só que a prefeitura tinha que investir, ia ser coisa da prefeitura. E naquela época não tinha os P.S. que tem nos bairros hoje, era mais o Palácio da Saúde. E as mães não sabiam o que era pré-natal, o que era se prevenir, não sabiam que tinha camisinha de graça, os anticoncepcionais, a gente perguntava e elas não sabiam. Entendeu, elas não se preveniam, não sabiam nada. Então assim, aí eu falei, esse é o ponto. Então eu provei na banca, por A+B, que a população carente de Prudente, não sabia, era mal informada e

que isso seria assim, enquanto ele estava esperando no posto de saúde, ali pra ser atendida ela ia tá lendo sobre aquilo. Mas a distribuição ia ser gratuita, ia chamar a Atenção porque era o desenho de uma barriguinta, cada uma de uma cor, bem bonitinho, eu tenho até hoje em casa. Aí, eu defendi sozinha, que foi barra.

RILDO HERRERA- I TURMA

O QUE TE LEVOU A CURSAR JORNALISMO NA UNOESTE?

Eu sempre gostei de jornalismo, mas fui prestar vestibular para Ciências da Computação e vi que iria ter Comunicação Social. Como eram duas coisas que sempre gostei, acabei optando por Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. A ideia era fazer Jornalismo e voltar para cursar Publicidade, mas fiquei só no Jornalismo, descobri minha profissão, gostava de fazer.

A PRIMEIRA OPÇÃO FOI A UNOESTE? VOCÊ ACHA QUE FOI PREJUDICADO POR SER DA PRIMEIRA TURMA?

Sim, sou da primeira turma e não havia outras turmas em Presidente Prudente que oferecesse Jornalismo e nem na região, tinha só em Londrina a UEL e Maringá e como eu trabalhava para pagar a faculdade, na verdade não tinha outra escolha até por ser a primeira turma. As aulas eram no Campus I e depois foram para o Campus II. Quando eu terminei a faculdade as ilhas de edição da faculdade não estavam prontas e não tinha nada funcionando e nosso TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) foi sobre televisão, a gente ficou com o material bruto, não tinha ilha de edição. Os professores assistiam o material pelo videocassete. Usávamos as câmeras da faculdade, mas não tínhamos ilhas de edição, a parte prática era prejudicada. A maior parte eram de jornalistas, que já estavam no mercado de trabalho, para eu que trabalhava, acho que pode ter me prejudicado um pouco.

QUEM ERA OS COORDENADORES DE CURSO NA SUA ÉPOCA?

O primeiro coordenador foi o Carlos Manfrim, eu peguei dois coordenadores. Na época parecia que não tinha separação por coordenadores de Publicidade e Propaganda, de Jornalismo. Depois veio o Carlos Viachiatti;

VOCÊ LEMBRA QUEM FUNDOU O D.A.?

Na verdade juntou um grupo de alunos da primeira turma e da segunda turma, eu participei dessa formação, inclusive o nome Johannes Gutemberg, considerado o pai da imprensa, eu acabei sugerindo, mas isso é crédito de todo mundo. Presidente na época foi Rodrigo Sthefans, e na primeira gestão fui diretor de esporte, gostava muito de esporte, já tinha prestado vestibular em educação física, e coordenar o pessoal da gincana, o pessoal do intercurso, na segunda sai como presidente, depois terminei a faculdade.

QUAL ERA A DINÂMICA DO CURSO? HAVIA VESTIBULARES NO COMEÇO E NO MEIO DO ANO?

Só havia no começo do ano, não havia semestral. Quando eu me formei, tinham quatro turmas de jornalismo.

FEZ ESTÁGIO ENQUANTO ESTUDAVA?

Não fiz estágio porque eu trabalhava na Fepasa para pagar a faculdade. Hoje vejo que o estágio daria uma base, experiência profissional que você não tem na faculdade. No meu caso, como não tinham os laboratórios a disposição. Acho que o estágio é muito importante porque abriria uma porta para o trabalho, às vezes as empresas querem jornalistas mais experientes. Quando terminei a faculdade entrei no Oeste Notícias e me ofereci para trabalhar dois meses de graça, até para eu ter essa vivência profissional. O editor era o Valter, eu só queria aprender, e se nesses dois meses tivesse uma vaga, de repente ele pudesse me contratar, e ele aceitou. Foi uma maneira de conseguir experiência e deu certo.

HAVIA UMA ABERTURA NO MERCADO PARA OS ESTÁGIOS, OU ERA MAIS DIFÍCIL? E TINHA ESTÁGIO SUPERVISIONADO?

Era mais difícil. Os sindicatos na época viam os estagiários como se fossem tomar os lugares dos jornalistas. Hoje acho que muitas empresas acabam pegando. Na época acho que não tinha estágio supervisionado, só na faculdade. Não existia muita exigência na faculdade com isso. Difícil falar desse assunto porque eu não estagiei.

HAVIA PRODUÇÕES PRÁTICAS EM SALA DE AULA?

Havia diagramação, já que faziam aulas práticas; de fotografia tirávamos fotos, e jornal laboratório “Espalha Fato”. Acho que mudou de nome. E uma revista que produzimos. Eram distribuídos na universidade, e os alunos que levavam.

VOCÊ ACHA QUE HAVIA ALGUMA DISCIPLINA QUE NÃO ERA IMPORTANTE?

Talvez como meu curso era gerenciado por um jornalista, acho que eram mais matérias direcionadas ao jornalismo do que alguma outra matéria só para publicidade. Eu não gostava muito da teoria da comunicação, tinha sociologia, que ajudava você a pensar. Acho que se pudesse mudar, eu trocaria inglês por mais aulas, pois não contribuía muito.

TEVE ALGUM PROFESSOR QUE MARCOU SUA VIDA ACADÊMICA?

Vários professores. Tinha o Renato, um amigo que fazia desenhos. O professor Paulo Miguel de fotografia, Paranhos de diagramação. Na nossa turma os professores praticamente viravam amigos dos alunos, porque não havia uma diferença muito grande da idade média eram profissionais de comunicação, trabalhavam. Cabrera de Sociologia, o João. O Paulo Miguel foi meu padrinho de casamento.

O QUE MARCOU A SUA VIDA ENQUANTO ESTEVE NA FACOPP?

O fato de ter conhecido a Caren na faculdade. Acho que ficou a amizade de todo mundo, os amigos, foram os melhores anos da minha vida, fiz amigos que eu carrego até hoje, a amizade da minha turma é bem legal. Além do conhecimento que eu adquiri na faculdade a amizade que quando a gente

entra na faculdade é colega, mas hoje podemos olhar para trás e dizer que somos verdadeiros amigos.

QUAIS EVENTOS EXISTIAM NA FACOPP?

Evento oficial era a Semana de Comunicação, mas a gente pegava a chácara para fazer festas, tinha festa junina, etc.

QUAL A PRINCIPAL DIFICULDADE QUE TINHA QUE FAZER O CURSO?

Acho que era acordar cedo, na verdade não dormir, que as vezes eu trabalhava a noite e ia direto para a faculdade, até os professores percebiam que eu tinha passado a noite acordado porque eu ficava agitado, porque se eu parasse eu ia dormir.

HAVIA RESPALDO DOS PROFESSORES E COORDENADORES?

Não havia um impedimento. Tive algumas discussões com o Carlos Vicchiatti, Manfrim e uma boa vontade dele ainda.

HAVIAM VIAGENS PARA AMPLIAR OS CONHECIMENTOS?

A gente participava dos INTERCONs, tinha escola superior de marketing. Os alunos que pagavam.

QUAIS OS PONTOS FORTES E FRACOS DA FACOPP?

Os professores é um ponto forte, e a estrutura na minha época era um ponto fraco.

ANTÔNIO SÉRGIO GIROTTI – V TURMA

POR QUE VOCÊ ESCOLHEU CURSAR JORNALISMO NA UNOESTE?

Quando fui ordenado Padre e vim para Presidente Prudente trabalhar, eu comecei a falar nos meios de comunicação, rádio, tv, e o bispo da época, Dom Agostinho, me disse que eu iria fazer jornalismo na Unoeste e que eu deveria me preparar para fazer o vestibular. Eu fiz a faculdade de manhã por causa dos compromissos da igreja. Nos primeiros anos eram todos juntos (publicidade e jornalismo) e depois separamos e eu continuei com a turma do jornalismo.

E A UNOESTE FOI SUA PRIMEIRA OPÇÃO?

Como era o Agripino quem comandava, ele dava prioridade para os padres que quisessem estudar lá, por isso, aquela época, nós não pagávamos nada. O mais difícil foi passar no vestibular (risos).

QUEM ERAM OS COORDENADORES DE CURSO NA SUA ÉPOCA? HOUVE MUDANÇAS DE COORDENAÇÃO ENQUANTO VOCÊ FOI ALUNO?

Era o Carlos Vicchiati. Não, foi com ele o tempo todo. Ele era muito rigoroso. Mas eu me lembro que a faculdade sempre recebeu notas boas no MEC, sempre A. Inclusive a minha turma, que era muito boa. Conseguimos manter a nota A.

VOCÊ FEZ ESTÁGIO NA ÁREA ENQUANTO ESTUDAVA? ONDE? CONTE UM POUCO SOBRE ISSO.

Fiz dentro da igreja. O bispo, dom Agostinho, fazia um jornal diocesano chamado Anúncio, que ainda existe. Porém, ele era feito de uma forma muito simples. Eram recortes colados e enviados para a gráfica. E meu trabalho de conclusão de curso e estágio foi melhora-lo, uma vez que é distribuído em toda a região. São 25 mil exemplares gratuitos distribuídos nas paróquias.

QUAIS OBJETIVOS VOCÊ TINHA QUANDO COMEÇOU O CURSO? ELES FORAM ALCANÇADOS? DE QUE FORMA?

Era aperfeiçoar a comunicação e ter o diploma de Jornalismo. O jornal diocesano é assinado por mim. Eu sou a favor que todo padre faça comunicação; seria o ideal. Pois nós usamos a comunicação. E não é só o rádio e a tv, mas a igreja. Ela é um meio de comunicação. Nós falamos da palavra de Deus. Ajuda muito.

QUAIS LABORATÓRIOS EXISTIAM EM SUA ÉPOCA? QUAIS EQUIPAMENTOS ERAM UTILIZADOS NELES?

Rádio, TV. Nós fazíamos algumas reportagens na rua. Fizemos um trabalho com o lar dos meninos visitando casas de famílias que acolhem crianças do Lar. Fizemos entrevistas. E no rádio, nós fazíamos programas. Era muito bom. Também tinha o de fotografia. Inclusive, fizemos um trabalho aqui com a igreja

(Nossa Senhora do Carmo) na época em que estava em processo de destruição da igreja antiga. E eram reveladas as fotos na faculdade.

QUAL VOCÊ MAIS FREQUENTAVA E POR QUÊ?

Rádio e Tv. Sempre me dei bem. Eles eram separados. Estúdios diferentes.

O SR. FAZ USO DO QUE APRENDEU NA GRADUAÇÃO HOJE EM SUA VIDA SACERDOTAL? DE QUE FORMA?

Bastante, me ajudou muito. Principalmente essas técnicas de rádio. Minha dificuldade é a parte escrita. Eu não consigo, por exemplo, montar um jornal. Eu posso dar as dicas, mas eu não sei diagramar. Tenho dificuldade com a informática.

HOVE ALGUM PROFESSOR QUE MARCOU SUA VIDA ACADÊMICA? QUAL E POR QUÊ?

O Paulo Miguel, a Édima, a Leda, o próprio Carlos, que lecionava sobre TV também, eles marcaram muito.

O QUE MARCOU SUA VIDA NO DECORRER DO CURSO?

O fato de minha mãe ter falecido. Foi um fato triste que aconteceu enquanto eu estudava. Agora, um fato alegre era o ir a faculdade. Eu amava. Amava a turma, era muito gostoso. E as aulas práticas eram muito boas.

E DISCIPLINA? QUAL CHAMAVA MAIS ATENÇÃO?

Sempre as práticas. Rádio, Tv. Eu não gostava muito de teoria.

HAVIA LAGUMA DISCIPLINA QUE JULGA NÃO TER AJUDADO, QUE NÃO ERA NECESSÁRIA?

Não. Todas eram necessárias. A informática eu não dominava, mas era necessário. Já imaginou comunicação sem informática? Era importante. As teorias de comunicação eram importantes. Tudo.

JÁ HAVIA ESTÁGIOS INTERNOS NO CURSO?

Não me lembro. Nós fizemos o trabalho de melhorar o jornal diocesano, já vínhamos trabalhando há um bom tempo nele e ficou como trabalho de conclusão de curso.

COMO ERA PARA FAZER ESTÁGIOS – MESMO OS EXTERNOS – HAVIA ABERTURA NO MERCADO?

Eu sei que hoje está mais fácil. Mas não me lembro de ter estágios remunerados naquela época. Falta a conscientização das empresas de investir mais na comunicação. De contratar mais estagiários. Eles reclamam que o

comercio vai mal, mas não investem na comunicação. Como dizia o Chacrinha: “Quem não se comunica, se trumbica”. Assim como a igreja, que tem uma visão muito curta de como usar os meios de comunicação. É muito atrasado. Mas eu também vejo uma falha na faculdade. Devia partir deles a questão de estágio. Além de ajudar o aluno a ter esta experiência, também ajuda financeiramente.

ERA OBRIGATÓRIO O ESTÁGIO SUPERVISIONADO?

Não, não me lembro disso.

QUE TIPO DE EVENTOS ERAM OFERECIDOS NA FACULDADE?

Havia a Semana de Comunicação, que acontecia sempre em maio. Vinham pessoas do meio da Tv. Mas por causa das atividades da Igreja, eu fazia o possível pra participar, mas ficou muito a desejar por causa do trabalho. Eu tive muito ajuda dos grupos da sala. Eles me ajudavam por que já sabiam da minha rotina.

OS ALUNOS FAZIAM VIAGENS PARA AMPLIAR O CONHECIMENTO?

Tinha sim, era oferecido, mas eu nunca pude ir.

VOCÊ TEVE DIFICULDADE EM FAZER A FACULDADE? POR QUAL MOTIVO? O QUE MAIS ATRAPALHAVA?

Sim, quanto ao tempo. O trabalho na igreja consome o tempo. Por isso foi difícil conciliar as coisas. Mas eu consegui.

HAVIA RESPALDO DOS PROFESSORES E COORDENADORES?

O curso era bem puxado. O Carlos se preocupava em manter o “A” no provão. Ele cobrava muito. A Édima também era muito exigente. Mas eles ofereciam meios para que pudéssemos tirar essa nota.

QUAIS ATIVIDADES PRÁTICAS ERAM FEITAS EM SALA PARA SEREM DISTRIBUIDAS? (JORNAL, REVISTA)

Olha, eu pude perceber, em visita feita à Facopp recentemente, que está mais avançado do que antes. Eu vi muitas mudanças. Questões físicas, estrutura. Nós fizemos um jornal, o espalha fato. Havia algumas meninas que ficavam responsáveis por distribuí-lo.

QUAIS OS PONTOS FORTES E OS PONTOS FRACOS QUE VOCÊ VIA NA FACOPP QUANDO ERA ALUNO?

Eu acho que o investimento deveria ter sido melhor. Eu sentia que nós precisamos estar mais envolvidos em atividades práticas.

MARISTELA COIMBRA – V TURMA

O QUE TE MOTIVOU A ESCOLHER O CURSO DE JORNALISMO NA UNOESTE?

Foi o fascínio pelo curso. Eu morava em Santo Expedito, perto daqui, não tinha feito Unesp, fiquei para segunda chamada. E como era longe, optei por fazer o curso aqui. Mas a princípio, foi a paixão pelo jornalismo mesmo. Eu não conhecia a estrutura (da Unoeste); eu não tinha feito pesquisa. Eu prestei o vestibular na Unoeste e na Unesp. Como na Unesp eu fiquei para segunda chamada, eu resolvi fazer a matrícula na Facopp, mas ainda não conhecia a faculdade em si.

QUEM ERAM OS COORDENADORES DE CURSO NA SUA ÉPOCA?

Era o Carlos Vicchiati. Na minha época era o único. Não tinha essa abertura como hoje. Era no mesmo prédio e mesmo bloco.

QUAL ERA A DINÂMICA DO CURSO? HAVIA MANHÃ E NOITE? VESTIBULARES NO INÍCIO E NO MEIO DO ANO?

Não me lembro muito bem, talvez no último ano tenham aberto vestibular no meio do ano. Mas na época ainda era uma organização tradicional. Tinha o período da manhã, o segundo período abriu posteriormente. Mas quando eu entrei era unicamente no período da manhã. E era uma coisa bem tradicional ainda.

QUAIS OBJETIVOS VOCÊ TINHA QUANDO COMEÇOU O CURSO?

Eu queria aprender aquilo que a gente vê na televisão; o jornalismo que eu conhecia. Eu morava numa cidade pequena; nós não tínhamos o hábito de revista ou jornal com tanta frequência. A minha busca pelo jornalismo era o de TV; aquilo que a gente via naquela caixinha. Eu queria entender como funcionava, saber qual a dinâmica de repasse de informação. Então era aquilo que mexia comigo; como a gente podia, de uma hora para outra, estar em vários lugares, cada repórter em um local interligado dentro de um mesmo jornal, e aquilo acontecia em 30, 20 minutos como a gente vê nos jornais. Isso mexia muito comigo. Esse era o objetivo; descobrir como aquele núcleo de informação chegava e era distribuído.

E VOCÊ CONSEGUIU ALCANÇAR SEUS OBJETIVOS? DE QUE FORMA?

Dentro do curso não tinha a internet como hoje, essa coisa de trabalhar site, online, não trabalhávamos tanto revista... Era uma coisa bem tradicional. A gente trabalhava o telejornalismo, na época, que era o jornalismo de TV, o radiojornalismo, que é o rádio, e a questão de alguns impressos. Eu aprimorei a parte de escrita, me identifiquei muito, e era algo que eu não tinha na cabeça. Eu fui me identificando muito com o rádio também, era uma coisa que gostava muito, de AM. Eu trabalhei durante dois anos, fiz estágio durante a faculdade na rádio Globo. Eu fiz esporte. Fazia o Prudentão que naquela época era bem forte. Então eu gostava muito de AM, de ir para o estádio, de ficar com o rádio e ouvir e assistir o jogo, de entrevistar. A gente ficava na tribuna pra fazer entrevistas com personalidades. Então eu gostava da dinâmica do rádio e gostava da escrita. Eu deixei de lado a TV, que era uma coisa que não me

fascinava. Tinha muita regra, diferente do jornalismo que a gente vê hoje. Tinha uma forma de segurar o microfone, forma de impostar a voz. E eu sempre fui muito falante, eu nunca gostei de um padrão, de você pegar a sua personalidade e colocar dentro de uma caixa. Então eu não conseguia enquadrar no meu perfil. Essa parte que me fascinou no início, que me fez procurar o curso, que era essa coisa televisiva, eu fui deixando de lado. Mas não por não alcançar os objetivos, mas por não me identificar com aquilo.

QUAIS LABORATÓRIOS EXISTIAM NA ÉPOCA?

Nós tínhamos o laboratório de foto, que era uma coisa muito gostosa de fazer. O Paulo Miguel passou uma paixão de fotografia pra todo mundo. Ele é um professor nato, e fazia desabrochar isso nos alunos. Nós fazíamos a foto, desde a latinha (pinhole), e íamos no laboratório revelar. Então a gente perdia muito tempo fazendo isso. Tínhamos o laboratório de rádio, de TV, e a parte de diagramação, que a gente fazia a parte de impresso, mas que era centralizada. Tinham alguns alunos escolhidos para trabalhar com essa parte. Então nós fazíamos assim: tínhamos o laboratório de informática, que era aula de informática, então cada um mexia, mas quando você vinculava algum trabalho da faculdade, tipo nós tínhamos o jornalzinho. Na minha época tinha o “Espalha Fato” (risos) é muito antigo gente, tem doze anos! Nós levávamos o projeto pra ser desenvolvido dentro desse núcleo. Quem mexia eram alguns alunos que se destacavam mais nessa área. Tínhamos uma sala de mesas para desenho, era só um espaço para criação, e os laboratórios de TV, rádio e fotografia.

TV E RÁDIO ERAM JUNTOS?

Não, eram separados.

VOCÊ LEMBRA DOS EQUIPAMENTOS QUE TINHAM NELES?

O de TV era tudo muito simples, porque naquela época não tinha muito essa coisa de novidade. No estúdio tinha aquele fundo branco, cromaqui. Tinham as luzes, as câmeras com os TPs, microfones, câmeras pra gente ir a campo fazer os trabalhos. Mas tudo muito simples. Eram tecnologias da época, mas não evoluídas como a gente vê hoje trabalhando. O laboratório de rádio também era uma mesa com dois microfones, com os retornos, a sala toda com acústica, a parte de vidro com aquele “no ar” e “sem ar” pra todo mundo ver a hora que você está trabalhando e a hora que não está. O laboratório de foto era espetacular. A gente tinha todo o tipo de material, desde aqueles líquidos, papel. Desde que você solicitasse, você tinha todo o tipo de material para trabalhar. Poderia utilizar em outros períodos; formava grupos e nós utilizávamos esses laboratórios em outros períodos. Era uma época simples de tecnologia, mas de muita abundância de material, a gente não tinha limite para trabalhar. Se você queria fazer algum projeto, tinha material a vontade. Os laboratórios funcionavam, os equipamentos também. A gente tinha máquinas, que podíamos pegar com uma solicitação.

E QUAL VOCÊ MAIS FREQUENTAVA?

Eu frequentava o laboratório de foto, era uma coisa que eu gostava muito de fazer porque era uma identificação. O laboratório de rádio eu me identificava, mas ele era limitado com horário. Então nós não tínhamos tanta liberdade como no laboratório de foto. E eu morava fora naquela época. Eu não tinha a liberdade de passar o dia na faculdade. No meu último ano, eu frequentei muito a parte dos projetos, dessa parte de diagramação que eu não me lembro o nome. O meu TCC foi um jornal. Eu fazia parte de um grupo de apoio de adoção de Presidente Prudente, vinculado à Vara da Infância e da Juventude. Eu era assessora voluntária deles. Montei um jornal com 6 páginas, acho, e a faculdade comprou a ideia. Ela foi a patrocinadora do projeto e ele circulou por quase 3 anos. A faculdade ainda continuou bancando para continuar divulgando. Então eu frequentei muito esse laboratório. Eu ia atrás da Débora, que era nossa professora de produção gráfica. Não era um laboratório dito, mas era algo que eu precisava frequentar por conta dessa demanda.

O QUE MARCOU SUA VIDA NO DECORRER DO CURSO?

O jornalismo, mesmo que a gente hoje não acredite nisso, ele tem enraizado um ideal de vida. Quando você se propõe a ser jornalista, ético, que é o que a gente pretende ser por toda a vida, você se depara com duas realidades. Você descobre que existem duas versões para a verdade, se não, três. A de um lado, a do outro e a sua. E isso me marcou muito, é uma coisa que eu carrego até hoje, lidar com isso é muito difícil. Dentro das empresas, eu já passei por algumas, você trabalha com aquela questão de hierarquia, de proposta, você tem política envolvida com tudo. Então você não consegue exercer o jornalismo que a faculdade te passa. Você tem que se formar dentro de cada empresa que você trabalha. Na Band, por exemplo, eu tinha uma liberdade maior. Era um programa de entretenimento, tudo podia, apesar de você continuar dentro de um padrão. Eu tinha passagem, off, abertura de matéria, encerramento. Eu tinha uma estrutura televisiva normal, mas eu tinha uma liberdade maior. A Record não. Eu tenho que tomar cuidado com o esmalte que eu passo, com a cor de cabelo que eu uso. Isso tudo tem uma influência. Então você já tem essa adaptação dentro de cada empresa, veículo, emissora. Você trabalhar com as verdades; no entretenimento eu não tinha isso, porque a gente fazia pautas frias; nunca colocava uma pessoa em questão, era muito difícil. No jornalismo tradicional você faz isso, principalmente com o factual. Então você vai à rua, vê o que está acontecendo. Então você tem a versão da pessoa, muitas vezes a da polícia, polícia civil. Gerenciar esse volume de informação, e ser fiel a ela, e conseguir passar isso para o público, é uma coisa que fascina, porque acaba ficando nas suas mãos. Você tem um editor, uma pessoa que pauta, um produtor, mas você vê que na rua a dinâmica é outra. Muitas vezes você chega ora fazer aquilo e não tem. A faculdade me passou aquilo. A semiótica é uma coisa que eu adorava; adoro até hoje. Não era uma coisa fácil de trabalhar em sala de aula, você pensava “poxa, tenho que ler esse livrinho besta”. Mas hoje, vivendo a realidade do mundo, eu vejo que ela foi muito importante, porque ela não te dava a base da realidade, mas ela te trazia pra ela; te faz pensar. Ela desenvolve o seu senso crítico. Eu não acredito em nada do que eu vejo, a primeira vista. Isso a faculdade me deu, e é uma coisa que eu carrego até hoje. Eu olho; meu cérebro marcou aquilo, mas eu não acredito.

Se é alguma coisa que me chama a atenção, eu vou olhar com uma segunda visão, olhar com uma sensibilidade diferente para aquilo ali para poder desenvolver aquilo que eu penso. Pode ser, em alguma oportunidade, que o que eu penso não é aquilo que aconteça, mas eu sempre tenho essa sensibilidade de buscar alguma coisa a mais. Eu não fico satisfeita com o primeiro olhar em nada. Isso eu acho que a faculdade me deu, foi um conjunto. Porque a gente não tinha muita tecnologia, então a gente trabalhava mesmo com esse conceito de texto, de leitura. Então era uma coisa de você ir lá fora e ver a flor, fotografar e voltar com ela. Então o conjunto daquelas disciplinas me fizeram ter essa tranquilidade que eu tenho hoje; pessoas não me engana. E na minha casa eu não assisto televisão. Eu trabalho em uma emissora, e eu não assisto TV, porque eu sei que aquilo é manipulado. Então eu não acredito. Eu tenho o hábito de leitura, de pesquisar, de acompanhar jornal, o nosso telejornal. Então você tem aquele hábito; mas é aquilo ali. Isso não faz parte da minha vida como um todo. Isso a faculdade me deu, de não ser manipulada, de você desconfiar de tudo, isso eles conseguiram passar pro meu profissional.

HOUVE ALGUM PROFESSOR QUE TE MARCOU?

Eu não colocaria um. Nós tivemos muitos problemas com o Carlos, que era professor de telejornalismo e coordenador da faculdade. Era uma pessoa muito difícil de lidar. Mas ele tinha, numa segunda leitura, uma imposição; um ideal impregnado que era uma coisa legal. Eu tenho amigas de turma, a gente ainda brinca quando vemos algumas fotos. A gente diz “Af! Socorro!” Mas você diz isso com muito carinho. Era muito rígido, muito tradicional, uma coisa muito forte. Ao primeiro contato era uma pessoa que você não queria perto, mas depois você aprendia a falar “não, aí tem mais alguma coisa.” A Lêda também. A primeira prova na sala nós tiramos todos 1,5; 2,0. Era uma professora que você dizia “não quero ver nunca mais.” Mas é uma pessoa que ficou um carinho muito grande. E o Paulo Miguel, que tenho um carinho por ele por conta dessa paixão por fotografia. Eu fiz um trabalho numa usina hidrelétrica em Porto Primavera. Peguei um ônibus sozinha, fui pra lá, fiquei o dia na usina, depois peguei um ônibus, voltei. Ele me encorajava a fazer essas coisas. Então era esse conjunto; de boas lembranças eu tenho a Lêda, eu tenho o Carlos; eu tenho a Débora, que foi uma parceira de final de curso, que foi a minha orientadora de TCC; e os outros professores também. Eu acho que eles ficaram; a Débora, a Lêda, o Carlos, o Paulo Miguel; eu tinha uma afinidade. E a Heloísa Miguel. A parte de assessoria é tão técnica que você esquece. Ela me deu aula de assessoria e foi ela que despertou a minha paixão. Tanto que meu projeto foi voltado a isso. Foi um jornal, não foi um projeto de assessoria, mas eu era assessora de um grupo, eu já tinha responsabilidade, antes de terminar o curso, de responder por uma instituição, principalmente pelo envolvimento a Vara da Infância e da Juventude. Eu tinha o promotor Luís Antônio, e ele me dava a liberdade de responder, de ir à imprensa, de falar. Então ela (Heloísa) me passou essa paixão. Quando nós fizemos a abertura da minha empresa agora, eu falei com ela. Ela me viu trabalhando pela TV, eu estive com ela numa inauguração do shopping, pois ela é assessora do Prudenshopping, e comentei com ela. Ela disse: “tenho poucos alunos com essa paixão; vejo em você a paixão pela assessoria.” Foi difícil, porque eu vim de uma escola pública. Eu não tinha redação, eu não tinha um bom português,

eu tinha medo de tudo por vir de uma cidade pequena. Então foram professores que me assustaram de início, mas que marcaram o meu lado profissional. Eu tenho muito carinho por eles.

E AS AULAS? TEVE ALGUMA QUE VOCÊ SE IDENTIFICAVA MAIS?

Eu acho que a própria assessoria, que era uma coisa que eu gostava muito de fazer, a parte escrita; e a semiótica. Sempre tive esse lado pra loucura. A gente fala que essas pessoas são como artistas. Você nunca vê um artista que vive bem. Ou ele tirou a própria vida, ou ele ficou louco. Você pode ver que os artistas antigamente tinham isso, se você buscar na história. Porque é uma coisa que não é normal. Você consegue sair de um círculo, olhar para ele e dizer: “eu não volto para isso”. Você consegue analisar; você é tido como louco, dentro de um equilíbrio, que nós achamos ser equilíbrio, mas que a maioria da sociedade te vê. É como a gente fala quando você vai sonhar com um projeto. Quando eu estou em um processo de inspiração, eu sento, eu ligo o rádio, eu ligo o computador; eu não fico quieta. Ou eu vou para a rua e começo a pesquisar. São momentos únicos que você tem de criação e de inspiração, mas que precisam ser exercitados. Então a parte da semiótica me deu isso. E a parte da escrita. Eu acho que as duas matérias que abordavam coisas que eu gostava de fazer.

E TINHA ALGUMA MATÉRIA QUE, NA SUA OPINIÃO, ERA DISPENSÁVEL, E NÃO AJUDOU EM NADA NA SUA VIDA PROFISSIONAL HOJE?

Eu tinha uma matéria que eu nem me lembro o nome; talvez o professor que não ajudou. Eu não sei se foi filosofia, ou sociologia. Eu sei que o professor era o Cabrera. Mas ele não conseguiu me despertar para a matéria. Eu acho muito rica essa parte de história, e tudo. Mas cada disciplina trazia a sua história. Nós estudávamos a história dentro de cada uma. E aquilo ficava uma coisa solta. Eu não sei se foi porque eu não tive uma base de formação, porque a escola particular trabalha muito com isso, e a pública não. Então eu não sei se foi por conta disso ou se foi realmente o professor. Eu não tinha vontade de fazer. Tirava as notas, participava dos trabalhos, mas era uma coisa que eu nem me lembro o nome. Eu acho que essa seria dispensável (risos).

JÁ HAVIA ESTÁGIOS INTERNOS NO CURSO?

Não, nós não tínhamos. Tínhamos essa área de diagramação, mas não sei se funcionava como estágio. Como eram escolhidos, eu não me lembro. Mas não tinha. Nós tínhamos que ir atrás. Durante o curso eu fiz estágio com a rádio Globo nos dois últimos anos. Eu fiz AM, gostei muito. Só que eu fazia estágio, não conhecia a dinâmica de manter uma AM. Quando eu me formei eu fiquei dois anos desempregada. Eu tinha um sobrenome forte na época. O Mário, que é meu primo e promotor, estava batendo de frente com a política, e eu não consegui emprego. Eu cheguei a fazer duas entrevistas na TV Fronteira, então ele batia com o Agripino, eu não consegui. O pessoal ligava e dizia: “Olha, a vaga já foi preenchida.” E os outros veículos eram poucos, eu nem me lembro de ter outros veículos aqui na minha época. Eu sei que forte era a TV Fronteira. Tentei a Band, fiquei indo lá, fazendo algumas ações, mas a pessoa que

estava me atendendo e me abrindo as portas foi transferida para Bauru, que era o Ciquieri, marido da Alessandra do Valle, era da minha época aqui em Prudente. Então eu fiquei deslocada dessas duas emissoras. E o Jornal também era dele, as rádios eram dele. A gente formava, o pessoal tinha alunos, porque a faculdade permitia isso, eles não te contratavam de imediato. Vencia o seu estágio, eles já pegavam outro aluno, porque a demanda era muito grande. E eu fui a Fortaleza. Coloquei o dedo no mapa e falei: “É pra lá que eu vou.” Paguei minha passagem de ida e de volta, 15 dias de pousada. Quando eu falei: “Eu não vou voltar”. Aí ficava procurando. Com 15 dias consegui emprego na FM. Aí a recepcionista pediu as contas. Eu trabalhava a noite na pousada, pra me manter, pra dormir e comer, porque eu não tinha dinheiro. E durante o resto eu ia batalhar. Consegui emprego numa AM, eu trabalhava para a Record, que era uma terceirizada da TV Record, chama TV Cidade, uma afiliada. Então eu fazia FM, junto com um moço que chama O Pepiteiro. Eu fazia horóscopo, esse tipo de coisa. E consegui uma abertura na AM. Eu fui trabalhar com uma equipe esportiva. Fiz dois jogos no Castelão, Fortaleza e Ceará.

VOCÊ SEMPRE GOSTOU DE ESPORTES?

Como eu tinha saído de uma concorrência aqui, eu queria alguma coisa que era concorrida. Então eu queria ir para um lugar que não tinha mulher. Sempre fui destemida; ousada. Não era uma coisa que estava dentro de mim, mas eu gostava daquele dinamismo. Eu morava sozinha, eu tive problemas com o dono do programa. Num dos retornos ele foi me deixar em casa; aquela coisa de achar que na cidade quem está ali é para turismo sexual. Nós tivemos um desentendimento e eu fui mandada embora. Aprendi muito cedo com tudo. Porque eles eram donos do programa. A sorte que quando ele me mandou embora eu tinha um contato muito forte com o pessoal da FM. contei a história para eles e eles acreditaram em mim, então eles me mantiveram dentro do programa. Com o passar do tempo eu ganhei um horário, era o “Forró da Loira”, das 15h às 16h. Eles adoravam, porque eu era de fora, tinha o “poRta”. Era uma hora de música sem intervalo, eu tinha um acesso legal. Ganhei um programa das 20h às 0h, pós esse horário. Trabalhei muito com FM. Voltei pra AM, pra mesma equipe, mas pra fazer jornalismo. Então eu ia a campo, fazia as entrevistas e apresentava o jornal. Só que o rádio é muito pobre, financeiramente. Porque você tem que vender; você tem um horário e tem que vender pra bancar aquele horário para o dono da rádio, e ainda tirar o seu sustento. Você manter um programa, por exemplo uma FM, com 500 propagandas, na minha época não tinha muito retorno. Eu não conhecia ninguém em Fortaleza, então era uma coisa que ficava inviável. A sorte que eu tinha a mesma equipe que gerenciava isso. Fiz o “190” também para a TV Cidade, um programa policial a noite onde eu ia para IML, cemitério. Eu terminava os meus VTs assim: “Maristela Coimbra para o Cidade 190”. Aí tinha uma bala (de revólver)! Aquelas coisas bem “povão”! A gente enfiava o dedo na mala, o pessoal dizia “Chegou os carneiros!”. A gente tinha convênio com a polícia, então nós tínhamos o rádio, a gente estacionava em qualquer lugar, colocava o giroflex em cima. Era aquelas coisas que você vê em televisão. Eu trabalhei três meses. Aí eu tinha a TV e a FM, e o bico na AM pra me manter. E eu perdi um irmão em um acidente, naquela época. Eu vim embora porque ele

estava internado na Santa Casa, ele chegou a falecer. Quando eu voltei, eu não conseguia mais fazer o “190”. Eu chegava pra fazer o acidente e imaginava o meu irmão. Então eu tive que me desvincular da TV. Consegui ficar mais um tempo com a FM, vim pra cá, aí fiquei com o meu ex namorado, e engravidei da minha filha, a coisa mais linda da minha vida. Aí eu tive que vir embora, porque eu não tinha família em Fortaleza, meu plano de saúde era daqui. Enfim, eu tive que voltar para poder ser mãe. Saí da gravidez direto pra assessoria de uma prefeitura, pública, que era a prefeitura de Santo Expedito, e to aí nessa vida até hoje. A Mel (filha) cresceu nos palcos! Eu trabalhava em prefeitura de uma cidade pequena, então tinha que abrir e fechar eventos. Eu ia, a avó dela por parte de pai aí com ela. Eu fazia a apresentação, dava “mamá”. Depois que começou a andar já subia pro palco, eu falando no microfone e ela junto. Carnaval, ano novo, natal, cerimônia de política, a festa de Santo Expedito, que é uma festa grande, para 60 mil pessoas. A gente recebia o governador, e ela no meio, porque eu nunca deixei. Ela sempre participou muito disso tudo. E continua indo nas reuniões do CNA. Ela é parte da minha empresa, até recebeu o salário dela ontem (risos)!

AO SEU VER, NA SUA ÉPOCA, ERA MAIS DIFÍCIL FAZER OS ESTÁGIOS EXTERNOS? NÃO TINHA MUITA ABERTURA?

O estágio, hoje vou te falar como dentro de emissoras. Quando alguém sai de uma emissora, vamos supor. Se alguém sair da Record hoje, qual o procedimento? Eu vou pedir a conta. Então o departamento de jornalismo eu comunico; eles dizem “Você tem alguém pra indicar?”. Então você acaba indicando. A abertura, você não tem tempo, porque é uma coisa muito rápida. Hoje eu entendo isso. Na minha época acho que era a mesma dificuldade. Você tem que se destacar na faculdade, aproveitar o máximo, estagiar o máximo pra você tentar sair com alguma maturidade. Pra que você não exponha o estágio como uma coisa de essencial. Na minha época era uma coisa difícil, nós não recebíamos, eram todos os estágios voluntários. Eu fiz dois anos de rádio e não ganhei nada. Eu pagava ônibus pra ir, pra voltar; não tinha estágio remunerado. Trabalhava de domingo, porque os jogos eram no dia de domingo. Transmissão de esporte é no fim de semana, e quarta-feira a noite, exatamente porque não tinha essa abertura. Hoje eu já vejo que já tem essa abertura. Na Band a gente tinha estagiário; hoje eu sei que ele continua lá. Na Record eu não tenho porque nós não temos a filial aqui, é só o escritório. Então nós só temos a equipe. Eu sei que tem essa abertura para estagiário, mas eu ainda vejo com muita dificuldade. Porque você acaba indicando alguém que você conhece, que formou, porque é uma coisa natural. Pra você entrar é muito difícil, então você tem que se destacar, tem que ir pro mercado. Tem que “meter a cara”, tem que fazer. Eu não sei como está o dinamismo hoje. Na minha época a gente falava: “Não, a gente fica”; “Nós ficamos”; “A gente vem”. É aquela coisa de você se oferecer pro mercado enquanto você pode. Eu sei que todo mundo precisa do salário, mas você estar dentro é muito importante. Talvez com medo de financeiro, as pessoas pensam “eu não vou contratar, pra isso eu contrato um profissional”. Então acaba limitando vocês durante a faculdade. Hoje tem o convênio da Facopp. Eu precisei para a Santa Casa, nós recebemos currículos, eles divulgaram. Eu acho que fica mais fácil. Mas eu acho que ainda tem dificuldade. Por exemplo se a gente precisar de

alguém, você vai acabar indicando quem você tem contato. Não que não seja legal você indicar um amigo, eu acho que é legal. Só que às vezes você acaba tirando a oportunidade de alguém. Então por que não ir na sala e divulgar pra todo mundo? Por que não fazer um teste? Por que não colocar prova? Eu não via isso. Você olhava para a pessoa ou você indicava. Acho que tinha que ter mais essa liberdade dentro dos veículos. Talvez a própria universidade criar uma ferramenta de colocar esse aluno no mercado à prova mesmo. Ou um rodízio, talvez, pra que todos tenham a mesma oportunidade. “Esse ano, na TV Fronteira, o último termo de jornalismo vai passar lá.” Pra que a TV veja todos vocês por igual. Porque é muito difícil. Eu, como dona de empresa hoje. É que ainda não tenho condições de contratar, mas acho que em breve vou contratar. Eu acho que a gente tem que ver vocês como um todo; o estagiário como um todo. Não dá pra eu avaliar vocês por um questionário. Você vê numa entrevista, quanta coisa legal aparece? Você tem liberdade de contar um pouco da sua vida. Você colocar a pessoa à prova naquele momento, talvez ela não está em um bom dia, talvez ela perdeu alguém da família, talvez ela está passando por uma dificuldade financeira e precisa trabalhar. Você tem que ser avaliado. Eu acho que você tem que colocar à prova o profissional. Vou dizer uma frase que talvez vão me matar. A faculdade te dá uma base de técnica de profissão. Você aprende como ser jornalista, mas ela não te prepara pro mundo. Até porque ela não tem essa realidade lá dentro. Então quando você se depara com esse confronto, do seu ideal de profissional e a restrição de uma empresa, você se frustra. E aí você não dá o seu melhor. Tem uma dinâmica legal. Se você balançar uma folha de caderno agora, ela tem um som. Se você amassar ela, bem amassado, e você tentar balançá-la agora, ela não tem o mesmo som. Então se eu te quebrar como profissional no nosso primeiro contato, eu vou te frustrar. Então pode ser que daquele ponto pra frente, você nunca vai ser o profissional que você pensou. Então eu tenho um ideal de vida muito diferente, e isso é uma coisa que eu carrego pra minha vida, é o que eu ensino pra minha filha. Você precisa da técnica, você precisa do científico, você precisa ter certeza do que está fazendo. Então pra isso a faculdade serve. Você precisa ir lá, ter esse momento, ter disponíveis esses laboratórios. Mas ela jamais tem base de realidade. E quando a gente se depara com ela a gente se choca. Aí acontece isso que aconteceu comigo. Eu entrei, a TV não foi aquilo que eu queria, porque tinha padrão; eu nunca me encaixei num padrão. Agora eu voltei e não me encaixo. Porque eu já tenho uma visão de mundo diferencial daquilo ali. Se você machucar o aluno que está vindo com toda essa força, no seu primeiro contato, pode ser que ele nunca mais seja o mesmo. Então eu acho que a faculdade tinha que ter essa visão. Ela tinha que ter uma disciplina que colocasse vocês na rua. Isso faltou muito pra mim, que vim de uma cidade pequena e de uma escola pública, por exemplo. Eu não tinha essa base, eu não tinha esse contato; me faltou. Eu acho o estágio importante, só que limita; ele seleciona. Eu acho que a faculdade não deveria selecionar. Ela deveria encontrar uma forma de colocar no mercado, pra que todos tenham a mesma oportunidade, para que assim fique quem tiver aquela aspiração, ou quem se identificar com cada parte. Eu não tenho medo de concorrência; eu nunca tive. Só que eu tenho um ideal. Eu fui demitida da Santa Casa. Eu trabalhei três anos, e tinha um jornal interno. Esse jornal tinha uma acessibilidade maior, depois passou a ser semestral. Aí você levava o jornal, a provedoria não aprovava; é uma instituição filantrópica, eles não têm recursos

pra trabalhar mídia. Aí eu já trabalhava um jornal que saía com um ano de atraso. Eu estava encerrando a edição eu já estava fazendo a festa de confraternização, e a festa que sairia no jornal era a do ano passado. Porque você tinha que por todos os eventos, que era o momento que a gente tinha de divulgar. Eu já não concordava com o projeto. E nesse último teve uma foto que não tinha uma qualidade boa, e o provedor queria que ela saísse. Quando eu fui fazer, rodei o primeiro exemplar e ela ficou escura. Eu tirei, e coloquei outra no lugar. Aí ele não gostou. Aí eu falei pra ele: “Você não precisa de uma jornalista. Você precisa de uma pessoa da gráfica que faça um jornal como você quer. Pra isso você não precisa pagar o que você me paga.” E aí ele me pôs pra fora. Então é isso o que eu falei sobre ter um ideal. Se você deixar o mundo quebrar isso, você não é jornalista. Eu não preciso de um salário; eu preciso produzir. Eu preciso fazer aquilo que eu acho que nasci pra fazer. Então se de alguma forma essa estrutura te quebrar, você tem que recuar. Como você vai passar uma realidade para alguém se você não é real com você? Então isso a gente tem que ter. E eu acho que isso a faculdade não passa; isso é só o mundo que te dá. Talvez uma roda de conversa, porque vocês saem pra fazer esses trabalhos; talvez ter isso mais acessível ali dentro pra que a gente pudesse contar isso pra vocês; pra que vocês tenham a realidade. Eu preciso trabalhar? Eu preciso me manter. Eu não tenho aspiração pra TV, mas hoje eu trabalho em uma; eu me dedico a ela 100%. Quando eu estou a campo, eu estou no meu 100%. Mas eu estou me desvinculando porque eu tenho outros objetivos de vida; eu tenho uma outra proposta. Hoje eu estou repórter de TV; amanhã eu posso não estar. Então eu não vou trabalhar com essa hipótese a vida inteira. Isso a faculdade não consegue passar. Os professores têm experiência, eles sabem, eles têm noção de mundo. Por que isso não é dito? Por que de alguma forma não é trabalhado? Será que tem alguma coisa? Porque se a gente soubesse disso, sai mais forte. Ao procurar um emprego você já sabe. Então você se submete e aquilo vai te matando. Até que chega uma hora que a fala “não dá”. Eu assino um jornal; eu sou jornalista responsável. Você não tem entendimento, enquanto provedor, mas o meu colega de trabalho que tá lá fora fala “A Maristela se formou pra fazer isso aqui?” É diferente. Você tem que ter equilíbrio na vida. Você tem que manter o seu sustentável com o seu profissional. E isso você só faz tendo; por isso que eu acho que vocês tinham que estar dentro dos lugares. Trabalhar com estágio, participar junto, porque é isso que vai ter pra vida. De alguma forma isso conspira quando você acredita. Por exemplo, eu saí da Santa Casa, voltei pra minha casa e falei: “pronto, eu perdi o meu salário mais alto, porque eu tinha o piso. E agora, o que eu vou fazer da minha vida, com a conta pra pagar?” E com 15 dias eu estava no CNA. Então assim, você tem uma vontade. Pode não dar certo? Pode. A gente vai procurar outros, vai bater em outra porta. Só que você não vai deixar de fazer aquilo. Quando o cliente te conhece, quando ele conhece essa sua realidade, ele passa a acreditar. Enquanto você está em uma emissora, enquanto você é repórter, Quer dizer, o meu chefe de pauta conhece a Maristela; ele sabe que ela é assim. Então se ela estiver ali, ela está 100% ali. Então você se sujeita àquilo; você escolhe o que você quer pra sua vida. E quando a gente sai da faculdade, a gente tem medo. A gente tem aquela mania de falar “eu vou topa tudo o que vier pela frente”. E aí a gente começa a se matar. E a faculdade não te diz isso. Ela tem que te formar como profissional; ela tem que te dizer “você é capaz sim; você

precisa do salário”. Só que eu cheguei a pensar em trabalhar como doméstica. Eu trabalhei no Baú da Felicidade, que tinha em Prudente, como vendedora; eu trabalhei no Prudenshopping. Às vezes, você ter uma semana de comunicação com um palestrante que é top, por exemplo, ter o Carlos Nascimento. É interessante? É ótimo. Só que o espaço é muito curto pra ele te passar aquilo que você aprende em aula. Ele vai te falar da experiência dele na TV. Agora, talvez a experiência dele não seja a experiência daquela realidade, da realidade de Prudente; de quem se formou e não tá exercendo a profissão porque não tem lugar. Agora, será que ele não tá exercendo porque não tem lugar porque ele não é um bom profissional? Ou talvez ele foi frustrado? Eu tenho amigos, apresentadores de emissoras. Eles estão largando a profissão e fazendo direito. Continuam estudando porque a possibilidade é ali na frente. Isso precisa ser passado na faculdade; eu acho que isso falta. Essa sensibilidade de contato. As pessoas acham que é perda de tempo a conversa. Mas às vezes você grava uma coisa que você vai levar pra vida toda; por isso que eu falo da segunda leitura. O comercial me fez isso quando a gente tá indo no caminho certo. Eu não posso avaliar ninguém por um primeiro contato. Então como uma empresa vai te avaliar por um currículo? Você faz um texto, está melhor que o outro, mas e aí? Eu acho que é muito superficial; você acaba se deparando com isso, com essa realidade que a gente conhece. Você contrata, ele é técnico; mas ele não fica. Mas ele não fica por que? Eu acho que você tem que tentar; você tem que dizer. Mas se mesmo assim, “olha me desculpe”. Porque se você virar as costas pra todo problema, e trabalhar onde é mais fácil, que profissional que você é? É igual você ajudar quem já tem. Quem vai pegar um drogado e colocar dentro de casa? É mais fácil você pegar a amiga da faculdade, porque ela não tem onde ficar, e colocar dentro da tua casa. Por que é mais fácil; você não tem trabalho. Então a vida, as 24 horas do dia, essa é a concepção de vida que eu tenho; eu tenho que produzir. Se eu não plantar alguma coisa no meu dia, eu não durmo tranquila. Eu sempre acho que eu estou passando pela vida. É desgastante? É desgastante. Mas o balanço que você faz a cada hora, quando você pára, ele é mais satisfatório; ele é mais importante. Eu não estou aqui pra fazer o que os outros fazem; eu to aqui pra fazer diferente. Essa é a proposta de vida; essa é a proposta do jornalista. Então por que se diferencia? Porque fazer igual todo mundo faz; todo mundo tem a mesma base. Por que alguém se destaca? Ou porque foi lá, “meteu a cara” e fez; ou... É isso. Essa impressão eu não tive na faculdade. A gente tem a base técnica; você aprende maneiras de ser jornalista. Agora isso só o mundo te dá. É uma profissão que você mexe muito com gente; te cobram muito. Você tem que sugerir pauta, você tem que pensar, você tem que produzir. Então eu acho que a gente tinha que ter essa visão. Laboratório de faculdade não é fundamental. Porque ali é você e o laboratório. Você não tem o chefe chato. Você não tem uma apresentação com horário cronometrado. Por mais que a faculdade tente fazer aquilo. Você não fez uma matéria na rua, que a hora que chegou, o dono da TV diz que ela não vai pro ar, porque ele é amigo do cara e não pode falar mal dele. Isso a faculdade não ensina. Você foi pra rua, trabalhou, fez o material, mas ele não vai entrar no ar. Em Fortaleza eu tinha isso. Na parte de drogas, lá a política é muito alta. Tinha filho de deputado que era preso por tráfico; você chegava com a câmera, “desliga!” A própria polícia; “desliga!” Porque sabia que o bicho ia pegar; o soldadinho vai falar pra você filmar? Tem ordem do cara lá dentro de que não é pra fazer. Isso existe;

isso não é dito. A política é suja; é essa que a gente assiste na televisão. Ela está em todo lugar. Agora vai me minar enquanto profissional? Não vai; não é isso. Você vai fazer aquilo que você tem, só que você tem que ter consciência disso pra não te machucar. Esse é o diferencial. Porque se você se frustra como eu me frustrei, tem gente que não tem força pra respirar e continuar. Você sai da faculdade e fala: “eu vou mudar o mundo”; jornalista quer mudar o mundo; ajudar as pessoas. Esse é o ideal base; vou lá, vou fazer. Só que aí você chega a conclusão que você não faz sozinho; você tem toda uma dinâmica em volta. Então você não pode se unir a isso. Você tem que sobreviver nesse mundo de pedra, e você tem que produzir o seu dia. Você tem que ser quem você escolheu ser. Andar dentro desse limite é muito forte; eu acho que a faculdade tinha que trabalhar isso. Eu não sei como, porque eu nunca pensei na área pedagógica; não sei nem de que maneira. Mas eu acho que teria que tentar fazer. O estágio é uma coisa muito solta. Eles te mandam currículo, mas daí você escolhe, então acaba não passando todo mundo pelo mesmo lugar. Eu acho que a gente tinha que cobrar mais isso da sociedade; cobrar mais isso da instituição. Tem uma estrutura ótima; fantástica. Mas quando você sai, você fala “onde eu vou usar?” Porque eu tenho que seguir regra. “E agora, o que eu faço?” “O que a faculdade me ensinou não está certo?” Não, aí você amadurece, com os tombos da vida, com 12 anos de profissão, como eu tenho, e aí você começa a dizer “não, o que eles ensinaram era realmente o correto, só que a gente não teve a liberdade de aprender isso enquanto estava na faculdade.” Então a base é a mesma. Em todo lugar tem faculdade melhor, faculdade pior. Mas o bom aluno vai pesquisar. É como a escola pública, se não ninguém estudava na rede pública. E quem não tem condição, não vai ser um bom profissional? Então isso vai da dedicação, vai de buscar. Por isso que eu falo que tem que ter essa visão; tem que ter esse senso crítico; tem que buscar fazer isso. Você não pode se conformar com tudo o que você vê; você não pode se conformar com o não. “Ah não? O senhor não vai me contratar? Por que? Eu preciso saber, porque agora eu vou para outra empresa, e preciso saber o que eu tenho que melhorar.” Você tem que questionar. A gente aprende isso na faculdade. Chega lá fora você volta pro casulo. Isso a faculdade não dá pra gente. Isso só dá nesses trabalhos. Só que eu acho não tem supervisão deles, eles teriam que estar a par disso. A gente dá entrevista, eles leem, acompanham, mas e a visão de mundo? Eles teriam que buscar uma forma, ou talvez vir de vocês, essa ideia de propor alguma coisa que fizesse isso. Eu não diria que é negativo, eu diria hoje, como profissional, que a estrutura é ótima, só que essa realidade da profissão a faculdade não dá. “Ah tá, nenhuma faculdade dá, Maristela.” “Ótimo, a nossa é o diferencial; então a nossa vai dar.” Você vê como eu não me conformo? Mas nenhuma faculdade faz; pra isso não tem disciplina. “Mas então nós vamos ter que ser diferentes. Os nossos alunos são diferentes.” Na minha faltou. Eu não vejo como negativo porque eu ainda não tinha essa visão lá dentro. Eu falo hoje como profissional. Se eu puder apontar “Mari, se você fosse me indicar alguma coisa”, eu indicaria isso. Eu acho que a faculdade deveria trabalhar melhor essa concepção de realidade de vocês. Mas jogando vocês lá dentro da realidade.

VOCÊ REALMENTE NUNCA PENSOU EM LECIONAR?

(Risos) Eu dei aula para um projeto do MEC em Santo Expedito numa escola de fábrica, de comunicação. As pessoas falam que eu tenho perfil, mas não sei se eu me encaixaria numa estrutura. Por isso que eu falo, eu não sei como é a faculdade. Eu não sei como a faculdade veria o que eu estou falando agora para vocês. Talvez levando isso, vai surgir um projeto, aí sim. Agora eu não sei se eu tivesse que entrar dentro de uma caixinha, se eu entraria. Talvez partir pro lado de palestras, pra poder plantar isso. Todo mundo que eu atendo, eu sou assim. Tem gente que não gosta de mim porque por conta das coisas que eu digo; imagine se elas soubessem o que eu penso! Então assim, eu não falo da faculdade, estou deixando claro. A mesma coisa os professores. Os meus professores, que me marcaram, foram aqueles que no primeiro contato foram péssimos. Pra você ver que eu já tenho uma visão diferenciada. Eu não apontaria como negativo, eu só acho que a faculdade de comunicação teria que sair na frente. Ela teria que propor o novo; ela teria que mostrar pra vocês a realidade que nós enfrentamos. Não é esse mar de rosas. É um mar de rosas pra um William Bonner, agora. Mas a gente não sabe o que ele passou na vida. Você compara; pega o salário dele e pega o nosso piso. Por que não distribuir melhor? Então você começa a questionar. É muito bom? É muito bom; é “o cara”. Não sei como é a dinâmica desse cara no dia a dia; é muito bom. Para ele estar na posição dele, passando tudo o que nós estamos passando, eu sei que é realmente merecido. Então por que não preparar isso lá atrás? Porque se todo mundo começar a bater, você vai começar a mexer com a estrutura. Então é fácil você sentar e dizer “olha, o país tá uma bosta.” Mas está uma bosta porque eu votei. Eu não concordo. Eu votei, eu participei. Eu não votei nulo; eu não votei branco. Porque se eu tivesse votado e o mundo todo, nós não teríamos candidatos. “E agora? O que vai fazer?” “Ah não sei, vai ter que criar uma lei. Vocês se virem aí em cima. Alguém vai ter que tomar conta.” Mas não acontece. Por que a manipulação continua. Quem é pobre recebe a cesta básica e vota. Mas e quem tem essa concepção? Onde nós estamos? Então você tem que começar a mexer com base. Pra você ter votos na prefeitura, você não precisa dar emprego pra ninguém. Ao primeiro olhar, você fala pra pessoa “não, eu não vou te dar essa cesta básica”. Ela vai virar a cara para você. Mas se você oferecer pra ela um mundo que ela possa comprar, ela vai dizer com o passar do tempo: “Poxa vida, aquele cara tinha razão, porque hoje eu não preciso da cesta básica; hoje eu posso comprar ela.” Como nós falamos dos nossos professores. Aquele professor do primeiro impacto foi o que marcou a minha vida. Porque com a atitude dele, não só o que ensinou dentro da sala. Foi com ele sendo que nós aprendemos a ser. Então às vezes é preciso dizer não; você tem que dizer não pro mundo; dizer: “não, eu não concordo”.

ENTREVISTAMOS POUCAS PESSOAS COM ESSA PAIXÃO PELO JORNALISMO.

Eu escolhi a profissão por um fascínio, não busquei a área antes de fazer a faculdade. Então foi pensando em descobrir. Mas eu me envolvi muito, por isso que eu gosto de trabalhar atrás. O fascínio é muito maior; você estar na produção, nos bastidores, desenvolvendo. Eu acho que vocês têm que plantar isso. As vezes pensamos que é utópico, mas não é assim. Mas a base tem que

ter. Você tem que ter ideal; acreditar no que você faz. Porque se não, você nunca consegue vender a sua ideia.

VOCÊ LEMBRA SE TINHA ESTÁGIO OBRIGATÓRIO; SUPERVISIONADO?

Na minha época não.

E QUE TIPO DE EVENTOS ERAM OFERECIDOS NA FACULDADE?

Nós tínhamos a semana de comunicação e a parte organizacional, de você montar o seu jornal, um programa e também a recepção dos bichos. Agora de comunicação era somente a semana. Às vezes alguém vinha de fora, que o professor ou a faculdade conseguia no meio do ano, mas não era uma coisa forte que me marcou. Não me lembro se tinha alguma coisa no meio disso.

OS ALUNOS FAZIAM VIAGENS PROMOVIDAS PELO CURSO PARA AMPLIAR O APRENDIZADO?

Fazíamos. Nós fomos na Globo, no Jô Soares.

A INICIATIVA ERA DA FACULDADE OU DOS ALUNOS?

A iniciativa era da própria faculdade. Os professores, às vezes, por contato; o próprio coordenador. Então vinha, faziam o movimento, nós nos organizávamos e íamos. Mas sempre acompanhados.

VOCÊ TEVE ALGUMA DIFICULDADE PRA FAZER A FACULDADE? EM QUE ASPECTO?

A minha dificuldade foi com relação à educação, a minha base, por ter vindo de uma escola pública. Eu tive que aprender muito na marra; a escrever; a ler sozinha. Se eu tivesse tido a visão da faculdade na escola, porque você não aprende isso enquanto aluno; você quer cumprir o seu horário e acabou. Ainda mais numa cidade pequena onde não temos competição. Acho que a minha dificuldade maior foi isso. E no meu último ano, com a morte do meu irmão meus pais se separaram e eu tive que trancar o curso. Eu tive dificuldade financeira. Me formei; não peguei o meu diploma, porque naquela época, se você não pagasse, você não pegava seu diploma. Eu só fui pagar o meu diploma quando eu entrei na prefeitura, quando a Mel já tinha quase um ano. Minha filha está com sete; eu me formei há 12. Fiquei esse tempo sem diploma; me frustrando eu me cobrava. Eu entrava num emprego e não conseguia trabalhar. Depois que eu peguei o diploma foi uma conquista. Pretendo nunca desonrar ele e o juramento que eu fiz. Nós não somos perfeitos; temos erros de escrita, de fala, de linguagem, de pessoas, porque às vezes você também tem problema. Mas eu sempre procuro fazer isso. Cada coisa pontual desse tipo; quando eu posso sentar; quando eu posso conversar; quando eu posso fazer o meu trabalho, eu procuro sempre passar isso. É tudo muito lindo. Como se você pegasse uma página de livro; ela é linda. Mas quando você vai viver a história, você descobre que o príncipe encantado também tem defeitos. Ele também tem família, ele também tem trabalho. Então

se você não se adequar, você não convive. E o trabalho é a mesma coisa. É a convivência; é um casamento que você faz com você mesmo. Você tem aquele vínculo; você tem que ser fiel. Você tem que ter ideal. Bate à porta na primeira vez, na segunda vez. “Nossa, essa Maristela também é o cão, né?” Bate a terceira. Mas a hora que abrir, você vai falar: “Valeu a pena. Hoje eu sou dona do meu profissional; hoje eu sou dona do que eu faço.” Não precisa trabalhar sozinho; a gente consegue fazer isso nas empresas também. Até o momento que alguém vem te colocar à prova. Por três anos eu fui pela Santa Casa. Eu direcionava, eu recebia; assim como eu fui na Prefeitura de Santo Expedito. Eu não tinha medo; eu recebia 60 mil pessoas. Eu tinha um respaldo de segurança pra receber o governador, que eu montei sozinha; a prefeitura nunca teve assessoria de imprensa. A Santa Casa nunca teve assessoria de imprensa. Então qual será a minha missão aqui na terra? O que será que eu estou fazendo aqui? Eu comecei com a prefeitura, montei, saí. Eu comecei na Santa casa, saí. Então qual é o ideal? O meu ideal ficou. As pessoas que trabalharam comigo sabem disso até hoje, que você tem esse ideal. Se precisam de mim, me ligam; você cria vínculo com as pessoas. Eu nunca digo “não” pra alguém que precisa de mim. Na hora pode não dar certo. O jornal me liga: “Eu preciso de um médico.” “Ah tá, eu vou ver. Eu vou atrás.” Eu ligo pessoalmente. “Ah, eu preciso...” Eu vou atrás. Eu nunca disse “não” para uma das minhas fontes. Você tem que ser diferente. “Ah, mas a pessoa não me reconhece.” Mas a vida te reconhece. Uma hora ela vai te presentear com aquilo que você escolheu; seja na profissão, seja na vida pessoal. E você vai dizer: “Valeu a pena.” É tudo muito bonito; solidariedade, responsabilidade social; é tudo muito lindo, mas quando o outro executa. Quando você precisa executar, que você coloca a cabeça no travesseiro, e você faz a sua reflexão, pensa: “Eu tenho muito ainda o que aprender.” Então eu acho que essa era o olhar que a faculdade deveria ter. Colocar vocês para pensar; pra promover; pra fazer; pra executar, mas na realidade. “Hoje você vai sair pra cobrir duas pautas da TV Fronteira e vai ter que sair!” Tem que sair como se fosse profissional. Te dar a noção de vida pra você falar: “Opa, isso eu quero; isso eu não quero.” Porque aí você nem vai dar trabalho para a empresa, nem vai se frustrar. Quando você escolher, você já escolhe a coisa certa. “Não é essa vida louca que eu quero pra mim.” Nós temos potencial pra isso; desde que a gente pare e pense. Meu avô diz uma coisa muito séria. Se eu mandar você tomar no cu agora, você não vai levar isso para a sua vida. O que faz as pessoas se afastarem não é o que é dito, mas sim a forma com que é; o tom que é dito. Nós trabalhamos com isso. E isso precisa ser ensinado. Dizer “não” é preciso. Você colocar a sua opinião é preciso. Porque eu não tenho medo do meu chefe? Por que eu não posso falar de igual para igual com o meu chefe? Com o meu professor; com o meu coordenador de curso? Você tem que ter respeito. O seu direito começa onde termina o meu. Isso é uma coisa de caráter que nós vamos levar pra vida inteira. Durante a faculdade nós temos que ter essa visão, e nós entramos sem isso. Você já está de igual pra igual ali dentro. Não com experiência profissional, mas você vai sair dali como colega de trabalho; colega de profissão. Então você tem que ter a mesma altura pra falar. Quando nós abaixamos pra falar com criança, nós temos que ter a mesma altura pra falar. Dentro do limite. “Eu não concordo com isso que você fez, professora. Estou fazendo; sentindo que o curso está faltando.” Tem que partilhar, se não eles nunca vão saber o outro lado, por que a gente nunca volta pra faculdade. Você sai,

você cortou o cordão umbilical. A não ser quando você volta pra lecionar; pra fazer alguma coisa. Você perde o vínculo. Isso eu estou falando pra vocês, mas eu não falei pra ninguém. Há 12 anos. Eu precisei de 12 anos; e ainda não aprendi tudo não. Cada dia é um aprendizado. É isso o que vocês viram hoje. Essa é a Maristela. Nós vamos respirar, nós vamos pensar. Eu não sei o que vamos ter que fazer, mas vai ter que fazer. Eu não tenho com quem contar; então vou ter que dar um jeito. Ou meia boca ou 100%, vou ter que fazer. Porque o compromisso fui em quem assumi. Então até eu ir lá e ponderar novamente. Profissional é isso. “Ah, eu vou meter o pé em tudo.” Pode ser uma alternativa se você conseguir bancar, porque você vai fechando portas.

COMO VOCÊ VÊ OS PONTOS FORTES E OS PONTOS FRACOS DA FACOPP NA SUA ÉPOCA?

Tudo o que eu aprendi, eu aprendi 100%. Eu vejo os pontos fortes das disciplinas, laboratório, material, professor. Eu acho que nós tivemos uma dedicação. Nós fomos A no provão no ano em que eu me formei; elevamos a média. Eu acredito na estrutura da Facopp. E os pontos fracos eu só vejo esse, a longo prazo, essa questão de realidade. Eu acho que poderia ser poupado; a gente poderia poupar a fadiga se a gente conseguisse levar isso pra universidade. Não vejo um ponto negativo. Na minha época era o que tinha, hoje eu não sei como está. Então avaliar essa estrutura, eu vejo que é uma boa faculdade, bem localizada, com uma boa aceitação, tem um corpo docente que eu acredito, tenho amigos ali dentro. Fui da turma da Carol Mancuzo; acredito muito no trabalho dela. Tenho professores ainda que estão ali dentro. Eu só não sei como que é o funcionamento. Então isso eu posso dizer depois de 12 anos de formada. O campus universitário supra toda a área; nós, enquanto comunicadores, tínhamos que sair na frente. Porque nós fazemos o mundo. Agora que acho que teria que ter essa visão de realidade. Aqui fora é muito difícil. Eu tenho certeza que os meus colegas partilham da mesma ideia. Quando você passa a cerquinha, que você pega aquele canudo, você fala: “Eu estou pronto!” E quando você chega no primeiro lugar, você fala “algum lugar do meio ficou alguma coisa que se pudesse ter apagado, aprendido, tinha passado sem essa dor.” Uns com grandes proporções, outros com pequenas. Nós teríamos que ter essa realidade. O estágio te proporciona isso? Até que ponto? É porque eu fiz estágio e não tive essa visão. Eu tinha uma realidade, mas eu voltava pra aula, e era superficial. Eu não tinha o dinamismo. Eu ia lá e prestava um serviço. Eu não tinha o dinamismo de redação. Era diferente. Tinha que propor isso; colocar vocês à altura do profissional. É fácil apontar; é fácil escolher um estagiário; um profissional. A gente não tem tempo; hoje é tudo muito rápido. Fica pra trás quem acompanhar; não tem jeito. Tá aí a internet. Vai acabar o jornal impresso? Eu não vou deixar de ler. E se na hora que eu vou ler a notícia a energia da minha casa acabar? O que eu faço? A lista telefônica. Você tem a lista online, mas você tem que ter a de casa. Se na hora não pegar a internet, o que você faz? É uma praticidade muito boa, mas o tradicional mantém; a base fica. E é isso que a gente carrega. É isso que a faculdade precisa mostrar pra vocês. A gente brinca: “Vocês querem mesmo saber como é a vida de jornalista?” Porque é linda. Eu hoje, tenho amigos (de profissão) que estão fazendo outra coisa, mas talvez porque não se encontraram. A gente nunca faz terapia com eles. É difícil apontar. “Vou fazer

direito porque eu acho melhor.” “Mas por que você está achando melhor?” Eu não abandonaria a minha profissão. Hoje, com toda a dificuldade que eu já passei, que eu enfrento e sei que vou enfrentar, nunca quero deixar de ser jornalista. Eu vou batalhar sempre para estar na área, de uma forma ou de outra.[...] Falar da profissão é fácil; é tudo muito lindo. Eu tive estrutura, tive professor, faculdade, fui lá, trabalhei. Mas e a experiência de vida? E esse lado que a profissão tem, que é ingrato? Como você faz com isso? Só que eu não deixaria de ser. Eu passaria tudo o que eu passei, de novo, se não o dobro, para estar onde eu estou. Eu ainda tenho perspectiva, estou com a minha empresa há um ano, mas na cidade praticamente um mês, então eu não pretendo deixar. Não é fácil, mas você tem que ter essa visão. Se eu desistir, eu não fui fiel comigo. Por que eu vou desistir? Porque é mais fácil eu virar a página? Porque a vida vai te cobrar; ela é um círculo. Eu tenho uma amiga que diz isso; você tem que encerrar as páginas da sua vida com um ponto final. Porque se você não colocar, a vida vai voltar a te cobrar, e é assim. A vida é cíclica; você não acredita enquanto não passa. Às vezes pra você acreditar, você tem que passar; sentir na pele. Se hoje você está fazendo jornalismo porque acha bonito, ótimo, mas a vida vai te cobrar. Então é isso o que eu acho; você tem que acreditar naquilo que está fazendo. Tem que ser de verdade. É como uma rosa que tem espinhos. Ela é a coisa mais linda, mas quando você vai pegar, ela te fura. Mas se você souber pegar, você consegue fazer arranjos. A vida é assim. Ela é igual pra todo mundo. Só que tem quem tire dela bom proveito, e tem quem passe por ela. Então nós temos que fazer parte desse grupo que tira proveito dela; que utiliza a vida pra isso. Porque se não, que vantagem tem? Se fortaleça, porque em algum lugar vai ter a empresa com o perfil de vocês. Não tenham medo.

MINÁLIA TRUGILLO – X TURMA

POR QUE ESCOLHEU CURSAR COMUNICAÇÃO NA UNOESTE?

Inicialmente não pretenda cursar na Unoeste. Eu prestei (vestibular) pra Universidades Públicas, mas não passei e como minha família já estava aqui, eu optei então por fazer na Unoeste. Também conhecia pessoas que estudavam lá e me falaram bem, que havia professores bons, por isso optei ficar aqui.

QUAIS OBJETIVOS VOCÊ TINHA QUANDO COMEÇOU O CURSO? ELES FORAM ALCANÇADOS? DE QUE FORMA?

Sim, foram alcançados. Eu pretendia, durante o curso, ingressar em um estágio pra ter uma aproximação e conhecer melhor o jornalismo e me inserir no mercado de trabalho. No meu segundo ano consegui um estágio no jornal O Imparcial, na redação. Eu queria trabalhar na TV, mas quando entrei para o impresso, me apaixonei. Me formei e fui contratada. Tive meus objetivos alcançados.

QUEM ERAM OS COORDENADORES DE CURSO NA SUA ÉPOCA? HOUVERAM MUDANÇAS?

Era a diretora Astrogilda e se não me engano, era a Thaisa como coordenadora.

COMO ERA PRA FAZER ESTÁGIO? HAVIA ABERTURA NO MERCADO?

Não era tão escasso como é hoje, era um pouco mais amplo, mas não era fácil. Eu entrei aqui (no O Imparcial) por indicação. Existem poucos veículos de comunicação e apesar deles abrirem para estágio, a demanda de alunos é grande e são poucas vagas.

ERA OBRIGATÓRIO O ESTÁGIO SUPERVISIONADO?

Acredito que não.

HAVIA PRODUÇÕES PRÁTICAS EM SALA DE AULA?

Tinha o jornal, que se chamava “Meio Impresso”, os programa de rádio que o professor Homero fazia com a gente, e fotos, pois nós até aprendemos a revelar fotos. Depois o professor nos ensinou a usar a (câmera) digital, mas quando entrei não havia.

QUAIS LABORATÓRIOS EXISTIAM NA SUA ÉPOCA?

Tinha o laboratório de fotografia, onde tinha uma salinha pra revelar as fotos, tinha o laboratório de rádio, tinha a hemeroteca, que é onde ficava o estúdio de TV, onde nós gravávamos o telejornal. Tinha algum estúdio de publicidade,

mas não cheguei a frequentar e o laboratório de informática que era em outro prédio, onde tinha o prédio de direito, era longe.

HOUVE ALGUMA DISCIPLINA QUE SE SOBRESSAIU E AJUDOU MAIS EM SUA CARREIRA PROFISSIONAL?

Teve a aula de assessoria de imprensa que eu gostava muito, mas que não utilizo na minha profissão por não trabalhar exatamente com isso. Era com a Heloísa. Essa aula se destacava, consegui absorver muito dela e depois eu fiz uma pós na área e ela chegou muito próxima do que eu vi na pós.

HAVIA ALGUMA DISCIPLINA QUE JULGAVA NÃO SER IMPORTANTE?

As primeiras disciplinas do tronco-comum, do primeiro ano, principalmente pra quem não ia fazer publicidades, como psicologia do consumidor, teoria da publicidade, inglês e espanhol, pois eram apenas dois termos, e só ocupava a grade, o lugar de outra disciplina que poderia ser mais importante, como a de impresso, que eu não tive.

O QUE MARCOU SUA VIDA NO DECORRER DO CURSO?

Meu TCC. Pois o tema foi polêmico, deu trabalho. Foi um vídeo documentário sobre a influência da mídia na prostituição. Por isso, nós batemos de frente com os veículos de comunicação, inclusive onde eu fazia estágio, pois naquela época, anúncios de prostitutas eram liberados e gerou-se um conflito por que eles queriam separar a parte jornalística. Isso gerou um debate, a Lêda foi nossa orientadora, saiu em defesa e depois disso, do nosso grupo, proibiram o orientador de fazer a defesa no final da apresentação. Eu aprendi bastante, foi um ponto alto, foi produtivo.

HOUVE ALGUM PROFESSOR QUE MARCOU SUA VIDA ACADÊMICA?

A Lêda e a Heloísa, pois sempre me identifiquei com o trabalho delas. E a Thaisa Bacco, que sempre achei uma excelente professora.

A FACULDADE PROMOVIA VIAGENS PRA ENRIQUECER O APRENDIZADO?

Promovia. Eu fui pra Semana Estado, pois a professora Sandra, que não está mais lá, fomentava muitas viagens. Tinha o festival de gramado, também. Mas acho que era mais a iniciativa de alguns professores do que da própria faculdade. Não me lembro da diretora promover nada.

VOCÊ LEMBRA QUAIS EVENTOS ERAM OFERECIDOS NA FACULDADE?

Tinha a Semana de Comunicação. Era um ciclo de palestras, contava ponto pra média, mas não era obrigatório. Era pago, tinha camiseta, e cada dia tinha um assunto diferente. Era o pessoal de Prudente (que palestrava). Não me lembro de nenhum nome muito expressivo.

QUAL A PRINCIPAL DIFICULDADE QUE VOCÊ TINHA EM FAZER O CURSO?

No curso em si, nenhuma. A minha dificuldade era aliar estágio com a faculdade, pois na minha época eles não respeitavam muito a questão de horários.

QUAIS OS PONTOS FORTES E OS PONTOS FRACOS QUE VOCÊ VIA NA FACOPP?

Sempre vi como ponto forte a estrutura. Conheci outras faculdades e poucos lugares tinham a estrutura que existe aqui. E pra época , era muito bem estruturada. O ponto fraco era a falta de algumas disciplinas, que depois eu senti necessidade quando entrei no mercado de trabalho. Muitas coisas que talvez hoje já estejam inseridas na grade, mas na época não tinha. Como disciplinas com vivência na redação, algumas relacionadas à revista, texto, nós não tivemos. Mais disciplinas relacionadas à mídia.

RENATO PANDUR MARIA – X TURMA**POR QUE ESCOLHEU FAZER PUBLICIDADE?**

Porque já trabalhava na área de comunicação na TV, meu sogro e minha esposa fizeram uma pressão; eu queria mas a pressão foram deles, e fiz comunicação, eu já trabalhava na área tinha bolsa.

A PRIMEIRA FACULDADE QUE VOCÊ PROCUROU FOI A UNOESTE?

Foi porque não tinha outra, e não tinha nenhuma pretensão de fazer fora porque era diferente da maioria do perfil dos alunos que estão fazendo. Eu fiz a faculdade com 22 anos e a maioria começa a faculdade com 18 ou 19 anos; não tinha esse “negócio” de morar fora, morar em república. Eu já estava trabalhando, ia aproveitar a oportunidade e me especializar.

QUAIS LABORATÓRIOS QUE EXISTIAM NA SUA ÉPOCA?

De informática, só que era muito longe, não era da Facopp, era comunitário e tinha o laboratório de fotografia que era o mais legal, já era agregado. A gente fazia muito trabalho e era uma das aulas mais legais que entrava na prática. Laboratório de rádio e tv se tinha eu não usei, não tinha uma estrutura que nem era hoje era bem precário. O processo de edição estava começando quando eu fiz, foi em 1998 quando comecei a faculdade. Então para você ter uma ideia o computador em Prudente e região apareceu em 1995, não tinha edição do jeito que é.

QUAIS EQUIPAMENTOS QUE TINHA NA ÉPOCA?

Eram computadores antigos. Eu lembro do photoshop, era photoshop 3.0 para você ter uma ideia.

QUAIS EVENTOS ERAM OFERECIDOS?

Tinha a semana de comunicação que era bem legal e era bem diferente do que é hoje. Era os alunos envolvidos, não tinha muita palestra, era bastante trabalho de alunos, tinha sarau, não tinha gente de fora que vinha dar as palestras, era um formato meio diferente, até umas era no limoeiro, eu não me lembro de palestras. Eram trabalhos mais de alunos. A gente participava muito do EXPOCOM, então a gente ganhava alguns prêmios, era mostrado na semana.

SUA TURMA FAZIA VIAGENS PROMOVIDAS PELO CURSO PARA ENRIQUECER O APRENDIZADO?

Eu não posso dizer muito porque se fazia eu não ia. A única viagem que eu acho que eu fiz foi no Fest 'up. Então se tinha eu não sabia.

QUAL LABORATÓRIO QUE FREQUENTAVA MAIS?

O de informática.

QUEM ERA O COORDENADOR DA SUA ÉPOCA?

O diretor do curso era o Carlos Vicchiatti.

HAVIA ALGUMA MATÉRIA QUE JULGAVA SER MAIS IMPORTANTE OU MENOS IMPORTANTE?

Nessa época da faculdade você julgava ser mais importante aquela que você mais gostava. Eu gostava de criação, tv, era a área que eu vivenciava. Duas que eu detestava era administração na publicidade e pesquisa; a de pesquisa nem tanto, mas administração na publicidade hoje sinto uma falta do caramba, por que hoje estou envolvido com outras coisas, empresa, então é importante você ter o conhecimento de gestão, administração, que foi ensinado naquela época. Eu fiquei de DP em administração na publicidade, porque era chato e eu achava que não era importante, mas hoje dez anos depois

QUAL PROFESSOR QUE MARCOU SUA VIDA ACADÊMICA?

Eu tive um professor muito legal de criação que era o Guaraci, teve uma época que ele até chegou ser professor aqui. Eu falo isso até na classe, quando eu estudava criação eu me sentia um pouco frustrado porque eu não gostava do professor não passava o que tinha que passar, e eu tirava notas boas, eu tirava sempre 10 em criação, só que eu faltava pra caramba. Uma vez eu repeti por falta e o diretor me chamou, falou que eu tinha notas boas, eu dei um “migué”, falei que trabalhava em tv, mentira, eu faltava porque era chata a aula, eu não gostava da aula aí ele falou que eu tinha notas boas: “conheço seu trabalho, vou liberar você dessa vez, mas no próximo semestre não tem conversa, você não precisa nem vir aqui”. Dito e feito, no próximo semestre eu faltei pra caramba e tirei 10 e 10. Naquela época não tinha internet, não tinha sistema, então recebia uma cartinha reprovado por falta. Na hora eu falei, vou falar com o Carlos, depois refletindo eu lembrei que ele falou para nem aparecer lá. Aí falei, nem vou aparecer lá, vou passar vergonha ainda né cara, aí falei cara, vou fazer a DP e foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida, porque o professor que eu não gostava saiu e entrou o Guaracy, ele não era muito bom em criação mas ele ensinava legal; ele dava todas as teorias, a didática era boa, ele mostrava em exemplos. A DP foi melhor que a aula, uma área de criação que eu nem tinha ideia, então foi um professor que marcou, tanto é que hoje dou aula; muito das coisas que eu aprendi foi com ele e aplico na sala hoje. Então, é bom você dar um passinho para trás.

QUAL A MAIOR DIFICULDADE QUE ENFRENTOU NA FACULDADE?

Eu casei no meio da minha faculdade, eu não tinha carro e não tinha filha. Se não seria impossível de fazer. Mas eu pegava dois ônibus, saía quatro horas da tarde e era um inferno. Eu fui comprar carro no último semestre. No último semestre da faculdade eu queria desistir porque eu não estava aguantando mais, aí de novo entrou a “paradinha” do meu sogro e da minha mulher: “não, você é louco, não vai desistir não”. Tanto é que aconteceu uma coisa

engraçada quando eu me formei, no TCC eles já davam a nota de cara e você já sabia. Aí tirei a nota. E peguei e sai, fiz questão de sair com o pé direito e olhei pra trás, e falei que nunca mais eu quero voltar pra cá. Na semana seguinte o Guaracy que era coordenador me ligou e falou que precisava de um professor monitor para dar aula: “Você não queria fazer experiência?”. Aí falei um sim meio que instintivo e fui, e estou aqui até hoje.

QUAIS OS PONTOS POSITIVOS E NEGATIVOS NA ÉPOCA?

Antigamente tinha o perfil do aluno era tipo “bicho grilo”, tipo hippie, fumava maconha, tocava violão e era muito criativo e fazia muita coisa, fazia música. Tinha um trabalho de estética; tinha que fazer alguma coisa, teatro, música. Pegava e transformava em show, eu não muito, mas a maioria do pessoal era assim, pessoal que enfiava a cara. Era um “negócio” engraçado, porque a gente não tinha equipamento e a gente tinha essa vontade, hoje o que eu vejo até dando aula as vezes tem muito equipamento, mas não tem muita vontade, inverteu; tem muita coisa fácil mas tem preguiça de fazer, engraçado isso né. Vivenciando isso de professor para aluno eu vejo muito isso. Até injusto falar que é mais esforçado, porque tem aluno esforçado, mas a grande maioria era mais interessado e criativo. Era mais estimulante a faculdade do ponto de vista dos alunos. Negativo acho que quando eu comecei era a terceira turma é normal ter problemas, até hoje a faculdade tem problema, todas as faculdades tem problemas; mas hoje que eu vejo é muito melhor.

BRUNA BACHEGA – XV TURMA**PORQUE ESCOLHEU CURSAR JORNALISMO NA UNOESTE?**

Como a Unoeste era bem perto de casa, foi a primeira coisa que me veio a cabeça. No segundo colegial já prestei, passei e já guardei a vaga.

QUAIS ERAM SEUS OBJETIVOS NO DECORRER DO CURSO E DE QUE FORMA ELES FORAM ALCANÇADOS?

Como eu sempre quis ser jornalista, eu procurei aperfeiçoar o que eu achava que já sabia. Então, fazer uma entrevista, eu achava que fazia da forma correta, só que aprendemos Ética, uma linha de raciocínio. Foi aperfeiçoar o que eu tinha, para poder atuar no mercado. Acho que a faculdade ajudou muito nesse sentido.

VOCÊ SE LEMBRA DE ALGUM PRÊMIO QUE A FACOPP GANHOU ENQUANTO ESTUDAVA LÁ?

Lembro que publicidade, o Xându frisava os prêmios que a Facopp conseguia com os trabalhos. De jornalismo não me lembro.

EM SUA OPINIÃO, O CURSO DA FACOPP PERMITE QUE INGRESSE EM QUALQUER ÁREA DE COMUNICAÇÃO?

Permite, só que aqui é só a preparação do início, porque lá fora que vão aprender como são as coisas. Prepara, pois sai daqui (Facopp) trabalhando, e já registrada como profissional, ganhando como isso, tendo a responsabilidade como profissional. Os estágios que eu fiz, eu assinava matéria, na assessoria ia pessoalmente atender os clientes. Então eu já atuava, então posso afirmar que ajuda, prepara, e eu me sentia pronta naquele momento.

COMO FOI A INAUGURAÇÃO DO PORTAL FACOPP, PARA OS ALUNOS DA SUA ÉPOCA?

No último ano, no meu último termo, foi que o Portal foi ganhando mais corpo, mais importância. Os alunos começavam a se ver, ver os nomes deles nas matérias, importante porque foi uma forma da gente participar de um veículo profissional do mercado de trabalho estando na faculdade, então foi uma portal bem legal pra gente, a gente fazia vídeos, a gente fazia jornais, dava um entusiasmo diferente.

HOVE ALGUM PROFESSOR QUE MARCOU A VIDA ACADÊMICA? QUAL E POR QUÊ?

Tiveram vários. Na minha época, pelo menos na minha turma, o pessoal se esforçava de trabalhar, trabalhava até em outras áreas para poder estar aqui na faculdade. Então, a gente passava uns momentos bem legais na faculdade. A Thaísa Bacco, como amiga foi maravilhosa, o Homéro Ferreira foi meu orientador de TCC inclusive, deu bastante força pra gente. São detalhes que a

gente tinha como alunos e como pessoas. O Mancuzo (Roberto Aparecido Mancuzo) marcou bastante como a Helo e Paulo Miguel foi uma peça chave. Esses nomes eu não esqueço de jeito nenhum.

ACONTECEU ALGO NA FACOPP QUE MARCOU SUA VIDA ACADÊMICA?

Fui eleita pelos alunos da classe no sexto termo, a apresentadora do nosso TJ (TeleJornal), eu não esperava de jeito nenhum. Todo mundo se candidatava, todo mundo queria fazer, e todo mundo me escolher. Eu fiquei muito feliz, muito surpreendida, em apresentar um jornal que está comigo; hoje ele é coordenador do G1, e eu trabalho com ele na mesma redação, a gente lembra disso até hoje; eu não vou esquecer o que aconteceu.

QUEM ERA COORDENADOR DO SEU CURSO NAQUELA ÉPOCA? HOUVE MUDANÇAS NA COORDENAÇÃO ENQUANTO VOCÊ FOI ALUNA?

Terminei o curso tendo a Carolina Costa Mancuzo como coordenadora, antes dela o Homero Ferreira.

QUAL ERA A DINÂMICA DO CURSO? HAVIA AULA DE MANHÃ E À NOITE? E VESTIBULARES DE INÍCIO E MEIO DE ANO?

Tinha vestibulares do início e meio de ano, só que as aulas eram todas noturnas. Durante o dia, a gente fazia trabalhos quando dava, ou fins de semana, já que a maioria trabalhava. E a gente tinha o tronco comum que é comunicação social, hoje não tem mais. Estudamos o primeiro anos juntos. A minha turma começou com uns cem alunos, no terceiro ano separaram a turma, publicidade de um lado, jornalismo do outro. No fim se formaram quarenta alunos. Era tudo à noite, e tinha sim vestibular nos dois semestres.

QUAIS LABORATÓRIOS EXISTIAM QUANDO VOCÊ ESTUDOU?

Tinha rádio, Tv, sala de internet, tinham todos. E todos muito bem estruturados. A Unoeste naquela época era conhecida regionalmente pela estrutura que oferecia para os alunos. Para fazer um GP na rua tinha câmera, microfone, estúdio. Tudo muito bem equipado. Rádio do mesmo jeito, tanto é que nosso TCC foi aqui, e hoje está no museu da Federação Paulista de Futebol, teve estrutura para fazer tudo isso.

QUAL LABORATÓRIO VOCÊ MAIS FREQUENTAVA E QUAL ERA A ESTRUTURA, E QUAIS EQUIPAMENTOS TINHA?

Frequentei mais a de Tv e Rádio. Fotografia a gente fazia trabalho, mas quando dava para optar pelo prático eu não ia muito na fotografia. Me lembro de ter entrado mais na Tv e Rádio. Na tv quando a gente fez o TJ (TeleJornal), passava o horário, passava a noite inteira lá dentro. Tinha iluminação, câmera, microfone, tudo o que a gente precisava, fitas, tudo arquivado, organizado, numerado.

QUAIS DIFICULDADES VOCÊ TEVE NA ÉPOCA?

Acredito que trabalhar e estudar não é nada fácil. Pra mim todo dia era matar um leão. Acordava em Venceslau as 06:00 da manhã, trabalhava na rádio depois ia para o jornal. Na parte da tarde dava aula de balé clássico. Saía do balé, tinha dia que não dava tempo de comer nada, saía sem tomar banho, pegava um ônibus para chegar aqui, fazia tudo correndo, gostar do que eu fazia era o segredo; minha dificuldade na época era essa. Quanto ao estudo, sempre gostei muito, nunca peguei um exame, gostava das disciplinas, e tentava me esforçar ao máximo para conseguir nota.

QUAIS TIPOS DE PRODUÇÕES ERAM FEITAS EM SALA DE AULAS, QUE TIPO DE TRABALHOS VOCÊS REALIZAVAM?

Desde fichamento de livros, acho que o “Chatô” marcou pra todo mundo, ele sempre vem junto com a Thaísa na disciplina de Introdução ao Jornalismo, e desde fichamento de livro até a produção do telejornal. Não esqueço de jeito nenhum dentro do laboratório, gravando. Fazia gravação de rádio, entrevistas com pessoas na rua. Fizemos todos os produtos, jornal impresso, texto online, fizemos de tudo; principalmente no sexto termo que na minha opinião é o mais importante, que é o prático. É a hora que você vê se gosta ou não do curso que está fazendo.

COMO FOI A INAUGURAÇÃO DA TV FACOPP ONLINE?

Assim como na tv, o site também trouxe essa porta pra gente. No site a gente já incluía vídeos, mas na tv começaram a surgir os produtos. Me lembro do Café com Q, ele começou lá e era muito legal. Eu nunca trabalhei lá, teve alguns alunos que estagiaram, mas eu não tive essa oportunidade. Mas o site foi uma porta aberta para o mercado de trabalho e é muito bom ter isso na faculdade.

DAS AULAS QUE VOCÊ TEVE, QUAIS SE DESTACARAM NA CARREIRA PROFISSIONAL?

No primeiro termo não recordo muito bem, mas as práticas é que ficaram. No mercado de trabalho o que conta é a prática, e pode ter certeza que vocês vão começar a aprender tudo de novo a partir de agora. Da forma como é lá fora, as vezes assusta, na época não foi aquilo que eu aprendi, isso não é correto de acordo com o que ensinaram na faculdade, já sofri com isso no veículo de comunicação, já chorei indo embora do trabalho pensando que estava fugindo dos parâmetros do aprendizado. Mas as práticas ajudaram muito e lá fora as aulas práticas continuam. Gosto de tv, e de impresso, pois gosto muito de escrever. Mas na tv dá a oportunidade de juntar o texto com a imagem e conseguir emocionar as pessoas com três minutos. Então o texto de jornal impresso nem sempre a forma que a pessoa lê é interpretado. Na tv com a fala, naquele segundo pode emocionar, e isto é fantástico, eu sou apaixonada por televisão até hoje e isso é o que me motiva cada vez mais, e a televisão me cativou desde a faculdade por causa disso, o poder que ela tem de despertar os sentimentos das pessoas, com o texto e a imagem de forma coerente.

COMO ERA FAZER ESTÁGIOS, MESMO EXTERNOS, HAVIA ABERTURA NO MERCADO?

Nem todos os estágios que eu fiz eu recebi, mas as portas estavam abertas para eu aprender. Comecei em uma rádio, lá eu pude participar de programas ao vivo, me arrepiava todos os dias aquilo. O improviso do rádio é muito bom para quem quer aprender, trabalhei na revista; tudo ao mesmo tempo. Durante os quatro anos de faculdade trabalhava a tarde e ganhando alguma coisa, ganhava por texto na revista, fui contratada no jornal impresso durante a faculdade como estagiária, mas já ia na rua fazer matéria só não assinava. Fiz assessoria de imprensa diretamente com o cliente, apresentando projetos. Na Record não tinha produtor, era o estagiário que produzia. Já entrei encarando, em uma cidade diferente, bem maior que a minha, produzindo para repórter e depois fui para assessoria.

ERA OBRIGATÓRIO O ESTÁGIO SUPERVISIONADO?

Tinham algumas horas obrigatórias de estágios, e consegui todas graças a Deus, nunca nenhuma empresa bateu na minha porta para pedir uma estagiária, tem que ir atrás, se humilhar, e tentar de novo. Bati em muitas portas. Tem portas abertas mas é preciso procurar.

QUAL TIPO DE EVENTO ERA REALIZADO NA FACULDADE?

Semana de Comunicação, participei de todas, vinham profissionais que ajudavam a gente em conhecer melhor o mercado, já que a gente não tinha não tinha muita noção de como era o trabalho deles em São Paulo, agrega muito conhecimento.

OS ALUNOS FAZIAM VIAGEM PARA AMPLIAR O CONHECIMENTO?

Como a maioria trabalhava durante o dia, as viagens durante a semana eram bem raras. Lembro de ter ido uma vez no programa Altas Horas do Serginho Groisman, mas não me lembro de outras viagens organizadas.

HAVIA RESPALDO DOS PROFESSORES E COORDENADORES?

Sim, todos acham que a nossa turma é diferenciada. A gente tinha os professores como amigos, conversávamos com eles, diziam tem que melhorar nisso, naquilo, pegar mais livros na biblioteca, pois jornalista tem que ler.

QUAIS OS PONTOS FORTES E FRACOS?

Pontos fortes é ter os laboratórios para trabalhar, poder contar com professores qualificados. A Thaísa Bacco que foi um espelho pra mim, foi a editora-chefe, a gente sabia que daquele professor não tinha somente a carreira acadêmica, estava no mercado também. O Roberto Mancuzo trabalhava lá, o Paulo Miguel é um fotógrafo excepcional lá fora, Heloisa Miguel atendia empresas gigantescas, era um exemplo de assessoria de imprensa. Então esse diferencial de ter profissionais graduados, trabalhando com a gente, e sabendo que trabalham lá fora com toda a bagagem dele era muito legal. Era o forte da

faculdade, estrutura e profissionais. Ponto fraco não recorda. Acho que o que melhorou muito daquela época é a internet para pesquisa.

O principal é saber que quando o diploma chega na mão é que começa de verdade, aprenderem tudo o que puderem, dos profissionais, amigos. Eu devo trabalhar com uns cinco da minha sala, isso é raro, pois perdemos o contato, mesmo estando na mesma cidade. Aproveitar na Facopp o que ela oferece, porque é depois que o bicho pega.

QUAL FOI O TEMA DO SEU TCC E A PEÇA PRÁTICA?

O título dele era: “Futebol prudentino: uma história de paixão e glória”. Foi produzido um rádio documentário com três cd’s de uma hora cada, contando a história do futebol profissional de Presidente Prudente, produzido por cinco alunos. Gosto muito de esporte até hoje, a gente fez o programa com os depoimentos de ex-atletas, ex-tecnicos assim como profissionais na cidade. Na época do PEC era o laranja mecânica era o atual time, não tinha Grêmio Prudente ainda, então a gente conheceu a fundo corinthinha, Prudentina, Presidente Prudente Futebol Clube, Oeste Paulista Futebol Clube que é o PEC, a gente conheceu desde o primeiros técnicos, um deles até faleceu no dia que entregamos o TCC. Inclusive Milton Neves por telefone falou no nosso projeto. E hoje, ele serve tanto para arquivo na Unoeste, como no Museu Paulista de Futebol. Ele está lá como acervo histórico, com conteúdo. Foram em média quinhentas páginas de trabalho, teve que transcrever todas as entrevistas. Foram seis horas de programas. Eu era apresentadora de programa junto com o Thiago Ferri, que hoje é meu companheiro de trabalho também. A gente trabalhava dia e noite, noite e dia, madrugadas, mas valeu muito a pena.

CARLA MORENO – XV TURMA

QUANDO VOCÊ SAIU DO ENSINO MÉDIO, O QUE TE MOTIVOU A ESCOLHER CURSAR JORNALISMO NA FACOPP? HOUVE ALGUM MOTIVO ESPECÍFICO?

Foram vários motivos, na verdade. Primeiro porque eu já era um pouquinho envolvida, desde o ensino fundamental na escola onde eu estudava, que era um informativo semanal, o Pluri TV. A partir daí eu já fui me encantando com o jornalismo e me despertando o interesse de conhecer a parte técnica da profissão. Era um informa publicitário com moldes jornalísticos.

Como eu saí muito nova do colegial (16 anos), não queria morar fora, e tinha esta opção de fazer o curso de comunicação social na Unoeste. Já tinha pesquisado um pouquinho sobre o curso, vi que era de quatro anos, dei uma olhadinha na grade curricular e vi que era bastante interessante, que tinha laboratório de informática, TV, rádio, e pensei 'vai atender às minhas expectativas'. Aí, ingressei no curso. Na época do ensino médio eu era uma aluna mediana. Tirava boas notas nas matérias que eu gostava, e as que não gostava eu simplesmente passava. Quando entrei no curso, ele atendeu completamente as minhas expectativas. A grade era muito interessante. Quando a gente faz aquilo que gosta, a gente vai bem, se interessa um pouco mais. Eu me interessava por tudo, ia bem na faculdade, foi muito bom. Os primeiros anos eram bons, e o últimos melhores ainda. Os dois últimos anos são de muita prática.

NO TRONCO COMUM TEM MUITAS MATÉRIAS VOLTADAS PARA A PUBLICIDADE. TEVE ALGUMA QUE VOCÊ NÃO GOSTOU MUITO DE FAZER OU NÃO VIA A HORA DE TERMINAR?

Sinceramente não. Todo conhecimento é sempre válido, ainda mais para quem é da área de comunicação. Tudo acrescenta. A disciplina de criatividade, por exemplo, é muito válido para o jornalismo. Muitas vezes, em um link, precisamos de um raciocínio rápido, numa entrevista de estúdio ou ao vivo; qualquer área que seja. Isso foi muito bom pra mim. Também tinha matéria de psicologia do consumidor, que também achei bastante interessante. Mesmo sendo publicidade, é uma forma de propagar informação e opinião. Eu acho que isso exercita bastante, até para o jornalista. Quando a gente monta um telejornal, você tem que de certa forma vender aquela notícia, torná-la interessante, para que a pessoa continue ligada no seu canal. E esse é o grande exercício da edição. Para mim não foi nada maçante; nenhuma disciplina cansava, todas eram boas mesmo.

TUDO MUNDO TEM SUA MATÉRIA PREFERIDA. HAVIA ALGUMAS MATÉRIAS ESPECÍFICAS QUE VOCÊ TINHA MAIS PRAZER EM FAZER; ESTUDAR?

Por incrível que pareça, no tronco comum, eu gostava bastante das disciplinas de filosofia e sociologia. Eu gostava bastante mesmo para entender como a gente chegou no pensamento de hoje, toda essa coisa de estudar o que é a matéria prima do jornalista, se é o fato ou a versão do fato. Coisas que na

prática você acha que não vai usar, mas quando bem entendido é muito interessante. E depois, já na habilitação, eu gostava bastante do telejornalismo. Na parte de rádio eu gostava bastante quando a gente estudava seus segmentos, como jornalismo esportivo, comunitário. Era muito bom, pois a gente já imaginava como seria nos veículos de comunicação.

NORMALMENTE, ESSAS MATÉRIAS QUE A GENTE GOSTA MAIS VEM ACOMPANHADAS DE UM PROFESSOR QUE A GENTE SE IDENTIFICA BASTANTE. TEVE ALGUM PROFESSOR QUE VOCÊ SE IDENTIFICOU MAIS NO DECORRER DO CURSO?

Ah, tiveram vários sim. Mas os professores que eu gostava bastante de conversar eram três; daqueles que a gente ficava um pouco mais depois da aula conversando numa rodinha de amigos, nos aprofundando um pouquinho mais, fazendo mais perguntas. Eu gostava bastante das aulas do Paulo Miguel, que eram muito conversadas e ele trazia os temas para os dias de hoje. Gostava muito das aulas do Mancuzo, que a gente discutia bastante coisa também. Os trabalhos dele nos davam muitas possibilidades de inovar. E também do Homéro, que foi meu professor e depois se tornou o orientador do meu TCC.

JÁ QUE VOCÊ TOCOU NO ASSUNTO DO TCC, QUAL FOI A SUA TEMÁTICA?

O meu TCC foi voltado para o jornalismo comunitário. Nós fizemos um projeto de implantação de uma rádio comunitária no bairro Ana Jacinta.

QUAIS FORAM OS MAIORES DESAFIOS E PRAZERES NA EXECUÇÃO DO TRABALHO?

Todo mundo fala que o TCC é um sofrimento muito grande. O meu, graças a Deus, ao empenho do meu grupo e do meu professor, não foi sofrido. Agente seguiu o cronograma e foi muito prazeroso essa coisa da pesquisa, a busca pelo conhecimento. Nós partimos de um tema, tínhamos uma base pra estudar esse tema. Mas ao longo que a gente ia lendo, descobrindo, pesquisando, entrevistando pessoas, ia criando corpo, e isso foi muito prazeroso. Porque o TCC nada mais é do que uma grande reportagem. Ele tem entrevistas, pesquisas, pauta, cronograma, e um resultado final. Foi um prazer ir caminhando por esse conhecimento todo até que chegasse numa apresentação final e ao nosso trabalho. E a parte difícil... Deixa eu pensar... Acho que foi a primeira correção, quando a gente vê que está faltando um capítulo, faltando poucos dias, na reta final, e temos que correr atrás para conseguir fazer. Talvez esta seja a parte difícil, mas nada que tenha sido uma dor de cabeça para ser feito.

HOJE VOCÊ É UMA PROFISSIONAL BEM COLOCADA NO MERCADO DE TRABALHO. OLHANDO PARA TRÁS, VENDENDO TUDO O QUE VOCÊ PASSOU PELA FACULDADE. FICA ALGUM ARREPENDIMENTO? VOCÊ TERIA IDO PARA ALGUMA OUTRA UNIVERSIDADE? OU VOCÊ ACHA QUE ELA TE

ATENDEU EM TUDO O QUE PRECISAVA PARA SE TORNAR A PROFISSIONAL QUE VOCÊ É?

Atendeu para que eu me formasse a profissional que eu sou hoje. E também a minha grande escolha foi não sair de perto da minha família, de continuar na minha cidade, eu era muito nova. Mas hoje, que já se passaram alguns anos; eu me formei em 2008 e estamos em 2014. Agora que já tenho mais idade, eu ainda não saí da minha cidade. Então ela atendeu todas as minhas expectativas. Prudente me acolheu. Também fiz muitos amigos na faculdade, os professores e orientadores foram grandes amigos. Então assim, eu não me arrependi de nada, da escolhi que eu fiz da faculdade. E eu acho que eu suguei tudo o que eu poderia lá dentro. Aproveitei os horários livres, os cursos extracurriculares, fiz teatro na época da faculdade. Então de arrependimento não fica nada, apenas a vontade de fazer parte de novo deste grupo, que era muito gostoso.

E QUAL PONTO DA FACULDADE, DESDE ESTRUTURA À DIDÁTICA, VOCÊ ACHA MAIS POSITIVO E NEGATIVO? NA SUA OPINIÃO, ALGO PODERIA SER MELHORADO?

O que poderia ser melhorado, da minha época para cá, pelo o que eu vejo, já melhorou. Os laboratórios em número e em estrutura. Quando eu estava saindo foi implantada a TV Facopp, também a Web Rádio Facopp, a assessoria de imprensa, os laboratórios de informática passaram a ser no andar do curso. O que poderia ser melhorado, já está melhorando. Na minha opinião está num caminho muito bom.

Hoje você se tornou referência na área jornalística. As pessoas vêm perguntar para você onde você se formou? Sobre a profissão? Existe esse interesse por parte das pessoas?

Existe. Muita gente pergunta como foi essa trajetória, ou 'Nossa! Você se formou em Prudente mesmo?' E eu respondo 'Sim, me formei aqui em Presidente Prudente. Inclusive, tenho várias colegas que se formaram comigo, na mesma turma, que hoje trabalham comigo ou estão bem colocadas em outras áreas como assessoria, rádio também.' Então eu sou feliz em contar pra essas pessoas, explicar como funciona o curso. O pessoal fica encantado; interessado.

Aqui em Prudente vemos um pouco de preconceito com relação a Unoeste, talvez por ser uma faculdade privada. As pessoas ficam surpresas quando veem profissionais bem colocados no mercado de trabalho que se formaram lá. Você acha que esse preconceito é disseminado? Você já sofreu isso?

Eu acho que existe esse preconceito, não só com a Unoeste, mas com faculdades privadas. Imagina-se que seja fácil de entrar, talvez pela concorrência ser um pouco menor, não só aqui em prudente, mas no Brasil todo. Acho que esse preconceito é quebrado a partir do momento em que se vê o profissional que saiu dessa faculdade. Tem gente que fez o mesmo curso que eu e seguiu para outras áreas, não conseguiu emprego na área de jornalismo, e acabou optando por outro segmento. Mas também tem gente que fez grandes faculdades públicas, de renome no Brasil inteiro, e que talvez

quando saiu para o mercado de trabalho era um grande profissional teoricamente, mas na prática não conseguiu um emprego. Eu acho que o profissional não se forma apenas pela faculdade, mas pelo empenho dele. Esse preconceito existe, não só com a Unoeste, mas com faculdades privadas, na minha opinião. Mas eu acho que o profissional se forma a partir do momento em que sai para o mercado de trabalho e mostra o que ele é capaz.

MAS AQUI EM PRUDENTE VOCÊ NÃO SENTIU ISSO?

Bom, onde eu procurei emprego não senti. Muito pelo contrário. As pessoas hoje em dia têm avaliado cada vez menos, pelo o que eu tenho visto. A faculdade que você faz e mais o seu currículo. Os estágios que você faz durante a faculdade. O que adianta fazer uma grande faculdade e não ter nenhuma vivência prática? Eu acho que isso não adianta. Mas no meu caso, eu não senti esse preconceito.

Lembrando a época da faculdade, a gente sempre tem um grupo de amigos. Tem algum acontecimento que marcou sua vida acadêmica? Alguma coisa que foi um marco para você?

Apesar de algumas pessoas não gostarem, o pessoal tem um pouco de ansiedade, e acho que esse grande marco foi a gravação daquele telejornal. Tenho certeza que esse era o grande desafio do pessoal. Não sei hoje, mas na minha época ele era apresentado numa compilação de vários trabalhos. A gente se preparava; era aquela coisa de mostrar para todo mundo o nosso trabalho. Acho que esse telejornal foi um divisor. Eu fui garota do tempo.

VOCÊS FAZIAM VIAGENS PARA CONHECER A VIVÊNCIA JORNALÍSTICA? VISITARAM ALGUM VEÍCULO?

Fizemos. Que eu me lembre nós fomos no rádio. Tinha também viagens para acompanhar o programa do Jô ou o Altas Horas, mas eu não fui porque já fazia estágio.

VOCÊ FEZ ALGUM ESTÁGIO NA FACULDADE?

Lá não. A TV Facopp Online foi lançada no meu último semestre.

ÉRIKA FOGLIA – XV TURMA**O QUE TE MOTIVOU A CURSAR JORNALISMO NA UNOESTE?**

Então, desde muito criança, adorava ler e escrever, na época do ensino fundamental eu lia a biblioteca inteira do colégio e meu pai é advogado, ele ficava muito orgulhoso, né, de ver esse gosto pela leitura em mim e desde cedo começou a falar: “Ah! Eu vou ter uma filha jornalista ou escritora”; alguma coisa assim. Só que paralelamente a esse gosto pela leitura e pela escrita eu fazia redações sobre a minha ida, independente da escola, assim, eu gostava muito de escrever. Mas paralelamente à esse gosto pela escrita e pela leitura, sempre gostei muito de moda, eu, desde criança fazia desfile, montava desfile, desenhava looks, enfim, eram duas coisas eu me divertia. Nunca fui de brincar na rua.era sempre ou era brincando de moda, ou lendo e escrevendo. E isso foi bater na minha cabeça na hora de escolher o vestibular, né. Minha primeira opção era moda, isso eu não escondo de ninguém, nem dos professores, nem dos meus chefes quando eu “tava” no jornalismo. Só que meu pai não tinha a possibilidade de me mandar pra São Paulo, porque na época do meu vestibular, as melhores universidades de moda estavam em São Paulo e eram caríssimas. Eu até cheguei a ver Anhembi Morumbi, Santa Marcelina, só que sem condições, meu pai não tinha nem como pagar as mensalidades muito menos como me manter lá. Aí eu prestei UEL. Fiquei na lista de espera, não fui chamada, fiz mais um ano de cursinho aqui em Prudente mesmo. Na segunda vez que prestei UEL, nem pra lista de chamada eu fui, aí eu falei : “Ah, não! Vou pra segunda opção, vou fazer jornalismo, que é uma coisa que eu tenho certeza que eu vou gostar também, e mais pra frente, se eu decidir que eu quero moda, eu volto pra trás e faço moda de novo”. Eu nunca tive crise com esse negócio de idade, tipo, ah, com 25 anos eu tenho que tá com um a carreira consolidada, não, eu nunca tive. Ai fiz jornalismo. Então, a minha motivação pra escolher o jornalismo vem de criança, mas era uma segunda opção, porque eu não consegui cursar moda (risos).

E AQUI EM PRUDENTE, DUAS UNIVERSIDADES OFERECEM O CURSO. VOCÊ PRESTOU (VESTIBULAR) PRA OUTRAS UNIVERSIDADES OU ESCOLHEU DE CARA A UNOESTE?

Foi de cara a Unoeste. Por que o ano em que eu entrei, não sei, só tinha a Unoeste, não tinha a Uniesp aqui em Prudente, e bem no ano em que eu entrei, no meu vestibular, a Unoeste estava com conceito A na época. O provão era A, B, C, D. E era A a Comunicação Social, porque era, veio de um provão que tinha Leda Márcia, Homero Ferreira, aquela turma maravilhosa que todo mundo conhece, né. Então, eu não tive nem intenção de prestar em outro lugar. Já queria ficar me casa mesmo. Minha intenção era ir embora pra Londrina, não deu, falei Ah, vou ficar em casa mesmo, a Unoeste é maravilhosa, ótima, acabei ficando aqui mesmo. Passei em segundo lugar no vestibular, inclusive, consegui bolsa, daí eu falei: “Aqui mesmo que eu vou ficar”.

QUAIS OBJETIVOS VOCÊ TINHA NO COMEÇO DO CURSO? DE QUE FORMA CONSEGUIU ALCANÇÁ-LOS?

Então, logo que eu entrei, eu, no tronco comum, sempre quis jornalismo, nunca pensei em publicidade. Lógico que, durante o curso você acaba se apaixonando por algumas matérias de publicidade, por algumas disciplinas, mas, chama mais a atenção às disciplinas de publicidade, né?! Mas eu tinha muito claro na minha cabeça que, ali na Comunicação Social, eu ia escolher o jornalismo mesmo. E no começo, era muito ah, vou escrever, vou escrever, independente de ser pra jornal. Como eu gosto muito de moda, meu sonho era escrever pra revista feminina. Acabou que, quando eu sai do tronco comum, eu me apaixonei pela tv. Thaisa Bacco, me apaixonei pela tv. Acabei fazendo estágio na Tv Facopp, fui repórter do “Login Cultural”, nem sei se existe ainda. Era um programa dentro da TV Facopp Online, que era sobre cultura. Nossa, me apaixonei, fiz seis meses de TV e saí de lá, me formei, e ainda com aquela ideia de “Ah, se aparecer alguma coisa de revista feminina eu vou pra São Paulo, qualquer lugar”. Tanto, que enviei vários currículos, mas, é, Lucas do Rio Verde, lá no Mato Grosso, pra cima de Cuiabá, entrou, não sei de que maneira, em contato com Thaisa Bacco, e viu minhas reportagens na TV Facopp Online, acabou entrando em contato comigo. Isso, dois meses depois de formada, assim, ai, falei “Ah, nossa, eu amo tv, deixa os projetos de moda mais pra frente ainda, né?! E tava praticamente com mala pronta, ia embora mesmo, ia lá pra longe. O salário não era muito bom, mas quem é recém formado, você tem que agarrar a primeira oportunidade que aparece, né?! Era “Tv que virou Record depois, aí eu só estava esperando passar meu aniversário que era dia 28 de abril e falei lá com o chefe “Eu tô com mala pronto, dia 29 eu tô saindo daqui de Prudente”. Ai, o que aconteceu, com aquele medinho de ir embora, toda a vida eu morei com a família e tal, mas eu ia, ia encarar! A Thaisa tava me dando um super apoio, fui conversar com ela várias vezes. Ai, acho que Deus, fez a Leodete, a mulher do Homéro Ferreira, que era a chefe do setor de comunicação da Unoeste, da Assessoria de Imprensa e Marketing, só que ela viu meu currículo. O Homéro Ferreira era meu orientador de TCC, provavelmente eles devem ter conversado e tal, ela se interessou pelo meu currículo, daí ela me ligou, tipo, uma semana antes de eu ir embora, perguntando se eu tava interessada e que ela já ia me contratar. Não ia precisar fazer nenhum tipo de teste, nada. Falei “Clarol!”. Até dei uma “mancadinha” lá com o pessoal de Lucas do Rio Verde, mas a Bruna Bachega acabou indo no lugar, deu tudo certo, e, fui pra Assessoria de Imprensa. Fiquei dois anos na Assessoria de Imprensa lá na Unoeste. Amei também, me apaixonei. Ou seja, pra todas as áreas do jornalismo acabei me apaixonando. Quando eu entrei, o meu objetivo era escrever e especificamente pra revista feminina.

E VOCÊ NÃO CONSEGUIU CONSOLIDAR ELE ENTÃO?

Não. Mesmo porque, entrando no mercado de trabalho aqui em Prudente, me consolidando no jornalismo aqui em Prudente, e aqui a gente sabe que não tem espaço. As revistas, eu até cheguei a fazer uma entrevista com a chefe de uma das revistas femininas daqui, e eu não gostei porque ela queria que eu vendesse anúncio pra poder escrever. Então eu percebi que era tudo meio nesse esquema, então ai, não dá, tem que ir pra fora pra escrever sobre moda mesmo.

QUEM ERAM OS COORDENADORES DE CURSO NA SUA ÉPOCA? HOUVE MUDANÇAS DE COORDENAÇÃO ENQUANTO VOCÊ FOI ALUNA?

Sim. Eu entrei, era a professora Astrogilda, depois foi o Homéro Ferreira, e quando eu sai era o Munir.

QUAL ERA A DINÂMICA DO CURSO? HAVIA MANHÃ E NOITE? VESTIBULARES DE INÍCIO E MEIO DE ANO?

Já tinha vestibular em novembro e em julho, parece, e era noturno e diurno. Acho que, a minha turma, inclusive, foi a que “bombou”, assim, tiveram que abrir duas salas à noite, por que era muita gente. Foi começo de ano que eu entrei, fevereiro, eu fiz vestibular de novembro.

QUAIS LABORATÓRIOS EXISTIAM QUANDO VOCÊ ESTUDOU?

Olha, eu lembro mais do último ano. Quando eu entrei, eu não lembro muito porque era tronco comum. Tinha o de rádio bem ao lado do de TV, era tudo junto, era bem ao lado. Tinha fotografia, que era bem no corredor do tronco comum. Eu tive um aprendizado bem legal (sobre fotografia), tinha uma salinha que era de redação, mas também não era muito utilizada, não tinha nada desse estágio de assessoria que vocês tem agora.

MAS TINHA JÁ O ESTÁGIO REMUNERADO?

Eu fui da primeira turma de estágio da TV Facopp e não era remunerado. A gente ganhava aquelas horas extras lá. Eu não sei quanto tempo depois passou à ser remunerado.

QUAL VOCÊ MAIS FREQUENTAVA? COMO ERA A ESTRUTURA DELE? QUAIS EQUIPAMENTOS CONTINHA?

O que eu mais frequentei foi a Tv, por causa da TV Facopp Online. Mas eu era repórter, eu ficava mais na rua. Mas, alguns trabalhos de edição, é, estúdio mesmo, que algumas vezes tinha que fazer estúdio, eu aproveitei bem, assim. Tenho um pouco de conhecimento de edição por causa dos estágios, é, parte de rádio. Não sei se o Gercimar tá lá ainda? (a repórter responde que não) Saiu? Como eu era repórter, tinha que gravar os offs com ele, então ele me ensinou demais. Tempo. Ele e a Thaisa juntos, a Carol (Mancuzzo). Então, o que eu mais usei mesmo foi a TV, os aparelhos e a parte da edição, e o rádio pra gravar os offs.

VOCÊ LEMBRA QUEM ESTAVA NA TV?

Era o “Morcegão” (risos) não lembro o nome dele. Antes de ele ir pra TV, ele era da Band. E a Edivanir na hemeroteca.

QUAIS OS DESAFIOS E DIFICULDADES VOCÊ ENFRENTOU AO ESTAGIAR NA TV FACOPP? COMO FEZ PARA SUPERÁ-LOS?

Dificuldades? Quando a Thaisa me escalou pra ser repórter. Porque assim, antes do estágio a gente teve aquelas aulas de fazer passagem na frente da sala inteira, eu não conseguia fazer aquilo. E minha sala era gigante. Como eu disse, eu gostei de ir pro jornalismo pra escrever, então, quando a Thaisa apareceu com aquelas aulas de microfone na mão e câmera, eu entrava em pânico dinâmica era muito. Eu passava o dia inteiro desesperada porque eu sabia que à noite eu tinha que fazer isso. Ai, eu passei no teste pra estagiar na Tv Facopp e a Thaisa me colocou pra ser repórter, talvez, justamente pra me fazer superar isso. Só que, a dinâmica era muito diferente no estágio, porque, a meninas da minha equipe, que faziam estágio comigo, eram muito minha amigas, a Maria Raquel Pelози, a Cris, enfim. Então, eu aprendi muito rápido a ficar a vontade na frente da câmera, microfone, posição, postura, tudo isso, mas o meu maior desafio no estágio foi medo da câmera, nos primeiros impactos. Mas passou super rápido. A Thaisa sempre me dando uns toques bem legais. E assim, e era muito magrinha, e eu lembro que, nunca vou esquecer desse “pito” que a Thaisa me deu. Eu adorava mostrar a barriguinha (risos) era moda, e sem querer, eu fiz uma passagem, nem pensei, não com a barriga de fora, era um pedacinho. Ela me deu um pito, me chamou, super reservado, e falou: “Olha, repórter não pode”. Eu sabia, mas só que foi sem querer (risos).ai pra fazer o estágio tive que comprar uma camisas, aconteceu, mas abafa! (risos)

QUAIS ERAM AS PRODUÇÕES FEITAS EM SALA DE AULA? QUE TIPO DE TRABALHOS VOCÊ REALIZOU? ELAS ERAM DISTRIBUÍDAS? COMO E PRA QUEM?

Na habilitação, todos os semestres tinham uns trabalhos muito bacanas, assim, grandes, bem laboratoriais. Eu lembro que a gente fez um jornal televisivo, um programinha, acho que a Thaisa faz até hoje, um programa inteiro de rádio, que o Homero fazia. Era tudo junto, assim, tanto que era o pior semestre, acho que era o sexto termo. A gente fez trabalhos bem profissionais, assim, né?! A gente fazia o jornal impresso também com o Mancuzo, era o Mancuzo na época e tinha um pré-TCC que a gente fazia com o Rogério do Amaral, não sei se ela dá aula lá ainda. Isso já na habilitação. São os trabalhos que eu mais me recordo, com mais proximidade do mercado de trabalho. E esse do Rogério que era um TCC, uma preparação.

MAS VOCÊ LEMBRA SE O JORNAL ERA DISTRIBUÍDO? VOCÊS CHEGARAM A FAZER REVISTA TAMBÉM?

Não, revista nós não fizemos. Fizemos o jornal “Ligação” e era distribuído pela cidade inteira, era bem legal. Ficava um trabalho bem profissional.

ERAM VOCÊS QUE DISTRIBUÍAM?

Não lembro. Acho que pegavam alguns alunos ícones, tipo, “você tem influência em tal lugar”. Eu não fiz essa parte. Não me lembro de ter distribuído. Só trouxe pra casa pro meu pai ficar babando.

COMO FOI A INAUGURAÇÃO DA TV FACOPP ONLINE?

Teve um coffee break com uma reunião, inclusive os formandos do TCC que implantaram a Tv Facopp Online foram lá dar uma pequena palestra, explicando o que era e tal. Eu me lembro que não teve mídia, mas o pessoal da assessoria de imprensa da Unoeste estava. Foi uma manhã bem agradável com os diretores, a Thaisa Bacco e a Carolina Mancuzo para delegar as funções e explicar o que era. As duas coordenavam.

DAS AULAS QUE VOCÊ TEVE, QUAIS SE DESTACARAM EM SUA CARREIRA PROFISSIONAL?

É tão diferente o mercado de trabalho das aulas, que eu não, você aprende na marra. Então, como no jornalismo eu atuei na assessoria de imprensa e no jornalismo online, eu nunca vou me esquecer das aulas da Carol, de jornalismo Online que eram muito legais, muito bacanas, sempre muito bem explicativas. Eu amo ela, então vou sempre puxar a sardinha pro lado dela. Ela me ajudou de mais na época da Tv Facopp Online, com textos, tudo isso. As aulas eram maravilhosas e eu apliquei muito na época do Ifronteira. Na assessoria de imprensa, eu tinha aula com a Heloísa Miguel, que também é espetacular. É uma pena que vocês não tiveram aula com ela. Ela dava aula de jornalismo empresarial, então muitas das apostilas que ela fazia pra gente estudar, eu tinha ainda na época que eu trabalhei na assessoria de imprensa, então eu ainda olhava algumas coisas. Então são as duas principais disciplinas que eu lembro que me ajudaram.

HAVIA ALGUMA DISCIPLINA QUE VOCÊ ACHA QUE NÃO ERA IMPORTANTE PARA A SUA FORMAÇÃO?

Como eu queria muito jornalismo, as aulas de publicidade não tinham muita função pra mim, eu gostava por que achava interessante. Ms tinha uma ual, ada professora Lorraine, acho que chamava “Cultura Brasileira... não sei das quantas... não lembro o nome da disciplina. Era cultura, não sei o que, política, blá, blá, blá. Meu, lógico que tem à ver, com certeza tem à ver, mas só que na época, com 17 aninhos, eu olhava pra aquilo e falava “???”.

COMO ERA PARA FAZER ESTÁGIOS – MESMO OS EXTERNOS – HAVIA ABERTURA NO MERCADO?

Olha, era tanto que eu só consegui fazer estágio na TV Facopp. Eu cheguei a participar, não sei se ainda é assim, pra entrar como estagiária na TV Fronteira, tinha um processo seletivo super longo, você tinha que passar por três fases do processo seletivo. Eu cheguei a ir pra final e a Carlinha e a Isa ganharam, mas era super difícil conseguir estágio em empresa boa. É muito indicação. Se você não tem indicação, você vai ficar pra trás. Jornal era super difícil. É muito seletivo. Eles não abrem pra um monte de estagiários. Jornal era difícil. Rádio era mais fácil. Assim, pra trabalhar de graça, né?! Mas TV, era super concorrido, super difícil. Esses remunerados. Assessoria de Imprensa, eu não me lembro de ninguém que tenha feito estágio em assessoria. Não era fácil fazer estágio na área. Principalmente pra quem queria ganhar uma graninha. Não era fácil.

ERA OBRIGATÓRIO O ESTÁGIO SUPERVISIONADO?

Olha, eu não sei se pela dificuldade, mas era obrigatório você cumprir 300 horas de atividades extras. Era 300. Então, essas 300 horas você “podia” gastar da maneira que você quisesse, não necessariamente no estágio. É claro, que com estágio ia ser muito mais válido pro seu currículo e tal. Tanto que as aulas de teatro que eu fiz valeram, curso de inglês, estágio na Tv Facopp valeu, tipo, metade (risos).

QUE TIPO DE EVENTOS ERAM OFERECIDOS NA FACULDADE?

Acho que na minha época só tinha a semana de comunicação. Jornada começou a ter no finalzinho, que era mais curto parece, mas a semana de comunicação que tinha era no primeiro semestre, e eram muito boas. Eles traziam um pessoal incrível, principalmente na área do jornalismo. Eles chegaram a trazer a, não me lembro o nome, ela é repórter em Curitiba.

OS ALUNOS FAZIAM VIAGENS PROMOVIDAS PELO CURSO PARA AMPLIAR O APRENDIZADO?

Não, o máximo que eu soube foi o Altas Horas. Geralmente, nada pra agregar.

E POR CONTA PRÓPRIA? HAVIA ESTA ORGANIZAÇÃO?

Não me lembro. Depois no TCC, um pessoal que estava fazendo TCC de assessoria de imprensa foi pra São Paulo fazer uns cursos no comunique-se, só que orientados pelo orientador, pra fazer parte do TCC. Eu não me lembro de ninguém ter investido, assim, em nada. Ah, uns alunos selecionados, escolhidos iam pra Semana Estado. Mas bem no finalzinho.

QUAL A PRINCIPAL DIFICULDADE QUE VOCÊ TINHA EM FAZER A FACULDADE?

Dificuldade? Pra falar a verdade não tive dificuldade nenhuma, foi bem tranquilo.

HAVIA RESPALDO DOS PROFESSORES E COORDENADORES? EM QUAL SENTIDO?

Até o tronco comum ninguém sabia meu nome, por que eu nunca fui daquelas que mais participavam, eu era bem preguiçosa. Mas, depois, na habilitação, tudo muda, até a gente muda mesmo, né?! Depois que eu entrei na TV Facopp Online, putz, o apoio que a Thaisa e a Carol me deram, do começo ao fim, aminha evolução até os últimos seis meses, eu devo a Thaisa e a Carol, por causa do estágio.

O QUE MARCOU SUA VIDA NO DECORRER DO CURSO?

Em meio à esse monte de trabalho do sexto termo, me deu a louca e eu quis desistir. Não sei, quero fazer moda “pai”, me leva pra São Paulo (risos). Todo

mundo tá falando que ganha mal”. Me deu uma crise louca, fiquei umas duas semanas sem ir pra faculdade. É. Mas daí, função de pai,” você tá quase acabando, depois faz moda”. Termina, vale a pena terminar. Por mais que você não leve isso pro resto da sua vida, não vale a pena desistir. Acho que todo mundo deveria fazer comunicação. Não necessariamente jornalismo.

E ALGUM PROFESSOR SOUBE DISSO? ALGUÉM DE DENTRO DA FACOPP TE AJUDOU OU FOI SÓ O APOIO DA FAMÍLIA?

Família e as amigas ali do curso. Como eu disse, eu nunca fui a “queridinha” dos professores, então eu não tinha, até entrar na Tv Facopp Online, apoio dos professores. Era só família e amigos. Depois eu revelei no dia da banca que quase eu desisti, chorando (risos).

O QUE A FEZ DEIXAR O JORNALISMO? ACHA QUE A PROFISSÃO CONTRIBUIU PARA SUA MUDANÇA DE ÁREA?

Então, gente, eu não escondo de ninguém, é a minha paixão sempre foi moda e o mercado de trabalho foi me consumindo, foi me pegando. Eu acabei dando certo no mercado de trabalho, porque eu recebia convites e tal. Acabei entrando na TV Fronteira, que eu sempre queria, mas eu sempre soube que eu não ia me aposentar no jornalismo. Eu sempre soube que um dia eu ia falar: “Bom, eu já consegui um dinheirinho e agora vou montar meu negócio de moda, vou trabalhar no que eu quero, que eu amo. Eu não imaginei que isso seria tão cedo, eu pensei que eu fosse aguentar uns 20 anos no jornalismo. Só que, realmente, não tem como você levar um negócio que só tá te fazendo mal, assim. O mercado de trabalho me fez desistir sim. Por que, eu não sei se é o caso do interior, eu tenho até medo de falar essas coisas, mas eu, eu não era valorizada. Não tô falando de chefia, porque todos os meus chefes eram maravilhosos. Só que a própria profissão mesmo não era valorizada. Eu não conseguia tirar férias, porque eram poucos repórteres e tinha que ficar até duas horas da manhã na rua cobrindo acidente e depois você tinha que entrar no outro dia, não conseguia tirar aquela hora, você ficava cansado, estafado. Eu comecei a me sentir prejudicada, até de saúde mesmo. Isso eu tô falando no ifronteira, que é o jornalismo que eu vivi factual por um ano e meio e tal. Na Assessoria de Imprensa, era tranquilidade. Eu tinha hora marcada, horário comercial, fim de semana, feriado, era tranquilíssimo. Amava a equipe da Unoeste. Ainda hoje tenho muito contrato com todo mundo. E fui pro Ifronteira por dinheiro, que pagavam muito, muito melhor, mesmo sabendo desse jornalismo factual. Só que não aguentei a barra. E por saber que aquilo não era o meu grande sonho, eu acabei desistindo com um ano e meio. Foi a rotina, sem tirar férias, não consegui tirar férias. Nada contra as pessoas que trabalharam comigo, contra os meus chefes, eu os amo de paixão, que foi Thiago Ferres e o Pedro Matias, né. Que o Pedro Matias se formou comigo e era meu amigo, assim, de me chamar de “Estrela”, até hoje. Era até estranho eu e meu chefe se chamando de estrela, então eu amo de paixão. A rotina do jornalismo, o ambiente ali, que eu não achava muito legal, isso tudo fez eu largar mais cedo e hoje eu tô feliz da vida. Não me arrependo de ter passado cinco anos na carreira, que eu cresci demais, principalmente na TV Fronteira,

cresci um absurdo, como mulher mesmo. Acho que eu entrei criança e sai mulher. E muito bem preparada pra encarar tudo.

QUAIS OS PONTOS FORTES E OS PONTOS FRACOS QUE VOCÊ VIA NA FACOPP?

Na minha época, todo mundo sempre falou e eu tenho plena consciência disso, a estrutura da Unoeste é reconhecida. Tanto que quando eu fiz a pós de moda na UEL, o prédio de moda é bem ao lado do prédio de comunicação e eu conheci alguns laboratórios da UEL. Gente, não chega nem aos pés da Unoeste. A estrutura, principalmente e os professores tem muito boa vontade de fazer você aprender, de te dar força mesmo. E eles tem muita garra de dar apoio pra quem quer levar o negócio à sério. Eles dão apoio mesmo. O professores da minha época eles não desistem de quem tem potencial e de quem tá interessado. Então as duas coisas principais: a estrutura aliada a essa garra que os professores tem em fazer o aluno dar certo. Os pontos fracos que eu achava que atrapalhava bastante, principalmente no tronco comum, era o vestibular da Unoeste, não da comunicação. Por que entrou muita gente que atrapalhava de mais, que não sabia nem escrever. Como que a pessoa vai fazer comunicação? Não sabe nem escrever? E atrapalhava! Aquela molecada de 17 anos que... sabe assim, se o vestibular fosse mais criterioso, colocasse menos gente lá dentro, talvez entrasse pessoas mais selecionadas e mais interessadas, não pra “zuar”. A estrutura do vestibular, que entra muita gente, isso atrapalha os primeiros anos.

ROGER DOS SANTOS LIMA – XV TURMA**POR QUE ESCOLHEU CURSAR COMUNICAÇÃO NA UNOESTE?**

Escolhi por ser a Instituição de Ensino mais acessível na localidade, de início optei por cursar Desenho Industrial, porém só havia o curso mais próximo em Bauru-SP, portanto decidi cursar algo que estivesse certa relação com a área de arte, desenho e criação, já entrei no curso de comunicação decidido a habilitar-me em publicidade.

QUAIS OBJETIVOS VOCÊ TINHA QUANDO COMEÇOU O CURSO? ELES FORAM ALCANÇADOS? DE QUE FORMA?

Na verdade eu não tinha objetivos bem traçados, eu não conhecia o mercado, estava cursando algo que não sabia ao certo como funcionava, porém ao decorrer do curso acabei por me interessar mais e assim surgiram oportunidades de trabalhar no mercado.

QUEM ERAM OS COORDENADORES DE CURSO NA SUA ÉPOCA? HOUVE MUDANÇAS?

Se não me engano o Coordenador era o Romero, depois houve uma divisão entre os cursos, então foram 2 coordenadores diferentes para o curso de publicidade: Gilson Catussi e após ele a Larissa, neste momento o coordenador geral era o Munir.

COMO ERA O PROCESSO PARA FAZER ESTÁGIO? HAVIA ABERTURA NO MERCADO?

Comecei com o estágio na área no segundo ano do curso, até então não havia visto, ou me informado sobre possibilidades de estágio, não havia muita indicação por parte da faculdade, acabei por estagiar nas empresas dos próprios professores, que viam meus trabalhos e assim me ofereceram oportunidades de estágio.

ERA OBRIGATÓRIO O ESTÁGIO SUPERVISIONADO?

Não, não era. Porém era obrigatório a carga horária extracurricular, com qualquer atividade, seja relacionada ao curso ou não.

HAVIA PRODUÇÕES PRÁTICAS EM SALA DE AULA?

Pouco, me recordo 2 ou 3 disciplinas que tinha esta prática, no caso de fotografia, rádio e tv e criatividade. A maioria dos trabalhos eram feitos em casa.

QUAIS LABORATÓRIOS EXISTIAM NA SUA ÉPOCA?

Laboratório de Fotografia e Rádio e TV.

HOUVE ALGUMA DISCIPLINA QUE SE SOBRESSAIU E AJUDOU MAIS EM SUA CARREIRA PROFISSIONAL?

Posso dizer que em um todo o curso me deu uma base, mesmo que superficial às vezes, sobre a profissão que eu seguiria, acredito que a parte produtiva e técnica era muito pouco explorada, nenhuma disciplina me deixou “maravilhado”.

HAVIA ALGUMA DISCIPLINA QUE JULGAVA NÃO SER IMPORTANTE?

Se for julgar pelo nome da disciplina, não, a maioria delas era importante, ao menos no conhecimento básico, para a formação do profissional, mas infelizmente alguns docentes não aproveitaram muito bem o que algumas disciplinas podiam mostrar, ou ensinar.

O QUE MARCOU SUA VIDA NO DECORRER DO CURSO?

O Fato de ingressar na profissão, no mercado, mudar de cidade para trabalhar no segundo ano de curso, porém para desenvolver uma habilidade na área, mas que o curso não ensinava (produção de arte).

HOUVE ALGUM PROFESSOR QUE MARCOU SUA VIDA ACADÊMICA?

Não. O que levamos após a vida acadêmica são apenas boas amizades.

A FACULDADE PROMOVIA VIAGENS PRA ENRIQUECER O APRENDIZADO?

Me recordo de alguns festivais como o Fest’Up ou Fest’In, porém custeados pelos alunos.

VOCÊ LEMBRA QUAIS EVENTOS ERAM OFERECIDOS NA FACULDADE?

As Semanas de Comunicação, e às vezes as Feiras de Vocações.

QUAL A PRINCIPAL DIFICULDADE QUE VOCÊ TINHA EM FAZER O CURSO?

Mobilidade, durante os primeiros dois anos viajava por 2h até chegar a faculdade, e além disso, muitos gastos com fotocópias, que às vezes eram desnecessárias. Me surpreendi após o curso, quando cursei uma MBA, onde todas as apostilas e fotocópias eram fornecidas já pela instituição.

QUAIS OS PONTOS FORTES E OS PONTOS FRACOS QUE VOCÊ VIA NA FACOPP?

É difícil apontar estes pontos, como aluno da época, a visão sobre o que era certo ainda era crua, mas durante o curso dava para diferenciar o bons professores e o maus, em quesito de ensino e didática. A faculdade sempre teve uma ótima estrutura, que com certeza hoje está muito melhor, havia

alguns ótimos professores, mas outros que realmente não foram bem aproveitados, ou melhor, as disciplinas não foram bem aproveitadas, acredito que faltava um conteúdo e uma didática mais voltada para o futuro da profissão.

TEM MAIS DE UMA FORMAÇÃO ACADÊMICA? POSSUI ESPECIALIZAÇÃO?
QUAIS OS LOCAIS DE TRABALHO QUE VOCÊ INGRESSOU APÓS O
TÉRMINO DA FACULDADE DE COMUNICAÇÃO?

Após o término do curso ingressei no curso de Pós-Graduação – MBA em Marketing e Gestão de Vendas, pela Toledo de Prudente; e após concluir este, ingressei no Curso de Pós-Graduação em Direção de Arte na Unopar, em Londrina, PR. Durante este período realizei cursos de extensão na ESPM em São Paulo, no Senac de Prudente, além de eventos e palestras da área, como o Photoshop Conference.

A partir do momento que ingressei no mercado passei pelas agências Destro & Office, Marca X, e então a Audi Propaganda, onde atuo como Diretor de Arte há cerca de 6 anos.

JEAN RAMALHO – XX TURMA**POR QUE ESCOLHEU SEGUIR A HABILITAÇÃO EM JORNALISMO?**

Já entrei na faculdade com a intenção de fazer jornalismo, sempre foi a minha vontade. Desde criança. Como eu gosto de esporte, geralmente em jornalismo esportivo, costuma-se dizer que é um jogador frustrado. Como eu não tinha talento de jogar futebol, então fui para o jornalismo, que é a área que mais se aproxima do esporte. Sempre adorei acompanhar cobertura jornalística, em qualquer esporte, primeiramente o futebol que é a paixão do brasileiro, vêm de berço. Então comecei a acompanhar a cobertura de futebol na Copa de 94. Posteriormente comecei a acompanhar alguns esportes. Nas Olimpíadas de 2000, o pessoal aqui de Prudente conquistou a medalha de prata no revezamento. Então basicamente a minha paixão do jornalismo vem daí, da área esportiva. Durante o curso você vai tendo alguns contatos com a publicidade, e é legal ter, em alguns momentos pendeu, mas falei não, vou para minha paixão, pois se posteriormente quiser fazer publicidade nada impede, mas o jornalismo sempre foi minha meta.

SEUS OBJETIVOS NO CURSO FORAM ALCANÇADOS?

Acho que tudo nessa vida a gente alcança aos poucos, não cai da noite para o dia, nada acontece de uma hora para a outra. Do ponto que eu estou eu me considero realizado, tenho muito a crescer ainda.

DESDE QUANDO TEVE INTERESSE NA ÁREA ESPORTIVA?

Sempre acompanhei o futebol pelo rádio, sou amante do rádio. Cresci escutando José Silvério na Rádio Bandeirantes, Nilson César, Osmar Santos. Digo que me apaixonei pelo jornalismo através do esporte. Veio as olimpíadas de 95, 96 em Atlanta, em Sidney em 2000, comecei a acompanhar as coberturas relacionadas ao esporte, e com isso fui me apaixonando, e cheguei uma hora que decidi que era isso que queria.

DE QUAIS ATIVIDADES REALIZADAS DENTRO DA FACOPP VOCÊ PARTICIPOU?

Como eu tinha que trabalhar para pagar a faculdade, eu não tinha horário para fazer estágios. Sempre tive muita vontade de fazer na Tv Facopp, na web rádio, mas nunca tive oportunidade, por questões financeiras, que é uma coisa que eu lamento muito. Vejo muitas vezes hoje profissionais que atuam dentro da faculdade, eles saem muito mais bem preparados. Nas atividades de interclasse, o que eu podia eu participava. Na época tinha Festival do Minuto, onde fazia um vídeo de um minuto e não era pré-determinado, onde inscrevia um vídeo. Eu participei de uma vez, onde fizemos um áudio visual. Participava da Semana de Comunicação.

TRABALHAVA NA ÁREA ENQUANTO CURSAVA JORNALISMO?

Não, tenho 10 anos de farmácia. Comecei aos treze anos e fui parar com quase vinte e quatro. Quando me formei, dei um basta, e falei, farmácia foi meu ganha pão até agora, sou muito agradecido, pois foi através da farmácia que consegui realizar o meu sonho, mas se eu ficar aqui eu vou acomodar e não vou alcançar o meu objetivo, que é trabalhar na área, foi quando eu dei um basta e corri atrás do prejuízo. Não tinha muita experiência, pois só tinha feito estágios em jornais, sem aprofundamento. E quando a gente tem vontade, a gente trabalha para alcançar.

DE QUAIS ATIVIDADES VOCÊ MAIS GOSTOU DE PARTICIPAR E O QUE TE CHAMAVA MAIS ATENÇÃO?

Gostava muito das atividades em laboratório, quando fazia trabalho para a tv, rádio. Os trabalhos de sala, que era para fazer vídeo, programas de rádio era o que eu mais adorava. Porque é atividade que dá mais contato com o dia-a-dia. Recordo muito dos trabalhos que a gente fazia para a Thaísa de reportagem e também para o Homero. O estágio supervisionado eu fiz no impresso, no jornal da minha cidade Pirapó, não tem data certa para sair, e no jornal aqui de Prudente de esporte, que é do Cleiton Santos.

TEVE ALGUM PROFESSOR QUE MARCOU SUA VIDA ACADÊMICA? QUAL E POR QUÊ?

Acho que principalmente a Thaísa Bacco, a Carol e o Mancuzo, principalmente esses três. A Thaísa porque eu percebi que ela mais do que ninguém, conseguia ver em mim, um talento, uma capacidade que talvez nem eu via. Muitas vezes a gente se deixa levar pela preguiça, pela acomodação e a Thaísa foi uma professora que cobrou muito de mim, exigia muito. Lembro que em uma prova, ela pediu para ler um livro, e como eu não tinha tempo, tempo a gente tem né, falta de tempo é desculpa, se a gente quiser a gente faz, mas eu não consegui ler e tinha uma questão na prova que era específica sobre aquele livro, e na hora que eu fui pegar a prova tinha um texto gigante, falando o porque eu não tinha lido, que era pra ter lido, que eu tinha capacidade, mas que eu era preguiçoso, então isso me marcou muito. Esse fato aconteceu no quinto termo. Esse fato me marcou muito, pois me impulsionou, me fez cair na realidade, me fez acordar pra vida acadêmica. E a Carol que ajudou muito no TCC, foi muito companheira, entendida sobre o tema, adorei a forma que ela tocou (levou) o nosso trabalho do TCC, e gosto muito e sou apaixonado pelo online, as dicas que ela deu dos autores. E o Mancuzo, porque a paixão que eu tinha pelo esporte, de alguma maneira ele fez ela se aflorar mais ainda. E a gente discutia na sala jogo, ele chegava em todas as aulas me “zuando” que o Palmeiras perdido. Os exemplos que ele citava na sala, a maioria das vezes tinha relação com o futebol e a maioria das vezes era pra me cutucar em relação ao Palmeiras. Na verdade a gente estava sem rumo, indo para outro lado, pensando outras opções, chegou uma hora que a Thaísa falou “Meu, o que você está pensando? Você é do esporte, o que você vai fazer TCC de outra coisa?” Foi quando começamos a acertar as ideias e tomar um rumo. Juntou a questão de perceber que Prudente não tinha nenhum veículo esportivo específico, nem programa de televisão. Alguns programas de rádio,

mas de tv não tinha, nem site. Foi quando a gente juntou a realidade da cidade, foi quando surgiu a Rede Esporte

QUAIS LABORATÓRIOS TINHA NA FACULDADE QUANDO CURSAVA JORNALISMO?

TV Facopp, Web Rádio, quando a gente estava terminando surgiu Portal Facopp e Assessoria de Imprensa. Em publicidade já tinha a agência.

QUAL A AULA QUE VOCÊ ACHA QUE NÃO ACRESCENTOU NADA NA SUA VIDA ACADÊMICA?

Acho que tudo é válido, tudo serve, todo conhecimento é valido. Querendo ou não, até as matéria que a gente aprende no tronco comum, de publicidade, a gente acha que não vai valer nada, serve para alguma coisa. Até a disciplina de criatividade, na época da Fabíola, o pessoal falava um monte, mas querendo ou não é uma disciplina que te faz pensar. Eu que estou no mercado hoje, principalmente no impresso, você tem que ser muito criativo, a criatividade pesa principalmente quando eu vou escrever um texto, exemplo quando vou escrever diariamente sobre o Grêmio Prudente, preparação para disputar a segunda divisão do paulista, todo dia eu faço matéria sobre eles, e não é todo dia que tem assunto para abordar; é treino, amistoso, coletiva, treino físico, então se eu não tiver criatividade para fazer uma abordagem diferente, vai sair aquele texto quadrado, vai sair da mesmice. Toda disciplina ajuda e coopera para a gente chegar no mercado de trabalho preparado.

HAVIA ABERTURA NO MERCADO PARA FAZER ESTÁGIOS?

Muito pouco, tanto é que eram poucas pessoas que faziam estágios na minha época, a abertura era menor, atualmente tem mais. Na época não tinha Sesc, onde tem dois ou três estagiários lá. Acho que é uma tendência até na profissão, a assessoria de imprensa é muito forte.

TEM ALGUMA DIFICULDADE MAIOR QUE VOCÊ LEMBRA DE TER PASSADO NA FACULDADE?

Como eu trabalhava, eu tinha um pouco de dificuldade para estudar para as provas, eu trabalhava em farmácia, e farmácia tem plantão, e eu brincava que toda semana de provas a farmácia ia estar de plantão, era das 07:00 da noite até às 22:00 de plantão. Tive muita dificuldade nesse sentido, de ter um compromisso de estudos para ir melhor até nas provas.

QUANTOS ALUNOS ERAM NO INÍCIO DO CURSO E QUANTOS SE FORMARAM?

Eram quase cinquenta entre jornalismo e publicidade e se formaram trinta, acho que vinte publicidade e dez jornalismo.

Além de trabalhar no jornal impresso Imparcial, dá brecha para a gente dar aula, então eu dou aula no estado de Língua Portuguesa, não sou efetivo, mas dou aulas eventuais. Essa semana eu estava conversando com uma aluna que

está querendo fazer jornalismo e quer ir para uma Federal em Minas Gerais, falei legal. Mas a Facopp tem uma estrutura legal, acho que das particulares é uma das melhores do país, não tenho o que reclamar da estrutura disponibilizada, em questão de imagem, vídeo, rádio, equipamentos nunca faltou nada. Essa é uma das vantagens. E na minha época a questão dos professores que eram muito bem preparados, até na época do nosso TCC, a Carol pediu para a gente viajar, para ter um aprofundamento, uma assistência, na área, então a gente foi pra São Paulo, eu Eriberto e Thiago, passamos três dias fazendo visitas em alguns veículos importantes. Então isso fez diferença.

QUEM ERA NA ÉPOCA COORDENADOR DO CURSO?

No começo publicidade era Gilson Catussi na área de publicidade, não me lembro no começo de jornalismo, mas depois foi o Munir.

VOCÊ TEM PLANOS PARA O FUTURO? ALGUMA ESPECIALIZAÇÃO?

A grande dificuldade na nossa área é encontrar pós-graduação, ouvi rumores que aqui vai abrir alguma de assessoria de imprensa não sei se é fato ou boato. Me inscrevi duas ou três vezes em Araçatuba, na Unioledo de Assessoria de Imprensa; mas não formou turma, esse é o grande problema quando tem não forma turma, não sei se o problema é o mercado, ou são só profissionais ou o curso. Mas eu tenho vontade de fazer assessoria de imprensa para atuar em clubes, e me inscrevi em uma pós de jornalismo esportivo, por que eu queria fazer assessoria presencial e aliado a isso com jornalismo esportivo, mas é a distância.

REGINA GONÇALVES PORTELA CRISTOVAM – XX TURMA

POR QUE ESCOLHEU CURSAR A FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA UNOESTE?

Ser jornalista era um sonho. Realizar ele na Unoeste para mim foi gratificante porque eu já havia ouvido falar sobre a estrutura e de jornalistas que haviam estudado lá e seguiam carreiras, mesmo que recém-formados, em veículos fidedignos e de renome. Não tive dúvidas que era ali o meu lugar. Sempre tive orgulho em dizer que eu era aluna de Jornalismo da Unoeste.

QUAL FOI SUA MAIOR INFLUÊNCIA PARA A ESCOLHA DO CURSO?

A maior influência foi o sonho, como já explicado anteriormente. Além dele, a certeza do sucesso profissional que já via na carreira de ex-alunos. Me chamava a atenção ver tanta gente boa e nova já no mercado de trabalho.

VOCÊ FAZIA ESTÁGIO NA ÉPOCA QUE ESTUDAVA? ONDE?

Testei o rádio em uma rádio comunitária da minha cidade, Martinópolis, a Rádio Nova Onda FM, mas não me identifiquei. Tinha um programa aos sábados de entretenimento. Só durou dois meses. Eu já não gostava e no meio do caminho meu pai faleceu e ele era meu ouvinte, me chamava de “Neuza Matos”. Fiquei muito triste e abandonei. Escrevi algumas matérias, inclusive que não foram publicadas, no Jornal Conexão de Martinópolis, de propriedade do jornalista Adernil de Souza, a fim que contasse para meu currículo e hora de estágio na Faculdade. Uma delas foi referente às eleições 2010 – quando se escolhia o presidente, os governadores, os deputados federais e estaduais. Escrevi também alguns poucos textos para o Jornal Folha da Cidade, de Martinópolis, do jornalista Marcos Carmanhões. Fui uma das alunas que participaram do início do extinto Grupo Notícia (GN) que contava como uma das idealizadoras, a querida professora Lêda Márcia Litholdo. Minha função era contar os fatos e notícias da minha cidade de Martinópolis.

Estágio mesmo fiz na Agência Facopp, enquanto idealizada o laboratório de Publicações Jornalistas Empresariais, o Eco. Foi espetacular o contato e a experiência que tive, principalmente, no Eco. Ali eu já me sentia jornalista.

SEUS OBJETIVOS NO DECORRER DO CURSO FORAM ALCANÇADOS?

Não só meus objetivos, mas as minhas expectativas também foram além das imagináveis. A Facopp tem professores fora do comum, excelentes mestres e profissionais. O que sei como Jornalista, é tudo fruto da Facopp. Tenho orgulho de ter sido aluna deles e até amigas de alguns que levo no meu coração pra sempre dos quais cito Rogério do Amaral, Carol Costa Mancuzo, o Roberto Mancuzo, Homéro Ferreira e a Édima Mattos.

DE QUAIS ATIVIDADES REALIZADAS NA FACULDADE VOCÊ PARTICIPOU?

Participei de jogos Inter calouros, Cine Fórum, Semanas de Comunicação e diversas palestras.

DE QUAL ATIVIDADE MAIS GOSTAVA E CHAMAVA ATENÇÃO?

Sempre o que mais me atraiu foram palestras de jornalismo com profissionais da mídia que já estavam famosos nacionalmente, pois trabalhavam como jornalistas de rede e profissionais regionais que também se destacavam no mercado de trabalho.

HOUVE ALGUM PROFESSOR QUE MARCOU SUA VIDA ACADÊMICA? QUAL E POR QUÊ?

Tive vários. Gosto muito de todos, sem exceção. Cada um de uma forma diferente me cativaram. Mas, o Rogério, a Édima, a Giselle Tomé e o Mancuzo serão os inesquecíveis. O Rogerio por sempre ser solícito, me esclarecer dúvidas, me passar tanto conhecimento. Nunca saí com dúvidas da aula dele e ainda era amigo nos corredores.

A Édima foi amor à primeira vista. Sempre nós dissemos isso uma para a outra. Nos conhecemos durante a apresentação do curso aos calouros, no primeiro dia de aula, em agosto de 2007. Mesmo depois que ela parou de me dar aulas eu sempre a visitava na sala para dar um abraço. Até hoje mando recadinhos pra ela por minha prima que é aluna de jornalismo. Digo que estou com saudades dela.

Por fim, o Mancuzo, meu orientador que foi capaz até de suspender nosso TCC, que maldade. Brincadeiras à parte, ele exigiu muito da gente, tanto que me senti desmotivada por ter que conciliar o trabalho, com aulas e o TCC, mas foi algo tão essencial quanto comparecer os quatro anos no curso. Lembro muito bem das broncas, bons conselhos, do bom humor e seus ensinamentos. A Giselle Tomé que até hoje é minha amiga, engravidamos na mesma época e compartilhamos nossa experiência. Fomos a primeira turma dela, e ela além de conterrânea me encantou. Inteligência e sensibilidade pura. Uma excelente profissional do impresso e professora. Obrigada a todos.

COMO ERA A ATUAÇÃO DO D.A. QUANDO ERA GRADUANDA?

Lembro-me apenas de um D.A e ele não me acrescentou nem ajudou.

ACONTECEU ALGO NA FACOPP QUE MARCOU SUA VIDA ACADÊMICA?

Sim. Nosso querido amigo Sr. José Bonifácio Galindo, conhecido por nós, seus amigos de classe como Galindão, que nos incentivava em comparecer na aula. Vê-lo percorrendo um caminho tão longo para chegar na sala, subindo os “intermináveis” degraus sem reclamar. Ele precisava da nossa ajuda e a sala o acolheu no que ele precisou. Lembro-me dele se emocionando ao ser entrevistado pela TV Facopp dizendo que nós éramos, se não me engano, a terceira turma que ele frequentava e que o acolheu, “que ajudou o velho, que amava aquela molecada”. Ele fez a faculdade para mostrar aos filhos que não há idade para se obter conhecimento. Deu o exemplo para todos, todos mesmo

da Faculdade. Quando pessoas de outros cursos citavam o velhinho que estudava, era um prazer dizer que era da minha sala.

COMO FOI O SEU TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO? ERA PERMITIDO FAZER EM GRUPO? E QUAL FOI A PEÇA PRÁTICA?

Meu TCC foi de implantação do Laboratório Eco de Produções Jornalísticas Empresariais para o terceiro setor. Focamos ele como veículo online que atenderia e ajudaria, entre outras finalidades, as entidades a divulgar seus trabalhos e ações para a imprensa e comunidade, além de ser uma ferramenta a mais de estágio para os alunos do curso de Jornalismo da Unoeste. Fizemos em grupo, eu, Regina Gonçalves Portela, à época solteira, hoje casada com o sobrenome Cristovam, a Camila Coelho Nogueira e a Heloise Hamada. Meninas a quem eu agradeço imensa paciência e ajuda no TCC. A peça prática foi dividida em três partes, todas online. 1 - a atualização do site da Fundação Gabriel de Campos; 2 – a criação de um informativo para o Núcleo Therê e a criação de um blog, com alimentação semanal de notícias sobre as entidades que compunham a Federação das Entidades Assistenciais de Presidente Prudente (FEAPP). Eram responsáveis por eles, respectivamente, a Camila, a Heloíse e eu, Regina.

BRUNO SALOMÃO – XXV TURMA**O QUE VOCÊ FAZ HOJE?**

Trabalho em uma agência de publicidade na parte de criação e mexendo com arte. Fora isso, dou continuidade aos meus estudos.

O QUE VOCÊ ESTUDA?

Estou produzindo uns artigos para tentar o mestrado.

POR QUE VOCÊ DECIDIU CURSAR PUBLICIDADE?

Eu sempre gostei de desenhar e também de cultura e arte. Então optei por design. Fiz cursinho durante um ano e estudei forte para tentar passar nesse curso que não tinha em Prudente. Prestei no sul, consegui passar na primeira e na segunda fase. Mas na terceira tinha uns desenhos que eu não estava preparado para fazer, aí não deu certo, por pouco. Pensei: “Se eu ficar mais um ano estudando, eu consigo.” Mas, comecei a ver a grade da Unoeste em comunicação e achei bem parecida. Também tinha design e mexia com a parte de mercado.

FOI POR ESTE MOTIVO QUE VOCÊ OPTOU POR FAZER UNOESTE?

Sim. Também porque eu conhecia a estrutura. Tem a Uniesp também, mas a estrutura da Unoeste é melhor.

QUAIS ATIVIDADES REALIZADAS NA FACULDADE VOCÊ PARTICIPOU?

Eu sempre participei do Cine Fórum e das Semanas de Comunicação. Também fui duas vezes apresentador da mostra acadêmica.

ALGUM TRABALHO DESENVOLVIDO NA SALA DE AULA QUE TE MARCOU?

Acho que o Mini PEPP. É muita coisa e o espaço de tempo é curto; e trabalhar em grupo não é fácil. Deu bastante problema pra gente.

QUAL LABORATÓRIO VOCÊ MAIS FREQUENTAVA?

Eu usava mais o laboratório de fotografia mesmo. Não frequentava muito a TV ou o rádio.

EM SUA OPINIÃO, FALTAVA ALGUMA COISA?

Na minha época faltava uma sala para trabalhos, por exemplo. Eu estava fazendo o meu TCC, e usava o meu notebook. Tinha que produzir outdoor. Mesmo que em resolução pequena, o notebook não estava aguentando. Seria bom se na faculdade tivesse um PC (computador) bom pra poder trabalhar. Mas não tinha; hoje tem Mac (Apple). Aconteceu bem na época em que saí.

VOCÊ CHEGOU A FAZER ALGUM ESTÁGIO DENTRO DA FACOPP?

Não. Eu estagiei em um site quando estava no penúltimo ano. Eles estavam procurando um fotógrafo e alguém para tratar imagens. Trabalhei uns três meses lá. Antes disso, trabalhei na loja da minha mãe. Depois fiquei um ano estudando, minha família também abriu loja, eu comecei a mexer com isso, e depois comecei a estagiar aqui (Agência Ataque) no último ano de faculdade, onde fui efetivado.

COMO VOCÊ VÊ O ESTÁGIO?

O estágio é legal porque dentro da sala de aula você vê a parte acadêmica, o que deveria acontecer num mundo perfeito. Mas dá chega aqui fora, é muito diferente. Você consegue aplicar vários conceitos. Nessa mistura, um complementa o outro.

QUANDO VOCÊ ENTROU NA FACULDADE, QUAL ERA O SEU OBJETIVO? CONSEGUI ALCANÇÁ-LO?

Não. A gente entra na faculdade muito novo. Eu entrei querendo ser design; queria sair fazendo embalagens; desenhando; criando logomarcas. E no decorrer do curso eu fui me interessando pela parte mercadológica da publicidade, e descobri que gosto de tudo. No último ano eu decidi que queria dar aula. Gosto da parte de arte, mas também gostaria de dar aulas, por isso estou tentando o mestrado. Deveria ter decidido isso antes. Na faculdade os professores ajudam. Quando você sai é outra história.

QUAL MATÉRIA VOCÊ JULGA TER SIDO MAIS IMPORTANTE PARA A SUA VIDA PROFISSIONAL?

Eu gostava muito da aula do Xando; era bem objetiva. E principalmente quando não tinha aula; fazíamos várias perguntas e íamos desenvolvendo um tema. Tinha um projeto de pesquisa dele sobre a geração Y; crianças que estão nascendo agora. Quando você começa a trocar ideia com ele, perguntando, ele sabe muito; um cara muito gente boa.

ESTE FOI O PROFESSOR QUE MAIS TE MARCOU NA FACULDADE? OU TEVE ALGUM OUTRO?

Ele e a Larissa. Ela é uma professora que conhece muito da parte acadêmica, e qualquer assunto que você pergunta, ela tem um exemplo prático para te dar. É muito fácil entender a aula dela.

TEM ALGUMA DISCIPLINA QUE VOCÊ NÃO ACHOU IMPORTANTE?

Os professores não vão vir atrás de mim não, né? (risos) A aula de criatividade. Teve uma atividade que a professora pediu para todos os alunos colocarem as mãos sobre a mesa dela. Todos colocaram as mãos e ela perguntava o que tinha de diferente na mesa. Foi um quebra gelo que não deu muito certo. Ela

não sabia explicar. Depois começamos a brincar e ela saiu brava da sala de aula.

VOCÊ TEVE ALGUMA DIFICULDADE PARA FAZER A FACULDADE?

Acho que não. Às vezes o valor da mensalidade pesa para algumas pessoas, mas conseguindo um estágio, ajuda. Eu sempre dividi com o meu pai o valor da faculdade, até que no final eu consegui pagar ela totalmente.

SOBRE O QUE FOI O SEU TCC? QUAIS FORAM AS MAIORES DIFICULDADES?

Meu cliente foi a Bioshop Esthetic Center. O mini PEPP já foi muita correria e estávamos perdidos. Quando chegou o PEPP, nós já sabíamos da correria que iria ser e já começamos a nos preparar para isso. Em outubro ou novembro já estávamos preparado para o próximo ano. A agente tinha um cliente, que era a Interplan. Dezembro e janeiro o pessoal estava viajando. Em fevereiro iríamos começar o briefing. Chegando lá tinha duas donas. Uma havia aceitado e pensamos que ela falaria com a outra, mas não falou. Ela não nos deixaria fazer o trabalho; não queria abrir o caixa. Isso faltando dois dias para entregar o briefing. Aí conseguimos a Bioshop. Fizemos o trabalho com eles, mas faltando um mês para apresentarmos o trabalho, a clínica foi fechada. Falamos com a professora Marcela e ela disse: “Vocês estão brincando comigo, né? Esse trabalho não vai dar certo.” Eu falei: “Professora do céu, não fala assim se não os professores vão “zicar”.” Faltava menos de um mês! Fomos aprovados, mas no final das contas, saímos prejudicados. O trabalho seria publicado na revista da Unoeste, mas não foi por conta disso.

COMO VOCÊ AVALIA A FACOPP? OS PRÓS E OS CONTRAS.

É uma faculdade muito bem estruturada. Tem a agência júnior, o que é muito bom para os alunos que não conseguem um estágio lá fora começar. Então é uma faculdade que tem estrutura, os professores são muito bons e só a pessoa se dedicar lá dentro que ela pode ter um futuro brilhante. É só a pessoa se aprofundar, e souber aproveitar o que a faculdade oferece. Conheço um aluno, o Bruno, que hoje está na África, uma das melhores agências do país. Foi para São Paulo com a cara e a coragem; trabalhou um ano sem receber e hoje é um criativo gigante. Mas também tem aqueles que terminaram a faculdade e já estão atrás de outra. Os contras? Não sei.

ELTON JACINTO - XXV TURMA

POR QUAL MOTIVO VOCÊ ESCOLHEU CURSAR PUBLICIDADE E PROPAGANDA NA UNOESTE?

Eu me interessei pelo curso por ouvir falar. Então eu fiz o Enem e ganhei bolsa. Eu entrei primeiro na Uniesp, mas consegui bolsa pra Unoeste e preferi transferir, pelo ensino e pela estrutura. Fiquei lá um ano.

QUAIS OBJETIVOS VOCÊ TINHA QUANDO COMEÇOU? ELES FORAM ALCANÇADOS? DE QUE FORMA?

Eu tinha o objetivo de aprender. Entrei na faculdade para adquirir conhecimento sobre cada área, pois eu não sabia em que área eu me especializaria. E eu consegui isso.

QUAL ESTÁGIO VOCÊ FEZ ENQUANTO ESTUDAVA? O QUE ELE ACRESCENTOU EM SUA VIDA PROFISSIONAL?

No segundo ano eu consegui um estágio em uma empresa que desenvolver sites e nessa empresa eu fui efetivado. Tudo o que eu aprendi em sala, pude aplicar no estágio. Me ajudou muito dentro da empresa.

QUAIS PRODUÇÕES PRÁTICAS VOCÊ FEZ EM SALA DE AULA NA GRADUAÇÃO DE PUBLICIDADE?

Seminários, produções de vídeos, impresso

QUAL LABORATÓRIO VOCÊ MAIS FREQUENTAVA? POR QUÊ?

De informática e de fotografia, por que eu fiz estágio nele (fotografia) no primeiro ano de faculdade.

DAS AULAS QUE VOCÊ TEVE, QUAIS SE DESTACARAM EM SUA CARREIRA PROFISSIONAL?

A de Marketing.

O QUE MARCOU SUA VIDA NO DECORRER DO CURSO?

O PEPP, pois é tudo o que você aprendeu que deve ser entregue. Isso me marcou muito. Eu adorei, foi muito bom, me ajudou muito.

HOVE ALGUM PROFESSOR QUE O MARCOU?

A Marcela. Pela didática que ela tinha, o jeito de explicar o conteúdo, de ser firme e clara, ela me marcou pela qualidade profissional.

HAVIA ALGUMA DISCIPLINA QUE VOCÊ ACHA QUE NÃO ERA IMPORTANTE PARA A SUA FORMAÇÃO?

Não. Acredito que apenas filosofia, ou sociologia, que foi meio indiferente, por ser tronco comum. Não ajudou na área de publicidade.

DE QUAIS EVENTOS OFERECIDOS NA FACULDADE VOCÊ PARTICIPOU? O QUE ELES ACRESCENTARAM NA SUA CARREIRA PROFISSIONAL?

O Top of Mind, por causa da pesquisa de campo, tanto foi que segui essa área no meu PEPP, a área de pesquisa. Me identifiquei e gostei.

VOCÊ FEZ ALGUMA VIAGEM PROMOVIDA PELO CURSO PARA AMPLIAR O APRENDIZADO? QUAL? O QUE ELA ACRESCENTOU NA SUA VIDA PROFISSIONAL?

Não, não cheguei a fazer. Eu fiz transferência e teve antes de eu entrar. Mas quando estava aqui, não me lembro de ter feito.

QUAL A PRINCIPAL DIFICULDADE QUE VOCÊ TINHA EM FAZER A FACULDADE?

No primeiro ano eu viajava e era bem cansativo. Isso me desanimava.

O QUE VOCÊ COMO PONTOS FORTES E PONTOS FRACOS NA FACOPP?

Os pontos fracos, acho que são as matérias do tronco comum. Mas com a divisão, acho que isso foi sanado, o curso vai ficar muito melhor. E pontos fortes, são a estrutura e o método.

APARECIDO JUNIOR – XXV TURMA**POR QUAL MOTIVO VOCÊ CURSOU DUAS GRADUAÇÕES, JORNALISMO E PUBLICIDADE?**

Primeiro eu cursei publicidade. Quando entrei na faculdade eu tinha 18 anos. Acho que isso no Brasil ainda é meio falho, ter que escolher o que vai fazer da vida tão jovem. Eu tinha um amigo que tinha feito publicidade, e todos diziam que eu tinha o dom para a comunicação. Acabei escolhendo fazer comunicação social. E como esse amigo tinha feito publicidade, eu tinha visto algumas coisas em relação a campanhas e etc, eu resolvi fazer publicidade. Em 2006 eu entrei e, posteriormente, me formei em 2009 e decidi partir para o jornalismo, que acabou acontecendo na minha vida. Mas não me arrependo de ter feito publicidade. Algumas pessoas me perguntam se eu fiz o caminho inverso, e eu acho que não. Acho que hoje eu trabalho na área de jornalismo e eu acho que fiz certo, porque foi a publicidade que me abriu as portas para o jornalismo e eu fui atrás de graduação. Por mais que muitos digam que jornalista não precisa de diploma, nós sabemos que os grandes centros não contratam jornalistas sem diploma. Então eu acho importante ter uma graduação também dentro do jornalismo.

QUAIS OBJETIVOS VOCÊ TINHA QUANDO INGRESSOU NA PUBLICIDADE E NO JORNALISMO?

Quando eu comecei publicidade, na verdade eu não tinha objetivos. Eu não sonhava em trabalhar em uma grande agência, aliás isso nunca me atraiu. O que mais me atraía dentro da publicidade era a pesquisa, que foi tema do meu trabalho de conclusão de curso, também planejamento; poucas áreas da publicidade. Entrei na faculdade imaturo pela idade, e as coisas foram acontecendo. Eu não tinha, até o segundo ano de faculdade, uma visão de que objetivo eu teria dentro da carreira. Depois que entrei na habilitação de publicidade, em 2008, eu comecei a ver algumas coisas, e o que me atraiu foi o contato comercial. Eu sabia que essa era a parte que mais ganhava, financeiramente falando. Dentro da publicidade seria a parte de atendimento, e eu acabei focando nisso. E na verdade, essa parte de atendimento acabou acontecendo na minha vida. Em 2009, ano que me formei, em dezembro estavam precisando na 101 FM (Prudente AM) de contato comercial e eu fui fazer uma entrevista e acabei sendo contratado. Entrei na 101 em 1º de dezembro de 2009; saí da faculdade formado e contratado, só que não como atendimento, mas sim como contato comercial; vendedor. Dentro dessa minha função eu também criava textos. Eu desenvolvia o que eu aprendi durante a faculdade, pelo menos dentro da propaganda no rádio, eu conseguia desenvolver o que eu aprendi dentro da faculdade. Esse foi o primeiro objetivo em termos de carreira. Mas a publicidade, como já disse, não me atraía tanto. Mas foi ela que alavancou a minha carreira profissional. Dentro do jornalismo, o meu principal objetivo, olha como as coisas são diferentes e olha como com o tempo a gente pensa diferente. Eu disse que com 18 anos a pessoa é imatura; quando eu entrei para fazer jornalismo eu já tinha completado 24 anos, com uma maturidade pessoal maior. E quando eu entrei foi porque eu já havia introduzido a minha carreira dentro do jornalismo. Porque dentro da 101 tem a

Rádio Prudente AM (Jovem Pan). E com nove dias que eu estava na rádio, o Thiago Caldeira, meu padrinho dentro do rádio, me chamou para comentar sobre copa do mundo. Foi até em nível de brincadeira. Eu acabei sentando na frente do microfone, acabamos fazendo o programa de 45 minutos, o 'Conexão Esporte', onde ele está até hoje. E ele me disse: 'Você tem talento! Vamos aproveitar'. E como eu sempre gostei de novos desafios, acabei fazendo. E a partir desse momento eu me apaixonei pelo jornalismo. E existe dentro do mundo do rádio um ditado que diz o seguinte: 'Quando o bichinho pica, você nunca mais quer sair.' E isso acabou acontecendo comigo. Eu ainda conversava muito com o Homero, professor, a respeito disso. Se eu fazia um curso de rádio no Senac, ou se eu ia para a graduação no jornalismo. Não só conversei com ele, como também com os meus familiares. Minha primeira opção foi fazer o curso de radialista no Senac. O curso lá tem o período de um ano ou um ano meio, não me recordo agora. E com seis meses eu larguei o curso, porque era muito fraco. Não tem como você fazer um curso de rádio onde não tem um estúdio de rádio. Aí complica o meio de campo! E aí resolvi voltar a estudar. Penso que foi uma sábia decisão, pois foi aí que eu comecei a traçar planos para a minha carreira. Porque depois que eu saí da Prudente AM eu fui para a TV cidade gerenciar a área comercial e fazer programa de esporte junto com o Thiago Caldeira. Aí as coisas não aconteceram e eu pedi demissão, assim como fiz na 101. Fiquei parado por um tempo, só escrevendo para o GN (Grupo Notícia), que naquela ocasião pertencia à Lêda Márcia. Hoje um site extinto, infelizmente, porque era um baita de um site. Aí com o tempo eu voltei a estudar, no ano de 2011. Conversei com o Homero e ele perguntou para mim se eu estava no rádio, disse que não. Então ele me disse para conversar com quem é meu patrão hoje. Conversei com o Gesley, meu patrão até hoje, e ele me disse 'no momento não estou precisando de ninguém, mas se você quiser estagiar...' Fui, estagiei por seis meses sem remuneração. Esse foi um acordo que eu fiz com ele. Ele não poderia pagar, mas eu queria estar lá. Ele não tem culpa nenhuma disso! Eu queria estar lá, e isso era o importante para mim. Aí voltei a estudar, aliado com o rádio. E as coisas forma acontecendo. Eu nunca tinha feito um programa na minha vida, sozinho, como apresentador. Eu já tinha feito como comentarista. Certo dia, acabou faltando um dos âncoras, e era eu e mais um garoto que comentava. O outro garoto já era formado em jornalismo e eu não. Na hora não tinha ninguém para apresentar; o outro garoto não quis e eu falei 'deixa comigo!'. E essa foi a primeira vez que eu apresentei um programa na minha vida. O rádio, principalmente no interior, ele é um pouco difícil, financeiramente falando. Todo mundo sabe que o piso de um jornalista hoje, 1.180 reais, o que é uma vergonha para quem é formador de opinião. Por alguns momentos eu estava quase desistindo. Mas sempre quando eu pensava em desistir acontecia alguma coisa. E quando me decidi a desistir do rádio, no ano de 2012, foi quando veio jogar Palmeiras e Corinthians aqui em Prudente. Eu estava trabalhando na Oeste Marine, uma empresa náutica, vendendo barcos, e de vez em quando ia na rádio, quando dava tempo. Porque o programa é das 18h às 19h, e quase nunca dava tempo. Praticamente já estava abandonando ali. Aí fui escalado para fazer esse jogo. Mas da mesma forma que me deram o doce acabaram tirando esse doce de mim. Eu precisava de uma credencial da ACESP (Associação dos Clubes Esportivos do Estado de São Paulo), e não chegou a tempo. Mas pensei: 'será que é um sinal?' Aquelas coisas. Quando a

pessoa é apaixonada no que faz você fica sempre se apegando nas coisas boas e esquecendo as ruins. E aí nesse meio tempo algumas coisas foram acontecendo entre pensar em desistir e coisas que me mostraram para ficar na carreira. E aí eu tracei o grande objetivo da minha vida, que é chegar numa rádio grande em São Paulo. Depois disso veio meu primeiro jogo grande em janeiro de 2012. Palmeiras foi em 2011. E as coisas foram fluindo. Começamos a fazer campeonato. A partir do momento que o Grêmio Prudente foi eliminado naquele ano de 2012, a gente deu start no Campeonato Brasileiro, que foi onde eu fui crescendo profissionalmente, tendo o conhecimento do que era mesmo o verdadeiro jornalismo. Porque a gente sabe que a faculdade tenta aproximar você da realidade da profissão, mas nem sempre consegue. Aliás, eu digo que nem na maioria das vezes não consegue. Porque o mercado é uma coisa e a universidade é outra. Não estou julgando nenhum professor, eu tenho certeza de que todos eles acabam passando o melhor e tentando aproximar essa realidade. Mas o mercado é duro. Em 2012 teve um fato muito interessante na minha carreira que me fez decidir que era isso o que eu queria pro resto da minha vida. Foi quando eu fiz a semifinal da Libertadores, Santos e Corinthians. Corinthians havia vencido o Santos na Libertadores, primeira partida da semifinal na Vila Belmiro, 1x0, e jogava no Pacaembu. Foi o meu primeiro jogo fora de Prudente. E como assumidamente sempre disse, hoje mudei muito meu conceito com relação a falar sobre clubes. Mas eu sempre assumi que sou corinthiano, e era uma emoção muito grande pra mim. Foi ali que eu descobri que eu consigo ser profissional. Eu consegui separar o Cidão, torcedor corinthiano, do Cid Jr., jornalista que estava ali para transmitir uma partida de futebol. Se você comemora um gol, demonstra alguma afinidade por algum clube, você pode ser punido pela Federação Paulista; pode ficar de fora, suspenso. 2013 foi um ano muito bom pra mim. Além de ser o ano da minha firmação profissional em termos de apresentação de programas, em termo de metas. Eu sou repórter de campo, não apresentador. Mas se precisar apresentar, eu apresento. Se precisar comentar, talvez seja a área mais difícil. O cara tem que entender muito de bola. Mas se precisar, talvez eu consiga corresponder, talvez não em alto nível, mas um nível aceitável. Na reportagem é onde é a minha praia. Dentro do jornalismo esportivo hoje eu faço quase tudo e já fiz quase tudo. No fim do ano passado eu acabei me graduando. Eu contei toda essa história para dizer que eu tenho uma frase que eu uso muito desde que entrei para o jornalismo: 'Quem sonha pequeno não chega a lugar algum.' Então essa frase sempre marcou a minha carreira. Eu tenho o sonho de chegar a uma grande rádio em São Paulo. Já fiz contato com algumas rádios, já deixei material de trabalho. É um mundo duro. Se eu vou chegar... Eu também tenho outra frase, sou cheio de ditados! 'O sonho só acaba quando ele se realiza.' E quando você realiza um você vai atrás de outro. Então eu só vou parar de buscar o meu sonho quando eu chegar em São Paulo, em uma grande emissora.

VOCÊ ENTROU EM 2011 PARA SE GRADUAR EM JORNALISMO. VOCÊ ENTROU DIRETO NA UNOESTE, OU FOI PARA OUTRA UNIVERSIDADE? CONTE UM POUCO SOBRE ISSO.

Na verdade, a minha história dentro da Unoeste ela é mais que uma história para mim, de aluno e universidade. É uma história de um cara que sempre foi

presente em quase tudo dentro da faculdade. Em 2009 eu fui do D.A. (Diretório Acadêmico); acho que, modéstia à parte, foi o último grande D.A., não me recordo se teve outro D.A. depois de nós. Fizemos uma belíssima Semana de Comunicação, trazendo grandes nomes do jornalismo e da publicidade. Sempre fui um cara sem muitas ‘papas na língua’; o que eu tiver que falar para alguém, eu falo na cara da pessoa. Às vezes isso é bom; às vezes isso é ruim. E em 2011 eu voltei para cá, pra onde eu considero que seja a minha casa. Inclusive quando eu me formei, recentemente, no final do ano de 2013, a colação foi no início agora de 2014, eu conversava com os professores. Eu falei: ‘agora eu volto, mas eu volto pra dar aula.’ Não é a minha ambição, só que eu vou me preparar para isso também, porque você tem que se preparar para várias situações na sua vida. Como repórter, quando eu conseguir chegar ao meu objetivo, esse é um outro objetivo que eu tenho, poder dar aula. É por isso que eu faço pós graduação e depois vou fazer mestrado, e coisa e tal. E em 2012 eu voltei e tive um pequeno atrito; não vou citar nomes. Talvez a pessoa nem saiba que essa frase que ele me disse tenha me marcado tanto. Mas por respeito a ele, sabendo que a gente já tinha um outro contato em outra faculdade que eu fiz, eu resolvi sair daqui (Unoeste). Pra não explodir; pra não perder a razão; pra não fazer nada. Não em nível de agressão, pelo contrário, jamais. Quem me conhece sabe que eu sou ‘paz e amor’. Em nível de bate-boca, xingamentos. Sou filho de professora, irmão de professores. Então tenho um respeito muito grande pelos professores. E aí resolvi sair e fui para a Uniesp. Acho que como aluno, eu tenho o direito de julgar. Foi a pior besteira que eu fiz, ter saído da Unoeste. Fiquei um ano na Uniesp. Com todo o respeito à instituição e às pessoas que lá estudam, não chega aos pés da Unoeste, em termos de estrutura; corpo docente eu prefiro até me privar de falar, porque fiz grandes amigos como professores lá, e como tenho professores amigos aqui na Unoeste. Mas foi uma grande besteira que eu fiz. Eu poderia ter me formado no final de 2012, e indo para lá eu acabei atrasando um ano a minha faculdade porque eu resolvi voltar para cá. E ainda quando voltei eu até brinquei: ‘O bom filho à casa torna’. Em 20113 eu voltei e acho que foi uma das escolhas mais sábias que eu fiz. Me formei em publicidade com um diploma da Unoeste, coisa que eu não exerço hoje. A coisa que eu mais amo é o jornalismo esportivo, a profissão que eu exerço hoje. Eu ia ter, como todo respeito à Uniesp mais uma vez, eu ia ter um diploma da Uniesp? É preferível ter um diploma da Uniesp da publicidade, coisa que eu não exerço, e um de jornalismo da Unoeste, do que ter um diploma de Unoeste de publicitário e um da Uniesp de Jornalista. Então eu resolvi voltar pra Unoeste e terminar aqui também o jornalismo

QUAL ESTÁGIO VOCÊ FEZ ENQUANTO ESTUDAVA? O QUE REPRESENTOU NA SUA VIDA PROFISSIONAL?

Quando eu fiz publicidade eu não estagiei. Fiz uma coisa aqui, outra lá, mas nada que ‘Nossa! Mudou a minha vida!’. Na verdade eu não tinha dom pro negócio. Dentro de todas as área, duas ou três me atraíam e essas talvez eu conseguisse fazer bem feito. Se precisar da publicidade eu sei o que vou estar fazendo porque acabei me graduando. Digo assim, que não nasci para isso. Por exemplo, na parte de criação, programas gráficos, eu sempre odiei programas gráficos. Mas dentro da publicidade pouco fiz estágio, até porque não tinha muito interesse, e acabei me descobrindo dentro do jornalismo. Mas

dentro do jornalismo o principal estágio que eu fiz foi dentro da Rádio Comercial. Hoje sou funcionário da Dias Esportes e Marketing que é uma empresa que arrenda horário dentro da Rádio Comercial durante a semana, de segunda a sexta feira, das 18 às 19 horas, e nos finais de semana também arrenda horário para fazer transmissão esportiva. E eu fiz estagiário desta empresa, durante 6 meses, como eu já havia explicado. Depois a gente acertou um cachê, houve interesse de outra rádio para eu sair de lá, mas acabei não saindo porque é a única rádio que realmente faz futebol, e era ali que eu tinha que ficar. Esse estágio foi muito importante para mim. Alguns amigos da minha própria equipe esporte hoje, comentam e brincam que eu cheguei lá sem saber falar, e hoje eu estou lá e tenho um bom desempenho profissional. Acho que todo mundo deveria ter a oportunidade de fazer um estágio. Com todo o respeito à TV Facopp, à Rádio WRF, é o que se aproxima da realidade, mas não é a realidade. A realidade é quando você vive aquilo dentro do próprio veículo. Eu sei o quanto é importante pra quem faz a TV Facopp, sei o quanto é importante a WRF, concordo, tem que fazer mesmo. Mas se alguém tiver a oportunidade de fazer o que eu fiz, eu acho que o mundo depois que você se forma vai ficar um pouquinho mais fácil; eu digo o mundo profissional. Vai ficar um pouquinho mais fácil pra você saber lidar. Porque dentro de um estágio, por exemplo a WRF. Você tá ali entre universitários, entre amigos na maioria das vezes, pessoas que você conhece. Dentro de uma empresa não. Então você tem que saber lidar com ego e outras situações que talvez num estágio na WRF ou TV Facopp você não tenha que lidar. Então acho que é muito importante fazer um estágio dentro de um veículo de comunicação propriamente dito, não só aqui na WRF, na TV Facopp, na Agência e tudo mais.

QUAIS PRODUÇÕES PRÁTICAS VOCÊ FEZ NAS AULAS DE JORNALISMO? E EM PUBLICIDADE?

Em publicidade você vai fazer eu forçar a minha mente! Hoje eu até brinco com o Xando, que é o professor de criação, da publicidade. Na minha época não tinha, mas hoje tem Mac (Apple) na faculdade! Era 'ma-le-má' um computador com um programa que era coisa bizarra! Hoje a estrutura tá bem melhor; muito melhor. Tem Mac pra mexer; eu não sei nem ligar um Mac! Só se tiver um botão de 'power', aí vou saber. Mas confesso pra você que não vou me recordar das produções que eu participei na publicidade. Mas já dentro do jornalismo eu peguei toda essa época recente, que é muito importante, diga-se de passagem. O Telejovem, da professora Thaísa, é uma baita de uma bagagem para o aluno; ele te aproxima da realidade profissional mesmo. E a Thaísa também. Eu não sou puxa saco, quem me conhece sabe disso. Mas ela é uma baita profissional; corresponde a todas as expectativas do aluno. O cara que quer aprender mesmo está bem servido! Eu sempre também digo uma coisa, que a pessoa quando quer aprender, não é o professor o responsável, é a pessoa que tem que querer ir atrás. Falo isso por experiência própria. Tinha algumas matérias em que eu tirava 5,0, por exemplo. A culpa era minha porque eu não me interessava. Participei desse Telejovem, dos programas da WRF, do Jornal Laboratório também, que envolvia mais de uma disciplina; a revista também. Participei de quase tudo. Na publicidade teve um Telejovem, que na época era desenvolvido pelas duas turmas (jornalismo e publicidade). A área

de publicidade fazia as propagandas, e a área do jornalismo fazia o jornalismo. Isso aconteceu em 2008 ou 2009, não me recordo. Aliás, acho um negócio muito legal, que deveria interagir mesmo. Então nós criávamos as publicidades, os jornalistas a parte jornalística e aí fazia uma mescla dos dois. Era um telejornal com intervalos comerciais; era bem legal. Mas acho que eu participei de quase tudo que teve aqui. Ou você participa ou você não se forma, né!

QUAIS LABORATÓRIOS VOCÊ MAIS FREQUENTAVA? POR QUE?

Na parte de publicidade, como eu disse, agente era bem refém da não tecnologia da época. Mas tudo o que era proposto pelos professores nós fazíamos. Agora dentro do jornalismo o laboratório que eu mais frequentava, sem dúvida alguma, era o de rádio. Porque eu já estava no mercado, e é uma coisa que eu sempre gostei. Tive curiosidade pela TV. Só que, por exemplo, para você fazer um estágio na TV Facopp, você precisa seguir um cronograma colocado pela professora. E eu sou setorista do Grêmio Prudente, como eu era na época. Então talvez eu não tenha feito justamente pelo meu ofício que eu já desenvolvia na rádio. Mas tinha curiosidade. Inclusive até conversei com ela (Thaísa) na época a respeito disso, mas ficava difícil por eu ter que cobrir o dia a dia do Grêmio Prudente. Mas é o rádio, sempre foi o rádio onde eu estive mais presente.

DAS AULAS QUE VOCÊ TEVE, QUAIS SE DESTACARAM MAIS NA SUA CARREIRA PROFISSIONAL? DE PUBLICIDADE E JORNALISMO.

Em publicidade eu gostava muito da aula de planejamento, com a Larissa. Aliás, baita professora. Gostava também da redação publicitária, era uma coisa que me interessava muito. Tive o prazer de ter aula com o Gilson, que na minha opinião, foi um dos professores mais injustiçados dessa faculdade. Acabou saindo da faculdade quando eu estudava publicidade. Um baita profissional; não sou amigo pessoal dele, mas é um cara que eu admirava pela capacidade profissional e como ele conseguia passar aquilo pra nós. Eu gostava também de pesquisa, como eu disse. Em marketing eu tinha certa dificuldade, mas a professora (Marcela) conseguia fazer com que eu me interessasse. Hoje a Marcela acaba sendo uma grande amiga minha. Porque um dia eu peguei um exame, e ela falou para mim: 'Cara, você tem condição de fazer melhor. Você está de DP.' Eu falei: 'Ah, tudo bem.' E eu gostei dessa atitude dela. Porque realmente, depois que eu fiz eu fiz pela segunda vez, eu acabei indo muito melhor. Também, se não fosse, pelo amor de Deus! Essas foram as principais disciplinas dentro da publicidade. Dentro do jornalismo, eu gostava muito do rádio, isso é indiscutível, e também telejornalismo. Eram as duas principais matérias que eu mais gostava. Eu acho que talvez a escrita não seja o meu forte; o impresso, o online, aquela coisa toda talvez não seja o meu forte. Talvez não, acho que não é mesmo. Porque uma vez eu fiz um teste no globoesporte.com e não passei. Acho que Deus me deu o dom da fala e não o da escrita.

O QUE MARCOU A SUA VIDA NO DECORRER DO CURSO?

Festa? Não, to brincando (risos). Contando o ano em que eu fiquei na Uniesp, foram sete anos de faculdade; seis de Unoeste. Na faculdade você acaba utilizando muita coisa. Na faculdade eu tive o apelido de 'O dono da festa', que foi uma coisa que me marcou muito; porque o meu primeiro ano de faculdade, talvez seja a principal turma que tenha estudado. Não é porque foi a primeira, não. É que ouço nos corredores alguns professores dizerem isso, que a nossa turma era diferente, em termos de amizade mesmo, em termos de festa e aquela coisa toda. Mas temos que olhar para o lado sério; o lado profissional. O que mais me marcou foi a amizade dos professores. Amizade, eu digo, o respeito dos professores. Eu acho que é certo entre todos os professores que me viram em 2006, e me viram no final de 2013 quando me formei em jornalismo, a evolução que eu tive. E os professores se tornaram meus amigos nesse tempo todo de faculdade. E muitos diziam: 'Quando você fazia faculdade a gente achava que você não se formaria em nenhuma, e está se formando em duas. Todo mundo achava que você não ia virar nada, e olha onde você está hoje'. Então essa amizade é bacana, é importante essas orientações. E isso me marcou muito na faculdade. E sem dúvida alguma os professores, não só a amizade, mas eles te abrem as portas também. Porque alguns estão no mercado de trabalho, outros nem passaram, outros conhecem pessoas do mercado de trabalho, e isso é importante, então me abriram as portas para o mercado de trabalho. E foi graças a Fabíola, por exemplo, que não está mais no quadro de professores da Unoeste. Nada contra o professor que está no lugar dela, eu nem sei quem está no lugar dela, para ser sincero. O próprio Marlon. Mas a Fabíola me abriu uma porta, que foi na 101, junto com o professor Homero, que depois me abriu as portas para a Rádio Comercial. Não é nem questão de abrir a porta; é falar: 'Oh, tá lá!' 'Vai lá; vê se vai dar certo'. Não é questão de chegar lá e dizer: 'Contrata esse cara', mas te dar o toque de onde estão acontecendo as coisas. Então eu acho que a amizade dos professores e o conhecimento que eles puderam me passar, em nível profissional e também em nível pessoal foi muito importante. Mas o aprendizado, como pessoa e como profissional é o que mais se destaca. Teve a festa, que foi um momento de brincadeira. Como eu disse, com 18 anos, quando você entra na faculdade, você não sabe o que quer da vida. Eu soube aproveitar todos os momentos. Eu acho que a faculdade foi muito boa pra mim em termos de amadurecimento pessoal e em termos de amadurecimento profissional nem se fala.

HOUVE ALGUM PROFESSOR QUE MARCOU VOCÊ?

Aí nós vamos ficar horas aqui (risos). Houve vários professores que marcaram a minha vida na faculdade. Na publicidade, é duro falar porque tem tantos amigos. Vou citar todos. A Marcela que eu disse, o próprio Xando também. Mas assim, os dois que ficaram meus amigos, que hoje a gente conversa, liga, sai, toma uma cerveja, são dois. Uma não está mais, que é a Fabíola, se tornou uma amiga pessoal; e o outro é o Cirilo, que também é um amigo pessoal, que estive na minha formatura e jornalismo, e esses foram os que marcaram mais na área de publicidade. Pelo o que eles demonstraram dentro da sala de aula e também pelo contato pessoal que tive com eles após me formar. Porque eu acho que existem alguns professores, e eu não gosto disso, que acham que é o dono da verdade; que acha que é superior, sabe tudo. Ouvi

de uma pessoa, não vou nem falar o sexo, que sequer adiciona aluno no facebook; vocês devem saber de quem eu estou falando. Admiro muito essa pessoa como profissional. Mas é aluno? Sim. Tem respeito? Tem. Mas você pode ser também um amigo, um companheiro. E outra, é aquela história, o Cirilo e a Fabíola foram meus amigos durante a faculdade, são até hoje, só que se tivessem que me deixar de DP, eu tenho certeza de que deixariam. Uma coisa é uma coisa, e outra coisa é outra coisa, como dizia o filósofo. E dentro do jornalismo quem mais me marcou foi o Homéro, principalmente pelas palavras que ele disse na minha apresentação (TCC). Só não fui às lágrimas porque eu quis dar uma de fortão. Mas o Homero, para mim ele é 'O Mestre'. Tenho um respeito muito grande por todos os outros professores, mas ele é a pessoa que sempre está ali. Na colação a primeira coisa que ele me perguntou foi: 'E aí, já foi embora para São Paulo? Já levou seu material de trabalho? Está demorando por que?' Cobra e está na torcida. Sei que muitos professores estão na torcida pelo sucesso profissional não só meu, mas dos outros colegas também. Mas o Homéro... O 'baixinho' marcou mais a minha vida dentro do jornalismo.

HAVIA ALGUMA DISCIPLINA QUE VOCÊ ACHA QUE NÃO ERA IMPORTANTE PARA A SUA FORMAÇÃO?

Tem um caso até engraçado sobre isso. Tinha uma professora, não sei se ela ainda dá aula na comunicação, mas continua na Unoeste. Em 2007, terceiro termo, se não estou enganado. A professora Cícera, de psicologia. Eu tinha pego exame dela, e depois da prova, eu estava ali conversando, e falei para ela: 'Tem cada matéria aqui que eu não sei que existem!' Por isso que hoje eu sou a favor da separação do tronco comum. Hoje eu entendo porque têm (essas matérias). Mas naquela época não. Terceiro termo; 19 anos. Aí eu falei para ela: 'Professora, pra quê tem essa desgraça dessa matéria de estética!?' Eu estudava de manhã nessa oportunidade. Eu vinha de camiseta, short e chinelo para a faculdade. Ai ela olhou pra minha cara, olhou para mim de cima embaixo e falou: 'Dá pra perceber mesmo que você não tem estética nenhuma!'. (risos). Posteriormente eu vi que tinha tudo a ver. Se você pegar dois anos de tronco comum tem que ter algumas matérias, entre aspas, para 'encher linguiça'. Estética? Talvez seja essa. E outra, a professora Lorraine, que me deu essa matéria, é uma baita professora. Inclusive o marido dela é cliente do meu pai, aquela coisa toda. Nada contra a professora, mas a matéria não me atraía em nada!

DE QUAIS EVENTOS OFERECIDOS NA FACULDADE VOCÊ PARTICIPOU? O QUE ELES REPRESENTARAM NA SUA CARREIRA PROFISSIONAL?

O principal foi em 2009, quando nós organizamos a Semana de Comunicação, quando eu estava no D.A. Ensinou muita coisa para todos os que eram do D.A., principalmente em termos de convivência. Tinha vezes que a gente só faltava sair na 'porrada'! Era dinheiro que rolava; muita responsabilidade; choque de culturas e opiniões, então era bem difícil. Essa Semana de Comunicação de 2009 foi a que mais me marcou. Não participava de todos não, vou ser sincero. Não me lembro o nome certo dos eventos, mas fora fiz também o Fest'Up. Procurei fazer outros cursos de programas gráficos, que eu

não queria; não tinha o dom. Mas eu gostava de participar das coisas, porque sempre rolava uma festa depois! Fui pro Altas Horas em 2006. Fizemos a festa dentro do ônibus! Essas coisas a gente não pode nem contar! Depois que desligar o gravador eu conto. Fiz a coisa mais ridícula da minha vida. Descolori a minha barba; ficou amarela. Meu cabelo já era meio loiro; já pinteí de todas as cores. No começo eu era um pouquinho, diríamos, doido; em termos de querer fazer coisas diferentes. Não para se mostrar, mas porque era o meu perfil mesmo. Sempre gostei de participar das coisas; de 'zuar'. Quem me conhece sabe. Durante a faculdade houve esse amadurecimento e aí você acaba crescendo né.

QUAL ERA A PRINCIPAL DIFICULDADE QUE VOCÊ TINHA EM FAZER A FACULDADE?

Tem muita gente que têm dificuldades; financeira, por exemplo. Eu não sou rico; sou filho de um cabeleireiro e uma professora; dois batalhadores; dois sofrendores. Mas graças à Deus eu não tive dificuldades nesse termo, de pagar faculdade; consegui pagar tanto a publicidade como o jornalismo, e a pós graduação que eu estou fazendo hoje. Mas eu não encontrei dificuldades; barreiras. Talvez foi a própria maturidade que tenha sido a minha grande dificuldade. Porque no começo eu queria festa, e pra mim a faculdade era uma festa. E graças à Deus, no decorrer dela, eu percebi que não era isso a faculdade. Mas acabou sendo também, o que dá o amadurecimento. Mas eu não tive muitas dificuldades na faculdade. Não tenho do que reclamar, aliás, só tenha a agradecer; aos meus pais, que me deram essas condições. Nunca tive que trabalhar para estudar, apesar de que eu trabalhava. Eu não gosto muito de, por exemplo, pedir dinheiro pros meus pais. Ainda mais hoje que eu tenho 26, vou completar 27 anos. Pedir dinheiro pro pai pra tomar uma cerveja!? Mas graças à Deus, nunca tive dificuldades. Meus pais sempre me deram condições de estudo.

COMO VOCÊ AVALIA A FACOPP? COMENTE OS PRÓS E OS CONTRAS.

Eu já me formei; peguei meu atestado, posso falar (risos). Eu acho assim, de 2006 para 2013 houve uma evolução gritante em termos de estrutura. Implantaram a WRF, que foi o grupo da Thaís Gardin que fez, que se formou no ano de 2009 na minha turma. A própria TV Facopp, Portal facopp, tem a redação; tem tudo. Eu acho que em termos de estrutura, para os próprios alunos, isso foi muito bom. Acho que essa é a principal virtude da faculdade, a estrutura. Faz diferença. Na minha época não tinha um computador descente para a gente trabalhar graficamente dentro da publicidade. Hoje tem Mac, então houve essa evolução. Outro ponto forte da faculdade também são os professores. Eu acho que são professores que têm vivência. Não todos, não sei se todos têm a mesma vivência um do outro, mas cada um tem a sua vivência. Eu acho que o ponto forte da Facopp é a estrutura. Isso a gente tem que parabenizar. Agora os defeitos, eu acho que se não tivesse um jogo de ego muito grande dentro da coordenação; não sei se é exatamente da coordenação que eu estou falando. Não digo da Carol, da Larissa. Eu digo dentro da sala dos professores, digamos assim. Acho que se não tivesse um jogo de ego muito grande a faculdade ia ganhar muito com isso. Talvez

algumas 'picuinhas' que aconteceram; estou lá desde 2006, então se a gente não sabe, a gente percebe. Ninguém; é bobo. Não falo isso para os professores porque não quero me meter; a faculdade não é minha. Cada um fica na sua que é melhor. Mas se eu tivesse que dar uma dica é para parar com 'picuinha', com jogo de ego. Porque cada um é bom no que faz e sabe o que faz. Pra quê prejudicar o próximo? Se você não quer ajudar, também não prejudica. Eu acho que deve ter um pensamento mais de equipe dentro do próprio corpo docente. A gente acaba sabendo de algumas coisas que acontecem, de bastidores, que me chateiam. Não porque me atingem; me chateiam porque é um lugar que eu tenho um carinho muito grande com pessoas que eu tenho um carinho muito grande. Então eu acho que o pró é a estrutura; o corpo docente. E o contra são essas 'picuinhas', jogo de ego que existe dentro da Facopp.

THAIS NICOLETI – XXV TURMA**QUANDO COMEÇOU A ESTAGIAR NA FACOPP?**

Aqui na Facopp eu comecei logo quando eu estava no terceiro termo. Logo que eu entrei na Facopp eu me lembro que o que era muito forte era a TV Facopp que eles abriram. Foi a primeira vez que a TV abriu estágio pro pessoal do segundo termo, que era o termo que eu estava, mas eu acabei não entrando, não me interessei muito naquela época. Mas eu via os alunos da minha sala muito interessados, inclusive a Mariana Perussi entrou, ficou um tempão e se deu super bem e depois foi até para a TV Fronteira.

A gente percebia que ali na TV os alunos mesmo iniciantes, mesmo os calouros, eles já desenvolviam o feeling do jornalismo, porque eles já começavam a ter contato com a pauta, que é coisa que a gente está no 1º e 2º termo não tem; eles já começavam a ter contato com gravação, com externa. Já tinha então aquela sensação de estar fazendo jornalismo, que na verdade a gente tava mesmo fazendo jornalismo, era um laboratório em que o professores, a Carol, o Mancuzo e a Thaisa estavam sempre ajudando e dando o direcionamento certo, porque quando a gente está fazendo estágio a gente não sabe o que é certo, mesmo no mercado. Um estágio é uma questão de aprender sempre; eu vou fazendo e aprendendo, fazendo e aprendendo, e os professores estão ali justamente pra isso, pra ensinar.

Eu comecei a entrar mesmo nos estágios nos laboratórios da Facopp quando estava no 3º termo que eu entrei. Eu fiz a inscrição para o portal e para a TV porque eu queria de qualquer jeito entrar em um dos dois, mas meu objetivo mesmo era o portal, porque eu queria trabalhar com essa questão da multimídia que é você ter o texto, a fotografia, o vídeo, o áudio, tudo; eu queria ter contato com isso. Mas como eu não queria perder, eu fiz TV também. Fiz a provinha da TV e entrevista. A entrevista tanto a Carol como a Thaisa perguntaram qual era a minha preferência, eu deixei claro que era o portal. Acabou que eu consegui entrar no portal e ali eu comecei a desenvolver o estágio mais na área de escrita, que a gente fazia matérias. Eu fazia estágio a noite com o Felipe Cunha, ele estava no 6º termo. Ele me ajudava muito, porque eu estava no 3º então eu não tinha de nada, de como era lide, o que que era; a base que a gente tinha era muita pouca, a fotografia. Eu pensava que tirar fotografia era chegar lá e tirar fotografia. Ah, to retratando! Não é! Então, ali a gente tinha o apoio. Ele me ajudava muito, a Carol também me ajudava muito, e dali eu fui crescendo e a gente vai evoluindo.

A cada passo que você dá, você quer aprender o próximo que vem. Então foi o primeiro contato que eu amei, me dei super bem, fiquei super feliz com o que eu estava fazendo, eu gostava de ver as matérias no ar e eu acho que uma coisa legal que os estágios da Facopp trazem, é que você vê as pessoas nos corredores comentando, falando do seu trabalho. Isso estimula muito, e daí eu ficava muito satisfeita com o que eu estava fazendo, com o que eu estava aprendendo e também pelos outros gostarem do eu estava fazendo.

Aí depois eu fiz mais um ano, mais um semestre de portal, então foi um ano.

VOCÊ JÁ ESTAVA NO QUINTO TERMO?

É, eu entrei no terceiro. Fiz o quarto e no quinto foi o meu segundo semestre de portal. E foi uma época quando a gente começa a ter aquela noção mesmo de jornalismo que é no quinto que a gente vai pra habilitação. Então eu já comecei a incluir algumas noções que eu tinha das aulas que exigiam. De TV, a gente já começou a produzir um pouco mais de vídeo, porque eu tinha as aulas de TV e eu via o que que era possível a gente fazer, aí eu já trabalhava com a minha amiga Fernanda, e a gente começou a produzir alguns vídeos simples, algumas coisas. Do dia das mulheres a gente fez uma coisa que o pessoal gostou, desenho também, dia do desenho. A gente foi produzindo, a gente agregou um pouco mais. Eu senti que eu agreguei um pouco mais ali em relação ao primeiro semestre que eu tinha feito de portal.

E a fotografia também, eu comecei a desenvolver mais, ter mais ideias, e também a equipe. Como eu já estava da outra equipe, eu comecei a ajudar mais um pouco as outras pessoas: passar texto, um pouco de edição também que é legal também que a gente aprende no portal, porque o texto de online é diferente dos outros. Então eu vou ler um pouco mais. Tem gente que fala que é sempre subir um degrauzinho ali. Aí eu senti que até pela gente estar trabalhando um pouco mais com vídeo, eu queria ter mais essa proximidade com o vídeo, eu queria estar mais perto então eu entrei no terceiro, que aí eu fui pro sexto termo pra TV Facopp.

Lá eu desenvolvi bem mais o lado de vídeo, vídeo pra internet. A gente acabou fazendo também umas parcerias com o portal. Isso foi quando eu estava no quinto termo ainda, pra divulgar a semana de comunicação. Acabei ajudando também, antes de entrar na TV, eu já fazia, eu ajudava um pouco o pessoal na cobertura da semana de comunicação. Quando eles tinham o “Café com Q”, aí ia lá a gente gravava o *Making Off*, e foi aproximando, daí eu via que eu queria estar mais perto daquilo.

Entrando pra TV a gente formou uma equipe manhã e outra a tarde. Eu ficava muito com a Fernanda então a gente tinha muita ideia juntas. Muitos dos vídeos que estão na TV hoje que eu participei, eu to junto com ela. E daí a gente começou a desenvolver mais essa lado de as vezes experimentar mais o vídeo. A gente não gostava muito da fórmula do *Off*, Passagem, Sonora, e a gente começou a ver o que que podia ser feito. Então a gente gosta muito daquele estilo de depoimento. Eu não gosto muito de colocar *Off* nas reportagens que eu fiz. Então eu já vi ali que eu gostava muito dessa área de áudio visual.

Terminando esse semestre na TV eu já tive um convite da Carol pra vim pra redação, porque estava abrindo a redação Facopp e aqui teria os laboratórios: o Portal Facopp, o ECO (Publicações Jornalísticas e Empresariais da Facopp), o NEXU (Núcleo de Extensão Universitária), e a Assessoria de Imprensa. Então aqui, o que a Carol me passou, que eu seria uma supervisora. Então ajudaria o pessoal a passar texto, se eles tivessem alguma dúvida, e levantamento de pauta, qualquer problema do dia a dia, coisas simples. Quando eu podia resolver a gente já resolvia, e tá sempre aqui pra dar esse apoio pro pessoal.

Então eu, já no sétimo e oitavo termo passei aqui pra Facopp, pra redação Facopp como supervisora. Esse ano que eu estava na redação eu fiz dois projetos de extensão. Primeiro foi no primeiro semestre que a gente desenvolveu, é um vídeo com a linguagem documentário sobre uma ação, um programa de extensão da Unoeste e esse programa de ação tinha uma ação

extensiva que é o “Projeto Agita Areia Branca”, que eles vão lá pro assentamento. A Unoeste junta vários cursos e alunos que vão pra esse assentamento no caso Areia Branca e desenvolve o trabalho de atendimento as vezes uma aferição de pressão arterial, cada curso tem o seu papel dentro dessa ação extensiva e a Facopp foi para registrar esse momento.

A gente tinha o vídeo e a fotografia. Eu estava responsável pelo vídeo e a Fernanda também. A gente desenvolveu esse projeto e o vídeo foi finalizado e foi meu primeiro de extensão fazendo mesmo. Depois também no primeiro semestre pra gente fazer esse projeto de extensão pra resgatar a historia da Paróquia de Primavera, foi uma coisa mais longa, mais demorada; demorou 10 meses. A gente começou em fevereiro e foi finalizar em dezembro e foi um projeto que eu acho que todo mundo que participou cresceu muito. Então a gente acabou não só crescendo na questão de fazer roteiro, fazer pauta, mas também na questão de se virar lá, porque a gente passou temporadas lá. A gente acabou tendo uma autonomia. Aqui na Facopp a gente tem o auxílio dos professores o tempo todo. Deu alguma coisa errado. Lá em Primavera era complicado porque eu estava à 200 quilômetros longe daqui. Claro que os professores estavam o tempo todo com a gente, mas a gente tinha que ter mais autonomia pra poder resolver as coisas. Ah, o carro atrasou, não deu tempo de fazer isso, e agora o que a gente vai fazer? Então eu acho que deu mais responsabilidade, a gente acabou desenvolvendo esse lado.

Também nesse ano eu fiz o TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), acho que foi um dos projetos mais pesados que eu já fiz. Durante o TCC eu fiz duas extensões que foi a primeira em Areia Branca e depois em primavera. O meu TCC eu fiquei muito empolgada porque era diferente de tudo que eu já tinha feito. A gente tem rádio, TV, online, mas eu queria aprender mais sobre rádio, mais eu queria conhecer uma outra área. Na verdade o meu TCC trouxe como que a minha profissão pode ajudar em outra área que eu não estudei na Facopp que foi a educação. Então eu me empolguei muito em conhecer essa possibilidade e saber que existem outras possibilidades que a gente não pode parar de estudar, que existem outras formas de ajudar a sociedade que não seja levando a notícia. Então eu me empolguei muito e quando a gente ta empolgada a gente faz as coisas. O videodocumentário era demais, era muito divertido fazer. A gente trabalhava a parte teórica, levantamento da história dos personagens. Quando a gente ia pra primavera a gente não dormia, a gente ficava transcrevendo, discutindo o roteiro. A gente perguntava que horas a gente vai acordar pra ver o sol nascer. Então foi muito divertido, conhecer história, e viajar pro assentamento, pessoas que a gente nunca tinha visto na vida mais que chamavam a gente pra tomar café na casa; a gente ouvia muitas histórias. Então de certa forma foi pesado mais um ajudava o outro, porque o pouco da experiência que eu trazia de um levava pro outro, a organização que eu tinha em primavera eu levava pro TCC.

E eu acho que o lado emocional também, porque lá em primavera a gente ouvia muitas histórias bonitas de perseverança e de nunca desistir porque é uma comunidade que nunca desistiu, e a gente trazia isso pro TCC, quando dava alguma coisa errada eu lembrava a história dos caras lá. Então um ajudou o outro e não chegaria no final com a mesma qualidade nos dois se eu não tivesse feito. Foi pesado; eu tive erros, errei em várias coisas mais eu acho que valeu muito a pena; o reconhecimento que a gente teve, que eu tenho de valorizar o meu trabalho é muito bom, faz muito bem pra autoestima também.

POR QUAL MOTIVO VOCÊ ESCOLHEU CURSAR JORNALISMO NA UNOESTE?

Porque eu sempre gostei muito de escrever, sempre assim, as pessoas ah, escrevo bem então vou fazer jornalismo. Mais eu tinha uma coisa que era, eu acho que é o que me levou mais pro jornalismo. Eu era muito curiosa. Eu não aguentava ver alguém com alguma coisa que eu ia perguntar. Porque é que você tá assim, como que você fez isso, da onde você tirou. Então eu acho que foi a curiosidade um pouco. E eu era muito tímida; eu ainda sou tímida, mas quando eu estava entrevistando alguém. Quando a gente é criança, a gente faz aquelas brincadeirinhas: ah, vou fazer jornal, não sei o que, vou entrevistar. Eu percebi que quando eu tava fazendo isso, quando eu tava brincando de ser jornalista eu me soltava. Eu era mais feliz fazendo, então eu pensei que seria um bom caminho. E também minha professora de redação durante o ensino médio, ela incentivava muito essa parte da escrita e também da comunicação, e daí eu vi. Eu tava tão decidida pelo jornalismo quando eu fiz o vestibular que as duas opções de curso eu coloquei jornalismo. Eu prestei em dois lugares, e aí eu passei aqui na Unoeste. Então, na Unoeste que é aqui perto de casa. Eu pesquisei também sobre a qualidade do curso, e a Facopp não tem como negar. A estrutura, eu acho que das que eu já fui, das que eu já visitei, é a maior. Os professores eu não conhecia, mas eu via que o currículo era muito bom. Não me arrependo nunca, de jeito nenhum.

QUAIS OBJETIVOS VOCÊ TINHA QUANDO VOCÊ COMEÇOU A CURSAR JORNALISMO? ELES SE CONCRETIZARAM? DE QUE FORMA?

É engraçado a gente pensar lá no começo porque tudo muda. Quando eu entrei na Facopp que eu fui fazer jornalismo, o meu objetivo era fazer o impresso porque eu escrevia e eu achava que eu escrevia bem. Mas o que a gente escreve quando está no colegial é dissertação, aquelas redações falando sobre o dia a dia, narração que é diferente do jornalismo. A gente usa também um pouco disso nos textos jornalísticos, mas é diferente. Existe muitas outras possibilidades. Então acho que na habilitação quando a gente começa a conhecer mais direitinho o curso, aí eu vi que eu podia fazer outras coisas, então eu comecei no online. O meu objetivo começando pelo online era testar um pouco de tudo. Era testar o áudio, o vídeo, o texto, a fotografia, para ver onde eu gostava mais, e eu percebi que eu gostava muito do texto pela questão de ser rápido, de eu ter um *feedback* quase que instantâneo assim que entrava no ar. As vezes a gente tinha um pouco de interatividade, porque as pessoas já conversavam sobre e também eu gostava muito do vídeo quando eu comecei a fazer o segundo semestre de portal. Daí então a gente vê que conforme a gente vai fazendo a gente vai se descobrindo. Então não é questão que o meu sonho mudou; eu não quero mais trabalhar com impresso. Não é! É que a gente vai se conhecendo melhor e vê que onde a gente fica mais feliz e onde a gente faz melhor aquilo. Então eu acho que mudou. Eu pensava em fazer impresso e hoje eu penso muito mais em fazer áudio visual, tanto que é que eu vou continuar minha formação nessa área de áudio visual.

QUAL ESTÁGIO VOCÊ FEZ ENQUANTO ESTUDAVA?

Eu só não falei do que eu fiz fora da Facopp, que foi só um também, que foi na Agencia Promark. Foi antes de tudo. Antes de começar na Facopp eu fiz lá na Promark que é uma agência de publicidade que eu fazia a edição de textos empresariais, que era coisa básica também porque eu estava no terceiro termo. Experiência só pra ter noção de como era.

QUAIS LABORATÓRIOS VOCÊ FREQUENTAVA MAIS E POR QUÊ?

Portal e TV. O Portal onde eu comecei e a TV onde eu fui me infiltrando aos poucos pra eu ver como era, daí eles me pegaram e foi, eu gostei.

Eu esqueci de falar também que durante o portal a gente fazia assessoria de imprensa no segundo semestre. Eu aprendi também um pouco de fazer assessoria de evento, as vezes uma notícia que tem na Facopp que eu vejo que serve pra outros veículos de comunicação, que serve pra sociedade em geral, a gente jogava pra assessoria de imprensa que também era uma das funções aqui na redação.

DAS AULAS QUE VOCÊ TEVE QUAIS SE DESTACARAM NA SUA CARREIRA PROFISSIONAL?

Todas, porque elas se complementam, mas eu gosto muito das aulas de Telejornalismo e Online. Eu via que uma ajudava a outra, as vezes não tá ligado diretamente mas as vezes uma característica da notícia de online a gente conseguia levar pro vídeo e quando a gente conseguia complementar, jogar os dois eu vejo que o nosso dia saia melhor. Então eu acho que online e tele que são os dois que eu mais fiz durante a faculdade e pretendo fazer ainda na minha carreira.

O QUE MARCOU SUA VIDA NO DECORRER DO CURSO?

O estágio, a vivência aqui na Facopp, conhecer esse pessoal. São tantas pessoas que passaram por aqui e cada um deixa uma marquinha. Uma coisa que me marcou demais quando eu tava no segundo termo que tinha a Jéssica e ela tinha um pouco de dificuldade pra escrever. E daí eu comecei a passar texto com ela e a gente fazia texto junto e a gente via que ela estava evoluindo. Eu gosto muito de ver a transformação, de ver as pessoas evoluindo, crescerem e saber que eu tava ajudando a crescer.

HAVIA ALGUMA DISCIPLINA QUE VOCÊ ACHAVA QUE NÃO ERA IMPORTANTE PRA SUA FORMAÇÃO?

As de publicidade. As do tronco eu não gostava de jeito nenhum.

HOVE ALGUM PROFESSOR QUE A MARCOU?

Carol primeiro, porque foi com ela que tudo começou com o Portal; a Thaisa depois com a TV, e ela continuou muito forte durante o TCC, o videodocumentário. A Thaisa tem uma coisa muito boa de estar sempre muito perto, de poder conversar. E a Carol vibra com o que a gente conquista, ela

está sempre feliz com o que a gente tá conseguindo e isso é muito bom de ver num professor ainda mais num coordenador. Um curso que tem um coordenador que chama você pra falar da vida pra saber se você tá feliz. A Carol pergunta isso, você tá feliz, o que está acontecendo. Então eu acho que a Carol, a Thaisa e o Mancuzo. A Lêda me marcou muito durante o tronco porque foi a primeira pessoa que me chamou pra fazer o estágio na Promark. Acho que esses quatro.

DE QUAIS EVENTOS OFERECIDOS AQUI NA FACOPP VOCÊ PARTICIPOU? O QUE ELES ACRESCENTARAM?

Participei de todos, nenhum ficou de fora. Só Intercurso que eu nunca fiz. Eu participei tanto apresentando como na organização e cobertura.

As quatro edições do ENEPE eu participei. Mas com certeza o que mais me marca é a Semana de Comunicação, porque é onde vem o pessoal de fora e onde a gente sente como que tá lá fora, conhece pessoas, conhece histórias. Eu acho que é um ar fresco que vem, que a gente se inspira. Não que eu queira fazer a mesma coisa que aquela pessoa, mas a gente se inspira na história.

Isso de você está perto de outras pessoas que estão já no mercado é muito bom e com estágio a gente consegue chegar mais perto. Tinha o Café com Q, a gente ficava a tarde inteira conversando com a pessoa e das palestras também, ele traziam aquele conteúdo. Então a Semana de Comunicação pra mim é a Top de todos os eventos.

VOCÊ FEZ ALGUMA VIAGEM PROMOVIDA PELO CURSO PRA AMPLIAR O APRENDIZADO? QUAL?

Eu não sei se pra ampliar meu aprendizado mais eu fui pro CQC quando eu estava no tronco. E pra ampliar meu aprendizado mesmo teve Primavera foram sete viagens, depois a gente foi pra São José do Rio Preto, pra Pirapó, Presidente Epitácio, Marabá e Mirante para o Areia Branca.

QUAL A PRINCIPAL DIFICULDADE QUE VOCÊ TINHA NA FACULDADE?

No começo. Eu moro no sítio então eu tinha que pegar um ônibus aí eu chegava em Machado pegava outro ônibus e vinha pra cá. Então são dois ônibus, dava 1h de viagem mais ou menos. Eu não considero isso uma dificuldade. Quando a gente fazia estágio a gente ficava aqui o dia inteiro, as vezes não comia, mas eu também não considero isso uma dificuldade. Acho que tudo vale a pena; quando a gente é feliz a gente esquece a dificuldade.

COMO VOCÊ AVALIA A FACOPP, OS PRÓS E OS CONTRAS?

Prós são muitos porque a gente tem uma estrutura ótima que está crescendo e que está desenvolvendo cada vez mais. A gente tem professores muito bons que estão sempre disponíveis; a gente em laboratório que são pra mim “a menina dos olhos” da Facopp, porque aqui o aluno desenvolve, aqui o aluno tem espaço. E a gente tem também uma relação de aluno muito próxima e isso ajuda muito. Agora contras, eu acho que é mesmo essa questão que acho que

está se resolvendo agora dos alunos estarem mais presentes em algumas coisas. D.A, Atlético Facopp, com isso acho que vai intensificar mais e acho que vai ficar todo mundo mais próximo, participar mais de algumas coisas, e acho que vai ter coisas novas e isso vai mudar.

Também a questão das viagens de visita técnica. Acho que poderia investir muito mais em visita técnica e respirar um ar diferente desse daqui. Talvez isso seria um contra, mas que tá se encaminhando pra se resolver já.

VIOLETA ARAKI – XXV TURMA

POR QUE VOCÊ DECIDIU CURSAR JORNALISMO NA UNOESTE?

Desde pequena, adolescente, eu tinha em mente que queria ser jornalista. Pesquisando o que Prudente tinha a me oferecer quanto ao curso, eu vi que a estrutura era muito boa. Todo mundo falava muito bem dos professores, da infraestrutura, dos laboratórios. Como também não tinha jeito de mudar para outra cidade, eu resolvi apostar na Facopp.

QUAIS ESTÁGIOS VOCÊ FEZ NA ÁREA QUANDO ESTUDAVA?

Eu fiz um trabalho, não sei se posso chamar de estágio. Era um auxílio nas aulas de português de um projeto que tinha no Matarazzo; não sei se existe ainda. Chamava-se “Projeto Tira Dúvidas”, que era tipo reforço; eu auxiliava na questão da língua portuguesa. Isso no primeiro ano. Acho q foi no primeiro ano também que eu fiz a TV Facopp, e fiquei um semestre lá. Aí fiz um estágio curto numa agência de publicidade, a Promarq. Eu atuava na parte de redação publicitária, mas fazia mais a parte de revisão. Eu fiz estágio no O Imparcial, durante a cobertura sobre o Salão do Livro. Teve um estágio muito importante pra mim, que foi na produção do SBT. Foi ano passado; fiquei quatro meses. Esse estágio me ajudou a perceber que televisão não dava pra mim, porque produção de TV é uma coisa que a pessoa precisa ser calma, tem que saber respirar para lidar com os problemas, porque é tudo muito rápido. E é muita logística também; você tem que calcular o tempo correto, enviar o repórter para cada pauta. Então não te acalma; eu ficava desesperada, não dava muito certo!

E o último foi um estágio na Revista Três, onde fui efetivada e continuo até hoje. Faço desde a pauta até a reportagem; um pouco de tudo.

QUAIS OBJETIVOS VOCÊ TINHA QUANDO ENTROU NA FACULDADE?

Quando a gente entra na faculdade, a gente tem o objetivo de se tornar um bom profissional. Só que eu também não tinha noção em que ramo. Eu tenho mais facilidade com texto, mas quando a gente entra, não sabe direito. “Será que eu sou melhor em rádio? TV?” Aí com o passar dos anos, a gente vai estudando e conhecendo as áreas, podemos ter certeza com aquilo que nos identificamos mais, que temos mais habilidades, que nos desperta mais interesse. Isso aconteceu comigo na área de texto; impresso. Quando a gente sai, nós saímos embasados e com mais certeza de que tudo o que passamos; aprendemos; os estágios; tudo o que os professores falaram, faz a gente ter mais certeza de que vamos conseguir lidar com a profissão que escolhemos de uma forma ética. Certeza de que eu me empenhe mais; que eu não faça nada para desonrar a profissão; isso cresceu muito dentro de mim.

VOCÊ CONSEGUIU ALCANÇAR OS SEUS OBJETIVOS?

Alcancei.

DE QUE FORMA?

Hoje eu consigo trabalhar numa área do jornalismo que eu gosto, tendo a convicção de que eu estou fazendo coisas que eu vi na teoria e estou conseguindo colocar na prática.

QUAIS LABORATÓRIOS JÁ EXISTIAM QUANDO VOCÊ ENTROU NA FACOPP?

Tinha o laboratório de TV, de rádio, fotografia, assessoria, o portal e acho que é isso.

VOCÊ SE LEMBRA DOS EQUIPAMENTOS QUE ERAM UTILIZADOS?

No meu primeiro estágio na TV Facopp, o equipamento já era bom. Depois, quando eu já estava saindo, parece que vieram mais câmeras; aquela coisa de última geração! Aí quando eu também estava saindo entraram uns Macs (Apple). Eu não peguei essa época.

HAVIA ALGUMA DISCIPLINA QUE VOCÊ ACHA QUE NÃO ERA IMPORTANTE PARA A SUA FORMAÇÃO?

Naquele tempo, no tronco comum, era ruim porque tinham as matérias de publicidade que a gente não se interessava. Criatividade, por exemplo, não sei me acrescentou muita coisa. Fizemos até um trabalhinho legal, uma fotonovela, mas não sei bem pra que serviu (risos)! Teve um do Josué, acho que no quarto termo, tínhamos que fazer um com argila; colocamos ela na cara! Essa matéria não me lembro o nome, mas também não tinha muita utilidade.

DE QUAIS EVENTOS OFERECIDOS PELA FACULDADE VOCÊ PARTICIPOU? O QUE ELES ACRESCENTARAM NA SUA CARREIRA PROFISSIONAL?

Quando eu entrei tinha o Cine Fórum; Jornada da Comunicação; Enepe. Eu participei acho que de todos que eu estou citando. A Semana da Comunicação acho que é o que mais acrescenta pra gente na questão de conhecer profissionais, saber o que eles têm a dizer; como é a área; como está o mercado. Tiveram Semanas da Comunicação que foram muito boas; vieram profissionais de gabarito. Enepe também eu participei e foi importante porque eu fazia iniciação científica. Eu cheguei a apresentar dois trabalhos, acho; duas pesquisas. E também é legal pra você ver o que está sendo pesquisado na área de jornalismo. E o Enepe tem um peso importante porque você coloca no currículo Lattes depois. Então é legal participar de um evento como esse, que vem gente de outros estados.

VOCÊ FEZ ALGUMA VIAGEM PROMOVIDA PELO CURSO PARA AMPLIAR O APRENDIZADO?

Não, viagem eu não cheguei a fazer.

VOCÊS VISITARAM ALGUM VEÍCULO AQUI NA CIDADE?

Teve uma visita na Rádio Globo; outra em no museu do Rádio. Acho que inclusive faltou isso. Tinha O Imparcial, a TV Fronteira, agora o G1.

QUAL PRINCIPAL DIFICULDADE VOCÊ TINHA PARA FAZER A FACULDADE? SE É QUE EXISTIU ALGUMA.

Fiquei três anos indo de ônibus, e isso é uma dificuldade. É uma das primeiras coisas que o estudante lembra. Teve uma época que estudei à noite, pegava ônibus e isso era complicado; porque até a minha casa não tem ônibus direto. Tem que ir para o centro. Quando estudava de manhã tinha que acordar muito cedo; quando estudava a noite, voltava tarde. Outro fator, não sei se é uma crítica; uma queixa. Tem livros que são muitos importantes, e quando chega a época do TCC, eu achava que a gente já tinha que ter lido antes. Já deveriam ter pedido antes pra gente chegar com uma base. Por exemplo, tinha livro de jornalismo online que eu acho que a gente deveria ter lido ao invés do “Bar Bodega”. Eu acho que é aí que os professores deveriam se atentar.

HOVE ALGUM PROFESSOR QUE MARCOU A SUA VIDA? QUAL? POR QUE?

Todos os professores lembramos com carinho, mas principalmente o Mancuzo, que foi o meu orientador. Desde o primeiro termo eu achava que, se tinha um professor que encarnava o jornalismo, era ele. Eu gostava muito das aulas dele. Era um professor que eu confiava muito, até dava para ele alguns textos que eu escrevia; umas crônicas, para ele ler, lia, dava a opinião dele. a Lêda também, que acho que todo mundo ama. A Thaísa (Bacco) também me marcou porque, apesar de seu um pouco exigente, ela é muito ética, tem muita responsabilidade naquilo que faz, e passou isso pra gente. A Carol também, que é um amor.

ACONTECEU ALGO DENTRO DA FACOPP QUE MARCOU A SUA VIDA ACADÊMICA?

O que marca mais é a época do TCC. A gente escolheu um tema meio difícil. Não sabíamos que ia fazer o site; se ia dar certo. Lembro dos encontros, da gente fazendo os rafs, discutindo as pautas. Lembro muito disso. Também marca as amizades que a gente faz. Tinha uma turma muito legal; era pequena, mas todos ficaram muito unidos.

QUAIS CONTRIBUIÇÕES O SEU TCC TROUXE PARA A FACOPP?

O que faltava na Facopp era um laboratório que fazia um jornalismo mais interpretativo; de reflexão, dentro do online. Tem o Portal, mas é mais voltado para notícias, e a gente não tinha um veículo, que no caso seria revista, para dar esse jornalismo mais interpretativo e com a questão da multimidialidade. Nosso TCC abriu um caminho para os alunos perceberem que, na internet, pode-se fazer um conteúdo aprofundado. Não só por texto, mas com vídeos, por exemplo, para complementar a notícia. Mostrou que a internet pode ser sim, um local de aprofundamento.

QUAIS OS PONTOS FRACOS E OS PONTOS FORTES QUE VOCÊ CONSEGUE IDENTIFICAR NA FACOPP?

Como pontos fortes, tem uma estrutura de equipamentos. Quando você precisa fazer um vídeo, tem. Laboratório de fotografia; enfim. A estrutura é muito boa. Não são 100% dos professores, mas a maioria tem um conhecimento muito sólido; sabe do que está falando; já viveu uma carreira. Agora em relação aos pontos fracos, eu acho que tinha vezes algumas aulas que eram mais como uma conversa. Acredito que essas devem ser melhor elaboradas. Isso para chegar no TCC e a gente não achar que está faltando alguma coisa.

BRUNO RODRIGUES – ESPECIALISTA EM HOTSITE

OS HOTSITES SÃO DEFINIDOS COMO ÁREAS DE INFORMAÇÃO TEMPORÁRIA. E OS MINISITES? QUAL A DIFERENÇA ENTRE HOTSITES E MINISITES?

O hotsite é algumas vezes, a maioria das vezes promocional, publicitário, que visa promover o lançamento de um produto, de um evento. Já minisite é quando você quer diferenciar uma área dentro de um site ou portal, por conta de um determinado uso que você quer focar. Isso quando o conteúdo é muito diferente ou você quer chamar uma atenção especial pra este conteúdo que você está elaborando, por exemplo: imagina que o UOL vai lançar um minisite, ou seja, uma área nova de seu site, voltada para automobilismo. Então ele vai diferenciar individualmente a arquitetura da informação para que seu usuário perceba aquilo, mais do que resto do conteúdo do portal. Então ele quer uma programação visual, uma arquitetura e um conteúdo diferente. Minisite é isso, está aí a diferença, além disso, minisite é uma parte do site quase sempre fixa, até porque é uma parte integrante do site ou do portal.

EM ALGUNS TRABALHOS ACADÊMICOS PESQUISADOS, CONSTATOU-SE QUE HOTSITES E MINISITE ERAM COLOCADOS COMO SINÔNIMOS. ELES PODEM SER USADOS COMO SINÔNIMOS EM ALGUMA CIRCUNSTÂNCIA?

Eles podem ser. O que acontece, a comunicação social em geral é uma área muito subjetiva, é uma área em que as coisas vão acontecendo, mas que demoram muito para serem formalizadas, então o que é prática demora mais que nas outras áreas para se transformar em teoria. Como por exemplo, para sair um livro ou um trabalho acadêmico para divulgar determinado conteúdo para o resto da sociedade. Então, minisite e hotsite ao longo dos anos virou padrão você dizer que minisite tem o mesmo foco que hotsite. Lá fora nos EUA e algumas partes da Europa, existe essa confusão natural que minisite é a mesma coisa que hotsite, como se fossem sinônimos. Agora eu acho que são coisas diferentes. Por que eu estou colocando isto, o que acontece, no trabalho de vocês, vocês tem um exemplo determinado que vocês querem dar nome aquilo. Vocês podem erroneamente chamar aquilo de hotsite quando ele é um minisite, então a parte conceitual é importante no momento de você dar nome aos bois.

EM PESQUISAS DE CONTEÚDO, NÓS CHEGAMOS A ALGUNS HOTSITES, PELO MENOS ELES SÃO ASSIM DEFINIDOS, NA ÁREA DE JORNALISMO, MAIS ESPECIFICAMENTE NA FOLHA ONLINE. OS HOTSITES PODEM SER UTILIZADOS PELO JORNALISMO OU SOMENTE USO PUBLICITÁRIO?

Aí é que eu faço a diferenciação, eu já acho que não são hotsites. Quando você vai em 2001, na história do World Trade Center, na época eu fui contratado por uma agência de notícias imediatamente após o acontecido, pra acompanhar como os jornalistas estavam lidando com a quantidade de informações acumulando-se ao longo do tempo. Daí coloquei pro Times que ao longo do tempo fossem criando um minisite em que iria acrescentando aí a arquitetura da informação. Ele ia nascendo a medida em que as coisas iam

acontecendo ou seja o minisite ia crescendo a medida que as coisas ocorriam. Então isso não é um hot site é um minisite, até por que trazendo para o lado jornalístico pra que serve esse minisite dentro do New York Times? Se você for lá você acha essa seção especial até hoje, isso fica para pesquisa, isso funciona como legado, então isso definitivamente não é um hot site, mas sim um minisite, que fica lá como um repositório de conteúdo. Por isso que eu falei, por que tem um passo a mais no jornalismo, por que dentro dessa área jornalística existe a maravilha que é a grande diferença do meio impresso para o meio digital, que é a possibilidade sem fim de acumulo de conteúdos. Desde que a arquitetura da informação seja fácil, ajude o usuário a encontrar o conteúdo, isso é uma maravilha porque não acontece em outras mídias. É o conteúdo que fica e é estruturado, então os minisites ajudam muito esses portais jornalísticos.

O USO COMERCIAL DOS HOTSITES COMEÇOU COM O USO COMERCIAL DA INTERNET OU É MAIS RECENTE?

Todos os formatos que nós estamos conversando hot sites e minisites surgiram no momento posterior ao estouro da web comercial, que foi em 1996, 1997, pois essa era a época que esses formatos estavam sendo criados.

PODE SE DEFINIR WEBWRITING APENAS COMO A ESCRITA PARA A WEB?

Não só os assuntos, mas os formatos para web nasceram todos na época de 1996, 1997 como eu falei pra você. O webwriting começou exatamente a ser muito falado nessa época. Eu até falo que em março de 97 saiu um texto chamado Webwriting for the web, que aí se abre os primeiros pontos na escrita para web, então surge uma área de conhecimento aí que ficou conhecida como webwriting que é como eu chamo até hoje. Por exemplo, minha área de estudo é quase 100% focada em webwriting, só que ao longo dos tempos (a gente está falando de coisas que tem mais de 15 anos) essa área acabou criando uma realidade, até onde estudar o texto do meio digital, o webwriting começou a se dedicar ao comportamento dos outros formatos de informação da mídia digital, o áudio, o vídeo, infográfico, tabela e principalmente com o surgimento e popularização da banda larga que foi lá por 2002, 2003, mais esse raciocínio teve razão de ser, por que o usuário passou a conseguir acessar por exemplo o vídeo através da web. Falava-se muito anteriormente sobre a integração de mídias, mas de fato isso aconteceu por aí.

Então o webwriting desde essa época não é só redação pra web, pode-se até definir que o webwriting é redação pra mídia digital. Ele aprofunda para os diversos formatos de conteúdo.

É REALMENTE NECESSÁRIO UM TIPO DE REDAÇÃO DIFERENTE PARA CONTEÚDOS DA WEB?

No início, quando eu comecei a lidar com webwriting, existia muita resistência quando você falava em escrita para web. As pessoas falavam que era um absurdo a escrita para a web por que a escrita é uma só. Nunca o webwriting foi uma maneira de você escrever diferente na internet, mas sim uma maneira

de você lidar com os formatos de informação na internet. Muita gente até chama webwriting de usabilidade de conteúdo, é como você pegar os formatos de conteúdo e distribuir de maneira correta nos ambientes digitais.

Por conta disso o texto acaba tendo um comportamento diferente, o que consome um texto na mídia digital, aí ao longo dos anos alguns recursos de programação visual, de distribuição e de outras tecnologias foram sendo acrescentadas ao texto para estimular que ele passasse a ser consumido de uma maneira melhor, mas a escrita em si não tem nada a ver.

PODEMOS CONSIDERAR QUE O INÍCIO DO WEBWRITING TENHA SIDO NOS PRIMÓRDIOS DA WEB, QUANDO O TEXTO DO IMPRESSO ERA TRANSPORTADO PARA O MEIO DIGITAL?

Ótima comparação. Lá por 94, 95 quando a web comercial nasceu, havia a transposição 100 por cento do texto de um jornal para a internet. Daí o usuário começou a consumir esse conteúdo e passou a ver problemas nesse consumo, do tipo é chato texto longo, é chato o jeito que está, daí é que começou nascer o webwriting.

EXISTE ALGUMA TENDÊNCIA DE EVOLUÇÃO DO WEBWRITING PARA OS PRÓXIMOS ANOS OU ELE PARA POR AQUI?

Eu vejo que o atendimento as demandas de quem está do outro lado, do consumidor de conteúdo, vai ser cada vez mais determinante na forma que a gente vai elaborar o conteúdo.

O ponto zero disso é todo o trabalho que tem acontecido nos últimos cinco anos numa área chamada SEO (otimização do sistema de busca) , que significa você adaptar seu conteúdo, não só texto, mas principalmente texto pra que o público possa ver esse conteúdo e ranquear melhor esse conteúdo. O passo zero é adaptar cada vez mais os conteúdos de acordo com a demanda dos públicos.

JORGE APARECIDO DA SILVA SOUZA – FUNCIONÁRIO LABORATÓRIO DE FOTOGRAFIA

COMO SURTIU O GOSTO PELA FOTOGRAFIA?

Ele surgiu aproximadamente nos anos 90, quando eu já tinha uma máquina amadora, eu fotografava aniversário de alguns amigos e meu irmão por coincidência nessa época também estava iniciando na área de fotografia e ele fazia um curso do Instituto Universal Brasileiro por correspondência, e chegaram bastante matérias para ele tipo teórico, livros de leitura, e depois ele pediu para trabalhar com ele, foi quando eu sai do trabalho ele me convidou para trabalhar junto com ele, eu fui e a partir daí que comprei minha câmera, flash, e surgiu como um trabalho profissional; comecei a trabalhar junto com ele, acompanhar ele e partir daí que comecei como profissional.

TEM ALGUMA FORMAÇÃO NESSA ÁREA?

Não, no teórico eu lia os livros e na prática aprendia o que era obturador, diafragma, profundidade de campo. A partir daí houve um conjunto e me tornei um profissional.

COMO SURTIU A OPORTUNIDADE DE TRABALHAR NA FACOPP E EM QUAL ANO?

Depois que passei por algumas empresas como coordenador da área de fotografia, trabalhei como fotógrafo em algumas empresas, surgiu um convite através de um amigo meu que também é fotógrafo profissional. Ele disse que a Unoeste precisava de um profissional na área de fotografia e o coordenador solicitou alguém de confiança. Fui convidado por ele, fiz a entrevista com o coordenador do curso, ele viu que preencheu os requisitos do que precisava e assim fui contratado.

QUEM ERAM OS COORDENADORES DO CURSO NA ÉPOCA?

Em 2007, na época que entrei era o Gilson Catussi o coordenador da Facopp.

QUAIS ERAM OS PROFESSORES QUE JÁ PASSARAM PELO CARGO OU COORDENADORES QUE SUPERVISIONARAM O LABORATÓRIO DE FOTOGRAFIA?

Quando entrei quem coordenava o laboratório de fotografia era o Paulo Miguel, com o passar do tempo houve mudança, depois passou a professora Cássia, depois que ela saiu foi a Maria Luisa Hoffmann que coordena até hoje.

COMO ERA A ESTRUTURA DO LABORATÓRIO DE FOTOGRAFIA?

Já tinha flash, iluminação, câmera fotográfica. A maioria das câmeras já eram de filmes; existia uma câmera profissional que era a D40 que o pessoal usava para fazer as fotos digitais de estúdio, então estava se iniciando na área digital

e a maioria das outras câmeras eram todas de filmes. Hoje eu diria que representava na época 40% do que nós temos hoje aqui no estúdio.

HAVIA REVELAÇÃO NO ESTÚDIO NA ÉPOCA QUE ENTROU NA FACOPP?

Muito pouco, só quando faziam experiências do tipo pinhole que aí se revelava. Poucas coisas revelavam da época pra cá.

COMO ERA O TRABALHO ADMINISTRADO PELOS PROFESSORES NA REVELAÇÃO DAS FOTOGRAFIAS DO LABORATÓRIO?

Quando os alunos dos primeiros termos iniciam na fotografia, o professora vai passar as noções básicas, da história da Facopp e basicamente pede para eles fazerem um trabalho, e através desse trabalho existe uma revelação, e cada um revela sua fotografia. Evidentemente era só um grupo e não tinha noção de como é o processo.

HOVE ALGUM ASSISTENTE QUE AJUDAVA? E QUAIS AS FUNÇÕES QUE ELE DESENVOLVIA?

Minha função é função técnica, então me tornei um auxiliar bem próximo do professor, quando ele está ausente passo a ser o profissional da área, e passo a coordenar o trabalho junto com os alunos. O que existe aqui é quando a professora coloca estagiários para fazer dois trabalhos, então eu passo para eles o que tem que fazer, evidentemente eles ajudam a fazer alguns trabalhos, a fotografar as coisas dentro da Facopp.

QUAIS AS PRINCIPAIS MUDANÇAS NA ESTRUTURA NO LABORATÓRIO DE FOTOGRAFIA?

Gradativamente conforme as necessidades, agora temos estagiários, parece-me que cinco ou seis. Hoje temos três câmeras profissionais e sete semiprofissionais. De uns anos para cá, a universidade tem investido bastante no laboratório, tanto que nós compramos mais um estúdio novo, sete fundos diferentes de cores diferentes. A estrutura hoje é bastante satisfatória, ada época que eu iniciei pra cá.

ALÉM DE OFERECER SUPORTE BÁSICO PARA A FOTOGRAFIA AOS ALUNOS DE COMUNICAÇÃO, O LABORATÓRIO REALIZA ALGUM TIPO DE SERVIÇO VINCULADO A OUTROS LABORATÓRIOS DA UNOESTE EM FORMA GERAL?

Vamos dar um exemplo, que se precise fazer um banner para colocar dentro da universidade, estamos sempre à disposição para fotografar e colher uma boa imagem. Os estagiários são preparados justamente para isso, quando precisa fotografar, por exemplo, o Enepe, nós distribuímos por alunos cada palestra, cada curso que vai ter, workshop, procuramos prestar trabalhos para a Unoeste.

VOCÊ TEVE E TEM OPORTUNIDADE D CONHECER VÁRIOS ALUNOS, TEM ALGUM ALUNO OU ALGUMA HISTÓRIA QUE MARCOU?

No geral a gente procura ajudar o máximo possível, sempre tem alguns alunos que se destacam mais. Por exemplo, o aluno que entrou na Facopp não sabia nada de fotografia ele falava que contava comigo para ajudar, o professor Paulo Miguel, hoje ele fotografa para um jornal da cidade. Isso pra gente é uma satisfação, pois ele tinha o intuito de aprender, teve coragem, investiu no equipamento e hoje é um profissional realizado, talvez seja mais marcante para ele o do que pra nós, damos um pouquinho de cada um para se tornarem um grande profissional.

QUAIS EVENTOS DA FACOPP E DA UNOESTE VOCÊ PARTICIPOU?

Vários, vestibulares, Enepes que houve dentro da universidade, já fotografei palestras, Workshops, dentro da Facopp existe várias coisas que já fotografei. Principalmente no Enepe, porque o estúdio de fotografia dá uma estrutura geral da universidade, tanto que o pessoal do marketing vem aqui para fotografar para folhers, banners, outdoors, evidentemente que a parte de registro é responsabilidade do pessoal do marketing do Campus I.

ALÉM DO TRABALHO DA FACOPP VOCÊ REALIZA ALGUMA OUTRA ATIVIDADE PROFISSIONAL? QUAL?

Sim, sou fotógrafo de eventos. Durante a semana de segunda à sexta-feira cumpro minhas quarenta e quatro horas semanais dentro da universidade, fora daqui, nos finais de semana faço bastante evento social que é casamento, aniversário, formatura, inclusive a gente encontra muitos professores, alunos que é da própria universidade.

QUAL É A IMPORTÂNCIA DA FACOPP PRA VOCÊ?

Além do trabalho que desenvolvo aqui dentro, pra mim é uma escola, porque a gente nunca sabe tudo, quando o professor passa alguma informação para o alunbo, procuramos prestar atenção, qual o modo de fotografar, qual modo de fazer o tipo de trabalho. A gente vê que tem bastante aluno inteligente, que sabe manipular uma câmera e a gente vai cada vez mais aprendendo, além de trabalhar e passar informações para o aluno.

CARLOS MANFRIM – EX-COORDENADOR DA FACOPP

COMO COMEÇOU A TRABALHAR NA FACOPP?

Eu trabalhava em jornal, rádio e televisão na Unoeste. Surgiu uma ideia de montar uma faculdade de comunicação, que não tinha em Presidente Prudente, a mais próxima era em Londrina; tinha Adamantina mas não era muito requisitada. Então começamos a trabalhar junto a reitoria e então decidimos que poderia abrir. Fomos regimentar professores. Um dos primeiros que eu chamei foi o professor Nuno, Paulo Miguel, professor de fotografia e alguns outros professores que já davam aula em Presidente Prudente; Professora Édima; alguns professores que já davam aulas no tronco comum e começamos a trabalhar nisso. Implantamos e foi um sucesso geral, muita procura desde o começo. Demorou um ano para estruturar tudo. Nós montamos e fui o primeiro coordenador.

COMO FUNCIONAVA O D. A.?

O Diretório Acadêmico depois de um tempo foi estruturado e funcionava bem. Tinha um pessoal dedicado querendo fazer algumas coisas, sempre apoiamos o diretório. É importante tem essa relação do D.A e a faculdade. Antigamente tinha briga, o D.A. com a direção, a direção não recebia o diretório. Mas, acho que isto tem que ser pacífico e cada um fazer a sua parte.

ELES REIVINDICAVAM ALGO?

Havia muitos pedidos, acho que até por isso que não atendia todos os pedidos.

COMO ERA A ESTRUTURA FÍSICA NA ÉPOCA?

Ocupamos duas salas, se não me engano no bloco H. Depois montamos o laboratório de fotografia, o professor Paulo Miguel foi muito feliz, porque ele montou um laboratório muito profissional. Acho que tinha dez máquinas para cem alunos. Tinha bastante coisa, filme, revelação. Isso no Campus I. Aos poucos foi montando a estrutura necessária. Teve um tempo para ir montando os laboratórios, e foi bacana. A estrutura foi sendo montada e eu acho que hoje é uma das melhores faculdades do estado de São Paulo.

QUANTO TEMPO FICOU NA COORDENAÇÃO E DIREÇÃO?

Fiquei dois anos na coordenação, três anos.

E OS EQUIPAMENTOS COMO ERAM?

O Paulo Miguel pedia a máquina X que era a melhor do mercado, a reitoria não discutia e comprava a máquina. Então sempre teve os melhores equipamentos.

JÁ HAVIA EVENTOS NA FACULDADE?

Tinha a Semana de Comunicação desde o primeiro ano, o curso montou um jornal interno para divulgação, para treinar os próprios alunos que faziam. Era um jornal laboratório, o nome era “Espalha Fato” e esse jornal foi importante também.

QUAIS OS PONTOS FORTES E FRACOS DA FACULDADE?

Acho que o ponto forte é a capacidade de ensinar e aprender na faculdade de comunicação que acho que é o ponto principal do ser humano.

COMO FUNCIONAVA A AVALIAÇÃO DO CURSO NA SUA ÉPOCA?

Na época era provão, não era Enade. Foi naturalmente, atendeu todos os procedimentos na época, não teve problema nenhum. Teve alguma adaptação para fazer que é comum e resolvidas todas essas pendências ficou tudo certo.

CAROLINA COSTA MANCUZO – PROFESSORA E COORDENADORA**QUANDO COMEÇOU A TRABALHAR NA UNOESTE E COMO FOI SUA CONTRATAÇÃO?**

Eu entrei em 2007 e eu fui contratada pra dar aula de jornalismo online I e II e História da Cultura. Eu fui contratada pelo professor Gilson que na época era coordenador do curso; na época ele fez um teste comigo e me chamou. Entrei no meio de 2007, agosto.

COMO ERA A DINÂMICA NA COORDENAÇÃO?

Na época o Gilson era coordenador geral da Facopp e coordenador de Publicidade, e o Mancuzo era coordenador de Jornalismo.

QUEM TE ANTECEDEU NA COORDENAÇÃO?

Antes de mim era o Munir que foi coordenador de Jornalismo. Daí o Homero era coordenador geral e o Munir era coordenador de Jornalismo e a Larissa e a Larissa era coordenadora de Publicidade. Daí o Homero saiu, o Munir assumiu a coordenação geral e me chamou pra ser coordenadora de Jornalismo.

QUAIS LABORATÓRIOS EXISTIAM QUANDO ENTROU COMO ALUNA NA FACOPP?

De TV, fotografia e rádio; os três laboratórios.

QUAIS EQUIPAMENTOS ERAM UTILIZADOS NELES? TINHA BASTANTE EQUIPAMENTO OU ERA ESCASSO?

No de TV a gente tinha câmera mais ela era bem inferior, até porque nem era a era digital, então era outro tipo de câmera; o estúdio de iluminação era bem quente, a gente passava bastante calor pra gravar as coisas; não tinha TP ainda, mais tudo era assim bem mais simples. No rádio a gente só gravava os programas. Tinha a mesa, mas eu não sei te dizer como era a mesa porque eu não entendi nada disso. Agora na fotografia era bem legal porque não existia digital, então a gente fazia foto analógica, a gente revelava, passava por todo processo de revelação, passava pela camara escura pra poder tirar; passava pelas químicas pra revelar e a gente tinha quantos filmes a gente quisesse pra revelar; era livre a quantidade. A gente ficava brincando muito; eu me lembro que o laboratório de fotografia era o laboratório que eu mais gostava.

TINHA BASTANTE AULA PRÁTICA?

Na verdade acho que tinha o mesmo tanto que agora, mais eu ficava sempre além da aula pra ficar lá revelando foto porque era livre; a gente tinha quantas ampliações a gente quisesse e quantos filme s a gente quisesse, então a gente brincava muito.

Quem gostava de fotografia ficava fotografando, ampliando e eu tenho muita foto dessa época impressa.

QUAIS EVENTOS ERAM OFERECIDOS NA FACOPP QUANDO VOCÊ ESTUDAVA?

Semana de Comunicação só.

QUAIS FORAM CRIADOS DEPOIS DESSE EVENTO?

Depois Semana de Comunicação eu não sei em que momento teve o Festival do Minuto. Quando eu entrei pra dar aula tinha Semana de Comunicação e Festival do Minuto, aí depois veio a Jornada de Comunicação que ela foi bem posterior, porque na verdade a gente definiu como Jornada de Comunicação. Na última hora o palestrante de publicidade ele falou não posso ir; a gente não tinha o que fazer e virou Jornada de Jornalismo. Daí no ano seguinte que virou Jornada de Comunicação vindo um de publicidade e um de jornalismo porque era um dia só. Veio depois o Top OfMind e o Festival do Minuto a gente tentou transforma-lo num Festival Facopp. Não deu certo; foi uma única vez; teve pouquíssimos alunos; não teve interesse, enquanto o Festival do Minuto ele tinha muito interesse. Acho que a gente tinha que voltar a ter o Festival do Minuto porque era muito gostoso. O aluno tinha que produzir um vídeo de um minuto com um tema, então por exemplo já teve o tema fé e era livre, ele era julgado por vários motivos mais pela criatividade. A gente já teve vários vídeos de alunos fazendo... Sabe quando tira muitas fotos e aí edita, que dá sequência. E assim, vídeos antigos, surdo e mudo, vídeos sem fala que nem era antigamente; era muito legal.

Premiação assim, só 1º, 2º e 3º lugar, não premiação em dinheiro; e um certificado. Eu lembro que teve uma aluna que todos os anos que ela estava aqui na Facopp ela participou do Festival do Minuto e ganhou porque ela adorava e hoje ela é da TV Fronteira. Ela é formada em publicidade e responsável pela parte de videografismo da TV Fronteira; entrou no lugar do Pandur. Na verdade entrou com o Pandur e depois substituiu o Pandur, que é a Vanessa Viuches. O Top OfMind veio com uma ideia de publicidade, depois o jornalismo acabou acampando a ideia na questão de cobertura do Evento, na divulgação pela Assessoria de Imprensa e tudo mais. A gente tinha um evento que era da Thaisa, ela que começou e chamava mostra do 6º termo. Todo semestre a Thaisa organizava um dia no final ou junho ou dezembro pra fazer a mostra dos telejornais. Começou só com telejornais; vinha pai e mãe assistir e tudo mais. Daí a Thaisa foi convidando outros professores. Como 6º termo tem muito produto ela foi convidando outros professores, e depois disso a gente foi começando a colocar blog do 6º termo, o jornal, o rádio; de tudo a gente fazia.

Começou só com o TeleJovem que não era TeleJovem era TJ, e aí junto com a Thaisa o Pandur tinha uma parceria com a Thaisa, ele fazia os comerciais dos TJs e ele fazia os videografismos junto com o pessoal do 6º termo de publicidade. Então na verdade a primeira Mostra foi Jornalismo e Publicidade mais Thaisa e Pandur. A Thaisa convidou o Pandur e eles fizeram, então o Pandur sempre participou. Depois ela começou a convidar os outros professores de Jornalismo e aí chegou a ficar tão grande que na última edição ela convidou todos os professores da habilitação que quisessem colocar os trabalhos; foram muitos trabalhos, e foi no Cesar Cava. Foi muito legal. Antes

era no Azaléia e era muito legal. O que fez a Thaisa parar, porque quem tocava isso daí era a Thaisa, é porque ela tinha quase que o trabalho todo pra ela; muitas vezes ninguém ajudava. Aí veio a TV Facopp e ela decidiu que os vídeos que eram produzidos podiam ficar na TV Facopp e quem quisesse podia assistir por lá. Mas é um pena porque era um evento muito legal. Infelizmente você vê que muita gente acaba não ajudando e as vezes desanima. A Thaisa é muito organizada então os eventos dela são bons; são muito bons. E esse era um evento muito legal. Do 6º termo era obrigatório todos os alunos participarem.

QUAIS OS AVANÇOS E MUDANÇAS QUE ACONTECERAM NA SEMANA DE COMUNICAÇÃO DESDE QUANDO VOCÊ ESTUDOU ATÉ AGORA?

Na época que eu estudei não me lembro de tantos, eu me lembro de uma Semana de Comunicação que veio o Joseval Peixoto, e agora depois que eu fui coordenadora nós também já convidamos por meio do Homero o Joseval Peixoto em momentos diferentes. Mas eu lembro que eu fiquei assim maravilhada porque eu pensava “eu vou fazer rádio é isso que eu quero”, mas eu lembro da gente ter ido em algum outro lugar, não era aqui, então as Semanas de Comunicação não era no HU porque eu não sou da primeira turma, era num outro lugar, era fora. O que mudou da época que eu vim pra professora.

Quando eu comecei a ser professora da Facopp a Semana de Comunicação ela tinha professores que organizavam a Semana que era a Larissa e a Mariângela se eu não e engano. Ela organizavam e a gente participava como professores, mais tinham algumas coisas que ainda não eram bem definidas na Semana; cada ano se fazia um experiência. A gente ainda faz, todo ano a gente faz experiência pra melhorar. Depois criou-se um D.A e o D.A assumiu a Semana de Comunicação e eles trouxeram grandes nomes tanto do Jornalismo quanto da Publicidade. Fizeram até uma das palestras no Cesar Cava que foi até do José Milton Ribeiro e foi muito legal. Porém, o dinheiro desapareceu da Semana de Comunicação e a gente teve que prestar contas. Nessa época eu tava assumindo a coordenação. Na verdade nessa Semana eu nem fiz parte como coordenadora mas quando a gente teve que prestar contas foi a época em que eu tava responsável. (na época que o dinheiro sumiu o Munir era o coordenador). Eu trabalhei junto com o Munir como coordenador três anos na época. Ele era coordenador geral, eu era de Jornalismo e a Larissa de Publicidade. E aí nós tivemos que prestar contas pra reitoria e aí a reitoria definiu que não podia mais ficar na mão de aluno esse dinheiro porque como é que faz e tal. E aí acabou o D.A, nunca mais ninguém quis fazer o D.A. Eu e a Larissa abraçamos a Semana. A gente sempre pede ajuda dos professores, no sentido de indicação de nomes, mas quem corre atrás, quem convida, quem paga passagem, somos nós duas. A gente até abriu uma conta conjunta no Banco pra que esse dinheiro fique num lugar só, pra que não se perca, pra que a gente consiga ter um controle maior. Aí a gente presta conta pra Reitoria de tudo que faz.

SEMPRE TEVE CERTIFICADO?

Sempre, desde a primeira. Quando eu entrei, nós convidávamos quatro de jornalismo e quatro de publicidade, não havia pesquisa na época. Não consigo me lembrar o que era feito no quinto dia. Mas eu lembro que dividia. Um palestrante entrava às 19h00 e outro às 21h00. Paramos de fazer isso por que não queríamos fazer simultâneo, Jornalismo numa sala e Publicidade na outra. Poderíamos, mas sempre pensamos no aluno do tronco-comum, que eles pudessem assistir as duas (palestras). Então resolvemos chamar um dia pra cada um. Acontecia que ficávamos controlando o tempo de cada palestrante. Nunca dava tempo de fazer pergunta. Os alunos ficavam morrendo de vontade de perguntar e dava tempo de fazer uma ou duas perguntas no máximo. E percebemos que isso não era legal. E a segunda palestra ficava sempre vazia, independente se era jornalismo ou publicidade.

Aí adotamos dois de jornalismo e dois de publicidade e começamos a fomentar pesquisa na Facopp, e definimos que um seria de pesquisa ou extensão, pra falar sobre isso. Mas quando a gente dá o nome da palestra, o que é, quem é a pessoa, até hoje, pensamos em não falar que é pesquisa e extensão, porque o aluno ele acha que vai ser um “saco” e isso acontece porque o aluno não sabe o que é pesquisa e extensão. Este ano, traremos a Simonetta Persichetti pra pesquisa, e ela é crítica fotográfica, jornalista, trabalhou em vários lugares, só que ela vai falar sobre a pesquisa em fotografia jornalística e publicitária, ela é excelente, vai contribuir demais, ela é crítica jornalística do Estadão, fantástica, muito boa. Mas nós já tivemos várias decepções. Já tivemos palestrantes que falaram coisas que não deveriam ser ditas, que jogaram um documento World e ficaram, praticamente lendo, então hoje, nós procuramos saber um pouco da pessoa, do palestrante, “alguém já viu palestra dele?”.

OS CONVIDADOS RECEBEM ALGUM TIPO DE CONTRIBUIÇÃO FINANCEIRA?

Não, financeira não. Mas eles recebem 1º certificado de participação; a gente paga passagem aérea, hospedagem e alimentação. Eles ficam hospedados no Hotel Escola daqui da Unoeste; a gente tem o taxista que busca e a gente designa um ou dois professores pra leva-lo pra jantar. Mas a gente não tem como fazer contribuição financeira porque o valor da semana é baixo pra que a gente possa pagar. Tem muitos que não aceitam e eles tem razão entre aspas, porque na verdade é o meio de vida dele, eu to falando da minha profissão, eu to dando o meu trabalho e eu não to ganhando nada por isso. Mas o legal é que tem muita gente que quer fazer isso, então a gente já trouxe nomes muito bons que uns foram na vontade e outros por amizade. No caso do jornalismo que a maioria das vezes quem convida sou eu, eu trouxe muitos colegas meus. Como eu trabalhei muito tempo em redação eu tenho amigos que estão hoje em redações do país inteiro e com nome.

E QUAIS AS PRINCIPAIS DIFERENÇAS ENTRE A SEMANA DE COMUNICAÇÃO E A JORNADA DE COMUNICAÇÃO?

A Jornada também demorou pra se definir, mas a ideia inicial da Jornada sempre foi trazer ex-alunos que estão bem colocados no mercado, mas isso não exclui a possibilidade de ex-alunos participarem da Semana, tanto é que ano passado nós trouxemos a Isabeli Benito, o João Gabriel Bressan; na

Semana. Esse ano vai vir o Hildo Herrera, ano passado veio o João Alberto Pedrini; tudo ex-aluno que tá bem. Tá na Folha, na SBT do Rio. O Hildo tá em Cabo Frio no Rio de Janeiro na Globo. Primeiro, a Semana tem um viés mercadológico, eu trago a pessoa pra ela falar do mercado, de como ela está no mercado. A Jornada é mesa redonda, ela tem um tema e esse tema começa a ser discutido. O ano passado achamos um formato legal, porque desde o começo definimos que seria mesa redonda. No primeiro ano que foi Jornada de Comunicação, foi mesa redonda de professores. Pegamos um tema, no caso do jornalismo uma matéria que teve grande repercussão na mídia.

Destrinchamos esse tema, eu por exemplo, falava dentro do online, o Homéro no rádio, a Thaisa na TV, o Mancuzo no impresso, o Marcelo mostrava a questão da parte gráfica, enfim. Foi uma experiência legal. A questão é que nem todos os professores estavam dispostos a ajudar e estar lá na frente. Então decidimos pensar em um outro formato. A Jornada é gratuita, ele não pode ser cobrado, não tem esse perfil de cobrança. Ai, temos que trazer pessoas daqui. Na publicidade, por muitos anos foi assim, todos os professores iam pra São Paulo no FestUp, que tem as principais agências de publicidade falando das tendências da publicidade. E eles pegavam isso e traziam pra discutir. Era muito legal. Mas ano passado, por vários motivos, eles não foram ao FestUp e tiveram que pensar e agora, o que faremos? Então decidimos fazer igual ao formato do jornalismo, porque eram diferentes. No ano passado, a professora Sílvia deu a ideia de fazer uma mesa redonda em que jornalismo e publicidade estivessem juntos, pois sempre era um dia de jornalismo, um dia de publicidade. Foi interessante.

As duas mesas redondas tinham temas que poderiam ser comuns entre jornalismo e publicidade. Uma delas foi mídia social, como tratar. E aí, trouxemos ex-alunos que estavam dentro das mídias sociais trabalhando na publicidade ou no jornalismo. Foi o Thiago Ferri pro Jornalismo e o Lucas pra Publicidade. Sempre tem um professor mediador.

A Semana já está na 19ª edição, está bem definida. Só com os Work Shop que ainda damos umas batidas de cabeça. Agora a Jornada é nova, está na 6ª edição, então ainda estamos definindo. Achamos legal jornalismo e publicidade, mas temos medo que se esgote. Por mais que a cada quatro anos a gente tenha novos alunos e eu possa voltar ha temas antigos, pois não vão parecer mais, não gostamos de voltar, pois os professores são os mesmos, eles estão assistindo e também se abastecem nesses eventos.

EM QUAIS ASPECTOS A HABILITAÇÃO DE JORNALISMO AJUDA NA REALIZAÇÃO DO EVENTO DOM TOP OF MIND?

Então, o Jornalismo é responsável pela divulgação jornalística com a imprensa, por isso tem um trabalho bem grande da ASSIM, a assessoria de imprensa, pela divulgação institucional, dentro do Portal Facopp, e na Unoeste, pelo site da Unoeste. Também durante o evento, pois fazemos uma cobertura com os nossos veículos, a Tv Facopp, Rádio, Portal e Assessoria. Durante o evento, que começa às 20h30, às 21h30, automaticamente, entre no ar o resultado do Top ofMind no Portal Facopp, o 1º, 2º e 3º colocados e qual foi a votação de cada um e dentro do 1º lugar a historia de cada um. É uma produção que é feita um mês antes e fica programada para entrar no ar naquele horário. E um

dos picos de audiência é o resultado, pois as empresas buscam. Na verdade, fazem dois anos que colocamos o resultado com votação. Colocamos 1º, 2º e 3º lugar já faz dois anos e acho que ano passado, começamos a colocar o número de votos.

Eu sei que, tivemos um caso de uma empresa que não ganhou e ela ligou aqui pois queria saber com quantos pontos havia ficado, pois ficou em segundo lugar. Ela viu no Portal Facopp que tinha ficado em segundo lugar. A Larissa então falou que, se não me engano, era coisa de 20 votos, muito pouco. E o empresário respondeu pra Larissa que no próximo ano iria ganhar. E ele passou o ano inteiro investindo em comunicação, porque esse é objetivo do Top ofMind; estimular as pessoas a investir em comunicação. E ele ficou em primeiro lugar. Já é o segundo ano que ele fica no primeiro lugar. E foi muito legal. Chegamos a torcer, pois o vimos investindo em comunicação. E ele ganhou em uma diferença grande do segundo colocado.

Existem outras marcas que não nos conformamos que ganhem o primeiro lugar, no sentido de não investir nada em comunicação. Mas é pela tradição, por muitos anos. E hoje é um trabalho conjunto. Quando é pra definir as novas categorias, pois este ano tem muitas mudanças, categorias foram substituídas por já estarem há muito tempo, além de novas regras como, se uma marca nacional ganhar, ela ficará em segundo lugar, está em regulamento, pois o que importa pra nós são as empresas Prudentinas. Queremos estimular os Prudentinos. E esse ano terá menos categorias. E essas decisões são tomadas com todos os professores do NDE, que é de Jornalismo e Publicidade, então o Jornalismo participa também.

O QUE FOI E CRIADO E APERFEIÇOADO DESDE QUANDO ERA ALUNA ATÉ OS DIAS ATUAIS? DE ESTRUTURA, DE EVENTO, SALA E EQUIPAMENTO QUE VOCÊ LEMBRA.

Como aluna não conta porque eu sou da quarta turma, então tudo era mesmo que se fosse velho era novo.

Quando eu entrei aqui como professora a gente tinha uma sala que era ali aonde é o Enatec hoje, a sala do Enatec, que ela era uma sala do Gepec, ela era dividida. Então o Gepec tinha uma sala, o Gepec/ Nexu e quem coordenava o Gepec/ Nexu era a Édima. Então era a sala da Édmina, uma sala bem grande, bem cumprida, dividida, e do lado era uma sala uma sala de informática; só que era uma sala de informática abandonada, velha que nem usava, e eu comecei a levar os meus alunos lá por causa de online.

Mais assim, eles queriam me matar. Por quê? Porque eu achava que era um absurdo eu ter que ir pro outro laboratório, porque o outro laboratório era o da Unoeste, pra marcar era super difícil e tal. Só que os computadores eles eram muito velhos. Eles tinham disquete ainda, eles eram uma carroça que demorava uma vida inteira pra carregar e só eu que usava de vez em quando essa sala.

Daí beleza, essa sala ficou lá; era uma sala esquecida. O laboratório de TV ele dividia o espaço com rádio, então ali onde é a TV Facopp era o laboratório de rádio. Sempre foi a época que eu fui aluna, eu sempre foi lá. Então a gente não tinha o laboratório de informática e não existia Agência, existia o Nucom que é onde é a sala dos professores. Porque a sala dos professores também é uma conquista nossa, nova. Não existia, os professores não tinham uma sala pra

eles. (Lidiane entra na conversa e fala que era embaixo. Carolina continua a entrevista seguindo esse comentário...) Mas ninguém ia lá, era um saco lá. Porque na verdade era uma sala dos professores mais de Direito, porque era onde era a coordenação do Direito. E lá tinha cartão de ponto, porque na época a gente passava ponto, hoje a gente assina. Por problemas legais que mudou a forma de pegar isso daí. Então as vezes a gente ia lá, mais assim, é como se a gente fosse os “patinhos feios” da Unoeste, porque no direito todo mundo sempre de terno e gravata aí chegava os professores de Comunicação, os “porra louca”. Eles ficavam tudo olhando pra gente, eles não davam muita moral pra gente, e a gente achava aquilo lá um lugar que não era nosso. Tinha o scanner lá embaixo, mais ninguém ia lá, as coisas ficavam um tempão e ninguém mexia.

Daí eu acredito que as mudanças começaram com a TV Facopp, a pedido da Thaisa. A Thaisa ela é muito proativa; a Thaisa ela faz e acontece. Ela desenvolveu o TCC pra implantação da TV Facopp e na época eu era professora, eu fui coorientadora desse TCC mais eu mais aprendi mais a ser orientadora. Eu tava acabando de entrar na faculdade aqui com ela. E aí ela começou a pedir estrutura, a pedir uma ilha, um espaço e tal. Então assim a ilha, tem a ilha do Edvaldo era uma mesinha do lado do Edvaldo super improvisada; e ali tava o laboratório de rádio e tal. Daí quando eu assumi a coordenação a gente conversou, a Thaisa tinha um projeto de ampliar a TV Facopp, ter um espaço próprio; só não sabia muito bem pra onde. E o Homero havia pedido um espaço maior pro rádio também, então a gente acabou unindo o útil ao agradável, e aí a gente também precisava de uma laboratório de informática. Antes disso, o que aconteceu... Dezembro de 2008 eu fui chamada pra entrar na coordenação, quando o Munir ia assumir a coordenação geral e não ia ter ninguém no jornalismo. Ele que me convidou. Hoje eu e a Larissa somos coordenadoras gerais juntas. Caso eu saia quem vai definir isso é a reitoria ou a própria Larissa vamos supor se ela fique sucessivamente, a não ser que eu saia beleza daí eu posso indicar alguém. Dezembro de 2008 na última reunião do ano dos professores o Munir me apresentou, falou das mudanças, se apresentou como coordenador geral porque o Homero saiu e abriu pros professores falarem o que que eles achavam da Facopp. Foi o momento mais difícil, eu pensei “vou sair fora, o que eu to fazendo aqui”.

Os professores descaram falando que a Facopp tava uma sucata, não tinha nada, que tava abandonada. Nós saímos dali daquela reunião eu, ele e a Larissa pensando “gente e agora, o que adianta a gente virar pro professor e falar vai descarrega e não fazer nada com isso que ele descarregou”. Nós resolvemos ir na dona Ana pra gente se apresentar como novos coordenadores porque a Larissa tava a seis meses só e o Munir há um ano. A dona Ana não sabia nem quem a gente era, mas a gente foi lá apresentar a situação e explicar a história, o que os professores falaram. A dona Ana nos recebeu ainda em dezembro. Ela foi super receptiva; ela disse que entendeu tudo aquilo e partir disso ela disse “nós vamos mexer na Facopp, nós vamos mudar”. Na verdade, a dona Ana na época que a gente soube ela até gostou de ver que tinha alguém querendo fazer alguma coisa ali. Nós passamos janeiro fazendo pedidos, fazendo um monte de coisas e gente foi mudando.

E o que aconteceu? Eles começaram a autorizar compras, mudanças dentro da Facopp. A pessoa responsável pelo departamento geral de compras da Unoeste chama seu Amilton. O Munir morria de rir porque toda segunda feira

eu ligava pra ele “Bom dia seu Amilton”. Dava 8h da manhã, 8:10 da manhã, ele acabava de sentar na cadeira dele eu ligava. “É a professora Carol daqui da Facopp, to te ligando por causa disso e daquilo.” Algumas coisas ele autorizava, outras ele não autorizava, mas nessa insistência a gente conseguiu mudar completamente a estrutura da Facopp. A gente tem uma estrutura hoje totalmente diferente.

O QUE ERA ANTES ESSAS SALAS AQUI?

Aqui era o Nucom, que era o Núcleo de Comunicação que se transformou na Agência Facopp posteriormente. Só que o Nucom ele fazia umas coisas assim publicitárias, mas na verdade ele era quase que um secretário, trabalhava mais como secretário da coordenação. E outra, era bem ocioso ali, ficava muito tempo sem fazer nada, era estagiário, tinha um funcionário estagiário e sempre era um aluno de publicidade porque era um núcleo de comunicação da publicidade. Aí a gente começou a observar que isso daí não tava funcionando, aí a gente pegou e falou assim. Aí o que que aconteceu, na verdade você já percebeu que ali onde é o laboratório de rádio tem a sala de criação que tá sendo desenvolvida, tem o laboratório de rádio e tem uma salinha que é do rádio, mas que não tá usando.

Então nós naquela época fizemos essa divisão em três e a gente mandou pra aquela salinha do rádio que ainda não tá usando porque falta umas questões técnicas pra serem desenvolvidas ali, nós colocamos o Nucom mais já chamando Agência Facopp Junior. Daí a Larissa assumiu a coordenação dessa agência e chamou vários estagiários, levou o funcionário. Ela já tinha um funcionário e dois estagiários remunerados na mão dela. Então ela chamou mais outros. A Larissa fez várias mudanças; foi bem legal. Daí depois de um tempo o Homero falou que ele tinha reivindicado um espaço maior e tal porque aquela sala era pra ser do rádio. A gente conquistou aquela sala que tava perdida ali. Não sei exatamente, acho que não tinha nada na sala onde é a Agência de Comunicação. A gente perguntou, essa sala tá abandonada, a gente não pode usar(?) é uma sala que não dá pra ser sala de aula, porque o formato dela não dá pra ser sala de aula. Aí a reitoria liberou e a gente transformou ela na Agência; só que ela dividia espaço com a Assessoria de Imprensa no início. O Portal Facopp nem existia nessa época.

Daí a Agência foi crescendo, a Assessoria foi crescendo, os computadores não eram suficientes. Existia ali era o D.A de comunicação. Não existi mais D.A mais ali ficava os arquivos do D.A. Quando os alunos tem D.A, os alunos tem direito de ter um espaço físico pra eles, enfim, a gente reformou. Então todos aqueles documentos do D.A, tinha aquela outra sala que hoje é a redação que era uma sala do pessoal da Veterinária mais que também era abandonada. Nós pedimos e eles também deixaram a gente deixar as coisas do D.A lá. Aí nós solicitamos pra reitoria, eles abriram mão da sala. Anos...isso daí, tudo demorou, foi um trâmite, demorou acho que uns dois anos pra que a gente pudesse fazer tudo isso. Eles abriram mão da sala e a gente transformou na redação. Daí a gente dividiu; publicidade fica num espaço e jornalismo fica no outro. Por isso que as redações de Assessoria de Imprensa, Portal Facopp e ECO foram pra lá, e esse semestre entrou o Gepec e o Nexu também lá. Porque a Mariangela não tinha o espaço pra poder ficar lá, aqui na Facopp.

E o Gepec tem que ter um espaço físico e lá tem computadores suficientes pra atender os alunos e tudo mais. Na verdade assim, depois nós falamos vamos fazer uma sala de professores. Aí como é que a gente fez? A gente fechou aqui, e sala dos professores ia até ali, e as pessoas entravam por essa porta, só que não tinha porta, não existia esse corredor. Os alunos passavam o tempo todo em frente aos professores, era uma coisa chata. Daí a gente falou assim: Vamos criar um corredor, mais vamos jogar vidro. A gente ficava muito fechado aqui. Demorou um tempão pra gente conseguir vidro. Eu ficava ligando no departamento de obras todos os dias pra conseguir o vidro. Demorou um ano mais ou menos. Ainda tem várias coisas. A gente tem vontade de fechar até em cima porque as vezes os professores tão conversando coisas que não é legal que os alunos escutem. Aí quando o Munir saiu essa sala aqui ela era assim, os móveis dela eram horrorosos.

Eu tinha horror a essa sala. Na época, eu sentava naquele canto o Munir sentava numa mesa grandona e a Larissa do lado dele. Ela numa mesa pequena e eu numa mesa pequena. Aí quando o Munir saiu e eu a Larissa falamos assim, vamos mexer, tira uma mesa, vamos mexer nessa coordenação. Aí pedimos autorização e o Crestes falou assim pra gente - o Crestes é o pró reitor acadêmico tá, tudo a gente conversa com ele pra saber o que que ele acha e a autorização dele. Daí ele falou assim “eu sinceramente não sei porque a Comunicação tem uma coordenação tão feia sendo um curso de Comunicação; não sei como vocês não fizeram nada até agora”. Pedimos mesa nova, pedimos tudo novo.

A gente tinha um armário enorme, falamos “manda pra qualquer lugar, mas a gente não quer ele aqui”. A mesa a gente repaginou, mandou trocar o estofado, a gente só deixou algumas coisas antigas que é um armário e a mesa, pedimos tudo. A sala dos professores também, a sala inicial era do jeito que estava com móveis de almoxarifado porque existe um lugar que fica guardado essas coisas velhas; um depósito na verdade e pegava as coisas de lá. A gente foi conquistando essas coisas, então hoje a gente se sente à vontade aqui. A gente acha que tem cara de Comunicação mas a gente tem alguns incômodos que a gente ainda vai mexer. Por exemplo o corredor, a gente acha que o corredor da Facopp não tem cara de Comunicação, ele tinha que ter cara de Comunicação, tinha que ter cor, tinha que ter muito mais coisas. A gente já tem projetos pra mexer no corredor, tem projetos pra colocar nossa lojinha no corredor, mas a lojinha acabou de começar, nasceu agora. A gente vai ter uma lojinha também no Portal Facopp que vai ser virtual, mais enfim.

A hemeroteca nós já mudamos de posição quinhentas vezes pra que fique melhor. A questão é a gente não pode se acomodar e eu e a Larissa a gente nunca se acomoda, e a gente combina. Esses dias eu estava lendo não sei onde, não me lembro o autor falando de relacionamento. Na verdade foi na igreja que eu ouvi isto, falando assim “o que falta em mim sobra em você”, e isso é pra mim e pra Larissa; o que falta em mim sobra nele. A gente se completa. A Larissa virou pra mim e disse “Carol eu toparia ser presidente do Brasil só se fosse com você”. A gente funciona junto, eu não me vejo sem a Larissa.

ANTIGAMENTE VOCÊ FALOU QUE O NÚMERO DE COMPUTADORES NÃO ERA SUFICIENTE PROS ALUNOS. COMO QUE FAZIA ENTÃO?

Primeiro que tinha muita aula e tinha que ter computador e não tinha, ficava só na conversa, não falava, não ia pra sala, não ia fazer. O jornal laboratório sempre existiu, por exemplo, mas a gente ia lá embaixo; a gente usava o Pagemaker que era uma coisa super antiga. Hoje você acha que esse número de computadores é suficiente? Nunca vai ser; a gente quer mais. Graças a Deus a gente vem aumentando o número de alunos. Por exemplo, o seu Amilton, aquele que é responsável pelo departamento de compras uma vez ele falou assim pra mim “vem pessoalmente aqui, que eu quero te conhecer; vamos ver se você me convence a comprar essas coisas” porque até então a gente só se conhecia por telefone e foi na época que eu pedi uma ilha de 20 mil reais pra TV Facopp e ele tava dizendo não.

Eu fui pessoalmente, argumentei e ele me deu sim pra tudo porque ele entendeu que era necessário. E eu disse pra ele “seu Amilton eu não to pedindo pra mim, não é pra minha casa, é pra Unoeste”. Por exemplo telões em todas as salas não tinham; tudo era diferente e a gente foi conseguindo. Daí ele virou pra mim e me disse “mais se eu te der tudo isso que você tá me pedindo você vai me dar sossego?”. Eu virei pra ele e disse assim “eu nunca vou te dar sossego”. Porque uma faculdade de Comunicação ela nunca tá pronta, ela tem sempre que tá com uma coisa nova. O Crestes me ligou essa semana pra saber sobre a sala de criação. “Carol tá aqui, o projeto da sala de criação a Larissa já deixou aqui. Mais vem cá tão me perguntando aqui se depois vocês vão pedir computador...” Daí eu falei assim “não pra sala de criação não, o projeto não vai ter computador porque tem os Macs do lado e não precisa”. Daí ele falou assim “então vocês não vão vir com outras coisas?”. Eu respondi “pra sala de criação não”. Mas pras outras coisas sempre.

QUANDO E COMO FOI CRIADO O LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA? SEMPRE FOI NAQUELE LUGAR?

Não. Ele foi criado quando a gente desmembrou a TV Facopp da rádio, o Laboratório de TV com o Laboratório de Rádio, aí a gente tirou, a gente eliminou uma sala de aula e a gente definiu no meio do corredor pra poder ter salas que intercalassem se não ia ficar tudo só num canto e nada pra lá. Aí ele me falou então essa sala de aula vai ser pra isso. Daí a gente dividiu e um espaço ficou pra um laboratório que coubessem 15 máquinas, esse é o espaço que hoje é a sala de criação. A gente colocou tudo mesinha normal, mandou comprar e tal e não deu certo; as mesas quebravam, as cadeiras quebravam. Os computadores as pessoas não cuidavam e ao mesmo tempo a gente tava pensando em ampliar o espaço e agente sonhava em ter bancadas com computadores do jeito que é hoje.

A gente chamou o pessoal da arquitetura, eles fizeram um projeto pra gente e a gente foi lá na FIPP chamar o coordenador geral da FIPP que é o Moacir, pra que ele viesse aqui pra ele nos ajudar a fazer o pedido pra reitoria. Pra que ele entendesse como funciona a comunicação. O Moacir mandou um cara dele passar uma tarde numa agência de publicidade pra ver que era só Mac que eles usavam, e aí o Moacir falou, não tem jeito, precisa ter Mac. Não dá pra usar outro equipamento dentro da publicidade. E ele tem muita força dentro da reitoria, ele é muito respeitado. Não é a toa que a FIPP é sim, a melhor do Brasil. Ele nos ajudou a fazer esse pedido, a gente conseguiu os Macs e a

gente conseguiu mais uma sala, dividiu no meio pra fazer dois laboratórios e fazer a sala de criação. Então na verdade é tudo gradativo.

A gente resolveu por porta de vidro porque a gente queria que todo mundo visse aquilo. E agora o nosso projeto é tudo vidro. A gente quer por vidro aqui na TV Facopp pras pessoas verem o pessoal da TV trabalhando. A gente quer por vidro em tudo. Na redação, na Agência, a gente quer mostrar as pessoas. Eles falam que a gente vai destruir esse prédio.

É muito gostoso, porque daí começa a ter cara de corredor de comunicação. Mesmo a gente não fazendo nada nos corredores, pelo menos os nossos laboratórios estão sendo mostrados.

JÁ TEVE ALGUM ESTAGIÁRIO?

Não, não tem nem funcionário porque na verdade é um laboratório de uso não tem nada a ver.

E COORDENADOR DO LABORATÓRIO? SE NÃO, PORQUE É O ÚNICO QUE NÃO TEM COORDENADOR?

Também não porque ele é um laboratório pra uso, ele não é um laboratório de estágio. Ele é um laboratório que é usado por todas as disciplinas, ele não é um laboratório que é utilizado por TV por exemplo, ele não executa uma coisa, ele executa tudo, então eu não posso tirar ele do uso de sala de aula. É um laboratório pra sala de aula. Então não vai ter estagiário, não vai ter coordenador. Hoje em dia a gente não chama nenhum coordenador de laboratório de coordenador, é supervisor. A reitoria que determinou que não pode ser chamado de coordenador, é supervisor.

O LABORATÓRIO É ABERTO PARA OS ALUNOS FREQUENTAREM FORA DO HORÁRIO DE AULA OU NÃO?

No começo não, a gente não abria de jeito nenhum por medo de estragarem as máquinas. Mas agora como a gente conseguiu ganhar funcionários que trabalham nos três períodos agora, tanto na hemeroteca como no rádio, como na TV tem funcionários no três períodos, nós definimos que sim porque a gente não pode impedir o aluno de fazer trabalho, inclusive nos Macs. Como é que a gente vai falar pro aluno aprender a mexer nos Macs se o aluno só tem o horário da sala de aula pra poder fazer isso. Como é que vai fazer o trabalho, ele tem que fazer o trabalho dele. Então agora que a gente tem a Rô quando ela ficar boa, mais por enquanto o Jorge, a responsabilidade, eles estão aqui. O que acontecia era que o aluno sempre precisava usar a tarde, não tinha ninguém. A gente não pode sem ninguém ser responsável e a gente deixar a chave, mas agora sim, pode.

MESMO DEPOIS DA CONQUISTA DOS MACS, AINDA TEM ALGUM PROJETO FUTURO IDEALIZADO PARA O LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA?

Tem ampliar. Dos macs por enquanto vai ficar esse número, mas a gente queria ampliar pelo menos os comuns. Porque por exemplo, tem professores

que falam que não tem condição de trabalhar com trinta, quarenta alunos dentro de uma sala de laboratório de quinze computadores.

A gente vive hoje um problema sério na Unoeste que é aumento de todos os cursos e não tem salas pra gente fazer mais laboratórios.

Falei hoje pro Crestes preciso de uma sala. Ele, não tem sala Carol. Eu, não, mas é porque vai entrar turma nova, a gente tá dividindo o curso. Aí ele, ah tá; pra turma nova a gente vai ver, mais pra laboratório agora não tem, esquece.

COMO E QUANDO FOI CRIADA A REDAÇÃO FACOOP?

A Redação ela foi criada ano passado (2013), ela entrou em fevereiro que também era um sonho, a gente precisava de um espaço que era nosso. Daí inicialmente era pra ser o Portal e a Assessoria, o ECO nasceu no meio do sonho.

Ah então vai ser um Laboratório de Jornalismo, mas como é que vai chamar? Laboratório de Jornalismo? Aí a gente definiu que o nome seria Redação porque todo veículo de comunicação tem uma redação.

A gente conquistou ela, a gente inaugurou ela em fevereiro de 2013, mas a gente começou a fazer todas as mudanças em janeiro de 2012. Demorou um ano. Os computadores chegaram em março de 2012, eles ficaram quase um ano parados porque eu não tinha a parte elétrica pronta, não tinha ar condicionado, não tinha pintado, não tinha não sei o que lá...

E tudo é burocrático. Tudo um depende do outro e não sei o que lá... Então demorou pra gente conseguir colocar em ordem, mais agora a gente tá beleza.

SEMPRE FOI NAQUELE ESPAÇO DESDE A IMPLANTAÇÃO?

Desde a implantação sim.

COMO É A ESTRUTURA? CONTA COM QUAIS EQUIPAMENTOS?

Ela conta com oito computadores, ela tem mesa de reunião, bancada de trabalho com computadores e espaço pra notebooks, tem telefone, tem impressora e tem scanner.

QUAIS FORAM AS EVOLUÇÕES DO LABORATÓRIO?

Agora só colocou uma mesinha nova pra Mariângela sentar lá, só isso.

QUANTOS ESTAGIÁRIOS TRABALHAM NA REDAÇÃO?

No ECO tem 5. O Pérsio é de todos, ele é estagiário da Redação, mais eu vou contar como se fosse do Portal só pra eu ter, Tem o Pérsio, a Aline, a Estéfani, a Taiane e a outra que eu esqueci o nome, cinco. Na Assessoria o Evandro e o Gabriel. Então são doze.

VOCÊ FOI A ORIENTADORA DO GRUPO IDEALIZADOR DO PORTAL FACOPP. FOI POR ESTE MOTIVO E POR SUAS ESPECIALIDADES QUE SE TORNOU A COORDENADORA DESTA LABORATÓRIO?

Na verdade o Portal Facopp é um sonho meu, eu que convidei os alunos a fazerem esse TCC.

Eu sempre quis ter um site. A gente tinha um site horroroso da Facopp; existia mais não era Portal Facopp. Ele era horrível, era preto e vermelho.

Eu tava pra sair de licença maternidade, eles estavam no 6º termo, aí eu cheguei e perguntei se eles tinham vontade de fazer um TCC assim. Eles abraçaram a causa e fizeram o TCC e desenvolveram o Portal. Com tudo que tinha dentro, foi um TCC super complexo, mais era uma equipe excelente pra trabalhar. Eles trabalharam muito bem. Então assim, o Portal é um sonho meu por isso eu sou coordenadora do Portal. Na verdade eu que pedi pra ser feito esse Portal, porque ele ia completar aquilo que faltava nas minhas aulas do jornalismo online, que era um espaço pra eu poder publicar e um espaço pro aluno exercitar a prática do online. Então a gente só tinha TV online o Portal veio depois.

QUAIS ATIVIDADES SÃO DESENVOLVIDAS NA REDAÇÃO?

São estágios; cada estágio tem o seu supervisor. Então depende, no Portal eles produzem texto, fotografam, vão atrás de matérias relacionadas a Facopp pra poder por como conteúdo Institucional no Portal.

Na assessoria eles tem coisas que são ligadas a Facopp, mas que tem interesse da imprensa.

O Eco ele tem um site próprio que foi desenvolvido por um grupo de alunos que eu orientei também. A Gi (Giseli) já era supervisora do Eco na época, mais aí a Gi passou a ter um espaço também pra colocar essas informações produzidas pelos alunos, que antes eram sempre só em blogs das instituições.

A REDAÇÃO TEM PARCERIA COM ALGUM TIPO DE PROJETO DA FACOPP OU OUTROS CURSOS?

O ECO tem parceria com a Agência porque eles atendem terceiro setor. Então ECO e Agência produzem para o terceiro setor. Só; o Portal não, é independente, a Assessoria não, é independente.

E tem o laboratório de fotografia. Eles trabalham em conjunto, é assim, a produção normalmente é do portal e o laboratório de fotografia que fazem as fotos da matéria e as vezes os próprios alunos do Portal.

COMO QUE É A SELEÇÃO DOS ESTAGIÁRIOS?

É por currículo e entrevista no Portal, cada um tem um jeito. Eu faço por entrevista e dou a oportunidade daqueles que já estavam no semestre passado continuarem se tiverem interesse.

A TV Facopp faz por quem tiver interesse vai lá e pede, mais tem que ser sempre no começo do semestre, não pode ser no meio.

A Assessoria de Imprensa também, quem tiver interesse vai lá e pede.

O ECO, a Fotografia e o Rádio eles fazem seleção.

QUEM FAZ O TRABALHO DE ALIMENTAR O PORTAL?

Os estagiários produzem o conteúdo e eu corrijo e público. Tudo passa por mim.

DE MANEIRA GERAL HÁ UMA BOA REPERCUSSÃO DO PORTAL?

Tem porque hoje os alunos entendem que o Portal é a fonte de informações pra eles. Se você quer saber sobre o que está acontecendo na Facopp, é no Portal. Porque o Portal é serviço, então é por onde você tem que entrar mesmo. E no máximo mandar um e-mail por meio do Portal, então ele tem que entrar no Portal de qualquer jeito.

Ele é bem visto sim. Existem momentos que tem mais audiência outros que tem menos, principalmente de acordo com o interesse da matéria que é publicada.

O PORTAL JÁ PASSOU POR ALGUMA REFORMULAÇÃO? SE SIM, QUAL?

A gente já fez algumas pequenas mudanças dentro da própria página. Nós já tiramos alguma coisa que não era interessante, que o pountpourri cultural; a gente mostrava tudo que rolava de eventos culturais na região e principalmente Prudente. Mais o engraçado era que os estagiários não tinham interesse em correr atrás disso, os alunos acabavam não ao visitando porque ficava vazio, falei então vamos tirar isso do ar, era um negócio que não era atualizado. O Clik Facopp é novo, ele foi colocado lá depois, a página no Facebook foi colocado pra ser curtida lá. Agora a Agência ta fazendo uma reformulação da página que tem dentro do Portal Facopp. Mais pequenas mudanças; eu quero fazer uma grande mudança ainda.

ENTRE TANTAS, QUAL SUA PRINCIPAL CONTRIBUIÇÃO PRA FACOPP?

Eu adoro a Facopp; pra mim é um prazer trabalhar aqui. Eu gosto de ter ideias, eu gosto de executar ideias, e eu tenho essa abertura, pensar e concretizar ideias. As vezes até demora um pouco, mas a gente consegue. Eu não sei dizer qual a principal contribuição que eu tive pra Facopp, mas a Facopp teve bastante contribuição pra mim. Eu gosto muito daqui.

COMO SURTIU A IDEIA DE FAZER A MOSTRA ACADÊMICA?

A mostra foi uma ideia da Larissa junto com a Silvia. Na verdade foi assim, existia a mostra dos trabalhos do 6º termo da Thaisa, daí um dia conversando a gente lembrou que era tão boa a mostra da Thaisa do 6º termo e não tem mais... mais o problema é que era tudo em cima da hora, era sempre no final do semestre, tava todo mundo cansado, ninguém conseguia se envolver. Então pensamos, porque a gente não faz uma mostra no começo do semestre seguinte com os trabalhos que foram feitos no semestre anterior. Todo mundo tá com um gás novo, ta com vontade de fazer, todo mundo participa e tal. E aí a gente começou a fazer. Lógico que sempre tem os professores que se envolvem mais tem os professores que se envolvem menos. Então aqueles que se envolviam mais tinha só trabalho deles, muitos trabalhos deles, enfim. Foi muito ideia da Silvia e do Josué que ajudou na primeira mostra, foram os dois. Só que como o próprios professores começaram a ver que os alunos

gostavam de ver, de saber o que tava rolando, os professores começaram a participar mais e a colocar mais seus trabalhos. Esse semestre, porque a mostra tem todo semestre, a gente teve bastante professores que trouxeram ideias pra melhorar a mostra. Então a mostra também é uma coisa que ta em construção; todo semestre a gente muda, a gente descobre alguma coisa legal que a gente pode fazer. E futuro é que a gente convide escolas pra vir ver a mostra. A gente quer mostrar fora da Facopp, o que é jornalismo e publicidade.

O CINE FÓRUM QUANDO COMEÇOU, DE QUEM FOI A IDEIA?

O Cine Fórum eu não lembro quando foi que ele começou, mas foi a época que estávamos nós três aqui eu, Munir e a Larissa. Eu acho que ele é uma ideia do Munir lá atrás. A gente começou a perceber que os nossos alunos não conheciam cinema e na comunicação é obrigatório. Você tem que conhecer, tem filmes que são clássicos, que são essenciais pra formação do comunicador tanto jornalista quanto publicitário. Criamos e acho que fizemos uns quatro semestres de Cine Fórum pra todos os termos que era só a exibição do filme o debate posterior ao filme e ganhava três horas atividades pra quem participasse.

O que nós notamos? O que a gente nota em quase todos os nossos eventos; o pessoal da habilitação desaparece e só vem tronco comum. O pessoal da habilitação tira férias. A gente começou a analisar as listas de presença e concluir que realmente não tinha habilitação. Foi quando a gente falou que já que a habilitação não quer então tira a habilitação porque não é um momento pra matar aula. A gente não cria eventos pro aluno falar “opa, não tem aula”; se não, não tem sentido. Então o que aconteceu... vamos tirar a habilitação mas vamos vincular com trabalho, porque se a gente deixar só na exibição do filme também ninguém vem. A gente teve uma reunião com os professores, discutimos com todos os professores o que eles achavam do Cine Fórum. Ele falaram pra fazer um filme pro 1º, um filme pro 2º, um filme pro 3º e um filme pro 4º, mesmo dia exibição e tal. Mas todos os professores que sugeririam juntos aí ficou um professor responsável por cada termo pra poder juntar isso, ver um trabalho único e tal.

O tipo de trabalho, eles fizeram projeto mais ele não ficou bem definido porque a ideia era que esse trabalho fosse um trabalho pra todos, mas como é que seria dada a nota. Até que resolvemos que cada professor podia dar o trabalho da forma que ele achasse que devia, que cabia desde que todos desenvolvessem o Cine Fórum dentro da sua disciplina. Então agora é assim; É do 1º ao 4º termo os alunos tem que fazer trabalho com todas as disciplinas. As vezes é só um debate, as vezes é um trabalho escrito, ou as vezes é uma exposição como aconteceu com a Malu, enfim. Mas assim é importante! Os filmes que são colocados no Cine Fórum são importantes pra formação do aluno.

QUAIS OS CRITÉRIOS, QUEM ESCOLHE OS FILMES?

Os professores que sugerem, aí geralmente tem uma lista de filmes e uma votação entre professores.

AS HORAS COMPLEMENTARES CONTINUAM TRÊS HORAS?

Continuam.

O QUE MARCOU SUA VIDA DURANTE O PERÍODO QUE ESTÁ NA FACOPP?

Na verdade assim, porque que eu gosto de trabalhar na Facopp? Porque a Facopp me renova, ela me recicla. Você sempre tá com pessoas novas o tempo todo, os alunos trocam. Por mais que a gente sinta saudade de muitos alunos a gente ganha novos alunos. E por serem novas pessoas, essas novas pessoas primeiro nos estimulam a estudar mais e nos ensina muito. Eu gosto de lidar com gente, eu tenho necessidade de lidar com gente e acho que não tem lugar melhor pra lidar com gente do que numa faculdade. A gente tem uma equipe de trabalho muito legal de professores porque a gente é bem unido. Que nem eu e a Larissa, o fato da gente ser coordenadora não muda nada, a gente é igual a todos. A gente trabalha juntos, a gente tem ideias juntos, a gente briga juntos.

Eu acho difícil, são poucos os lugares que a gente trabalha como diz Munir que a gente “trabalha como música, por música”; é bom trabalhar aqui.

Desde quando existem estagiários internos? Desde o Nucom, lá atrás, que era remunerado e tal, mas faz muito tempo. Mais o que começou ampliar a abrir estágio, foi a TV Facopp. Porque o Nucom era assim, sempre um estagiário de publicidade e um funcionário, não tinha quase que seleção, era escolhido e tal.

Eles sempre perguntavam por estágio pra gente mas a gente só podia dar estágios fora. A TV Facopp surgiu em 2008, a gente já teve equipe da TV Facopp de 20 alunos, 20 estagiários ao mesmo tempo jornalismo e publicidade. Foi bem gostoso também, foi ruim, foi bom.

A gente teve equipes grandes que foram ótimas e grandes que foram péssimas; são experiências. Mais foi a TV Facopp que começou tudo.

A TV Facopp veio e deu certo, daí depois o Portal e a Assessoria, a Agência e aí depois nós meio que definimos que todos os laboratórios deveriam ter estágio porque a gente queria que usasse aquele espaço mais.

DESDE QUANDO EXISTE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO?

Isso é uma exigência do MEC. Eu acredito que a gente colocou o estágio supervisionado aqui desde 2007 mais ou menos, 2008 por aí. Instituiu um professor que fosse responsável no Jornalismo e outro na Publicidade, foi feito um regulamento e colocado.

QUAIS OS PONTOS FORTES E FRACOS DA FACOPP?

Eu acho que como toda empresa a gente tem quem ajuda e quem não ajuda. Tem quem abraça e quem não abraça. Como diz o Crestes “tem quem tá aqui porque é o seu trabalho, porque é aquele lugar que quer tá e tem quem aquele que faz bico”. Então se todos pudessem trabalhar juntos, fazer juntos seria melhor. Isso daí eu acho que é um dos pontos fracos mais eu acho que dos que trabalham junto suprem os que não trabalham.

Eu acho que a gente podia ter um vestibular mais forte mais isso daí eu acho que nem sei se devia ser colocado porque pra dar uma valorização, pra dar um

filtro mesmo no curso. Já que não tem essa questão do vestibular que é uma coisa que a gente fala por todos os cursos. A gente podia ter um nivelamento maior desses alunos, a gente podia ter uma abertura de aulas de português, porque a gente tem um problema muito sério com português aqui na Comunicação. A gente recebe muitos alunos que não tem uma base e eles vão começar aqui e não dá pra começar aqui. Pra começar eles teriam que ter um a base de português mais forte então a gente pensa num nivelamento. Alguns cursos de exatas, biológicas por exemplo fazem nivelamento em química porque eles entram sem saber nada e a química orgânica é fundamental, aí eles tem aula de cursinho mesmo. A gente queria essa aula de cursinho em português aqui. A reitoria tem falado bastante disso, todos os cursos tem reclamado porque o português é uma coisa importante pra qualquer curso não é só pra Comunicação.

Tem curso de português gratuito que é pelo professor Gilvan que é dado mais a procura ainda não é muito grande. A gente queria uma coisa meio que da Facopp mesmo, específica. Tem projetos e tem também que tá sendo desenvolvido o tal do apoio psicopedagógico do aluno. A gente lida com pessoas, muitas pessoas e essas muitas pessoas tem muitos problemas que sejam pessoais, que sejam profissionais e tudo mais, ou que sejam de doenças por exemplo, então nós não somos formados e psicologia pra resolver alguns tipos de problemas. A gente tem muitos alunos que a gente sabe que tem síndrome do pânico, que tem depressão profunda, bastante alunos com problemas sério que eles poderiam ter um acompanhamento. Isso já tá sendo feito pela Unoeste agora um apoio psicopedagógico pros alunos pra poder encaminhar. Outro ponto fraco que seria da instituição também uma equipe, um centro médico aqui específico. Eu já tive muito caso de aluno que teve convulsão e a gente não tem muito o que fazer. Eu tive um aluno do 1º termo que teve um ataque epilético. A Édima já caiu da escada e quebrou a perna, professor que baixa a pressão e demora pra chegar, então isso é uma coisa que é um ponto fraco também.

ÉDIMA DE SOUZA MATTOS – PROFESSORA**QUANDO FOI CRIADO O NEXU?**

O NEXU- Núcleo de Extensão Universitária - foi fundado em 2.000 na gestão da Diretora Dra. Astrogilda Rosa Beneli.

DESDE A CRIAÇÃO FOI A SENHORA A SUPERVISORA?

Fundi e coordenei o NEXU durante oito anos.

COMO FUNCIONAVA O NEXU ANTES?

O Núcleo era formado por um grupo de professores comprometidos com o Ensino, Pesquisa e Extensão da Faculdade de Comunicação Social. Tinha como objetivos principais promover atividades acadêmicas que visassem ao desenvolvimento cultural e pessoal dos discentes, com aulas de nivelamento de conteúdo e atendimento psicopedagógico. Professores de diversas disciplinas ministravam, semanalmente, em horário diferente das aulas, conteúdos desenvolvidos em sala de aula.

Havia, também, um departamento de monitoria, em diversas disciplinas, que proporcionava aos discentes trocarem ideias e experiências entre os colegas.

Os professores se reuniam quinzenalmente e fundamos o GEPEC/Grupo de Estudos e Pesquisas em Comunicação a fim de discutirmos e realizarmos pesquisas advindas das atividades realizadas pelo NEXU. Dessa ação resultou-se a criação da Revista Identidade, cujo primeiro número foi lançado em 2002. Houve ainda o lançamento dos números 2 e 3.

Fui também a coordenadora do GEPEC.

Os dois departamentos serviram de base para sustentar o tripé: Ensino, Pesquisa e Extensão da Faculdade de Comunicação Social.

GISELLE TOMÉ – PROFESSORA

QUANDO E COMO ENTROU PARA O CORPO DOCENTE DA UNOESTE E COMO FOI SUA CONTRATAÇÃO?

Faz quatro anos que entrei e foi para cobrir a licença maternidade da professora Carolina (Mancuzzo). Ela era coordenadora na época. Ela ia ter nenê e perguntou se eu poderia assumir, porque eu que assumi a disciplina de edição, porque eu atuava na área, gosto muito de edição. Entrei a princípio para cobrir a licença maternidade dela, depois, deu certo e eu continuei e assumi outras disciplinas.

QUEM ERAM OS COORDENADORES DE CURSO NA ÉPOCA EM QUE PASSOU A LECIONAR AQUI?

Era o Munir como coordenador geral, a Carol de jornalismo e a Larissa (publicidade).

QUAL DISCIPLINA VOCÊ LECIONA HOJE?

Língua Portuguesa VII para o 7º termo, Jornalismo Especializado também para o 7º termo e História da Cultura e dos meios de comunicação para o 4º termo.

QUANDO E COMO FOI CRIADO O ECO, LABORATÓRIO QUE VOCÊ COORDENA?

Ele é um trabalho de três TCCs. Um era o estudo do ECO, falando de sua possibilidade, outro de implantação e depois teve o TCC da criação do site do eco. Foram precisos três TCCs para sustentar o ECO como ele é hoje.

COMO FOI CHAMADA PARA COORDENAR ESTE LABORATÓRIO?

Como o ECO tem a parte das publicações jornalísticas e empresariais e minha especialização é em jornalismo empresarial e por eu gostar, ter afinidade com o terceiro setor, me foi feito esse convite pela Carol, se eu teria interesse em coordenar esse laboratório.

QUAIS ATIVIDADES SÃO DESENVOLVIDAS NELE?

Os alunos tem contato com todas as instituições de Presidente Prudente e região que se enquadrem no terceiro setor, eles desenvolvem matérias de abastecimento do site e alguns estagiários ficam específicos em algumas instituições. Inicialmente foram o Betesda e o Bezerra de Menezes. Esse ano nós trocamos o Betesda, pois estávamos com eles desde o começo. Isso quer dizer que temos um tempo, que podemos trocar de instituição para ajudar outras que não tem esse trabalho. O aluno que ficou fixo no Bezerra, inclusive, foi contratado pra assessoria de imprensa. Essa semana fizemos uma parceria com a Unipod, que foi tema de um TCC e que eu vi que é uma instituição que tinha bastante demanda, precisava, que era bem aberta a esse tipo de trabalho, então começamos a trabalhar com um estagiário específico lá para

levanta pautas, ver o que eles precisam especificamente de comunicação interna. Pois conseguimos fazer um trabalho bem legal com o estagiário dentro do Bezerra, como varal para informação, fotografia, comunicação interna, que é também o objetivo desse laboratório, é terceiro setor e comunicação interna. Agora está um pouco mais externo porque nós estamos fazendo o abastecimento do site. Então, foi positivo. No ano passado, o ECO fez parceria com a Agência de Publicidade, e as instituições que atendemos e pudemos verificar que necessitam de material de campanha e divulgação, nós passamos para a agência produzir conteúdo. A parceria rendeu vídeos institucionais, inclusive com o Thiaguinho, falando que também apoiava a instituição, para divulgá-la. Nosso objetivo é que os alunos tenham contato com o terceiro setor, que saibam dessa realidade, que aprendam a olhar e pensar em ações de jornalismo empresarial, principalmente de comunicação interna. O maior objetivo é de ajudar na conscientização do que é o terceiro setor, quais são as instituições, os que elas querem, como ajudar...

CONTA COM ESTAGIÁRIOS? QUANTOS?

Estamos com cinco. Varia entre cinco e seis.

COMO É O PROCESSO DE SELEÇÃO DOS ESTAGIÁRIOS?

Todo começo de semestre eu anuncio no portal que estamos com processo de inscrição, onde o aluno escreve uma carta dizendo porque quer fazer parte do ECO, o que ele faz, e ali eu faço uma avaliação, converso com os inscritos, pergunto se eles sabem o que é o laboratório e depende da demanda dos interessados.

QUAIS SÃO OS PROJETOS FUTUROS PARA O ECO?

Ter estagiários que fiquem específicos em uma única instituição, porque isso foi bacana, e os outros ajudando no abastecimento. E a parceria com a agência, que é uma coisa nova. Queremos fomentar mais isso, queremos que as peças sejam veiculadas, por que as instituições tem questões financeiras e muitas vezes as peças são criadas mas não são veiculadas por falta de dinheiro. Então queremos que elas ganhem as ruas, os outdoor, jornais, revistas.

HOMÉRO FERREIRA – PROFESSOR, EX-COORDENADOR E EX- ALUNO DA I TURMA

COMO FICOU SABENDO QUE O CURSO DE COMUNICAÇÃO SERIA ABERTO NA UNOESTE?

Homero: Eu já trabalhava a um bom tempo tanto em rádio quanto jornal, quanto de assessoria, apresentação de cerimoniais, de tal forma que eu já estava envolvido que já possuía registro de jornalista, a princípio provisionada e depois se tornou definitivo. Então, trabalhando no meio de comunicação foi que eu tive a informação que a Unoeste abriria o curso. Embora, para o meu exercício profissional eu já tivesse um credenciamento, mas na verdade eu não queria só a habilitação, estar habilitado, queria sempre estar melhor para ser qualificado, e continuo até hoje querendo estar melhor qualificado para trabalhar. Fiz esta aposta e penso que apostei certo, até porque se não tivesse feito a faculdade não lecionaria hoje nesta faculdade.

POR QUAL MOTIVO ESCOLHER CURSAR JORNALISMO?

Porque eu já trabalhava nessa área. Minha primeira graduação foi no direito. E tem uma passagem que me é interessante, que o Dr. João Batista Mimesse Gonçalves, que foi meu professor de direito penal na Instituição Toledo de Ensino, era promotor público, ele me entusiasmou muito e motivou muito para que eu seguisse carreira, uma carreira no ministério público. Eu pedi desculpas para ele porque eu queria na verdade a carreira de jornalismo. Esta era essa minha opção profissional, continua sendo e em relação a outras oportunidades, possivelmente até com remuneração melhor, eu não tenho arrependimento disso. Essa é a minha vida.

QUEM ERAM OS COORDENADORES DE CURSO NA SUA ÉPOCA? HOUVE MUDANÇA DE COORDENAÇÃO DURANTE O CURSO ENQUANTO VOCÊ FOI ALUNO?

Sim, mas na verdade não tinha essa expressão coordenação, nós tínhamos exclusivamente no primeiro momento o diretor. Primeiro Carlos Aparecido Manfrim (jornalista), depois Carlos Alberto Vicchiati. Aí surgiram as coordenações, várias pessoas passaram pelas coordenações de jornalismo e de publicidade. A professora Marcela Marino que ainda está aí passou pela coordenação de publicidade, professora Thaísa passou pelo jornalismo, uma boa coordenadora. Naquela ocasião a professora Sandra Nascimento passou pela coordenação de jornalismo e na sequência de direções, durante o período em que eu fiz o curso foram dois: Carlos Manfrim e Carlos Alberto Vicchiati. Depois eu vim para dar aula ainda com o Carlos Alberto Vicchiati, veio a professora Astrogilda Rosa Benelli como diretora, depois o professor Gilson Catussi, e dessa sequência de diretores eu fui o último com um período curto, conforme um entendimento que era meu com a diretoria. O professor Munir era o coordenador da área geral e na coordenação de publicidade estava a coordenadora Larissa Crepaldi. Com a minha saída o professor Munir foi para a coordenação geral, já não era mais diretor era coordenação. A professora Larissa permaneceu na coordenação de publicidade e a professora

Carol Mancuzo (Carolina Costa Mancuzo) veio para a coordenação de jornalismo que é estrutura que hoje aí está.

O SR. FICOU QUANTO TEMPO NA COORDENAÇÃO?

Fiquei menos de um ano. Na verdade o entendimento era para seis meses para compor algumas situações de ordem administrativo pedagógica e acabei ficando quase até o final do ano. Alguma coisa assim.

COMO VOCÊ VÊ ESSA EXPERIÊNCIA DE TER SIDO COORDENADOR DO CURSO?

Primeiro foi uma experiência rica de poder enxergar a estrutura dentro do conjunto, a Facopp dentro da instituição Unoeste. Como isto é gerenciado, como isto é gestado, como isto é tocado. Então foi uma experiência rica embora não fosse o meu desejo. O primeiro convite houve uma relutância, mas entenderam que a missão seria minha e como sempre trabalhei sob missão, no sentido até de submissão em função da ordem das hierarquias, eu já trabalhava pra casa, eu atendi o pedido da Dona Ana, formulado através do pró-reitor Dr. Castre e do Ney Azevedo que é o chefe do Departamento Pessoal.

QUAIS OS OBJETIVOS QUE VOCÊ TINHA QUANDO COMEÇOU O CURSO, E ELES FORAM ALCANÇADOS? DE QUE FORMA?

Os objetivos foram além das minhas expectativas, eu pretendia melhorar a minha capacidade profissional, um corpo de professores extraordinários, excelentes, uma turma em que muitos já estavam no mercado, isso foi uma grande contribuição. Os que ainda não estavam também, emprestaram para mim, uma grande contribuição, porque você passava a fazer questionamentos em relação como os mais novos pensavam em relação aquilo. E eu penso que o ganho maior além desse relacionado a prática do profissional jornalista, essencialmente como repórter, como aquele que trabalha na rua, coisa que eu mais gosto; mas talvez o que evidencie o maior ganho, foi ter vindo lecionar na Facopp e ter este privilégio de poder relacionar com os jovens, aliás uma juventude emergente que aí está, e com esta juventude sempre estar reestruturando o pensamento da prática jornalista. Embora a prática jornalista ela seja ao longo de todos os tempos a mesma prática, que é o de buscar a informação e depois apurar detalhes desta informação buscando outras informações, para nesse conjunto de informações, construir uma matéria que é elemento de notícia e consequentemente noticiar esta informação; acho que esta base é a mesma. Mas, você vai tendo diferentes plataformas como veio depois os próprios produtos de internet, talvez a condensação dos textos do jornalismo impresso, a forma de fazer televisão, tudo isso você vai se adequando. E o processo de lecionar, não é um processo só de ensinar, ele tem mão dupla, você ensina e aprende e com o detalhe que quando o aluno chega até nós, já tem dois aprendizados definitivos da vida dele, que é o aprendizado aberto pela rede de computadores e o aprendizado da própria vida. E somado tudo aquilo que trouxe de bagagem escolar, então ele não chega a zero, ele não é alguém que está sempre partindo de um ponto zero

conosco, ele sempre está partindo de alguma coisa e muitas vezes nos oferecendo informação que a gente ainda não tem ou que ainda não refletiu suficientemente sobre ela; então é um processo de eterno amadurecimento, eu acho assim.

QUAIS LABORATÓRIOS EXISTIAM EM SUA ÉPOCA E QUAIS EQUIPAMENTOS ERAM UTILIZADOS NELES?

A Facopp começou lá no Campus I. O Campus I propriamente nenhum laboratório, se a memória não me falha o professor Paulo Miguel pode me confirmar isto; ele improvisou um laboratório de fotografia pra revelação, e a gente utilizava lá, foram isto nada. Quando veio aqui ainda era revelação de fotografia, e vocês sabem que conhecem a estrutura do laboratório que tem os tranques para revelação, essas coisas todas. Aí aqui (Campus II) foi instalado o laboratório de rádio, foi instalado televisão, nós usamos quase nada, muito pouco, quase nada nós utilizamos. E só uma observação, fora esses, nenhum. Dentro destas questões, o único professor que permanece na Facopp e deu efetivamente aula para a primeira turma se chama Paulo Henrique de Barros Miguel, esse é o pioneiro de todos os tempos; alguns outros vieram bem recentemente, é o caso da Professora Édima, mas que deu aula para a minha turma e que permaneceu com todas as outras turmas que vieram é o Paulo Miguel. Ele deu aula para mim, foi o meu professor. E é natural né, por que eu sou bem mais novo do que ele, bem mais jovem (risos). Mas na verdade, falando sério, eu sou bem mais velho que ele, mas ele foi meu professor.

O SR. DISSE QUE A FACULDADE COMEÇOU NO CAMPUS I, ELA NÃO FOI IMPLANTADA AQUI DE INÍCIO? MAS A TURMA DE VOCÊS ESTUDARAM LÁ (CAMPUS I) OU AQUI (CAMPUS II)?

Estudou o primeiro ano lá (Campus I) e segundo ano lá, e o terceiro e quarto ano no aqui (Campus II), onde habilitação foi aqui. Outra questão é que lá tinha, lá entrou a segunda turma e a terceira turma, quando nos mudamos para cá nós viemos com três turmas. Não, a primeira e a segunda, a terceira já começou aqui, são dois anos. Entramos, entrou outra, nós ficamos. A partir da terceira turma aqui. A formatura foi da vigésima quinta, quer dizer de 25 turmas, 23 estudaram exclusivamente aqui. A duas primeiras, dois anos lá e dois no anos aqui; a segunda um ano lá e três anos aqui.

COMO ACONTECEU SUA ENTRADA NO CORPO DOCENTE DO UNOESTE, FACULDADE EM QUE SE FORMOU? COMO FOI O CONVITE?

Eu costumo dizer que nunca fiquei fora da Unoeste, então sou lá o resgate desde a primeira turma. Estudei os quatros anos de 1995 a 1998 que foi a nossa formatura, 95, 96, 97, 98 em 1999 a Comissão Organizadora da Semana de Comunicação me convidou para que eu fizesse uma palestra e o tema que me foi dado é que eu apresentasse um histórico sobre os meios de Comunicação de Presidente Prudente e região. Como o que existia, como isso caminhou e como isso evoluiu, diríamos assim. Fui nessa palestra no Teatro César Cava assim que eu terminei a palestra o diretor César Carlos Vicchiati me chamou lá no próprio ambiente e falou que gostaria de convidar você para

dar aula, e eu gostaria de conversar, podemos agendar um horário, e foi assim. Aí eu vim e ele acertou, se não me engano a semana era no mês de setembro, era realizada no mês de setembro, de tal forma que em 1999 que comecei no comecinho de 2000. Estou no meu décimo quinto ano de minha atividade aqui, aí não sai mais daqui. Fiz várias outras atividades paralelas, mas sem deixar a faculdade.

ENTÃO, OS DOIS ANOS QUE O SR. FICOU FORA DA UNOESTE FOI 98 A 2000 E DESENVOLVEU ATIVIDADES EXTRAS?

Fiquei 1999. Mas quando vim pra cá por exemplo, eu trabalhava no Imparcial, continuei trabalhando no Imparcial e vinha dar aula aqui. Eu nunca deixei de ter uma outra atividade além da aula aqui (Campus II). Eu sempre tive até mais de uma atividade paralela, vamos dizer assim.

E O QUE MARCOU SUA VIDA NO DECORRER DO CURSO?

O que marcou minha vida no decorrer do curso acho que as pessoas de uma forma geral, em termos de amigos, aqueles que já estavam na mídia, que permaneceram, novos que surgiram, talvez entre os novos, talvez não, entre os novos; referencias assim que se posicionaram no mercado. O Rildo Herrera que ficou mais próximo da gente, que foi para a televisão. A Maria Ferri que era colega de turma que está na Record Brasília, fora tantos outros que estavam aí que foram caminhando, estou dando assim umas referências, então esses avanços, essas conquistas são importantes em relação aos nossos colegas. E em relação assim aos professores, esse carinho, essa admiração, esse respeito, esse encantamento profissional que eu tenho pelo Paulo Miguel, enquanto repórter fotográfico, parceiro em algumas jornadas, que eu tive o prazer de conhecer o pai dele, colega radialista, o Badi Miguel, que tive a oportunidade de entrevista-lo, em uma matéria especial em Rancharia na casa dele, junto com o meu ex-patrão, saudosa memória do Mário Pereti um dos donos do O Imparcial. Então essa aproximação, esse envolvimento foi muito rico. Em termos de professores assim, todos os professores são muitos bons. O Professor Cabrera que até hoje leciona na Unoeste, Luiz Antonio Sobrera Cabrera, está lecionando no direito, faz algumas atividades como professores, espetacular. A professora Darci Aparecida Lessi, que hoje trabalha, que hoje é coordenadora pedagógica da Unoeste, uma professora também espetacular, fantástica. Nós tivemos muitos bons professores. O próprio Carlos Manfrim, Carlos Vicchiati, acho que todos. O Paulo Boni que veio da UEL de Londrina que lá permanece ainda, mas que passou um período aqui, uma figura assim humana, profissional extremamente admirado, de uma competência muita grande. Então diríamos assim, que cria-se algumas paixões. Tive três paixões: Paulo Miguel, Darci e o Paulo Boni. Somos um reflexo dele, essa cultura vai criando deles. Na verdade todos os professores foram importantes para nós, mas como você falou quem mais marcou, a gente está falando de alguns xodós. Muitas mudanças aconteceram na Facopp, especialmente a questão dos laboratórios, essa cultura que foi criada. Vou falar na linguagem popular, a pegada de uma turma vai passando historicamente para outras turmas. Eu penso que só do aluno entrar dentro da Facopp e dizer: Eu sou aluno da Facopp, faz diferença, por que tem uma história lá atrás. E uma história de ex-

alunos que se tornaram professores. Aí está a Lêda Márcia Litholdo, Carolina Mancuzo, professor Xandu que agora saiu mas que ficou um bom tempo aí, e tem outros professores também que trouxe essa história. Professores referenciados com outros professores, e toda essa estrutura que se tem vários laboratórios, você tem várias mídias, no caso da Tv Facopp, Rádio Facopp, Eco, Agência. Você tem toda uma estrutura muito gigante de perto do que é. O que nós tínhamos era o Jornal Espalha Fato, que vocês fazem agora com outro nome, Ligação.

PEGANDO ESSE GANHO QUE É DO JORNAL, ERA SÓ ESTE PRODUTO QUE VOCÊS FAZIAM EM SALA? E ELE ERA DISTRIBUÍDO? DE QUE FORMA?

Distribuído na própria faculdade, os alunos espalhavam e levavam para onde moravam, para algum canto.

MAS TINHA MAIS ALGUMA OUTRA PRODUÇÃO?

Do que eu me recordo mesmo é do espalha fato. Nós fizemos algum outro produto. Mas o que era frequente, com o professor era o jornal espalha fato, com o professor Paulo Miguel na fotografia.

A REVISTA NÃO EXISTIA NESSA ÉPOCA?

Não lembro.

HOVE ALGUM PROFESSOR QUE MARCOU?

Já aponte os três, a paixão foi muito acelerada e intensa, acho que todos de uma forma geral marcaram, a gente não pode ser ingrato, tanto é que nossos produtos de formatura em todos os professores que estavam na Facopp, inclusive professores que não haviam dado aula pra gente, mas acho que é esta questão de apego de carinho, embora todos trataram com muito carinho; uma grande contribuição.

E DISCIPLINA, ALGUMA CHAMAVA SUA ATENÇÃO? QUE A CAROL FALOU PRA GENTE QUE ELA TINHA AULA DE DANÇA, DE TEATRO.

É que era atividade extra e foi instalada, não tivemos propriamente atividade extra. Em todas as aulas o que foi muito interessante, os debates que eram estabelecidos, por que vinha o que a academia oferecia, que era fruto da consciência. As nossas experiências já no campo profissional, e as expectativas, algumas experiências que, de uma a outra que ainda estavam no mercado.

ENTÃO TODAS TIVERAM IMPORTÂNCIA?

Todas assim, em um nível muito parelhos, muito comum. Talvez o diferencial pra mim foi a questão da especialização no jornalismo de algumas áreas e uma visão um pouco mais específica, mas no geral foram parelhos

E QUAIS AQUELAS QUE O SR. ACHOU QUE FORAM DESNECESSÁRIAS, OU NÃO FORAM IMPORTANTE?

Não. As vezes no decorrer do tempo, e eu já refleti sobre isso, por que que a gente não entra já e acho que o aluno pensa assim também, disciplina de jornalismo, disciplina de rádio, e por aí vai, de fotografia, pra quê sociologia, porque filosofia, porque semiótica. Mas quando a gente está na vida prática, a semiótica é de uma importância, todas essas disciplinas são de uma importância muito grande. Uma historinha que eu costumo cantar, fazer correspondência do Jornal estado de São Paulo, inclusive já fazia quando estudava também, fiz com 16 anos. Antes e depois de estudar, antes eu já fazia, fiz enquanto estudava e fiz depois. Naquele tempo quem ganhava na loteria ficava milionário, e um moço de Santo Anastácio, ganhou a tal bolada na loteria e virou milionário, e o Jornal Estado de São Paulo não era nem, em função da Agência de Estado onde eu trabalhava que pertence ao jornal, mas a matéria era exclusiva do jornal. Numa ação dividida em busca da ação com o jornal globo do Rio através da correspondente globo interior de São Paulo, que ficava em Bauru.

E precisava cruzar informação, eu sei que cruzaram a informação e a síntese da história é o seguinte: Eu consegui localizar o cara porque era em Santo Anastácio, mas no começo nem sabia que era Santo Anastácio, foi todo um dia de muita correria, e eu cheguei a Santo Anastácio e esse cara era um servente de pedreiro que estava trabalhando na reforma da penitenciária do Carandiru, um cara que tinha um problema relacionado a bebida e a vida sofrida que levava. Eu sei que fui chegar primeiro na casa de uma mulher cuja filha tinha sido, até a véspera, namorada desse servente de pedreiro e que estava trabalhando na roça, e que tinha mandado uma carta para ele desistindo dele por causa do problema da bebida, e esta mulher me referenciou, que fui chegar, foi onde eu consegui uma fotografia dele, para imagem que nós utilizamos no Jornal o Globo.

Fui parar na casa do pai, quando eu cheguei, o pai foi atender um telefonema desse filho, porque eles não tinham telefone, pessoas pobres, gente voltada ao trabalho, as ocupações, o homem era carroceiro, fabricante de vassoura, aí ele foi para atender esse telefone. A irmã ficou nervosa, porque eu apareci com uma viatura do Jornal imparcial, onde eu trabalhava, ela dizia para a mãe, se eu cheguei lá com aquele carro é porque tinha alguma desgraça relacionada a irmã dela. E eu não podia na verdade falar que o irmão tinha ganhado na loteria porque eu não tinha essa confirmação, eu estava atrás dessa confirmação, mas antes precisava saber quem era o cara, ter referências para somar dois mais dois dá quatro. E essa moça ficou muito brava, ao ponto assim, que se eu não tivesse habilidade, aí a habilidade vem do tratamento com o pensamento humano em relação as pessoas, se eu não tivesse habilidade da vida e habilidade das pessoas que a escola contribuiu, fatalmente eu teria habilidade para sair daquela situação, no mínimo eu seria agredido por aquela moça. Sem contar que a mãe do rapaz, mãe da moça também, começou a passar mal, e acho que ela foi ficando branca, e ficando branca, uma mulher grande e forte, e essa mulher parou no sofá e eu falei, essa mulher enfarta, alguma coisa assim.

Então, em função da sociologia, da psicologia que nós tivemos. Fui pastor, fui sociólogo, psicólogo, fui o que deu pra ser para contornar a situação, para que aquela mulher não piorasse o estado de aflição dela, que virou um estado de saúde, e a outra em estado psicológico e agressão, pra que eu contornasse as duas ali, nessa situação, pudesse esperar o pai do moço chegar que daria para eu confirmar a informação se realmente o filho dele ficasse milionário. Mas todas essas coisas que a gente acha que é besteira.

Não sei nem depois se voltou, mas ela tinha mandado uma carta desistindo. E dizem que ele é rico até hoje. Diz que ele gastou um pouquinho porque não tinha muita instrução na ocasião, mas me parece uma pessoa boa que inclusive andou ajudando a Igreja Católica alguma coisa assim, ele se posicionou na vida, se construiu e a história é bonita, mas ele não fala com a mídia de tal forma que eu nunca falei com ele. Mas é uma história bonita de se resgatar.

JÁ HAVIA ESTÁGIOS INTERNOS NA ÉPOCA DO CURSO?

Havia, por exemplo assim, na produção do espalha fato, vou falar o que estou lembrando aqui. Quando fizemos a primeira semana de comunicação, no outro dia você passou por cima, tem coisa para responder mais pra frente que eu vou deixar. Por exemplo, a cobertura da semana, um foi incumbido de fotografia, outro foi incumbido do que era possível, daqueles produtos que era feitos eram prática também de estágio, embora não houvesse o estágio obrigatório, nem aquelas horas de atividades ainda, era outro sistema nessa primeira turma.

E PARA FAZER OS ESTÁGIOS EXTERNOS HAVIA UMA ABERTURA NO MERCADO?

Havia uma abertura maior do que hoje, você chegava numa rádio, conseguia fazer estágio, você chegava no jornal conseguia, de alguma forma, até porque não havia uma vigilância muito serrada de sindicato, do próprio Ministério do Trabalho, alguma coisa assim, então havia uma forma ali de acomodar pessoas para o estágio. Eu mesmo trabalhando tanto em rádio como em jornal, assessoria, muitos colegas foram comigo pra primeira experiência de vida. O professor João Paulo, a primeira experiência de vida foi comigo, de vida profissional. Aliás, todos aqui tem uma relação de história. Primeiro emprego que o professor Mancuzo veio procurar em Prudente depois de ter se formado, primeira pessoa que ele conversou foi comigo. Eu conhecia o pai dele e não conhecia ele, são uns negócios engraçados na vida, conheci o pai dele lá de Junqueirópolis, foi representando o Jornal Imparcial, e por aí vai. Talvez a primeira experiência de aula da Professora Carolina foi quando eu lecionava jornalismo especializado e ela tinha feito uma especialização em agronegócio e ela trouxe para que falasse sobre aquilo. Uma relação muito extrema com a Leda no Imparcial, o Paulo Miguel já tinha sido parceiro em algumas coisas, as atividades que ele fez no jornal Estado de São Paulo foi pelo meu intermédio, por que lá já estava. E agora eles fazem o que eu pude fazer com alguns de alguma forma, eles fazem com os outros, então sempre cria uma história.

ELA OBRIGATÓRIO O ESTÁGIO SUPERVISIONADO?

Não tinha o estágio supervisionado

QUE TIPO DE EVENTOS ERAM REALIZADOS NA FACULDADE?

Tínhamos a semana de comunicação, que era o principal evento da faculdade. E a semana foi o seguinte, depois de concluir o primeiro ano, quando nós entramos no segundo ano, perdão, no primeiro ano ainda, iniciamos o segundo semestre; eu procurei o professor Carlos Manfrim que era diretor, falei que eu gostaria de mobilizar os alunos e a gente criou a semana de comunicação, mas eu precisava da sua autorização. Eu sou o criador da semana, mentor da semana. Eu fui lá e conversei com o professor Carlos e ele falou está autorizado. Nós mobilizamos alunos do primeiro e segundo ano, a gente falava primeiro e segundo ano, e montamos uma comissão, e essa comissão foi que organizou essa Semana de Comunicação.

Nós fizemos uma estrutura, pra trazer para a semana de profissionais de publicidade e de jornalismo local e regional; pessoas com alguma experiência, com alguma vivência aqui na cidade e região. E a semana foi realizada no auditório do então HU (hospital Universitário) que hoje é HR, pela estrutura. E nós convidamos para o encerramento da semana, elegemos para o encerramento da semana a palestra do Moacir Bento que é jornalista de Presidente Venceslau, dono do Jornal Integração, que havia sido dono do jornal Brasil de Santo Anastácio depois virou cultura e onde viva, mas esse profissional foi trabalhar em São Paulo e aí ele trabalhou na Rádio Record, ele apresentava um noticiário muito importante na época chamado checkupmil, era o último jornal que fechava lá entre onze e meia noite. Ele trabalhou se não me falha a memória pro Diário Popular em São Paulo, de certa forma que era um profissional experimentado, e foi convocado.

Houve um problema de saúde com a filha dele, tipo assim, a semana de encerrava na sexta na terça-feira teve esse problema, e ele nos comunicou. E veja como que foi o negócio, o Marcelo Rezende que hoje é apresentador no Cidade Alerta da Record, era repórter de rede da globo, e ele veio naqueles dias em Presidente Prudente, tipo assim, ele chegou na quarta-feira pra cobrir o conflito agrário do Pontal do Paranapanema que estava pegando fogo, e a Cinthia Aquino que já trabalhava na televisão foi quem intermediou, não fazia propriamente parte da nossa comissão de organização, mas o Erickson Rezende que fazia falou com ela, só sei que de tal forma que quem veio encerrar a semana de comunicação foi o Marcelo Rezende, que era um nome nacional, não era essa a nossa expectativa. E no ano seguinte nós trouxemos o José Roberto Borniê, na conversa também com a Cinthia, com o pessoal da Fronteira ajudando a gente. E sempre sem custos. Nós fizemos todas as nossas semanas sem custo nenhum de passagem, nada; era na cara de pau.

PODE-SE DIZER QUE ESTE FOI O PRIMEIRO D.A.?

Não tinha nada a ver com D.A. pois o D.A. fez a primeira tentativa e não foi, fizeram a segunda. Eu não cheguei a participar. Minha participação efetiva foi expedido. Nós não tínhamos uma estrutura de diretório, era uma estrutura de uma comissão para organizar evento e também não tinha presidente. Entrou quem estava interessado, como eu havia feito a coordenação cabia a mim, mas

tudo informando a direção do curso do que estava sendo feito e me dando aval de sim ou não.

FEZ DURANTE OS QUATRO ANOS AQUI NA FACULDADE?

Não. Durante os quatro anos eu me envolvi na organização. Mas a primeira eu tomei a frente. Na segunda também nós estivemos a frente e assim foi. Quando trocou a direção do Carlos Manfrim para o Carlos Viacchiati, também puxou um pouquinho para ele a responsabilidade e se juntou a nós de tal forma que a partir da segunda nós fomos mais contribuição do que propriamente organização.

E OS ALUNOS FAZIAM VIAGENS PROMOVIDAS PELO CURSO PARA AMPLIAR O APRENDIZADO?

Faziam. Como eu trabalhava e já tinha grandes responsabilidades, casado, pai de dois filhos, então eles foram em algumas viagens que eu nem lembro. Parece que foi para o Recife, Intercom se não me falha a memória. Eu fui em uma, fui no Jô, quando o Jô Soares fazia o Jô onze e meia no SBT (Sistema Brasileiro de televisão) lá no complexo de Anhanguera, fomos lá acompanhar a gravação de um programa, foi um ônibus lotado.

PROMOVIDO PELA FACULDADE OU POR CONTA PRÓPRIA?

Eu não lembro se esta iniciativa era da direção ou alguém que teve essa iniciativa, que agendou e nós fomos. Não me lembro como foi a organização, mas foi um ônibus lotado para São Paulo, única e exclusivamente para acompanhar o programa do Jô. Eu acho que é até assim esse tipo de aluno do curso, de algum lugar que organiza esses tipos de caravana.

PELA FACULDADE NÃO LEMBRA DE ALGUM QUE A FACULDADE INCENTIVOU, SOLTOU A VERBA?

Não. Acho que a mobilização foram dos alunos mesmo.

E QUAL A PRINCIPAL DIFICULDADE QUE TINHA DE FAZER A FACULDADE?

Não sei se penso se posso falar em dificuldade. Houve um tempo em que eu desanimei, que queria parar em função da minha correria. Eu trabalhava para o Jornal O Imparcial, muitas tarefas. Fazia correspondência para a Agência Estado de São Paulo, era uma correria muito grande e o curso só tinha de manhã, não tinha o curso noturno. De tal forma que eu me arrumei, trabalhava tarde e noite para corresponder meus compromissos para poder estudar. A Neusa Matos, que é nossa colega, que é comunicadora da Rádio Prudente produz e apresenta o microfone aberto. Quando dava tipo assim, se nossa aula ia até 11:10hrs como vai hoje, não me lembro se é exatamente esse horário, tipo assim, dez minutos, dez para onze ela precisava sair que ela tinha os compromissos de horário, ela pedia licença e caminhava. Mas a gente se

organizava para responder os compromissos. Esse era o peso, mas o prazer era maior que o sacrifício.

HAVIA RESPALDO DOS PROFESSORES E COORDENADORES?

Espetacular. Tínhamos algumas divergências, tinham sim. De você, no bom sentido, de brigar por melhorias no curso, fazer algumas exigências, alguns conflitos que surgiram. Até pela seguinte razão; um pessoal que já estava no mercado, então na verdade era colega tratando de colega de alguma forma.

QUAIS OS PONTOS FRACOS E PONTOS FORTES QUE VOCÊ VIA NA FACOPP ENQUANTO ALUNO?

Pontos fortes e pontos fracos, acho que é tão difícil falar em pontos fracos, sabe, foi tudo tão apaixonante, tudo tão gratificante, tudo assim num ritmo assim, de um estado emocional muito forte, entendeu, de um aprendizado, de uma preparação. Eu acho que talvez de uma coisinha que a gente pudesse falar, o laboratório por exemplo de informática, que nós tínhamos que usar não era aqui, era o laboratório de uso comum que era no bloco B2. Então nós saíamos, e ia todo mundo para lá. Não diria fraco, mas é melhor todo mundo ambientado em um lugar só. Tudo melhorou, talvez esse deslocamento e essas faltas de laboratório que oje tem em bons números, em excelentes condições.

VOCÊ DIRIA PONTE FORTE, ESTA UNIÃO, E ESSE APROVEITAMENTO?

Esse compromisso de todos, de construir. Tanto é que na nossa turma, nós entramos no nosso primeiro provão, o que se diz, agora não é chamado provão, é chamado Enem, não Enem não é do ensino médio, é o Enade, agora é o Enade, o que se diz é que o provão quando instituíram o Ministério chegou muito pesado, o segundo ele já deu e nós saímos, era conceito de A, B, C, D, e nós tiramos B, e foi fantástico. E nós fomos fazer as provas na Escola Monsenhor Sarrion, quatro horas, como permanece até hoje. Eu já com alguma experiência na área, eu entrei no horário e todos nós ficamos até o último instante dando o máximo da gente pra fazer. Até porque a parte de redação foi muito complicada e tinha um quadro de estatística de acidente e uma informação veio para a composição desse quadro, ela fazia uma diferença entre o antes e o depois que eu não me lembro exatamente o que é, se ela relacionado a cinto de segurança e acidente, aí trazia a BR 101, de um trecho lá da Bahia, e normalmente que toda a informação que você tem um grau geográfico e estatístico, ele exige um tempo de leitura e pra você situar onde aquela construção estatística pode dar um gancho, uma diferença, uma pegada pra você trabalhar. Não foi fácil não, mas todos, todos sem exceção do primeiro ao último instante, enfiado dentro daquela sala para poder entregar.

COMO FOI O SEU TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO? ERA PERMITIDO FAZER EM GRUPO OU DEVERIA SER INDIVIDUAL? QUAL FOI O TEMA E A PEÇA PRÁTICA?

Ele podia ser produzido individual ou em grupo. Nós escolhemos, na verdade você não fazia em função do tema, você fazia em função da peça e com a

diferença, se ia buscar a viabilidade desse produto no mercado. Você tinha que apresentar, no caso que nós fizemos uma revista. Quanto foi o custo da revista, orçamento para impressão dessa revista, tinha que fazer tudo. Dois, três orçamentos. Os preços de publicidade, como isso era no mercado. Você no primeiro instante fazia mais em função do produto do que o tema. Aí quando a gente vê o TCC acha até feio em função dos atuais, entendeu. Nós fizemos, temos a revista, eu ainda tenho umas cópias das revistas. Nós fizemos 2.000 exemplares e distribuímos em alguns pontos que interessavam, e dez, doze, não sei se tem. Imagino que nós tiramos nota dez. Não me lembro de cabeça, acredito que foi nota máxima. Não foi função minha, foi função da equipe toda que esteve envolvida.

QUEM FOI COORDENADOR ANTES DO SENHOR?

Gilson Catussi, que não era coordenador, era diretor ainda.

QUEM ENTROU NO SEU LUGAR?

Professor Munir, que era questão de direção e depois coordenação.

LARISSA TRINDADE CREPALDI – PROFESSORA E COORDENADORA**COMO E QUANDO FOI CRIADA A AGÊNCIA FACOPP, O LABORATÓRIO QUE VOCÊ COORDENA?**

Na verdade quando eu entrei já existia um laboratório que tinha o nome de Nucom, era o Nucleo de Comunicação que fazia mais ou menos as atividades que a Agência fazia. Divulgava a Facopp, os eventos, mas não tinha muitos estagiários; tinha um professor só que supervisionava. A Agência mesmo ela está vigente, no formato que ela está aproximadamente cinco anos, sendo que nos últimos dois anos é que ela ganhou visibilidade, um número maior de estagiários, conseguimos dividir os estagiários por função. Então eu colocaria cinco anos de criação da Agência Facopp e dois anos em que ela cresceu, que ela evoluiu.

COMO FOI CHAMADA PARA COORDENAR ESTE LABORATÓRIO? VOCÊ SE LEMBRA QUEM ERA A PESSOA QUE COORDENAVA ANTES?

Na verdade nós não tínhamos uma coordenação de agência, nós tínhamos os laboratórios funcionando não com tanta supervisão porque ela não tinha o formato de agência também. E quando eu entrei, ainda assim ficou um tempo sem ter um professor específico, aí eu peguei a coordenação da agência. Ano passado eu passei essa coordenação da Agência; ela está com a Silvia. Hoje eu dou a supervisão geral, que é autorizar as coisas que entram ali dentro, olhar algumas artes, desenvolver com eles reuniões, algumas pautas pra gentes desenvolver alguns trabalhos específicos, aí tudo que eles tem dúvida a gente discute. Mas na verdade eu não estou mais a frente da coordenação da Agência, passei pra Silvia essa função.

E COMO FOI O CONVITE PARA VOCÊ COORDENAR QUANDO COMEÇOU?

Acho que nem existiu um convite na verdade. O que existiu foi quando eu entrei na coordenação do curso eu resolvi assumir a coordenação da Agência mesmo sem tendo horas pra isso. Eu via que a Agência existia e nessa época eu não tava estava na coordenação geral como estou hoje que a gente assumiu toda questão burocrática; eu estava na coordenação do curso na área pedagógica. Nós tínhamos o Munir como diretor o que facilitava um pouco o trabalho, ou seja, sobrava um pouco mais de tempo pra me dedicar a Agência, então eu achei que precisava de alguém pra orientar os trabalhos deles, então eu me propus a fazer isso. Só que no início até sem ter horas remuneradas pra isso, só depois então eu consegui essas horas de remuneração que é o que eu disse, que hoje, atualmente desde o ano passado eu passei pra professora Silvia e pro professor Tato também. Então na verdade eu fiz uma divisão de horas porque eu não tinha mais esse tempo pra me dedicar. Então o convite na verdade acho que foi uma decisão minha mesmo de quando eu estava na coordenação e percebi que o laboratório estava meio sem rumo.

QUAIS ATIVIDADES SÃO DESENVOLVIDAS NO LABORATÓRIO?

São várias hoje. A primeira atividade é o ENEPE que é um congresso científico nacional; nós atendemos os cursos da Unoeste, todos os cursos que procuram no sentido de divulgar os eventos e também fazer logomarcas ou trabalho institucional. Ela cuida dos eventos da Facopp. Hoje ela tem uma mídia social bastante ativa, trazendo conteúdos da nossa área, estimulando também um pouco da questão social, como ontem por exemplo nós tivemos o dia do autismo, eles fizeram todo um trabalho pelo facebook junto aos alunos. Então nós temos assim, eles divulgam o Top OfMindy, a Semana, a Jornada; eles não só divulgam como eles organizam os eventos também.

Hoje a Agência tá dividida em atendimento, planejamento, mídia e criação, e também já estão começando a desenvolver um pouco a questão rádio e TV; produção de vinhetas, fazer filmagens. Eles estão começando a se lançar nisso daí também porque tá com um número grande de estagiários, então eles estão dividindo bem as funções. Na verdade ela faz muita coisa dentro da Facopp e atendimento aos cursos, ela só não atende ao mercado de trabalho, porque o mercado seria uma questão ética e nós não podemos concorrer com os nossos próprios alunos que vão pra fora da faculdade.

VOCÊ SABERIA DIZER QUANTOS ESTAGIÁRIOS ESTÃO ATUALMENTE NA AGÊNCIA E QUANTOS JÁ PASSARAM?

Não... Quando eu estava coordenando nós tínhamos um funcionário que era o Pedro mais dois estagiários, Maximo. E ainda funcionava junto com a redação Facopp. Então aquelas bancadas que tem do lado, ficava a redação de jornalismo e a gente ficava naquela estação de trabalho que são quatro lugares. Então era um funcionário mais três estagiários.

Hoje eu acho que nós temos em torno de 12 estagiários, mas a Silvia poderia te confirmar.

COMO É O PROCESSO DE SELEÇÃO DOS ESTAGIÁRIOS?

Na realidade a seleção elas se abrem pras áreas que estão sendo pedidas, a necessidade que tem na Agência. Se a necessidade é criação a cada começo de semestre a gente abre vaga para criação e aí pra isso existe a entrega de currículo, um portfólio e depois uma entrevista pra se escolher. E aí vai seguindo a necessidade diária, se é atendimento, se é redação, se é mídia social ou se é agora por exemplo a questão da produção de vídeos. Então essa necessidade vai surgindo. Nós temos um funcionário que ele é aluno da Facopp, mais ele é funcionário da Unoeste e temos dois estagiários remunerados que é o que nós conseguimos da Universidade, e o restante é estagiário mesmo que tá por aprendizado.

A gente tenta fazer de uma forma rotativa, aí conforme o perfil a professora Silvia vai alocando pra área que ela acha que é melhor. A gente abre geralmente dessa forma; a gente não abre todos os estágios e cada semestre abre todas as vagas e troca toda a turma. Não! Sempre fica alguém. A gente faz a troca com aquilo que a gente precisa.

O LABORATÓRIO AGÊNCIA FACOPP TEM PARCERIA COM ALGUM OUTRO PROJETO?

Com o Jornalismo a parceria é no ECO, com o Laboratório de Publicações Jornalísticas Empresariais. Quando entra algum trabalho pro ECO, automaticamente a Agência também inscreve esse trabalho como extensão e desenvolve o trabalho publicitário no sentido de divulgar a instituição, angariar fundos, voluntários, mostrar o que é a instituição que muita gente não conhece. Existem muitas siglas e as pessoas as vezes não conhecem o que é aquela associação. Então a Agência tem feito essa parceria com o ECO e tem sido bem legal.

Com o demais cursos é atendimento mesmo no sentido de produção de material.

COMO É A ESTRUTURA DO LABORATÓRIO HOJE? CONTA COM QUAIS EQUIPAMENTOS?

O laboratório hoje ele possui aproximadamente oito máquinas, só que não são Macs, temos uma linha telefônica, a estação de trabalho; o espaço físico é esse basicamente. Só de pensar que ele não existia, era uma micro sala. Então hoje ela tem o seu espaço. Agora nós estamos passando por uma readequação. Pedimos pro arquiteto da universidade olhar pra que possa reformular. Nós temos uma mesa de reunião também que é muito importante dentro da publicidade pra poder discutir ideias.

A nossa intenção futura é fazer com que a gente coloque uns Macintosh ali dentro também. Só que hoje a Agência está usando o laboratório de informática, então já que a gente tem um ferramental, o laboratório de macs está sendo usado pela Agência também pra eles possam produzir melhor as peças. Então sem contar que tá do lado, a gente acaba tendo uma estrutura melhor até do que o de uma agência externa. Projeto futuro então vai ser uma reforma, a gente quer mudar o mobiliário ali dentro pra otimizar o espaço e trocar as máquinas; se não der por macintoshes que nós consigamos trocar pelo menos por umas de memória melhor, que realmente é o que tá acontecendo ali. Esse é o projeto principal.

TEM ALGUMA COISA IMPORTANTE SOBRE O LABORATÓRIO QUE EU NÃO TENHA PERGUNTADO E QUE VOCÊ GOSTARIA DE ACRESCENTAR?

Um outro projeto importante que eu gostaria de deixar colocado é que a Agência está entrando com um projeto que já estava escrito no novo PPC que é o Projeto Pedagógico que são os produtos da Facopp. Então esse semestre nós começamos com a produção de camisetas que já deu um resultado bem bacana e a produção de copos e canecas e agora vai ser montado até o fim do semestre ali naquele mural que tem ali do lado com vidro, nós vamos montar um expositor de produtos da Facopp com vários produtos que a gente tá pensando de início. Colocar ali pelo menos o produto piloto e a Agência vai criar como se fosse um e-commerce; ela vai abrir um espaço pra que sejam feitos os pedidos dos produtos. Esse é um projeto que já tá há um tempo parado também e agora parece que ele alavancou, que vem pela Agência.

Um outro projeto é o de patrocínio de salas que a Agência pegou também esse semestre pra tentar fazer acontecer. Nós temos uma sala patrocinada e a gente queria ampliar isso, então também está na mão da Agência Facopp.

LARISSA, EXPLIQUE COMO É FEITO O PROCESSO DE COLETA DE DADOS QUE CULMINO NO EVENTO DO TOP OF MIND.

Nós nos reunimos no começo do semestre para fazer um olhar sobre o questionário que é aplicado pra verificar quais categorias que estão sendo trabalhadas, se é água mineral, academia, restaurantes, escolas e etc. São 42 categorias. Nós definimos se vamos manter essas categorias, se haverá alteração. Isso é feito todo começo de semestre, que é quando acontece o Top of Mind. Em seguida, passamos para a Reitoria solicitando os xerox dos questionários, que são quatro mil cópias e já fazemos o processo de cadastramento dos pesquisadores, de quem quer participar da pesquisa. Com isso, é feito um formulário que é enviado para todos os alunos do curso, solicitando que, quem queira participar, por causa das horas atividades ou até mesmo para conhecer o trabalho, se inscreva. Para o quinto e sexto termos de publicidade é obrigatória a participação para a matéria de pesquisa de mercado. E o sétimo e oitavo termos de publicidades são escolhidos como monitores, os que ficam responsáveis pelo lançamento e tabulação dos dados. Para realizar tais tarefas, fizemos uma parceria com a coordenação de Web, que desenvolvem pra nós um sistema onde é lançado todos os dados. Monitor por monitor tabula em média 20 questionários.

Então isso não é mais feito no lápis, pois foram quase três anos trabalhando assim. Hoje é mais fácil. Depois desse recrutamento de pesquisadores, agendamos um dia para explicar o que é o evento, quais categorias foram selecionadas, e como é o professor Anderson que recebe os cadastramentos, ele já faz uma divisão de grupos por bairro e procura sempre colocar pessoas próximas dos bairros em que residem. E a partir deste ano a pesquisa, que antes acontecia em quatro finais de semana, será realizada em apenas um, o que melhora com relação ao ganho de tempo.

Paralelo a isso a agência trabalha para desenvolver todo o material visual, de divulgação, orçamentos de decoração, de troféus, cerimonialista, entrega de troféu, isso tudo acontece paralelo à pesquisa de mercado.

Depois de feita a tabulação, uma pessoa da agência Facopp entra em contato com os vencedores do Top of Mind, geralmente é uma mulher e uns três dias de acontecer o evento, esse telemarketing é feito novamente para confirmar presença. No dia do evento é feita toda a arrumação do teatro, desde o período da manhã, a agência faz a produção das vinhetas de divulgação das marcas, e o evento culmina na premiação.

A PROFESSORA MARIÂNGELA NOS DISSE QUE HÁ TODA UMA PREOCUPAÇÃO COM O TEMA E A TRILHA SONORA. COMO ELES SÃO ESCOLHIDOS E POR QUEM?

Na verdade, nós começamos meio experimental esse evento. Não é que tem um tema, nós pensamos no que iremos direcionar. Houve uma trilha sonora que foi anos 80, uma outra foi só Jazz, e sempre selecionamos um texto para a abertura que no caso, é sempre a professora Mariângela que faz. Nós sempre definimos temas vinculados a marcas. Isso atrela muito a questão cultural que será apresentada. Na premiação sempre tem uma apresentação cultural, que pode ser um monólogo, um stand up, um teatro, uma dança, sempre escolhemos. Esse ano, como estaremos a um dia da copa da mundo, iremos

abordar as marcas na copo do mundo. O sexto termo d publicidade, com orientação da professora Mariângela e do professor Pandur, está fazendo um vídeo sobre esse tema e haverá uma dança com a música Brasileirinho mesclando outros ritmos. Uma aluna que é profissional da dança fará a apresentação. Antigamente nós priorizávamos apenas alunos da Facopp no evento, mas agora temos procurado inserir outras coisas e pessoas.

FALE SOBRE A JORNADA E SEMANA DE COMUNICAÇÃO.

A semana tem uma característica mais de mercado e não tem um tema definido. Ela tem sempre profissionais de fora, com a intenção de eles trazerem a vivência de mercado deles. Com isso, nos deparamos com uma realidade que não é a nossa, regional. Ouvimos falar de coisas que talvez aqui não aconteceriam. Tem essa característica de mercado, de workshop para aprender as coisas na prática. E a jornada ela tem uma característica mais acadêmica, pois pegamos um tema central para discuti-lo. Pode ter profissionais da área, pode ter professores e o formato é diferente, não é palestra e sim mesa redonda, em que nós temos várias pessoas compondo um moderador e os convidados fazem uma apresentação pequena, de até dez minutos, geralmente um convidado da publicidade e um do jornalismo e depois o moderador faz a parte de moderação e é aberto o tempo todo para debate, essa e a sua ideia. Na semana são apresentadas palestras de 40 minutos à uma hora e depois abre pra perguntas, mas elas são referentes à palestra, não gera nenhum tipo de reflexão. Geralmente os profissionais da jornada são locais que trabalhem com a temática principal e não temos custo, por isso que a jornada é gratuita e a semana é paga. Nós priorizamos na jornada os professores ou profissionais da cidade. A semana tem cinco dias, de segunda à sexta, sendo dois dias pra publicidade, dois para o jornalismo e um para debater a área de pesquisa e extensão, na área de comunicação. A jornada são três dias, usamos um dia para a publicidade, um para o jornalismo e um fica misto, ou pegamos um tema para a segunda, um pra terça e outro pra quarta e os profissionais de ambas as áreas vem nos três dias para debater. A jornada geralmente acontece entre setembro e outubro, desde que não choque com o ENEPE. A semana sempre em maio.

QUANDO ENTROU PARA O CORPO DOCENTE DA UNOESTE E COMO FOI SUA CONTRATAÇÃO?

Eu entrei em 2005 e quem me contratou na época foi a professora Marcela Marino, que era a coordenadora de publicidade e a direção era da Astrogilda. Então, quem me indicou aqui foi a professora Édma, por incrível que pareça, foi a Édima, que eu conhecia ela do Cristo Rei, fui aluna dela a vida inteira, ela que me indicou porque eu sempre quis a carreira acadêmica. E aí, quando teve a ausência de um professor, meu currículo estava disponível, até porque a Édma tinha me indicado e aí eu fui chamada pra fazer uma entrevista. Trouxe toda a documentação, meu trabalho de conclusão de curso que eu havia feito, e fui contratada. Foi na época de férias, né, então, quer dizer, de novembro pra dezembro, então eu ainda tive um tempo. Entrei, isso foi em 2004, aí entrei em fevereiro de 2005.

QUEM ERAM OS COORDENADORES DE CURSO NA ÉPOCA EM QUE PASSOU A LECIONAR AQUI?

Então, na época em que eu comecei era a Marcela Marino, que era a coordenadora de publicidade e a Astrogilda era a diretora. E rapidamente, logo depois, já passou pro Gilson Catucci. O Gilson que ficou como coordenador de publicidade, junto com o professor Mancuzo, que coordenava o jornalismo. Fiquei um bom tempo assim.

ÁÍ VOCÊ ERA PROFESSORA, ENTÃO?

Era professora, das disciplinas de Planejamento de Campanha I e II e Planejamento de Comunicação, né, e os projetos experimentais também.

COMO QUE ACONTECEU ESSA TRANSIÇÃO PRA COORDENAÇÃO?

É, aí o Gilson saiu da instituição e quando ele saiu quem assumiu foi o Homero, até porque o Homero sempre foi uma pessoa de muita confiança da Reitoria e no momento eles acharam que, por conhece-lo, era o ideal pra assumir a coordenação. Só que o Homero, ele não tinha conhecimento da área de publicidade. Então ele ficou numa situação bem complicada porque ele falou: “eu até consigo responder pela coordenação, mas eu tenho conhecimento do jornalismo”. Aí, ele convidou a professora Marcela novamente pra ser coordenadora de publicidade. Aí a Marcela falou “olha eu não tenho condição, não tenho interesse no momento, tô com a agência e eu queria indicar uma pessoa”. Aí ela me indicou, sem eu mesma saber. Eu não sabia disso, eu fiquei sabendo na hora, depois ele me contou. Até então, eu não tinha pretensão alguma do cargo, né? E aí, o Homero me chamou pra conversar e me ofereceu, né, me falou se eu podia, que a Marcela que tinha me indicado, aí eu assumi junto com o Homero no segundo semestre de 2008. Ele cuidando mais do jornalismo e eu da publicidade. Só que toda a parte burocrática mesmo, que é tomar conta do curso como um todo, estava na mão do Homero. Eu ficava mais com a parte pedagógica, diálogo com os professores, é, e tudo o que envolvia a área da publicidade.

SÓ PRA ENTENDER. VOCÊ FICOU NA PUBLICIDADE E O HOMÉRO NO JORNALISMO. ENTÃO NÃO TINHA UM DIRETOR?

Não, não tinha. Não havia mais. Agora, quando eu entrei, a Astrogilda era diretora. E a Marcela era coordenadora da publicidade. Se eu não me engano era a Thaisa a coordenadora do jornalismo. E a Thaisa assumiu um tempo ainda. É. Eu acho que antes do Gilson, a Thaisa assumiu um tempo a coordenação, total, geral. Porque, a Astrogilda também saiu da instituição e aí a Thaisa assumiu. Então era dividido mais ou menos assim: diretora Astrogilda, a Marcela publicidade e a Thaisa jornalismo. Aí a Astrogilda saiu, a Thaisa assumiu a, o que a Astrogilda fazia. Aí ficaram duas pessoas de novo na coordenação.

VOCÊ SABE QUANDO E COMO SURTIU A LOGO DA FACOPP? FOI REALIZADO ALGUM CONCURSO CULTURAL? .

Não, a logo da Facopp, ela não existia. A logo da Facopp é um orgulho que eu tenho, porque, na verdade, quando eu assumi a coordenação da publicidade, ainda nós falávamos Faculdade de Comunicação Social, né, Roberto Marinho. Então, nós não tínhamos uma marca. A ideia, quando eu entrei, é, foi justamente de criar uma marcação. Ai, cabeça de publicitário, né? Então, a ideia de criar uma marca e fazer com que virasse Facopp mesmo e a gente tratasse o curso como Facopp, ela surgiu assim que eu assumi a coordenação. Eai, o que eu fiz? Eu pedi pros professores da área de criação, o Xando e o Pandur, que eles fizessem um trabalho de disciplina que desenvolvesse a logo da Facopp. Aí, essa logo ela veio de uma aluna, que foi a Aline Mendes, que se formou em 2009. Só que ela ficou, digamos que, com a ideia, né? Fez a ideia. Mas ai, teve todo um trabalho do professor Xando e do Professor Pandur pra que essa logo ficasse como ela é hoje, tá. Aí, com a logo, nós começamos a fazer um trabalho de construção de marca, que foi aplicar essa logo nas folhas de prova, aplicar essa logo depois em tudo quanto é lugar que a gente tinha pra começar a trabalhar essa questão de marca mesmo. E hoje essa marca se consolidou. Mas ela surgiu dessa forma.

QUAIS LABORATÓRIOS EXISTIAM QUANDO ENTROU? QUAIS EQUIPAMENTOS ERAM UTILIZADOS NELES?

Bom, eu não sou muito de laboratório, né? Porque eu dou disciplina teórica, eu não entro muito em laboratório pra saber. Mas, era o laboratório de foto, o de rádio e o de tv, né, o que existia. A agência era inexistente, praticamente. Era até NUCOM, que era Núcleo de Comunicação. O NUCOM, ele era ali dentro do laboratório de rádio, num espacinho minúsculo que cabiam duas pessoas. E ele não tinha uma atuação significativa dentro da Facopp. E os equipamentos, na realidade, é importante colocar que, quando a gente assumiu a Facopp como coordenação tudo era muito é... mais sucateado do que novo. Então, a gente trabalhou assim, num processo de restauração nos laboratórios em termos de equipamentos. Eles existiam, só que eles não tinham equipamentos, assim, tão bons, que, com a gente tem hoje. Agora, a TV Facopp não existia ainda, a Redação Facopp também não. A Agência, então era simplesmente esse NUCOM, que era feito por um estagiário e um professor, só, né? Que trabalhava assim, não tinha o ...ele não tinha um formato de agência, não podia se dizer que tinha uma agência experimental quando eu entrei.

ENTÃO, A EVOLUÇÃO FOI MUITO GRANDE?

Muito grande, muito grande. Em termos de laboratórios e equipamentos... hoje nós temos a agência, temos os laboratórios de informática, que são dois e que inclusive um deles é o laboratório de Mactoch, que foi uma grande conquista também, né? Do ano passado, 2013. E temos os demais, né? Que é a questão da redação, né agora tá pra sair o laboratório de pesquisa de mercado, que basta uma divisão de sala pra gente poder instituir. A sala de criação, que também foi uma... foi um pedido do professor Xando, que já não tá mais na Facopp, mas ele entendia que isso seria importante pro processo criativo na publicidade. Então, hoje nós temos muitas coisas perto. Se considerar, nós tínhamos os três principais: Tv, rádio e foto, né? Em 2005.

QUAIS EVENTOS ERAM OFERECIDOS NA FACOPP QUANDO COMEÇOU A LECIONAR AQUI?

Só a Semana de Comunicação.

COMO QUE VEIO A JORNADA?

Então, a Jornada foi uma ideia que nós tivemos depois, que a gente sempre pensava entre os professores assim, “nossa! A gente precisava de momentos de debate no curso”. Né? A gente sempre quis ter momentos de debates, a gente nunca tem tempo de tirar o aluno da sala de aula pra debater. Então a gente ficava tentando procurando espaços. E nós, da publicidade, a gente sempre ia pro festup, que é um festival em São Paulo que traz tendências da área e a gente trazia muita coisa legal. Muita coisa legal que a gente queria passar pros alunos. Mas passar como? Em qual disciplina? Isso vai pegar conteúdo. E agente falou, “e se a gente fizesse um evento que nós transformássemos ele numa mesa redonda? Que a gente tem debatedores, mediador e vai trazendo temas interessantes da área?”. Então, ela começou assim. A gente trazia temas do Festup, e aí os professores eram os debatedores, juntamente com os alunos. A gente montava um material que era apresentado nesse Festup e cada professor falava um pouco da sua visão, os alunos participavam e nós inserimos o jornalismo nisso. Me lembro que na época em que começamos, houve o caso da Isabela Nardoni, e foi proposto que os alunos analisassem como o caso estava sendo tratado em diversas mídias. Então, uma das primeiras jornadas foi isso. Trouxemos coisas do Festup e o jornalismo começou a ser inserido. E agora mudou um pouco isso, pois com o tempo, a gente foi aprimorando e hoje, a gente tenta pegar um tema comum para as duas áreas, para que possamos trazer palestrantes que sirvam para as duas áreas. Aí eles fazem uma palestra curtinha, pois o formato é mesa redonda.

O outro evento, foi o Top of Mind. Aí eu bato no peito, pois era um projeto que todos queriam fazer, mas que ninguém tinha coragem de peitar. É um projeto difícil. Estamos na sexta versão, agora em 2014, e foi um projeto que nasceu de uma vontade que eu tinha em colocá-lo em prática, junto com o professor Anderson Cirilo, que também abraçou a causa. E tanto foi importante esse projeto para a Facopp que a Reitoria também abraçou o Top Off Mind, eles se interessam pelo evento e dão todo o auxílio financeiro. E a Mostra acadêmica (outro evento), foi inserida agora e nasceu da necessidade de mostrar o que o aluno de comunicação social faz para o ensino médio. Convidar essas escolas para conhecer o que a comunicação faz e amadurecer um pouco a vocação. Mas tomamos por decisão mantem essa Mostra fechada por uns dois anos, pra criar um KNOW HOW. O Cine Fórum já existiu pra Facopp toda, era uma semana de filmes, mas eram muito poucos os interessados, intendia-se como aula vaga. Mas a preocupação com o filme era gerar uma reflexão crítica, além da busca por referência. Principalmente o aluno de publicidade precisa de referências pra trabalhar. Contudo, a presença maciça era do tronco comum. Não deixamos morrer a iniciativa. Implantamos o Cine Fórum para o tronco comum como sendo um trabalho interdisciplinar. Cada disciplina usa o filme como objeto de estudo e análise. Estamos na quarta versão, com alguns tropeços (por ser inicio), mas ele engrenou. Hoje ele funciona um único dia em

que todas as salas de 1º ao 4º termos assistem um filme, cada termo um filme diferente. Filmes sugeridos pelos próprios professores.

COMO ERA A DINÂMICA DO CURSO QUANDO ENTROU? HAVIA TURMAS MANHÃ E NOITE?

Desde de que eu entrei funciona da mesma forma. Nunca houve um momento que não abriu nenhuma turma. Sempre foi diurno e noturno, turmas de começo e meio de ano.

VOCÊ ACHA QUE A FACULDADE COMEÇOU A SER VISTA COM BONS OLHOS DESDE QUANDO?

A partir de 2009. De 2010 em diante, pra ser mais exata. Os alunos estão honrados em estar aqui dentro. Começamos a notar menos movimentação no sentido de reclamações. Quando entrei, cheguei a presenciar um movimento muito forte pra tirar a coordenação do curso (Astrogilda). Existiam alguns motins aqui dentro. E hoje temos uma faculdade tranquila. Sempre há probleminhas, mas no geral, temos tranquilidade, turmas bem adaptadas. Percebemos a construção da marca, que de fato ela existe, quando ela é procurada. Então, essa procura por camisetas, pelos copos que estamos fazendo, é sinal de que a pessoa (alunos) aprecia, caso contrário, ela não usaria. E nós começamos a proporcionar coisas melhores. Temos os datas-show para facilitar a vida dos professores, as salas e laboratórios estão mais bem equipados, os eventos são melhorados a cada ano, então, com tudo isso, de 2010 pra cá a Facopp ganhou muita visibilidade. Inclusive, o laboratório de assessoria de imprensa que sempre publica algo sobre a Facopp e manda pra imprensa, então, ela é vista pela comunidade externa também por bons olhos. O próprio Top ofMind, dá essa visibilidade. As empresas fazem propaganda e usam a logo do Top ofMind Facopp. O curso tem uma credibilidade.

ISSO É MÉRITO DE TODA A EQUIPE?

Sim. Apesar de a ideia às vezes, surgir de uma pessoa, nós temos uma grande equipe de trabalho. Top of Mind era essencialmente da Publicidade, mas o jornalismo abraçou com a mesma força, auxiliando na divulgação. Outra coisa importante: sempre existiu uma rixa entre cursos, mas talvez, pela minha postura e a da Carol, conseguimos banir isso. Nós ajudamos e misturamos as áreas, por isso percebemos que os alunos não levam a diante esse tipo de rixa, entendendo que cada um tem a sua importância dentro da comunicação. Foi uma cultura que mudou bastante.

VOCÊ TEM CONTATO COM EX-ALUNOS? ACHA QUE A MAIORIA SE ENCAIXA NO MERCADO OU NÃO?

Eu tenho contato com alguns. Tem vários que se encaixam e se encaixaram muito bem e hoje são proprietários de agências ou estão dentro de empresas e tem os que tomaram outros caminhos. Mas penso que o conhecimento que ele adquire na faculdade, até para ser empresário auxilia demais. Mas eu escuto muito dos ex-alunos sobre a vontade de voltar para a Facopp, por causa da

infraestrutura que mudou pra melhor. Então isso é um elogio. Eu acho que no geral, eles estão bem colocados, pelo menos os que eu tenho contato.

O QUE MARCOU SUA VIDA DESDE SUA ENTRADA ATÉ HOJE?

O Top of Mind, por ser uma grande realizaçãoe até hoje eu custo a acreditar que deu tão certo. O primeiro aconteceu no anfiteatro Azaléia e ninguém acreditava. Nós ligávamos para os empresários e eles vinham super desconfiados, porém todos bem trajados. No final, foi um evento enorme onde foi preciso até colocar telões no lado de fora do anfiteatro para as pessoas acompanharem. Foi sucesso. A própriaReitoria, que também foi premiada, não acreditou que foi possível o que nós fizemos. Trazer pessoas de fora aqui pra dentro. Foi uma realização do meu trabalho. Mas cada dia eu tenho uma realização diferente. O laboratório de Machintosh, a equipe de professores, agência que funciona de verdade e ter assumido a coordenação, pois foi um desafio. Hoje não existe uma hierarquia, mas sim um coleguismo. Quando o Munir saiu também foi um marco, pois tivemos que nos interar com a parte burocrática, que era feita por ele, em pouco tempo.

HOVE ALGUM PROFESSOR OU ALGUM FUNCIONÁRIO QUE MARCOU BASTANTE?

Acho que o Xando, a professora Fabíola, que se tornou uma grande amiga, o Gilson Catucci, por sua felicidade e também acho que vieram pessoas muito boas como, por exemplo, a professora Sílvia que é um braço direito, o professor Haroldo que foi aluno, fomos banca dele e hoje é professora da Facopp.

QUAIS AS PRINCIPAIS MUDANÇAS QUE ACONTECERAM NA ESTRUTURA DA FACOPP QUE HOJE VOCÊ PODE DESCREVER?

Uma sala de coordenação decente, sala de professores, a transformamos em um espaço em que eles possam ter uma bancada de trabalho, o espaço da agência Facopp que não existia, era um D.A., o espaço da redação, a ampliação do Laboratório de Rádio, os laboratórios de informática, pois, apenas a Facopp e a Fipp tem laboratório de informática próprio, a conquista do laboratório de Macintosh, a TV Facopp, a ampliação de salas de aulas, ar-condicionado, data –show, a sala de criação que está pra ser feita, o laboratório de pesquisa de mercado, as titulações dos professores, incentivados pela Unoeste e pela Facopp, uma salas de multimídia só da Facopp e agora uma lousa interativa também, orádio Facopp que é a Rádio Corredor. E nós, (coordenadores) não paramos, temos outros projetos, como por exemplo a loja Facopp, com camisetas, copos, moletons, bolsas, além do patrocínio de salas, pois agora podemos continuar com o projeto. Eu já tive informação que há pessoas interessadas em patrocinar. Isso também é uma conquista. E os próprios eventos.

PORQUE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO É OBRIGATÓRIO?

É uma exigência do MEC. Ele entende que o aluno precisa, antes de se formar, passar pelo menos 60 horas em contato com a sua área.

VOCÊ ACREDITA QUE OS ALUNOS EGRESSOS SAEM PREPARADOS PARA O MERCADO DE TRABALHO?

Acho que tudo depende do aluno. Nós damos a estrutura, damos o 100% enquanto professor, damos conteúdo que são importantes para ele lá fora. Antes do laboratório de Macintosh, eu achava que os alunos sairiam com déft nesta parte, em aprender a usar uma ferramenta que é de trabalho. Hoje, eu acredito que também damos essa oportunidade. Mas tudo depende do interesse que vem do próprio aluno. A gente dá a ferramenta para aluno sair preparado, depende do aluno essa preparação. Inclusive, devido a determinações do departamento pessoal, hoje nós não temos funcionários trabalhando manhã e noite, com isso, nós temos funcionários no período da tarde, o que possibilita o usodos laboratórios no período da tarde. Então, não precisa parar o curso nesse período (manhã e noite), o que também acaba sendo uma conquista.

O QUE A SEPARAÇÃO DAS HABILITAÇÕES DESDE O PRIMEIRO TERMO REPRESENTA PARA A FACULDADE A SEU VER?

Representa pra nós uma conquista. Sempre estivemos pensando sobre isso, até que fomos chamados pela reitoria e eles nos deram um prazo real, até 30 de julho de 2013 para entregar o projeto pedagógico de cada habilitação. Isso trouxe de positivo a atualização, colocamos disciplinas que não existiam, coisas que são tendências, matérias de debates. Essa separação vem pra beneficiar.

QUAIS OS PONTOS FORTES E OS PONTOS FRACOS QUE VOCÊ VÊ NA FACOPP?

Eu vejo como ponto forte o clima de trabalho organizacional, pois conseguimos produzir e todas as ideias que são lançadas, são abraçadas pelos professores; A estrutura, os professores buscando uma titulação melhor a extensão, pois a Facopp está sempre presente nos projetos de extensão da Unoeste. Como ponto fraco, ainda a pesquisa, mas estamos no caminho. Estamos com um novo pró-reitor de pesquisa que está com novas exigências paracomeçarmos a produzir mais com relação à pesquisa; cito ainda como ponto fraco a falta de um nivelamento, com relação ao português; a falta de interesse pela leitura, por parte do aluno; o fato de ter o curso noturno, pois ele não gera um aprendizado igual ao de quem estuda de manhã e o apoio psicopedagógico, pois acho que ajudaria muito os alunos aqui dentro, com relação à dislexia, pânico, depressão, que gostaríamos muito de tratar de um modo diferente.

EM SUA OPINIÃO, PORQUE O ESTUDANTE DEVE CURSAR COMUNICAÇÃO NA UNOESTE?

Porque eu acredito e acho que pela dinamicidade, pela vontade que temos de mudar sempre, pelo conhecimento que eu tenho das universidades públicas,

pois é uma grande decepção a universidade pública. Existe um equívoco em pensar que a universidade pública é melhor que a particular. Na Unoeste, nós temos uma estrutura que o aluno precisa, grade atualizada, professores titulados, um compromisso muito grande com o saber e uma grande doação, quem está aqui tem prazer no que faz. Além de ser um curso que se movimenta, que procura estar sempre fazendo algo que tenha o perfil do aluno e estamos sempre criando eventos e atividades. É conhecer pra saber porque o curso é bom.

LÊDA MÁRCIA LITHOLDO – PROFESSORA E EX-ALUNA

DESDE A SUA FUNDAÇÃO, AS MUDANÇAS FORAM MUITAS?

Em 1997, quando era aluna, apesar do laboratório ser no Campus II, o laboratório de fotografia era no Campus I. Tínhamos que ir uma vez por semana no Campus I para participar do laboratório. Não tinha laboratório de TV não desse tamanho. Era uma sala improvisada, onde faziam as gravações. Era bem diferente, mais precário. O curso começou em 1995, minha turma é de 1997, as aulas já eram no Campus II.

QUAIS ERAM OS COORDENADORES?

Carlos Alberto Viacchiatti, na época era diretor. Em 2001 eu fui contratada porque fui a melhor aluna da turma. A maioria dos cursos da Unoeste era com diretores, depois que mudou e entraram os coordenadores. O único laboratório que fui lá (Campus I) foi de foto. Lembro de uma gravação que eu fiz, mas que foi praticamente em sala de aula que foi gravado, depois vimos em um aparelho de tv.

QUANDO ERA ALUNA, QUAIS EVENTOS ACONTECIAM?

O que sempre teve foi a semana de comunicação. Fui em uma fase de que o curso não era nem reconhecido, depois que foi reconhecido. Em 2001, quando eu comecei a lecionar não era ENADE, era provão, e essa classe de 2001, que eram meus alunos iam prestar esse “provão” e conforme o resultado iria dar a renovação do reconhecimento. Porque reconhece ou dá autorização para um funcionário e depois de um tempo dava para reconhecer o curso, autorizado mas ainda não estava reconhecido. Eu sei que dependia de uma série de coisas, inclusive de laboratórios. Na turma de 2001, o grande medo era esse “provão” se eles fossem ruins. Acabei ficando muito amiga do Carlos Viacchiatti, inclusive ele é meu padrinho de casamento. E ele estava preocupado com isso, mas falei que iria preparar os alunos. E fiquei várias semanas indo e vindo em um anfiteatro e reunia a galera e passando os conceitos de teoria da comunicação e tudo o que eu pude passar, acho que deu uma contribuição. Até fizeram uma faixa em homenagem a mim e ao Carlos Viacchiatti, eu tenho até foto dessa faixa foi uma experiência bem interessante. É muito trabalho mas que vale a pena.

TEVE ALGUM ABAIXO-ASSINADO NO DECORRER DO CURSO?

Lembro que o Viacchiatti fez um documento e protestou contra a avaliação do MEC, muita coisa não estava de acordo com a realidade.

O QUE EVOLUIU NA FACULDADE EM RELAÇÃO AOS EVENTOS?

Semana de Comunicação ganhou força, veio a Jornada de Comunicação, recentemente tivemos o Cine Fórum, mais recentemente a mostra de trabalhos da Facopp, viram as agências, TV Facopp que tem uma série de eventos e também produtos que a faculdade está oferecendo.

COMO VOCÊ VÊ ESSES PRODUTOS NA ÁREA ACADÊMICA, A IMPORTÂNCIA DELES?

A importância do aluno colocar em prática o que ele está aprendendo em sala de aula. Então ele tem uma aula de telejornalismo e faz os trabalhos, mas está fazendo estágio na TV Facopp e vai colocar em prática aquilo. Na rádio é a mesma coisa. Dá para fazer Assessoria de Imprensa, o Jornal Laboratório.

QUAL SUA MAIOR CONTRIBUIÇÃO PARA A FACOPP?

Organização do grupo para o teatro que foi em 2004, eu e mais uma ex-aluna que era professora e ela tinha sido atriz de teatro e a gente começou a conversar e sempre fui ligada ao teatro, então porque não fazer um grupo de teatro. Ela começou a dar técnicas de teatro, e ela chegou e falou que queria fazer uma peça de teatro, você tem algum texto que possa indicar. Perguntei se podia escrever um texto, ela disse que sim, então escrevi um texto de mídia e o texto foi representado na última sessão tivemos quase seiscentas pessoas no teatro em uma lotação que era improvável, onde tem a capacidade de quatrocentos a quatrocentos e cinquenta, mas tinha gente pendurado até na cortina do César Cava.

FAZIA PARTE DA GRADE AS AULAS DE TEATRO?

O teatro que a Elaine Moura dava foi feito um projeto de extensão, mas não fazia parte da grade.

O QUE MARCOU SUA VIDA DESDE A SUA ENTRADA NA UNIVERSIDADE ATÉ HOJE?

O professor que gosta do que faz, o que é legal é perceber que o aluno está melhorando, isso pra mim é um pagamento que não tem valor, imensurável, porque vê o aluno entrando na faculdade, aquela carinha assustada não sabe direito o que é nada e de repente vê que vai criando uma personalidade, vai se tornando um profissional e essa mudança vai vindo com o tempo e quando encontra lá no tcc, já está um profissional quase pronto, é bem legal. Para o teatro realmente a exibição da peça mídia foi um fator que marcou. O teatro foi encenado com trinta e três alunos da Facopp, o cenário, foi uma coisa muito legal.

QUAIS AS PRINCIPAIS MUDANÇAS QUE ACONTECERAM NA FACOPP QUE VOCÊ PODE DESCREVER?

Os laboratórios, a questão de ter tv, jornal, assessoria de imprensa, acho que essas mudanças começaram a dar fôlego. Hoje a faculdade tem uma estrutura invejável, não só a estrutura que a Unoeste dá que é fantástica. As cadeiras que são usadas aqui, os banheiros são limpos, a biblioteca todo o acervo que ela tem, estacionamento, a parte arborizada que é fantástica. Além de toda essa estrutura da Unoeste, a Facopp também ela trabalhou para que a estrutura interna também fosse crescendo e oferecendo cada vez mais oportunidade do aluno aprender isso eu acho que é uma mudança fantástica. E

o próprio aprimoramento do corpo docente, a Unoeste ela exige hoje uma formação acadêmica mais ampla. Quando eu entrei como aluna tinham vários professores que eram apenas graduados, hoje o nível mínimo é mestrado.

JÁ HAVIA ESTÁGIO NO CURSO QUANDO ENTROU NO CORPO DOCENTE?

A gente fazia fora. Tinha uma carga de trabalho, mas não era como é hoje, era superficial. No último ano eu já trabalhava na área, então se precisasse de algum estágio fiz tudo fora, nada interno.

VOCÊ ACREDITA QUE OS ALUNOS EGRESSOS SAEM PREPARADOS PARA O MERCADO DE TRABALHO?

Existem dois tipos de alunos, os que querem e os que não querem, os que quem sai, por que a faculdade dá condições para sair um excelente profissional. Mas tem aluno que entra aqui sem compromisso, faltam, fica lá fora fumando, não faz trabalho. A faculdade tenta estimular, desafiar, mas quando o aluno não quer, ele cola, não tem comprometimento com nada, mas quando o aluno vem para aprender, você bate o olho e diz essa pessoa vai ser um jornalista e tanto, porque todas as condições a Facopp dá para esse aluno se tornar um excelente profissional.

O QUE ACHA DA SEPARAÇÃO DAS HABILITAÇÕES DO PRIMEIRO TERMO REPRESENTA PARA A FACOPP?

Antes de começar eu fiquei aguardando sem ter um posicionamento, só que hoje eu dando aula em uma classe onde só tem futuros jornalistas e em uma classe que só tem futuros publicitários me deu uma condição de ensino muito melhor porque agora eu direciono tudo aquilo, por exemplo, na aula de jornalismo eu consigo passar não só o conteúdo teórico, mas eu consigo passar toda a minha carreira de tantos anos de jornalista e todos os meios de comunicação, acho que essa experiência vale no conhecimento e também na área de publicidade. Tive a oportunidade de trabalhar em uma das maiores agências de publicidade de Presidente Prudente que é a Promar, então também posso dar exemplos do dia-a-dia que eu vivi, exemplos que fez para montar várias peças, o que aconteceu de certo, o que aconteceu de errado, porque antes o que acontecia, tinha os dois, então tinha que tomar cuidado. Então se empolgar muito falando de jornalismo o povo de publicidade olhava de cara feia, se se empolgava falando muito de publicidade o pessoal de jornalismo olhava com cara feia, esse problema acabou e acho que agora vai render mais, acho que vão sair muito melhores com esse foco.

OS PONTOS FORTES E PONTOS FRACOS DA FACOPP?

Pontos fortes é a estrutura, da qualidade do corpo docente, da forma como o curso é conduzido, as prioridades que são dadas é muito importante, você pega uma pessoa desestruturada psicologicamente para coordenar um curso desse é uma tragédia como eu já tinha oportunidade de ver, e nós temos pessoas centradas, equilibradas, que tem o foco muito grande, que tem o

comprometimento com a qualidade do curso, o que se pretende. Isso é um respaldo muito grande para quem trabalha aqui. Você sente que está focada, e que foca junto, todo mundo trabalhando no mesmo sentido, isso dá uma segurança para desenvolver e empenhar o seu papel e conseguir melhores resultados, fora a estrutura que é uma coisa bem legal. Ponto fraco seria do universo que está vindo para Facopp, são alunos que não vem muito bem preparados do ensino de base, uma galera que está muito voltado a tecnologia. Se olhar são trezentas pessoas em uma sala, duzentas e noventa e nove com celular, mas isso não é da Facopp e não só da Unoeste.

MARCELA REGINA GERRER BARRIOS MARINO – PROFESSORA E EX-COORDENADORA

COMO E QUANDO ENTROU NA UNOESTE E QUANDO FOI SUA CONTRATAÇÃO?

Entrei em 1998, a faculdade não tinha formado ainda a primeira turma. Eu fui convidada porque eu era gerente de Marketing e existiam poucos profissionais aqui na região que tinham diploma para ser docente. Na verdade eu fui convidada a dar aulas por causa do diploma.

QUEM ERAM OS COORDENADORES DE CURSO NA ÉPOCA QUE COMEÇOU A LECIONAR?

O curso não tinha coordenador, tinha diretor que era o Carlos Viachiatti.

COMO ERA A DINÂMICA DO CURSO ANTES DA SUA ENTRADA? E QUAIS ERAM OS COORDENADORES?

Não existiam os coordenadores, o que existia era a equipe de contratados que obedeciam a direção, mas não eram docentes nem da área, eram técnicos.

COMO FOI SUA ENTRADA PARA A COORDENAÇÃO? PORQUE DEIXOU O CARGO E QUEM FOI SEU ANTECESSOR?

Foi mais que um convite. A gente sempre teve dificuldade para achar coordenadores para o curso. Como nós tínhamos uma direção, a coordenação sempre foi uma coisa paralela, e foi mais para ajudar porque a direção não era das habilitações e a gente resolveu entrar para as coordenações, eu na parte de publicidade e a Heloisa Miguel era coordenadora de jornalismo, para a gente poder dar um apoio, uma direção que não era da área. Deixei o cargo porque eu tinha muitas outras funções no mercado, eu tinha uma agência e não tinha como tocar as duas coisas e quem assumiu no meu lugar foi a Larissa.

QUAL DISCIPLINA VOCÊ LECIONA HOJE E QUAIS OS PROJETOS QUE VOCÊ COORDENA?

Ministro as disciplinas de Introdução ao Marketing, Marketing, Mercadologia e sou coordenadora dos projetos experimentais.

QUAIS LABORATÓRIOS EXISTIAM QUANDO ENTROU E QUAIS EQUIPAMENTOS ERAM UTILIZADOS NELES?

Não lembro muito bem dos equipamentos (risos). Eu lembro que tinha laboratórios de rádio, tv e fotografia analógico, não era nem digital ainda. A tv também era uma das primeiras ilhas de edição de Prudente, então era bem antiga. Tinha o laboratório de rádio que era muito pequeno e o equipamento era precário.

QUAIS EVENTOS ERAM OFERECIDOS NA FACOPP QUANDO COMEÇOU A LECIONAR AQUI?

Que eu me lembre, o principal evento era a semana de comunicação que quando eu entrei na faculdade era só a semana que existia.

COMO ERA A DINÂMICA DO CURSO QUANDO ENTROU? HAVIA TURMAS DE MANHÃ E NOITE? HAVIA VESTIBULARES NO MEIO DO ANO?

Só tinha turma de manhã, não existia o curso noturno. Tinha duas turmas, era anual o curso, e depois que ele passou a ser oferecido primeiro turno e depois ele passou a ter vestibulares no meio do ano.

DESDE A ÉPOCA QUE COMEÇOU A TRABALHAR, QUAIS AS MUDANÇAS NA EQUIPE?

Praticamente do corpo docente da época ficaram pouquíssimos profissionais. O que tem hoje acho que eu, a Édma e o Paulo Miguel, que eu me recordo.

QUAL SUA PRINCIPAL CONTRIBUIÇÃO PARA A FACOPP?

Eu acho que fiz muito pouco para a Facopp nesse tempo todo (risos), porque na verdade sempre faltou tempo e dedicação a vida acadêmica, porque muitos de nós temos outro emprego. Acho que uma coisa que eu pude contribuir foi o meu projeto de mestrado era sobre Pepes, e ele é adorado pela Facopp. Foi depois que eu terminei o mestrado que a gente segue até hoje.

O QUE MARCOU SUA VIDA DESDE SUA ENTRADA E ATÉ HOJE?

Acho que foi a formação dos alunos, é uma vitória para a gente. Cada um que sai no mercado, que começa a trabalhar na área e crescer na área, acho que é esse o papel de um professor, você saber que de alguma forma você participou e contribuiu para essa formação também. O sucesso do aluno acaba repercutindo na gente também.

JÁ HAVIA ESTÁGIOS INTERNOS QUANDO ENTROU NO CORPO DOCENTE?

Não tinha no começo. Depois de dois anos que começaram os estágios, mas também não tinha a característica que tinham hoje, eles não eram formalizados, não existiam retorno financeiro para o estagiário é bem diferente do que é hoje, bem mais profissional.

A ESTRUTURA DA FACOPP QUE HOJE VOCÊ PODE DESCREVER?

Acho que a estrutura tecnológica mudou bastante. Mesmo a questão da sala de aula do conforto que a gente tem dos equipamentos disponíveis. Eu sou da época que se a gente quisesse ter algum tipo de tecnologia nós comprávamos. Os professores tinham data show, computadores. Hoje já mudou bastante também os laboratórios. Os próprios departamentos que tinham montados, a

agência de notícias, tudo isso veio a acrescentar bastante no curso hoje eu ofereci para a comunidade.

VOCÊ ACREDITA QUE OS ALUNOS EGRESSOS SAEM PREPARADOS PARA O MERCADO DE TRABALHO?

Acredito que alguns alunos saem preparados, porque não depende só do curso isso, depende de uma preparação do aluno, uma parte dessa preparação é do aluno, de como ele encarou as disciplinas, se ele fez estágio ou se ele não fez. Acredito sim que ele prepara para o mercado, eu não sei se ele prepara o aluno com todas as habilidades necessárias. Mas acho que é infinitamente melhor do que nós tínhamos. A gente divide Presidente Prudente como área de comunicação antes da Facopp e depois, então eu posso dizer que nossos alunos, hoje fizeram a maior mercado de comunicação regional.

O QUE A SEPARAÇÃO DAS HABILITAÇÕES DESDE O PRIMEIRO TERMO REPRESENTA PARA A FACULDADE AO SEU VER?

Eu não sei ainda como vai se comportar, mas acredito numa melhor preparação para os alunos dentro das áreas escolhidas, por que apesar das disciplinas ser disciplinas que vão ser ofertadas nas duas áreas, o aluno tem dificuldade de entender o tronco comum. Até hoje a gente conversa com os alunos e eles acham que com o tronco comum ele está perdendo tempo. Acho que essa separação serve um pouquinho para que ele entenda que tudo isso faz parte da mesma formação. Que esse profissional de comunicação que é o que forma os publicitários e jornalistas a base é uma só, a base é a mesma, então eu acredito que o que vai possibilitar é uma aprofundamento de algumas disciplinas que não eram vistas por falta de tempo.

QUAIS OS PONTOS FORTES E FRACOS QUE VOCÊ VÊ NA FACOPP?

Eu ainda acho que a gente tem muitas coisas positivas na Facopp, tudo que tem sido pedido em termos de estrutura, a gente tem muito apoio da coordenação do curso da reitoria; desde livros e a parte tecnológica. Vieram os laboratórios, os Macintosh, que foram importante para a faculdade, acho que isso tem sido um ponto forte. Mesmo as mudanças estruturais que tem propostas para a reitoria tem sido bastante positiva. Acho que o ponto fraco é que ainda não temos muitos professores em tempo integral, é uma dificuldade de tocar alguns projetos, de promover eventos até por falta de mão de obra, isso é uma falha na Facopp, mas acho que é uma falha de ensino de forma geral das faculdades particulares que não investem tanto na contratação integral dos docentes.

O QUE EVOLUIU EM RELAÇÃO A ESSES EVENTOS? QUAIS FORAM CRIADOS DEPOIS QUE VOCÊ ENTROU PARA A COORDENAÇÃO?

Não foi a minha entrada para a coordenação que criou o evento, a faculdade foi crescendo e havia a necessidade de outras coisas para envolverem os alunos. Teve um projeto que chamava-se “Quilometro Sete” que envolvia o curso de comunicação e depois outros cursos queriam entrar, curso de agronomia,

zoonoses, enfermagem; entraram outros cursos tanto que era um olhar sobre o quilometro sete que era esquecido em Presidente Prudente e a comunicação foi lá com essa criação de dar vida aquele lugar, de dar rosto aquelas pessoas e no fim nós conseguimos levar um monte de benfeitorias que eles aprenderam a fazer hortas, cercaram as suas casas, vacinaram seus animais, tiveram um apoio na área da saúde e é uma pena que esse projeto acabou. Outra coisa que era daquela época era o Cine Fórum, que não se chamava assim, a gente tinha uma intencionalidade de fazer que o aluno desenvolvesse um olhar crítico, conhecendo um pouquinho do que era arte cênica e principalmente cinema; tiveram curso de teatro. Vários eventos, alguns sociais envolvendo comunidade. Todos eles evoluíram até hoje. Acredito que hoje eles estão muito mais organizados. A gente tinha o festival do minuto, depois que a professora Mariângela começou a mexer, começou a dar corpo nisso, tiveram vários eventos, mas eles não eram eventos tão estruturados, parte de um calendário como é hoje. Hoje o aluno entra sabendo quais eventos a faculdade ia oferecer no semestre, naquela época não, a gente fazia muito aleatório, de acordo com a disponibilidade do corpo docente, evolução total dentro da faculdade também.

MARIA LUISA HOFFMANN – PROFESSORA**QUANDO E COMO FOI A SUA CONTRATAÇÃO?**

Entrei em fevereiro de 2013, eu conheci a Carolina, Roberto Mancuzo e Thaísa em um mestrado que fiz uma disciplina com a Thaísa e com Mancuzo e depois eu fiz mestrado com a Carol. A gente acabou se aproximando, conhecendo o trabalho de uma e da outra e quando ela viu a necessidade de um professor de fotografia na universidade ela me chamou e eu topei prontamente e eu comecei a trabalhar aqui. A princípio seria fotografia, mas ela me falou que queria me colocar em outras disciplinas, e para o meu doutorado, para eu ter a liberação de dar aula eu tenho que dar a disciplina que seja vinculada, que tenha alguma relação com a minha pesquisa que eu desenvolvo na USP. Minha pesquisa é uma nova proposta de metodologia para a área de comunicação, e se eu desse a disciplina de metodologia seria condizente com minha pesquisa. Então entrei como coordenadora de TCC no lugar da Thaísa que já estava assumindo outras atividades em outras universidades e as disciplinas que eram associadas a coordenação.

QUEM ERA O COORDENADOR DO CURSO NA ÉPOCA QUE COMEÇOU A LECIONAR?

Carolina Mancuzo.

QUAIS OS PROJETOS QUE VOCÊ DESENVOLVE OU COORDENA NA FACOOP?

No final do ano passado a gente propôs novas linhas de pesquisa que envolvem fotografia e a partir daí a gente vai começar a desenvolver novos projetos, mas a princípio só oriento o projeto de fotografia de TCC e a gente está começando a dar início a um projeto meu e do Mancuzo de criar grupos de fotografia, uma espécie de foto clube para fazer a pratica, tem também algumas discussões teóricas com os alunos e abrir isso para a sociedade, para uma atividade de extensão; mas isso ainda está bem no comecinho.

VOLTOU A REVELAÇÃO DE FOTOS NO LABORATÓRIO DE FOTOGRAFIA?

Já compramos os materiais. Com estagiários vou desenvolver para a oficina de pin hole e se der certo, vamos estender para as aulas. Como o laboratório é pequeno é complicado para colocar um grupo de sessenta dentro do laboratório, todos ao mesmo tempo para coordenar, tudo no escuro com uma luz só que é vermelha, que é permitido, então para aluno ainda não estou abrindo. A ideia é que a gente faça, mas em horários alternativos e não horário de aula. Com os estagiários estamos fazendo esse semestre, com os alunos a gente vai abrir ainda em outros horários, possivelmente a tarde para aqueles que tem interesse.

QUANTOS ESTAGIÁRIOS SÃO NO LABORATÓRIO?

São oito e sem remuneração.

DESDE QUANDO COMEÇOU A LECIONAR AQUI, QUAIS AS PRINCIPAIS MUDANÇAS NA ESTRUTURA DA FACOPP?

Os laboratórios do Mac, laboratório de informática, sala de criação que também que estão aprovando agora, possivelmente vai começar a construção. Eu que dou aula na universidade pública na pós, é que você tem muitas possibilidades. A Carol faz muitas solicitações para a reitoria e consegue muita coisa, ela é bem atendida, acho que o curso é muito bem visto pela reitoria, então eles acabam autorizando muita coisa que em universidade pública, por exemplo, você não consegue, fica anos tentando alguma coisa por que é muito burocrático o processo, e aqui a gente vê as coisas acontecerem. Tanto na parte de estrutura de conseguir os mac's que seria muito difícil, praticamente impossível em uma universidade pública, quanto na parte de autorizações. A gente acabou de atualizar o regulamento e a reitoria leu, e fez sugestões.

QUAL SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A FACOPP?

Uma coisa que a vivi me falou e eu achei muito legal é que faltava uma pessoa com o meu perfil. Acho que não é o meu perfil, acho que porque sou da área de pesquisa, eu acabo fazendo de tudo para incentivar a fazerem pesquisa de um jeito gostoso, que não seja uma obrigação chata, fazer de um jeito que você tenha prazer em desenvolver a pesquisa e ao TCC e eu acho que tem outros professores que desenvolvem pesquisa aqui, mas como eles estão muito envolvidos na área de docência, acho que eles não conseguem puxar muito os alunos para isso, ou incentivar tanto essa vontade.

TEVE ALGUMA COISA QUE MARCOU NA SUA VIDA QUE ATÉ HOJE SE LEMBRE?

A gratidão dos alunos é uma coisa bem legal, respeito pela figura do professor, isso me marca sempre e da reverência. Na entrada da última colação que teve o Aparecido na hora da chamada ele na hora que foi entrar ele virou para os professores e fez reverência, eu quase chorei, porque é muito bonito ver que tem alunos que realmente valorizam o seu trabalho, coisa que é difícil principalmente em escola.

O QUE A SEPARAÇÃO DAS HABILITAÇÕES DESDE O PRIMEIRO TERMO REPRESENTA PARA A FACULDADE AO SEU VER?

Vejo como um avanço, que um curso de quatro anos você passar dois anos estudando coisas que você não aplicaria tanto a sua profissão, enquanto você pode pegar esse quatro anos e se voltar a ir a fundo e se aprofundar um pouco mais no jornalismo ou na publicidade, eu vejo como uma evolução, uma coisa muito boa, que agora até para o desenvolvimento do próprio TCC, os alunos vão ter mais tempo para desenvolver. Vão começar a desenvolver o projeto no sexto termo, a peça teórica no sétimo e a peça prática no oitavo. E as aulas de metodologia vão ser próximos dos anos, você não vai ter metodologia no começo e fazer o TCC no final, porque acaba esquecendo.

QUAIS OS PONTOS FORTES E FRACOS DA FACOPP?

Pontos fortes das coisas realmente acontecerem, os professores terem a ideia, colocar em prática, então se articula para fazer acontecer, e as coisas acontecem. De repente vamos fazer a Mostra, e é um sucesso, o que em uma universidade pública é muito difícil. Outro ponto forte é que você consegue ver nos alunos a evolução no texto, entram às vezes semianalfabetos, com problemas de dislexia ou outros problemas graves, e produzem materiais de qualidade. Ponto fraco talvez seja a questão da seleção, como ela abrange, abre muitas portas, e entra muita gente que às vezes não tem o preparo mínimo. Essas pessoas que não tem aptidão, habilidade, acabam deixando o curso. Aquelas que tem acabam se dedicando mais, correm por fora para alcançar o nível dos outros alunos, mas isso também é uma coisa que está mudando, com essas novas regras de ter uma nota mínima, já está acontecendo. A evolução é muito mais grande, as pessoas vem mais preparadas.

MARIÂNGELA FAZANO - PROFESSORA
LABORATÓRIO GEPEC

VOCÊ ESTÁ A FRENTE DO GEPEC A QUANTO TEMPO? E COMO FOI O CONVITE PARA SUPERVISIONAR ESTE LABORATÓRIO?

O convite partiu das coordenadoras Carol e Larissa o ano passado, porque o Rogério pra terminar o doutorado dele ele não poderia mais assumir o GEPEC e como eu já supervisionava o NEXU, elas acharam que seria legal também eu assumir o GEPEC por eu estar sempre aqui envolvida com todos os trabalhos internos da Facopp.

QUANDO E COMO FOI CRIADO O LABORATÓRIO GEPEC?

O GEPEC ele foi iniciado em 2002. Eu já fazia parte do corpo docente, e eu me lembro muito bem que a necessidade da formação de um grupo de estudos era justamente pra fomentar a pesquisa dentro da Facopp. Havia alunos interessados na iniciação científica, mas não havia um grupo temático que conseguisse dar conta de orientar em várias áreas mesmo assim sendo um grupo temático.

O QUE É O GEPEC?

O GEPEC é um grupo de pesquisas e estudos e comunicação que tem vínculo com a graduação.

ONDE SÃO REALIZADAS AS ATIVIDADES DESTE LABORATÓRIO?

Atualmente nós estamos na redação Facopp e é lá que eu faço os atendimentos, mais aqui nas dependências da Facopp. Eu sempre estou atendendo alunos.

QUAIS FORAM AS EVOLUÇÕES DO LABORATÓRIO?

O GEPEC vem evoluindo bastante desde 2002. Nós já estamos, se eu não me engano, na 7ª edição da revista. Essa revista que é a Identidade Científica é uma revista do grupo, ela nasceu do grupo. Ela já tem registro e ISSN, isso é um avanço. Nós estamos caminhando pra que consigamos um selo de qualidade. Outro avanço é que ela existe Online, ela não é só física mais, isso é bom porque divulga mais o conhecimento.

POR QUE ELE É CADASTRADO NO CNPQ (CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO) COM A NOMENCLATURA COMUNICAÇÃO E CULTURA E NÃO COMO GEPEC MESMO?

Porque a área de concentração dele é Comunicação e Cultura. Ele existe como GEPEC no próprio CNPQ, porém a temática a qual ele se vincula é Comunicação e Cultura.

O GEPEC É UM LABORATÓRIO SÓ DE PESQUISADORES OU NELE TEM ESTAGIÁRIOS, OU O PRÓPRIO OS PESQUISADORES SÃO CONSIDERADOS OS ESTAGIÁRIOS? E QUANTOS PESQUISADORES ATUAM ATUALMENTE ENTRE PROFESSORES E ALUNOS?

Atualmente nós temos em torno de 16 professores e acredito que uns sete alunos envolvidos em pesquisa. Não são todos os professores que orientam alunos. Professores que são pesquisadores que tem suas pesquisas individuais, mas que fazem parte do grupo e participam das reuniões do grupo, mas que não orientam diretamente alunos. Nós não consideramos o aluno monitor, nem estagiário, ele é pesquisador, ele é membro do GEPEC também como aluno.

QUAL É O PONTO DE PARTIDA DA PESQUISA? COMO ELA É FEITA?

A pesquisa sempre se inicia com a escolha de um tema, a partir desse tema você se direciona pra uma busca sobre o universo bibliográfico em que se insere aquele tema, pra descobrir todas as possibilidades sobre aquele tema. É claro que não se consegue dar conta de tudo, mas pelo menos de uma grande parcela. Tendo em vista que você escolheu um tema, você tem que partir pra uma questão metodológica então. Em cima desse tema você te que traçar objetivos, justificativa, hipóteses, método, o cronograma de execução. Então tendo todo esse ferramental em formato de pré-projeto você tem possibilidade de iniciar uma pesquisa em iniciação científica. O pré-projeto também é um pontapé para inserção em mestrados e doutorados. Tudo parte de um pré-projeto de uma elaboração e essa elaboração tem que partir de um tema.

TEM BASTANTE PROCURA, INTERESSE DOS ALUNOS NA PRÁTICA DA PESQUISA NA INICIAÇÃO CIENTÍFICA?

Eu não vou dizer que chovem alunos; não chovem alunos. Mas eu tenho notado que o interesse está crescendo. O principal empecilho é a escrita, todo mundo tem muito medo de escrever e tem medo de se jogar num tema desconhecido, porque na verdade é isso que vai acontecer, você vai se jogar num tema que você não conhece, que você tem que descobrir, então tem que estudar. Acredito que sejam algumas barreiras, mas mesmo assim eu tenho notado que está havendo uma procura, que ela está crescendo.

O LABORATÓRIO GEPEC ESTÁ LIGADO A ALGUM OUTRO PROJETO DA FACOPP OU MESMO DA UNOESTE?

O Gepec tem uma relação estreita com o NEXU, porque a pesquisa pode gerar uma extensão ou a extensão pode gerar uma pesquisa; eles são parceiros. Membros do Gepec estão em contato direto com o grupo de estudos do mestrado em Educação. Nós estamos fazendo parte eu a Larissa, o professor Marcelo e a professora Marcela também porque nós queremos estreitar esses laços com relação a pesquisa em Educomunicação que seria um braço também do Gepec, uma possível linha de pesquisa.

A REVISTA IDENTIDADE ONLINE CONTINUA FAZENDO PUBLICAÇÕES?
COM QUE FREQUÊNCIA?

Elas são semestrais.

VOCÊ TEM ALGUM PLANO FUTURO PARA O GEPEC? E PRETENDE
TAMBÉM CONTINUAR SUPERVISORA DO GEPEC?

Pretendo. Meu plano futuro seria incentivar os professores a terem seu projeto docente, não só em termos de cadastro. Eu gostaria de fomentar essa questão de cada professor ou em parceria com outros professores, terem um projeto docente bem estruturado. Em cima desse projeto docente surgirem as pesquisas, e isso seria o ideal.

LABORATÓRIO NEXU

O NEXU FOI CRIADO NO ANO DE 2001. SEMPRE FOI VOCÊ A
SUPERVISORA? COMO FOI O CONVITE PARA SUPERVISIONAR ESTE
LABORATÓRIO?

Não, não era eu a supervisora, era a Edma. A Edma também por conta do doutorado ficou muito atarefada e como eu sempre estive envolvida nas atividades aqui internas da Facopp como organização de Semana de Comunicação e todos os eventos e também estive envolvida com projetos de extensão, acabei por assumir o NEXU.

COMO FOI CRIADO O NEXU?

Quando eu entrei aqui já havia o NEXU, então eu acredito que não houve uma criação, ele já existia, ele só foi intitulado; ganhou uma sigla, NEXU.

O QUE É O NEXU?

O NEXU é o Núcleo de Extensão Universitária da Facopp e ele na verdade conversa com a Proeste, que é a Pró Reitoria de Extensão. Então eu tenho um canal aberto ligado com a Proeste em termos de parceria e de fomentar projetos tanto da universidade de forma geral como da Facopp. Além do Nexu fazer toda a checagem e orientação dos cadastros, de produtos laboratoriais, de projetos de extensão, de visitas técnicas, de eventos, de viagens, tudo isso passa pelo NEXU, o cadastramento, a evolução e a existência desses projetos. Além disso, a gente tá com a intenção de iniciar alguns cursos de extensão e aperfeiçoamento. Esses cursos serão pagos. São cursos que por exemplo, a grade de disciplinas não contempla determinado conteúdo que é extremamente específico ou técnico; um curso de Ilustrator ou photoshop. Então a gente tá tentando trazer um profissional dessa área pra oferecer um curso de aperfeiçoamento aos sábados e que isso fique, como um curso que a Facopp oferece. Então é um projeto, o NEXU abrange vários limites. Então o que que a extensão faz: Ela possibilita que o saber que acontece aqui dentro, que acontece dentro da sala de aula, que ele se estenda à sociedade. De que maneira: em forma de projeto, em forma de cursos.

QUAIS SÃO AS ATIVIDADES EXTENSIVAS DA FACOPP QUE O NEXU FAZ PARTE?

São várias. Por exemplo, a TV Facopp online, ela sempre apoia um programa de extensão que se chama Agita Pontal que é um programa institucional, não é da Facopp, a Facopp entra como parceira e esse programa ele pretende atender comunidades do sem terras. Já vamos pra terceira edição; a última edição foi em Marabá Paulista e a Facopp vai pra fazer todo atendimento de assessoria de imprensa, colher imagens pra depois produzir o videodocumentário desse evento pra contar a história de como foi. As parcerias extensivas elas sempre vão por esse caminho. Muitas pessoas da sociedade procuram a instituição pra pedir esse apoio. A Agência também oferece trabalho de extensão em termos atendimento a clientes internos; faculdades procuram muito a Agência.

QUANTOS ESTAGIÁRIOS JÁ PASSARAM PELO NEXU E QUANTOS ATUAM ATUALMENTE?

Na minha gestão eu costumo receber um por semestre, estou no terceiro semestre agora desde o ano passado, então 3.

VOCÊ TEM ALGUM PLANO FUTURO PARA O NEXU?

Plano futuro pro Nexo é um projeto que já está em fase de contatos. Ele vai se chamar Vira Galo, é um programa que parte da faculdade de Publicidade e Propaganda. A gente pode denominar como um cliente regionalizado. A proposta do Vira Galo é a formação de uma agência pop up que tem a pretensão de entrar numa certa localidade entender como aquele local necessita de comunicação publicitária e estratégica e oferecer esse serviço pra essa localidade. Pode ser um centrinho comercial, uma rua também que tenha bastante comércio e pra esse projeto a gente escolheu o Mercado Municipal. A gente tá nessa fase ainda de explicar pra eles o que é e aceitação deles também.

O projeto vai envolver parte da publicidade também, o jornalismo e todas suas facetas, designer de interiores, arquitetura e urbanismo, a engenharia ambiental e talvez a administração. Esse é o maior projeto futuro que é um futuro que está bem presente.

MARIÂNGELA FAZANO – PROFESSORA

QUANDO ENTROU PARA O CORPO DOCENTE DA UNOESTE E COMO FOI SUA CONTRATAÇÃO?

Eu entrei dia 18 de fevereiro de 2002 e minha contratação foi para dar aulas de semiótica, pois quem lecionava esta disciplina assumiu a coordenação e não quis mais ficar em sala de aula.

QUEM ERAM OS COORDENADORES DE CURSO NA ÉPOCA EM QUE PASSOU A LECIONAR AQUI?

Ainda era a época da figura do Diretor. Era a professora Astrogilda a diretora. A coordenação do jornalismo era a professora Sandra e da publicidade era o professor Guaracy.

QUAIS LABORATÓRIOS EXISTIAM QUANDO ENTROU? QUAIS EQUIPAMENTOS ERAM UTILIZADOS NELES?

Eu me lembro do laboratório de Tv. Ele tinha a mesma configuração que tem hoje, com menos equipamentos. O laboratório de rádio, que era junto ao de Tv e me lembro também de uma sala que era tudo. Era agência, assessoria e não tinha muito espaço para o aluno estagiar. Não tinha estagiário como tem hoje. Tudo desembocava nesse lugar. Creio que ele existiu bem antes do NUCOM. Os equipamentos eram avançados pra época. Quando eu entrei já não se utilizava mais o laboratório de fotografia; estava desativado.

COMO FOI SUA ENTRADA PARA A SUPERVISÃO DOS LABORATÓRIOS DO NEXO E GEPEC?

Foi um convite da Larissa e da Carol, pois eu sempre me envolvo em questões fora sala de aula. Como o Núcleo Docente Estruturante, os projetos de pesquisa e extensão, eu organizei da 8º até a 12º, 13º semana de comunicação, com a ajuda de um aluno. Creio que por esse envolvimento que acabei assumindo essa supervisão.

AS SEMANAS DA COMUNICAÇÃO QUE VOCÊ ORGANIZOU, JÁ TINHAM UM FORMATO PRÉ-MOLDADO?

Hoje que atingiu esse formato que vem dois (palestrantes) de publicidade, dois de jornalismo, uma pessoa pra falar sobre pesquisa e extensão. Antigamente não tinha esse formato pré-estabelecido, era muito variado. Houve anos em que priorizamos chamar muitos ex-alunos para falar sobre o mercado de trabalho. Era utilizado o material humano que tínhamos em mãos.

O QUE EVOLUIU COM RELAÇÃO AOS LABORATÓRIOS? QUAIS FORAM CRIADOS DEPOIS QUE VOCÊ ENTROU PARA O CORPO DOCENTE?

Muito. O Laboratório de Redação, o ECO, ASSIM, a própria Rádio que cresceu, desvinculou da Tv. As salas patrocinadas. O Laboratório de

Macintosh. Essa evolução é muito visível, até com relação ao encadeamento do ensino. A questão de analisar em todos os semestres os planos de ensino, fazer confrontação de conteúdos para que não fossem iguais em disciplinas diferentes. E isso evoluiu, não acontece mais. Um completa o outro. Em termos de ensino evoluiu de mais. Também a característica do corpo docente, a busca por titulações. Antigamente, alguns professores eram contratados, porém, não se sabia o porquê daquela contratação. Hoje há critérios para a contratação de professores. Tem que ter currículo, uma vida acadêmica, um pezinho no mercado. Isso evoluiu muito.

E VOCÊ VÊ ESSA EVOLUÇÃO DESDE QUANDO?

Desde 2008, 2009, a coisa tomou um caminho mais reto.

E COM RELAÇÃO AO TOP OF MIND, COMO É A SUA PARTICIPAÇÃO?

Eu participo na organização, na organização e estruturação do evento. Penso no roteiro, na trilha (sonora), que é temática. Nós pensamos no tema. Claro, com a ajuda da Larissa. E desde 2011 a Facopp se tornou uma equipe, que troca, que se ajuda.

COMO ERA A DINÂMICA DO CURSO QUANDO ENTROU? HAVIA TURMAS MANHÃ E NOITE E VESTIBULARES NO COMEÇO E MEIO DE ANO?

Sim.

VOCÊ TEM CONTATO COM EX-ALUNOS? ACHA QUE A MAIORIA SE ENCAIXA NO MERCADO OU NÃO?

Sim, tenho ex-alunos que são amigos íntimos. Os (ex-alunos) que eu conheço se encaixaram. Se não estão no mercado, partem para o mercado acadêmico, vão lecionar.

O QUE MARCOU SUA VIDA DESDE SUA ENTRADA ATÉ HOJE?

A experiência. Foi aqui que iniciei minha carreira, não tinha ainda terminado o mestrado. Aqui eu aprendi a dar aula e aprendi também que eu tenho que buscar sempre. Foi esse crescimento interior e profissional. Eu me orgulho de trabalhar aqui. Alguns amigos meus desvalorizam a faculdade. Eles me perguntam como eu tenho coragem de trabalhar em uma “faculdadezinha de beira de estrada” e isso me irrita. Mas eu sempre defendi, porque aqui é uma instituição muito séria. Até aconteceu um fato muito curioso, que o jornalista Ernesto Paglia veio até a instituição, creio que em 2003 ou 2004. Eu me lembrei disso, porque muitas pessoas olham pra Unoeste como um curso vago. Ele foi até a reitoria com o pretexto de que estava em Prudente para fazer uma grande reportagem sobre as cidades do Brasil que tinham grande potencial para se tornar cidades universitárias. As portas foram abertas a ele e a faculdade de comunicação ficou responsável por essa visita. Eu especificamente. Então, mostrei tudo do campus II pra ele. Abri todas as salas. Ele veio com um outro rapaz e não tinham câmera, nem nada. Nós

conversamos muito e ele me explicou sobre a tal grande reportagem e me disse que dali a um mês ela seria exibida no Globo Repórter. Avisamos toda a faculdade, alunos, funcionários e quando a matéria foi ao ar, nada mais era do que uma reportagem sobre cursos vagos. Eles usaram câmeras escondidas. Fui enganada. E matéria falou que era em Presidente Prudente. Não mostrou meu rosto, nem minha voz, mas quem conhecia, sabia que era a Unoeste. eu tenho muito orgulho da Unoeste. Eu a vejo crescer. Temos um curso com cara de comunicação realmente.

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO JÁ ERA OBRIGATÓRIO QUANDO ENTROU?

Já, mas acontecia fora da Faculdade. Não era oferecido aqui.

O QUE A SEPARAÇÃO DAS HABILITAÇÕES DESDE O PRIMEIRO TERMO REPRESENTA PARA A FACULDADE A SEU VER?

Mais uma evolução. Apesar de ser obrigatório. Estamos tirando de letra. A adaptação é difícil, mas evolui. É pra mostrar que são duas grandes áreas dentro da comunicação que merecem ser estudadas de formas mais direcionadas. Apesar que eu não era contra a grade antiga.

MUNIR JORGE FELÍCIO – PROFESSOR E EX-COORDENADOR**O QUE O SR. FAZ ATUALMENTE?**

Professor permanente no Mestrado em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional da Unoeste.

COMO COMEÇOU A CARREIRA PROFISSIONAL?

Fui contratado pela Unoeste em 1999. No ato da contratação eu fiz também a matrícula do curso de Direito e me formei em Direito pela Unoeste. Simultaneamente eu dava aula em algumas faculdades no Campus II e fazia o curso de direito e também me matriculei no Mestrado em Educação na Unoeste. Então sou Mestre em Pós-Graduação aqui na Unoeste. Depois disto eu fui para a Unesp fazer o doutorado, fiquei um ano em Araraquara na Unesp de lá, depois me transferi pra Unesp de Presidente Prudente. Construí e defendi a minha tese dia 06 de Junho de 2011. Fico na Facopp até o finalzinho de 2011 que já era um acerto entre eu e a reitoria que eu ficaria na direção da Facopp até terminar o meu processo de doutoramento. No segundo semestre de 2011 eu já fazia parte do corpo de professores que estavam construindo o programa de pós-graduação e mestrado em meio ambiente e foi aprovado em 20 de Dezembro de 2011. Então de 2012 eu já fui pra lá.

PRIMEIRO O SENHOR ENTROU NA UNOESTE COMO PROFESSOR E COMO PASSOU A ASSUMIR A COORDENAÇÃO?

Na substituição do professor Gilson na direção, o professor Homero foi chamado para a reitoria e lá de dentro da sala da reitoria e disse que assumiria a direção da Facopp se eu fosse junto com ele. Ele me ligou no início de 2008. Fiquei coordenando o curso de jornalismo e o professor Homero era o diretor da Facopp, quem coordenava o curso de publicidade era o professor Gilson. Na metade do ano de 2008 o professor Homero em função da política, ele se afasta da direção e eu assumo a direção da Facopp e convido a professora Carol Mancuzo para ser a coordenadora de jornalismo. E na mudança do professor Gilson, a professora Larissa já tinha sido convidada. Então do segundo semestre de 2008 eu assumo a Facopp, a direção geral e a professora Carol assume a coordenação de jornalismo e a professora Larissa assume de publicidade.

QUAL O MOTIVO DO DESLIGAMENTO DA COORDENAÇÃO?

Na época que eu assumi estava no processo de doutoramento, então sempre disse à reitoria que o meu forte não era a parte administrativa, mas era a pesquisa e eles, assim que você terminar o processo de doutoramento, na época eu já fazia parte do corpo docente da pós-graduação que estava construindo o projeto de mestrado meio ambiente e desenvolvimento regional, e ele foi aprovado no dia 20 de Dezembro de 2011, e eu saio da Facopp no início de 2012 passando a coordenação geral para a professora Larissa e professora Carol.

FOI A PARTIR DESTE MOMENTO QUE DEIXOU DE EXISTIR A NOMENCLATURA DE DIRETOR?

Essa figura de diretor na Facopp tem uma história lá atrás, talvez demore para conta-la, porque quando veio o curso de turismo, ele era ligado ao Curso de Comunicação social. Então tinha um diretor que cuidava do curso de Comunicação Social e do curso de Turismo. Depois a reitoria achou por bem desmembrar o curso de turismo com uma coordenação própria. A figura de diretor continua com a Astrogilda, depois dela com o professor Gilson Catussi, Professor Homero e depois comigo; quando eu saio ela extingue, e fica só as duas coordenações, porque na época que eu era o diretor eu já havia sinalizando a necessidade de separar os cursos como é atualmente.

QUAIS OS LABORATÓRIOS QUE EXISTIAM QUANDO O SENHOR ENTROU, E QUAIS ERAM OS EQUIPAMENTOS?

Lembro que a primeira conversa que eu tive com a reitoria foi de construir um laboratório de informática próprio para a Facopp, até então não tinha; nós usávamos os laboratórios comuns. Essa foi a primeira iniciativa que deu certo e que a reitoria nos atendeu. Depois melhoramos o laboratório da tv. Alguns equipamentos que eram solicitados de longa data da professora Thaísa, eu fui trabalhando e conseguimos melhorar, e depois inauguramos a agência que até então era misturada com outras atividades e fizemos uma separação para que tivesse uma vida própria. Foi aí que eu criei uma coordenação própria de extensão, que hoje chama NEXU e dos trabalhos de pesquisa que chama Gepec. Eu distribui, fui construindo isso com a ajuda dos professores.

QUAIS EVENTOS ERAM OFERECIDOS NA FACOPP QUANDO O SENHOR ENTROU?

Os mesmos que são oferecidos hoje. Tinha a Semana de Comunicação no primeiro semestre e no segundo semestre era a Jornada de Comunicação. Com a iniciativa da professora Larissa e nossos colegas docentes da publicidade, eles construíram um evento que chama-se Top Off Mind, isso não tinha, nós que criamos.

COMO FOI SUA PARTICIPAÇÃO NO CINE FÓRUM?

Quando eu comecei na direção, a primeira reunião que eu tive com o professor Homero, eu dei a ideia de construirmos o Cine Fórum como uma possibilidade de discussão de temáticas vinculadas nas artes cênicas que é inerente ao comunicólogo. A partir desta iniciativa fomos construindo aos pouquinhos, ele foi passando por etapas até alcanças no formato que tem hoje.

O QUE FOI CRIADO OU APERFEIÇOADO NO PERÍODO EM QUE ENTROU ATÉ HOJE?

Quando eu entrei eu achei a necessidade de construir o que a gente chama de manual do aluno, para que o aluno no primeiro dia de aula ele receba todas as regras, todas as normas, todos os seus direitos e todos os seus deveres.

Construímos isso com a ajuda do corpo docente. Fazendo parte se a reprova por falta, até um determinado percentual o aluno pode faltar sem prejudicar seu aproveitamento letivo; acima disso ele vai ser reprovado sumariamente mesmo que ele seja aprovado com nota, isso não tinha na época, nós criamos. Colocamos no papel e criamos que pode recuperar faltas em um determinado percentual apenas, acima desse percentual ele é reprovado; isso também foi uma criação na minha gestão.

COMO ERA A DINÂMICA DO CURSO? HAVIA TURMAS DE MANHÃ E NOITE E VESTIBULARES?

Havia turmas de manhã e noite, vestibulares no meio do ano. No vestibular do meio do ano sempre era formado turma a noite e do final do ano sempre turmas de manhã e noite, como acontece até hoje.

A TURMA DA NOITE DE ALGUMA MANEIRA É PREJUDICADA?

Eu não vejo desta maneira. Meu foco de interpretação vai mais no perfil do discente. Esse perfil do discente evidente que guarda correspondência, no sentido dele cursar no período matutino ou no período noturno, mas vai muito do perfil dele. Do tempo que eu estou aqui na Facopp, excelentes alunos que em função de estudar no período noturno por exigência da necessidade de trabalhar, mas como ele tem um perfil determinado ele consegue fazer um curso bem feito, e sai daqui praticamente empregado. Eu não faço diferença em ser de período matutino ou do período noturno, é uma questão individual de formação. A pessoa que vem sabendo as exigências do curso e o mercado tem uma exigência mais forte.

QUAL SUA PRINCIPAL CONTRIBUIÇÃO PARA A FACOPP?

Estou na Facopp desde meu ingresso na instituição, a disciplina que eu ministro até hoje Filosofia Aplicada, os exercícios que eu faço dentro da sala de aula contribuindo na formação, nos aspectos da ciência atual que é a comunicação social. Acho que minha contribuição está mais no aspecto da sala de aula do que no aspecto administrativo, para falar a verdade eu não tenho muito vocação para administração; fiquei porque era uma necessidade da administração. Tinha me pedido para que pelo menos um tempo eu colaborasse e eu colaborei da melhor forma possível.

NA SUA GESTÃO ALGUM PROFESSOR SE SOBRESSAIU?

Não vejo dessa forma. Evidente que quando muda uma direção, os posicionamentos dos docentes é diferente em função de estar mais ou menos próximos da direção da coordenação, mas não de estar em nenhuma atuação docente que possa chamar atenção.

COMO PROFESSOR, ALGUM ALUNO SE SOBRESSAIU?

Como eu disse o perfil do nosso ingressante ele vem sendo atraído pela excelência do curso, Então nesse sentido qualquer ingressante de qualquer

temo pode se sobressair porque pode contar com excelente bagagem na docência e também com excelentes laboratórios para ele fazer. A prática nesse sentido é dada a estrutura do curso de uma forma proveitosa dependendo do perfil do discente e temos pessoas que se destacam, basta ver no mercado de trabalho aquelas pessoas que se destacam já atuando em determinadas frentes na mídia tanto regional quanto estadual e nacional.

O QUE MAIS MARCOU NO PERÍODO EM QUE ESTÁ NA FACULDADE ATÉ HOJE?

A identificação do curso de comunicação. Basta saber que não sou formado na área, não sou jornalista nem publicitário. O ponto de vista de eu aproveitar a sala de aula como um laboratório contribuiu muito para a minha formação que durante o processo de doutoramento eu ia fazendo alguns testes na sala de aula inclusive para aprimorar, e esse exercício ganhava tanto para quem estava na sala quanto meu trabalho.

QUAIS OS PONTOS FORTES E FRACOS DA FACOPP?

Os fortes da Facopp está na docência, professores excelentes na Facopp e na estrutura dos laboratórios. Na época que eu estava na direção eu recebia inclusive pessoas de outras instituições que queria conhecer a Facopp, a Tv Facopp por exemplo, só para chamar atenção. No sentido de ponto fraco, eu não vou chamar de ponto fraco porque há um comentário que nossos discentes tem uma determinada característica, e isso não é verdade pelo fato da Facopp estar presente em uma instituição privada. Como eu participo de eventos científicos nas universidades federais eu percebo que o perfil do discente de lá é igual ao daqui. Então eu não chamo isso de ponto fraco. Penso que nosso sistema de ensino nacional deveria trabalhar esse discente a qualquer curso de uma forma mais adequada e mais consolidada para que ele não viesse pra cá com as lacunas que ele chega. É esse ponto que me parece exigir dos docentes um esforço maior para poder completar essas lacunas.

PAULO CÉSAR BONI – EX-PROFESSOR DA FACOPP

COMO ACONTECEU SUA ENTRADA NA FACOPP?

Entrei na Facopp porque uma pessoa muito querida, o Bruno Classes, que era coordenador do curso de comunicação. Como eu já era professor na UEL, professor do Bruno inclusive, quando eles foram montar o curso de comunicação o Bruno Vasques e o Carlos Manfrim foram na UEL e conversaram comigo e com outros professores; a gente deu dicas de grades. E depois que ele começou o curso, ele nos convidou e vieram algumas pessoas de Londrina. Veio eu, Luzia, Jhone e nós fomos tocando o começo do curso até o curso se estruturar e passar pelo temido provão daquela época. A primeira turma já gravou um B que foi comemoradíssimo na universidade. Inclusive fizeram uma placa “Turma do B”. As faculdades particulares estavam muito acostumadas a tirar nota E, D e de repente a comunicação tirou uma nota B. Foi a maior nota da Unoeste naquele provão. E depois daquele tempo a gente foi naturalmente saindo. Uma coisa curiosa é que a gente vai envelhecendo e você começa a perceber que 180 km de estrada para vir e 180 km para voltar, considerando o tempo na estrada, correndo o risco de estrada e acaba ficando uma coisa meio pesada. Eu entrei já estava no Campus II. Entrei dando aula para o terceiro ano.

O QUE MELHOROU EM RELAÇÃO À ESTRUTURA?

Guardada as devidas proporções que isso é importante. Quando o curso começou tinha um ótimo laboratório fotográfico, com ótimas câmeras fotográficas, tinha laboratório de televisão maravilhoso, era mais do que suficiente e nós tínhamos também esse time de professores. A publicidade por exemplo, veio o Gilson Catussi que era um cara muito bom, até recentemente trabalhava na Unoeste. O Gilson trouxe o Vladimir que também era um ótimo cara e pegamos mais umas outras pessoas que vieram de Bauru, que vieram do estado de São Paulo e outras cidades de São Paulo e nós víamos as terças-feiras e depois tínhamos almoço. Juntávamos o Nuno, Gilson Catussi, Vladimir, César Balaroti, Gelson que era professor de veterinária que vinha conosco, Eliza que era professora de farmácia que vinha de outra cidade pra cá. Era um grupo de 10 a 12 pessoas que a gente sentava para almoçar e ficávamos almoçando. Essa unidade, essa coesão era muito importante para o curso porque nós conversávamos de disciplina por disciplina e nós conhecíamos os alunos pelos nomes e conversávamos sobre a deficiência de cada um. Os que eram de alguma forma deficientes, mas com boa vontade socorremos.

TEM ALGUMA HISTÓRIA QUE ACONTECEU QUE O SENHOR LEMBRA, QUE MARCOU SUA VIDA ACADÊMICA?

Adorei a primeira turma que dei aula. Mas a coisa que marcou que eu dei muita risada foi eu mesmo que provoquei. Em 1998 a professora Luzia Mitsue Yamashita, ela organizou o IMIN 90 (festividade que comemora a imigração japonesa) que aconteceu lá em Londrina e em Rolândia. E foi um acontecimento, o Fernando Henrique Cardoso que era presidente, o Jaime

Lerner que era governador, Cônsul do Japão, príncipe do Japão. E saiu uma fotografia na primeira página da Folha de Londrina que mostrava estas autoridades com a Luzia. Saiu na primeira página da Folha então eu sacaneei, a Luzia ia aplicar prova na semana de provas e peguei e mudei todo o texto do jornal com a fotografia e lá em determinado momento eu disse que o Presidente Fernando tinha intervindo com a professora Luzia pedindo para ela ser condescendente com a turma da Facopp, mas que ela tinha respondido que não; que a prova ia ser extremamente rigorosa. Nós chegávamos e era o tempo de nós correremos para o banheiro e correr para a sala de aula, e naquele dia a gente entrou no banheiro e assim que a gente entrou eu sai e fui colar os cartazes e de repente os alunos vendo tudo aquilo e a Luzia não tinha percebido. Ela chegou na sala de aula para dar a prova e não tinha ninguém, todo mundo indo embora e todo mundo ia fazer a segunda chamada. E na reportagem ela disse que seria muito rigorosa que a educação era uma coisa muito séria e depois que ela viu esses cartazes pendurados ela veio que nem uma onça em cima de mim. Mas a gente era muito amigo, de muita brincadeira.

EM RELAÇÃO AO CARLOS VICCHIATTI, HOVE ALGUMA HISTÓRIA NAQUELA ÉPOCA QUE ENVOLVEU ELE?

A percepção que eu tinha do Carlos, que era um cara muito bom, que tinha algumas luzes de administração que eram legais, mas ele considerava todos os outros professores concorrentes com ele, então não eram pessoas muito amigas, pareciam concorrentes. Não sei se ele imaginava que todo mundo queria tomar o lugar dele, mas ninguém queria. Então por conta disso ele teve um relacionamento meio conturbado com alguns professores e com alunos também, pela mesma circunstancia, mas de outra esfera. Eu particularmente espero que ele tenha melhorado daquele tempo e que ele seja uma pessoa feliz e esteja fazendo seu serviço muito bem e que não precise alimentar essa “desavença” e “intimidações”. Foi uma fase, tenho certeza que hoje é uma pessoa melhor. Era uma fase que todo mundo estava se ajudando. Essa coisa que eu falei do almoço, ele nunca estava no almoço.

PAULO MIGUEL – PROFESSOR

COMO FOI SUA CONTRATAÇÃO NA UNOESTE?

Eu atuava no Oeste Notícias, que foi quando ele foi formado. O Paulo Lima me conhecia do trabalho que eu havia feito na Folha de São Paulo e me convidou pra montar, junto com o Ulisses de Souza, um departamento fotográfico, como editor de fotografia, área em que eu nunca havia atuado. Era uma situação diferente, mas topei. Era um jornal bem rico em questão de produção. Aí, a Faculdade foi formada pelo Nuno Velasques e pelo Carlos Manfrin que foi o primeiro diretor. Quem me convidou foi o Nuno, ele era professor de produção gráfica e, a princípio, ele me pediu que montasse um estúdio-laboratório de fotografia. Quando chegou o terceiro ano, se não me engano, passou a ter fotografia. Há uma certa confusão sobre a professora Édima ser a mais antiga. Mas ela é mais antiga na Universidade, mas não na Facopp. O Homéro que é da primeira turma, ele não foi aluno da Édima, ele foi meu aluno. Então, eles me chamaram pra dar aula. Eu nunca havia dado aula, eu tinha dado muitas oficinas. Eu era um oficineiro. É diferente. Eu aceitei (dar aulas), era uma experiência bacana, todos os amigos dando força. Eu fui convidado pra dar aula no jornalismo e tinha uma professora, a Elisabeth, que lecionava pra publicidade. Mas eu comecei a gostar de dar aula e fui buscar estudar. Entrei na pós-graduação da UEL, sou da primeira turma de pós da UEL. O Paulo Boni também lecionou para a primeira turma. Depois da graduação eu comecei a trabalhar com a publicidade. Em seguida fiz mestrado em educação e me habilitei pra pegar a disciplina publicitária. Quando a professora Elisabeth se afastou, me ofereceram a fotografia publicitária e hoje leciono para as duas disciplinas.

QUEM ERAM OS COORDENADORES DE CURSO NA SUA ÉPOCA EM QUE LECIONOU PARA A PRIMEIRA TURMA?

Tinha o diretor Carlos Manfrin e o Nuno era um “braço direito”. Não me lembro se havia essa nomenclatura de coordenador, mas essa era a função que o Nuno desenvolvia.

QUAIS LABORATÓRIOS EXISTIAM EM SUA ÉPOCA? QUAIS EQUIPAMENTOS ERAM UTILIZADOS NELES?

Naquele tempo era tudo químico. Como eu ajudei a montar (o laboratório de foto), eu achava bárbaro. A Unoeste sempre se diferenciou. Apesar de ser um laboratório menor, por ser no Campus I, ele era muito bom. Tinha tudo de primeira pra revelar os filme. Nós montamos um estúdio com equipamentos já de iluminação Maco, que é um fabricante mais forte do Brasil e tínhamos 35 câmeras K1000, da Pentax, que era o que havia de melhor. O MEC exigia que no mínimo a faculdade possuísse uma câmera para cada três alunos e a gente tinha quase uma por aluno. E a Unoeste fornecia todo o químico de revelação, filmes. Se o aluno quisesse revelar um trabalho de fora, podia usar o laboratório. Mas pra todo trabalho acadêmico nós dávamos o filme fotográfico,

que era um diferencial. Naquela época o aluno saía pra rua com a câmera, voltava, revelava o filme pra depois fazer as ampliações em papel pra daí ir para a impressão. Se fazia muito jornal laboratório, porque a Unoeste sempre teve um parque gráfico muito bom, linkado ao jornal, era muito bom.

FALE SOBRE A CRIAÇÃO E EVOLUÇÃO DO LABORATÓRIO DE FOTOGRAFIA DESDE QUE VOCÊ COMEÇOU NA FACULDADE.

A evolução foi assim, funcionamos no Campus I onde era a Faclepp. Já era muito bom, mas quando fomos para o Campus II demos um avanço maior. Por algum tempo ainda o estúdio de foto ficou junto com o de TV. No campus I era assim e no Campus II também. Eu tinha que dividir. E não era bom. No Campus II conseguimos desmembrar. Assim como a Tv com o Rádio, que também desmembrou. Embora possamos transitar entre as linguagens, mas na hora de produzir, devem estar separados. No campus II veio a fotografia digital. O estúdio ainda usa os mesmos flashes, mas as câmeras químicas foram trocadas por equipamento digital. A professora do primeiro termo pode usar o laboratório, que ainda está lá, como parte histórica, pois é bem construtivo pro aluno entender como começou pra saber porque estamos tão avançados.

COMO ERA A ESTRUTURA NA ÉPOCA?

Eram salas mais antigas, no Campus I. O que era moderno era usar o retroprojeto, os professores usavam transparência, depois passamos para o Datashow. A Unoeste sempre acompanhou os avanços tecnológicos. Eu usei muito tempo o projetor de slide e ainda o tenho (o professor para a entrevista para explicar o que é o projetor de slide). Era muito legal. E a Unoeste sempre disponibilizou projetor de slide para todos os professores. E a Unoeste tinha um funcionário, o Ceará, que revelava pra todo mundo, ele reproduzia em slide para o professor usar.

COMO FOI A MUDANÇA PARA O CAMPUS II?

A faculdade foi crescendo. Nós ganhamos um andar. No Campus I era misturado a outros cursos. Os laboratórios maiores. Cresceu muito a Faculdade.

COMO A FACULDADE PASSOU A GANHAR NOME E RESPEITO?

A faculdade sempre teve um time bom de professores, ela sempre teve esse respeito. A Facopp sempre prezou em fazer um curso sério, sempre se ouviu isso. Então, nós fomos formando profissionais competentes que o mercado absorve. Isso formou um conceito bom diante da população. Além do provão, que sempre foi muito temido e sempre nos demos bem nele, nossos conceitos eram bons. Tiveram muitos mecanismos que provavam o crescimento do aluno quando entrou na faculdade até a sua formação. O conceitos da faculdade eram o Provão, o Enade e o próprio mercado de trabalho.

DESDE A ÉPOCA QUE COMEÇOU A TRABALHAR, QUAIS AS PRINCIPAIS MUDANÇAS NA EQUIPE?

Formação de professor. Correr atrás de pós, mestrado. É uma faculdade que tem um bom conceito é procurada por bons professores. No começo caça-a-lão, mas depois a faculdade investiu nisso. A Angelita Mattos veio de Campinas pra lecionar na área de Sociologia aqui.

O QUE MARCOU SUA VIDA AO LONGO DESSES 19 ANOS?

É encontrar ex-aluno que virou amigo. Eu não tenho ex-aluno, eu tenho amigos. O Rildo (Herrera), eu sou padrinho de casamento dele.

JÁ HAVIA ESTÁGIOS INTERNOS NO CURSO QUANDO O SR. ENTROU NO CORPO DOCENTE?

Na fotografia sempre tive estagiário, mas não me lembro desde quando.

QUAIS TIPOS DE EVENTOS ERAM OFERECIDOS NA FACULDADE?

Semana de Comunicação, sempre teve. Nós fazíamos visitas técnicas, o que era bem bacana. Eu fui pro Fest'up, pra Semana Estado de Jornalismo. Inclusive, em uma Semana Estado, um amigo meu estava palestrando, e foi bem legal, porque ele fez várias perguntas sobre fotografia e apenas os alunos da Facopp é que respondiam. Fiquei super orgulhoso e ele foi elogiado por causa dos meus alunos.

QUAIS OS PONTOS FORTES E OS PONTOS FRACOS QUE VOCÊ VÊ NA FACOPP?

Um ponto fraco é o vestibular que não seleciona bem. Temos um número exagerado de alunos. Mas não é um problema da Unoeste, e sim de todas as faculdades particulares, pois elas precisam de receita e pra ter receita precisa de muitos alunos. Já dei aula pra 90 alunos. Aí já não é aula, é palestra, vira show. Muitos alunos em uma sala é um problema. Falta de equipamentos sempre é um problema. Temos muitos mas deveríamos ter muito mais. O rádio e a TV evoluíram muito na faculdade e isso é mérito dos professores.

ROBERTO MANCUZO JUNIOR – PROFESSOR E EX-COORDENADOR**QUANDO E COMO FOI CRIADA A ASSESSORIA DE IMPRENSA?**

Foi criada em 2010 a partir de uma necessidade que nós tínhamos também de trabalhar a imagem empresarial da faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente.

A criação dos próprios laboratórios estava acontecendo nesse período, e a gente queria, na verdade, externar todo esse trabalho prático, mas também aquilo que a gente trabalhava em termos de pensamento, de formação, de conhecimento.

Inicialmente, fizemos uma experiência de seis meses e na sequência instalamos a Assessoria de Imprensa definitivamente e ela segue até hoje.

VOCÊ ASSUMIU O LABORATÓRIO DESDE A CRIAÇÃO? COMO FOI O CONVITE PRA ESSA SUPERVISÃO?

Eu assumi desde o começo e o convite foi natural porque eu já ministrava a disciplina de jornalismo empresarial. Era uma ideia que nós tínhamos em conjunto; e quando eu digo nós, eu e a coordenação pra que justamente a gente pudesse não só oferecer o espaço de prática para o aluno mas fazer com que a faculdade tivesse também condição de se expressar externamente como uma unidade de ensino e de conhecimento que existe aqui em Presidente Prudente na área de Comunicação Social.

QUAL É O OBJETIVO DA ASSESSORIA DE IMPRENSA?

O objetivo da Assessoria de Imprensa na faculdade é o objetivo de qualquer outra Assessoria; é estreitar os laços entre a faculdade e a imprensa no sentido de promover um relacionamento que seja necessária pra transmissão de notícias institucionais e a imprensa consiga utilizar essas notícias institucionais em nome do interesse público e também promover o atendimento a imprensa quando a imprensa tem essa necessidade.

Também há um objetivo da gente se colocar e da gente se posicionar como sendo a principal faculdade de comunicação do Oeste Paulista.

Há também um objetivo de fazer com que a faculdade de comunicação seja um espaço importante de fonte de notícias para a imprensa, porque nós temos professores aqui altamente qualificados e que podem debater em diversos assuntos dentro das matérias jornalísticas mais diversas que existem, então quando você se coloca como fonte você abre também caminho pra formação da imagem empresarial. Uma vez que um professor nosso, mesmo que a matéria não seja sobre a faculdade mais esse professor aparece de uma forma positiva, logicamente que a nossa imagem tá sendo construída aí.

O objetivo geral mesmo da Assessoria de Imprensa é trabalhar a imagem institucional da Facopp, fazer com que ela seja bem recebida perante a opinião pública, ou seja, que eles tenham uma opinião pública favorável em nome da faculdade. Esse é o objetivo central seguido desses objetivos específicos que eu falei.

QUANTOS ESTAGIÁRIOS JÁ PASSARAM PELA ASSIM? QUANTOS ATUAM NESTE LABORATÓRIO ATUALMENTE?

Foram 14 estagiários que já passaram pela Assessoria de Imprensa e neste momento nós temos dois estagiários.

A ASSIM TEM PARCERIA COM ALGUM OUTRO PROJETO DA FACOPP? E COM OUTROS CURSOS REALIZA ALGUMA ATIVIDADE?

Nós temos não só o atendimento da própria faculdade de comunicação dentro das suas atividades costumeiras, mas também os eventos que a Facopp produz. Mas nós temos contato e a parceria com a própria Assessoria de Imprensa da Unoeste no sentido dela se oferecer como um espaço pra que a gente possa enviar nosso aluno pra lá e treinar mais ainda, mas também quando a Unoeste precisa por exemplo de estagiários pra desenvolvimento de trabalhos de assessoria dentro da universidade como um todo, então a gente cede o pessoal que faz esse tipo de trabalho e lógico sempre supervisionado mas a gente coloca também os nossos estagiários a disposição da própria universidade.

COMO É O PROCESSO DE SELEÇÃO DOS ESTAGIÁRIOS?

É um processo simples de envio de currículo com uma carta de intenção, posteriormente uma entrevista pra gente avaliar questões como horário, disponibilidade, conhecimento a respeito da área. Depois desses três passos como carta de intenção, currículo dele mais essa entrevista a gente faz a seleção de quem vai poder realizar esse estágio que é um estágio que tem uma duração de 4h diárias de segunda a sexta.

O LABORATÓRIO, ELE REALIZA ALGUM TRABALHO EXTERNO A UNOESTE?

Não, nosso trabalho é basicamente interno, primeiro com o nosso foco voltado aqui pra faculdade de Comunicação com algumas saídas vamos colocar assim, justamente pra poder contribuir com a Assessoria de Imprensa da Unoeste. O trabalho de Assessoria de Imprensa da Facopp é um trabalho para a Facopp.

QUAIS SÃO AS AÇÕES DE PESQUISA E EXTENSÃO QUE A ASSIM ESTÁ RELACIONADA?

Em termos de extensão quando a gente trabalha diretamente com eventos da Unoeste que são eventos de extensão como o Agita Prudente, o Agita Pontal eo antigo Interação. Quando a gente participa no suporte a esses eventos enviando alunos pra que eles possam fazer o trabalho de cobertura jornalística desses eventos, o ENEPE por exemplo. É um momento em que nós estendemos também a nossa atividade e contribuimos com a extensão da Unoeste.

No caso da pesquisa é um trabalho que a gente tem no sentido de pegar toda a teoria do jornalismo empresarial e avaliar como é que ela ocorre nessa prática

específica da Assessoria, ou seja, aquilo que nós debatemos em sala, depois é confrontado com essa atividade de assessoria. Logicamente que isso é um trabalho inicial, nós ainda não temos dados coletados que sejam definitivos mais a gente já começa a pensar em arredondar isso numa pesquisa maior, em pesquisa científica mesmo pra gente poder aproveitar.

Nós já estamos aí com quatro anos de estrada que tem muito material produzido, muita experiência vivida que agora precisa ser analisada cientificamente.

HOJE SÃO VÁRIAS AS PLATAFORMAS QUE PODEM SER DIVULGADAS INFORMAÇÕES, A ASSIM TAMBÉM TRABALHA ESSE ASPECTO COM OS ESTAGIÁRIOS? COMO É O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO DA NOTÍCIA PRA CADA PLATAFORMA?

As plataformas mais tradicionais de rádio, TV, impresso, e revista nós trabalhamos em cima daquilo que ele aprende nas disciplinas específicas é o que ele executa, porque a notícia na assessoria de imprensa não é diferente da notícia lá de fora do jornalismo de redação.

A plataforma que ele vai trabalhar, o tipo de texto, a linguagem segue o padrão que é ensinado em sala de aula.

Com relação as novas plataformas online isso é o que a gente tá ainda estudando pra ver de que maneira isso pode ser mais bem aproveitada, seja na administração correta das redes sociais, seja no trabalho de assessoria de imprensa que resulte por exemplo numa sala de imprensa bem estruturada dentro do portal Facopp.

São essas duas questões que nós estamos trabalhando forte. Nesse caso do online nós ainda estamos nesse processo de formatação, então nós podemos aproveitar o estagiário nesse sentido, dentro dessas plataformas digitais.

QUAIS FORAM AS EVOLUÇÕES DO LABORATÓRIO DESDE A CRIAÇÃO?

Evolução física a gente teve só a localização mais privilegiada, agora especialmente com a criação da Redação Facopp, mais a evolução mais no sentido do aprendizado e que é relevante que a gente percebe um aproveitamento do estagiário daquilo que ele aprende dentro de sala de aula pra aquilo que ele faz na assessoria. É um aproveitamento que nós temos tido contato com quem já está no mercado que foi fundamental pra formação dele, então nós temos que observar muito quanto ele aprende e de que forma ele aprende e obviamente corrigir situações que esse aprendizado não esteja ocorrendo contento.

Nossa grande evolução que eu penso é justamente assim em poder capacitar cada dia melhor esse estagiário, pra que ele entenda definitivamente o que é o mercado de assessoria de imprensa, numa ação profissional tanto de forma prática, mas especialmente ética dentro da atividade.

QUAL A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DA ASSIM PARA A IMAGEM EMPRESARIAL DA FACOPP E TAMBÉM A IMPORTÂNCIA ACADÊMICA DA ASSIM PARA A FACOPP?

Para a imagem da Faculdade como um todo, a assessoria de imprensa o fim dela é esse, o objetivo central é a construção da imagem empresarial condizente com a importância da Facopp.

Em determinado momento entre 2010 a nossa intenção sempre foi trabalhar essa imagem da Facopp como uma organização de ensino responsável socialmente e que conseguisse se fortalecer como um centro de estudos e de aprendizado importante dentro da área de Comunicação Social. Assim então trabalha sempre de olho nesse foco.

Pra questões acadêmicas a Assessoria de Imprensa é justamente nessa questão da extensão e pesquisa que nós precisamos melhorar bastante. Nós precisamos realmente colocar essa atividade acadêmica mais em prática, mais a gente já tem iniciado isto, já tem alguns planejamentos pra que a gente possa aproveitar melhor todos esses dados quantificados, esses dados coletados, essas experiências de vida em nome de uma produção científica futura.

VOCÊ, COMO SUPERVISOR DA ASSIM, TEM ALGUM PROJETO FUTURO PARA O LABORATÓRIO?

Projeto futuro apenas nessa questão de aproveitamento melhor do ambiente online. Nós estamos pensando como que nós podemos aproveitar esse espaço virtual no sentido de fazer com que os jornalistas que antes estavam acostumados a receber o nosso material que ele possa agora ter esse espaço virtual a disposição dele, já pegar todo esse material institucional pra uso.

Se antes nós oferecíamos esse material, a gente agora vai deixar isso disponível de maneira mais fácil de se adquirir do que a gente tinha antes. Nosso objetivo agora é trabalhar o meio virtual da Assessoria de Imprensa, como que nós vamos oferecer esse material dentro do meio online.

QUAL SUA PRINCIPAL CONTRIBUIÇÃO PARA A FACOPP?

A mesma contribuição que qualquer professor tem que ter. o meu conhecimento e os meus estudos no sentido da formação do futuro jornalista. Essa contribuição obviamente que tem que sempre ser revista, bem cuidada e atualizada e fortalecida com novos estudos, novas pesquisas. Então a formação que eu entendo pra Faculdade de Comunicação Social é uma formação de uma jornalista cada vez mais honesto, cada vez mais humano no sentido da contribuição dele pra sociedade. É uma contribuição que eu tenho sempre como perspectiva. Dentro disso, isso aí já dá um trabalho danado pra executar.

O QUE MARCOU SUA VIDA DURANTE O PERÍODO EM QUE ESTEVE AQUI NA FACOPP E QUE AINDA ESTÁ?

Não que marcou, mais o que me marca muito é o contato com os profissionais que estão no mercado e conseguir tirar deles uma satisfação de estar na área do jornalismo seja no jornalismo empresarial, ou no jornalismo tradicional de redação, a satisfação dele de realmente exercer a profissão. Todo semestre nós temos esse retorno, temos esse feedback. Importante ver o quanto o aluno conseguiu aprender aqui dentro, e o quanto ele usa isso lá fora pra ser um

jornalista bem melhor, e junto a isso uma pessoa que consiga contribuir com a sociedade que ele vive.

QUAIS OS PONTOS FORTES E OS PONTOS FRACOS QUE VOCÊ VÊ NA FACOPP?

Os pontos fortes é a disposição do corpo docente, dos funcionários, a qualificação desse corpo docente no sentido de ter pessoas que estão realmente preocupadas com a formação do aluno, isso é um ponto forte. A aproximação que a coordenação tem com a reitoria da Unoeste no sentido de conseguir viabilizar espaços importantes como são os laboratórios da faculdade, a preocupação que nós temos com os Projetos Pedagógicos ou com o Projeto Pedagógico da Facopp, uma aproximação muito forte com aquilo que se espera de uma formação de um estudante de comunicação social, em especial o estudante de jornalismo, tudo isso são pontos importantes.

Pontos fracos... não diria que são pontos fracos, mais pontos que nós podemos melhorar justamente nesse sentido de estar sempre atentos no que podemos oferecer sempre a mais pro nosso aluno. Que a gente não fique parado no tempo esperando que as coisas aconteçam, que a gente analise muito bem cenários, analise perspectivas, aquilo que ta sendo feito de novo, aquilo que já foi feito, que a gente consiga sempre ter essa noção de que nós podemos melhorar e o sentido é sempre de evolução.

THAISA SALLUM BACCO – PROFESSORA E EX-COORDENADORA

PROFESSORA, COMO VOCÊ ENTROU PARA O CORPO DOCENTE DA UNOESTE? E COMO FOI ESSA CONTRATAÇÃO AO PERÍODO DE TRANSIÇÃO A SAÍDA DA TV E A ENTRADA NA FACULDADE?

Em 2002 eu trabalhava na TV Fronteira e também lecionava na FEMA (Fundação Educacional do Município de Assis). Eu era professora do curso de jornalismo lá, então eu ia um dia por semana pra dar aula lá.

E aí em maio 2002 eu recebi uma ligação da diretora do curso de comunicação, na época a doutora Astrogilda Rosa Beneli me convidando pra vir dar aulas aqui na Unoeste, porque na área de Telejornalismo o professor tinha tido um problema da cadeira, tinha deixado a disciplina, e como eu já tinha uma experiência docente, já lecionava, já era professora universitária e tinha experiência prática no mercado, eu trabalhava na TV, ela me fez esse convite. Então eu vim pra Unoeste inicialmente pra atuar na cadeira de Telejornalismo, com as disciplinas de Telejornalismo I e Telejornalismo II, e também para ser coordenadora do laboratório de TV que é vinculado a essa área. Isso foi em maio de 2002.

QUAL FOI O PROCESSO DEPOIS DE SAÍDA DO CARGO DE PROFESSORA E A ENTRADA NO CARGO DE COORDENADORA DO CURSO?

Eu comecei a dar as aulas aqui de Telejornalismo, e aí a coordenadora do curso de jornalismo era a professora Sandra, e aí entre 2004 e 2005 a professora Sandra também saiu, porque ela era de São Paulo, ela vinha pra cá e teve outros projetos, enfim. Ela saiu da coordenação, inclusive da Unoeste ela saiu, e voltou pra São Paulo pras pesquisas, as coisas que ela fazia lá. Aí a professora Astrogilda me convidou pra ser coordenadora do curso de jornalismo.

Eu assumi essa função em 2005 e depois a professora Astrogilda saiu do curso. Então, eu era a coordenadora do curso de jornalismo, primeiro a Marcela e depois o professor Gilson de publicidade. Aí a Astrogilda saiu também da Unoeste, se eu não me engano foi no final de 2006... Não, no meio de 2006 talvez, não me lembro! Mas essas datas vocês tem como recuperar depois. É que eu não me lembro se é sempre começo de ano ou meio de ano. Mais aí quando a Astrogilda saiu, eu fui convidada. Então era eu e o professor Gilson. Aí eu fui convidada então a assumir a coordenação do curso. Em 2006 eu sai de licença maternidade que nasceu meu segundo filho. No primeiro semestre de 2006 eu sai de licença maternidade. No primeiro semestre de março a junho. E depois quando eu retornei, aí eu lembro dessa data porque daí foi em agosto de 2006.

Eu pedi afastamento da coordenação, porque eu fiquei com muita coisa. Eu sai da coordenação do curso e fiquei somente na coordenação do laboratório de TV e dando as disciplinas e a coordenação do TCC depois. Era muita coisa, então eu pedi esse afastamento, enfim, pra que eu pudesse me dedicar. O professor Gilson ficou coordenador geral e eu indiquei o professor Mancuzo pra que assumisse a coordenação do jornalismo.

ESSE SEU PERÍODO COMO COORDENADORA DO CURSO, VOCÊ VÊ ALGUMA DIFERENÇA EM RELAÇÃO AO MÉTODO DE TRABALHO, EM RELAÇÃO À COORDENAÇÃO ANTERIOR?

Eu aprendi muito com a professora Astrogilda. Porque assim, eu não tinha experiência de coordenação acadêmica. Embora eu tivesse uma experiência anterior com coordenação dentro de uma redação, mercado de trabalho, chefiando um telejornal é diferente de uma coordenação acadêmica, são outras questões. Logico, que algumas habilidades e competências são as mesmas exigidas, que você precisa trabalhar e lidar com isso. Então assim, é outra realidade.

Eu continuei a mesma forma organizada da professora Astrogilda, como assim ela ensinou a fazer ou mostrou como deveria ser feito. Até porque a Unoeste desde quando eu entrei aqui, o curso de jornalismo especificamente onde eu mais atuei. Eu fiquei pouquíssimo tempo na coordenação geral, no jornalismo assim mais especificamente, ele sempre foi um curso muito sério, com envolvimento dos professores, muito bem documentado, um curso sempre uma preocupação, desde a época da professora Astrogilda até os dias de hoje, uma preocupação muito grande com a qualidade do ensino. E essa preocupação reflete na coordenação e na forma de trabalho da coordenação. Porque se a coordenação não tem isso como meta, não tem isso como propósito certamente as suas ações não serão refletidas dessa maneira. Agora assim, desde o principio, desde quando eu entrei aqui essa visão de seriedade e busca na qualidade de ensino sempre foi uma premissa muito forte, então continuou!

Quando eu entrei aqui eu já via isso, já tinha isso, desde o começo isso já foi colocado. Dedicção pra que os professores se dedicassem. Então a gente continuou nesse caminho e até hoje persegue. Tanto é verdade que a nossa faculdade ela tem um bom reconhecimento extra “muros”, além de Presidente Prudente. É uma universidade reconhecida por parceiros, pelos pares, por outros espaços, enfim. Fora o resultado que a gente tem dos nossos alunos quando vão pro mercado. E a gente sempre tem muito contato com eles e eles testemunho mesmo, nós temos aí muitos bons exemplos pra contar.

Eu tenho certeza que tudo isso é fruto de um trabalho sério que tem que partir da coordenação, de quem busca não só burocraticamente com toda essa parte, mas principalmente com a parte acadêmica. Então assim, eu herdei essa herança da qualidade do ensino e seriedade com trabalho com a professora Astrogilda e eu acho que até hoje ainda existe esses resquícios, a bem da verdade, eu acho que até hoje a prioridade ainda continua sendo a qualidade de ensino.

EM RELAÇÃO À ESTRUTURA, NA SUA ÉPOCA EXISTIAM OS MESMOS LABORATÓRIOS QUE HOJE, OU ELES ERAM INFERIORES, OU MELHORES, OU EXISTIA ALGUMA DIFERENÇA DE EQUIPAMENTO EM RELAÇÃO À TECNOLOGIA?

Tudo era diferente, tudo mudou. Mudou a questão de espaço físico, mudou bastante coisa. Mudou a questão de equipamentos, e mudou também a questão da organização e sistemática de trabalho. Todas essas mudanças foram sobre o meu ponto de vista muito positivas. Então em termos de espaço,

começando a falar aqui pelo laboratório de TV. O laboratório de rádio funcionava onde é a TV Facopp hoje, e o laboratório de TV acoplado. Ou seja, quando veio a TV Facopp online não tinha espaço, e o laboratório de rádio estava num espaço bem apertado. Então já teve uma mudança super grande nesse sentido. O laboratório de rádio ganhou um novo espaço, maior, amplo, enfim, uma coisa que sempre era um desejo antigo mais não tinha esse espaço. E a equipe da TV Facopp online também ganhou espaço, ou seja, foi uma mudança muito boa pras duas áreas.

Hoje a Agência Facopp, o laboratório tinha um espaço, lógico, mais não era ali onde é hoje e também não com a mesma sistemática, questão da produção, foi muito ampliado. Não tinha Assessoria de Imprensa, não tinha a Redação Facopp, não tinha o Portal Pacopp, enfim. Os laboratórios de informática e os laboratórios de Mac também não tinha, o laboratório de fotografia sempre foi naquele mesmo espaço. Quando eu entrei aqui ainda tinha aquela primeira parte onde revelava as fotografias manualmente. Hoje em dia já não funciona mais essa parte; toda essa parte é digital. A hemeroteca por exemplo, também passou por varias mudanças. Hoje ela é bem organizada, tem o arquivo, tem o material, essa questão de entrega e recepção de equipamentos, isso tudo foi muito mais organizado.

Não tinha sala de professores, a gente ficava vinculado a outros cursos. Tinha sala de professores coletiva da Unoeste lá embaixo, onde fica próximo da secretaria, onde era, porque hoje em dia já mudou lá pra baixo de novo. Então assim, a gente não tinha sala de professores pra gente se reunir, pra gente se organizar. No caso de equipamentos a gente pode ver que foi uma mudança muito grande. A gente evoluiu e ainda tá em transição, tanto a questão da aparelhagem utilizada pra edição de imagens com a nova ilha de edição, quanto na parte de estúdio. A gente fez reforma de estrutura; tinha uma bancada pra alunos assistirem aula dentro do estúdio, a gente tirou essa bancada. As câmeras de estúdio eram as câmeras antigas da TV Pontal. A gente hoje já trabalha com equipamento com uma qualidade muito melhor. A iluminação era quente, hoje a iluminação é fria. O fundo, o cromaqui que sempre teve, a gente trouxe a tinta especial, pra poder recortar com uma qualidade bem profissional. Toda parte da fiação elétrica, tudo aquilo foi reformado dando mais segurança a todas as atividades realizadas aqui. O processo de isolamento acústico também foi reformado, tudo isso. E a chegada desses novos computadores, tanto para o laboratório de informática, quanto para o laboratório de Mac foi uma coisa muitíssimo positiva porque a gente não tinha isso. Os alunos usavam o laboratório de informática lá embaixo.

A gente não pode pensar na concepção e produção de produtos na área da comunicação sem o uso do computador. Então assim. Foi muito bom, foi um ganho excelente. A sala de multimídia não tinha, não tinha datashow, e a gente não tinha espaço pra dar essas aulas, ela foi uma conquista posterior também. Os anfiteatros que não são ligados diretamente com a comunicação, mas a presença desses anfiteatros aqui nesse andar também é positivo porque dá pra gente agregar as atividades ali. A sala do primeiro termo, que é uma sala patrocinada que tem som, tem multimídia, que tem isso, tem aquilo, pra atender aquela demanda que é grande de alunos. Porque como locomover 100 alunos de um espaço pro outro não é como locomover 15, 20. Então não tinha aquilo. Ao longo desses anos, desde 2002 pra cá as mudanças foram muito significativas e todas superando expectativas em termos de qualidade e de

estrutura. Eu também leciono em uma outra universidade, uma universidade pública e conheço também muitos espaços de outras universidades. A Unoeste em termos de infraestrutura tem muita coisa ainda que pode ser melhorada.

São muitos projetos, tem muito projetos em andamento que com certeza a coordenação atual pode falar pra vocês, são muitos projetos interessantes inclusive que o corpo docente tá apoiando bastante. Inclusive esses projetos nascem do corpo docente, porque o docente conhece mais a realidade, e então a coordenação vai tentar viabilizar.

Então a infraestrutura hoje da Unoeste é uma infraestrutura que eu posso falar com toda certeza na área de comunicação, é uma infraestrutura excelente. É uma infraestrutura que dá pra gente produzir muitas coisas e em nenhum momento existe limitação técnica pra que a gente possa fazer as coisas que os alunos ou os projetos que os alunos tem desejo de fazer.

Eu sei mais especificamente do laboratório de TV, obviamente como coordenadora do laboratório de TV, mais eu posso falar de uma forma geral que a evolução foi muito grande.

O QUÊ ME CHAMOU A ATENÇÃO NO QUE VOCÊ FALOU, FOI A QUESTÃO DESSA HERANÇA VINDA DA TV PONTAL, QUE NO CASO ERA UMA AFILIADA DA REDE MANCHETE AQUI NA REGIÃO. ESSES EQUIPAMENTOS, FORAM SÓ AS CÂMERAS OU TIVERAM OUTROS EQUIPAMENTOS? ELES ERAM ANTIGOS?

Outros equipamentos. Quando montou a faculdade aqui de comunicação e que precisava montar o laboratório de TV, porque é um laboratório fundamental pro funcionamento do curso, assim como os demais, o laboratório de rádio, a própria redação que hoje tem essas novas vertentes. O material que veio pra implantar o laboratório de TV aqui era um material que a TV Fronteira estava utilizando e aí ela doou aqui pra faculdade porque é do mesmo grupo, e ela comprou novos equipamentos lá. Então quando eu comecei aqui, o material que a gente usava no laboratório de TV era um material, as câmeras inclusive de estúdio, o material utilizado pra edição. Tudo aquilo, veio muita coisa de lá.

Eu não sei exatamente dizer em termos de quantidade porque quando eu cheguei já tava aqui porque a Facopp é anterior. Mas eu lembro no laboratório de TV que muita coisa que tava no laboratório de TV era da TV Pontal que foi doado pra cá. Aí depois com as reformas, com as mudanças, com os novos equipamentos, enfim.

Se eu não me engano hoje em Presidente Prudente existem dois leitores de fitas u-matique, que a gente nem utiliza mais aqui. Um deles que veio pra Unoeste que era da TV Pontal e outro ficou pra TV Fronteira. Então veio esse material pra cá; câmeras u-matiques eu lembro, o próprio teleprompter quando a gente começou a trabalhar que também foi desativado, hoje ele é infinitamente, ele é digital, ele tem uma qualidade. A gente trabalha com dois TPs, quando eu cheguei era outro, os próprios monitores, analógicos, enfim. É uma transição!

No caso do laboratório de TV, do analógico pro digital. Então muitos dos equipamentos do laboratório de TV foram herdados da TV Pontal que depois foi pra TV Fronteira, aí a TV Fronteira adquiriu novos equipamentos e esse material foi doado pra montagem inicial do estúdio. Funcionou durante um período grande, porque era um material muito bom, era um material de

emissora aberta e veio pra cá. E aí depois, lógico, foi evoluindo, novas demandas e aí foi sendo substituído por outros. Mas no início começou assim.

E EM RELAÇÃO ÀS ATIVIDADES ACADÊMICAS COMO SEMANA DE COMUNICAÇÃO, CINE FÓRUM. ESSAS ATIVIDADES ELAS JÁ EXISTIAM NA ÉPOCA QUE VOCÊ VEIO PRA FACULDADE OU NÃO EXISTIAM? QUAIS ERAM FEITAS?

A Semana de Comunicação sempre existiu lógico que com novas configurações. Então nos últimos 20 anos, uma por ano, sempre teve, inclusive tem muito arquivo. Eu não tenho foto mas arquivo em vídeo tem bastante material na hemeroteca que foi recuperado da Faculdade. Tem bastante coisa lá guardada, porque vocês pra assistirem, porque tá em VHS, vocês vão ter que fazer uma operação. Tem bastante coisa em vídeo que dá pra ser resgatada lá. Muitos dos nomes do jornalismo, muitos grandes nomes do jornalismo passaram aqui pela Facopp, com palestras, atividades acadêmicas dos alunos tem muitos registros lá. Eu me lembrei, porque quando eu cheguei aqui, esse material tava num armário. A gente organizou, catalogou esse arquivo e deixou ele ali na hemeroteca. Então tem bastante coisa que dá pra ser recuperada por lá.

Agora você perguntou das atividades acadêmicas... Semana de Comunicação sempre existiu. Outros eventos também existiram e foram suspensos, foram retomados, enfim. A Jornada de Comunicação ela é uma novidade mais recente, jornada Facopp. O Cine Fórum também; só que já tinham atividades envolvendo filme e alunos, até porque a grade foi alterada, mudou. Então tinha disciplina de cinema anteriormente que agora tá sendo retomada no curso, então tinham atividades. Eu lembro que a Mostra Acadêmica por exemplo, que hoje tem essas configurações, ela nasceu como mostra de trabalhos práticos dos alunos do 6º termo. Ela teve se eu não me engano 15 edições. Então foram sete anos e pouco; eu acho que a última edição foi 2012, deve ter sido uma das últimas turmas. Aí depois parou e agora voltou com essa nova roupagem envolvendo os alunos dos outros troncos. Enfim era uma atividade acadêmica que tinha muita força.

O Top of Mind, por exemplo, não existia, passou a existir. Mas a Jornada de Comunicação ela sempre existiu, sempre com a sua força e importante nomes do jornalismo passaram por aqui. Eu me lembro de grandes nomes mesmo que palestram aqui na Facopp. Isso dá pra ser recuperado pelo arquivo, pela hemeroteca. Tinha o Festival do Minuto, também foi um evento bem importante da faculdade, que era um concurso. Os alunos produziam curtas e aí no final eram premiados. Acho que durou três ou quatro anos. Também foi muito interessante; os alunos se envolviam bastante. Depois do Festival do Minuto foi pro Festival Facopp. Do Festival do Minuto foi ampliado, porque aí eram só curtas, foi ampliado pro Festival Facopp porque daí eram outras categorias que foram inseridas nesse concurso e aí acabou também. Aí depois do Festival Facopp que agora a gente tem a mostra acadêmica. Mas teve uma passagem aí também importante que foi do Festival do minuto pro Festival Facopp. A primeira mostra acadêmica, pra você ter uma ideia, não sei se foi em 2003, 2004, mas tem como ver; a exibição foi no anfiteatro do HU porque a gente não tinha espaço aqui. Pra você ver como cresceu a Unoeste. Eu levei os alunos lá pro HU, a gente foi no anfiteatro pra exibir só telejornal, porque a mostra

nasceu assim pra exibir os dois telejornais, pessoal da manhã e o pessoal da noite. Foi no anfiteatro lá do HU, a gente foi pra lá com os alunos, os familiares... Porque essa mostra de trabalhos acadêmicos nasceu com a proposta de exibir pra comunidade externa, mas sobretudo pra família. Nasceu assim bem pequenininha.

Na verdade a ideia, como eu era professora de telejornalismo, surgiu da disciplina, aí começou só com tele, então, por exemplo, a primeira eu lembro bem. A primeira exibiu dois telejornais, a última que foi a 15ª a gente exibiu telejornal, radio jornal, falamos de jornal impresso e era tanto jornalismo quanto publicidade; envolveu muita gente. O Cesar Cava de 500 lugares ficou lotado, tinha experiências assim da gente receber um público de 500 pessoas. Era um evento muito grande, então envolvia 100 alunos, dezenas, quase todo o corpo docente, não apenas que trabalhavam só no tronco comum, mas todos os outros estavam envolvidos, e os alunos do 6º termo, e os alunos dos outros termos porque queriam ver e os familiares desses alunos. Virava um evento com data desde o começo do semestre, e era um evento bem grandioso; os alunos faziam coquetel ao final pra oferecer aos participantes e ia muita gente da mídia local, tanto jornalistas quanto publicitários. Eles comentavam os trabalhos, então eles faziam uma banca, montavam uma mesa e eles conversavam com esses alunos, expunha as opiniões. Então era um negócio que começou bem pequeno depois foi ganhando proporções, enfim, bem maiores.

NA SUA ÉPOCA AQUI COMO FUNCIONAVA A SELEÇÃO DE ALUNOS? HAVIA JÁ O PROCESSO SELETIVO DE INVERNO E VERÃO, E JÁ HAVIA TURMAS MANHÃ E NOITE?

Sim. Quando eu entrei aqui sempre teve. Agora a divisão de turma de entrar no primeiro termo e dividir nem sempre foi. Não sei quando foi; não foi na minha gestão. Acho que já foi na da Carol que entrou 120, que teve um “bum” na Unoeste e que dividiu a ponto de ter dois primeiros, porque era muito aluno. Minha época já entrava meio do ano. Eu esqueci de falar de eventos da Semana de Recepção de Calouros que hoje ela é diferente, mas ela já foi também uma semana de programação com atividades envolvendo todos os alunos, também tinha a Semana de Recepção de Calouros que era anual; eu me lembro que a gente organizava, era uma atividade bem complexa também.

ANALISANDO TODO PERÍODO, NÃO SÓ O PERÍODO COMO COORDENADORA GERAL, COORDENADORA DO CURSO DE JORNALISMO, MAS FAZENDO UM BALANÇO, QUAL VOCÊ ACHA QUE FOI SUA MAIOR CONTRIBUIÇÃO PRA FACOPP?

Sem sombra de dúvidas a minha contribuição é a área acadêmica mesmo; eu prefiro a área acadêmica/administrativa, mais é um perfil mais profissional, é um perfil mais da minha própria personalidade mesmo. Eu gosto mesmo da sala de aula, enfim, é o espaço onde eu me localizo, onde eu me sinto mais a vontade do que a parte administrativa, porque a parte administrativa ela é fundamental, ela muito importante, tanto é verdade que durante a minha gestão eu procurei ao máximo tudo que eu poderia fazer com seriedade, organização, com rigor. Documentação deixar sempre tudo em perfeitas condições, e o que

usa há bastante tempo. Como eu trabalhava por exemplo na TV Fronteira, então eu trabalhava tarde e noite praticamente de segunda a sexta, todos os dias eu tava aqui na faculdade, mas eu acho assim, que eu me esforcei e fui trilhando minha trajetória aqui dentro da Unoeste, acho que em sala de aula eu tenha dado vamos dizer assim, tenha pensado em evoluções, em soluções, em acompanhar, em melhorar o ensino que eu analiso hoje, lógico, que hoje eu olhando pra trás eu penso que ainda tem muita coisa pra gente fazer no ano ambiente de sala de aula, mas eu acho que em termos de mudanças de transformações na forma do ensino do telejornalismo aos nossos alunos. É uma preocupação que eu tenho, e não é uma preocupação por décadas, é uma preocupação diária, a cada semestre a gente tentar evoluir, melhorar e olhar pra trás as experiências. E como você tem outras experiências você consegue partir de alguma coisa.

Você entra em 2002... Eu tinha experiência no Ensino Superior, mas eu não ensinava telejornalismo. Eu sempre trabalhei com produção acadêmica, com jornal laboratório; sempre trabalhei com produção de jornalismo no ambiente acadêmico, mais isso desde da minha faculdade, porque na minha época eu fui monitora de professor, inclusive na área de rádio. Eu já tinha esse contato com a área acadêmica, eu também já tive esse contato anterior na parte de música, porque eu comecei a ser professora sendo professora de música durante a formação porque eu fiz piano, então a gente tinha que fazer estágio, porque eu fiz a formação do piano completa, então nos últimos anos que seria quase que nem colegial a gente tinha que dar aula de piano pra aprender a ser professora de piano. Então assim, eu comecei com isso. Sempre o meu olhar, a minha pegada, depois foi na monitoria, depois algumas atividades envolvendo a parte mais social, o trabalho mais voluntário e sempre trabalhando com essa prática de ensinar e aprender. Então eu acho que transformações mesmo que eu vejo de maiores evoluções foi dentro da sala, no ensino do telejornalismo.

Afinal de contas, como eu posso ensinar melhor hoje o aluno a fazer um telejornalismo com responsabilidade, qualidade, enfim, mas principalmente com questões envolvendo maior qualidade. E toda vez eu fico me perguntando isso como que pode ser melhor amanhã, como que posso pegar as outras experiências. É mais uma transformação acadêmica do que administrativa, em termos de administrativa foi uma sequência do trabalho que foi acontecendo.

FALANDO ISSO, A GENTE SEMPRE PERCEBEU ESSE CUIDADO QUE SE ESMERA EM RELAÇÃO A FORMAÇÃO DO ALUNO POR SUA PARTE. EM RELAÇÃO AOS EX-ALUNOS AQUI DA FACOPP, FICA UM CONTATO ESTABELECIDO COM ELES? VOCÊ TEM CONTATO COM ALGUNS ALUNOS QUE SE TORNARAM ALÉM DE ALUNOS COLEGAS DE TRABALHO?

Sim, muitos contatos. Eu particularmente eu tenho uma lembrança sempre muito grande, porque a forma depende muito; o método como você escolhe pra atuar em sala de aula. O meu método sempre foi individual, não foi coletivo, então na medida que você conhece esse aluno de forma mais individual vai se estabelecendo um vínculo com esse aluno. Hoje em dia mesmo... hoje às 6h da tarde eu vou atender uma aluna que se formou em 2009, e ela quer voltar a estudar, quer fazer mestrado, doutorado tal e eu vou ajudar ela a fazer o projeto dela pra ela entrar no mestrado que ela quer em outra área, que é a a

área de educação que ela quer seguir ali na Unesp, ela tá trabalhando como tutora de curso a distância e tal, então ela vai vir aqui. Quer dizer, eu tenho um contato muito próximo, muito direto com os alunos formados porquê?, porque esse vínculo uma vez estabelecido em sala de aula ele nunca mais acaba, da mesma forma que eu tenho contato com os meus professores.

Hoje eu também dou aula na UEL, então eu to lá. Primeiro, eu to substituindo uma professora que foi minha e tem muito professor que dá aula lá que foram meus professores. Então assim, da mesma forma que eu sempre tive um vínculo muito grande com eles que é a forma em que eu compreendo o ensinar e o aprender, foi o jeito que eu aprendi. Na verdade foi o jeito que os meus professores me ensinaram a esse relacionamento aluno e professor, é o mesmo que eu acho que foi muito bom pra mim manter esse contato e ter esse vínculo com meus professores. É o mesmo jeito, é o mesmo vínculo que eu tenho com os alunos. Não dá pra gente separar, hoje, eu tenho certeza absoluta e tenho estudado muito sobre isso que não dá pra gente desvincular vínculos acadêmicos de vínculos afetivos de toda sorte. É muito contato com os alunos mesmo. Hoje por exemplo, eu recebo mais com muita frequência, ex alunos hoje que ocupam cargos de chefia em outras redações pedindo alunos ou pedindo indicações. To falando especificamente na área de televisão.

Eu olho para as redações hoje de Presidente Prudente de televisão são todos alunos formados com a gente. Tem alguns que não são, mas você olha todos alunos que passaram pela Facopp. Se você analisar mesmo acho que é uma coisa que vocês poderiam até trabalhar que é as redações de Presidente Prudente, até fazer uma pesquisa que é uma coisa que eu acho que seria legal. Você pega em termos de chefia, você pega o Imparcial; o Leandro, meu orientando; o Leandro estudou aqui. Da TV Fronteira o João Paulo, estudou aqui, você pega da Bandeirantes, a Elaine, estudou aqui. Você pega do iFronteira o Tiago começou e agora o Pedro, os dois foram.

A gente tem um vínculo, eu costumo falar, os alunos falam assim: Professora vem fazer uma visita aqui, eu falo assim: Gente eu preciso arranjar 3h, porque você chega e entra numa redação ali, você fica até... Isso é muito legal sabe Helio, isso é super importante, e mostra, não é uma questão da Thaisa, é uma questão dos professores de uma forma, e o vínculo mesmo que a Facopp estabelece e isso é uma coisa que é desde quando eu entrei aqui em 2002. Isso é uma coisa desde a Astrogilda, eu não sei como é que era, mas essa questão do vínculo com os alunos é uma questão desde o começo.

Eu já tive também monitores aqui. A Carol foi minha monitora. Como que a Carol começou a trabalhar aqui? A Carol que estudou aqui também, que se formou aqui, ela primeiro se envolveu num projeto. Não me lembro se foi 1º ou 2º... mais a gente tinha um projeto lá na TV Fronteira, um projeto de pesquisa inclusive que eu desenvolvi aqui com os alunos, um projeto chamado Arquivo Vivo, que a gente pegou todo materialumatique da TV Fronteira, a gente assistiu todo material, catalogou, fez pastas e organizou um armário. Toda história viva da nossa região, tá naquele materialumatique lá da TV Fronteira. Foi organizado envolvendo professores e alunos aqui da faculdade e ela era estagiária. Depois eu quis fazer a mesma coisa aqui na Facopp. Na hora que eu abri o armário, imagina, aquele monte de coisa. Aí eu convidei a Carol, então ela veio, começou a estagiar no laboratório de TV. Também na TV Fronteira, mas ela começou aqui, aí já surgiu o convite pra ela trabalhar no

imparcial, lógico como jornalista já. Foi assim imediato, se formou, tal e eu falei Carol vamos lá, tava sempre envolvida.

Esse período que logo sai da faculdade, aí depois ela já foi chamada e foi trabalhar no Imparcial. Mas ela também ajudou nessa parte física, de organização de arquivo aqui. Então vira e mexe a gente tem vínculo com esses alunos, contato e é uma coisa bem forte. Eu posso falar pra você que é uma coisa bem forte. É no dia a dia que a gente vai vendo. Semana passada veio uma aluna falar, uma aluna do 5º termo veio me falar que foi trabalhar num atividade da igreja agora no Rabanhão, enfim, que encontrou uma ex aluna que já é formada a muito tempo, há uns seis, sete anos que é a Vanessa que manda um abraço e que já tem filhos e que já até constituiu família e tal, perguntando da faculdade.

Uma vez que o vínculo é muito forte, analisando assim todos esses alunos que saem, a maioria eles dão retorno de que conseguiram entrar no mercado de trabalho ou nem todo mundo dá esse retorno, nem todo mundo consegue realmente uma colocação na área em que se formou? Eu não sei afirmar pra você exatamente com certeza como que tá de uma forma geral usando a palavra Facopp. O que eu sei é de uma pesquisa que a gente fez com egressos da Facopp. A TV Facopp fez uma pesquisa com egressos da TV Facopp. Então dos 80 estagiários na época, porque hoje já passou de 100. Então dos 80 estagiários que passaram pela TV Facopp, o que que eles tavam fazendo, onde eles estavam... A gente se surpreendeu bastante com os números. Essa pesquisa ela tem resultados, ela foi apresentada no ENEPE, e se você quiser eu posso te mandar porque dá pra escrever aí uns dois, três parágrafos, mais assim... a gente estudou os egressos da TV Facopp. Então sobre os egressos da TV Facopp na época, a gente tem resultados bem interessantes, inclusive que mostram até caminhos do jornalismo.

Por exemplo, não posso falar a maioria, mas uma parcela muito grande atuando em assessoria de imprensa, que a gente sabe é uma área no jornalismo em franco crescimento. Os dados demonstram envolvendo atividades acadêmicas que voltaram a estudar, que é uma coisa, eu particularmente, que eu incentivo muito, mais muito mesmo, aluno que passou e criou vinculo se depender de mim parado ele não fica, aluno tá estudando, principalmente se é orientando meu. Do jeito que sai eu já encaminho pra algum, que que você quer fazer?, aí você vê, vai estudar o aluno e tal pra você vê.

Do grupo do semestre passado mesmo, os meus cinco ou tá direto numa redação ou se não conseguiu ainda direto a redação. E tem as questões pessoais, as vezes o aluno ele não pode sair de prudente, tá cuidando da família, tem uma série de coisas. Tem aluno que já constitui família, tem alunos que tem outras atividades, tem alunos que tem pai e mãe pra cuidar porque eles são mais idosos, tem uma série de coisas. Então você vai estudar aluno por aluno. Que nem hoje tem duas alunas minhas que é a Thais e a Fernanda que tiveram uma historia importante aqui na Facopp, estão começando uma pós em gestão de produção audiovisual em São Paulo, que é o que elas querem trabalhar, então estão começando lá em São Paulo. E foi uma pós que eu ajudei elas a escolherem também.

O Rafael que tá fazendo gestão política e marketing que já começa na Jovem Pan em São Paulo, hoje o Marquenzi. Ele foi pra lá com a intenção de estudar, e eu sempre falei pra ele: não, não tem nada que ir, mas ele sempre quis

trabalhar grande. Ele queria fazer política e marketing, entrou lá e aí com três semanas praticamente e dando a cara lá, já começou na Jovem Pan. Quer dizer, você pega um aluno formado pela gente que vai lá fazer um teste em Jovem Pan, quer dizer, começa isso, começa a conhecer, a gente começa a fazer os vínculos e depois de três semanas...quer dizer, tá mostrando, é um sinal que a gente tá preparando bem. Lógico que nem todos seguem no jornalismo por diversas questões. Alguns porque realmente não aproveitaram bem a faculdade e isso e aquilo e tem uma dificuldade de colocação, mais muitos por não opção, as vezes você vai cuidar de um negócio da família, de outra coisa e tal, mas aqueles que querem trabalhar com jornalismo mesmo e se dedicam na faculdade eu não tenho hoje um exemplo pra que eu possa te falar assim: o aluno tá frustrado porque ele não conseguiu se colocar. As vezes a gente tem que colocar esse aluno bem lá longe, lá no Mato Grosso, Mato Grosso do Sul mais depois ele vai voltando. As vezes o aluno tem que começar por lá porque o mercado em São Paulo ele é difícil mais não é pra alunos da Unoeste, é um mercado bem exigente, o jornalismo de São Paulo ele é muito exigente. Então assim, é menos rotativo que em outros estados.

Mas há umas três semanas por exemplo eu recebi um pedido de uma ex aluna nossa que tá trabalhando numa determinada emissora, num determinado local que o chefe dela quer um aluno daqui, porque deu certo com ela, deu certo com outro que já mudou de emissora e já mudou de lugar. E quer um aluno daqui pra ir pra lá, quer dizer, vem com encomenda, me fala quem é o aluno tal que vai ocupar essa vaga. Só que é longe, então tem que pegar um aluno que não tem família ainda, que não é casado, que isso, que aquilo, que tenha essa possibilidade e aí o aluno vai pra lá. Mais assim, a pesquisa egressos da TV Facopp tem dados legais que você pode tá utilizando.

PASSANDO PARA A PARTE DE MUDANÇAS QUE A FACOPP TA PASSANDO AGORA, ESSA DIVISÃO QUE SENDO FEITA DESDE O PRIMEIRO TERMO ENTRE JORNALISMO E PUBLICIDADE, NÃO TEM MAIS TRONCO COMUM. QUAL A SUA VISÃO EM RELAÇÃO A ISSO? E PARA O MERCADO DE TRABALHO QUE OS FUTUROS EGRESSOS VÃO TER?

Sob o meu ponto de vista é positivo. Eu particularmente defendi essa mudança, eu concordo com essas novas diretrizes, eu concordo em seguinte sentido: que a gente não pode a perder a perspectiva da formação básica humanística do aluno, então ela deve permanecer. Toda essa base que vem do tronco comum ela deve permanecer. O que eu acho e que eu sempre defendi é que o aluno tem que ter mais contato com o jornalismo em sim desde o jornalismo do curso, isso que eu sempre defendi. Jamais substituir a carga humanística, pelo contrário com a inserção de novas prerrogativas. Com outras questões que devem ser tratadas a exemplo cinema, as relações envolvendo a comunicação e a educação que também tem que preparar o aluno.

O aluno precisa pensar jornalismo, entender o jornalismo, praticar jornalismo, desde o primeiro dia em que ele pisa aqui, porque o jornalismo ele é muito complexo.

O jornalismo que eu entendo sim como uma ciência as suas teorias elas não podem ser relegadas a uma experiência muito curta, eu acho que o aluno tem que ter experiência com a teoria do jornalismo que faz a sua ligação com as teorias da comunicação o máximo de tempo possível, porque daí eu acho que

ele vai estar melhor preparado. Eu posso falar especificamente da cadeira que eu coordeno, que eu sou responsável que no caso é o telejornalismo é pouquíssimo tempo pra gente trabalhar. Eu senti isso desde o dia em que eu entrei aqui. Desde 2002, eu fui tomando rumos e fui escolhendo e sempre falei pros alunos, olha gente nós vamos entender bem disso. Tem muitas outras coisas que a gente poderia entender. Aqueles que quiserem enfim e tal a gente pode depois lá pra frente no TCC pesquisar, mas hoje nós vamos entender o telejornal porque é muita coisa pra gente. Eu trabalhei 10 anos com telejornalismo diário, eu continuo me sentindo uma ignorante no assunto de tamanha complexidade porque o jornalismo é algo que exige demais de quem pratica porque traz consequências diretas pra sociedade, então é preciso praticar muito, olhar muito pras mídias o que tá sendo feito porque o que tá sendo feito a gente acha que não deve ser feito assim, primeira questão. Então como que a gente vai fazer diferente, e outra questão.

Tem muito perfil de curso que é sentar numa cadeira e ficar apontando isso é errado, isso é errado. Tá, e agora? Eu quero ser jornalista, eu quero mexer com esse negocio, como que eu posso fazer então pra não cair nesse tipo de prática, então pra isso precisa tempo. Não são coisas simples, não só uma questão de você chegar e apontar uma coisa pro aluno. O aluno precisa entender isso, quer dizer ele vai lá pro mercado e aí ele vai ser facilmente cooptado, vai ser facilmente moldado do jeito que o mercado quer, faz sem pensar, rápido porque é isso que a gente precisa e não é esse o jornalista que a gente quer colocar no mercado, a gente não tem como foco isso. Então essa mudança sob o meu ponto de vista, essa mudança é muito positiva. É uma mudança que eu sempre defendi, mas desde que a parte humanística não fosse preterida, ela tem a mesma importância que as outras questões. Mas a gente não pode esperar o aluno pensar sobre o jornalismo apenas lá na frente, porque é pouco tempo pra gente trabalhar. Alguns conseguem nesse pouco tempo mas não são todos e a gente quer que todos percebam, então por isso que a gente precisa de mais tempo pra falar, pensar e produzir.

COM ESSA PERGUNTA VEIO UMA OUTRA QUESTÃO. NORMALMENTE O TRONCO COMUM ACABA DANDO UMA BASE PRA MUITOS ALUNOS QUE NÃO TIVERAM UMA BOA BASE NO ENSINO MÉDIO. OLHANDO O PASSADO, QUANDO VOCÊ COMEÇOU LÁ EM 2002. HOUVE UMA QUEDA DE QUALIDADE NA CLIENTELA OU ESSA MUDANÇA É MAIS UMA MUDANÇA DE GERAÇÕES?

O mundo mudou. Não dá pra gente pensar em alguma coisa no campo da Ciência Social sem mudanças, não dá, é uma coisa que sempre está em constante mudança, em constante alteração. Cabe a nós da academia pensar sobre isso, analisar sobre isso. Se a gente falar hoje que o aluno é pior ou é melhor eu não estudei e eu acho que isso seria leviano da minha parte. Por exemplo quando eu comecei a dar aula aqui, quando eu apresentava uma filmadora pros alunos em sala de aula era uma coisa igual fita cassete era igual mostrar fita cassete pro menino do primeiro termo. Era mais ou menos assim: nossa, gravar é mais um movimento, produzir imagens e coisa e tal. Eu tinha que no urso separar um tempo vem grande pro aluno perder o medo e começarem a operar.

Hoje o aluno quando chega pra mim pra começar a produzir telejornalismo é 10, 15 minutos de conversa. O aluno já tá acostumado a fazer suas próprias filmagens. O aluno não tem receio em tratar a tecnologia, ele não quer que tenha uma filmadora na casa dele com o porte que tem uma profissional, mais é mais fácil, eu vou utilizar o tempo que eu tenho pra conversar com esse aluno muito mais sobre os limites éticos da questão de divulgação de imagens, porque ele tá produzindo vídeos da festa de aniversário do amiguinho dele, do batizado da irmã dele; até porque se ele faz isso ele é o cara da família dele.

Então ele vem fazendo isso a muito tempo então eu preciso dar um olhar profissional pra ele. É diferente daquele outro que nunca nem se aproximava pra um ter a coragem de pegar. Hoje desde o primeiro termo os alunos vem olha pode pegar. A gente até teve uma mudança no regulamento. Os alunos do termos iniciais... isso vai acabar com o novo curso, que eles não poderiam utilizar as câmeras porque eles não tinham capacitação, não tinha conhecimento porque todo mundo quer fazer uma atividade em vídeo, um trabalho em vídeo.

Até na UEL os alunos editam os próprios vídeos porque você não tem que ensinar o software. O cara já aprendeu, ele já se vira e vai atrás.

Se ele é melhor se ele é pior, existem pesquisas que tratam o ponto de vista positivo e o ponto de vista negativo. É como se fossem os apocalípticos integrados mais do campo da educação. Tem muita coisa publicada sobre isso. Mais que ele é diferente é diferente, a gente precisa entender sobre isso.

Ele é diferente em vários sentidos. Ele é diferente na questão de conhecimento, no manuseio da tecnologia, mais sobre tudo ele é um aluno emocionalmente diferente. Ele é um aluno ansioso, estressado no sentido pela própria pressão, é um aluno com muitas questões mal resolvidas dentro dele que ele ainda não conseguiu explodir porque ele tá na passagem da adolescência pro adulto, então é um momento crucial a faculdade na vida dele. Antigamente essa passagem era diferente, ela não se dá hoje da mesma forma. Então a gente precisa olhar hoje pra esse aluno dentro da sala de aula não quer que é pior ou que é melhor, mas que é um aluno diferente. Eu sei que de coisas que dão certo e eu sei que essas coisas que dão certo elas podem ser otimizadas, e eu posso melhorar e fazer dar mais certo ainda. Então eu pego aquilo que deu certo e eu vou incorporando e eu vou fazendo leituras. Eu penso, desse jeito funcionou pra um e não funcionou pra outro e aí eu vou trabalhando, vou analisando, vou refletindo.

VOCÊ ACHA QUE A UNOESTE TEM UM DIFERENCIAL EM RELAÇÃO ÀS OUTRAS UNIVERSIDADES EM ESPECIAL NOS CURSOS DE JORNALISMO E PUBLICIDADE, E POR QUE OS ALUNOS DEVEM VIR PRA CÁ?

Essa pergunta é bastante parcial. A gente precisa acreditar no local onde a gente trabalha se não a gente sai. No caso da Unoeste tem um diferencial muito grande que é a estrutura que dá muita segurança pra gente trabalhar isso é uma questão importante. Mas sobretudo o que eu vejo é um desejo mesmo, especificamente do curso de jornalismo que é o que eu tô vinculada de uma forma geral, uma vontade de fazer um negócio bem feito e em tratar as questões sobre a formação de uma forma muito séria, porque nós somos jornalistas, nós sabemos as responsabilidades, nós experimentamos isso, nós sabemos as possíveis repercussões que isso pode ter. Hoje eu acho que o

meu papel ele é mais importante na universidade do que dentro de uma redação, eu acho que eu posso contribuir mais numa universidade do que dentro de uma redação, porque eu to na academia como jornalista mesmo, lógico na figura de um professor, mas sempre pensando em melhorar o jornalismo. Então acho que esse olhar de tentar, essa preocupação mesmo muito seria de melhorar o jornalismo por aqueles que estão e por aqueles que passaram eu acho que esse é um diferencial. É uma mudança mesmo, é uma ideia comum, é uma ideia que batem em todas as cabeças, todo mundo que tá aqui no curso de jornalismo tem a vontade fazer um jornalismo melhor, mais é uma vontade assim que corre pelas veias, porque e cada um compactuasse com uma ideia, mas como a gente tem o mesmo objetivo, que é mais pessoal e aí ele se transforma em coletivo e cada um vai trabalhar utilizando suas habilidades suas competências, só tem a dar resultados positivo. Então essa é uma questão importante a ser considera. É uma coisa que nasce no individual, no pessoal desse corpo docente, ganha expressividade no coletivo e lógico que afeta ou incide, resulta no campo educativo. No momento de sala de aula esse individual de cada um chega nas questões didáticos pedagógicas logicamente porque todo mundo tem um objetivo final.

CARLOS ALBERTO VICCHIATTI – EX-DIRETOR

PROFESSOR, SE POSSÍVEL RELATAR EM QUAL INSTITUIÇÃO ESTÁ AGORA, COM QUAL IDADE, QUAIS PROJETOS, OU SEJA UM BREVE HISTÓRICO.

Sou Pró-Reitor de Graduação do Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino-UNIFAE, de São João da Boa Vista, São Paulo. Tenho 50 anos. Tenho 23 anos de experiência em Gestão Educacional e 25 como professor universitário. Sou Avaliador Institucional e de Cursos do MEC e Avaliador do Guia do Estudante. Tenho dois livros editados e um terceiro a publicar.

COMO COMEÇOU A TRABALHAR NA FACOPP E EM QUAL PERÍODO DESENVOLVEU SUAS ATIVIDADES PROFISSIONAIS NA INSTITUIÇÃO?

A convite da Reitoria à época, entre agosto de 1996 e março de 2002.

TRABALHOU EM QUAIS CARGOS DENTRO DA INSTITUIÇÃO?

Primeiro como coordenador dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda e, na sequência, Diretor da Faculdade de Comunicação.

NO PERÍODO QUE ESTEVE À FRENTE DA FACULDADE, O SENHOR CRIOU ALGUM EVENTO OU LABORATÓRIO? SE SIM, QUAIS?

Vários eventos: Semana de Comunicação, Semana Integrada de Publicidade e Propaganda e Jornalismo, Facopp no Ar (rádio), além de várias palestras que organizei e visitas técnicas à Globo, Record, Expocom/Intercom etc. Todos os laboratórios de então (não sei se hoje há mais algum) foram instalados por mim: rádio, TV, hemeroteca, informática, redação modelo e a Rauzze (Agência Integrada de PP e JOR), essa uma inovação entre as faculdades de comunicação à época.

ENTREVISTAMOS UMA MÉDIA DE 30 ALUNOS, PARTE DOS ALUNOS DA ÉPOCA, O COLOCAM COMO UM PROFESSOR FORMIDÁVEL, OUTROS DIZEM QUE TIVERAM SÉRIAS DIVERGÊNCIAS COM O SENHOR. ACHA ESTA POLARIZAÇÃO CONTROVERSA? POR QUÊ?

Tenho a felicidade de ver quase toda semana, nas TV's em rede nacional, ex-alunos meus que começaram suas carreiras comigo em telejornalismo. Vi no site da Facopp foto do (insuportável corintiano e grande perna de pau) Rildo Herrera em palestra para vocês. Ele é um caso, por exemplo. Para mim é muito claro que não se contenta todos. Sei que há muitos ex-alunos que gostaram de meu trabalho. Assim como sei que alguns tiveram divergências comigo e, com certeza, eu também com eles. Todos sabiam muito bem como era –e ainda é– minha forma de trabalho: austeridade quando necessária, amabilidade quando há espaço para tal. No fundo, esses alunos que me apontam como “formidável” sabem bem como sou: cara e jeito de bravo, mas, no fundo, um baita manteiga derretida.

NO PERÍODO QUE ESTEVE NA FACOPP QUAL ERA SUA FORMA DE TRABALHAR? ACREDITA QUE ELA PROVOCOU OS SENTIMENTOS POSITIVOS E NEGATIVOS A SEU RESPEITO?

Creio que respondi acima.

DE ACORDO COM O PROFESSOR JOÃO PAULO, “SUA PRESENÇA NA FACOPP FOI UMA DAS MAIS IMPORTANTES, TALVEZ A MAIS IMPORTANTE” PARA A HISTÓRIA DA FACULDADE. COMO O SENHOR VÊ ESTE COMENTÁRIO?

O João Paulo é uma puxa saco. Disse isso só porque ele estagiou comigo na Rádio Comercial, foi meu orientando em Projeto Experimental (TCC) se não me engano e me convidou para palestra na cidade dele, em Dracena. Vale dizer que foi um aluno brilhante. Fico muito feliz que ele é mais uma “cria” minha que tornou-se professor. A vida é assim: ontem meus alunos. Hoje meus colegas professores. Portanto, será o tempo que vai dizer se fui um dos mais importantes ou o mais importante na/da história da Faculdade.

NO PERÍODO QUE ESTEVE NA FACULDADE FORAM IMPLEMENTADAS MUITAS MUDANÇAS? QUAIS?

Talvez a mais importante tenha sido a instalação dos cursos no período noturno. Até a Reitoria não acreditava que teríamos público. Depois –e ao mesmo tempo do curso noturno- levar a faculdade para o Câmpus II. Isso possibilitou seu crescimento pois eu assumi a faculdade com 60 alunos e, na minha saída, ela tinha quase 600. Tive muitas críticas naquele tempo. No cunho acadêmico, fazer desde a primeira turma, em 1998, simulados para o Provão, hoje Enade. Importante ressaltar que esse projeto dos simulados foi “comprado” pelos professores e muito bem aceito pelos alunos (Homero, Rildo, por exemplo...). Ou seja, foi um belo trabalho de equipe.

QUAL O ACONTECIMENTO MAIS SIGNIFICATIVO ENQUANTO TRABALHOU NA FACOPP?

Sem dúvida alguma, no primeiro Provão já termos o Conceito B (que seria o 4, de hoje, no Enade). Depois mais B's e, finalmente o A (que seria o 5 de hoje no Enade). A soma disso tudo fez com que a Revista Veja classificasse o nosso curso de Jornalismo como o quarto melhor do estado de São Paulo. Tenho essa Veja comigo. Mas também tenho que dizer de PP: foram vários prêmios (1º, 2º, 3º lugares, menções honrosas etc) conquistados no Expocom/Intercom. Essas conquistas faziam com que houvesse uma disputa saudável nos cursos: PP querendo ser melhor que JOR e JOR querendo ser melhor que PP.....

HOUVE ALGUM ACONTECIMENTO RUIM QUE MEREÇA SEM RELATADO? QUAL?

Sim, houve. A oposição insana de alguns poucos professores que queriam me tirar a todo custo. Felizmente para a Faculdade hoje não estão mais aí. Tenho

que dizer, entretanto, que SEMPRE tive apoio da Reitoria, pois ela sabia que trabalhávamos sério.

COMO SE DEU SUA SAÍDA DA INSTITUIÇÃO?

Muito oportuna sua pergunta. Em 2002 meu pai saiu candidato a prefeito em Bragança Paulista, minha cidade. Fui auxiliar na campanha. Ele perdeu. Mas eu aprendi muito. Em paralelo, voltei para sala de aula na primeira faculdade de jornalismo em que trabalhei, em Pouso Alegre, MG. Importante frisar: eu saí. Não fui “tirado”.

POR FIM, ACREDITA QUE A FACOPP É BEM VISTA HOJE ENTRE AS ESCOLAS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL? QUAL SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A PROJEÇÃO QUE A FACOPP POSSUÍ HOJE?

Creio que lhe respondi na pergunta 8.

COMO VOCÊ INGRESSOU NA UNOESTE?

É uma história bem interessante. Eu fui dar uma palestra na UEL (Universidade Estadual de Londrina), e depois o antigo diretor da Facopp, Carlos Alberto Vichiati, ligou para a UEL perguntando se tinha um professor de publicidade; jornalismo. O pessoal da faculdade disse que lá, necessariamente não tinha, mas tinha um de publicidade que veio de Curitiba, que deu uma palestra excelente. Ele pegou meu telefone e me ligou.

Isso em 1996; eu tinha acabado de fazer uma campanha política em Londrina. Ele me fez um convite para dar aula em Prudente. Perguntei Quantos km de distância era Curitiba até Prudente; ele me disse 600! Pensei: “Nossa, muito longe.”. Aí fiz uma proposta imaginando que ele não aceitaria; mas ele aceitou. Eu ia uma vez por semana, às sextas-feiras. Saía de lá às 0h e chegava em Prudente às 6h. Dava aula até 11h40, e embarcava às 14h e chegava em Curitiba ao sábado. Isso foram durante seis meses, em 97. No segundo semestre daquele ano ele me convidou para ser o coordenador da *HouseAgency*, mas eu teria que mudar para cá. Pensei: “Vou tentar; não é definitivo.” Vim para cá e ficava em um alojamento no Campus II; ainda não era o hotel escola; era um alojamento para professores. No ano seguinte ele me convidou para ser chefe de departamento da publicidade. Aí mudei para cá. Eu era chefe de departamento, professor da Facopp. Foi aí que a reitora me convidou para ser diretor de marketing da instituição e implantar o departamento. Aí eu convidei a professora Marcela e mais três funcionários. A princípio no Campus II, na *House*, e depois mudamos para o Campus II, pra Reitoria. Na época, até por problemas de compatibilidade de éticas, eu e a Marcela não nos dávamos bem com o antigo diretor. Ele era uma pessoa muito difícil, então optamos por não dar mais aula na faculdade. Nós estávamos no marketing da instituição, mas sem dar aula. Em 2002 ou 2003 o Carlos Vichiati saiu, e entrou a Astrogilda, que passou a ser diretora. Ela nos convidou (eu e Marcela) para voltarmos a dar aula, e nós aceitamos prontamente. Pouco tempo depois, seis meses, me convidaram para ser coordenador do curso de publicidade. No jornalismo era a Thaísa e eu na publicidade. Com a gravidez dela, eu passei a coordenar os dois cursos. Fiquei coordenando três cursos, dava aulas e também trabalhava no marketing. Isso até 2006, mais ou menos. Passei a ser o diretor da faculdade, no Campus II. Saí do marketing e fiquei só na direção. Isso até 2008. Até a metade do ano fiquei como coordenador da publicidade, e então saí. Pediram para reduzir o meu salário e não teve acordo. Além de problemas políticos.

COMO ERA A DINÂMICA DA COORDENAÇÃO?

Como uma cidade do interior, com publicitários com formações bastante diversificadas, haviam muitos advogados como donos de agência, radialistas, vendedores de anúncios. Não tinha ainda um corpo acadêmico credenciado para dar aula; por isso também foram me buscar tão longe. Então era uma dinâmica difícil. À medida que alguns alunos foram se formando, eles foram sendo aproveitados nessa área. A gente podia ver quem podia despontar como professor. Foi assim que copitei a Carol (Mancuzo). Ela não foi minha aluna. Quando tinha vestibular, 70% ia para o jornalismo e 30% para a publicidade. Então a Astrogilda me pediu para dar aula no primeiro termo para equilibrar.

Eu sempre dava aula só no quarto termo e orientação de TCCs. Eu que implantei os TCCs, fui o primeiro coordenador. Eu era professor da Universidade de Curitiba. Lá não tinha termos comuns, era publicidade ou jornalismo; aqui o curso era Comunicação Social. Então eu contei com a ajuda de grandes amigos, pessoas valorosíssimas da UEL. Professora e reitora Luzia Deliberador, professor Paulo Boni, professor Sussumo, que me ajudaram a montar o regulamento do TCC. Participei como chefe de departamento da criação dos TCCs. Acompanhei tudo; montagem, banca, avaliação, tudo.

POR QUANTO TEMPO O SENHOR ESTEVE À FRENTE DA COORDENAÇÃO?

Como chefe de departamento foi de 97 até 99, quando montamos o marketing. Depois saí e voltei em 2002. De 2003 a 2008 fiquei como coordenador e depois como diretor por dois anos.

QUAIS OS LABORATÓRIOS QUE EXISTIAM NA ÉPOCA?

Quando a instituição abriu o curso tinha o laboratório de fotografia, coordenado pelo professor Paulo Miguel. Era manual. O curso começou no Campus I, mas logo que entrei mudou para o Campus II. Tinha o de fotografia, o de rádio, e TV.

VOCÊ SE LEMBRA DA ESTRUTURA?

A estrutura física não mudou muito; o que melhorou bastante foram os equipamentos. Era uma luta insana; muito complicado. Até então a comunicação era um curso novo, não fazia parte dos “queridinhos”, como a medicina. A mensalidade era pequena, então era muito difícil conseguir equipamentos. Usávamos a betacam, aquelas fitas enormes; era um monstro. Hoje nem se passa na ideia. Quando eu fiz o primeiro vestibular, algumas TVs, como a do Acre, só aceitavam betacam. Para enviá-las pelo correio em caixas enormes.

QUAIS EVENTOS ERAM OFERECIDOS NA ÉPOCA?

Na minha época como coordenador tinha a Jornada e a Semana da Comunicação. Quando eu era diretor de marketing, implantei a Feira das Vocações. Foram seis anos, e era bem legal; nós lotávamos salão. Tinha edições que alcançavam a marca de 8 mil alunos, de toda a região. Até perto de Marília vinham pessoas para cá. O Top of Mind não é uma ideia original. Tínhamos o desejo de implantar. Eu e a Marcela também dávamos aula em Maringá, e ela trouxe essa ideia para cá.

NO PERÍODO EM QUE ESTEVE NA COORDENAÇÃO, O QUE FOI APRIMORADO?

Posso considerar uma das minhas grandes vitórias, até pela proximidade que eu tinha com a reitoria, de conseguir o espaço físico. Praticamente todo aquele andar ficou nosso, ainda tenho muito carinho. Era uma batalha. Não sei como

está hoje; não voltei mais lá. Na época fiquei muito chateado com a minha saída. Implantei a agência júnior e a sala da coordenação.

QUANDO A AGÊNCIA FOI IMPLANTADA?

A *HouseAgency* (agência júnior) foi desde 97. O nome, na verdade, não pode dizer agência júnior, porque ela não tem autonomia. Ela teria que constituir CGC, ter autonomia para movimentar dinheiro, e a gente não tinha. Consegui aumentar o laboratório de fotografia; colocar um fundo infinito; foi separado da TV, aumentou consideravelmente. Nos laboratórios de rádio e TV melhoramos os equipamentos. Foi meu o projeto de implantar a redação. A pesquisa e iniciação científica era coordenada pela Édima, aquele terror. Não precisa falar que eu não gosto dela, né? Foi um osso no meu sapato. Tudo aquilo foi conquista. Consegui a climatização das salas; todos os data-shows.

VOCÊ CONSEGUE ESCOLHER A MAIOR CONTRIBUIÇÃO QUE VOCÊ DEU PARA A FACULDADE?

Eu posso dizer que a maior contribuição, não quero ser demagogo, mas as pessoas que eu vi sair de lá e estão hoje no mercado. Para mim é uma satisfação enorme quando eu vou às festas da Globo e encontro donos de agências, como o Xando, o Tarcísio, o Rodrigo, o Raul, com quem trabalho hoje, o Ewerton; foram todos meus alunos. A grande maioria das agências, praticamente todos se graduaram na Facopp. Muitos deles foram orientandos meus. Na minha época foi quando batemos o record de prêmios. No Intercom levamos praticamente tudo. Três na publicidade que eram de ouro. Teve uma aluna minha, a Érica. Quando ela entrou na sala de aula ela me disse: “Eu quero dizer uma coisa para você. Eu não gosto de escrever.” Eu disse a ela para não dizer isso, porque palavras viram verdades. Pedi para conversarmos melhor sobre isso depois de três meses. Três meses depois ela escreveu um trabalho para o Intercom e tirou o primeiro lugar, medalha de ouro. Então eu acho que isso é a melhor contribuição que posso deixar. As conquistas físicas também eu consegui muito porque tinha muito acesso através do marketing; isso até causando ira dos outros diretores. Como eu conseguia captar verba através de cartão de crédito, tipo Visa ou Mastercard para abordagem dos alunos, eles davam prêmios por isso. Os primeiros data shows, que não eram da área da saúde, o único curso que tinha era o da Comunicação. A mudança dos equipamentos, levar a fibra ótica até o terceiro andar. Por ser no Campus II, muitas coisas ainda não chegavam até lá; sofriamos com apagões. Os laboratórios de informática eram sucateados e ainda dividíamos com oito, dez cursos. Quando eu saí, a Facopp foi considerada pelo Guia do Estudante como uma das melhores faculdades de Publicidade do país. A Larissa não fez nada por isso, só levou ou louros. Faz parte da política. Uma outra situação bastante interessante foi quando a Uniesp veio para Prudente com a proposta de jogar a mensalidade lá no pé. A nossa custava algo em torno de 400 reais; a deles era 190 reais. Depois de muito interceder junto à reitora, ela baixou para 220 reais. Aí teve um vestibular que tivemos 280 alunos; 78 de manhã e 140 à noite (duas turmas). Só perdíamos para medicina, era top.

VOCÊ IDEALIZOU ALGUM PROJETO QUE NÃO FOI REALIZADO?

Equipar o estúdio de propaganda e a redação. Foi todo montado, apresentado. Na época o Mancuzo era o coordenador do jornalismo. Chegamos até ir para Londrina, ver o regulamento do estágio, visitar a TV Mix da Unopar. Esse projeto não consegui implantar, até por uma questão política, de investimentos. Mas fico contente que no futuro veio a dar certo. Foi apresentado os modo; o formato; toda a regulamentação.

HAVIA AUDITÓRIOS?

Tinha sim. Vieram com o crescimento da instituição. Quando eu comecei a dar aula no primeiro termo, tinham 115 alunos. Eu tinha que dar aula no auditório; Azaleia, acho; na época não tinha nome. Levava mais tempo para fazer a chamada do que para dar a aula. Usávamos microfone, mas também era disputado.

DURANTE A SUA GESTÃO ALGUM PROFESSOR OU ALUNO SE SOBRESSAIU?

Vários. O Xando é um deles. Poderia citar vários, como a própria Carol que foi aluna, depois professora e hoje coordenadora do curso de jornalismo. São grandes amigos. O Tato (Haroldo) foi meu aluno, e também se sobressaiu. E também os alunos que se sobressaíram no mercado. A Fernandinha Gomes, que hoje é produtora em São Paulo. Vira e mexe ela me manda um e-mail dizendo que acabou de gravar com a Gisele Bündchen, por exemplo. A Robertinha, que é super premiada; Pandur que também se destacou; o Raul, que hoje é dono da maior agência da região.

DEPOIS QUE SAIU DA FACOPP NÃO QUIS VOLTAR PARA CURITIBA?

Acabei não voltando. Até era um desejo meu, mas na época tive um problema de saúde na família, meu pai estava muito doente. Fiquei praticamente um ano cuidando dele até que ele veio a falecer. Tendo casa aqui, não fui. Mas ainda vou voltar para Curitiba, se Deus quiser.

O QUE MAIS MARCOU SUA PASSAGEM PELA FACULDADE?

Sempre vamos marcar pelo bem; as coisas ruins são consequência da vida. Hoje encontro o pessoal da Unoeste e eles me dizem que ela tem a minha cara. Tudo o que eu implantei, até hoje está lá. Um legado. A programação visual também. Lembro-me de quando coloquei uma placa na entrada do Campus II que dizia: "Que bom que você veio". Fui quase trucidado. A velha guarda da Unoeste; o pessoal de letras, dizia que estava errado. Hoje o McDonalds usa esta frase.

TINHA ESTÁGIOS INTERNOS E SUPERVISIONADOS?

Quando saí, estávamos buscando regulamentação; até fui eu quem a redigiu. Na época acho que a Carol seria responsável pelos estágios na área de jornalismo e a Larissa na publicidade, ou Mariangela. Durante a minha gestão,

posso dizer que 90% dos pedidos de estágio forma atendidos. O aluno que queria trabalhar, conseguia. Isso falando de estágios externos, mas internos também tinha. Era remunerado através de bolsa. Tinha até 100%, dependendo do bom humor da Dona Ana. O Xando foi um que estudou com 100%; ele estagiou no departamento de marketing.

NA SUA OPINIÃO, QUAIS OS PONTOS FORTES E FRACOS DA FACOPP?

Como ponto forte, acho que o material humano. A gente conseguiu formar um corpo docente muito coeso. Claro, tinham os contrários, os traíras. Mas nunca dividi isso, sempre achei que a comunicação social não dava para separar os cursos; sempre pensei nisso junto. Era uma turma muito unida. Lembro que a minha gestão, seguramente, teve o melhor corpo docente, mais qualificado. Teve um projeto, um dos pontos que mais chamou a atenção da Abril quando deu o prêmio para as melhores faculdades. Fiz uma parceria com a fonoaudiologia onde os alunos do jornalismo, mesmo da publicidade, podiam fazer aulas de dicção; tinham um acompanhamento e valia como extensão. Pontos fracos; o que posso dizer? Talvez a estrutura, que não acompanhava a grandeza do curso. Até por uma questão política, não éramos visto com o real valor que tínhamos. Se é para citar um ponto franco, porque não deixamos de ensinar por causa disso. Não atrapalhou, mas poderia ser melhor. Eu diria não ponto franco, mas ponto frágil.

GOSTARIA QUE COMENTAR ALGO SOBRE A SUA SAÍDA OU PREFERE NÃO FALAR SOBRE ISSO?

Não, eu falo tranquilamente. Hoje as feridas já estão curadas. Vão ficar algumas decepções. Sempre tratei todos muito bem, de maneira igual; fui parceiro. Hoje até entendo essas pessoas, que até por medo de se comprometer e tomar partido na minha saída, poderiam complicar o futuro delas. É difícil julgar o ser humano, você não sabe o que se passa na cabeça deles. O Marlon, que não dá mais aula, a Thaísa, a Carol, o Mancuzo, a Mariangela, foram pessoas que a todo momento estiveram do meu lado, me deram todo o apoio. O Homero foi um grande amigo; devo muito a ele. Ele me ligou para avisar que estavam puxando o meu tapete na reitoria. Mas faz parte da vida. Fabíola também foi uma aluna que se destacou. Hoje eu entendo essas pessoas. Muito do comprometimento delas também pode estar condicionado à sua permanência na faculdade. Não posso julgar nem criticar; cada um sabe o travesseiro que dorme.

Sou extremamente grato. Fui de uma lealdade incomum. Sempre vi a dona Ana, não diria como uma segunda mãe, mas como uma pessoa que eu tive um grande carinho. Eu tinha armas para colocar a instituição na justiça e ficar rico. Mas por ela eu não faria isso.

QUAL A SUA FORMAÇÃO?

Sou publicitário pela ESPM de São Paulo, mestre em educação pela Unoeste. Sou avaliador de cursos do MEC; acabei de chegar de Brasília.

VOCÊ VIAJA BASTANTE?

Sim, já fiz 33 avaliações desde 2007.

ATUALMENTE, COMO É A SUA ROTINA?

Trabalho na Audi Propaganda e sou consultor de marketing do Grupo Segurança. Hoje eu estaria em Teresina; foi cancelada a avaliação. É pazerosíssimo.

Isso eu devo à Facopp. À Zizi Trevisan, a reitora de pesquisa, que me indicou para ser avaliador de cursos do MEC, quando eu nem era mestre ainda.

Quando eu saí do cargo de coordenador, eles queriam me manter como professor. Não concordei, era tudo ou nada. Até hoje tenho uma grande amizade com todos. Isso é o maior legado; é o que fica. Fico feliz porque fui há pouco tempo em uma formatura de agronomia e parecia parente chegando; várias pessoas abraçando. Hoje eu até voltaria a dar aula, e até pensei em fazer jornalismo, mas passou.

CARLOS MANFRIM – EX-DIRETOR

COMO INGRESSOU NA UNOESTE E QUAL FOI O PROCESSO DA SUA ENTRADA NA FACOPP?

Eu trabalhava em jornal, rádio e televisão na Unoeste. Surgiu uma ideia de montar uma faculdade de comunicação, que não tinha em Presidente Prudente, a mais próxima era em Londrina; tinha Adamantina mas não era muito requisitada. Então começamos a trabalhar junto a reitoria e então decidimos que poderia abrir. Fomos regimentar professores. Um dos primeiros que eu chamei foi o professor Nuno, Paulo Miguel, professor de fotografia e alguns outros professores que já davam aula em Presidente Prudente; Professora Édima; alguns professores que já davam aulas no tronco comum e começamos a trabalhar nisso. Implantamos e foi um sucesso geral, muita procura desde o começo. Demorou um ano para estruturar tudo. Nós montamos e fui o primeiro coordenador.

COMO FUNCIONAVA O D.A.?

O Diretório Acadêmico depois de um tempo foi estruturado e funcionava bem. Tinha um pessoal dedicado querendo fazer algumas coisas, sempre apoiamos o diretório. É importante tem essa relação do D.A e a faculdade. Antigamente tinha briga, o D.A. com a direção, a direção não recebia o diretório. Mas, acho que isto tem que ser pacífico e cada um fazer a sua parte.

SEMPRE ERAM ATENDIDOS OS PEDIDOS PARA REITORIA?

Setenta por cento, oitenta por cento. Havia muito pedido, acho que até por isso que não atendia todos os pedidos. Tinha pedido lá que era extravagante até demais.

COMO ERA A ESTRUTURA NA ÉPOCA?

Ocupamos duas salas, se não me engano no bloco H. Depois montamos o laboratório de fotografia, o professor Paulo Miguel foi muito feliz, porque ele montou um laboratório muito profissional. Acho que tinha dez máquinas para cem alunos. Tinha bastante coisa, filme, revelação. Isso no Campus I. Aos poucos foi montando a estrutura necessária. Teve um tempo para ir montando os laboratórios, e foi bacana. A estrutura foi sendo montada e eu acho que hoje é uma das melhores faculdades do estado de São Paulo. Mas pelo o que eu vi no começo dela, o que vai bem continua bem o resto da vida; então começou bem. Excelentes professores, laboratórios, uma estrutura muito bem montada, eu acho muito boa a Facopp. Não tinha todos os laboratórios. Começou com o laboratório de fotografia, foi montando aos poucos, conforme a necessidade.

QUANTO TEMPO VOCÊ FICOU NA COORDENAÇÃO?

Fiquei dois anos na coordenação, três anos.

VOCÊ CHEGOU A DAR AULAS NA FACOPP?

Sim. Dei aulas de Teoria da Comunicação e outras matérias também. Depois deixei lá para ser diretor no curso de Direito e fui diretor lá por cinco anos mais ou menos.

OS EQUIPAMENTOS ERAM SUFICIENTES PARA OS ALUNOS?

O que é um diferencial da Unoeste. Por exemplo, o Paulo Miguel pedia a máquina X que era a melhor do mercado, a reitoria não discutia e comprava a máquina. Então sempre teve os melhores equipamentos sob a ótica do professor que indicava esses equipamentos, isso era importante.

QUAIS OS EVENTOS ERAM REALIZADOS NA FACOPP?

Tinha muita palestra, muitos eventos de fora. Na época eu, a professora Carmem Lúcia José, uma doutora em comunicação, mora em São Paulo, dá aulas em São Paulo em faculdades; outros professores trouxeram outros palestrantes. Muita atividade tinha. Tinha a Semana de Comunicação desde o primeiro ano, o curso montou um jornal interno para divulgação, para treinar os próprios alunos que faziam. Era um jornal laboratório, o nome era “Espalha Fato” e esse jornal foi importante também. O que havia de necessidade para o curso era palestras, semana de comunicação, outras faculdades que eram interessantes de ir para lá, conhecer o curso para colocar no jornalzinho, fazia também. Então era comunicação total.

HAVIA ESTÁGIO OBRIGATÓRIO?

Não. Mas tinha uma vantagem, tinha o rádio, jornal, a televisão e a maioria das pessoas iam se encaixando para fazer estágio. Quem pegou o começo do curso já foi para a área de trabalho. Você sabe que o Homero Ferreira é um dos maiores homens que eu já conheci, ele é grande, inteligente, grande na sabedoria, foi um aluno nota mil, com muita capacidade, muita propriedade é um dos destaques da primeira turma. O Homero é um amigo que eu fico dois, três anos sem ver, e quando vê parece que a gente estava junto a semana inteira, a vida inteira; por esta amizade a gente vê que o verdadeiro amigo não é aquele que a gente vê todo dia, toda hora, mas aquele que a gente lembra assim e fala, “puxa vida, esse cara é meu amigo”. Ele, a Cinthia Aquino, a Cinthia eu acho ótima também. Os profissionais que estão no mercado começaram na Facopp e acho que aprenderam a lição de casa direitinho.

ALGUÉM MARCOU SUA VIDA ACADÊMICA OU HOVE ALGUMA HISTÓRIA MARCANTE?

Agora não vou me lembrar de alguma história. Era uma turma unida, quando ia para algum lugar ia todo mundo.

NOS EVENTOS A FACOPP QUE CONTRIBUIA FINANCEIRAMENTE OU OS PRÓPRIOS ALUNOS?

Eram os próprios alunos. Ia dois a três professores e participavam. Era saudável, natural, era uma convivência muito boa.

QUAIS OS PONTOS FORTES E FRACOS DA FACOPP?

Acho que o ponto forte é a capacidade de ensinar e aprender na faculdade de comunicação que acho que é o ponto principal do ser humano. Todas as questões são muito importantes, mas a comunicação acho que abre um leque para o ser humano, que ele se lapidar, ele conhecer a si próprio e o próximo. Acho que é uma ligação que faz para os seres humanos que parece que é de fundamental importância para a humanidade. Tivemos casos emblemáticos, como Impeachment no Brasil. E nós não temos o registro da Independência do Brasil porque não tinha imprensa, não tinha comunicação. Não tivemos registro do descobrimento do Brasil, nós temos a história e cada um conta uma história diferente da outra. Então se você pegar o passado que não tinha imprensa, e hoje com a imprensa, você vai ver que a comunicação é importantíssima até para registrar a própria história da humanidade. Acho que esse é um ponto positivo. Tem N vantagens a faculdade de comunicação. O que eu acho que não é muito interessante é que é uma classe desunida infelizmente, estou aqui para falar a verdade, paga-se muito pouco; os donos de imprensa não valorizam muito o profissional, então eu acho que é uma luta que jornalista até por sua própria condição estrutural, profissional, ele vai lutar para dias melhores, para conseguir mais benefícios. Teve uma evolução muito grande. Quando eu comecei no jornalismo, não tinha nada disso, não tinha estrutura nenhuma. Tinha o sindicato que fui lá e fiz minha inscrição, hoje tem sindicato, mais interesses, mais pessoas envolvidas, acho que uma hora vai melhorar muito para o jornalista.

O ENADE ERA REALIZADO TODO ANO? E COMO FOI O PROCESSO DE RECONHECER O CURSO?

Na época era provão, não era Enade. Primeiro você instala o curso, depois vem uma comissão do MEC qubbbe faz uma avaliação, uma recomendação que você tem que melhorar e aí é reconhecido. Foi naturalmente, atendeu todos os procedimentos na época, não teve problema nenhum. Teve alguma adaptação para fazer que é comum e resolvido todas essas pendências ficou tudo certo.

APÊNDICES

PAUTAS

APÊNDICES – I TURMA

RETRANCA: DÉBORA COSTA ANDRÉ – I TURMA

PROPOSTA: RESGATAR FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DA FACOPP QUE ESTÃO NA MEMÓRIA DE EX-ALUNOS DA PRIMEIRA TURMA

ENCAMINHAMENTO: CONVERSAREMOS COM A EX-ALUNA DE JORNALISMO DÉBORA COSTA ANDRÉ, QUE ATUALMENTE TRABALHA NA UNOESTE.

ROTEIRO:

19/03/2014 – 11H00

DÉBORA COSTA ANDRÉ

UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISA, ASSESSORIA DE IMPRENSA

CONTATO: (18) 3229-1185

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- 1) O QUE TE LEVOU A CURSAR JORNALISMO NA UNOESTE?
- 2) QUAIS OBJETIVOS VOCÊ TINHA QUANDO COMEÇOU O CURSO? ELES FORAM ALCANÇADOS? DE QUE FORMA?
- 3) QUEM ERAM OS COORDENADORES DE CURSO NA SUA ÉPOCA? HOUVE MUDANÇAS DE COORDENAÇÃO ENQUANTO VOCÊ FOI ALUNA?
- 4) QUAL ERA A DINÂMICA DO CURSO? HAVIA MANHÃ E NOITE? VESTIBULARES DE INÍCIO E MEIO DE ANO?
- 5) QUAL ESTÁGIO VOCÊ FEZ ENQUANTO ESTUDAVA? O QUE ELE ACRESCENTOU EM SUA VIDA PROFISSIONAL?
- 6) COMO ERA PARA FAZER ESTÁGIOS – MESMO OS EXTERNOS – HAVIA ABERTURA NO MERCADO?
- 7) JÁ HAVIA ESTÁGIO INTERNO NA FACOPP?
- 8) ERA OBRIGATÓRIO O ESTÁGIO SUPERVISIONADO?
- 9) HAVIA PRODUÇÕES PRÁTICAS FEITAS EM SALA DE AULA?
- 10) ESSAS PRODUÇÕES ERAM DISTRIBUIDAS? PRA QUEM E COMO?
- 11) QUAIS LABORATÓRIOS EXISTIAM EM SUA ÉPOCA? QUAIS EQUIPAMENTOS ERAM UTILIZADOS NELES?
- 12) QUAL LABORATÓRIO VOCÊ MAIS FREQUENTAVA? POR QUÊ?
- 13) DAS AULAS QUE VOCÊ TEVE, QUAIS SE DESTACARAM EM SUA CARREIRA PROFISSIONAL?
- 14) O QUE MARCOU SUA VIDA NO DECORRER DO CURSO?
- 15) HOUVE ALGUM PROFESSOR QUE A MARCOU?
- 16) HAVIA ALGUMA DISCIPLINA QUE VOCÊ ACHA QUE NÃO ERA IMPORTANTE PARA A SUA FORMAÇÃO?
- 17) QUE TIPO DE EVENTOS ERAM OFERECIDOS NA FACULDADE?
- 18) OS ALUNOS FAZIAM VIAGENS PROMOVIDAS PELO CURSO PARA AMPLIAR O APRENDIZADO?
- 19) E POR CONTA PRÓPRIA? HAVIA ESTA ORGANIZAÇÃO?

- 20)QUAL A PRINCIPAL DIFICULDADE QUE VOCÊ TINHA EM FAZER A FACULDADE?
- 21)HAVIA RESPALDO DOS PROFESSORES E COORDENADORES?
- 22)QUAIS OS PONTOS FORTES E OS PONTOS FRACOS QUE VOCÊ VIA NA FACOPP?

DADOS: DÉBORA COSTA ANDRÉ ESTA NA UNOESTE DESDE 1995. TRABALHOU NA ASSESSORIA DE IMPRENSA DA UNIVERSIDADE ATÉ O ANO DE 2000 E, ATÉ 2002 ATUOU COMO PROFESSORA NA FACOPP.

TRABALHOU DURANTE CINCO ANOS EM UMA AGÊNCIA DE PUBLICIDADE COM TEXTO, FOTO E DIAGRAMAÇÃO. DEPOIS DESSE PERÍODO, ELA RETORNOU PARA A UNOESTE.

DÉBORA TAMBÉM TRABALHOU COMO FREE LANCER DURANTE NOVE ANOS PARA A TV FRONTEIRA AFILIADA DA REDE GLOBO, ATUANDO NO JORNAL FIC.

ELA TAMBÉM RECEBEU, NA ÉPOCA DE FACULDADE, O TÍTULO DE MELHOR ALUNA DA PRIMEIRA TURMA. HOJE, AOS 43 ANOS, DÉBORA TRABALHA NA ASSESSORIA DE IMPRENSA DA UNOESTE.

RETRANCA: GEORGIANE BECEGATO - I TURMA

PROPOSTA: RESGATAR FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DA FACOPP QUE ESTÃO NA MEMÓRIA DE EX-ALUNOS DA PRIMEIRA TURMA, QUE SE FORMOU EM 1998.

ENCAMINHAMENTO: CONVERSAREMOS COM A EX-ALUNA DE JORNALISMO GEORGIANE AUGUSTO COSTA BECEGATO.

ROTEIRO:

19/02/2014 – 19H00

GEORGIANE COSTA BECEGATO, 39 ANOS

R: BELA, NÚMERO, VILA, PRESIDENTE PRUDENTE.

FONE: (18) 99614-7277

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- 1) QUAL MOTIVO TE LEVOU A ESCOLHER O JORNALISMO?
- 2) COMO FICOU SABENDO QUE O CURSO DE COMUNICAÇÃO SERIA ABERTO NA UNOESTE?
- 3) QUAIS OBJETIVOS VOCÊ TINHA QUANDO COMEÇOU O CURSO? ELES FORAM ALCANÇADOS? DE QUE FORMA?
- 4) QUEM ERAM OS COORDENADORES DE CURSO NA SUA ÉPOCA? HOUVE MUDANÇAS DE COORDENAÇÃO ENQUANTO VOCÊ FOI ALUNA?
- 5) QUAL ERA A DINÂMICA DO CURSO? HAVIA MANHÃ E NOITE? VESTIBULARES DE INÍCIO E MEIO DE ANO?
- 6) QUAL ESTÁGIO VOCÊ FEZ ENQUANTO ESTUDAVA? O QUE ELE ACRESCENTOU EM SUA VIDA PROFISSIONAL?
- 7) COMO ERA PARA FAZER ESTÁGIOS – MESMO OS EXTERNOS – HAVIA ABERTURA NO MERCADO?
- 8) JÁ HAVIA ESTÁGIO INTERNO NA FACOPP?
- 9) ERA OBRIGATÓRIO O ESTÁGIO SUPERVISIONADO?
- 10) QUAIS ERAM AS PRODUÇÕES FEITAS EM SALA DE AULA? HAVIA PRODUÇÕES PRÁTICAS?
- 11) ESSAS PRODUÇÕES ERAM DISTRIBUIDAS? PRA QUEM E COMO?
- 12) QUAIS LABORATÓRIOS EXISTIAM EM SUA ÉPOCA? QUAIS EQUIPAMENTOS ERAM UTILIZADOS NELES?
- 13) QUAL LABORATÓRIO VOCÊ MAIS FREQUENTAVA? POR QUÊ?
- 14) DAS AULAS QUE VOCÊ TEVE, QUAIS SE DESTACARAM EM SUA CARREIRA PROFISSIONAL?
- 15) O QUE MARCOU SUA VIDA NO DECORRER DO CURSO?
- 16) HOUVE ALGUM PROFESSOR QUE A MARCOU?
- 17) HAVIA ALGUMA DISCIPLINA QUE VOCÊ ACHA QUE NÃO ERA IMPORTANTE PARA A SUA FORMAÇÃO?
- 18) QUE TIPO DE EVENTOS ERAM OFERECIDOS NA FACULDADE?
- 19) OS ALUNOS FAZIAM VIAGENS PROMOVIDAS PELO CURSO PARA AMPLIAR O APRENDIZADO?
- 20) E POR CONTA PRÓPRIA? HAVIA ESTA ORGANIZAÇÃO?

- 21)QUAL A PRINCIPAL DIFICULDADE QUE VOCÊ TINHA EM FAZER A FACULDADE?
- 22)HAVIA RESPALDO DOS PROFESSORES E COORDENADORES?
- 23)QUAIS OS PONTOS FORTES E OS PONTOS FRACOS QUE VOCÊ VIA NA FACOPP?
- 24)COMO FOI O SEU TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO? ERA PERMITIDO FAZÊ-LO EM GRUPO OU DEVERIA SER INDIVIDUAL? QUAL FOI O TEMA E PEÇA PRÁTICA?

DADOS: GEORGIANE COMEÇOU SUA CARREIRA NO JORNALISMO LOGO NO SEGUNDO MÊS DE CURSO. ELA ESTAGIOU NA ASSESSORIA DO DEPUTADO PAULO LIMA POR QUATRO ANOS.NESSE ESTÁGIO, ELA DESEMPENHAVA VÁRIAS FUNÇÕES, DENTRE ELAS A DE FOTÓGRAFA.

TRABALHOU NAS CAMPANHAS ELEITORAIS DO CANDIDATO CHIQUINHO GALINDO, QUE ERA APOIADO POR PAULO LIMA E TAMBÉM NA CANDIDATURA DE SEU PAI, AGRIPINO LIMA. TRABALHOU NA SUCURSAL DO JORNAL OESTE NOTÍCIAS EM DRACENA E, AO RETORNAR A PRESIDENTE PRUDENTE, PASSOU A ASSINAR A COLUNA SOCIAL CIRCUITO.

RETRANCA: RADIOJORNALISMO/SALA DE AULA

PROPOSTA: SEGUNDO A VISÃO DO RESPONSÁVEL PELA ÁREA DE RADIOJORNALISMO DA FACOPP, SERÁ FEITA UMA EXPLANAÇÃO GERAL, SOBRE O QUE É ENSINADO, A IMPORTÂNCIA DO SEGMENTO EM QUESTÃO NA FORMAÇÃO ACADÊMICA E O QUE EU JÁ FOI PRODUZIDO DE SIGNIFICATIVO PELA FACULDADE.

ENCAMINHAMENTO: CONVERSAREMOS COM O PROFESSOR ESPECIALISTA HOMÉRO FERREIRA, PARA QUE A PARTIR DE SUA VISÃO, O TEMA SALA DE AULA SEJA EXPLORADO. SERÃO ABORDADOS ASSUNTOS REFERENTES AOS CONTEÚDOS TRABALHADOS EM SALA DE AULA, A APLICAÇÃO PRÁTICA DO MESMO, SUA INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS E O DESENVOLVIMENTO DA ÁREA DE RADIOJORNALISMO NA FACULDADE.

HISTÓRICO: O PROFESSOR HOMÉRO FERREIRA É FORMADO EM DIREITO NAS FACULDADES INTEGRADAS ANTÔNIO EUFRÁSIO DE TOLEDO EM 1991 E EM JORNALISMO PELA UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA (UNOESTE), INSTITUIÇÃO QUE LECIONA DESDE O ANO 2000. ALÉM DE POSSUIR O TÍTULO DE ESPECIALISTA EM EDUCAÇÃO OBTIDO TAMBÉM NA UNOESTE.

ATUOU COMO RADIOJORNALISTA EM RÁDIOS DE PRESIDENTE PRUDENTE, LOCUTOR ESPORTIVO EM RÁDIO, GERENTE DE JORNALISMO NA REDE BANDEIRANTES DE TELEVISÃO E ASSESSOR DE COMUNICAÇÃO NA PREFEITURA MUNICIPAL DE PRESIDENTE PRUDENTE.

ROTEIRO:

07/04/2014 – 20H40

HOMÉRO FERREIRA

RODOVIA RAPOSO TAVARES, KM 572 - BAIRRO LIMOEIRO
PRESIDENTE PRUDENTE - SP

FONE: (18)3229-2000

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- 1) O ENSINO DE RADIOJORNALISMO NA FACOPP ABORDA AS PRINCIPAIS POSSIBILIDADES DA ÁREA? QUAIS SERIAM ELAS?
- 2) ESSA EMENTA É SEGUIDA DESDE QUE O SENHOR COMEÇOU A LECIONAR AQUI, OU SOFREU MODIFICAÇÃO COM O TEMPO? SE SIM QUAIS MODIFICAÇÕES?
- 3) A QUALIDADE DO APRENDIZADO NA MATÉRIA DE RADIOJORNALISMO PODE FICAR APENAS NO CAMPO TEÓRICO OU PRESSUPÕE O USO DE EQUIPAMENTOS?
- 4) QUAIS SERIAM OS EQUIPAMENTOS? A FACULDADE DISPONIBILIZA OS MESMOS AOS SEUS ALUNOS?
- 5) JÁ QUE EXISTE ENTÃO O USO DE RECURSOS TEÓRICOS E PRÁTICOS, COMO ACONTECE A UNIÃO DOS MESMOS?

- 6) O SENHOR ACREDITA QUE O CONTATO DO ALUNO COM O RADIOJORNALISMO DENTRO DA FACULDADE PREPARA MESMO QUE SEJA BASICAMENTE O ESTUDANTE PARA O MERCADO DE TRABALHO? POR QUÊ?
- 7) ENTÃO HÁ A POSSIBILIDADE DE SE PRODUZIR CONTEÚDOS DE QUALIDADE ATÉ MESMO DENTRO DA FACULDADE? O SENHOR PODE ME DAR EXEMPLOS DE BONS PRODUTOS RADIOFÔNICOS PRODUZIDOS POR ALUNOS DA FACOPP?
- 8) ESSES PRODUTOS VÃO AO AR DE ALGUMA MANEIRA? COMO?
- 9) AS PRODUÇÕES REALIZADAS AQUI NA FACULDADE SÃO FEITAS VISANDO QUAL PÚBLICO-ALVO?
- 10) COMO FUNCIONAVA A PRODUÇÃO DESSES PROGRAMAS QUANDO O SENHOR COMEÇOU A LECIONAR AQUI?
- 11) HOVE PRODUTOS BONS NA ÉPOCA? LEMBRA-SE DE ALGUM?
- 12) E RECENTEMENTE, LEMBRA-SE DE ALGUM PRODUTO REFERÊNCIA?
- 13) ENTRE ESTES TRABALHOS CITADOS, VISTO QUE HÁ UM ESPAÇO DE TEMPO E CONSEQUENTEMENTE DE EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA, QUAL A MAIOR DIFERENÇA ENTRE ELAS?
- 14) EM RELAÇÃO AO FUTURO DO RADIOJORNALISMO E SUA PRESENÇA NA FACULDADE, O SENHOR ACREDITA QUE HAVERÁ MUDANÇAS SIGNIFICATIVAS?

SUGESTÃO DE CABEÇA

FORMADO PELA PRIMEIRA TURMA DE JORNALISMO DA FACOPP E DOCENTE NA MESMA INSTITUIÇÃO DESDE O ANO 2000. O PROFESSOR E JORNALISTA HOMERO FERREIRA IRÁ COMPARTILHAR SUA VISÃO E EXPERIÊNCIA EM UMA ÁREA QUE ELE JÁ ATUA HÁ MAIS DE 30 ANOS. O RADIOJORNALISMO.

A PARTIR DO FOCO DESTA PROFISSÃO IREMOS SABER QUAL A IMPORTÂNCIA E TAMBÉM O QUE JÁ FOI REALIZADO PELA FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DE PRESIDENTE PRUDENTE EM RELAÇÃO AO RÁDIO.

RETRANCA: HOMÉRO FERREIRA (ALUNO) – I TURMA

PROPOSTA: RESGATAR FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DA FACOPP QUE ESTÃO NA MEMÓRIA DE EX-ALUNOS DA PRIMEIRA TURMA. QUE SE FORMOU EM 1998.

ENCAMINHAMENTO: CONVERSAREMOS COM O EX-ALUNO DE JORNALISMO HOMÉRO FERREIRA, QUE, FORMADO PELA PRIMEIRA TURMA DE COMUNICAÇÃO DA UNOESTE, ATUA HOJE COMO PROFESSOR DE RÁDIO NA MESMA INSTITUIÇÃO.

ROTEIRO:

26/02/2014 – 18H30

HOMÉRO FERREIRA,

UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA – RÁDIO FACOPP

CONTATO PESSOAL

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- 1) COMO FICOU SABENDO QUE O CURSO DE COMUNICAÇÃO SERIA ABERTO NA UNOESTE?
- 2) POR QUAL MOTIVO VOCÊ ESCOLHEU CURSAR JORNALISMO?
- 3) QUEM ERAM OS COORDENADORES DE CURSO NA SUA ÉPOCA? HOUVE MUDANÇAS DE COORDENAÇÃO ENQUANTO VOCÊ FOI ALUNO?
- 4) QUAIS OBJETIVOS VOCÊ TINHA QUANDO COMEÇOU O CURSO? ELES FORAM ALCANÇADOS? DE QUE FORMA?
- 5) QUAIS LABORATÓRIOS EXISTIAM EM SUA ÉPOCA? QUAIS EQUIPAMENTOS ERAM UTILIZADOS NELES?
- 6) QUAL VOCÊ MAIS FREQUENTAVA? POR QUÊ?
- 7) COMO ACONTECEU A SUA ENTRADA NO CORPO DOCENTE DA UNOESTE, FACULDADE EM QUE SE FORMOU? COMO FOI O CONVITE?
- 8) O QUE MARCOU SUA VIDA NO DECORRER DO CURSO?
- 9) QUAIS AS PRINCIPAIS MUDANÇAS QUE ACONTECERAM NA ESTRUTURA DA FACOPP QUE HOJE, COMO PROFESSOR, VOCÊ PODE DESCREVER?
- 10) HOUVE ALGUM PROFESSOR QUE O MARCOU?
- 11) E DISCIPLINA? QUAL CHAMAVA MAIS ATENÇÃO?
- 12) HAVIA ALGUMA DISCIPLINA QUE VOCÊ ACHA QUE NÃO ERA IMPORTANTE PARA A SUA FORMAÇÃO?
- 13) JÁ HAVIA ESTÁGIOS INTERNOS NO CURSO?
- 14) COMO ERA PARA FAZER ESTÁGIOS – MESMO OS EXTERNOS – HAVIA ABERTURA NO MERCADO?
- 15) ERA OBRIGATÓRIO O ESTÁGIO SUPERVISIONADO?
- 16) QUE TIPO DE EVENTOS ERAM OFERECIDOS NA FACULDADE?
- 17) OS ALUNOS FAZIAM VIAGENS PROMOVIDAS PELO CURSO PARA AMPLIAR O APRENDIZADO?
- 18) E POR CONTA PRÓPRIA? HAVIA ESTA ORGANIZAÇÃO?

- 19)QUAL A PRINCIPAL DIFICULDADE QUE VOCÊ TINHA EM FAZER A FACULDADE?
- 20)HAVIA RESPALDO DOS PROFESSORES E COORDENADORES?
- 21)QUAIS OS PONTOS FORTES E OS PONTOS FRACOS QUE VOCÊ VIA NA FACOPP QUANDO ERA ALUNO?
- 22)COMO FOI O SEU TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO? ERA PERMITIDO FAZÊ-LO EM GRUPO OU DEVERIA SER INDIVIDUAL? QUAL FOI O TEMA E PEÇA PRÁTICA?
- 23) EM QUE PERÍODO VOCÊ ATUOU COMO COORDENADOR DO CURSO?
- 24)COMO FOI O CONVITE?
- 25)QUEM ERA O COORDENADOR ANTERIOR?
- 26)O QUE FOI FEITO NAQUELA ÉPOCA DE MUDANÇAS NA FACULDADE?
- 27)POR QUE DEIXOU A COORDENAÇÃO?
- 28)QUEM TRABALHAVA COM VOCÊ NESTE PERÍODO?
- 29)QUEM ENTROU NO SEU LUGAR?

DADOS: SEGUNDO DADOS DO CURRÍCULUM LATTES, HOMÉRO FERREIRA POSSUI FORMAÇÃO TÉCNICA COM HABILITAÇÃO PLENA DE REDATOR AUXILIAR PELA ESCOLA ESTADUAL DE SEGUNDO GRAU MONSENHOR SARRION (1979), GRADUAÇÕES EM CIÊNCIAS JURÍDICAS PELA INSTITUIÇÃO TOLEDO DE ENSINO DE PRESIDENTE PRUDENTE (1991) E EM JORNALISMO PELA FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DE PRESIDENTE PRUDENTE - FACOPP/UNOESTE (1999). ELE É AINDA, PÓS-GRADUADO EM NÍVEL DE APERFEIÇOAMENTO EM AGRONEGÓCIO PARA PROFISSIONAIS DE COMUNICAÇÃO PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - UFPR/CURITIBA (2004), ALÉM DE ACUMULAR MAIS DE 35 ANOS DE EXPERIÊNCIA EM JORNALISMO, COM SERVIÇOS PRESTADOS EM EMISSORAS DE RÁDIO E TELEVISÃO, JORNAIS, REVISTAS, PORTAIS E ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO.

OCUPOU OS CARGOS DE ASSISTENTE TÉCNICO PARLAMENTAR NA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO, ASSESSOR DE RELAÇÕES PÚBLICAS E SECRETÁRIO MUNICIPAL DE COMUNICAÇÃO DA PREFEITURA DE PRESIDENTE PRUDENTE.

LECIONA DIFERENTES DISCIPLINAS NA FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DE PRESIDENTE PRUDENTE (FACOPP), DESDE 2000, E CURSO NO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM AGRONEGÓCIO, NA UNOESTE. ESPECIALISTA EM AVALIAÇÃO DO ENSINO E DA APRENDIZAGEM, NA UNOESTE (2013).

INGRESSOU COMO ALUNO REGULAR NO MESTRADO EM EDUCAÇÃO DA UNOESTE NO ANO DE 2014.

TRABALHOU NAS RÁDIOS PIRATININGA, NO INÍCIO DE SUA CARREIRA, NO FINAL DOS ANOS 1970, TRABALHANDO COM ESPORTES, JORNALISMO E ENTRETENIMENTO; NA COMERCIAL, COM COBERTURAS

DE ELEIÇÕES, NARRAÇÃO ESPORTIVA E CHEFIA DE ESQUIPE DE ESPORTES; NA DIFUSORA E DIÁRIO, ATUANDO NO JORNALISMO E NANARRAÇÃO ESPORTIVA; NA GLOBO/CBN E NOVA FM COMO GERENTE DE JORNALISMO, APRESENTADOR DE PROGRAMAS A ÂNCORA NAS COBERTURAS DE ELEIÇÕES; NA RÁDIO CBN REDE, NA REPORTAGEM E NA BAND NEWS REDE, TAMBÉM NA REPORTAGEM.

JÁ NOS JORNAIS, HOMERO PASSOU PELO CORREIO DA SOROCABANA, ONDE ERA CUNISTA DE ESPORTES E DE VARIEDADE; NO JORNAL DIÁRIO DE PRUDENTE, COMO REPÓRTER E EDITOR DE ESPORTES; PASSOU PELO JORNAL O IMPARCIAL, ONDE ATUAVA COMO REPÓRTER DE ESPORTES E DE GERAL, EDITOR REGIONAL E SECRETÁRIO DE REDAÇÃO, ALÉM DE TER SIDO ENVIADO ESPECIAL PARA POSSE DE GOVERNADORES E AFINS.

TAMBÉM PRESTOU SEUS SERVIÇOS PARA O JORNAL O ESTADO DE S. PAULO, ONDE FOI CORRESPONDENTE PARA ASSUNTOS GERAIS POR 16 ANOS, COM MATÉRIAS EM DIVERSOS JORNAIS DO BRASIL E ESPECIAIS NO JORNAL DA TARDE E NO JORNAL LOCAL, OESTE NOTÍCIAS, ONDE ATUOU COMO EDITOR REGIONAL, EDITOR DE NEGÓCIOS E GERENTE DE JORNALISMO. EM REVISTA, SUA EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL ACONTECEU NA ELO REGIONAL, REVISTA PRODUZIDA COMO TCC E QUE FOI PREMIADA NO INTERCON DO RIO DE JANEIRO.

POR SINAL, A PRIMEIRA PREMIAÇÃO DA FACOPP E NA REVISTA NOTÍCIAS DA CONSTRUÇÃO, ONDE ATUOU COMO REPÓRTER POR CERCA DE OITO ANOS, ATÉ O FINAL DE 2013.

ELE TAMBÉM DESENVOLVEU OUTRAS PRODUÇÕES SOBRE ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL E EDUCAÇÃO EM TEMPO INTEGRAL. ALÉM DE TRABALHAR NA EMISSORA DE TV BANDEIRANTE, SER EDITOR CHEFE NO JORNAL ONLINE PRUDENDIA E CORRESPONDENTE NO AG INTERIOR COMO CORRESPONDENTE EM PRUDENTE E RECEBER MUITOS TÍTULOS DE HONRARIAS.

RETRANCA: RILDO HERRERA - I TURMA

PROPOSTA: RESGATAR FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DA FACOPP QUE ESTÃO NA MEMÓRIA DE EX-ALUNOS DA PRIMEIRA TURMA, QUE SE FORMOU EM 1998.

ENCAMINHAMENTO: CONVERSAREMOS COM O EX-ALUNO DE JORNALISMO RILDO HERRERA.

ROTEIRO:

27/03/2014 – 19H00

RILDO HERRERA, 40 ANOS

CONTATO: VIA SKYP

- 1) O QUE TE LEVOU A CURSAR JORNALISMO NA UNOESTE?
- 2) A PRIMEIRA OPÇÃO FOI A UNOESTE? VOCÊ ACHA QUE FOI PREJUDICADO POR SER DA PRIMEIRA TURMA?
- 3) QUEM ERA OS COORDENADORES DE CURSO NA SUA ÉPOCA?
- 4) VOCÊ LEMBRA QUEM FUNDOU O D.A?
- 5) QUAL ERA A DINÂMICA DO CURSO? HAVIA VESTIBULARES NO COMEÇO E NO MEIO DO ANO?
- 6) FEZ ESTÁGIO ENQUANTO ESTUDAVA?
- 7) HAVIA UMA ABERTURA NO MERCADO PARA OS ESTÁGIOS, OU ERA MAIS DIFÍCIL E TINHA ESTÁGIO SUPERVISIONADO?
- 8) HAVIA PRODUÇÕES PRÁTICAS EM SALA DE AULA?
- 9) VOCÊ ACHA QUE HAVIA ALGUMA DISCIPLINA QUE NÃO ERA IMPORTANTE?
- 10) TEVE ALGUM PROFESSOR QUE MARCOU SUA VIDA ACADÊMICA?
- 11) O QUE MARCOU A SUA VIDA ENQUANTO ESTEVE NA FACOPP?
- 12) QUAIS EVENTOS EXISTIAM NA FACOPP?
- 13) QUAL A PRINCIPAL DIFICULDADE QUE TINHA QUE FAZER O CURSO?
- 14) HAVIA RESPALDO DOS PROFESSORES E COORDENADORES?
- 15) HAVIA VIAGENS PARA AMPLIAR OS CONHECIMENTOS?
- 16) QUAIS OS PONTOS FORTES E FRACOS DA FACOPP?

DADOS: RILDO HERRERA TRABALHOU NO EXTINTO JORNAL OESTE NOTÍCIAS. FOI CONTRATADO EM 1999 PELA TV FRONTEIRA, AFILIADA DA REDE GLOBO, EM PRESIDENTE PRUDENTE, PARA ATUAR COMO PRODUTOR. QUATRO MESES APÓS SUA CONTRATAÇÃO, RILDO FOI PROMOVIDO A REPÓRTER.

ELE ATUOU EM DIVERSAS ÁREAS DO JORNALISMO ENQUANTO ESTEVE NA AFILIADA, INCLUSIVE, COMO CABEÇA DE REDE, O REPÓRTER RESPONSÁVEL PELAS MATÉRIAS ESPECIAIS PARA OS TELEJORNAIS DA REDE GLOBO. SAIU EM 2013, QUANDO FOI CONVIDADO PARA CRIAR O NÚCLEO DE REDE NA INTERTV, TAMBÉM AFILIADA DA REDE GLOBO, MAS NO INTERIOR DO RIO DE JANEIRO.

HOJE ELE É RESPONSÁVEL PELA PRODUÇÃO DE REPORTAGENS ESPECIAIS NA COBERTURA DE TRÊS EMISSORAS QUE FORMAM A REDE INTERTV-RJ.

V TURMA

RETRANCA: ANTÔNIO SÉRGIO GIROTTI - V TURMA

PROPOSTA: RESGATAR FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DA FACOPP QUE ESTÃO NA MEMÓRIA DE EX-ALUNOS QUE SE FORMARAM NA QUINTA TURMA DE COMUNICAÇÃO DA FACOPP.

ENCAMINHAMENTO: CONVERSAREMOS COM O EX-ALUNO DE JORNALISMO ANTÔNIO SÉRGIO GIROTTI, MAIS CONHECIDO COMO PADRE TUTTI. ELE QUE JÁ TEM 20 ANOS DE SACERDÓCIO E ESTE ANO RECEBEU O TÍTULO DE CIDADÃO PRUDENTINO.

ROTEIRO:

08/03/2014 – 9H30

ANTÔNIO SÉRGIO GIROTTI,

R: PRAÇA CEL GOULART, IGREJA NOSSA SRA DO CARMO, PRESIDENTE PRUDENTE

FONE: (18) 99771-7809

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- 1) POR QUE VOCÊ ESCOLHEU CURSAR JORNALISMO NA UNOESTE?
- 2) QUEM ERAM OS COORDENADORES DE CURSO NA SUA ÉPOCA? HOUVE MUDANÇAS DE COORDENAÇÃO ENQUANTO VOCÊ FOI ALUNO?
- 3) VOCÊ FEZ ESTÁGIO NA ÁREA ENQUANTO ESTUDAVA? ONDE? CONTE UM POUCO SOBRE ISSO.
- 4) QUAIS OBJETIVOS VOCÊ TINHA QUANDO COMEÇOU O CURSO? ELES FORAM ALCANÇADOS? DE QUE FORMA?
- 5) QUAIS LABORATÓRIOS EXISTIAM EM SUA ÉPOCA? QUAIS EQUIPAMENTOS ERAM UTILIZADOS NELES?
- 6) QUAL VOCÊ MAIS FREQUENTAVA E POR QUÊ?
- 7) O SACERDÓCIO ENTROU EM SUA VIDA ANTES, DURANTE, OU DEPOIS DO CURSO DE COMUNICAÇÃO? DE QUE FORMA?
- 8) O SR. FAZ USO DO QUE APRENDEU NA GRADUAÇÃO HOJE EM SUA VIDA SACERDOTAL? DE QUE FORMA?
- 9) HOUVE ALGUM PROFESSOR QUE MARCOU SUA VIDA ACADÊMICA? QUAL E POR QUÊ?
- 10) O QUE MARCOU SUA VIDA NO DECORRER DO CURSO?
- 11) HOUVE ALGUM PROFESSOR QUE O MARCOU?
- 12) M E DISCIPLINA? QUAL CHAMAVA MAIS ATENÇÃO?
- 13) JÁ HAVIA ESTÁGIOS INTERNOS NO CURSO?
- 14) COMO ERA PARA FAZER ESTÁGIOS – MESMO OS EXTERNOS – HAVIA ABERTURA NO MERCADO?
- 15) ERA OBRIGATÓRIO O ESTÁGIO SUPERVISIONADO?
- 16) QUE TIPO DE EVENTOS ERAM OFERECIDOS NA FACULDADE?

- 17) VOCÊ TEVE DIFICULDADE EM FAZER A FACULDADE? POR QUAL MOTIVO? O QUE MAIS ATRAPALHAVA?
- 18) HAVIA RESPALDO DOS PROFESSORES E COORDENADORES?
- 19) QUAIS OS PONTOS FORTES E OS PONTOS FRACOS QUE VOCÊ VIA NA FACOPP QUANDO ERA ALUNO?
- 20) COMO FOI O SEU TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO? ERA PERMITIDO FAZÊ-LO EM GRUPO OU DEVERIA SER INDIVIDUAL? QUAL FOI O TEMA E PEÇA PRÁTICA?

DADOS: ANTONIO GIROTTI QUANDO FOI ORDENADO PADRE FOI PARA A CIDADE D PRESIDENTE PRUDENTE TRABALHAR, FOI ONDE COMEÇOU INSERIR NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO, COMO RÁDIO, TV. NA ÉPOCA BISPO DOM AGOSTINHO, ME ACONSELHOU O PADRE FAZER JORNALISMO NA UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA (UNOESTE) E QUE DEVERIA ME PREPARAR PARA FAZER O VESTIBULAR. FOI ENTÃO QUE COMEÇOU A FACULDADE NO PERÍODO DA MANHÃ POR CAUSA DOS COMPROMISSOS DA IGREJA. SEU OBJETIVO ERA DE APERFEIÇOAR A COMUNICAÇÃO E TER O DIPLOMA DE JORNALISMO. O JORNAL DIOCESANO É ASSINADO POR ELE. ANTONIO CONTA QUE É A FAVOR QUE TODO PADRE FAÇA COMUNICAÇÃO; DIZ QUE SERIA O IDEAL POIS OS PADRES UTILIZAM A COMUNICAÇÃO.

RETRANCA: MARISTELA COIMBRA - V TURMA

PROPOSTA: RESGATAR FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DA FACOPP QUE ESTÃO NA MEMÓRIA DE EX-ALUNOS QUE SE FORMARAM NA QUINTA TURMA DE COMUNICAÇÃO DA FACOPP. QUE SE FORMOU EM 2002.

ENCAMINHAMENTO: CONVERSAREMOS COM A EX-ALUNA DE JORNALISMO MARISTELA COIMBRA BRAIANI.

ROTEIRO:

21/02/2014 - 9H00

MARISTELA COIMBRA BRAIANI, 32 ANOS

R: LUIS CUNHA, 503 APT 01 VILA NOVA, PRESIDENTE PRUDENTE SP

FONE: (18)

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- 1) COMO FICOU SABENDO QUE O CURSO DE COMUNICAÇÃO SERIA ABERTO NA UNOESTE?
- 2) O QUE TE MOTIVOU A ESCOLHEU O CURSO DE JORNALISMO?
- 3) QUEM ERAM OS COORDENADORES DE CURSO NA SUA ÉPOCA? HOUVE MUDANÇAS DE COORDENAÇÃO ENQUANTO VOCÊ FOI ALUNA?
- 4) QUAL ERA A DINÂMICA DO CURSO? HAVIA MANHÃ E NOITE? VESTIBULARES DE INÍCIO E MEIO DE ANO?
- 5) QUAIS OBJETIVOS VOCÊ TINHA QUANDO COMEÇOU O CURSO? ELES FORAM ALCANÇADOS? DE QUE FORMA?
- 6) QUAIS LABORATÓRIOS EXISTIAM EM SUA ÉPOCA? QUAIS EQUIPAMENTOS ERAM UTILIZADOS NELES?
- 7) QUAL VOCÊ MAIS FREQUENTAVA? POR QUÊ?
- 8) O QUE MARCOU SUA VIDA NO DECORRER DO CURSO?
- 9) HOUVE ALGUM PROFESSOR QUE A MARCOU?
- 10) E DISCIPLINA? QUAL CHAMAVA MAIS ATENÇÃO?
- 11) HAVIA ALGUMA DISCIPLINA QUE VOCÊ ACHA QUE NÃO ERA IMPORTANTE PARA A SUA FORMAÇÃO?
- 12) JÁ HAVIA ESTÁGIOS INTERNOS NO CURSO?
- 13) COMO ERA PARA FAZER ESTÁGIOS – MESMO OS EXTERNOS – HAVIA ABERTURA NO MERCADO?
- 14) ERA OBRIGATÓRIO O ESTÁGIO SUPERVISIONADO?
- 15) QUE TIPO DE EVENTOS ERAM OFERECIDOS NA FACULDADE?
- 16) OS ALUNOS FAZIAM VIAGENS PROMOVIDAS PELO CURSO PARA AMPLIAR O APRENDIZADO?
- 17) E POR CONTA PRÓPRIA? HAVIA ESTA ORGANIZAÇÃO?
- 18) QUAL A PRINCIPAL DIFICULDADE QUE VOCÊ TINHA EM FAZER A FACULDADE?
- 19) HAVIA RESPALDO DOS PROFESSORES E COORDENADORES?

- 20) QUAIS OS PONTOS FORTES E OS PONTOS FRACOS QUE VOCÊ VIA NA FACOPP?
- 21) COMO FOI O SEU TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO? ERA PERMITIDO FAZE-LO EM GRUPO OU DEVERIA SER INDIVIDUAL? QUAL FOI O TEMA E PEÇA PRÁTICA?

DADOS: SEGUNDO CURRICULUM VITAE, MARISTELA É FORMADA PELA FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL "JORNALISTA ROBERTO MARINHO", CURSO AVALIADO COM MÉDIA 'A' NO PROVÃO MEC. TRABALHOU DE 2001 À 2002 NA RÁDIO GLOBO PRESIDENTE PRUDENTE/SP, COMO REPÓRTER ESPORTIVA, ENTRE 2004 E 2005 NA RÁDIO TROPICAL (RECORD) FORTALEZA/CE, COMO LOCUTORA FM, EM 2005 INTEGROU O CORPO DE FUNCIONÁRIOS DA TV CIDADE (RECORD) EM FORTALEZA/CE, ATUANDO COMO REPÓRTER POLICIAL, NO MESMO ANO TRABALHOU NA RÁDIO AM CIDADE (RECORD) DE FORTALEZA E ERA REPÓRTER E APRESENTADORA DO JORNAL POLÍTICA NA RECORD. JÁ DE 2007 À 2011 PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTO EXPEDITO/ SP, COMO ASSESSORA DE IMPRENSA RESPONSÁVEL POR EVENTOS E IMPRESSOS E INTERMEDIADORA DE TRABALHOS PUBLICITÁRIOS COM AGÊNCIAS. EM 2011 AINDA, COMEÇOU A DESEMPENHAR AS FUNÇÕES DE ASSESSORA DE IMPRENSA E RESPONSÁVEL POR EVENTOS E IMPRESSOS, ALÉM DE SER INTERMEDIADORA DE TRABALHOS PUBLICITÁRIOS COM AGÊNCIAS NA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE PRESIDENTE PRUDENTE/SP, ONDE ESTÁ ATÉ A PRESENTE DATA. PARALELO A ISSO, EM 2012, TAMBÉM DESEMPENHOU FUNÇÕES NO INSTITUTO DO CORAÇÃO PRESIDENTE PRUDENTE/SP, TAMBÉM COMO ASSESSORA DE IMPRENSA E RESPONSÁVEL POR IMPRESSOS E INTERMEDIADORA DE TRABALHOS PUBLICITÁRIOS COM AGÊNCIAS E EM ALÉM DE FICAR ATÉ 2013 NA TV BANDEIRANTES PRESIDENTE PRUDENTE/SP, COMO REPÓRTER DE ENTRETENIMENTO. HOJE, ELA TAMBÉM ATUA NA TV RECORD RIO PRETO/SP COMO REPÓRTER.

MARISTELA É TAMBÉM IDEALIZADORA E JORNALISTA RESPONSÁVEL DO HOUSE ORGAN DE MÃOS DADAS, PROJETO DESENVOLVIDO PARA O GAAPP - GRUPO DE APOIO À ADOÇÃO DE PRESIDENTE PRUDENTE, EM PARCERIA COM A PROMOTORIA DA INFÂNCIA E JUVENTUDE, JORNALISTA RESPONSÁVEL PELO HOUSE ORGAN, REVISTA E PROJETOS DESENVOLVIDOS PARA A SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE PRESIDENTE PRUDENTE, ALÉM DE SER RESPONSÁVEL PELOS TEXTOS DE SAÚDE DA REVISTA PRUDENTINA TRÊS.

X TURMA

RETRANCA: RENATO PANDUR - PROFESSOR E EX-ALUNO

PROPOSTA: RESGATAR FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DA FACOPP QUE ESTÃO NA MEMÓRIA DO EX-ALUNO PANDUR.

ENCAMINHAMENTO: CONVERSAREMOS COM RENATO PANDUR MARIA, QUE É PROFESSOR DE PUBLICIDADE DESDE QUANDO SE FORMOU NA FACOPP.

ROTEIRO:

29/04/2014 – 21H00

RENATO PANDUR MARIA

CONTATO: PESSOAL

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- 1) PORQUE ESCOLHEU FAZER PUBLICIDADE?
- 2) A UNOESTE FOI A PRIMEIRA FACULDADE QUE VOCÊ PROCUROU?
- 3) QUAIS LABORATÓRIOS EXISTIAM NA SUA ÉPOCA?
- 4) QUAIS EQUIPAMENTOS UTILIZADOS?
- 5) QUAIS EVENTOS ERAM OFERECIDOS PELA FACOPP?
- 6) SUA TURMA FAZIA VIAGENS PROMOVIDAS PELO CURSO PARA ENRIQUECER O APRENDIZADO?
- 7) QUAL LABORATÓRIO VOCÊ FREQUENTAVA MAIS?
- 8) QUEM ERA O COORDENADOR DA SUA ÉPOCA?
- 9) HAVIA ALGUMA MATÉRIA QUE JULGAVA SER MAIS IMPORTANTE OU MENOS IMPORTANTE?
- 10) QUAL PROFESSOR QUE MARCOU SUA VIDA ACADÊMICA?
- 11) QUAL A MAIOR DIFICULDADE QUE ENFRENTOU NA FACULDADE?
- 12) QUAIS OS PONTOS POSITIVOS E NEGATIVOS NA ÉPOCA?

DADOS: RENATO PANDUR MARIA É CONCLUIU GRADUAÇÃO EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA NA FACOPP, EM 2002 ONDE NA MESMA UNIVERSIDADE INICIOU SUAS ATIVIDADES COMO PROFESSOR EM FEVEREIRO DE 2003 E ATUALMENTE É RESPONSÁVEL PELAS DISCIPLINAS DE PRODUÇÃO PUBLICITÁRIA TV E CINEMA E PRODUÇÃO EM MULTIMÍDIA, CRIAÇÃO PUBLICITÁRIA I, LEITURA DE IMAGEM E PROJETO EXPERIMENTAL.

PANDUR, COMO É CONHECIDO, DESDE JOVEM SEMPRE GOSTOU DE DESENHAR, PORÉM OPTOU POR CONSERTAR ELETRÔNICOS POR NÃO TER MUITO ESPAÇO PARA DESENHISTA NA CIDADE DE PRESIDENTE PRUDENTE. FOI CONVIDADO A TRABALHAR NA TV FRONTEIRA E ENTRE OS INTERVALOS NAS SUAS ATIVIDADES NA TV FRONTEIRA, DESENHAVA SEUS COLEGAS DE TRABALHO, ATÉ QUE SURTIU A OPORTUNIDADE DE PARTICIPAR DA EQUIPE DE PRODUÇÃO COMERCIAL COMO SUPERVISOR. JÁ ATUOU COMO COORDENADOR DE

PUBLICIDADE NA TV, ALÉM DE SER SÓCIOPROPRIETÁRIO DA RG MÍDIA, UMA EMPRESA DE MÍDIA INDOOR.

POSSUI ESPECIALIZAÇÃO EM CINEMA E DOCUMENTÁRIO PELA FACULDADE PITÁGORAS NA CIDADE DE LONDRINA NO ANO DE 2012. TEM EXPERIÊNCIA NA ÁREA DE COMUNICAÇÃO, COM ÊNFASE EM AUDIOVISUAL E MÍDIA ALTERNATIVA.

ATUA NAS ÁREAS PROFISSIONALMENTE EM TRABALHOS DE PRODUÇÃO DESENVOLVIDOS POR SUA EMPRESA DE MÍDIA E PRODUÇÃO, RG INFORMAÇÕES LTDA.

RETRANCA: MINÁLIA TRUGILLO – X TURMA

PROPOSTA: RESGATAR FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DA FACOPP QUE ESTÃO NA MEMÓRIA DE EX-ALUNOS QUE SE FORMARAM NA DÉCIMA TURMA DE COMUNICAÇÃO, EM 2002.

ENCAMINHAMENTO: CONVERSAREMOS COM A EX-ALUNA DE JORNALISMO MINÁLIA TRUGILLO.

ROTEIRO:

31/03/2014 – 20h00
MINÁLIA TRUGILLO
JORNAL IMPARCIAL – RECEPÇÃO
CONTATO: (18) 99744-2028

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- 1) POR QUE ESCOLHEU CURSAR COMUNICAÇÃO NA UNOESTE?
- 2) QUAIS OBJETIVOS VOCÊ TINHA QUANDO COMEÇOU O CURSO? ELES FORAM ALCANÇADOS? DE QUE FORMA?
- 3) QUEM ERAM OS COORDENADORES DE CURSO NA SUA ÉPOCA? HOUVERAM MUDANÇAS?
- 4) COMO ERA PRA FAZER ESTÁGIO? HAVIA ABERTURA NO MERCADO?
- 5) ERA OBRIGATÓRIO O ESTÁGIO SUPERVISIONADO?
- 6) HAVIA PRODUÇÕES PRÁTICAS EM SALA DE AULA?
- 7) QUAIS LABORATÓRIOS EXISTIAM NA SUA ÉPOCA?
- 8) HOVE ALGUMA DISCIPLINA QUE SE SOBRESSAIU E AJUDOU MAIS NA SUA CARREIRA PROFISSIONAL?
- 9) HAVIA ALGUMA DISCIPLINA QUE JULGAVA NÃO SER IMPORTANTE?
- 10) O QUE MARCOU SUA VIDA NO DECORRER DO CURSO?
- 11) HOVE ALGUM PROFESSOR QUE MARCOU SUA VIDA ACADÊMICA?
- 12) A FACULDADE PROMOVIA VIAGENS PRA ENRIQUECER O APRENDIZADO?
- 13) VOCÊ LEMBRA QUAIS EVENTOS ERAM OFERECIDOS NA FACULDADE?
- 14) QUAL A PRINCIPAL DIFICULDADE QUE VOCÊ TINHA EM FAZER O CURSO?
- 15) QUAIS OS PONTOS FORTES E OS PONTOS FRACOS QUE VOCÊ VIA NA FACOPP?

DADOS: INICIALMENTE MINÁLIA NÃO PRETENDIA CURSAR COMUNICAÇÃO NA UNIVERSIDADE DO ESTE PAULISTA (UNOESTE). ELA PRESTOU VESTIBULAR PRA UNIVERSIDADES PÚBLICAS, PORÉM NÃO

PASSOU NO VESTIBULAR. SUA FAMÍLIA JÁ ESTAVA NA CIDADE DE PRESIDENTE PRUDENTE, ENTÃO OPTOU FAZER NA UNOESTE. MINÁLIA DIZ QUE CONHECIA PESSOAS QUE ESTUDAVAM NA UNOESTE E LHE FALARAM BEM NA UNIVERSIDADE, QUE HAVIA BONS PROFESSORES, FOI AÍ QUE OPTOU POR FAZER NA UNOESTE. SEUS OBJETIVOS FORAM ALCANÇADOS POIS DURANTE O CURSO PRETENDIA INGRESSAR EM UM ESTÁGIO PRA TER UMA APROXIMAÇÃO E CONHECER MELHOR O JORNALISMO, ASSIM ENTÃO INSERIR NO MERCADO DE TRABALHO. NO MEU SEGUNDO ANO DO CURSO FEZ ESTÁGIO NO JORNAL O IMPARCIAL, NA SETOR DE REDAÇÃO. SEU DESEJO ERA TRABALHAR NA TV, PORÉM QUANDO ENTROU NO VEÍCULO IMPRESSO, SE APAIXONOU. APÓS CONCLUIR A GRADUAÇÃO FOI CONTRATADA.

RETRANCA: BRUNA BACHEGA - XV TURMA

PROPOSTA: RESGATAR FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DA FACOPP QUE ESTÃO NA MEMÓRIA DE EX-ALUNOS QUE SE FORMARAM NA DÉCIMA QUINTA TURMA DE COMUNICAÇÃO DA FACOPP.

ENCAMINHAMENTO: CONVERSAREMOS COM A EX-ALUNA DE JORNALISMO BRUNA BACHEGA FAGUNDES.

ROTEIRO:

10/03/14 - 21h00

BRUNA BACHEGA FAGUNDES, 26 ANOS

UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA – BIBLIOTECA

CONTATO: VIA FACEBOOK

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- 1) POR QUE ESCOLHEU CURSAR JORNALISMO NA UNOESTE?
- 2) QUAIS ERAM SEUS OBJETIVOS NO DECORRER DO CURSO? DE QUE FORMA ELES FORAM ALCANÇADOS?
- 3) VOCÊ SE LEMBRA DE ALGUM PRÊMIO QUE A FACOPP GANHOU ENQUANTO VOCÊ ESTAVA LÁ?
- 4) EM SUA OPINIÃO, O CURSO DA FACOPP PERMITE QUE O EGRESSO ATUE EM QUALQUER ÁREA DA COMUNICAÇÃO?
- 5) COMO FOI A INAUGURAÇÃO DO PORTAL FACOPP PARA OS ALUNOS DA SUA ÉPOCA?
- 6) HOUVE ALGUM PROFESSOR QUE MARCOU SUA VIDA ACADÊMICA? QUAL E POR QUÊ?
- 7) O QUE ACONTECEU ALGO DENTRO DA FACOPP QUE MARCOU SUA VIDA ACADÊMICA?
- 8) QUEM ERAM OS COORDENADORES DE CURSO NA SUA ÉPOCA? HOUVE MUDANÇAS DE COORDENAÇÃO ENQUANTO VOCÊ FOI ALUNA?
- 9) QUAL ERA A DINÂMICA DO CURSO? HAVIA MANHÃ E NOITE? VESTIBULARES DE INÍCIO E MEIO DE ANO?
- 10) QUAIS LABORATÓRIOS EXISTIAM QUANDO VOCÊ ESTUDOU?
- 11) QUAL VOCÊ MAIS FREQUENTAVA? COMO ERA A ESTRUTURA DELE? QUAIS EQUIPAMENTOS CONTINHA?
- 12) QUAIS OS DESAFIOS E DIFICULDADES VOCÊ ENFRENTOU AO CURSAR A GRADUAÇÃO?
- 13) QUAIS ERAM AS PRODUÇÕES FEITAS EM SALA DE AULA? QUE TIPO DE TRABALHOS VOCÊ REALIZOU? ELAS ERAM DISTRIBUÍDAS? COMO E PRA QUEM?
- 14) COMO FOI A INAUGURAÇÃO DA TV FACOPP ONLINE?
- 15) DAS AULAS QUE VOCÊ TEVE, QUAIS SE DESTACARAM EM SUA CARREIRA PROFISSIONAL?
- 16) HOUVE ALGUM PROFESSOR QUE A MARCOU?
- 17) E DISCIPLINA? QUAL CHAMAVA MAIS ATENÇÃO?
- 18) HAVIA ALGUMA DISCIPLINA QUE VOCÊ ACHA QUE NÃO ERA IMPORTANTE PARA A SUA FORMAÇÃO?

- 19) COMO ERA PARA FAZER ESTÁGIOS – MESMO OS EXTERNOS – HAVIA ABERTURA NO MERCADO?
- 20) ERA OBRIGATÓRIO O ESTÁGIO SUPERVISIONADO?
- 21) QUE TIPO DE EVENTOS ERAM OFERECIDOS NA FACULDADE?
- 22) OS ALUNOS FAZIAM VIAGENS PROMOVIDAS PELO CURSO PARA AMPLIAR O APRENDIZADO?
- 23) HAVIA RESPALDO DOS PROFESSORES E COORDENADORES?
- 24) QUAIS OS PONTOS FORTES E OS PONTOS FRACOS QUE VOCÊ VIA NA FACOPP?

DADOS: AOS 26 ANOS, BRUNA ATUA HOJE COMO REPÓRTER DA TV FRONTEIRA. AOS DEZESSETE ANOS FOI APROVADA PARA A FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO. NO PRIMEIRO SEMESTRE DO CURSO ELA ESTAGIOU EM UMA RÁDIO DA SUA CIDADE NATAL, PRESIDENTE VENCESLAU, ONDE PARTICIPAVA AO VIVO DE UM PROGRAMA DIÁRIO DE NOTÍCIAS. NO MESMO GRUPO DE COMUNICAÇÃO DA RÁDIO ELA COLABORAVA TAMBÉM COM UMA REVISTA LOCAL, ESCRREVENDO REPORTAGENS.

AOS 19 ANOS, E NO SEGUNDO ANO DO CURSO, BRUNA FOI CHAMADA PARA CONHECER OS BASTIDORES DE UMA TELEVISÃO E ESTAGIAR NO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO, ATRÁS DAS CÂMERAS. MUDOU-SE PARA PRESIDENTE PRUDENTE E FOI PRODUTORA DE UMA TV LOCAL POR SEIS MESES ATÉ QUE SURTIU OPORTUNIDADE NA ÁREA DE ASSESSORIA DE IMPRENSA, ONDE PERMANECEU ATÉ O FIM DO CURSO.

COM O DIPLOMA EM MÃOS, BRUNA ABRAÇOU UMA OPORTUNIDADE LONGE DE CASA E MUDOU-SE PARA O NORTE DE MATO GROSSO. MOROU E ATUOU COMO JORNALISTA NUMA EMISSORA DE TELEVISÃO EM LUCAS DO RIO VERDE, CIDADE A CERCA DE 1.700 KM DE PRESIDENTE VENCESLAU. DURANTE ESTE PERÍODO ELA FOI APRESENTADORA E EDITORA-CHEFE DE UM TELEJORNAL DIÁRIO COM UMA HORA DE DURAÇÃO.

EM NOVEMBRO DE 2011 FOI CONTRATADA PELA TV FRONTEIRA, AFILIADA REDE GLOBO DE PRESIDENTE PRUDENTE. BRUNA ESTÁ HÁ QUASE DOIS ANOS E MEIO NA TV FRONTEIRA E ATUA HOJE COMO REPÓRTER DOS TELEJORNAIS LOCAIS, ALÉM DE APRESENTAR E EDITAR O QUADRO SEMANAL "ENTRE NÓS", QUE VAI AO AR NO SPTV 1ª EDIÇÃO.

ESTAS INFORMAÇÕES ENCONTRAM-SE NO SITE DO G1.COM. CEDIDAS COM AUTORIZAÇÃO DA PRÓPRIA ENTREVISTADA.

RETRANCA:CARLA MORENO –XV TURMA

PROPOSTA: RESGATAR FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DA FACOPP QUE ESTÃO NA MEMÓRIA DE EX-ALUNOS QUE SE FORMARAM NA DÉCIMA QUINTA TURMA DE COMUNICAÇÃO DA FACOPP

ENCAMINHAMENTO: CONVERSAREMOS COM A EX-ALUNA DE JORNALISMO CARLA MORENO MALDONADO MAGRO.

ROTEIRO:

24/02/2014 – 15H00

CARLA MORENO MALDONADO MAGRO

AVENIDA QUATORZE DE SETEMBRO, Nº 2396, VILA MALAMAN, TV FRONTEIRA

CONTATO: VIA FACEBOOK E FONE: (18)99793-2513

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- 1) O QUE TE MOTIVOU A CURSAR JORNALISMO NA UNOESTE?
- 2) QUAIS OBJETIVOS VOCÊ TINHA NO COMEÇO DO CURSO? DE QUE FORMA CONSEGUIU ALCANÇÁ-LOS?
- 3) QUEM ERAM OS COORDENADORES DE CURSO NA SUA ÉPOCA? HOUVE MUDANÇAS DE COORDENAÇÃO ENQUANTO VOCÊ FOI ALUNA?
- 4) QUAL ERA A DINÂMICA DO CURSO? HAVIA MANHÃ E NOITE? VESTIBULARES DE INÍCIO E MEIO DE ANO?
- 5) QUAIS LABORATÓRIOS EXISTIAM QUANDO VOCÊ ESTUDOU?
- 6) QUAL VOCÊ MAIS FREQUENTAVA? COMO ERA A ESTRUTURA DELE? QUAIS EQUIPAMENTOS CONTINHA?
- 7) QUAIS OS DESAFIOS E DIFICULDADES VOCÊ ENFRENTOU AO ESTAGIAR NA TV FACOPP? COMO FEZ PARA SUPERÁ-LOS?
- 8) QUAIS ERAM AS PRODUÇÕES FEITAS EM SALA DE AULA? QUE TIPO DE TRABALHOS VOCÊ REALIZOU? ELAS ERAM DISTRIBUÍDAS? COMO E PRA QUEM?
- 9) COMO FOI A INAUGURAÇÃO DA TV FACOPP ONLINE?
- 10) DAS AULAS QUE VOCÊ TEVE, QUAIS SE DESTACARAM EM SUA CARREIRA PROFISSIONAL?
- 11) HOUVE ALGUM PROFESSOR QUE A MARCOU?
- 12) E DISCIPLINA? QUAL CHAMAVA MAIS ATENÇÃO?
- 13) HAVIA ALGUMA DISCIPLINA QUE VOCÊ ACHA QUE NÃO ERA IMPORTANTE PARA A SUA FORMAÇÃO?
- 14) COMO ERA PARA FAZER ESTÁGIOS – MESMO OS EXTERNOS – HAVIA ABERTURA NO MERCADO?
- 15) ERA OBRIGATÓRIO O ESTÁGIO SUPERVISIONADO?
- 16) QUAIS TIPOS DE EVENTOS ERAM OFERECIDOS NA FACULDADE?
- 17) OS ALUNOS FAZIAM VIAGENS PROMOVIDAS PELO CURSO PARA AMPLIAR O APRENDIZADO?

- 18) E POR CONTA PRÓPRIA? HAVIA ESTA ORGANIZAÇÃO?
- 19) QUAL A PRINCIPAL DIFICULDADE QUE VOCÊ TINHA EM FAZER A FACULDADE?
- 20) HAVIA RESPALDO DOS PROFESSORES E COORDENADORES?
- 21) O QUE MARCOU SUA VIDA NO DECORRER DO CURSO?
- 22) QUAIS OS PONTOS FORTES E OS PONTOS FRACOS QUE VOCÊ VIA NA FACOPP?

DADOS: A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL DE CARLA ACONTECEU EM 2006, EM UMA EMPRESA DE CLIPPING PARA ASSESSORIAS DE IMPRENSA, ONDE DESENVOLVIA A ATIVIDADE DE CLIPPING DE IMPRESSO, RÁDIO E TV E PERMANECEU POR DOIS ANOS.

EM SEGUIDA, CARLA ESTAGIOU POR TRÊS MESES NA SUCURSAL DA RECORD DE PRUDENTE. EM 2008 ELA PASSOU NO PROCESSO SELETIVO DA TV FRONTEIRA, AFILIADA DA TV GLOBO, PARA FAZER ESTÁGIO, E PERMANECEU ATÉ SE FORMAR EM JORNALISMO, NO ANO DE 2008.

EM 2009, CARLA TRABALHOU DURANTE UM MÊS NA ASSESSORIA DE IMPRENSA DA UNOESTE E SAIU QUANDO COMEÇOU A TRABALHAR NA UNO TV, PARCEIRA E RETRANSMISSORA DO CANAL FUTURA EM PRESIDENTE PRUDENTE. ELA FEZ PRODUÇÃO, REPORTAGEM E APRESENTAÇÃO DE EDIÇÃO DE TEXTO. NA ÉPOCA, SOB A SUPERVISÃO DE FERNANDO SCHWARZ, QUE TAMBÉM ERA GERENTE DA TV FRONTEIRA, COM QUEM TAMBÉM HAVIA TIDO CONTATO NO ESTÁGIO. SEGUNDO ELA “FOI UMA BASE MUITÍSSIMO IMPORTANTE”.

EM 2010, CARLA VOLTOU PARA A TV FRONTEIRA, DESTA VEZ COMO PRODUTORA. MESES DEPOIS COMEÇOU A APRESENTAR O TERRA DA GENTE, FEZ REPORTAGEM E, CERCA DE UM ANO DEPOIS, COMEÇOU A COBRIR FÉRIAS NA EDIÇÃO. FOI AI QUE SURTIU A CHANCE DE COBRIR TAMBÉM NA APRESENTAÇÃO.

CARLA TEVE A OPORTUNIDADE DE PASSAR PELOS TRÊS JORNAIS DA EMISSORA. QUASE SEIS MESES DEPOIS, CARLA FOI EFETIVADA NA EDIÇÃO E APRESENTAÇÃO DO SPTV PRIMEIRA EDIÇÃO. ELA CONTA QUE E HÁ CERCA DE UM MÊS, SURTIU MAIS UM DESAFIO. AGORA ELA ESTÁ COBRINDO FÉRIAS COMO EDITORA-CHEFE DO SP

RETRANCA: ÉRIKA FOGLIA - XV TURMA

PROPOSTA: RESGATAR FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DA FACOPP QUE ESTÃO NA MEMÓRIA DE EX-ALUNOS QUE SE FORMARAM NA DÉCIMA QUINTA TURMA DE COMUNICAÇÃO DA FACOPP, QUE SE FORMOU EM 2006.

ENCAMINHAMENTO: CONVERSAREMOS COM A EX-ALUNA DE JORNALISMO ÉRIKA ESTEVAM FOGLIA.

ROTEIRO:

20/02/2014 – 17H30

ÉRIKA ESTEVAN FOGLIA, 27 ANOS

AV DA SAUDADE, 386, VILA GLORIA, PRESIDENTE PRUDENTE

FONE: (18) 99685-1012

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- 1) O QUE TE MOTIVOU A CURSAR JORNALISMO NA UNOESTE?
- 2) QUAIS OBJETIVOS VOCÊ TINHA NO COMEÇO DO CURSO? DE QUE FORMA CONSEGUIU ALCANÇÁ-LOS?
- 3) QUEM ERAM OS COORDENADORES DE CURSO NA SUA ÉPOCA? HOUVE MUDANÇAS DE COORDENAÇÃO ENQUANTO VOCÊ FOI ALUNA?
- 4) QUAL ERA A DINÂMICA DO CURSO? HAVIA MANHÃ E NOITE? VESTIBULARES DE INÍCIO E MEIO DE ANO?
- 5) QUAIS LABORATÓRIOS EXISTIAM QUANDO VOCÊ ESTUDOU?
- 6) QUAL VOCÊ MAIS FREQUENTAVA? COMO ERA A ESTRUTURA DELE? QUAIS EQUIPAMENTOS CONTINHA?
- 7) QUAIS OS DESAFIOS E DIFICULDADES VOCÊ ENFRENTOU AO ESTAGIAR NA TV FACOPP? COMO FEZ PARA SUPERÁ-LOS?
- 8) QUAIS ERAM AS PRODUÇÕES FEITAS EM SALA DE AULA? QUE TIPO DE TRABALHOS VOCÊ REALIZOU? ELAS ERAM DISTRIBUÍDAS? COMO E PRA QUEM?
- 9) COMO FOI A INAUGURAÇÃO DA TV FACOPP ONLINE?
- 10) DAS AULAS QUE VOCÊ TEVE, QUAIS SE DESTACARAM EM SUA CARREIRA PROFISSIONAL?
- 11) HOUVE ALGUM PROFESSOR QUE A MARCOU?
- 12) E DISCIPLINA? QUAL CHAMAVA MAIS ATENÇÃO?
- 13) HAVIA ALGUMA DISCIPLINA QUE VOCÊ ACHA QUE NÃO ERA IMPORTANTE PARA A SUA FORMAÇÃO?
- 14) COMO ERA PARA FAZER ESTÁGIOS – MESMO OS EXTERNOS – HAVIA ABERTURA NO MERCADO?
- 15) ERA OBRIGATÓRIO O ESTÁGIO SUPERVISIONADO?
- 16) QUE TIPO DE EVENTOS ERAM OFERECIDOS NA FACULDADE?
- 17) OS ALUNOS FAZIAM VIAGENS PROMOVIDAS PELO CURSO PARA AMPLIAR O APRENDIZADO?
- 18) E POR CONTA PRÓPRIA? HAVIA ESTA ORGANIZAÇÃO?

- 19) QUAL A PRINCIPAL DIFICULDADE QUE VOCÊ TINHA EM FAZER A FACULDADE?
- 20) HAVIA RESPALDO DOS PROFESSORES E COORDENADORES?
- 21) O QUE MARCOU SUA VIDA NO DECORRER DO CURSO?
- 22) QUAIS OS PONTOS FORTES E OS PONTOS FRACOS QUE VOCÊ VIA NA FACOPP?
- 23) O QUE A FEZ DEIXAR O JORNALISMO? ACHA QUE A PROFISSÃO CONTRIBUIU PARA SUA MUDANÇA DE ÁREA?

DADOS: SEGUNDO INFORMAÇÕES DO CURRÍCULUM LATTES, ÉRIKA POSSUI GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO, PELA UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA(UNOESTE).

FEZ ESTÁGIO NO DEPARTAMENTO DE JORNALISMO DA TV FACOPP ONLINE, EMISSORA UNIVERSITÁRIA VIRTUAL HOSPEDADA NO ENDEREÇO ELETRÔNICO WWW.UNOESTE.BR/TVFACOPP. SEU CARGO ERA O DE REPORTAGEM EM UM DOS PROGRAMAS DO VEÍCULO.

COMO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE JORNALISMO, DESENVOLVEU UM PROJETO DE INSTALAÇÃO DE UMA RÁDIO COMUNITÁRIA NO BAIRRO ANA JACINTA, DA CIDADE DE PRESIDENTE PRUDENTE.

JÁ TRABALHOU NA UNOESTE COMO ASSESSORA DE IMPRENSA E NO IFRONTEIRA, TAMBÉM COMO REPÓRTER. ATUALMENTE ATUA NA ÁREA DA MODA E MANTÉM UM BLOGUE SOBRE O MESMO TEMA.

RETRANCA: ROGER DOS SANTOS LIMA – XV TURMA

PROPOSTA: RESGATAR FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DA FACOPP QUE ESTÃO NA MEMÓRIA DE EX-ALUNOS QUE SE FORMARAM NA DÉCIMA QUINTA TURMA DE COMUNICAÇÃO DA FACOPP, QUE SE FORMOU EM 2008.

ENCAMINHAMENTO: CONVERSAREMOS COM O EX-ALUNO ROGER DOS SANTOS LIMA, QUE SE GRADUOU EM PUBLICIDADE NO ANO DE 2008.

ROTEIRO:

24/04/2014

ROGER DOS SANTOS LIMA – XV TURMA

CONTATO: E-MAIL

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- 1) POR QUE ESCOLHEU CURSAR COMUNICAÇÃO NA UNOESTE?
- 2) QUAIS OBJETIVOS VOCÊ TINHA QUANDO COMEÇOU O CURSO? ELES FORAM ALCANÇADOS? DE QUE FORMA?
- 3) QUEM ERAM OS COORDENADORES DE CURSO NA SUA ÉPOCA? HOUVERA MUDANÇAS?
- 4) COMO ERA O PROCESSO PARA FAZER ESTÁGIO? HAVIA ABERTURA NO MERCADO?
- 5) ERA OBRIGATÓRIO O ESTÁGIO SUPERVISIONADO?
- 6) HAVIA PRODUÇÕES PRÁTICAS EM SALA DE AULA?
- 7) QUAIS LABORATÓRIOS EXISTIAM NA SUA ÉPOCA?
- 8) HOVE ALGUMA DISCIPLINA QUE SE SOBRESSAIU E AJUDOU MAIS EM SUA CARREIRA PROFISSIONAL?
- 9) HAVIA ALGUMA DISCIPLINA QUE JULGAVA NÃO SER IMPORTANTE?
- 10) O QUE MARCOU SUA VIDA NO DECORRER DO CURSO?
- 11) HOVE ALGUM PROFESSOR QUE MARCOU SUA VIDA ACADÊMICA?
- 12) A FACULDADE PROMOVIA VIAGENS PRA ENRIQUECER O APRENDIZADO?
- 13) VOCÊ LEMBRA QUAIS EVENTOS ERAM OFERECIDOS NA FACULDADE?
- 14) QUAL A PRINCIPAL DIFICULDADE QUE VOCÊ TINHA EM FAZER O CURSO?
- 15) QUAIS OS PONTOS FORTES E OS PONTOS FRACOS QUE VOCÊ VIA NA FACOPP?
- 16) TEM MAIS DE UMA FORMAÇÃO ACADÊMICA? POSSUI ESPECIALIZAÇÃO? QUAIS OS LOCAIS DE TRABALHO QUE VOCÊ INGRESSOU APÓS O TÉRMINO DA FACULDADE DE COMUNICAÇÃO?

DADOS: APÓS O TÉRMINO DO CURSO, ROGER INGRESSOU NO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO – MBA EM MARKETING E GESTÃO DE VENDAS, PELA FACULDADE INTEGRADAS ANTÔNIO EUFRASIO DE TOLEDO DE PRESIDENTE PRUDENTE.

APÓS CONCLUIR O MBA, ELE FEZ PÓS-GRADUAÇÃO EM DIREÇÃO DE ARTE NA UNOPAR, EM LONDRINA, PR. NO MESMO PERÍODO, ROGER REALIZOU CURSOS DE EXTENSÃO NA ESPM EM SÃO PAULO, NO SENAC DE PRUDENTE, ALÉM DE EVENTOS E PALESTRAS DA ÁREA, COMO O PHOTOSHOP CONFERENCE.

ROGER JÁ PASSOU PELAS AGÊNCIAS DESTRO& OFFICE, MARCA X, E ATUALMETE É DIRETOR DE ARTE NA AGÊNCIA AUDI PROPAGANDA, ONDE ESTÁ HÁ CERCA DE 6 ANOS.

XX TURMA

RETRANCA: JEAN RAMALHO

PROPOSTA: RESGATAR FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DA FACOPP QUE ESTÃO NA MEMÓRIA DE EX-ALUNOS QUE SE FORMARAM NA VIGÉSIMA TURMA DE COMUNICAÇÃO DA FACOPP.

ENCAMINHAMENTO: CONVERSAREMOS COM O EX-ALUNO DE JORNALISMO JEAN RAMALHO, QUE CURSOU HABILITACAO EM JORNALISMO.

ROTEIRO:

13/03/2014 – 21H00

JEAN CARLOS GALINO RAMALHO, 26 ANOS

UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA- BIBLIOTECA

CONTATO: (18) 3269-4044 / (18) 98117-4727 / (18)99691-7008

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- 1) POR QUE ESCOLHEU SEGUIR A HABILITAÇÃO DE JORNALISMO? E DESDE O COMEÇO DO CURSO PRETENDIA SEGUIR ESTA ÁREA?
- 2) QUAL FOI SEU MAIOR INCENTIVO PARA QUE ESCOLHESSSE ESSA AREA?
- 3) VOCÊ FEZ ESTÁGIO NA ÁREA ENQUANTO ESTUDAVA? ONDE? CONTE UM POUCO SOBRE ISSO.
- 4) QUAL VEICULO DE COMUNICAÇÃO QUE TEM PREFERÊNCIA E POR QUÊ?
- 5) SEUS OBJETIVOS NO DECORRER DO CURSO, FORAM ALCANÇADOS?
- 6) O QUE MAIS TE CHAMA ATENÇÃO NA AREA ESPORTIVA E O DESDE QUANDO HOVE ESSE INTERESSE?
- 7) DE QUAIS ATIVIDADES REALIZADAS DENTRO DA FACULDADE VOCÊ PARTICIPOU?
- 8) DE QUAL ATIVIDADE MAIS GOSTOU DE PARTICIPAR? QUAL LHE CHAMAVA MAIS ATENÇÃO?
- 9) HOVE ALGUM PROFESSOR QUE MARCOU SUA VIDA ACADÊMICA? QUAL E POR QUÊ?
- 10) ACONTECEU ALGO DENTRO DA FACOPP QUE MARCOU SUA VIDA ACADÊMICA? RELATE ESSE FATO.
- 11) COMO FOI O SEU TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO? ERA PERMITIDO FAZE-LO EM GRUPO OU DEVERIA SER INDIVIDUAL? QUAL FOI O TEMA E PEÇA PRÁTICA?

DADOS: JEAN CARLOS GALINO RAMALHO, 26 ANOS, LOGO QUE SAIU DA FACULDADE, TINHA A INTENÇÃO, JUNTAMENTE COM ALGUNS INTEGRANTES DO GRUPO DE TCC, DAR SEQUÊNCIA AO PROJETO,

CHAMADO REDESORTE, O PRIMEIRO SITE ESPORTIVO DE PRUDENTE E REGIÃO.

CONTUDO, DEVIDO DIFICULDADES FINANCEIRAS O GRUPO TEVE QUE POSTERGAR O SONHO E CORRER ATRÁS DE EMPREGO. JEAN ENTROU NA ASSESSORIA DE IMPRENSA NA PREFEITURA MUNICIPAL DE PIRAPOZINHO, ONDE PERMANECEU POR UM ANO. LOGO APÓS TEVE A OPORTUNIDADE DE INGRESSAR NO JORNAL O IMPARCIAL.

UMA VEZ NO IMPRESSO, TEM CONSEGUIDO ALCANÇAR ALGUNS OBJETIVOS TRAÇADOS NA FACULDADE, QUE, EM REGRA, ERA ATUAR NA ÁREA ESPORTIVA.

HOJE ATUA COMO REPÓRTER SETORISTA DO CADERNO DE ESPORTES DO DIÁRIO, E NAS MAIS VARIADAS COBERTURAS DA EDITORIA.

RETRANCA: REGINA GONÇALVES PORTELA CRISTOVAM

PROPOSTA: RESGATAR FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DA FACOPP QUE ESTÃO NA MEMÓRIA DE EX-ALUNOS QUE SE FORMARAM NA VIGÉSIMA TURMA DE COMUNICAÇÃO DA FACOPP.

ENCAMINHAMENTO: CONVERSAREMOS COM A EX-ALUNA DE JORNALISMO REGINA GONÇALVES PORTELA CRISTOVAM, QUE SEGUE A ÁREA DE JORNALISMO EM ASSESSORIA DE IMPRENSA.

ROTEIRO:

REGINA GONÇALVES PORTELA CRISTOVAM
RUA ANGELO TOMÉ, Nº 111, PARQUE DAS GREVILHAS, MARTINÓPOLIS
CONTATO: (18) 99754-1038

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- 1) POR QUE ESCOLHEU CURSAR A FACULDADE DE COMUNICAÇÃO NA UNOESTE?
- 2) QUAL FOI SUA MAIOR INFLUÊNCIA PARA A ESOLHA DO CURSO?
- 3) VOCÊ FEZ ESTÁGIO NA ÁREA ENQUANTO ESTUDAVA? ONDE? CONTE UM POUCO SOBRE ISSO.
- 4) SEUS OBJETIVOS NO DECORRER DO CURSO, FORAM ALCANÇADOS?
- 5) DE QUAIS ATIVIDADES REALIZADAS DENTRO DA FACULDADE VOCÊ PARTICIPOU?
- 6) DE QUAL ATIVIDADE MAIS GOSTOU DE PARTICIPAR? QUAL LHE CHAMAVA MAIS ATENÇÃO?
- 7) HOVE ALGUM PROFESSOR QUE MARCOU SUA VIDA ACADÊMICA? QUAL E POR QUÊ?
- 8) COMO ERA A ATUAÇÃO DO D.A QUANDO VOCÊ ERA GRADUANDA?
- 9) ACONTECEU ALGO DENTRO DA FACOPP QUE MARCOU SUA VIDA ACADÊMICA? RELATE ESSE FATO.
- 10) COMO FOI O SEU TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO? ERA PERMITIDO FAZÊ-LO EM GRUPO OU DEVERIA SER INDIVIDUAL? QUAL FOI O TEMA E PEÇA PRÁTICA?

DADOS: REGINA ATUA NA ÁREA DESDE QUANDO SE FORMOU EM JORNALISMO. TRABALHOU NO JORNAL LOCAL FOLHA DA CIDADE, E ATUALMENTE ATUA NA ASSESSORIA DE IMPRENSA DA PREFEITURA MUNICIPAL DE MARTINOPOLIS.

XXV TURMA

RETRANCA: ELTON JACINTO - XXV TURMA

PROPOSTA: RESGATAR FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DA FACOPP QUE ESTÃO NA MEMÓRIA DE EX-ALUNOS QUE SE FORMARAM NA VIGÉSIMA QUINTA TURMA DE COMUNICAÇÃO DA FACOPP, EM 2013.

ENCAMINHAMENTO: CONVERSAREMOS COM O EX-ALUNO DE PUBLICIDADE E PROPAGANDA ELTON JACINTO DA SILVA.

ROTEIRO:

25/02/2014 – 18H00

ELTON JACINTO DA SILVA, 26 ANOS

UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA – BIBLIOTECA

CONTATO: FACEBOOK

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- 1) POR QUAL MOTIVO VOCÊ ESCOLHEU CURSAR PUBLICIDADE E PROPAGANDA NA UNOESTE?
- 2) QUAIS OBJETIVOS VOCÊ TINHA QUANDO COMEÇOU? ELES FORAM ALCANÇADOS? DE QUE FORMA?
- 3) QUAL ESTÁGIO VOCÊ FEZ ENQUANTO ESTUDAVA? O QUE ELE ACRESCENTOU EM SUA VIDA PROFISSIONAL?
- 4) QUAIS PRODUÇÕES PRÁTICAS VOCÊ FEZ EM SALA DE AULA NA GRADUAÇÃO DE PUBLICIDADE?
- 5) QUAL LABORATÓRIO VOCÊ MAIS FREQUENTAVA? POR QUÊ?
- 6) DAS AULAS QUE VOCÊ TEVE, QUAIS SE DESTACARAM EM SUA CARREIRA PROFISSIONAL?
- 7) O QUE MARCOU SUA VIDA NO DECORRER DO CURSO?
- 8) HOVE ALGUM PROFESSOR QUE O MARCOU?
- 9) HAVIA ALGUMA DISCIPLINA QUE VOCÊ ACHA QUE NÃO ERA IMPORTANTE PARA A SUA FORMAÇÃO?
- 10) DE QUAIS EVENTOS OFERECIDOS NA FACULDADE VOCÊ PARTICIPOU? O QUE ELES ACRESCENTARAM NA SUA CARREIRA PROFISSIONAL?
- 11) VOCÊ FEZ ALGUMA VIAGEM PROMOVIDA PELO CURSO PARA AMPLIAR O APRENDIZADO? QUAL? O QUE ELA ACRESCENTOU
- 12) QUAL A PRINCIPAL DIFICULDADE QUE VOCÊ TINHA EM FAZER A FACULDADE?
- 13) O QUE VOCÊ COMO PONTOS FORTES E PONTOS FRACOS NA FACOPP?

DADOS: LOGO NO PRIMEIRO TERMO APÓS A TRANSFERÊNCIA, ELTON COMEÇOU A ESTAGIAR NO LABORATÓRIO DE FOTOGRAFIA NA PRÓPRIA FACOPP.

ENQUANTO ESTAGIAVA NO LABORATÓRIO, ELTON CONSEGUIU UM ESTÁGIO REMUNERADO NA AGÊNCIA DE PUBLICIDADE IMOBIBRASIL. AO SE FORMAR, EM 2013, FOI EFETIVADO E HOJE FAZ PARTE DE UMA EMPRESA QUE PRESTA SERVIÇOS INTERNACIONAIS.

RETRANCA: TAÍS NICOLLETTI - XXV TURMA

PROPOSTA: RESGATAR FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DA FACOPP QUE ESTÃO NA MEMÓRIA DE EX-ALUNOS QUE SE FORMARAM NA VIGÉSIMA QUINTA TURMA DE COMUNICAÇÃO EM 2013.

ENCAMINHAMENTO: CONVERSAREMOS COM A EX-ALUNA DE JORNALISMO TAÍS NICOLLETTI.

ROTEIRO:

26/02/2014 – 19H15

TAÍS NOCOLETTI, 22 ANOS

UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA- BIBLIOTECA

CONTATO: (18) 99709-0438 / 991311032

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- 1) POR QUAL MOTIVO VOCÊ CURSOU ESCOLHEU CURSAR JORNALISMO NA UNOESTE?
- 2)QUAIS OBJETIVOS VOCÊ TINHA QUANDO COMEÇOU? ELES SE CONCRETIZARAM? DE QUE FORMA?
- 3)QUAL ESTÁGIO VOCÊ FEZ ENQUANTO ESTUDAVA? O QUE ELE ACRESCENTOU EM SUA VIDA PROFISSIONAL?
- 4)QUAIS PRODUÇÕES PRÁTICAS VOCÊ FEZ EM SALA DE AULA?
- 5)QUAL LABORATÓRIO VOCÊ MAIS FREQUENTAVA? POR QUÊ?
- 6)DAS AULAS QUE VOCÊ TEVE, QUAIS SE DESTACARAM EM SUA CARREIRA PROFISSIONAL?
- 7)O QUE MARCOU SUA VIDA NO DECORRER DO CURSO?
- 8)HOVE ALGUM PROFESSOR QUE A MARCOU?
- 9)HAVIA ALGUMA DISCIPLINA QUE VOCÊ ACHA QUE NÃO ERA IMPORTANTE PARA A SUA FORMAÇÃO?
- 10)DE QUAIS EVENTOS OFERECIDOS NA FACULDADE VOCÊ PARTICIPOU? O QUE ELES ACRESCENTARAM NA SUA CARREIRA PROFISSIONAL?
- 11)VOCÊ FEZ ALGUMA VIAGEM PROMOVIDA PELO CURSO PARA AMPLIAR O APRENDIZADO? QUAL? O QUE ELA ACRESCENTOU NA SUA VIDA PROFISSIONAL?
- 12)QUAL A PRINCIPAL DIFICULDADE QUE VOCÊ TINHA EM FAZER A FACULDADE?
- 13)COMO VOCÊ DESENVOLVEU SEU TCC? QUAL FOI A PEÇA PRÁTICA?
- 14)COMO VOCÊ AVALIA A FACOPP? COMENTE OS PRÓS E OS CONTRAS.

DADOS: TAÍS NOCOLETTI FORMOU-SE EM JORNALISMO NO ANO DE 2013 PELA FACOPP. ESTAGIOU NA PRÓPRIA INSTITUIÇÃO DE ENSINO, NO PORTAL FACOPP E HOJE SE PREPARA PRA MUDAR DE CIDADE, POIS IRÁ CURSAR PÓS-GRADUAÇÃO NA ÁREA DE AUDIOVISUAL.

COMO JORNALISTA, ELA FINALIZOU UM TRABALHO DE CONSULTORIA SOBRE PRODUÇÃO DE VÍDEOS NO COLÉGIO ANGLO EM PRESIDENTE PRUDENTE

RETRANCA: VIOLETA ARAKI - XXV TURMA

PROPOSTA: RESGATAR FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DA FACOPP QUE ESTÃO NA MEMÓRIA DE EX-ALUNOS QUE SE FORMARAM NA VIGÉSIMA QUINTA TURMA DE COMUNICAÇÃO DA FACOPP.

ENCAMINHAMENTO: CONVERSAREMOS COM A EX-ALUNA DE JORNALISMO VIOLETA AIUMI TEIXEIRA ARAKI, FORMADA EM 2013 PELA FACOPP.

ROTEIRO

07/03/14 19h00

VIOLETA AIUMI TEIXEIRA ARAKI, 22 ANOS.

R: BERNARDO LICA, 25, JARDIM AVIAÇÃO, PRÓXIMO AO POSTO IPIRANGA

CONTATO: (18) 98125-8805

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- 1) POR QUE ESCOLHEU CURSAR JORNALISMO NA UNOESTE?
- 2) QUAIS ESTÁGIOS VOCÊ FEZ NA ÁREA ENQUANTO ESTUDAVA? ONDE?
- 3) QUAIS OBJETIVOS VOCÊ TINHA QUANDO ENTROU NA FACULDADE? ELES FORAM ALCANÇADOS? DE QUE FORMA?
- 4) QUAIS LABORATÓRIOS EXISTIAM QUANDO VOCÊ ENTROU NA FACOPP?
- 5) QUAIS EQUIPAMENTOS ELES POSSUÍAM?
- 6) QUAIS TRABALHOS PRÁTICOS VOCÊ DESENVOLVEU EM SALA?
- 7) HAVIA ALGUMA DISCIPLINA QUE VOCÊ ACHA QUE NÃO ERA IMPORTANTE PARA A SUA FORMAÇÃO?
- 8) DE QUAIS EVENTOS OFERECIDOS NA FACULDADE VOCÊ PARTICIPOU? O QUE ELES ACRESCENTARAM NA SUA CARREIRA PROFISSIONAL?
- 9) VOCÊ FEZ ALGUMA VIAGEM PROMOVIDA PELO CURSO PARA AMPLIAR O APRENDIZADO? QUAL? O QUE ELA ACRESCENTOU NA SUA VIDA PROFISSIONAL?
- 10) QUAL A PRINCIPAL DIFICULDADE QUE VOCÊ TINHA EM FAZER A FACULDADE?
- 11) HOUVE ALGUM PROFESSOR QUE MARCOU SUA VIDA ACADÊMICA? QUAL E POR QUÊ?
- 12) ACONTECEU ALGO DENTRO DA FACOPP QUE MARCOU SUA VIDA ACADÊMICA? DE QUE FORMA?
- 13) QUAIS CONTRIBUIÇÕES SEU TCC TROUXE PARA A FACOPP?
- 14) QUAIS OS PONTOS FORTES E PONTOS FRACOS QUE VOCÊ VIA NA FACOPP?

DADOS: VIOLETA ARAKI TRABALHOU VOLUNTARIAMENTE EM 2010 NO CENTRO CULTURAL MATARAZZO, ONDE AJUDOU A MINISTRAR AULAS DE REFORÇO NA LÍNGUA PORTUGUESA.

NO SEGUNDO SEMESTRE DO MESMO ANO, ELA ESTAGIOU NA TV FACOPP . EM 2011, PASSOU A ESTAGIAR NA AGÊNCIA DE PUBLICIDADE PROMARKE E TEVE UMA MATÉRIA PUBLICADA NO JORNAL O IMPARCIAL, DURANTE A COBERTURA DO SALÃO DO LIVRO.

NO ANO DE 2013, VIOLETA ATUOU TAMBÉM COMO ESTAGIÁRIA, NA REDAÇÃO DO SBT INTERIOR, NO PERÍODO DE FEVEREIRO À MARÇO. EM SEGUIDA, ENTROU PARA A EQUIPE DE ESTAGIÁRIOS DA REVISTA TRÊS, ONDE FOI EFETIVADA E HOJE TRABALHA NAS ÁREAS DE PRODUÇÃO, REPORTAGEM E EDIÇÃO.

RETRANCA: APARECIDO JUNIOR - XXV TURMA

PROPOSTA: RESGATAR FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DA FACOPP QUE ESTÃO NA MEMÓRIA DE EX-ALUNOS QUE SE FORMARAM NA VIGÉSIMA QUINTA TURMA DE COMUNICAÇÃO DA FACOPP, QUE SE FORMOU EM 2013.

ENCAMINHAMENTO: CONVERSAREMOS COM O EX-ALUNO DE APARECIDO DA CRUZ JUNIOR (CIDÃO), QUE SE GRADUOU EM PUBLICIDADE NO ANO DE 2009, E EM JORNALISMO NO ANO DE 2013.

ROTEIRO:

25/02/2014 – 19H30

APARECIDO DA CRUZ JUNIOR (CIDÃO), 26 ANOS

UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA – BIBLIOTECA DA UNOESTE

FONE: (18) 99707-8961 / 99197-3100

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- 1) POR QUAL MOTIVO VOCÊ CURSOU AS DUAS GRADUAÇÕES, JORNALISMO E PUBLICIDADE?
- 2) QUAIS OBJETIVOS VOCÊ TINHA QUANDO COMEÇOU?
- 3) QUAL ESTÁGIO VOCÊ FEZ ENQUANTO ESTUDAVA? O QUE ELE ACRESCENTOU EM SUA VIDA PROFISSIONAL?
- 4) QUAIS PRODUÇÕES PRÁTICAS VOCÊ FEZ EM SALA DE AULA NA GRADUAÇÃO DE JORNALISMO? E EM PUBLICIDADE?
- 5) QUAL LABORATÓRIO VOCÊ MAIS FREQUENTAVA? POR QUÊ?
- 6) NOS ANOS EM QUE VOCÊ ESTEVE NA FACOPP HOUVE MUITAS MUDANÇAS?
- 7) DAS AULAS QUE VOCÊ TEVE, QUAIS SE DESTACARAM EM SUA CARREIRA PROFISSIONAL? DE PUBLICIDADE E DE JORNALISMO.
- 8) O QUE MARCOU SUA VIDA NO DECORRER DO CURSO?
- 9) HOUVE ALGUM PROFESSOR QUE O MARCOU?
- 10) HAVIA ALGUMA DISCIPLINA QUE VOCÊ ACHA QUE NÃO ERA IMPORTANTE PARA A SUA FORMAÇÃO?
- 11) DE QUAIS EVENTOS OFERECIDOS NA FACULDADE VOCÊ PARTICIPOU? O QUE ELES ACRESCENTARAM NA SUA CARREIRA PROFISSIONAL?
- 12) VOCÊ FEZ ALGUMA VIAGEM PROMOVIDA PELO CURSO PARA AMPLIAR O APRENDIZADO? QUAL? O QUE ELA ACRESCENTOU NA SUA VIDA PROFISSIONAL?
- 13) QUAL A PRINCIPAL DIFICULDADE QUE VOCÊ TINHA EM FAZER A FACULDADE?
- 14) COMO VOCÊ DESENVOLVEU SEU PEPP E SEU TCC? QUAIS FORAM AS PEÇAS PRÁTICAS?
COMO VOCÊ AVALIA A FACOPP? COMENTE OS PRÓS E OS CONTRAS.

DADOS: APARECIDO FORMOU-SE EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA, PELA UNOESTE, NO ANO DE 2009. PARALELO À GRADUAÇÃO, ELE PRESTAVA SERVIÇOS NAS ÁREAS DE VENDAS E PROPAGANDAS NA RÁDIO 101 E FOI NÁ RÁDIO QUE ELE DESENVOLVEU O GOSTO PELO JORNALISMO.

A PARTIR DAÍ, ELE TRABALHOU NA TV CIDADE, TAMBÉM NA ÁREA COMERCIAL, NO CIDADE ESPORTE, ALÉM DE ASSINAR UMA COLUNA NA SITE GRUPO NOTÍCIA DURANTE UM ANO E MEIO E ATUAR COM O PROFESSOR RENATO PANDUR NO RG MÍDIA.

EM 2011, APARECIDO VOLTOU PARA A UNOESTE PARA CURSAR JORNALISMO ONDE SE FORMOU EM 2013. HOJE ELE É LOCUTOR E EDITOR ESPORTIVO NA RÁDIO COMERCIAL, ONDE TRANSMITE AS NOTÍCIAS DO MUNDO DO ESPORTE SEMPRE DE SEGUNDA A SEXTA-FEIRA, DAS 18H00 ÀS 19H00, ALÉM DE CURSAR PÓS-GRADUAÇÃO NA MESMA ÁREA.

RETRANCA: BRUNO SALOMÃO DE PROSDOCIMI – XXV TURMA

PROPOSTA: RESGATAR FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DA FACOPP QUE ESTÃO NA MEMÓRIA DE EX-ALUNOS QUE SE FORMARAM NA VIGÉSIMA TURMA DE COMUNICAÇÃO DA FACOPP.

ENCAMINHAMENTO: CONVERSAREMOS COM O EX-ALUNO DE PUBLICIDADE E PROPAGANDA BRUNO SALOMÃO DE PROSDOCIMI.

ROTEIRO:

24/03/2014 – 17H00

BRUNO SALOMÃO DE PROSDOCIMI, 24 ANOS

AV DA SAUDADE, PARQUE EMPRESARIAL, AGÊNCIA ATAC

CONTATO: PESSOAL

- 1) O QUE VOCÊ ESTUDA?
- 2) POR QUE VOCÊ DECIDIU CURSAR PUBLICIDADE?
- 3) QUAIS ATIVIDADES REALIZADAS NA FACULDADE VOCÊ PARTICIPOU?
- 4) ALGUM TRABALHO DESENVOLVIDO NA SALA DE AULA QUE TE MARCOU?
- 5) QUAL LABORATÓRIO VOCÊ MAIS FREQUENTAVA?
- 6) EM SUA OPINIÃO, FALTAVA ALGUMA COISA?
- 7) VOCÊ CHEGOU A FAZER ALGUM ESTÁGIO DENTRO DA FACOPP?
- 8) COMO VOCÊ VÊ O ESTÁGIO?
- 9) QUANDO VOCÊ ENTROU NA FACULDADE, QUAL ERA O SEU OBJETIVO? CONSEGUIU ALCANÇÁ-LO?
- 10) QUAL MATÉRIA VOCÊ JULGA TER SIDO MAIS IMPORTANTE PARA A SUA VIDA PROFISSIONAL?
- 11) ESTE FOI O PROFESSOR QUE MAIS TE MARCOU NA FACULDADE? OU TEVE ALGUM OUTRO?
- 12) TEM ALGUMA DISCIPLINA QUE VOCÊ NÃO ACHOU IMPORTANTE?
- 13) VOCÊ TEVE ALGUMA DIFICULDADE PARA FAZER A FACULDADE?
- 14) SOBRE O QUE FOI O SEU TCC? QUAIS FORAM AS MAIORES DIFICULDADES?
- 15) COMO VOCÊ AVALIA A FACOPP? OS PRÓS E OS CONTRAS.

DADOS: BRUNO ATUALMENTE TRABALHA EM UMA AGÊNCIA DE PUBLICIDADE NA PARTE DE CRIAÇÃO E ARTE. ALÉM DISSO, PRODUZ ALGUNS ARTIGOS PARA TENTAR O MESTRADO. DIZ QUE SEMPRE GOSTOU DE DESENHAR E TAMBÉM DE CULTURA E ARTE, FOI A PARTIR DAÍ QUE OPTOU POR DESIGN. PRESTOU O CURSO DE DESIGNER NO SUL, ONDE CONSEGUIU PASSAR NA PRIMEIRA E NA SEGUNDA FASE, PORÉM NÃO CONSEGUIU PROSSEGUIR NA TERCEIRA FASE, POR HAVER ALGUNS DESENHOS PARA EXECUTAR QUE BRUNO NÃO ESTAVA PREPARADO PARA FAZER. APÓS ISTO, VIU A GRADE DE

DISCIPLINAS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA UNOESTE, A QUAL ACHOU SEMELHANTE, FOI AÍ QUE INGRESSOU NA FACOPP.

OUTROS ENTREVISTADOS

RETRANCA: BRUNO RODRIGUES

PROPOSTA: FALAR COM UM ESPECIALISTA EM *HOTSITE* PARA REALIZAR O CORTE TEÓRICO ACERCA DO ASSUNTO.

ENCAMINHAMENTO: CONVERSAREMOS COM BRUNO RODRIGUES, AUTOR DE VÁRIOS ARTIGOS PUBLICADOS FALANDO SOBRE O UNIVERSO ONLINE, ESPECIALMENTE SOBRE *HOTSITE*.

ROTEIRO:

20/02/2014 – 17H00

BRUNO RODRIGUES

ENTREVISTA CONCEDIDA POR MEIO DE TELEFONE, POIS O ENTREVISTADO RESIDE NO RIO DE JANEIRO.

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- 1) OS HOTSITES SÃO DEFINIDOS COMO ÁREAS DE INFORMAÇÃO TEMPORÁRIA. E OS MINISITES? QUAL A DIFERENÇA ENTRE HOTSITES E MINISITES?
- 2) EM ALGUNS TRABALHOS ACADÊMICOS PESQUISADOS, CONSTATOU-SE QUE HOTSITES E MINISITE ERAM COLOCADOS COMO SINÔNIMOS. ELES PODEM SER USADOS COMO SINÔNIMOS EM ALGUMA CIRCUNSTÂNCIA?
- 3) EM PESQUISAS DE CONTEÚDO, NÓS CHEGAMOS A ALGUNS HOTSITES, PELO MENOS ELES SÃO ASSIM DEFINIDOS, NA ÁREA DE JORNALISMO, MAIS ESPECIFICAMENTE NA FOLHA ONLINE. OS HOTSITES PODEM SER UTILIZADOS PELO JORNALISMO OU SOMENTE USO PUBLICITÁRIO?
- 4) O USO COMERCIAL DOS HOTSITES COMEÇOU COM O USO COMERCIAL DA INTERNET OU É MAIS RECENTE?
- 5) PODE SE DEFINIR WEBWRITING APENAS COMO A ESCRITA PARA A WEB?
- 6) É REALMENTE NECESSÁRIO UM TIPO DE REDAÇÃO DIFERENTE PARA CONTEÚDOS DA WEB?
- 7) PODEMOS CONSIDERAR QUE O INÍCIO DO WEBWRITING TENHA SIDO NOS PRIMÓRDIOS DA WEB, QUANDO O TEXTO DO IMPRESSO ERA TRANSPORTADO PARA O MEIO DIGITAL?
- 8) EXISTE ALGUMA TENDÊNCIA DE EVOLUÇÃO DO WEBWRITING PARA OS PRÓXIMOS ANOS OU ELE PARA POR AQUI?

DADOS: BRUNO RODRIGUES É CONSULTOR DE COMUNICAÇÃO E MARKETING DIGITAL PARA A PETROBRAS DESDE 1997, ONDE ORIENTA PROJETOS DIGITAIS ESTRATÉGICOS PARA O PÚBLICO INTERNO QUE ENVOLVEM RELACIONAMENTO, GESTÃO DE CONTEÚDO, ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO, DIREITO DIGITAL, USABILIDADE, ACESSIBILIDADE DIGITAL E GESTÃO DO CONHECIMENTO, COMO O SITE DA PETROBRAS NA INTERNET (DE 1997 A 2007) O PORTAL CORPORATIVO [INTRANET]

(DESDE 2008), A REDE SOCIAL INTERNA (2011) E A REVISTA PETROBRAS DIGITAL (2012).

ELE TAMBÉM PRODUZIU O PADRÃO BRASILEIRO DE REDAÇÃO ONLINE, 'PADRÕES BRASIL E-GOV: CARTILHA DE REDAÇÃO WEB', PARA O GOVERNO ELETRÔNICO (E-GOV), ÓRGÃO DO MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO RESPONSÁVEL PELA IMPLANTAÇÃO DE PADRÕES BRASILEIROS PARA SÍTIOS DA ESFERA FEDERAL. É AUTOR DO PRIMEIRO LIVRO EM PORTUGUÊS E TERCEIRO NO MUNDO SOBRE CONTEÚDO ONLINE, 'WEBWRITING – PENSANDO O TEXTO PARA MÍDIA DIGITAL', PUBLICADO PELA EDITORA FUTURA EM 2000 (DUAS EDIÇÕES ESGOTADAS), E DE SUA CONTINUAÇÃO, 'WEBWRITING – REDAÇÃO & INFORMAÇÃO PARA A WEB', LANÇADA PELA EDITORA BRASPORT EM 2006. UM NOVO LIVRO DA SÉRIE SERÁ LANÇADO EM 2014.

TAMBÉM MINISTRA TREINAMENTOS IN COMPANY E PRESTA CONSULTORIA EM WEBWRITING E ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL E NO EXTERIOR PARA EMPRESAS COMO PETROBRAS ARGENTINA, BRADESCO, G1, PEIXE URBANO, OI E CEMIG, E PARA ÓRGÃOS COMO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, SUPREMO TRIBUNAL DE JUSTIÇA, TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL, CÂMARA DOS DEPUTADOS, GOVERNO DO CEARÁ, PREFEITURAS DE VITÓRIA E RIO DE JANEIRO E ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE.

DESDE 2011 MINISTRA CURSOS A DISTÂNCIA (EM VÍDEO, AO VIVO) SOBRE WEBWRITING E ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO VIA IMASTERS PRO.

BRUNO É CITADO NO VERBETE 'WEBWRITING' DO 'DICIONÁRIO DE COMUNICAÇÃO' (EDITORA OBJETIVA, 2001), HÁ TRÊS DÉCADAS UMA DAS PRINCIPAIS REFERÊNCIAS NA ÁREA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL NO BRASIL ALÉM DE SER O CRIADOR DA PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO ESTRATÉGICA DE MARKETING DIGITAL DAS FACULDADES INTEGRADAS HÉLIO ALONSO (2007), HOJE EM SUA 12ª TURMA.

TAMBÉM ELABOROU, PARA O GOVERNO DE SÃO PAULO, O 'MANUAL DE REDAÇÃO NA WEB', QUE ESTABELECE REGRAS E DIRETRIZES DE TEXTOS ONLINE PARA OS SITES DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA DO ESTADO (2005). BRUNO É TITULAR DA PRIMEIRA COLUNA SOBRE WEBWRITING NO MUNDO, ELABORADA DESDE 1998 E HOJE VEICULADA NA REVISTA ONLINE 'WEBINSIDER'.

EM 2012 O IMASTERS, CONSIDERADO UM DOS PORTAIS MAIS RESPEITADOS NA ÁREA DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO, COMEÇOU A REPUBLICAR SEUS TEXTOS MAIS RECENTES.

FONTE: [HTTP://WWW.BRUNO-RODRIGUES.BLOG.BR/CONHECA-MEU-TRABALHO](http://www.bruno-rodrigues.blog.br/conheca-meu-trabalho)

ACESSO EM 25/04/2014 ÀS 21H30

RETRANCA: CARLOS ALBERTO VICCHIATTI

PROPOSTA: RESGATAR FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DA FACOPP QUE ESTÃO NA MEMÓRIA DO EX- PROFESSOR, COORDENADOR E DIRETOR DA FACOPP.

ENCAMINHAMENTO: CONVERSAREMOS COM O PROFESSOR PÓS-DOUTOR, COM O INTUITO DE SABER OS ACONTECIMENTOS QUE MARCARAM A FACOPP DURANTE SUA ATUAÇÃO NA INSTITUIÇÃO DE ENSINO.

ROTEIRO

17/04/2014 – 11H00

CARLOS ALBERTO VICCHIATTI

PRÓ-REITOR DE GRADUAÇÃO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO DAS FACULDADES ASSOCIADAS DE ENSINO-UNIFAE.

CONTATO: carlosvicchiatti@unifae.br

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- 1) COMO COMEÇOU A TRABALHAR NA FACOPP E EM QUAL PERÍODO DESENVOLVEU SUAS ATIVIDADES PROFISSIONAIS NA INSTITUIÇÃO?
- 2) TRABALHOU EM QUAIS CARGOS DENTRO DA INSTITUIÇÃO?
- 3) NO PERÍODO QUE ESTEVE À FRENTE DA FACULDADE, O SENHOR CRIOU ALGUM EVENTO OU LABORATÓRIO? SE SIM, QUAIS?
- 4) ENTREVISTAMOS UMA MÉDIA DE 30 ALUNOS, PARTE DOS ALUNOS DA ÉPOCA, O COLOCAM COMO UM PROFESSOR FORMIDÁVEL, OUTROS DIZEM QUE TIVERAM SÉRIAS DIVERGÊNCIAS COM O SENHOR. ACHA ESTA POLARIZAÇÃO CONTROVERSA? POR QUÊ?
- 5) NO PERÍODO QUE ESTEVE NA FACOPP QUAL ERA SUA FORMA DE TRABALHAR? ACREDITA QUE ELA PROVOCOU OS SENTIMENTOS POSITIVOS E NEGATIVOS A SEU RESPEITO?
- 6) DE ACORDO COM O PROFESSOR JOÃO PAULO, “SUA PRESENÇA NA FACOPP FOI UMA DAS MAIS IMPORTANTES, TALVEZ A MAIS IMPORTANTE” PARA A HISTÓRIA DA FACULDADE. COMO O SENHOR VÊ ESTE COMENTÁRIO?
- 7) NO PERÍODO QUE ESTEVE NA FACULDADE FORAM IMPLEMENTADAS MUITAS MUDANÇAS? QUAIS?
- 8) QUAL O ACONTECIMENTO MAIS SIGNIFICATIVO ENQUANTO TRABALHOU NA FACOPP?
- 9) HOVE ALGUM ACONTECIMENTO RUIM QUE MEREÇA SEM RELATADO? QUAL?

- 10) COMO SE DEU SUA SAÍDA DA INSTITUIÇÃO?
- 11) POR FIM, ACREDITA QUE A FACOPP É BEM VISTA HOJE ENTRE AS ESCOLAS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL? QUAL SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A PROJEÇÃO QUE A FACOPP POSSUÍ HOJE?

DADOS: PRÓ-REITOR DE GRADUAÇÃO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO DAS FACULDADES ASSOCIADAS DE ENSINO-UNIFAE, DE SÃO JOÃO DA BOA VISTA, SÃO PAULO. TEM 50 ANOS, DOS QUAIS 23 ANOS SÃO DE EXPERIÊNCIA EM GESTÃO EDUCACIONAL E 25 COMO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO. É TAMBÉM AVALIADOR INSTITUCIONAL E DE CURSOS DO MEC E AVALIADOR DO GUIA DO ESTUDANTE. POSSUI DOIS LIVROS EDITADOS E UM TERCEIRO A PUBLICAR.
NA FACOPP ATUOU ENTRE 1996 E 2002.

RETRANCA: JORGE APARECIDO DA SILVA SOUZA

PROPOSTA: RESGATAR FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DA FACOPP QUE ESTÃO NA MEMÓRIA DE FUNCIONÁRIOS DOS LABORATÓRIOS.

ENCAMINHAMENTO: CONVERSAREMOS COM O FUNCIONÁRIO RESPONSÁVEL PELO LABORATÓRIO DE FOTOGRAFIA, JORGE APARECIDO DA SILVA SOUZA.

ROTEIRO

24/03/2014 – 16H00

JORGE APARECIDO DA SILVA SOUZA.

UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA – LABORATÓRIO DE FOTOGRAFIA

CONTATO: PESSOAL

- 1) COMO SURTIU O GOSTO PELA FOTOGRAFIA?
- 2) QUAL SUA FORMAÇÃO NA ÁREA?
- 3) COMO SURTIU A OPORTUNIDADE DE TRABALHAR NA FACOPP? E EM QUE ANO ENTROU?
- 4) QUEM ERAM OS COORDENADORES NA ÉPOCA QUE ENTROU?
- 5) QUAIS PROFESSORES JÁ PASSARAM PELO CARGO DE SUPERVISOR DO LABORATÓRIO DE FOTOGRAFIA?
- 6) COMO ERA O LABORATÓRIO QUANDO ENTROU NA FACOPP EM RELAÇÃO À ESTRUTURA E EQUIPAMENTOS DE TRABALHO?
- 7) COMO ERA O TRABALHO ADMINISTRADO PELOS PROFESSORES NA REVELAÇÃO DAS FOTOGRAFIAS NO LABORATÓRIO?
- 8) JÁ TEVE ALGUM ASSISTENTE TRABALHANDO COM VOCÊ AQUI NA FACOPP? QUAIS FUNÇÕES ELE DESENVOLVIA?
- 9) QUAIS AS PRINCIPAIS MUDANÇAS QUE ACONTECERAM NA ESTRUTURA DA FACOPP E NO LABORATÓRIO DE FOTOGRAFIA QUE VOCÊ HOJE PODE DESCREVER?
- 10) ALÉM DE OFERECER O SUPORTE BÁSICO SOBRE A FOTOGRAFIA AOS ALUNOS DE COMUNICAÇÃO, O LABORATÓRIO REALIZA ALGUM OUTRO TIPO DE SERVIÇO VINCULADO AOS OUTROS LABORATÓRIOS E À UNOESTE DE FORMA GERAL?
- 11) VOCÊ TEVE E TEM OPORTUNIDADE DE CONHECER MUITOS ALUNOS. TEM ALGUM ALUNO OU ALGUMA HISTÓRIA QUE O MARCOU POR ALGUM MOTIVO?
- 12) EM QUAIS COBERTURAS E DE QUAIS EVENTOS DA FACOPP E DA UNOESTE VOCÊ JÁ PARTICIPOU?
- 13) ALÉM DO TRABALHO NA FACOPP, VOCÊ REALIZA ALGUMA OUTRA ATIVIDADE PROFISSIONAL FORA DAQUI? QUAL?
- 14) QUAL A IMPORTANCIA DA FACOPP PRA VOCÊ?

DADOS: COMEÇOU NA ÁREA PROFISSIONAL DA FOTOGRAFIA EM 1989, INICIANDO COM O CURSO DE FOTOGRAFIA DO INSTITUTO NACIONAL BRASILEIRO, EM SÃO PAULO, CURSO ATRAVÉS DE LIVROS (JUNTO COM O IRMÃO QUE NA ÉPOCA JÁ ERA FOTÓGRAFO) NO MODO PRÁTICO E TEÓRICO. SEIS MESES DEPOIS FEZ O PRIMEIRO TRABALHO, FOTOGRAFOU UMA 1ª EUCARISTIA NA IGREJA SÃO JUDAS TADEU.

ATUOU COMO AUTÔNOMO COM A AJUDA DO IRMÃO POR 4 ANOS.
DEPOIS PASSOU A CONHECER OS PRODUTOS DE FOTOGRAFIA.

CORPO DOCENTE (ANTIGO E ATUAL)

RETRANCA: CARLOS MANFRIM – EX-PROFESSOR E EX-COORDENADOR

PROPOSTA: RESGATAR FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DA FACOPP QUE ESTÃO NA MEMÓRIA DO EX-COORDENADOR DA FACOPP

ENCAMINHAMENTO: CONVERSAREMOS COM A EX-COORDENADOR CARLOS MANFRIM, QUE FOI O PRIMEIRO COORDENADOR DO CURSO, ONDE ATUOU POR DOIS ANOS NA FACOPP

ROTEIRO:

25/04/2014 – 08H00

CARLOS MANFRIM

RUA JOÃO PERETI, 26 – CENTRO

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- 1) COMO INGRESSOU NA UNOESTE E QUAL FOI O PROCESSO DA SUA ENTRADA NA FACOPP?
- 2) COMO FUNCIONAVA O D.A.?
- 3) SEMPRE ERAM ATENDIDO OS PEDIDOS PARA REITORIA?
- 4) COMO ERA A ESTRUTURA NA ÉPOCA?
- 5) QUANTO TEMPO VOCÊ FICOU NA COORDENAÇÃO?
- 6) VOCÊ CHEGOU A DAR AULAS NA FACOPP?
- 7) OS EQUIPAMENTOS ERAM SUFICIENTES PARA OS ALUNOS?
- 8) QUAIS OS EVENTOS ERAM REALIZADOS NA FACOPP?
- 9) HAVIA ESTÁGIO OBRIGATÓRIO?
- 10) ALGUÉM MARCOU SUA VIDA ACADÊMICA OU HOUVE ALGUMA HISTÓRIA MARCANTE?
- 11) NOS EVENTOS A FACOPP QUE CONTRIBUIA FINANCEIRAMENTE OU OS PRÓPRIOS ALUNOS?
- 12) QUAIS OS PONTOS FORTES E FRACOS DA FACOPP?
- 13) O ENADE ERA REALIZADO TODO ANO? E COMO FOI O PROCESSO DE RECONHECER O CURSO?

DADOS: Carlos Manfrim já atuava nas áreas de comunicação antes mesmo de ingressar no curso de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho” (Facopp) na Universidade do Oeste Paulista (Unoeste). Como não tinha nenhuma faculdade de comunicação social na cidade de Presidente Prudente, Carlos teve a ideia de implantar um curso de comunicação na Unoeste, já que na região somente na cidade de Adamantina que era possível estudar nesta área, porém nesta faculdade o curso não era muito requisitado. A ideia da implantação do curso foi aceita pela diretoria e após implantado, desde o início a procura para ingressar no curso foi grande. Além disso foi o primeiro diretor do curso onde permaneceu no cargo no período entre dois a três anos. Na Facopp além de dar aulas já ministrou aulas de Teoria da Comunicação e outras matérias. Carlos se formou no curso de Direito pela Unoeste e, depois

que saiu da direção da Facopp, ingressou na coordenação do curso de Direito da mesma universidade aproximadamente no período de cinco anos.

RETRANCA: CAROLINA MANCUZO – PROFESSORA E COORDENADORA DE JORNALISMO

ROSPOSTA: RESGATAR FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DA FACOPP QUE ESTÃO NA MEMÓRIA DE FUNCIONÁRIOS DA FACULDADE.

ENCAMINHAMENTO: CONVERSAREMOS COM A ATUAL COORDENADORA DA HABILITAÇÃO DE JORNALISMO, CAROLINA COSTA MANCUZO, QUE CONTARÁ SUA EXPERÊNCIA À FRENTE DA COORDENAÇÃO.

ROTEIRO:

04/04/2014 – 21H00

CAROLINA COSTA MANCUZO

CONTATO: PESSOAL

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- 1) QUANDO COMEÇOU A TRABALHAR NA UNOESTE? COMO FOI SUA CONTRATAÇÃO?
- 2) COMO ERA A DINÂMICA DA COORDENAÇÃO?
- 3) QUEM A ANTECEDEU?
- 4) COMO ENTROU PARA A COORDENAÇÃO? COMO ACONTECEU O CONVITE?
- 5) QUAIS LABORATÓRIOS EXISTIAM QUANDO ENTROU COMO ALUNA NA FACOPP? QUAIS EQUIPAMENTOS ERAM UTILIZADOS NELES?
- 6) QUAIS EVENTOS ERAM OFERECIDOS NA FACOPP QUANDO ESTUDAVA?
- 7) QUAIS EVENTOS FORAM CRIADOS DEPOIS QUE ENTROU PARA A COORDENAÇÃO?
- 8) QUAIS OS AVANÇOS E AS PRINCIPAIS MUDANÇAS QUE ACONTECERAM NA SEMANA DE COMUNICAÇÃO DESDE QUANDO ESTUDOU AQUI ATÉ HOJE?
- 9) SEMPRE TEVE CERTIFICADO?
- 10) E QUAIS AS PRINCIPAIS DIFERENÇAS ENTRE A SEMANA DE COMUNICAÇÃO E A JORNADA DE COMUNICAÇÃO?
- 11) EM QUAIS ASPECTOS A HABILITAÇÃO DE JORNALISMO AJUDA NA REALIZAÇÃO DO EVENTO DOM TOP OF MIND?
- 12) O QUE FOI CRIADO OU APERFEIÇOADO DESDE QUANDO ERA ALUNA ATÉ OS DIAS ATUAIS? (ESTRUTURA, EVENTOS, SALA, EQUIPAMENTOS)?
- 13) QUANDO E COMO FOI CRIADO O LABORATORIO DE INFORMATICA?
- 14) SEMPRE FOI NAQUELE MESMO LOCAL?
- 15) COMO SE DEU A CONQUISTA DOS MACS PARA A FACOPP?
- 16) O LABORATÓRIO DE INFORMATICA JÁ TEVE ALGUM ESTAGIÁRIO?
- 17) E COORDENADOR DO LABORATORIO? (SE NÃO... PORQUE ELE É O ÚNICO QUE NÃO TEM NENHUM COORDENADOR?)

- 18)QUAIS ATIVIDADES SÃO DESENVOLVIDAS NO LAB. D INFORMÁTICA?
- 19)O LABORATORIO É ABERTO PARA OS ALUNOS FREQUENTAREM QUANDO PRECISAM USÁ-LO FORA DO HORÁRIO DE AULA? COMO FUNCIONAM AS REGRAS?
- 20)MESMO DEPOIS DA CONQUISTA DOS MACINTOSH, AINDA TEM ALGUM PROJETO FUTURO IDEALIZADO PARA O LABORATÓRIO DE INFORMATICA?
- 21)QUANDO E COMO FOI CRIADO A REDAÇÃO FACOPP?
- 22)COMO ERA A ESTRUTURA? E HOJE? CONTA COM QUAIS EQUIPAMENTOS?
- 23)QUAIS FORAM AS EVOLUÇÕES DO LABORATÓRIO?
- 24)QUANTOS ESTAGIÁRIOS TRABALHAM NA REDAÇÃO? E NO TOTAL, QUANTOS JÁ PASSARAM POR ELE?
- 25)VOCÊ FOI A ORIENTADORA DO GRUPO IDEALIZADOR DO PROJETO PORTAL FACOPP. FOI POR ESTE MOTIVO E POR SUAS ESPECIALIDADES QUE SE TORNOU A COORDENADORA DESTE LABORATÓRIO? COMO FOI? VOCE JÁ ERA COORDENADORA DO CURSO DE JORNALISMO NA ÉPOCA?
- 26)QUAIS ATIVIDADES SÃO DESENVOLVIDAS NA REDAÇÃO FACOPP?
- 27)TEM PARCERIA COM ALGUM OUTRO PROJETO DA FACOPP E OUTROS CURSOS? QUAL?
- 28)COMO É O PROCESSO DE SELEÇÃO DOS ESTAGIÁRIOS? HÁ REMUNERAÇÃO?
- 29)QUEM FAZ O TRABALHO DE ALIMENTAR O PORTAL FACOPP?
- 30)DE MANEIRA GERAL, HÁ UMA BOA REPERCUSSÃO DO PORTAL FACOPP?
- 31)O PORTAL JÁ PASSOU POR ALGUMA REFORMULAÇÃO? QUAL?
- 32)QUAIS SÃO OS PROJETOS FUTUROS PARA A REDAÇÃO FACOPP E PARA O PORTAL FACOPP?
- 33)QUAL A SUA PRINCIPAL CONTRIBUIÇÃO PARA A FACOPP?
- 34)QUANDO E COMO SURTIU A IDEIA DE FAZER A MOSTRA CADÊMICA?
- 35)EM QUE PERÍODO DO ANO LETIVO ELA É REALIZADA? PARA QUAL PÚBLICO?
- 36)ELA É ABERTO PARA QUEM NÃO É ALUNO DA FACOPP?
- 37)E O CINE FORUM, QUANDO COMEÇOU?
- 38)QUALSUA FINALIDADE?
- 39)O QUE MARCOU SUA VIDA DURANTE O PERÍODO EM QUEM ESTEVE NA FACOPP?
- 40)DESDE QUANDO EXISTEM OS ESTÁGIOS INTERNOS NO CURSO?
- 41)E ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO?
- 42)QUAIS OS PONTOS FORTES E OS PONTOS FRACOS QUE VOCÊ VÊ NA FACOPP?
- 43)QUANDO SURTIU A IDEIA DE FAZER A MOSTRA ACADÊMICA?
- 44)ELA É ABERTO PRA QUEM NÃO É ALUNO DA FACOPP?

DADOS: CAROLINA MANCUZO É FORMADA PELA QUARTA TURMA DA FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL “JORNALISTA ROBERTO MARINHO” (FACOPP) COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO NO ANO DE 2001. ALÉM DISSO, É MESTRE EM COMUNICAÇÃO VISUAL NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA (UEL - PARANÁ) E MBA (*MASTER IN BUSINESS ADMINISTRATION* - QUE EM PORTUGUÊS SIGNIFICA MESTRE EM ADMINISTRAÇÃO DE NEGÓCIOS) EM AGRONEGÓCIOS PELAS FACULDADES INTEGRADAS ANTÔNIO EUFRÁSIO DE TOLEDO DE PRESIDENTE PRUDENTE EM 2006.

ELA COMEÇOU PROFISSIONALMENTE NO RÁDIO. ADQUIRIU EXPERIÊNCIA EM TELEVISÃO (TRABALHOU EM AFILIADAS DA REDE GLOBO COMO PRODUTORA, EDITORA DE IMAGENS, TEXTO E COORDENADORA DE REPORTAGENS), TAMBÉM ATUOU NO JORNALISMO IMPRESSO, JORNALISMO ON-LINE E ASSESSORIA DE IMPRENSA. FOI UMA DAS COORDENADORAS DA TV FACOPP ONLINE, EMISSORA VIRTUAL DA FACULDADE (WWW.UNOESTE.BR/TVFACOPP).

DESDE ALUNA, PROFESSORA, ORIENTADORA E COORDENADORA DE CURSO, CAROLINA DESEMPENHA ALGUMAS FUNÇÕES NA FACOPP. ATUALMENTE É COORDENADORA DO PORTAL FACOPP (WWW.UNOESTE.BR/FACOPP) E ATUA COMO PROFESSORA NAS DISCIPLINAS DE COMUNICAÇÃO E NOVAS TECNOLOGIAS, JORNALISMO ONLINE I E II, EDIÇÃO E PROJETO EXPERIMENTAL. ALÉM DESSAS FUNÇÕES, TAMBÉM É MEMBRO DO COLEGIADO E COMPONENTE DO NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE DO CURSO.

FONTES: PORTAL FACOPP, CURRÍCULO LATTES E ENTREVISTA PESSOAL.

RETRANCA: ÉDIMA DE SOUZA MATTOS

PROPOSTA: RESGATAR FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DOS LABORATÓRIOS DA FACOPP QUE ESTÃO NA MEMÓRIA DOS SUPERVISORES DOS MESMOS.

ENCAMINHAMENTO: CONVERSAREMOS COM A PROFESSORA EDIMA MATTOS, A PRIMEIRA SUPERVISORA DO LABORATÓRIO GEPEC E NEXU.

ROTEIRO:

10/04/2014

EDIMA DE SOUZA MATTOS

UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA

CONTATO: E-MAIL

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- 1) QUANDO FOI CRIADO O NEXU?
- 2) DESDE A CRIAÇÃO FOI A SENHORA A SUPERVISORA?
- 3) QUANDO DEIXOU A SUPERVISÃO DO LABORATÓRIO?
- 4) COMO FUNCIONAVA O NEXU ANTES?

DADOS: COMEÇOU A DAR AULAS NA UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA (UNOESTE) DE PRESIDENTE PRUDENTE EM 1986, E NA FACULDADE DE COMUNICAÇÃO “JORNALISTA ROBERTO MARINHO” (FACOPP), MINISTRA DESDE FORMAÇÃO DA PRIMEIRA TURMA.

NO SEU CURRÍCULO ACADÊMICO ACUMULA A FORMAÇÃO DE LETRAS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, NA CIDADE DE JACAREZINHO, MAS APÓS DOIS ANOS DE ESTUDOS TRANSFERIU-SE PARA UM CAMPUS AVANÇADO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SÃO PAULO (UNESP) DE ADAMANTINA, ONDE LÁ SE FORMOU.

POSSUI GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA NA UNOESTE EM 1976 E DOUTORADO EM LETRAS PELA UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA (UNESP – CAMPUS DE ASSIS) EM 2011, ALÉM DE TER CONCLUÍDO MESTRADO EM EDUCAÇÃO NA UNOESTE EM 2000. TEM EXPERIÊNCIA NA ÁREA DE LETRAS, COM ÊNFASE EM LÍNGUA PORTUGUESA, LINGÜÍSTICA E LITERATURA.

ATUALMENTE É PROFESSORA TITULAR DA UNOESTE E ENSINA PORTUGUÊS INSTRUMENTAL PARA OS ALUNOS DA FACULDADE DE INFORMÁTICA (FIPP) DE PRESIDENTE PRUDENTE NA DISCIPLINA DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO, ALÉM DA ÁREA MEDICINA COM SAÚDE INTEGRAL DA POPULAÇÃO NEGRA.

ÉDIMA TAMBÉM MINISTRA AULAS DE LITERATURA, REDAÇÃO, LINGÜÍSTICA E METODOLOGIA DO TRABALHO E PESQUISA NA FACULDADE DE CIÊNCIAS, LETRAS E EDUCAÇÃO DE PRESIDENTE PRUDENTE (FACLEPP), E NA FACOPP ENSINA OS ALUNOS SOBRE LÍNGUA PORTUGUESA – REDAÇÃO E EXPRESSÃO ORAL. ALÉM DE

LECIONAR EM TODAS AS DISCIPLINAS DA FACULDADE, ELA TAMBÉM É RESPONSÁVEL EM CAPACITAR PROFESSORES EM METODOLOGIA.

RETRANCA: GILSON CATUSSI – EX-DIRETOR

ROSPOSTA: RESGATAR FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DA FACOPP QUE ESTÃO NA MEMÓRIA DE EX-FUNCIONÁRIOS DA FACULDADE.

ENCAMINHAMENTO: CONVERSAREMOS COM O EX-DIRETOR DA FACOPP, GILSON CATUCCI, QUE CONTARÁ COMO ERA A FACOPP DURANTE O TEMPO EM QUE TRABALHOU NA INSTITUIÇÃO.

ROTEIRO:

27/03/2014 – 19H00

GILSON CATUSSI

ENDEREÇO: RUA LUIS CARLOS PIMENTA, 78, JAD BONGIOVANE, UMA QUADRA E MEIA Á BAIXO DO SUPERMERCADO ESTRELA (PORTÃO AZUL E ÁRVORE GRANDE EM FRENTE)

CONTATO: (18) 99772-5240

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- 1) COMO ENTROU NA UNOESTE? FOI PRIMEIRO PROFESSOR OU JÁ ENTROU PARA ASSUMIR A COORDENAÇÃO?
- 2) COMO ERA A DINÂMICA DA COORDENAÇÃO QUANDO ASSUMIU?
- 3) POR QUANTO TEMPO ESTEVE A FRENTE DA COORDENAÇÃO? POR QUE SAIU? QUEM O SUCEDU?
- 4) QUAIS LABORATÓRIOS EXISTIAM QUANDO ENTROU? QUAIS EQUIPAMENTOS ERAM UTILIZADOS NELES?
- 5) QUAIS EVENTOS ERAM OFERECIDOS NA FACOPP?
- 6) O QUE FOI CRIADO OU APERFEIÇOADO NO PERÍODO EM QUE ESTEVE NA FACOPP?
- 7) COMO ERA A DINÂMICA DO CURSO QUANDO ENTROU? HAVIA TURMAS MANHÃ E NOITE, VESTIBULARES NO INÍCIO E MEIO DO ANO?
- 8) QUAL A SUA PRINCIPAL CONTRIBUIÇÃO PARA A FACOPP?
- 9) HAVIA ALGUM PROFESSOR QUE SE SOBRESSAIA EM MEIO A EQUIPE? E ALUNO?
- 10) O QUE MARCOU SUA VIDA DURANTE O PERÍODO EM QUEM ESTEVE NA FACOPP?
- 11) JÁ HAVIA ESTÁGIOS INTERNOS NO CURSO?
- 12) E ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO?
- 13) QUAIS OS PONTOS FORTES E OS PONTOS FRACOS QUE VOCÊ VIA NA FACOPP ENQUANTO ESTEVE LÁ?

DADOS: GILSON É GRADUADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA PELA ESCOLA SUPERIOR DE PROPAGANDA E MARKETING; É MESTRE EM EDUCAÇÃO PELA UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA (UNOESTE), PROFESSOR

UNIVERSITÁRIO DE GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO, GESTOR EDUCACIONAL, DIRETOR E COORDENADOR DE CURSO E CHEFE DE DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL, ALÉM DE SER CO-LÍDER DO GRUPO DE PESQUISA, PARECISTA E ORIENTADOR DE PESQUISA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E COORDENADOR DE PROJETOS EXPERIMENTAIS. É AVALIADOR DE CURSOS DE GRADUAÇÃO DO INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS – INEP/MEC- DESDE 2004. ATUA NA ÁREA DE REDAÇÃO E CRIAÇÃO PUBLICITÁRIA, MARKETING, JORNALISMO E PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO.

RETRANCA: GISELLE TOMÉ - PROFESSORA

ROSPOSTA: RESGATAR FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DA FACOPP QUE ESTÃO NA MEMÓRIA DE FUNCIONÁRIOS DA FACULDADE

ENCAMINHAMENTO: CONVERSAREMOS COM A PROFESSORA DA HABILITAÇÃO EM JORNALISMO DA UNOESTE, GISELLE TOMÉ DA SILVA, QUE COORDENA O LABORATÓRIO DE PUBLICAÇÕES JORNALÍSTICAS EMPRESARIAIS, O ECO.

ROTEIRO:

02/04/2014 – 20H30

GISELLE TOMÉ DA SILVA

UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA – SALA DOS PROFESSORES

CONTATO: PESSOAL

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- 1) QUANDO E COMO ENTROU PARA O CORPO DOCENTE DA UNOESTE E COMO FOI SUA CONTRATAÇÃO?
- 2) QUEM ERAM OS COORDENADORES DE CURSO NA ÉPOCA EM QUE PASSOU A LECIONAR AQUI?
- 3) QUAL DISCIPLINA VOCÊ LECIONA HOJE?
- 4) QUANDO E COMO FOI CRIADO O ECO, LABORATÓRIO QUE VOCÊ COORDENA?
- 5) COMO FOI CHAMADA PARA COORDENAR ESTE LABORATÓRIO?
- 6) QUAIS ATIVIDADES SÃO DESENVOLVIDAS NELE?
- 7) CONTA COM ESTAGIÁRIOS? QUANTOS?
- 8) COMO É O PROCESSO DE SELEÇÃO DOS ESTAGIÁRIOS?
- 9) QUAIS SÃO OS PROJETOS FUTUROS PARA O ECO?

DADOS: GISELLE É GRADUADA EM COMUNICAÇÃO SOCIAL PELA UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA (UNOESTE) E ESPECIALISTA EM COMUNICAÇÃO EMPRESARIAL. ATUALMENTE É PROFESSORA TITULAR DA UNOESTE E TEM EXPERIÊNCIA EM JORNALISMO IMPRESSO E NOS TEMAS DE ASSESSORIA DE IMPRENSA, JORNALISMO DE REVISTA, INSTITUCIONAL E EM EDUCOMUNICAÇÃO.

RETRANCA: HOMÉRO FERREIRA (COORDENADOR RÁDIO FACOPP)

PROPOSTA: RESGATAR FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DOS LABORATÓRIOS DA FACOPP QUE ESTÃO NA MEMÓRIA DOS SUPERVISORES DOS MESMOS.

ENCAMINHAMENTO: CONVERSAREMOS COM O SUPERVISOR E PROFESSOR DO LABORATÓRIO DE RÁDIO HOMERO FERREIRA.

ROTEIRO:

07/04/2014 – 21H30

HOMERO FERREIRA

UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA

CONTATO: PESSOAL

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- 1) PROFESSOR, COMO FOI O CONVITE PARA SUPERVISIONAR ESTE LABORATÓRIO? QUEM ERA ANTES DE VOCÊ?
- 2) QUANDO E COMO FOI CRIADO O LABORATÓRIO DE RÁDIO E ONDE ERA?
- 3) COMO ERA A ESTRUTURA? OS EQUIPAMENTOS QUE DERAM INÍCIO AOS TRABALHOS DA RÁDIO ERAM NOVOS?
- 4) QUAIS ATIVIDADES SÃO DESENVOLVIDAS NESTE LABORATÓRIO, TANTO AS QUE ENVOLVEM O JORNALISMO QUANTO A PUBLICIDADE?
- 5) QUAIS FORAM AS EVOLUÇÕES DO LABORATÓRIO?
- 6) O LABORATÓRIO DE RÁDIO TEM PARCERIA COM ALGUM OUTRO PROJETO DA UNOESTE? E COM OUTROS CURSOS DA UNOESTE, REALIZA ALGUMA ATIVIDADE OU VICE E VERSA? QUAIS?
- 7) QUAIS ATIVIDADES SÃO REALIZADAS PELOS ALUNOS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO?
- 8) PARA SE TORNAR ESTAGIÁRIO DA RÁDIO É PRECISO PASSAR POR ALGUM TIPO DE SELEÇÃO COMO ENTREVISTAS E CURRÍCULOS?
- 9) A RÁDIO JÁ PASSOU POR ALGUMA REFORMULAÇÃO? SE SIM QUAL?
- 10) QUAL É O OBJETIVO DA WRF?
- 11) E SOBRE OS ESTAGIÁRIOS? VOCÊ TEM ALGUM CONTROLE DE QUANTOS JÁ PASSARAM POR ESTE LABORATÓRIO E QUANTOS ATUAM AQUI ATUALMENTE?
- 12) TEM ALGUMA COISA QUE VOCÊ ACHE IMPORTANTE SOBRE O LABORATÓRIO DE RÁDIO QUE GOSTARIA DE ACRESCENTAR OU RESSALTAR?

DADOS: FORMADO EM DUAS FACULDADES, PRIMEIRO EM CIÊNCIAS JURÍDICAS NA INSTITUIÇÃO TOLEDO DE ENSINO (TOLEDO) DE PRESIDENTE PRUDENTE EM 1991, E DEPOIS EM COMUNICAÇÃO SOCIAL “JORNALISTA ROBERTO MARINHO” (FACOPP) PELA UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA DE PRESIDENTE PRUDENTE, HOMERO OPTOU SEGUIR CARREIRA DE JORNALISTA.

INICIOU A CARREIRA NA COMUNICAÇÃO NO FINAL DA DÉCADA DE 70 COMO RADIALISTA, ANOS DEPOIS COMEÇOU A CURSAR JORNALISMO NA FACOPP, ÉPOCA EM QUE A MAIORIA DAS PESSOAS DE SUA TURMA JÁ ATUAVAM NA ÁREA. NO ANO SEGUINTE A SUA FORMATURA, RETORNOU A FACULDADE PARA FAZER PARTE DA EQUIPE DE PROFESSORES.

SEGUNDO HOMÉRO, QUANDO ESTUDAVA A FACULDADE DE DIREITO, UM PROFESSOR DE DIREITO PENAL O INCENTIVOU A SEGUIR CARREIRA NO MINISTÉRIO PÚBLICO, PORÉM DECIDIU SEGUIR CARREIRA JORNALÍSTICA “EU NÃO TENHO ARREPENDIMENTO DISSO, JORNALISMO É A MINHA VIDA”, DIZ COM ORGULHO.

JÁ ATUOU EM VÁRIOS VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO: RÁDIO, TV, JORNAL IMPRESSO E ASSESSORIA DE IMPRENSA. POSSUI FORMAÇÃO TÉCNICA COM HABILITAÇÃO PLENA DE REDATOR AUXILIAR PELA ESCOLA ESTADUAL DE SEGUNDO GRAU MONSENHOR SARRION EM 1979 E PÓS-GRADUAÇÃO EM NÍVEL DE APERFEIÇOAMENTO EM AGRONEGÓCIO PARA PROFISSIONAIS DE COMUNICAÇÃO PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR – CURITIBA) EM 2004. OCUPOU OS CARGOS DE ASSISTENTE TÉCNICO PARLAMENTAR NA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO, ASSESSOR DE RELAÇÕES PÚBLICAS E SECRETÁRIO MUNICIPAL DE COMUNICAÇÃO DA PREFEITURA DE PRESIDENTE PRUDENTE.

ATUALMENTE É RESPONSÁVEL PELAS DISCIPLINAS DE RADIOJORNALISMO I E RADIOJORNALISMO II, E SEGUNDO O PROFESSOR “O MAIOR GANHO, FOI TER VINDO LECIONAR NA FACOPP, VOCÊ ENSINA E APRENDE E COM O DETALHE QUE QUANDO O ALUNO CHEGA ATÉ NÓS ENTÃO É UM PROCESSO DE ETERNO AMADURECIMENTO”, FINALIZA.

ALÉM DE SER PROFESSOR, HOMÉRO JÁ TOMOU FRENTE DA COBORDENAÇÃO DO CURSO E ATUALMENTE É COORDENADOR DO LABORATÓRIO DE RÁDIO E DA WRF (WEB RÁDIO FACOPP), MEMBRO DO COLEGIADO DO CURSO, ESPECIALISTA EM AVALIAÇÃO DO ENSINO E DA APRENDIZAGEM, NA UNOESTE (2013), ALÉM DE DAR AULAS PARA O CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM AGRONEGÓCIO, NA UNOESTE.

FONTE: CURRÍCULO LATTES, PORTAL FACOPP E ENTREVISTA PESSOAL
ENDEREÇO PARA ACESSAR O CURRÍCULO LATTES:
<http://lattes.cnpq.br/5377143005296604>

RETRANCA: LARISSA TRINDADE - AGÊNCIA FACOPP

PROPOSTA: RESGATAR FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DOS LABORATÓRIOS DA FACOPP QUE ESTÃO NA MEMÓRIA DOS SUPERVISORES DOS MESMOS.

ENCAMINHAMENTO: CONVERSAREMOS COM A SUPERVISORA GERAL DO LABORATÓRIO DE PUBLICIDADE AGÊNCIA FACOPP, LARISSA CREPALDI TRINDADE.

ROTEIRO:

03/04/2014 – 18H00

LARISSA CREPALDI TRINDADE

UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA

CONTATO: PESSOAL

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- 1) COMO E QUANDO FOI CRIADA A AGÊNCIA FACOPP, O LABORATÓRIO QUE VOCÊ FAZ A SUPERVISÃO GERAL?
- 2) COMO FOI CHAMADA PARA SUPERVISIONAR ESTE LABORATÓRIO? VOCÊ SE LEMBRA QUEM ERA A PESSOA QUE SUPERVISIONAVA ANTES?
- 3) QUAIS ATIVIDADES SÃO DESENVOLVIDAS NO LABORATÓRIO?
- 4) QUANTOS ESTAGIÁRIOS ESTÃO ATUALMENTE NA AGÊNCIA? TEM DADOS DE QUANTOS JÁ PASSARAM POR LÁ?
- 5) COMO É O PROCESSO DE SELEÇÃO DOS ESTAGIÁRIOS?
- 6) O LABORATÓRIO AGÊNCIA FACOPP TEM PARCERIA COM ALGUM OUTRO PROJETO?
- 7) COMO É A ESTRUTURA DO LABORATÓRIO HOJE? CONTA COM QUAIS EQUIPAMENTOS?
- 8) TEM ALGUM PONTO IMPORTANTE SOBRE O LABORATÓRIO QUE VOCÊ GOSTARIA DE ACRESCENTAR OU RESSALTAR?

DADOS: DESDE 2005, A PROFESSORA LARISSA É UM DOS MEMBROS DA EQUIPE DA FACULDADE DE COMUNICAÇÃO “JORNALISTA ROBERTO MARINHO” (FACOPP). GRADUADA EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA. GRADUADA PELA FUNDAÇÃO ARMANDO ÁLVARES PENTEADO – (FAAP) EM 1996. EM 2008 INGRESSOU NO MESTRADO EM EDUCAÇÃO NA UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA (UNOESTE) E DEFENDEU SUA DISSERTAÇÃO COM O TÍTULO: “O EDUCOMUNICADOR NO ENSINO DA LEITURA DA PUBLICIDADE TELEVISIVA”. É DOUTORA EM ESTUDOS DA LINGUAGEM PELA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA (UEL).

ATUALMENTE FAZ A SUPERVISÃO GERAL DA AGÊNCIA FACOPP E O CURSO DE PUBLICIDADE E PROPAGANDA NA FACULDADE DE

COMUNICAÇÃO SOCIAL “JORNALISTA ROBERTO MARINHO” (FACOPP) NA UNOESTE E MINISTRA AS DISCIPLINAS DE PLANEJAMENTO DE COMUNICAÇÃO E CAMPANHA I E II, ESTÁGIO SUPERVISIONADO I E II, LABORATÓRIO DE PUBLICIDADE E PROPAGANDA E PLANEJAMENTO DE COMUNICAÇÃO.

FONTE: <http://lattes.cnpq.br/9369855080016242>

RETRANCA: LARISSA CREPALDI TRINDADE PROFESSORA DOUTORA E COORDENADORA

PROPOSTA: RESGATAR FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DA FACOPP QUE ESTÃO NA MEMÓRIA DE FUNCIONÁRIOS DA FACULDADE

ENCAMINHAMENTO: CONVERSAREMOS COM A COORDENADORA DA HABILITAÇÃO DE PUBLICIDADE E PROPAGANDA DA UNOESTE QUE TAMBÉM MINISTRA AS DISCIPLINAS DE PLANEJAMENTO DE COMUNICAÇÃO E CAMPANHA I, II E III.

ROTEIRO:

13/03/2014 – 19H40

LARISSA CREPALDI TRINDADE, 39 ANOS

UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA – SALA DA COORDENAÇÃO

CONTATO: PESSOAL E POR E-MAIL (larissa@unoeste.br)

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- 1) QUANDO ENTROU PARA O CORPO DOCENTE DA UNOESTE E COMO FOI SUA CONTRATAÇÃO?
- 2) QUEM ERAM OS COORDENADORES DE CURSO NA ÉPOCA EM QUE PASSOU A LECIONAR AQUI?
- 3) COMO ERA A DINÂMICA DA COORDENAÇÃO ANTES DE SUA ENTRADA? QUEM ERA O COORDENADOR?
- 4) COMO FOI SUA ENTRADA PARA A COORDENAÇÃO?
- 5) VOCÊ SABE QUANDO E COMO SURTIU A LOGO DA FACOPP? FOI REALIZADO ALGUM CONCURSO CULTURAL?
- 6) SEMPRE FOI A MESMA LOGO?
- 7) QUAIS LABORATÓRIOS EXISTIAM QUANDO ENTROU? QUAIS EQUIPAMENTOS ERAM UTILIZADOS NELES?
- 8) QUAIS EVENTOS ERAM OFERECIDOS NA FACOPP QUANDO COMEÇOU A LECIONAR AQUI?
- 9) O QUE EVOLUIU COM RELAÇÃO A ESSES EVENTOS? QUAIS FORAM CRIADOS DEPOIS QUE VOCÊ ENTROU PARA A COORDENAÇÃO?
- 10) COMO ERA A DINÂMICA DO CURSO QUANDO ENTROU? HAVIA TURMAS MANHÃ E NOITE?
- 11) DESDE A ÉPOCA QUE COMEÇOU A TRABALHAR, QUAIS AS PRINCIPAIS MUDANÇAS NA EQUIPE?
- 12) VOCÊ TEM CONTATO COM EX-ALUNOS? ACHA QUE A MAIORIA SE ENCAIXA NO MERCADO OU NÃO?
- 13) O QUE MARCOU SUA VIDA DESDE SUA ENTRADA ATÉ HOJE?
- 14) QUAIS AS PRINCIPAIS MUDANÇAS QUE ACONTECERAM NA ESTRUTURA DA FACOPP QUE HOJE VOCÊ PODE DESCREVER?
- 15) JÁ HAVIA ESTÁGIOS INTERNOS NO CURSO QUANDO ENTROU NO CORPO DOCENTE?
- 16) PORQUE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO É OBRIGATÓRIO?

- 17) VOCÊ ACREDITA QUE OS ALUNOS EGRESSOS SAEM PREPARADOS PARA O MERCADO DE TRABALHO?
- 18) O QUE A SEPARAÇÃO DAS HABILITAÇÕES DESDE O PRIMEIRO TERMO REPRESENTA PARA A FACULDADE À SEU VER?
- 19) QUAIS OS PONTOS FORTES E OS PONTOS FRACOS QUE VOCÊ VÊ NA FACOPP?
- 20) EM SUA OPINIÃO, PORQUE O ESTUDANTE DEVE CURSAR COMUNICAÇÃO NA UNOESTE?

DADOS: LARISSA CREPALDI SE FORMOU EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA PELA FAAP NO ANO DE 1996. DURANTE E LOGO APÓS O CURO, TRABALHOU EM ALGUMAS AGÊNCIAS E EM UM INSTITUTO DE PESQUISA DE MERCADO. FOI EMPRESÁRIA POR SETE ANOS NO SEGMENTO DE UNIFORMES PROFISSIONAIS EM PRESIDENTE PRUDENTE. A EMPRESA FABRICAVA E VENDIA UNIFORMES EM VÁRIOS ESTADOS DO BRASIL. ELA DESENVOLVIA A ÁREA DE VENDAS E MARKETING DA EMPRESA QUANDO FOI CHAMADA PARA FAZER UMA ENTREVISTA NA UNOESTE. ELA, QUE SEMPRE QUIS A CARREIRA ACADÊMICA, NÃO PENSOU DUAS VEZES E DEIXOU A EMPRESA PARA SEGUIR ESSA NOVA OPORTUNIDADE.

ENTROU NA UNOESTE EM 2005 COMO PROFESSORA DE PLANEJAMENTO DE CAMPANHA E NO SEGUNDO SEMESTRE DE 2008 ASSUMIU A COORDENAÇÃO AO LADO DO PROFESSOR HOMERO FERREIRA, PASSANDO, LOGO EM SEGUIDA A COORDENAR APENAS O CURSO DE PUBLICIDADE JUNTAMENTE COM O PROF. DR. MUNIR JORGE FELÍCIO E COM A PROFA. MS CAROLINA COSTA MANCUZO. DESDE 2012, QUANDO A DINÂMICA DA COORDENAÇÃO SOFREU ALTERAÇÕES, LARISSA ASSUMIU A COORDENAÇÃO TOTAL JUNTAMENTE COM A PROFA. CAROLINA.

RETRANCA: LÊDA MÁRCIA LITHOLDO – PROFESSORA

ROSPOSTA: RESGATAR FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DA FACOPP QUE ESTÃO NA MEMÓRIA DE FUNCIONÁRIOS DA FACULDADE.

ENCAMINHAMENTO: CONVERSAREMOS COM A PROFESSORA LÊDA MÁRCIA, QUE É FORMADA PELA FACOPP E HOJE ATUA COMO PROFESSORA NA FACOPP.

ROTEIRO:

19/03/2014 – 20H00

LÊDA MÁRCIA LITHOLDO

UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA – SALA DE AULA

CONTATO PESSOAL

- 1) DESDE A FUNDAÇÃO DA FACOPP, AS MUDANÇAS FORAM MUITAS?
- 2) QUANDO ERA ALUNA, QUAIS EVENTOS ACONTECIAM?
- 3) TEVE ALGUM ABAIXO-ASSINADO NO DECORRER DO CURSO?
- 4) QUAL SUA MAIOR CONTRIBUIÇÃO PARA A FACOPP?
- 5) FAZIA PARTE DA GRADE AS AULAS DE TEATRO?
- 6) O QUE MARCOU SUA VIDA DESDE A SUA ENTRADA NA UNIVERSIDADE ATÉ HOJE?
- 7) QUAIS AS PRINCIPAIS MUDANÇAS QUE ACONTECERAM NA FACOPP QUE VOCÊ PODE DESCREVER?
- 8) JÁ HAVIA ESTÁGIO NO CURSO QUANDO ENTROU NO CORPO DOCENTE?
- 9) VOCÊ ACREDITA QUE OS ALUNOS EGRESSOS SAEM PREPARADOS PARA O MERCADO DE TRABALHO?
- 10) O QUE ACHA DA SEPARAÇÃO DAS HABILITAÇÕES DO PRIMEIRO TERMO REPRESENTA PARA A FACOPP?
- 11) OS PONTOS FORTES E PONTOS FRACOS DA FACOPP?

DADOS: LÊDA MÁRCIA POSSUI GRADUAÇÃO NA FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL “JORNALISTA ROBERTO MARINHO” NA UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA (UNOESTE) NO ANO DE 2000, TAMBÉM É GRADUADA EM DIREITO PELA INSTITUIÇÃO TOLEDO DE ENSINO (TOLEDO) DE PRESIDENTE PRUDENTE EM 1978. TEM ESPECIALIZAÇÃO EM LETRAS E EDUCAÇÃO, LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS PELA UNOESTE EM 2000, E MESTRADO EM EDUCAÇÃO PELA UNOESTE EM 2004.

TEM EXPERIÊNCIA NA ÁREA DE COMUNICAÇÃO E PASSOU POR DIVERSAS ÁREAS COMO RÁDIO, ASSESSORIA DE IMPRENSA, REVISTA E JORNALISMO ONLINE. TRABALHOU EM LUGARES COMO A REVISTA POLY, RÁDIO DIÁRIO, RÁDIO GLOBO E NO PRIMEIRO JORNAL ONLINE DO INTERIOR DE SÃO PAULO, A AGÊNCIA INTERIOR. PASSOU TAMBÉM PELA ASSESSORIA DA PREFEITURA MUNICIPAL DE PRESIDENTE PRUDENTE.

NA PROFISSÃO DE JORNALISTA ATUA NA ÁREA HÁ 34 ANOS E HÁ 13 ANOS COMO PROFESSORA DA FACOPP, ONDE MINISTRA AULAS DE COMUNICAÇÃO COMPARADA, PROJETO EXPERIMENTAL, ÉTICA PROFISSIONAL E TEORIA DA COMUNICAÇÃO I E II.

RETRANCA: MARCELA REGINA - PROFESSORA

ROSPOSTA: RESGATAR FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DA FACOPP QUE ESTÃO NA MEMÓRIA DE FUNCIONÁRIOS DA FACULDADE

ENCAMINHAMENTO: CONVERSAREMOS COM A PROFESSORA DA HABILITAÇÃO EM PUBLICIDADE DE PROPAGANDA DA UNOESTE, MARCELA REGINA, QUE JÁ FOI COORDENADORA DO MESMO CURSO.

ROTEIRO:

25/03/2014 – 17H30

MARCELA REGINA GUERRER BÁRRIOS MARINO

UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA – SALA DOS PROFESSORES

CONTATO: PESSOAL

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- 1) QUANDO E COMO ENTROU PARA O CORPO DOCENTE DA UNOESTE E COMO FOI SUA CONTRATAÇÃO?
- 2) QUEM ERAM OS COORDENADORES DE CURSO NA ÉPOCA EM QUE PASSOU A LECIONAR AQUI?
- 3) COMO ERA A DINÂMICA DA COORDENAÇÃO ANTES DE SUA ENTRADA? QUEM ERA(M) O(S) COORDENADOR (ES)?
- 4) COMO FOI SUA ENTRADA PARA A COORDENAÇÃO? POR QUE A DEIXOU O CARGO? QUE FOI O SUCESSOR?
- 5) QUAL DISCIPLINA VOCÊ LECIONA HOJE E QUAIS PROJETOS VOCÊ COORDENA?
- 6) QUAIS LABORATÓRIOS EXISTIAM QUANDO ENTROU? QUAIS EQUIPAMENTOS ERAM UTILIZADOS NELES?
- 7) QUAIS EVENTOS ERAM OFERECIDOS NA FACOPP QUANDO COMEÇOU A LECIONAR AQUI?
- 8) O QUE EVOLUIU COM RELAÇÃO A ESSES EVENTOS? QUAIS FORAM CRIADOS DEPOIS QUE VOCÊ ENTROU PARA A COORDENAÇÃO?
- 9) COMO ERA A DINÂMICA DO CURSO QUANDO ENTROU? HAVIA TURMAS MANHÃ E NOITE, VESTIBULARES NO INÍCIO E MEIO DO ANO?
- 10) DESDE A ÉPOCA QUE COMEÇOU A TRABALHAR, QUAIS AS PRINCIPAIS MUDANÇAS NA EQUIPE?
- 11) QUAL A SUA PRINCIPAL CONTRIBUIÇÃO PARA A FACOPP?
- 12) O QUE MARCOU SUA VIDA DESDE SUA ENTRADA ATÉ HOJE?
- 13) QUAIS AS PRINCIPAIS MUDANÇAS QUE ACONTECERAM NA ESTRUTURA DA FACOPP QUE HOJE VOCÊ PODE DESCREVER?
- 14) JÁ HAVIA ESTÁGIOS INTERNOS NO CURSO QUANDO ENTROU NO CORPO DOCENTE?
- 15) VOCÊ ACREDITA QUE OS ALUNOS EGRESSOS SAEM PREPARADOS PARA O MERCADO DE TRABALHO?
- 16) O QUE A SEPARAÇÃO DAS HABILITAÇÕES DESDE O PRIMEIRO TERMO REPRESENTA PARA A FACULDADE A SEU VER?

17)QUAIS OS PONTOS FORTES E OS PONTOS FRACOS QUE VOCÊ VÊ NA FACOPP?

DADOS: MARCELA GRADUOU-SE EM COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA PELA FUNDAÇÃO CÁSPER LÍBERO EM 1998. TEM ESPECIALIZAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO DE NEGÓCIOS E MARKETING PELO INBRAPE EM É MESTRE EM EDUCAÇÃO PELA UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA. ATUALMENTE, É PROFESSORA NA UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA E É PROPRIETÁRIA DA AGÊNCIA DE PUBLICIDADE MARCA X, ONDE DESENVOLVE OS TRABALHOS DE CONSULTORIA EM MARKETING E PUBLICIDADE E PROPAGANDA.

RETRANCA: MARIA LUISA HOFFMANN - PROFESSORA

ROSPOSTA: RESGATAR FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DA FACOPP QUE ESTÃO NA MEMÓRIA DE FUNCIONÁRIOS DA FACULDADE

ENCAMINHAMENTO: CONVERSAREMOS COM A PROFESSORA RESPONSÁVEL PELO LABORATÓRIO DE FOTOGRAFIA DA FACOPP, E QUE TAMBÉM LECIONA AS DISCIPLINAS DE INTRODUÇÃO À FOTOGRAFIA E METODOLOGIA DE PESQUISA.

ROTEIRO:

24/03/2014 – 21H30

MARIA LUIZA HOFMANN

UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA – SALA DE AULA

CONTATO: PESSOAL

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- 1) QUANDO E COMO ENTROU PARA O CORPO DOCENTE DA UNOESTE E COMO FOI SUA CONTRATAÇÃO?
- 2) QUEM ERAM OS COORDENADORES DE CURSO NA ÉPOCA EM QUE PASSOU A LECIONAR AQUI?
- 3) QUAIS PROJETOS VOCÊ DESENVOLVE OU COORDENA NA FACOPP ATUALMENTE? COMO ELES SÃO DESENVOLVIDOS?
- 4) DESDE QUANDO PASSOU A LECIONAR AQUI, QUAIS AS PRINCIPAIS MUDANÇAS NA EXTRUTURA DA FACOPP QUE VOCÊ PODE DESCREVER?
- 5) QUAL A SUA PRINCIPAL CONTRIBUIÇÃO PARA A FACOPP?
- 6) O QUE MARCOU SUA VIDA DESDE SUA ENTRADA ATÉ HOJE?
- 7) VOCÊ ACREDITA QUE OS ALUNOS EGRESSOS SAEM PREPARADOS PARA O MERCADO DE TRABALHO?
- 8) O QUE A SEPARAÇÃO DAS HABILITAÇÕES DESDE O PRIMEIRO TERMO REPRESENTA PARA A FACULDADE À SEU VER?
- 9) QUAIS OS PONTOS FORTES E OS PONTOS FRACOS QUE VOCÊ VÊ NA FACOPP?

DADOS: MARIA LUISA É GRADUADA EM COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO PELA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA (UEL) E MESTRE EM COMUNICAÇÃO PELA MESMA INSTITUIÇÃO. ATUALMENTE É DOUTORANDA EM COMUNICAÇÃO NA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO E PESQUISADORA DO NUCLEO DE ESTUDOS DE IMAGEM E MEMÓRIA DO LABORATÓRIO DE ESTUDOS SOBRE ETNICIDADE, RACISMO E DESCRIMINAÇÃO (NEIIM-LEER/USP), ALÉM DE FAZER PARTE DA COMISSÃO EDITORIAL DA REVISTA DISCURSOS FOTOGRÁFICOS.

RETRANCA: MARIÂNGELA BARBOSA FAZANO AMENDOLA

PROPOSTA: RESGATAR FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DOS LABORATÓRIOS DA FACOPP QUE ESTÃO NA MEMÓRIA DOS SUPERVISORES DOS MESMOS.

ENCAMINHAMENTO: CONVERSAREMOS COM A PROFESSORA E SUPERVISORA DO LABORATÓRIO GEPEC E NEXU.

ROTEIRO:

07/04/2014 – 18H00

MARIÂNGELA FAZANO

UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA

CONTATO: PESSOAL

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- 1) VOCÊ ESTÁ À FRENTE DO GEPEC HÁ QUANTO TEMPO? E COMO FOI O CONVITE PARA SUPERVISIONAR ESTE LABORATÓRIO?
- 2) QUANDO E COMO FOI CRIADO O LABORATÓRIO GEPEC?
- 3) O QUE É O GEPEC?
- 4) ONDE É REALIZADA AS ATIVIDADES DESTE LABORATÓRIO?
- 5) QUAIS FORAM AS EVOLUÇÕES DO LABORATÓRIO?
- 6) PORQUE ELE É CADASTRADO NO CNPQ (CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO) COM A NOMENCLATURA COMUNICAÇÃO E CULTURA E NÃO COMO GEPEC MESMO?
- 7) O GEPEC É UM LABORATÓRIO SÓ DE PESQUISADORES OU NELE TEM ESTAGIÁRIOS, OU O PRÓPRIO OS PESQUISADORES SÃO CONSIDERADOS OS ESTAGIÁRIOS? E QUANTOS PESQUISADORES ATUAM ATUALMENTE ENTRE PROFESSORES E ALUNOS?
- 8) QUAL É O PONTO DE PARTIDA DA PESQUISA? COMO ELA É FEITA?
- 9) TEM BASTANTE PROCURA, INTERESSE DOS ALUNOS A PRÁTICA DA PESQUISA NA INICIAÇÃO CIENTÍFICA?
- 10) O LABORATÓRIO GEPEC ESTÁ LIGADO A ALGUM OUTRO PROJETO DA FACOPP OU MESMO DA UNOESTE?
- 11) A REVISTA IDENTIDADE ONLINE CONTINUA FAZENDO PUBLICAÇÕES? COM QUE FREQUÊNCIA?
- 12) VOCÊ TEM ALGUM PLANO FUTURO PARA O GEPEC? E PRETENDE TAMBÉM CONTINUAR SUPERVISORA DO GEPEC?
- 13) O NEXU FOI CRIADO NO ANO DE 2001. SEMPRE FOI VOCÊ A SUPERVISORA? COMO FOI O CONVITE PARA SUPERVISIONAR ESTE LABORATÓRIO?

- 14) COMO FOI CRIADO O NEXU?
- 15) O QUE É O NEXU?
- 16) QUAIS SÃO AS ATIVIDADES EXTENSIVAS DA FACOPP QUE O NEXU FAZ PARTE?
- 17) QUANTOS ESTAGIÁRIOS JÁ PASSARAM PELO NEXU E QUANTOS ATUAM ATUALMENTE?
- 18) VOCÊ TEM ALGUM PLANO FUTURO PARA O NEXU?

DADOS: FORMADA EM LETRAS PELA UNESP/ASSIS EM 1998 E PÓS-GRADUADA NO MESTRADO EM COMUNICAÇÃO PELA UNESP/BAURU EM 2003, MARIÂNGELA TAMBÉM CONCLUIU SUA ESPECIALIZAÇÃO EM PUBLICIDADE, PROPAGANDA E MERCADO (PPMERCADO) NA ECA/USP EM 2012.

É ORIENTADORA DE TRABALHOS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA NA LINHA DE PESQUISA E LINGUAGEM PUBLICITÁRIA, CUJA ÁREA DE CONCENTRAÇÃO É COMUNICAÇÃO E CULTURA. NO CURSO DE ARTES VISUAIS E METODOLOGIA E TÉCNICAS DE PESQUISA LECIONA DISCIPLINA DE SEMIÓTICA NO NO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO. PARTICIPA COMO PESQUISADORA DOS GRUPOS DE ESTUDOS SECOMLIN (SEMIÓTICA, COMUNICAÇÃO E LINGUAGENS), AESS (ALTOS ESTUDOS EM SEMIÓTICA) E GEPEC (GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM COMUNICAÇÃO), DO QUAL É LÍDER.

MARIÂNGELA TAMBÉM É MEMBRO TITULAR DO COMITÊ DE ÉTICA NA PESQUISA (CEP), SEDIADO NA UNOESTE E SUPERVISORA DO NÚCLEO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA (NEXU); GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM COMUNICAÇÃO (GEPEC), DA FACOPP.

COM 12 ANOS TRANSMITINDO CONHECIMENTO PARA OS ALUNOS DA FACOPP, A PROFESSORA MARIÂNEGELA MINISTRA AS DISCIPLINAS DE SEMIÓTICA I E II, REDAÇÃO PUBLICITÁRIA I, II E III, INTRODUÇÃO A PROJETOS EXPERIMENTAIS E LÍNGUA PORTUGUESA IV, TEM EXPERIÊNCIA NAS ÁREAS DE ESTUDOS DA LINGUAGEM E SEMIÓTICA, ATUANDO PRINCIPALMENTE EM REDAÇÃO PUBLICITÁRIA, LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS, LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO, SEMIÓTICA E PERCEPÇÃO.

ATUALMENTE COORDENA OS CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO DA FACOPP EM ARQUITETURA DE INTERIORES, PROCESSOS CRIATIVOS NA PUBLICIDADE, MARKETING POLÍTICO E DESIGN GRÁFICO E COORDENA O NÚCLEO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA (NEXU).

FONTES: CURRÍCULO LATTES E PORTAL FACOPP

ENDEREÇO PARA ACESSAR O CURRÍCULO
LATTES: <http://lattes.cnpq.br/2352381579196535>

RETRANCA: MARIÂNGELA FAZANO - PROFESSORA MESTRE

PROPOSTA: RESGATAR FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DA FACOPP QUE ESTÃO NA MEMÓRIA DE FUNCIONÁRIOS DA FACULDADE

ENCAMINHAMENTO: CONVERSAREMOS COM PROFESSORA MESTRE DA HABILITAÇÃO DE PUBLICIDADE E PROPAGANDA DA UNOESTE QUE TAMBÉM MINISTRA AS DISCIPLINAS DE SEMIÓTICA II E II, SEMIÓTICA I E II, REDAÇÃO PUBLICITÁRIA I, II E III, INTRODUÇÃO A PROJETOS EXPERIMENTAIS E LÍNGUA PORTUGUESA IV, ALÉM DE SUPERVISIONAR OS LABORATÓRIOS DO NEXU E GEPEC.

ROTEIRO:

20/03/2014 – 17H30

MARIÂNGELA BARBOSA FAZANO AMENDOLA PAULISTA

CONTATO: PESSOAL

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- 1) QUANDO ENTROU PARA O CORPO DOCENTE DA UNOESTE E COMO FOI SUA CONTRATAÇÃO?
- 2) QUEM ERAM OS COORDENADORES DE CURSO NA ÉPOCA EM QUE PASSOU A LECIONAR AQUI?
- 3) QUAIS FORAM AS MUDANÇAS NA COORDENAÇÃO DESDE QUE ENTROU ATÉ HOJE?
- 4) QUAIS LABORATÓRIOS EXISTIAM QUANDO ENTROU? QUAIS EQUIPAMENTOS ERAM UTILIZADOS NELES?
- 5) COMO FOI SUA ENTRADA PARA A COORDENAÇÃO DOS LABORATÓRIOS DO NEXU E GEPEC?
- 6) O QUE EVOLUIU COM RELAÇÃO AOS LABORATÓRIOS? QUAIS FORAM CRIADOS DEPOIS QUE VOCÊ ENTROU PARA O CORPO DOCENTE?
- 7) QUAIS EVENTOS ERAM OFERECIDOS NA FACOPP QUANDO COMEÇOU A LECIONAR AQUI?
- 8) COMO ERA A DINÂMICA DO CURSO QUANDO ENTROU? HAVIA TURMAS MANHÃ E NOITE?
- 9) VOCÊ TEM CONTATO COM EX-ALUNOS? ACHA QUE A MAIORIA SE ENCAIXA NO MERCADO OU NÃO?
- 10) O QUE MARCOU SUA VIDA DESDE SUA ENTRADA ATÉ HOJE?
- 11) QUAIS AS PRINCIPAIS MUDANÇAS QUE ACONTECERAM NA ESTRUTURA DA FACOPP QUE HOJE VOCÊ PODE DESCREVER?
- 12) JÁ HAVIA ESTÁGIOS INTERNOS NO CURSO QUANDO ENTROU NO CORPO DOCENTE?
- 13) O QUE A SEPARAÇÃO DAS HABILITAÇÕES DESDE O PRIMEIRO TERMO REPRESENTA PARA A FACULDADE À SEU VER?
- 14) QUAIS OS PONTOS FORTES E OS PONTOS FRACOS QUE VOCÊ VÊ NA FACOPP?

DADOS: MARIANGÊLA FAZANO É GRADUADA EM LETRAS PELA UNESP/ASSIS (1998) E PÓS-GRADUADA NO MESTRADO EM COMUNICAÇÃO PELA UNESP/BAURU (2003) E TEM ESPECIALIZAÇÃO EM PUBLICIDADE, PROPAGANDA E MERCADO (PPMERCADO) NA ECA/USP(2012). É PROFESSORA TITULAR DA UNOESTE (UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA) EM PRESIDENTE PRUDENTE-SP. TEM EXPERIÊNCIA NAS ÁREAS DE ESTUDOS DA LINGUAGEM E SEMIÓTICA, ATUANDO PRINCIPALMENTE NOS TEMAS DE REDAÇÃO PUBLICITÁRIA, LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS, LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO, SEMIÓTICA E PERCEPÇÃO. ORIENTA TRABALHOS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA NA LINHA DE PESQUISA; LINGUAGEM PUBLICITÁRIA, CUJA ÁREA DE CONCENTRAÇÃO É COMUNICAÇÃO E CULTURA. MINISTRA AS DISCIPLINAS SEMIÓTICA I E II, REDAÇÃO PUBLICITÁRIA I, II E III, INTRODUÇÃO A PROJETOS EXPERIMENTAIS E LÍNGUA PORTUGUESA IV, NO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL; A DISCIPLINA SEMIÓTICA NO CURSO DE ARTES VISUAIS E METODOLOGIA E TÉCNICAS DE PESQUISA NO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO. PARTICIPA COMO PESQUISADORA DOS GRUPOS DE ESTUDOS SECOMLIN (SEMIÓTICA, COMUNICAÇÃO E LINGUAGENS), AESS (ALTOS ESTUDOS EM SEMIÓTICA) E GEPEC (GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM COMUNICAÇÃO), DO QUAL É LÍDER. MEMBRO TITULAR DO COMITÊ DE ÉTICA NA PESQUISA (CEP), SEDIADO NA UNOESTE. SUPERVISORA DO NÚCLEO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA (NEXU) E DO GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM COMUNICAÇÃO (GEPEC), DA FACOPP (FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DE PRESIDENTE PRUDENTE) UNOESTE. ATUALMENTE COORDENA OS CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO DA FACOPP EM ARQUITETURA DE INTERIORES, PROCESSOS CRIATIVOS NA PUBLICIDADE, MARKETING POLÍTICO E DESIGN GRÁFICO.

RETRANCA: MUNIR JORGE FELÍCIO – PROFESSOR E EX-COORDENADOR

ROSPOSTA: RESGATAR FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DA FACOPP QUE ESTÃO NA MEMÓRIA DE FUNCIONÁRIOS DA FACULDADE.

ENCAMINHAMENTO: CONVERSAREMOS COM O EX-DIRETOR DA HABILITAÇÃO DE JORNALISMO, MUNIR JORGE FELÍCIO, QUE CONTARÁ SUA EXPERIÊNCIA ENQUANTO ESTEVE A FRENTE DA DIREÇÃO.

ROTEIRO:

22/04/2014 – 21H00

MUNIR JORGE FELÍCIO

UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISA- SALA DE AULA

CONTATO: PESSOAL

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- 1) O QUE O SR. FAZ ATUALMENTE?
- 2) COMO COMEÇOU A CARREIRA PROFISSIONAL?
- 3) PRIMEIRO O SENHOR ENTROU NA UNOESTE COMO PROFESSOR E COMO PASSOU A ASSUMIR A COORDENAÇÃO?
- 4) QUAL O MOTIVO DO DESLIGAMENTO DA COORDENAÇÃO?
- 5) FOI A PARTIR DESTE MOMENTO QUE DEIXOU DE EXISTIR A NOMENCLATURA DE DIRETOR?
- 6) QUAIS OS LABORATÓRIOS QUE EXISTIAM QUANDO O SENHOR ENTROU, E QUAIS ERAM OS EQUIPAMENTOS?
- 7) QUAIS EVENTOS ERAM OFERECIDOS NA FACOPP QUANDO O SENHOR ENTROU?
- 8) COMO FOI SUA PARTICIPAÇÃO NO CINE FÓRUM?
- 9) O QUE FOI CRIADO OU APERFEIÇOADO NO PERÍODO EM QUE ENTROU ATÉ HOJE?
- 10) COMO ERA A DINÂMICA DO CURSO? HAVIA TURMAS DE MANHÃ E NOITE? E VESTIBULARES?
- 11) A TURMA DA NOITE DE ALGUMA MANEIRA É PREJUDICADA?
- 12) QUAL SUA PRINCIPAL CONTRIBUIÇÃO PARA A FACOPP?
- 13) NA SUA GESTÃO, ALGUM PROFESSOR SE SOBRESSAIU?
- 14) COMO PROFESSOR, ALGUM ALUNO SE SOBRESSAIU?
- 15) O QUE MAIS O MARCOU DESDE O PERÍODO EM QUE ESTEVE A FRENTE DA FACULDADE ATÉ HOJE?
- 16) QUAIS OS PONTOS FORTES E FRACOS DA FACOPP?

DADOS: MUNIR POSSUI GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA PELA FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO EM 1983. É FORMADO

EM FILOSOFIA PELA UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO EM 1997 E GRADUADO EM DIREITO PELA UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA (UNOESTE) EM 2003.

TAMBÉM CONCLUIU MESTRADO EM EDUCAÇÃO PELA UNOESTE EM 2002 E O DOUTORADO EM GEOGRAFIA PELA UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO EM 2011.

ATUALMENTE MINISTRA AULAS NA FACOPP, NA QUAL É RESPONSÁVEL PELA DISCIPLINA DE FILOSOFIA APLICADA, ALÉM DE SER DOCENTE NO MESTRADO EM MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO REGIONAL DA UNOESTE.

RETRANCA: PAULO BONI

PROPOSTA: RESGATAR FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DA FACOPP QUE ESTÃO NA MEMÓRIA DO EX PROFESSOR.

ENCAMINHAMENTO: CONVERSAREMOS PAULO CÉSAR BONI, QUE NO COMEÇO DA FACOPP FOI PROFESSOR NO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA FACULDADE.

ROTEIRO:

15/05/2014 – 22H00

PAULO CÉSAR BONI

CONTATO: PESSOAL

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- 1) COMO ACONTECEU SUA ENTRADA NA FACOPP?
- 2) O QUE MELHOROU EM RELAÇÃO À ESTRUTURA?
- 3) TEM ALGUMA HISTÓRIA QUE ACONTECEU QUE O SENHOR LEMBRA, QUE MARCOU SUA VIDA ACADÊMICA?
- 4) EM RELAÇÃO AO CARLOS VICCHIATI, HOVE ALGUMA HISTÓRIA NAQUELA ÉPOCA QUE ENVOLVEU ELE?

DADOS: PAULO BONI É GRADUADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO EM JORNALISMO PELA UEL (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA), ESPECIALISTA EM METODOLOGIA DO ENSINO SUPERIOR UEL E NO ENSINO DE JORNALISMO, PELA PUC - RS (PONTIFÍCA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL), MESTRE EM COMUNICAÇÃO SOCIAL PELO INSTITUTO METODISTA SUPERIOR DE SÃO BERNARDO DO CAMPO, DOUTOR EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO PELA USP (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO).

PAULO BONI ENTROU NA UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA QUANDO O CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL “JORNALISTA ROBERTO MARINHO” TINHA SUAS INSTALAÇÕES NO CAMPUS I, FOI UM DOS PROFESSORES QUE AJUDOU A DAR DICAS DE COMO MONTAR AS GRADES DAS AULAS PARA OS ALUNOS, JUNTAMENTE COM OUTROS PROFESSORES DE LONDRINA.

RETRANCA: PAULO HENRIQUE DE BARROS MIGUEL - PROFESSOR

PROPOSTA: RESGATAR FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DA FACOPP QUE ESTÃO NA MEMÓRIA DE FUNCIONÁRIOS DA FACULDADE

ENCAMINHAMENTO: CONVERSAREMOS COM O PROFESSOR DE FOTOGRAFIA PAULO MIGUEL, QUE ATUA NA FACOPP DESDE A PRIMEIRA TURMA DE COMUNICAÇÃO.

ROTEIRO:

13/03/2014 – 17H30

PAULO MIGUEL

AV DA SAUDADE, PARQUE EMPRESARIAL (ESTUDIO DO PROFESSOR)

FONE: (18) 99773-2673

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- 1) COMO FOI SUA CONTRATAÇÃO NA UNOESTE?
- 2) QUEM ERAM OS COORDENADORES DE CURSO NA SUA ÉPOCA EM QUE LECIONOU PARA A PRIMEIRA TURMA?
- 3) QUAIS LABORATÓRIOS EXISTIAM EM SUA ÉPOCA? QUAIS EQUIPAMENTOS ERAM UTILIZADOS NELES?
- 4) FALE SOBRE A CRIAÇÃO E EVOLUÇÃO DO LABORATÓRIO DE FOTOGRAFIA DESDE QUE VOCÊ COMEÇOU NA FACULDADE.
- 5) QUANDO VOCÊ COMEÇOU A DAR AULAS ERA NO CAMPUS I?
- 6) COMO ERA A ESTRUTURA NA ÉPOCA?
- 7) COMO FOI A MUDANÇA PARA O CAMPUS II?
- 8) SEMPRE HOUVE BOA PROCURA DOS ALUNOS PARA O CURSO DE COMUNICAÇÃO?
- 9) COMO A FACULDADE PASSOU A GANHAR NOME E RESPEITO?
- 10) DESDE A ÉPOCA QUE COMEÇOU A TRABALHAR, QUAIS AS PRINCIPAIS MUDANÇAS NA EQUIPE?
- 11) VOCÊ TEM CONTATO COM EX-ALUNOS? ACHA QUE A MAIORIA SE ENCAIXA NO MERCADO OU NÃO?
- 12) QUAIS AS PRINCIPAIS MUDANÇAS QUE ACONTECERAM NA ESTRUTURA DA FACOPP QUE HOJE VOCÊ PODE DESCREVER?
- 13) JÁ HAVIA ESTÁGIOS INTERNOS NO CURSO QUANDO O SR. ENTROU NO CORPO DOCENTE?
- 14) E O ESTÁGIO SUPERVISIONADO, O SR. LEMBRA QUANDO ELE COMEÇOU A SER OBRIGATÓRIO?
- 15) QUE TIPO DE EVENTOS ERAM OFERECIDOS NA FACULDADE?
- 16) QUAIS OS PONTOS FORTES E OS PONTOS FRACOS QUE VOCÊ VÊ NA FACOPP.
- 17) O QUE MARCOU SUA VIDA QUE O MARCOU DESDE SUA ENTRADA AQUI ATÉ HOJE?

DADOS: SEGUNDO DADOS DO CURRÍCULO LATTES, PAULO MIGUEL POSSUI GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL PELA UNIVERSIDADE PAULISTA (1983) E MESTRADO EM EDUCAÇÃO PELA UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA (2004). ATUALMENTE, É PROFESSOR TITULAR DA UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA, FOTÓGRAFO - ESTUDIO TRIZ E PROFESSOR HORISTA DA FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DO MUNICÍPIO DE ASSIS. TEM EXPERIÊNCIA NA ÁREA DE COMUNICAÇÃO, COM ÊNFASE EM FOTOGRAFIA, ATUANDO PRINCIPALMENTE NOS SEGUINTE TEMAS: FOTOGRAFIA, FOTORREPORTAGEM, COMUNICAÇÃO, FOTOJORNALISMO E EDUCAÇÃO.

RETRANCA: ROBERTO MANCUZO - ASSIM

PROPOSTA: RESGATAR FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DOS LABORATÓRIOS DA FACOPP QUE ESTÃO NA MEMÓRIA DOS SUPERVISORES DOS MESMOS.

ENCAMINHAMENTO: CONVERSAREMOS COM O SUPERVISOR DO LABORATÓRIO DE ASSESSORIA DE IMPRENSA (ASSIM), ROBERTO APARECIDO MANCUZO.

ROTEIRO:

09/04/2014 – 11H00

ROBERTO APARECIDO MANCUZO

UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA

CONTATO: PESSOAL

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- 1) QUANDO E COMO FOI CRIADA A ASSESSORIA DE IMPRENSA?
- 2) VOCÊ ASSUMIU O LABORATÓRIO DESDE A CRIAÇÃO? COMO FOI O CONVITE PRA ESSA SUPERVISÃO?
- 3) QUAL É O OBJETIVO DA ASSESSORIA DE IMPRENSA?
- 4) QUANTOS ESTAGIÁRIOS JÁ PASSARAM PELA ASSIM? QUANTOS ATUAM NESTE LABORATÓRIO ATUALMENTE?
- 5) A ASSIM TEM PARCERIA COM ALGUM OUTRO PROJETO DA FACOPP? E COM OUTROS CURSOS REALIZA ALGUMA ATIVIDADE?
- 6) COMO É O PROCESSO DE SELEÇÃO DOS ESTAGIÁRIOS?
- 7) O LABORATÓRIO ELE REALIZA ALGUM TRABALHO EXTERNO A UNOESTE?
- 8) QUAIS SÃO AS AÇÕES DE PESQUISA E EXTENSÃO QUE A ASSIM ESTÁ RELACIONADA?
- 9) HOJE SÃO VÁRIAS AS PLATAFORMAS NAS QUAIS PODEM SER DIVULGADAS INFORMAÇÕES, A ASSIM TAMBÉM TRABALHA ESSE ASPECTO COM OS ESTAGIÁRIOS? COMO É O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO DA NOTÍCIA PRA CADA PLATAFORMA?
- 10) QUAIS FORAM AS EVOLUÇÕES DO LABORATÓRIO DESDE A CRIAÇÃO?
- 11) QUAL A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DA ASSIM PARA A IMAGEM EMPRESARIAL DA FACOPP E TAMBÉM A IMPORTÂNCIA ACADÊMICA DA ASSIM PARA A FACOPP?
- 12) VOCÊ, COMO SUPERVISOR DA ASSIM, TEM ALGUM PROJETO FUTURO PARA O LABORATÓRIO?
- 13) QUAL SUA PRINCIPAL CONTRIBUIÇÃO PARA A FACOPP?

- 14) O QUE MARCOU SUA VIDA DURANTE O PERÍODO EM QUE ESTEVE AQUI NA FACOPP E QUE AINDA ESTÁ?
- 15) QUAIS OS PONTOS FORTES E OS PONTOS FRACOS QUE VOCÊ VÊ NA FACOPP?

DADOS: NO ANO DE 2006 MANCUZO ACEITOU PARTICIPAR DO CORPO DOCENTE DA FACULDADE DE COMUNICAÇÃO “JORNALISTA ROBERTO MARINHO” (FACOPP), ONDE PERMANECE ATÉ HOJE LECIONANDO AULAS DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO I E II, INTRODUÇÃO AO JORNALISMO, JORNALISMO EMPRESARIAL, LÍNGUA PORTUGUESA – REDAÇÃO E EXPRESSÃO ORAL V E VI E PROJETO EXPERIMENTAL.

O JORNALISTA É FORMADO PELA UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO (UNESP) EM 1996, CAMPUS DE BAURU, POSSUI ESPECIALIZAÇÃO EM COMUNICAÇÃO EMPRESARIAL PELA PUC (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA) DE CURITIBA (PR). TAMBÉM É MESTRE EM COMUNICAÇÃO PELA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA (UEL).

ATUALMENTE MANCUZO FAZ DOUTORADO NA UNESP DE PRESIDENTE PRUDENTE NO PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA DE PRESIDENTE PRUDENTE (SP).

DESENVOLVE ESTUDOS PRÁTICOS E TEÓRICOS NAS ÁREAS DE COMUNICAÇÃO E JORNALISMO, COM ÊNFASE EM TELEJORNALISMO, JORNAL IMPRESSO, FOTOGRAFIA E COMUNICAÇÃO EMPRESARIAL, E QUESTÃO AGRÁRIA, COM ÊNFASE NA REPRESENTAÇÃO MÍDIÁTICA DOS SETORES DO AGRONEGÓCIO E MOVIMENTOS CAMPEONESES.

FONTES: <http://lattes.cnpq.br/7566174989466598>

RETRANCA: THAISA SALLUM BACCO - PROFESSORA

PROPOSTA: RESGATAR FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DA FACOPP QUE ESTÃO NA MEMÓRIA DE FUNCIONÁRIOS DA FACULDADE

ENCAMINHAMENTO: CONVERSAREMOS COM A PROFESSORA DA HABILITAÇÃO EM JORNALISMO DA UNOESTE, THAISA BACCO, QUE TAMBÉM MINISTRA A DISCIPLINA DE TELEJORNALISMO I E II.

ROTEIRO:

17/03/2014 – 7H30

THAISA SALLUM BACCO, 37 ANOS

UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA – LABORATÓRIO DE TV

CONTATO: PESSOAL E E-MAIL (thaisa@unoeste.br)

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- 1) QUANDO E COMO ENTROU PARA O CORPO DOCENTE DA UNOESTE E COMO FOI SUA CONTRATAÇÃO?
- 2) QUEM ERAM OS COORDENADORES DE CURSO NA ÉPOCA EM QUE PASSOU A LECIONAR AQUI?
- 3) COMO ERA A DINÂMICA DA COORDENAÇÃO ANTES DE SUA ENTRADA? QUEM ERA(M) O(S) COORDENADOR (ES)?
- 4) COMO FOI SUA ENTRADA PARA A COORDENAÇÃO?
- 5) QUAIS LABORATÓRIOS EXISTIAM QUANDO ENTROU? QUAIS EQUIPAMENTOS ERAM UTILIZADOS NELES?
- 6) QUAIS EVENTOS ERAM OFERECIDOS NA FACOPP QUANDO COMEÇOU A LECIONAR AQUI?
- 7) O QUE EVOLUIU COM RELAÇÃO A ESSES EVENTOS? QUAIS FORAM CRIADOS DEPOIS QUE VOCÊ ENTROU PARA A COORDENAÇÃO?
- 8) COMO ERA A DINÂMICA DO CURSO QUANDO ENTROU? HAVIA TURMAS MANHÃ E NOITE, VESTIBULARES NO INÍCIO E MEIO DO ANO?
- 9) DESDE A ÉPOCA QUE COMEÇOU A TRABALHAR, QUAIS AS PRINCIPAIS MUDANÇAS NA EQUIPE?
- 10) QUAL A SUA PRINCIPAL CONTRIBUIÇÃO PARA A FACOPP?
- 11) VOCÊ TEM CONTATO COM EX-ALUNOS? ACHA QUE A MAIORIA SE ENCAIXA NO MERCADO OU NÃO?
- 12) O QUE MARCOU SUA VIDA DESDE SUA ENTRADA ATÉ HOJE?
- 13) QUAIS AS PRINCIPAIS MUDANÇAS QUE ACONTECERAM NA ESTRUTURA DA FACOPP QUE HOJE VOCÊ PODE DESCREVER?
- 14) JÁ HAVIA ESTÁGIOS INTERNOS NO CURSO QUANDO ENTROU NO CORPO DOCENTE?
- 15) VOCÊ ACREDITA QUE OS ALUNOS EGRESSOS SAEM PREPARADOS PARA O MERCADO DE TRABALHO?
- 16) O QUE A SEPARAÇÃO DAS HABILITAÇÕES DESDE O PRIMEIRO TERMO REPRESENTA PARA A FACULDADE A SEU VER?
- 17) QUAIS OS PONTOS FORTES E OS PONTOS FRACOS QUE VOCÊ VÊ NA FACOPP?

18) EM SUA OPINIÃO, PORQUE O ESTUDANTE DEVE CURSAR COMUNICAÇÃO NA UNOESTE?

DADOS: THAÍSA É FORMADA EM COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO, PELA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA (UEL) EM 1998. ELA SE ESPECIALIZOU EM EDUCAÇÃO PELA UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA DE PRESIDENTE PRUDENTE (UNESP) EM 2004, É MESTRE EM COMUNICAÇÃO PELA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA (UEL) E DOUTORANDA EM EDUCAÇÃO PELA UNESP DE PRESIDENTE PRUDENTE.

ATUALMENTE É PROFESSORA UNIVERSITÁRIA DA FACOPP E COORDENADORA DO LABORATÓRIO DE TV DA MESMA FACULDADE. ORIENTOU OS PROJETOS DE CONCLUSÃO DE CURSO QUE RESULTARAM NA CRIAÇÃO E IMPLANTAÇÃO DA TV FACOPP QUE É DESENVOLVIDA POR ESTAGIÁRIOS, NA QUAL É DIRETORA GERAL DA EMISSORA UNIVERSITÁRIA VIRTUAL HOSPEDADA NO ENDEREÇO ELETRÔNICO WWW.UNOESTE.BR/TVFACOPP. TAMBÉM É PROFESSORA COLABORADORA DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA UEL, ATUANDO NA ÁREA DE TELEJORNALISMO. TRABALHOU EM JORNAL IMPRESSO, REVISTA, ASSESSORIA DE IMPRENSA E TELEVISÃO.

DEDICA-SE NA ATUALIDADE À PESQUISA ACADÊMICA NA ÁREA DE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO, COM ÊNFASE NOS RECURSOS AUDIOVISUAIS, ESPECIALMENTE OS TELEJORNALÍSTICOS.

FONTES: CURRÍCULO LATTES E PORTAL FACOPP